

**UNIVERSIDADE DO MINHO**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA**  
**Departamento de Pedagogia**

ARTUR MANUEL SARMENTO MANSO

**FILOSOFIA EDUCACIONAL NA OBRA  
DE AGOSTINHO DA SILVA**

TESE DE DOUTORAMENTO EM EDUCAÇÃO –  
ÁREA DE CONHECIMENTO DE FILOSOFIA DA  
EDUCAÇÃO

TRABALHO EFECTUADO SOB A ORIENTAÇÃO  
DO PROF. DOUTOR JOSÉ CARLOS DE  
OLIVEIRA CASULO

JULHO DE 2006

À família em que nasci e àquela que constituí

Para a Cláudia, o Pedro e a Ana

## **AGRADECIMENTOS**

Sentidamente, queremos agradecer a todos aqueles que nos ajudaram, fosse de que forma fosse, a levar esta investigação a bom porto.

Em primeiro lugar, agradecemos ao Professor Doutor José Carlos de Oliveira Casulo, que teve a amabilidade de, com paciência e sabedoria, o orientar e sugerir as alterações que se impunham. Pela disponibilidade e amizade que sempre nos dispensou, um muito obrigado.

À D. Adelina Gomes, funcionária da biblioteca do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho a cujos préstimos profissionais recorreremos com frequência desde há alguns anos, agradecemos pela simpatia e profissionalismo com que sempre nos atendeu.

À nossa irmã, Dr.<sup>a</sup> Maria de Jesus Manso, ao Eng. Paulo Alexandre Romualdo, ao Dr. José Emílio Palmeira e ao Dr. António Marcelino Valente pela ajuda técnica que nos prestaram.

Agradecemos à nossa família mais próxima, de modo especial aos nossos filhos, que, ao longo do tempo em que trabalhamos nesta investigação, vimos crescer, o que também nos ajudou a reflectir mais demoradamente na educação e em Portugal.

Agradecimentos, ainda, aos amigos Dr. José António Martin Afonso, Dr. António José Guedes, Dr. Aires Antunes Dinis, Dr. Daniel Guerra, Dr. Alfredo Ribeiro dos Santos, Dr. Ilídio de Sousa e Alexandre Teixeira Mendes, que, de modo desinteressado, nos facultaram alguns textos de Agostinho da Silva de difícil acesso.

Um muito obrigado final ao Dr. Joaquim Domingues, reputado investigador no campo da filosofia e cultura portuguesas, que, sem qualquer obrigação, nos facultou informação preciosa sobre vários assuntos aqui tratados. A bibliografia activa e passiva conta com muitos textos que fez chegar até nós e com os quais enriquecemos consideravelmente o produto final que aqui deixamos.

## RESUMO

Este trabalho, intitulado ***Filosofia educacional na obra de Agostinho da Silva***, é a dissertação de Doutoramento em Educação, área de especialização em Filosofia da Educação, de Artur Manso. É constituído por três capítulos, um índice, uma introdução, uma conclusão e um anexo.

Na introdução justificam-se os objectivos da investigação, explicando-se a metodologia usada e a forma como é organizado o trabalho.

No primeiro capítulo, é feita a apresentação e a classificação da totalidade da obra agostiniana reunida para estudo.

No segundo capítulo expõe-se as ideias pedagógicas de Agostinho da Silva, inventariando as suas reflexões sobre a educação escolar e extra-escolar e sobre aquelas que considerou serem figuras modelares da humanidade. Apresentam-se, ainda, as suas reflexões sobre a educação portuguesa, evidenciando, por um lado, os modelos educativos que rejeitou e, por outro, os rumos que apontou, apresentando-se, ainda, aquelas que, em sua opinião, eram as figuras modelares da portugalidade.

No terceiro capítulo abordam-se os fundamentos filosóficos das ideias pedagógicas. Num primeiro momento investiga-se a sua reflexão em torno do Conhecimento, do Ser, de Deus e do Mundo, bem como a sua concepção de Homem e a sua visão sócio-económica. Num segundo momento trata-se exclusivamente de Portugal, expondo os núcleos essenciais da especulação que o pensador nos legou sobre a origem, evolução e destino da sua Pátria.

Na conclusão elencam-se, capítulo a capítulo, as principais ilações retiradas do trabalho desenvolvido de acordo com os objectivos de investigação previamente demarcados.

Quanto à bibliografia, organiza-se em três campos: I. De Agostinho da Silva; II. Sobre Agostinho da Silva; III. Complementar.

Anexam-se três documentos. O primeiro é a impressão das últimas dez páginas de um manuscrito ainda inédito de Agostinho da Silva e a fixação do texto. O segundo é a reprodução de uma *Circular*, assinada por Agostinho, que acompanhou as colecções dos *Cadernos*, no ano de 1942. Por último, dão-se a conhecer as folhas do livro de *termos de abertura e renovação de matrícula* do Liceu Rodrigues de Freitas, do Porto, que registam a progressão escolar do pensador ao longo dos anos em que o frequentou.

## **ABSTRACT**

This work, titled “The Educational Philosophy in the Works of Agostinho da Silva”, is the dissertation for the Doctorate Degree in Education, area of specialization in Philosophy of Education, by Artur Manso. It includes three chapters: a table of contents, an introduction, a conclusion and an attachment.

In the Introduction the aims of the investigation are justified, explaining the methodology that is used and the way the work is organised.

In the first chapter, the presentation and the classification of the totality of the “Augustinian” work gathered for study is done.

In the second chapter the pedagogical ideas of Agostinho da Silva are exposed, making the inventory of his reflections about school and extra school education, and concerning the characters he considered to be the model figures of mankind. His reflections about the Portuguese Education are also introduced, emphasising, on the one hand, the educational models he rejected and, on the other hand the ways he aimed at, introducing, too, those who were, in his opinion, the model figures of the “Portugality”.

In the third chapter the philosophical founding of the pedagogical ideas is pointed out. In a first approach his reflection about Knowledge, Being, God and the World, as well as his conception of Man and his socioeconomic vision is investigated. In a second approach we handle with Portugal exclusively exposing the essential nucleus of the legacy of the thinker about the origin, the evolution and the destiny of his homeland.

In the conclusion the main illations taken from the development of the work, following the previously chosen objectives, are enumerated chapter by chapter.

The Bibliography is organised in three fields: I. From Agostinho da Silva; II. About Agostinho da Silva; III. Complementary.

Three documents are attached. The first is the print out of the last ten pages of a manuscript, still unedited, by Agostinho da Silva and the fixation of the text. The second is the reproduction of a circular signed by Agostinho which was included in the collections of the “Cadernos” in the year of 1942. Lastly the pages of the register of the Rodrigues de Freitas High School, in Oporto, where the school progress of the thinker throughout the years he spent there as a student are registered, are shown.

# INDICE

<b>INDICE</b>	vi
<b>INTRODUÇÃO</b>	1
<b>Capítulo Primeiro</b>	
<b>A OBRA</b>	8
<b>I. LIVROS</b>	9
1. Estudos académicos e <i>Glossas</i> (1929-1934)	9
2. Biografias e textos de cariz antropológico (1939-1953)	10
3. Obras sobre Portugal (1957-1989)	17
4. Textos de ficção, poesia e autobiográficos (1989-1994)	19
<b>II. COLABORAÇÃO EM PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS</b>	21
1. Colaboração em <i>Acção Académica</i> (Porto)	21
2. Colaboração em <i>O Comércio do Porto</i> (Porto)	22
2.1. <i>O Commercio</i> , edição da tarde de <i>O Comércio do Porto</i>	22
2.2. <i>De homens e letras</i>	24
2.3. <i>Homens e livros</i>	24
2.4. Suplementos: <i>Cultura e Arte</i> e <i>Encontro</i>	25
3. Colaboração em <i>Pôrto Academico</i> (Porto)	26
4. Colaboração em <i>A Águia</i> (Porto)	28
5. Colaboração em <i>A Ide'a Nacional</i> (Lisboa)	29
6. Colaboração em <i>Diónysus</i> (Porto)	30
7. Colaboração em <i>Seara Nova</i> (Lisboa)	30

7.1. Polémicas entre 1929 e 1933	30
7.2. <i>Glossas</i>	33
7.3. <i>Considerações</i>	35
7.4. <i>Diário de Alcestes</i>	39
7.5. <i>Diário</i>	41
7.6. <i>Ensaio</i>	43
7.7. <i>Biografias</i>	44
7.8. <i>Página para os filhos dos leitores</i>	44
7.9. <i>Traduções</i>	45
8. Colaboração em <i>Revue de Philologie, de Littérature et D'histoire Ancienne</i> (Paris)	46
9. Colaboração em <i>Princípio</i> (Porto)	46
10. Colaboração em <i>Labor</i> (Aveiro)	46
11. Colaboração em <i>Linha Geral</i> (Leiria)	47
12. Colaboração em <i>O Académico Figueirense</i> (Figueira da Foz)	47
13. Colaboração em <i>Sol Nascente</i> (Porto)	47
14. Colaboração em <i>Revista de Portugal</i> (Coimbra)	48
15. Colaboração em <i>O Diabo</i> (Lisboa)	48
16. Colaboração em <i>Revista Brasileira de Biologia</i> (Rio de Janeiro)	49
17. Colaboração em <i>Revista Brasileira de Entomologia</i> (S. Paulo)	49
18. Colaboração em <i>57 - Movimento de Cultura Portuguesa</i> (Lisboa)	49
19. Colaboração em <i>Tempo Presente</i> (Lisboa)	50
20. Colaboração em <i>Colóquio, revista de artes e letras</i> (Lisboa)	51
21. Colaboração em <i>Espiral</i> (Lisboa)	51
22. Colaboração em <i>O Tempo e o Modo</i> (Lisboa)	52
23. Colaboração em <i>Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa</i> (Lisboa)	52
24. Colaboração em <i>Notícia</i> (Luanda)	53
25. Colaboração em <i>Correio Braziliense</i> (Brasília)	56
26. Colaboração em <i>Vida Mundial</i> (Lisboa)	57
26.1. <i>É Melhor Ler...</i>	57
26.2. <i>Testemunhos</i>	59
26.3. <i>Guia breve de leitura</i>	60

26.4. Página de Educação: <i>Fontes e Pontes do Futuro</i>	61
27. Colaboração em <i>Correio de S. Félix</i> (Bahia)	66
28. Colaboração em <i>O Sesimbrense</i> (Sesimbra)	66
29. Colaboração em <i>O Arauto</i> (Santo Tirso)	67
30. Colaboração em <i>Presença e Diálogo</i> (Braga)	68
31. Colaboração em <i>Diário do Minho</i> (Braga)	68
32. Colaboração em <i>O Comércio de Gaia</i> (Vila Nova de Gaia)	69
33. Colaboração em <i>Diário de Notícias</i> (Lisboa)	69
34. Colaboração em <i>Diário do Alentejo</i> (Beja)	72
35. Colaboração em <i>Convivium</i> (S. Paulo)	73
36. Colaboração em <i>Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa</i> (Lisboa)	73
37. Colaboração em <i>La Voz de Galicia</i> (La Coruña)	74
38. Colaboração em <i>Nova Renascença</i> (Porto)	74
39. Colaboração em <i>Ensaio</i> (Lisboa)	75
40. Colaboração em <i>Cultura Portuguesa</i> (Lisboa)	76
41. Colaboração em <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> (Lisboa)	76
42. Colaboração em <i>Peregrinação</i> (Lisboa)	77
43. Colaboração no <i>Boletim Interno do ICALP</i> (Lisboa)	78
44. Colaboração em <i>Cadernos Rioarte</i> (Rio de Janeiro)	78
45. Colaboração em <i>Quinto Império</i> (Bahia)	79
46. Colaboração em <i>Revista de Educação</i> (Lisboa)	79
47. Colaboração em <i>Universus</i> (Lisboa)	79
48. Colaboração em <i>Via Latina</i> (Coimbra)	80
49. Colaboração em <i>O Setubalense</i> (Setúbal)	80
49.1. Portugal e a <i>Fundação Mensagem</i>	80
49.2. Sob o signo do Espírito Santo	82
49.3. <i>Impérios e Comuns</i>	83
49.4. <i>Folhinhas</i>	84
49.5. <i>Cadernos de Ermitão Associado</i>	87
49.6. <i>Do Convento</i>	88
49.7. Outros textos da colaboração em <i>O Setubalense</i>	90



50. Colaboração em <i>A Razão</i> (Porto)	90
51. Colaboração em <i>Quinto Império</i> (Mem Martins)	91
52. Colaboração em <i>A Tarde Cultural</i> (S. Salvador da Bahia)	91
53. Colaboração em <i>A Phala</i> (Lisboa)	92
54. Colaboração em <i>Cadernos de Educação de Infância</i> (Lisboa)	92
55. Colaboração em <i>Poesis</i> (Matosinhos)	92
<b>III. OPÚSCULOS, CADERNOS E FOLHETOS</b>	93
1. <i>À Volta do Mundo - colecção de textos para a mocidade</i> , Lisboa, 1938-39	93
2. <i>Iniciação - cadernos de informação cultural</i> , Lisboa, 1940-47	93
3. <i>À Volta do Mundo - textos para a juventude</i> , Lisboa, 1943	102
4. <i>Guia de Leitores</i> , Lisboa, s/d [1941?].	103
5. <i>Doutrina cristã</i> , Lisboa, 1943	103
6. <i>As Folhas Soltas de S. Bento e Outras</i> , Rio de Janeiro, 1965/1968	104
7. <i>Vitória - para a Quinta Classe. Introdução</i> , 1970/1971?	104
8. <i>Bahia - colecção de folhetos</i> , Lisboa, 1970-1971	104
9. <i>Goa - cadernos teológicos</i> , Lisboa, s/d [1971?]	105
10. <i>Barca D'Alva - educação do Quinto Império</i> , Lisboa, 1971 (assinado João Cascudo de Moraes)	106
11. <i>Compostela - carta sem prazo a seus amigos, (primeira de 71)</i> , Lisboa, 1971	107
12. <i>O Baldio do Povo</i> , Lisboa, 1971	107
13. Seis folhetos e duas poesias recolhidas em <i>Dispersos</i>	108
<b>IV. TEXTOS EM OBRAS COLECTIVAS</b>	111

<b>V. PREFÁCIOS, INTRODUÇÕES E NOTAS PRÉVIAS</b>	114
1. A traduções	114
2. Outros	116
<b>VI. CORRESPONDÊNCIA PUBLICADA</b>	119
<b>VII. ENTREVISTAS</b>	122
<b>VIII. TRADUÇÕES</b>	127
1. Na colecção <i>Antologia – introdução aos grandes autores</i>	127
2. Outras traduções	129
<b>IX. PUBLICAÇÕES PÓSTUMAS E INÉDITO</b>	131
1. Textos póstumos entre 1995 e 2006	131
2. Textos incluídos na edição em curso das <i>Obras de Agostinho da Silva</i> (1999-2003)	135
3. Inédito	137
<b>X. TEXTOS ANUNCIADOS MAS NÃO PUBLICADOS</b>	138
<b>XI. FONTES BIBLIOGRÁFICAS ACTIVAS PARA O ESTUDO DA PEDAGOGIA FUNDAMENTAL DE AGOSTINHO DA SILVA</b>	140
1. Para o estudo do ideário educacional	140

1.1. Paradigmas pedagógicos	140
1.2. Educação escolar	141
1.3. Educação extra-escolar e figuras modelares da humanidade	143
1.4. Educação portuguesa	145
2. Para o estudo dos fundamentos filosóficos do ideário educacional	147
2.1. Conhecimento, Ser e Deus	147
2.2. O Homem	149
2.3. O Estado e a organização sócio-económica	150
2.4. Portugal	151

## **Capítulo Segundo**

### **IDEIAS PEDAGÓGICAS** 154

#### **I. CONSIDERAÇÕES SOBRE ALGUNS PARADIGMAS PEDAGÓGICOS** 155

1. Paradigmas criticados	155
1.1. A sofística e o relativismo pedagógico	155
1.2. A pedagogia dos Jesuítas	155
1.3. A escola orientada segundo o evolucionismo	156
1.4. A escola mercantilizada	158
1.5. A escola burocrática e examinadora	159
2. Paradigmas elogiados	160
2.1. A educação socrático-platónica	160
2.2. A pedagogia protestante e Coménio	161
2.3. Os oratorianos	161
2.4. O Humanismo e o Naturalismo pedagógicos	162
2.5. A Educação Nova e as pedagogias libertárias	163

2.6. Ivan Illich e a sociedade sem escolas	164
2.7. A educação como via para a humanização	164
2.8. Uma escola que não ignore a religião	165
<b>II. EDUCAÇÃO ESCOLAR</b>	<b>167</b>
1. Vectores estruturantes do ideal de Escola de Agostinho da Silva	167
1.1. Escola fundada na liberdade e dirigida ao povo	167
1.2. Escola que promova a criatividade	168
1.3. Escola que ensine o fundamental da vida	170
1.4. Escola que privilegie as perguntas	173
1.5. Escola para os tempos livres	175
2. Reflexões sobre os níveis de ensino	176
2.1. Ensino ante-universitário	176
2.1.1. Educação de infância	176
2.1.2. Ensino primário	178
2.1.3. O ensino do latim no Liceu	182
2.2. Ensino universitário	185
2.2.1. A Universidade como instituição desviada da sua pureza original	185
2.2.2. Esboço de um modelo universitário agostiniano	189
2.2.2.1. O acesso à universidade	189
2.2.2.2. A Universidade como local de investigação	190
2.2.2.3. A presença da Filosofia na Universidade	192
2.2.2.4. Um caso concreto: os projectos para a Universidade de Brasília	194
2.2.2.4.1. Organização institucional dos saberes	194
2.2.2.4.2. O Instituto de Teologia	195
2.2.2.4.3. A capela do Espírito Santo	196
2.2.2.4.4. O Centro Brasileiro de Estudos Portugueses	197
3. Reflexão sobre os professores	199

3.1. Nota introdutória	199
3.2. A crítica ao modelo tradicional de professor	200
3.3. Perfil do professor	202
3.3.1. Aspectos gerais	202
3.3.2. Capacidade para saber ouvir	204
3.3.3. O amor como qualidade primeira de um educador	205
3.3.4. Boa preparação académica	206
3.3.5. Serviço de missão e total empenho na Verdade	208
4. A relação pedagógica	210
4.1. Modelo criticado	210
4.2. Modelo defendido	211
4.3. O elogio do Mestre	213
<b>III. EDUCAÇÃO EXTRA-ESCOLAR E FIGURAS MODELARES DA HUMANIDADE</b>	216
1. Educação extra-escolar	216
1.1. O Escutismo	216
1.2. Educação de adultos, permanente e comunitária	217
1.2.1. Educação de adultos	217
1.2.2. Educação permanente	219
1.2.3. Educação comunitária	220
2. Figuras exemplares da humanidade	221
2.1. Filósofos	221
2.2. Artistas, escritores e cientistas	224
2.3. Pedagogos	228
2.4. Políticos	230
2.5. Exploradores e aventureiros	232
2.6. Religiosos	233
2.6.1. Jesus Cristo	233

2.6.2. Da tradição judaico-cristã	234
2.6.3. Da tradição oriental	236
<b>IV. EDUCAÇÃO PORTUGUESA</b>	<b>237</b>
1. Fundamentos de uma educação escolar portuguesa	237
1.1. Modelos a rejeitar	237
1.1.1. O modelo escolar europeu	237
1.1.2. A pedagogia da alienação da criança	239
1.2. Rumos a seguir	240
1.2.1. O respeito pela criança	240
1.2.2. Ligação entre a escola e a vida	242
1.2.3. O crescimento intelectual	244
1.3. Enquadramento da intervenção do Estado	245
2. Os níveis de ensino	247
2.1. Educação de infância e ensino primário	247
2.2. Ensino secundário	248
2.3. Ensino superior técnico	249
2.4. Ensino universitário	250
2.4.1. A crítica à Universidade portuguesa	250
2.4.1.1. Uma elite divorciada do povo	250
2.4.1.2. O conservantismo linguístico	251
2.4.1.3. O atraso no ensino da Filologia Clássica	253
2.4.2. Os fins e a organização da nova Universidade Portuguesa	255
2.4.2.1. Os fins	255
2.4.2.2. A organização	257
3. Educação de adultos em Portugal	259

4. Estruturas para a educação da Comunidade de Cultura Portuguesa	260
4.1. Os Comuns ou Grupos de Interesse	260
4.2. Os Centros	262
4.3. A Universidade da comunidade de cultura portuguesa	265
5. Figuras modelares da portugalidade	267
5.1. Religiosos	267
5.2. Reis	268
5.3. Navegadores	270
5.4. Historiadores e filósofos	271
5.5. Poetas e escritores	273
5.6. Políticos e activistas	277
5.7. Figuras do século XX	278

### **Capítulo Terceiro**

## **FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS** 280

### **I. CONHECIMENTO, SER E DEUS** 281

1. O Conhecimento	281
1.1. A Matemática	281
1.2. A Ciência	282
1.2.1. Ciências da Natureza	282
1.2.2. Ciências Humanas	283
1.2.3. Ciência e Técnica	284
1.2.4. Limites cognitivos e éticos do conhecimento científico	285
1.3. A Filosofia	286
1.3.1. Concepção agostiniana de Filosofia	286
1.3.2. Deveres do filósofo	288

1.3.3. A Estética	290
1.4. A paradoxalidade do conhecimento humano	294
1.5. O misticismo religioso	297
2. O Ser	302
2.1. O ser de Deus e o ser do Homem	302
2.2. O ser e a transcendência	304
3. Deus e o Mundo	306
3.1. A origem do mundo	306
3.2. Concepção agostiniana de Deus	307
3.3. A sacralização do mundo	309
<b>II. O HOMEM</b>	313
1. A pessoa humana	313
1.1. Individualidade, universalidade e superioridade da pessoa	313
1.2. A coerência ética da pessoa	315
1.3. <i>Ser poeta inteiramente à solta</i> : principal direito da pessoa	315
1.4. A defesa de uma existência heróica pelo sacrifício	316
1.5. A pessoa como ser para a morte	318
2. Os Valores	319
2.1. Concepção e captação do valor	319
2.2. Valores negativos	320
2.3. Valores positivos	322
3. O Amor	325
3.1. A crítica ao amor romântico	325
3.2. O amor enquanto doação e caminho para o Bem	326



3.3. O amor como força mediadora entre o Homem e Deus	328
<b>III. O ESTADO E A ORGANIZAÇÃO SÓCIO-ECONÓMICA</b>	<b>330</b>
1. O Estado	330
1.1. A função da política e dos políticos	330
1.2. Entre a democracia e o autoritarismo	332
1.3. As virtudes da monarquia	335
2. A organização sócio-económica	336
2.1. Modelos rejeitados: socialismo e capitalismo	336
2.2. O elogio do cooperativismo	338
2.3. O comunitarismo cooperativista: forma ideal de sociedade	341
<b>IV. PORTUGAL</b>	<b>344</b>
1. Formação e declínio de Portugal	344
1.1. A origem	344
1.2. O reinado de D. Dinis como período áureo de Portugal	346
1.3. O declínio de Portugal	348
1.3.1. O início do declínio nacional	348
1.3.2. Expressões do declínio nacional	351
1.3.2.1. Reis, príncipes e nobres	351
1.3.2.2. Escritores e movimentos culturais contemporâneos	353
1.3.2.3. O sentimentalismo inconsistente	355
1.3.2.4. O centralismo estatal medíocre	357
1.3.2.5. A integração europeia	358

2. Pilares da renovação de Portugal	360
2.1. O Povo	360
2.2. O iberismo cultural	364
2.3. A miscigenação	365
2.4. O Brasil	366
2.4.1. Brasil como continuação de Portugal	366
2.4.2. A Universidade de Brasília	367
2.4.3. A união luso-brasileira	369
3. O papel messiânico de Portugal	371
3.1. Profecias sobre Portugal aceites por Agostinho da Silva	371
3.1.1. Elenco das profecias	371
3.1.2. O culto popular do Espírito Santo	372
3.1.3. A Sétima Idade de Fernão Lopes	373
3.1.4. A Ilha dos Amores de Camões	374
3.1.5. O Quinto Império do Padre António Vieira	375
3.1.6. <i>A Mensagem</i> de Fernando Pessoa	375
3.1.7. Pontos de encontro entre as diferentes profecias	378
3.2. A profecia agostiniana: de Portugal ao Reino do Espírito Santo	380
3.2.1. A ideia messiânica quateimperalista de Portugal	380
3.2.2. O Quinto Império como Reino do Espírito Santo	384
<b>CONCLUSÃO</b>	388
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	399
<b>ANEXOS</b>	462

# **INTRODUÇÃO**

## 1. Justificação do tema

Agostinho da Silva revelou, desde cedo, ser alguém a ter em conta no panorama intelectual português. Basta lembrar, a propósito, o que, já em 1930, Raul Proença anotava: “Agostinho da Silva. Hão de tornar a ouvir falar nele. Um estilo cheio de energia e de “verve”; uma sólida cultura; uma inteligência clara, embora um pouco paradoxal; uma audácia sem limites: não são coisas que se encontrem por aí aos pontapés. Este rapaz é alguém.”<sup>1</sup>.

Pela nossa parte, o primeiro contacto que tivemos com a obra agostiniana, remonta à segunda metade da década de oitenta do século findo, quando estudávamos Filosofia em Lisboa e como as possibilidades económicas não eram muitas, tínhamos ganho o hábito de frequentar os alfarrabistas. Numa dessas visitas fixámos a nossa atenção numa edição de *Reflexão à margem da literatura portuguesa*, texto da autoria de Agostinho da Silva que decidimos adquirir, pois o nosso interesse pelo pensamento português, tão ignorado no meio universitário, já tinha despontado. A leitura do referido texto causou em nós algum impacte, o que nos levou a que, sempre que deparávamos com uma obra de Agostinho da Silva, tentássemos adquiri-la.

Concluída a licenciatura em Filosofia, decidimos prolongar a nossa formação académica. Para tanto, inscrevemo-nos, já nos anos noventa, na Universidade do Minho, no Mestrado em Educação, área de especialização em Filosofia de Educação, tendo sido nossa intenção desde o primeiro momento desenvolver uma investigação no campo do pensamento português, sem termos, contudo, fixado o nosso interesse num determinado tema ou autor. Os primeiros passos que demos na área curricular do referido mestrado abriram-nos novos horizontes e começaram, definitivamente, a fazer-nos deter a nossa atenção na obra de Agostinho da Silva. Naturalmente, então, escolhemos para preparar a dissertação de Mestrado que concluímos em 1998, investigar acerca da vida e da obra de Agostinho da Silva.

Após isto, continuamos a frequentar diversos colóquios e conferências onde tivemos oportunidade de contactar com pessoas que conheciam com maior ou menor profundidade a obra de Agostinho da Silva, deparando-se-nos uma pluralidade de opiniões, por vezes contraditórias, que, à medida que o tempo passava, faziam crescer em nós o desejo de continuarmos a investigar Agostinho da Silva no sentido de pôr mais a claro a multiplicidade da sua obra e pensamento, vontade esta que viemos a concretizar quando iniciámos o processo conducente à obtenção do Doutoramento em Educação, área de conhecimento de Filosofia da

---

<sup>1</sup>) Proença, Raúl, “Da imitação da França”, em *Seara Nova*, n.º 208, ano 9, 10 de Abril de 1930, 243.

Educação. Perante este novo desafio quisemos investigar a totalidade da obra de Agostinho da Silva à luz da Filosofia da Educação, por acharmos que era preciso procurar cientificamente a unidade da expressão filosófica e educacional que patenteava, pelo que nos decidimos tomar em mãos essa tarefa.

Como se vê, pois, a vontade de estudar Agostinho pôde obter concretização, mas adaptada à área de conhecimento em que se insere este trabalho. Assim, noutras latitudes científicas mais haverá a fazer e dizer sobre Agostinho da Silva. Como, aliás, no tocante à Filosofia da Educação, pois estamos bem conscientes da diferença entre as nossas modestas capacidades e a altura e alcance do pensamento do nosso autor.

Carlos Carmo Silva referiu-se a Agostinho com as seguintes palavras: “Era o mais ordinário dos homens, muito menos sábio do que parecia, e bem mais arguto do que a ignorância medíocre poderia julgar.”<sup>2</sup>. É com essa convicção que, humildemente, nos propomos iniciar esta navegação pela obra e pensamento do intelectual português.

## **2. Objectivos e metodologia**

Tentaremos, então, responder a várias questões que fomos amadurecendo ao longo da nossa pesquisa, questões essas que se convertem em tantos outros objectivos para este trabalho. Objectivos tais como os ditados pelas seguintes questões: qual a extensão e o real valor da obra que nos deixou? Que géneros literários cultivou? Que ideias pedagógicas nos apresentou? Quais as suas concepções de ensino e de educação? Quais as pedagogias que elogiou? Quais as que criticou? Que educação propôs para Portugal e para os portugueses? Quais os fundamentos filosóficos que suportam a sua teoria educativa? Que concepção e que teorias sobre Portugal defendeu?

Esta investigação partirá, então, da nossa capacidade de reflectir sobre o conteúdo de uma obra prolixa, a obra de Agostinho da Silva, que já deixou, inegavelmente, a sua marca na História do Pensamento Português Contemporâneo. Para tanto, para além da reflexão, recorreremos a vários procedimentos metodológicos.

Por uma metodologia heurístico-histórica tentaremos recolher e situar no tempo a sua obra. Com o auxílio do método fenomenológico-hermêutico equacionaremos o que a leitura da

---

<sup>2</sup>) Silva, Carlos H do C, “De como metade é igual ao seu dobro... ou da sabedoria paradoxal de Agostinho da Silva”, em *Agostinho*, S. Paulo, Green Forest do Brasil, 2000, p. 82.

sua produção nos oferece aí como dado primeiro, para, depois, ir o mais fundo que nos for possível na procura das explicações que nos parecerem melhor iluminar o discurso agostiniano.

Pela análise, decompostemos o pensamento contido na sua obra em diversas parcelas, para caminhar, com segurança, para a síntese que nos levará rumo à unidade que lhe poderá subjazer.

As sínteses que procuraremos, porém, beneficiarão do uso do método dialéctico, que nos auxiliará, pela divisão e distinção de conceitos, a joear um pensamento contraditório, permitindo-nos caminhar, com segurança, da multiplicidade dos conceitos à unidade do pensamento.

### **3. Organização do trabalho**

Na demanda dos objectivos anteriormente traçados, o produto do nosso trabalho será disposto em três capítulos. No primeiro capítulo faremos a apresentação e classificação da obra agostiniana por nós reunida até aos primeiros meses de 2006. Devido à natureza deste estudo, excluiremos da nossa análise os registos que não foram fixados pela escrita, tais como entrevistas radiofónicas e televisionadas e, ainda, os filmes documentais.

No segundo capítulo exporemos as ideias pedagógicas de Agostinho da Silva, apresentando as principais teorias e modelos educativos que dão corpo ao seu pensar, assim como as reflexões que nos deixou sobre a educação escolar, sobre os professores e sobre a relação pedagógica. Relevaremos, também, as suas reflexões sobre a educação extra-escolar e a avaliação que fez daquelas que considerou serem as figuras modelares da Humanidade. Destacaremos, também, as suas reflexões sobre a educação portuguesa, pondo em evidência quer os modelos educativos que liminarmente rejeitou, quer os rumos que lhe apontou, bem como aquilo que projectou para o sistema escolar, desde o nível pré-primário até ao superior e universitário. Realçaremos, ainda, aquelas que, em sua opinião, eram as personalidades portuguesas que se deviam tomar como modelos.

No terceiro capítulo abordaremos os fundamentos filosóficos das suas ideias pedagógicas. Deste modo, num primeiro momento organizaremos a sua reflexão em torno do Conhecimento, do Ser, de Deus e do Mundo, bem como as suas concepções de Homem, da organização sócio-económica e do Estado. Num segundo momento, trataremos exclusivamente de Portugal, expondo os núcleos essenciais da especulação que nos legou sobre a sua origem, a sua

evolução e o seu destino. Abordaremos, também, as suas propostas para que, no futuro, Portugal, e com ele todo o mundo, se venham efectivamente a transformar no Reino do Espírito Santo.

Para além dos três capítulos que esta introdução precede, o trabalho contará com conclusão, bibliografia e anexos. Na conclusão, apresentarmos, capítulo a capítulo, as principais ilações retiradas do labor que desenvolvemos, apresentaremos, ainda, uma síntese final de carácter mais geral.

A bibliografia será organizada em três pontos. No primeiro ponto inseriremos a totalidade da bibliografia de Agostinho da Silva reunida até aos primeiros meses de 2006, ordenando os textos por géneros de publicação (livros, publicações periódicas, entrevistas...), respeitando, em cada divisão, a ordem cronológica da primeira edição, critério que, no caso de algumas publicações em revista ou jornal, será precedido pelo da unificação do escrito na coluna temática em que se insere, deixando, ainda, sempre que se justificarem, à frente da primeira edição, a referência completa da obra por nós utilizada neste trabalho, bem como o pseudónimo que a assinar. No segundo ponto referenciaremos a bibliografia sobre Agostinho da Silva recolhida ao longo da nossa investigação. No terceiro ponto, por fim, elencaremos a bibliografia complementar, ou seja, aquela que, não sendo de ou sobre Agostinho, não deixou de nos auxiliar na elaboração deste trabalho.

Em anexo incluiremos três documentos: o primeiro corresponde à impressão das últimas dez páginas de um manuscrito ainda inédito de Agostinho da Silva e respectiva fixação do texto que levamos a cabo; o segundo é a reprodução de uma *Circular*, assinada por Agostinho, que acompanhou as colecções dos *Cadernos*, no ano de 1942; por fim, no terceiro anexo, daremos a conhecer as folhas do livro de *Termos de abertura e renovação de matrícula* do Liceu Rodrigues de Freitas, do Porto, que registam a progressão escolar de Agostinho da Silva ao longo dos anos em que aí esteve inscrito.

#### **4. Procedimentos de ordem técnica**

Pelas questões metodológicas a que obedece o nosso trabalho, às quais se juntam os prazos a cujo cumprimento estamos obrigados, consideramos, para o nosso trabalho, a totalidade da obra recolhida de Agostinho da Silva, desde as primeiras publicações, ainda da

década de vinte do século passado até aos textos que, sendo inéditos, conheceram publicação ainda nos primeiros meses do corrente ano de 2006.

A obra do intelectual portuense conta com muitos textos repetidos em edições diferentes, tendo ele mesmo composto alguns volumes com o recurso à selecção de escritos anteriormente publicados, como aconteceu, por exemplo, com as *Glossas*, as *Considerações* e o *Diário de Alcestes*, o que nos levou, para deixar clara a proveniência destes textos, fazê-los anteceder do título geral da página ou da coluna, onde foram publicados, v. g., “Glossas: Revolta”, “Considerações: Aforismo”, ou “Diário de Alcestes: Lealdade”, em *Seara Nova*... Também a importante série das biografias tinha sido iniciada, em fascículos, na revista *Seara Nova*, antes de ter começado a ser maioritariamente publicada, a partir do final dos anos trinta, sob a responsabilidade editorial do autor.

A decisão de citar a obra sem o recurso à primeira edição, deve-se a dois motivos. O primeiro, tem a ver com o nem sempre razoável estado de conservação de outras edições das obras em causa, aliás, sempre citadas na bibliografia e por nós possuídas sobre a forma de cópia das partes passíveis de a tal terem sido sujeitas. Tal facto obrigou-nos, para evitar cair numa dispersão que nos perturbaria o trabalho, a recorrer a edições mais recentes. A segunda razão que nos decidiu a não nos submetermos impreterivelmente às primeiras edições reside no seguinte: todas as edições, que não as primeiras, das quais nos servimos para apresentar citações foram submetidas à aprovação do autor, o que as torna, totalmente credíveis. Exceptuamos, naturalmente, as obras póstumas.

Aos escritos não datados atribuímos data proposta por outros investigadores ou que nós próprios julgamos correcta, de acordo com a argumentação circunstancialmente aduzida no primeiro capítulo, por pensarmos, depois de termos lido a totalidade da obra de Agostinho aqui referenciada, que tais datas são, ou, no mínimo, não estarão longe das verdadeiras datas de publicação. Esta nossa convicção é reforçada com as datas que em *Dispersos*, volume que ainda conheceu edição em vida de Agostinho, o Prof. Doutor Paulo Borges atribuiu a alguns dos escritos do nosso autor.

A referência, em nota de rodapé, das obras de Agostinho, da primeira vez far-se-á de modo completo; seguidamente, indicaremos apenas os elementos suficientes para proceder a uma correcta identificação da mesma obra, de forma a que se não confunda a real proveniência dos textos. As referências das obras do intelectual portuense obedecerão aos seguintes critérios: autor, título, volume (sempre que se justificar), número de edição (sempre que se justificar),



local, editora, ano, no que respeitar a livros. Quanto a antologias e outros volumes que reúnam mais do que uma obra: autor, título do artigo, título da antologia ou do volume em que se insere, número do volume (sempre que se justificar), local de edição, data, número das páginas a que corresponde o trecho referido. Para as revistas será usado o seguinte critério: autor, título do artigo, título da revista, número e volume, local de edição, data, número de páginas. Para os jornais, obedeceremos ao seguinte procedimento: autor, título do artigo, título do jornal (com indicação do suplemento sempre que se justificar), local, data, número das páginas.

O critério usado para as referências bibliográficas do nosso autor, será, naturalmente, o mesmo que usaremos para a apresentação da restante bibliografia a que fizermos referência ao longo do nosso trabalho.

Na totalidade das citações será respeitada a ortografia dos escritos que se encontrarem efectivamente referidos.

## **CAPÍTULO PRIMEIRO**

### **A OBRA**

**I. LIVROS**

**II. COLABORAÇÃO EM PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS**

**III. OPÚSCULOS, CADERNOS E FOLHETOS**

**IV. TEXTOS EM OBRAS COLECTIVAS**

**V. PREFÁCIOS, INTRODUÇÕES E NOTAS PRÉVIAS**

**VI. CORRESPONDÊNCIA PUBLICADA**

**VII. ENTREVISTAS**

**VIII. TRADUÇÕES**

**IX. PUBLICAÇÕES PÓSTUMAS E INÉDITO**

**X. TEXTOS ANUNCIADOS MAS NÃO PUBLICADOS**

**XI. FONTES BIBLIOGRÁFICAS ACTIVAS PARA O ESTUDO DA PEDAGOGIA**

**FUNDAMENTAL DE AGOSTINHO DA SILVA**

# I. LIVROS

## 1. Estudos académicos e *Glossas* (1929-1934)

Foi no ano de 1929 que surgiram as duas primeiras publicações de Agostinho da Silva em forma de livro. Em *Sentido histórico das civilizações clássicas*<sup>1</sup>, a sua tese de doutoramento apresentada à primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto, contestou a ideia de Spengler de que a civilização greco-latina não tem o sentido da História, ao contrário do que aconteceria com o povo egípcio. Para além de ser um texto com fins académicos, da sua leitura ressaltam-nos logo a grande importância que o legado grego-latino revestirá na modelação do seu futuro pensamento, nomeadamente em questões ligadas à ética e à estética. Em outro texto datado do mesmo ano, *Breve ensaio sobre Pérsio*<sup>2</sup>, serviu-se Agostinho da figura deste poeta de pendur estóico para reflectir sobre questões ligadas à antropologia e ao comportamento ético e estético do ser humano, quase sempre invocando uma ontoteologia para que devia apontar a existência individual de cada ser humano.

Em 1930, Agostinho deu à estampa o luminoso texto *A religião grega*<sup>3</sup>, no qual com singular perspicácia pôs em relevo a atracção dos gregos pela vida bela e plena.

Em 1933 o nosso autor publicou, no âmbito de uma bolsa de investigação que lhe tinha sido concedida, *Miguel de Eyquem, senhor de Montaigne*<sup>4</sup>, que é um ensaio de interpretação da vida e da obra de Montaigne, pensador de origem portuguesa, onde destacou o seu contributo para uma nova pedagogia pela qual tanto se ansiava no início da Idade Moderna. Parte deste trabalho já tinha sido editado na revista *Seara Nova*, em 1932<sup>5</sup>.

Em 1934 organizou três pequenos volumes para os cadernos da *Seara Nova*, intitulados *Glossas I, II e III*<sup>6</sup>, compostos por uma breve selecção de textos anteriormente publicados na

---

<sup>1</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, *Sentido histórico das civilizações clássicas* (dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Porto, Tipografia Lisboa e Ferreira, 1929.

<sup>2</sup> ) Idem, *Breve ensaio sobre Pérsio*, Lisboa, Tipografia da Companhia Militar, 1929.

<sup>3</sup> ) Idem, *A religião grega*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930.

<sup>4</sup> ) Idem, *Miguel Eyquem, senhor de Montaigne*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.

<sup>5</sup> ) Idem, "Sobre os 'Ensaio' de Montaigne", em *Seara Nova*, n.º 293, ano 11, Abril de 1932, pp. 67-71.

<sup>6</sup> ) Idem, *Glossas I, II, III*, Lisboa, Seara Nova, 1934. O primeiro caderno tem impressos os seguintes textos anteriormente publicados: "Milton" e "Cristianismo", cf. "Milton", em *Seara Nova*, n.º 384, ano 13, Abril de 1934, pp. 374-375; "Cristianismo", em *ibidem*, n.º 385, ano 13, Abril de 1934, pp. 7-8. O segundo caderno tem impresso: "Vontade", "Péricles" e "Idea", cf. idem, "Vontade", em *ibidem*, n.º 389, ano 13, Maio de 1934, pp. 74-75; "Péricles", em *ibidem*, n.º 392, ano 13, Junho de 1934, pp.122-124; "Idea", em *ibidem*, n.º 393, ano

mesma revista em páginas a que dava o mesmo título. Em 1945, fez publicar o mesmo texto, em volume único e aumentado, mantendo o título *Glossas*. Estes textos reflectem os mais diversos aspectos da vida humana, de que ressalvamos o teor apologético, antropológico e ético.

## 2. Biografias e textos de cariz antropológico (1939-1953)

Na Editorial Inquérito Agostinho publicou *O método Montessori*<sup>8</sup>, marco por demais reconhecido no ideário da Escola Nova. Neste texto, o nosso investigador apresentou a sua autora, a italiana Maria Montessori, na crítica por ela feita à pedagogia tradicional e no novo interesse pela criança e por uma inovadora formação de educadores. Salientando o papel da liberdade nesta nova pedagogia e as suas implicações no papel das crianças e dos educadores, não deixou de referir, também, a revolução arquitetónica das escolas iniciada por Montessori e de contrapor os defeitos e as virtudes deste novo método, desta contraposição se sobrelevando a apreciação de que Maria Montessori ignorou a vida e o contacto com o mundo no processo educativo, quanto ao defeito, e, quanto à virtude, o elogio da utilidade da escola infantil.

Em 1941, publicou *Sanderson e a escola de Oundle*, dando continuidade ao projecto de divulgar a vida e a realização educativa de mais um autor da Educação Nova, pondo em destaque, na pedagogia do biografado, a ligação da escola com a vida e o facto de esta se encarar como uma dádiva que se deve desenrolar em ambiente de amor pleno e solidariedade efectiva, a crença na bondade humana e na renovação futura do Homem, a condenação do sistema capitalista, bem como a defesa de uma escola que promovesse a cooperação plena, substituindo o trabalho individual pelo trabalho em grupo orientado por um professor que auxiliava em vez de ensinar de forma dogmática, assim fazendo da escola um laboratório que, em vez dos programas instituídos, adoptava os problemas do dia a dia como fonte de todo o trabalho educativo. Agostinho realçou, ainda, a ideia sandersoniana de se pôr fim aos castigos e

---

13, Junho de 1934, pp. 131-132. O terceiro caderno tem impresso: “Discípulos” e “Revolta”, cf. idem, “Discípulos”, em *ibidem*, nº 396, ano 13, Julho de 1934, pp. 180-182; “Revolta”, em *ibidem*, nº 397, ano 13, Julho de 1934, pp. 201-203.

<sup>7</sup>) Agostinho da Silva, *Glossas*, 2ª ed., Famalicão, ed. do autor, 1945. O texto foi aumentado com as “Cartas a Job” que Agostinho recolheu dos textos anteriormente publicados na página designada “Considerações” da *Seara Nova*. Cf. idem, “De Malkiel a Job”, em *ibidem*, nº 466, ano 15, Fevereiro de 1936, p. 150; “De Elimelech a Job”, em *ibidem*, p. 151; “De Matatias a Job”, em *ibidem*, pp. 151-152; “De Joroboá a Job”, em *ibidem*, p. 152.

<sup>8</sup>) Idem, *O método Montessori*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1939. Edição utilizada: *O método Montessori*, 3ª ed., Lisboa, Editorial Inquérito, 1991.

<sup>9</sup>) Idem, *Sanderson e a escola de Oundle*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1941. Edição utilizada: *Sanderson e a escola de Oundle*, 2ª ed., Lisboa, Ulmeiro, 1990.

a tentativa de, com o seu método, Sanderson querer contribuir para a formação de cidadãos cooperantes capazes de instituir o reino de Deus na terra pela igualdade de todos.

No ano de 1939, continuou, na Editorial Inquérito, a publicação em volumes únicos do projecto anteriormente iniciado numa espécie de fascículos na revista *Seara Nova* dedicado à vida e obra de grandes marcos da História cultural e política. Assim apareceu em dois pequenos opúsculos *A vida de Washington*<sup>10</sup>, onde pôs em relevo a formação do carácter associado à realização prática desta figura cimeira da independência dos Estados Unidos da América do Norte. Relevante é o facto de o final desta biografia já sugerir um certo pessimismo existencial que, como mostraremos mais à frente, o nosso autor sempre soube explorar.

A expensas próprias, no ano de 1941, publicou em Famalicão *Vida de Robert Owen*<sup>11</sup>, uma biografia dedicada a este industrial e filantropo, de quem pôs em evidência o poder da utopia, do sonho, da visão mais larga de um mundo onde só vale a pena estar se mantivermos uma existência desinteressada e empenhada na melhoria de vida de todos aqueles que, sendo pessoas como nós, pelo peso do trabalho e pelas contingências da vida se limitam apenas a sobreviver em condições escravizantes. Por isso, ressaltou que Owen não só se preocupou com os seus negócios, como também com o bem estar daqueles que trabalhavam para si, o que o levou a criar estabelecimentos de tipo escolar anexos às suas fábricas, onde os filhos dos seus trabalhadores podiam crescer em paz e tranquilidade, para almejarem um futuro social melhor que o de seus pais e se empenharem no estabelecimento de uma sociedade mais fraterna baseada no cooperativismo.

Em 1942, continuando o projecto das Biografias, escreveu *Vida de Franklin*<sup>12</sup>, destacando o empenho deste cientista e político nas negociações da independência dos Estados Unidos em relação à Inglaterra. No mesmo ano publicou *Vida de Miguel Ângelo*<sup>13</sup> e *A vida de Zola*<sup>14</sup>, obras em que reflectiu as contradições das existências postas ao serviço da criação, bem como o carácter sofredor e dilacerado da maioria daqueles que as realizam. Ainda neste ano, ou no seguinte, deu à estampa *Vida de Leonardo da Vinci*<sup>15</sup>, texto em que, pelo exemplo desta

---

<sup>10</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, *A vida de Washington*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1939.

<sup>11</sup> ) Idem, *Vida de Robert Owen*, Famalicão, ed. do autor, 1941.

<sup>12</sup> ) Idem, *Vida de Franklin*, Famalicão, ed. do autor, 1942.

<sup>13</sup> ) Idem, *Vida de Miguel Ângelo*, Famalicão, ed. do autor, 1942. Esta obra foi posteriormente reeditada (cf. idem, *Vida de Miguel Ângelo*, Lisboa, Ulmeiro, 1989).

<sup>14</sup> ) Idem, *A vida de Zola*, Famalicão, ed. do autor, 1942.

<sup>15</sup> ) Idem, *Vida de Leonardo da Vinci*, Famalicão, ed. do autor, s/d [1942?/1943?]. Na fixação da bibliografia de Agostinho da Silva, João Pedro Secca apontou como possível data de publicação deste texto os anos de 1942 ou o de 1943 (cf. Secca, João Pedro, "Bibliografia", *Agostinho da Silva*, em *A Phala*, n.º 38, Assírio & Alvim, Julho-Agosto 1994, p. 22).

personalidade multifacetada, quis pôr em evidência, uma vez mais, o sonho e a utopia que, movendo as personalidades ímpares, antecipam as verdadeiras transformações sociais melhorando a vida de cada pessoa.

Em 1943 publicou mais quatro títulos dedicados à vida e à obra de outros tantos biografados. *Vida de Lamennais*<sup>16</sup>, um sacerdote e polemista que em finais do séc. XVII, criando a Congregação de S. Pedro, se empenhou na constituição de um cristianismo puro, procurando o bem comum, em combate pelos pobres, tendo a sua ousadia dado azo a uma admoestação papal. *A vida de Lincoln*<sup>17</sup>, que também já tinha sido publicada anteriormente em fascículos<sup>18</sup>, serviu para realçar que o seu biografado, tendo nascido e crescido no campo rodeado de florestas, possuindo pouca instrução, pois era um simples lenhador, veio a tornar-se o Presidente dos Estados Unidos da América (1861-1865) que, em 1 de Janeiro de 1864, proclamou a libertação dos escravos. *Vida de Pestalozzi*<sup>19</sup>, é um texto sobre um dos fundadores da nova pedagogia, onde Agostinho nos apresenta o método de ensino deste educador suíço por ele aplicado nos Institutos que fundou para a educação dos rapazes mais pobres, bem como na escola de Yverdon, esta destinada a crianças de famílias economicamente favorecidas.

Em 1944 publicou *Vida de Francisco de Assis*<sup>20</sup>, obra apologética do ideário de comunidade fraternal e da consideração absoluta pelos outros e pela liberdade. Em *Vida de Leopardi*<sup>21</sup>, destacou o intelectual italiano que desenvolveu um pessimismo a lembrar Schopenhauer, acreditando apenas no Amor e na Arte como formas de redimir a humanidade, temas estes que, aliás, influenciariam a visão do mundo de Agostinho.

---

<sup>16</sup> ) Agostinho da Silva, *Vida de Lamennais*, Famalicão, ed. do autor, 1943.

<sup>17</sup> ) Idem, *A vida de Lincoln*, Famalicão, ed. do autor, 1943.

<sup>18</sup> ) Idem, "A vida de Lincoln", em *Seara Nova*, n.º 566, ano 18, Junho de 1938, pp. 27-32; *ibidem*, n.º 567, ano 18, Junho de 1938, pp. 56-60; *ibidem*, n.º 568, ano 18, Julho de 1938, pp. 80-84; *ibidem*, n.º 570, ano 18, Julho de 1938, pp. 131-135; *ibidem*, n.º 571, ano 18, Julho de 1938, pp. 143-147; *ibidem*, n.º 572, ano 18, Julho de 1938, pp. 181-185.

<sup>19</sup> ) Agostinho da Silva, *Vida de Pestalozzi*, Famalicão, ed. do autor, 1943. Tal como outras, esta biografia tinha saído anteriormente em *Seara Nova*, n.º 546, ano 18, Janeiro de 1938, pp. 404-408; *ibidem*, n.º 547, ano 18, Fevereiro de 1938, pp. 14-19; *ibidem*, n.º 548, ano 18, Fevereiro de 1938, pp. 34-39; *ibidem*, n.º 550, ano 18, Fevereiro de 1938, pp. 87-89; *ibidem*, n.º 551, ano 18, Março de 1938, pp. 109-112; *ibidem*, n.º 552, ano 18, Março de 1938, pp. 132-137.

<sup>20</sup> ) Idem, *Vida de Francisco de Assis*, Famalicão, ed. do autor, 1944. Publicada inicialmente na revista *Seara Nova*, n.º 560, ano 18, Março de 1938; *ibidem*, n.º 561, ano 18, Maio de 1938; *ibidem*, n.º 562, ano 18, Maio de 1938; *ibidem*, n.º 563, ano 18, Maio de 1938; *ibidem*, n.º 564, ano 18, Junho de 1938. Esta obra foi posteriormente reeditada (cf. idem, *Vida de Francisco de Assis*, Lisboa, Ulmeiro, 1996).

<sup>21</sup> ) Idem, *Vida de Leopardi*, Famalicão, ed. do autor, 1944.

Em 1944 Agostinho publicou *Considerações*<sup>22</sup>, pequena obra constituída por uma selecção de textos curtos anteriormente publicados na revista *Seara Nova*, entre os anos de 1935 e 1937, de cariz antropológico e encomiástico, onde reflectiu o lugar do homem no universo pela exposição das suas ideias sobre temas éticos, morais e políticos, como a virtude, a verdade, a tolerância, temas educacionais como sejam as suas reflexões sobre as competências do professor e do aluno, o valor e a transmissão da cultura e da ciência, temas ontoteológicos, como sejam os textos sobre o destino do homem e o papel de Deus.

Ainda em 1944, publicou *Conversação com Diótima*<sup>23</sup>, texto em que desenvolveu, em forma de diálogo, a relação individual entre o interior e o exterior, ou seja, entre o mundo psíquico de cada um e a sua vivência social, expondo, assim, algumas das contradições que surgem à existência humana consideradas apenas do ponto de vista fenoménico. Neste escrito, o nosso autor realçou ainda o papel da educação no trabalho de ascese a que o indivíduo deveria proceder para caminhar, com mais segurança, da multiplicidade do real à idealidade procurada que o uno representa. Esta temática fortemente centrada no reforço da nostalgia do eterno a par do reconhecimento da precaridade da existência humana e da afirmação do princípio de que os homens são sobretudo egoístas e pouco solidários é explorada noutro escrito

---

<sup>22</sup> ) Idem, *Considerações*, Famalicão, ed. do autor, 1944. Os textos que compõem esta obra tinham sido anteriormente publicados em diversos números da *Seara Nova* entre os anos de 1935 e 1937, cf. idem, "Virtude", em *Seara Nova*, n° 482, ano 16, Agosto de 1936, pp. 30-31; "Amor do povo", em *ibidem*, p. 31; "Aforismo", em *Seara Nova*, n° 433, ano 14, Abril de 1935, p. 4; "Discurso da serpente", em *ibidem*, pp. 4-5; "Temísteo", em *ibidem*, p. 5; "Justificação", em *ibidem*, pp. 5-6; "In negotium", em *ibidem*, n° 439, ano 14, Junho de 1935, pp. 108-109; "Retórica da acção", em *ibidem*, n° 446, ano 14, Agosto de 1935, pp. 221-222; "Da vida filosófica", em *ibidem*, pp. 222-223; "Da chamada filosofia", em *ibidem*, n° 455, ano 14, Outubro de 1935, pp. 364-365; "Aspecto interior do sacrificio", em *ibidem*, p. 365; "Eleição de Apolónio", em *ibidem*, n° 467, ano 16, Fevereiro de 1936, pp. 165-166; "Cireneus", em *ibidem*, pp. 166-167; "Alicerce", em *ibidem*, p. 167; "Projecto dum mestre", em *ibidem*, n° 495, ano 16, Janeiro de 1937, p. 235; "Sanderson of Oundle", em *ibidem*, n° 496, ano 16, Fevereiro de 1937, p. 249; "Resumo", em *ibidem*, n° 500-3, ano 17, Abril de 1937, p. 317; "Valor da oposição", em *ibidem*, n° 508, ano 17, Maio de 1937, p. 70; "Da emulação", em *ibidem*, "Do professor e da cultura", em *ibidem*, n° 511, ano 17, Maio de 1937, p. 128; "Em louvor do contrário", em *ibidem*; "Pelos vencidos" (título original "1"), em *ibidem*, n° 512, ano 17, Junho de 1937, p. 152; "Quanto aos noviços", em *ibidem*, n° 519, ano 17, Julho de 1937, p. 290; "Quanto a Deus" (título original "1"), em *ibidem*, n° 513, ano 17, Junho de 1937, p. 168; "Dos dias monótonos" (título original "2"), em *ibidem*; "Verdade" (título original "3"), em *ibidem*, pp. 168-169; "Por um fim de batalha" (título original "4"), em *ibidem*, p. 169; "Tolerância" (título original "1"), em *ibidem*, n° 514, ano 17, Junho de 1937, p. 191; "Da coragem humana" (título original "2"), em *ibidem*, p. 192; "Compreensão" (título original "3"), em *ibidem*, p. 192; "Ciência", em *ibidem*, n° 480, ano 16, Julho de 1936, pp. 379-380. Esta obra foi reeditada e aumentada, em 1988, com textos de outra índole, nomeadamente messiânicos (cf. Agostinho da Silva, *Considerações e outros textos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988). Posteriormente a sua edição foi incluída em Agostinho da Silva, *Ir à Índia sem abandonar Portugal – Considerações – Outros textos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994.

<sup>23</sup> ) Idem, *Conversação com Diótima*, Famalicão, ed. do autor, 1944.

deste ano que intitulou *Parábola da mulher de Loth, seguida de Policlés e de um Apólogo de Pródico de Céos*<sup>24</sup>.

Em 1945 surgiram dois textos dedicados a Moisés. Um, *A vida de Moisés*<sup>25</sup>, que tinha sido anteriormente publicado na revista *Seara Nova*<sup>26</sup>, serviu de biografia desta figura central judaico-cristã. No outro, *Moisés e outras páginas bíblicas: cinco falas de gente pastoril - fala do Pastor, fala de Labão, Fala de Lia, Fala de Raquel, fala do Velho*<sup>27</sup>, o nosso autor continuou a pôr em destaque a necessidade de, nesta existência, cujo sentido último tende a escapar-nos, não nos deixarmos abater pela crueza da realidade, incitando-nos a opor o sonho à realidade e a caminhar no sentido de uma valorização de tudo o que a educação tradicional sempre nos tem ensinado a menosprezar. Agostinho, por exemplo, deixou bem expresso que a superioridade de alguém deve ser medida na proporção do serviço prestado àqueles que mais precisam e não por qualquer outro critério.

Com o mesmo carácter apologético e de afirmação da grandeza de cada um pela disponibilidade mostrada ante os que mais precisam do seu esforço para verem melhoradas as suas condições de existência, compôs o escrito intitulado *Diário de Alcestes*<sup>28</sup>, a partir de uma selecção de pequenos textos anteriormente publicados, individualmente e sob diversos títulos, na revista *Seara Nova*<sup>29</sup>.

---

<sup>24</sup>) Idem, *Parábola da mulher de Loth, seguida de Policlés e de um Apólogo de Pródico de Céos*, Famalicão, ed. do autor, 1944. Assinado por Marcos, o último texto aqui mencionado já tinha sido publicado na *Seara Nova* (cf. "Apólogo", em *Seara Nova*, nº 344, ano 12, Maio de 1933, pp. 120-121). Esta obra foi posteriormente reeditada (cf. idem, *Parábola da mulher de Loth, seguida de Policlés e de um Apólogo de Pródico de Céos*, Lisboa, Ulmeiro, 1998).

<sup>25</sup>) Agostinho da Silva, *A vida de Moisés*, Famalicão, ed. do autor, 1945.

<sup>26</sup>) Cf. idem, "A vida de Moisés", em *Seara Nova*, nº 537, ano 17, Novembro de 1937, pp. 187-190; *ibidem*, nº 538, ano 17, Dezembro de 1937, pp. 214-217; *ibidem*, nº 540, ano 17, Dezembro de 1937, pp. 266-270; *ibidem*, nº 541, ano 17, Dezembro de 1937, pp. 292-296; *ibidem*, nº 542, ano 18, Janeiro de 1938, pp. 316-320.

<sup>27</sup>) Idem, *Moisés e outras páginas bíblicas: cinco falas de gente pastoril - fala do Pastor, fala de Labão, Fala de Lia, Fala de Raquel, fala do Velho*, Famalicão, ed. autor, 1945. Esta obra foi posteriormente reeditada (cf. Agostinho da Silva, *Moisés e outras páginas bíblicas*, Lisboa, Ulmeiro, 1997).

<sup>28</sup>) Idem, *Diário de Alcestes*, Famalicão, ed. do autor, 1945. Esta obra foi posteriormente reeditada (cf. Agostinho da Silva, *Diário de Alcestes*, Lisboa, Ulmeiro, 1990).

<sup>29</sup>) Textos anteriormente publicados em *Seara Nova* entre os anos de 1935 e 1936. Cf. idem, "Sacrifício", em *Seara Nova*, nº 477, ano 16, Junho de 1936, p. 323; "Intemporalidade", em *ibidem*; "Da frialdade científica", em *ibidem*, p. 323-324; "Lealdade", em *ibidem*, p. 324; "Conselhos", em *ibidem*, nº 478, ano 16, Junho de 1936, p. 347; "Sobre o êxtase", em *ibidem*, p. 347-348; "Tolerância", em *ibidem*, p. 348; "Intransigência", em *ibidem*, p. 348-349; "Justiça", em *ibidem*, p. 349; "O terceiro caminho", em *ibidem*, nº 479, ano 16, Junho de 1936, p. 363; "Persistência", em *ibidem*, nº 479, ano 16, Junho de 1936, p. 363; "Desistência", em *ibidem*, nº 481, ano 16, Agosto de 1936, p. 12; "Da história", em *ibidem*, nº 441, ano 14, Junho de 1935, p. 135; "Primeira oriental", em *ibidem*, nº 449, ano 14, Agosto de 1935, p. 239; "Oposições", em *ibidem*, pp. 239-240; "Sócrates", em *ibidem*, nº 454, ano 14, Outubro de 1935, p. 347; "Da vida involuntária", em *ibidem*, pp. 347-348; "Sobre a morte", em *ibidem*, pp. 348-349; "Democracia e poder", em *Seara Nova*, nº 437, ano 14, Maio de 1935, pp. 67-68; "Construção", em *ibidem*, pp. 69-70.



Nesta data, 1945, publicou ainda um dos textos que melhor revela a grandeza das suas propostas e que intitulou de *Sete cartas a um jovem filósofo seguidas de outros documentos para o estudo de José Kertchy Navarro*<sup>30</sup>, cartas todas elas assinadas com o pseudónimo José Kertchy Navarro, nas quais deixou recomendações de vários tipos a um jovem licenciado em Filosofia. Agostinho, ao longo deste escrito, mostrou-se convicto de que só valeria a pena obter níveis satisfatórios de conhecimento escolar se daí adviesse um bem maior para aqueles que junto a nós, por circunstâncias diversas, não o puderam alcançar. Neste contexto, também defendeu a necessidade absoluta de cada um se empenhar na parte da existência que lhe coube e de torná-la cada vez melhor e mais digna da Humanidade a que pertence. Os outros textos inseridos neste volume são três poemas em prosa com os títulos *Fala do anjo a Jacob*<sup>31</sup>, onde apelou a que o homem se tornasse herói para assim poder realizar a divindade, *Balucei um momento*<sup>32</sup>, poema telúrico onde associou a figura feminina ao doce encanto da Natureza que, simultaneamente envolta em beleza e nostalgia, espera que o homem a possa abraçar e, por fim, *A harpa eólica*<sup>33</sup>, que lhe serviu para apresentar a mulher como sendo a guardiã da renovação, para melhor, do nosso tempo. As *Sete cartas...* incluem, também, um *esquema biográfico*<sup>34</sup>, assinado pelas iniciais P. M., no qual constam vários dados sobre a vida e a obra de Kertchy Navarro. Considerando as informações sobre a vida de Agostinho, tais como o ter frequentado o Liceu Rodrigues de Freitas e a primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a atracção pela Marinha e a admiração por Teixeira Rêgo, de quem tinha sido aluno, para além de outras notas autobiográficas que o nosso autor nos forneceu, este, então, é um dos seus primeiros textos autobiográficos. Nele, com efeito, informou-nos que Navarro tinha beneficiado da solidão no campo, perto de Nine, na juventude, o que reflecte a infância de Agostinho que foi passada na aldeia rural de Barca de Alva que sempre recordou como um largo período de felicidade. Aqui também nos deu a conhecer que Navarro partiu para a Guiné e aí exerceu uma acção educativa intensa, o que nos sugere o percurso do autor das *Sete cartas...* que partiu, em 1944, não para a Guiné, mas sim para o Brasil, tendo aí desenvolvido uma intensa acção pedagógica. Esta publicação ainda contém uma *Nota final*<sup>35</sup>, assinada por José

---

<sup>30</sup> ) Agostinho da Silva, *Sete cartas a um jovem filósofo seguidas de outros documentos para o estudo de José Kertchy Navarro*, Famalicão, ed. do autor, 1945. Edição utilizada: *Sete cartas a um jovem filósofo, seguidas de outros documentos para o estudo de José Kertchy Navarro*, 2ª ed., Lisboa, Ulmeiro, 1990.

<sup>31</sup> ) Cf. idem, "Fala do anjo a Jacob", em *ibidem*, pp. 79-82.

<sup>32</sup> ) Idem, "Balucei um momento", em *ibidem*, pp. 83-88.

<sup>33</sup> ) Idem, "A harpa eólica", em *ibidem*, pp. 89-93.

<sup>34</sup> ) Idem, "Esquema biográfico", em *ibidem*, pp. 95-103.

<sup>35</sup> ) Idem, "Nota final", em *ibidem*, pp. 105-118.

Muriel, que serviu ao nosso autor para continuar a traçar o perfil de Kertchy Navaro, elogiando-lhe a grande capacidade intelectual e o domínio de um largo conhecimento, mas dizendo-nos que lhe faltava carácter.

Sem data, mas provavelmente de 1945 ou 1946, apareceu a edição de *Vida de Pasteur*<sup>36</sup>, anteriormente publicada na revista *Seara Nova*<sup>37</sup>, onde na descrição biográfica deste grande cientista a quem a Humanidade tanto deve, é realçada a sua origem familiar humilde e o seu pouco interesse pela escola. Nesta biografia, dedicada a um homem da ciência, Agostinho preocupou-se, ainda, em argumentar a favor da capital importância dos cientistas e do seu trabalho na construção de uma sociedade melhor, mais justa e fraterna. O nosso autor disse-nos que Pasteur acreditava que o avanço da ciência haveria de permitir um nível de vida superior a todos os homens, tornando-os, ao mesmo tempo mais confiantes no futuro e interessados pela sorte dos outros.

Em 1946 publicou *Vida de William Penn*<sup>38</sup>, britânico de pendor utópico que se empenhou na defesa da fraternidade entre os homens e na defesa da tolerância religiosa e que, no Estado da Pensilvânia, que lhe tinha sido doado, tentou criar uma Sociedade cuja vida pública reflectisse as características de uma vida religiosa baseada no amor e na fraternidade.

Em 1947 deu a lume o pequeno ensaio literário *Stendhal, Mérimée*<sup>39</sup>, em parte precedentemente publicado na revista *Seara Nova*<sup>40</sup>. Com Stendhal, Agostinho concordou que o sonho, o devaneio, a necessidade de sentir a vida na sua plenitude, sempre foram características dos inconformistas, daqueles que, reconhecendo-se pequeninos entre os demais, não querem ficar pela mediocridade da existência. Na segunda parte do ensaio, dedicado a Mérimée, o nosso autor pouco mais fez do que lembrar que a ele se deve a conservação de uma parte considerável dos monumentos franceses e de considerar que, do ponto de vista literário e histórico, a sua obra escrita não possui grande valor.

---

<sup>36</sup> ) Agostinho da Silva, *Vida de Pasteur*, Famalicão, ed. do autor, s/d [1945/1946?]. Seguindo a série e datas da primeira publicação em fascículos na revista *Seara Nova*, parece-nos ser possível situar entre 1945 e 1946 a primeira edição, em volume único, deste texto. Esta obra foi posteriormente reeditada (cf. idem, *Vida de Pasteur*, Lisboa, Ulmeiro, 1989).

<sup>37</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, "A vida de Pasteur", em *Seara Nova*, n.º 576, ano 18, Agosto de 1938, pp. 263-266; *ibidem*, n.º 577, ano 18, Setembro de 1938, pp. 290-294; *ibidem*, n.º 578, ano 18, Setembro de 1938, pp. 318-322; *ibidem*, n.º 579, ano 18, Setembro de 1938, pp. 338-342; *ibidem*, n.º 580, ano 18, Setembro de 1938, pp. 364-373; *ibidem*, n.º 581, ano 18, Outubro de 1938, pp. 389-393.

<sup>38</sup> ) Cf. idem, *Vida de William Penn*, Famalicão, ed. do autor, 1946.

<sup>39</sup> ) Idem, *Stendhal, Mérimée*, Famalicão, ed. do autor, 1947.

<sup>40</sup> ) Cf. idem, "Stendhal - tentativa de crítica", em *Seara Nova*, n.º 332, ano 12, Março de 1933, pp. 312-317; *ibidem*, n.º 336, ano 12, Março de 1933, pp. 373-377; *ibidem*, n.º 344, ano 12, Maio de 1933, pp. 121-125.

Em 1953, Agostinho da Silva publicou, em Lisboa, um conjunto de pequenas novelas com fundo autobiográfico intituladas *Herta Teresinha Joan ou memórias de Mateus Maria Guadalupe*<sup>41</sup>. Nelas, partindo do esteticismo de Óscar Wilde que, no essencial, defendia que é a vida que se submete à arte e não a arte que se submete à vida, o nosso pensador quis, porém, ir mais longe ao apontar como condição da redenção do mundo, o aparecimento de um Homem Novo que pudesse congrega em si, numa unidade, a arte, a sabedoria e a santidade.

### **3. Obras sobre Portugal (1957-1989)**

Em 1957 foi editado pelo Ministério da Educação e Cultura do Brasil o ensaio *Reflexão à margem da literatura portuguesa*<sup>42</sup>. Neste escrito, Agostinho, imbuído de um espírito nacionalista e utópico, sublinhou a sua convicção de que, para Portugal, mais importante do que pensar os erros do passado era abrir as janelas para o futuro. Polémicas, todavia, eram as reflexões que, nesta obra, se teciam a favor do iberismo, mormente a de o encarar como condição prévia de um futuro ecumenismo planetário que aos portugueses incumbiria construir.

Dois anos depois, em 1959, o nosso autor publicou um pequeno texto, seguido de uma breve antologia, sobre Fernando Pessoa, que denominou *Um Fernando Pessoa*<sup>43</sup>. Neste ensaio reflectiu sobre o messianismo atribuído ao nosso país, bem como o papel de Pessoa e seus heterónimos na economia de tal pensamento.

Na senda do ecumenismo planetário e abrindo Portugal a um mundo renovado, Agostinho editou em 1960 o livro *As aproximações*<sup>44</sup>, obra na qual, em pequenos textos, reflectiu sobre o papel do professor e da escola, sobre Deus, sobre a ciência e a filosofia, bem como sobre o lugar do homem no mundo e a sua relação com Deus.

---

<sup>41</sup> ) Idem, *Herta Teresinha Joan ou memórias de Mateus Maria Guadalupe*, Lisboa, Portugal, 1953. Edição utilizada: *Herta Teresinha Joan ou memórias de Mateus Maria Guadalupe*, 4ª ed., Lisboa, Cotovia, 1990.

<sup>42</sup> ) Idem, *Reflexão à margem da literatura portuguesa*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura do Brasil, 1957. No ano seguinte foi editado em Portugal *Reflexão à margem da literatura portuguesa*, Lisboa, Guimarães Editores, 1958. Edição utilizada: *Reflexão à margem da literatura portuguesa*, 2ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, 1990.

<sup>43</sup> ) Cf. idem, *Um Fernando Pessoa*, Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1959. Edição portuguesa: *Um Fernando Pessoa*, Lisboa, Guimarães Editores, 1959. Edição utilizada: *Um Fernando Pessoa*, 2ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, 1988.

<sup>44</sup> ) Agostinho da Silva, *As aproximações*, Lisboa, Guimarães Editores, 1960. Edição utilizada: *As aproximações*, 2ª ed., Lisboa, Relógio D'Água, 1990.

Estas, entre outras questões, foram retomadas e prolongadas no decurso do ano de 1962 no livro intitulado *Só ajustamentos*<sup>45</sup>.

Ainda neste ano, publicou *Presença de Portugal*<sup>46</sup> onde, a propósito da Universidade de Brasília e da sua relação com Portugal, discorreu em torno da necessidade da aproximação entre Portugal e Brasil. Neste escrito, a partir de uma análise do passado comum de ambos os povos, Agostinho apontou soluções, a partir da nova capital do Brasil e da sua universidade, que pudessem corrigir as mútuas desconfianças entre os dois Estados irmãos, cujos políticos, de cada lado, não raras vezes achavam que a cultura portuguesa e brasileira deveriam ser consideradas, entre si, como estrangeiras. O nosso autor quis, ainda, deixar bem vincadas as suas esperanças no futuro ecuménico que os países lusófonos deveriam começar a preparar, atribuindo relevante missão profética a Brasília e à sua Universidade, mais concretamente ao Centro Brasileiro de Estudos Portugueses que ele próprio, Agostinho da Silva, tinha criado naquela Universidade.

O volume intitulado *Considerações e outros textos*<sup>47</sup> trouxe impressos dois textos, de cariz messiânico, que Agostinho tinha composto em 1982. Em *De como os portugueses retomaram a ilha dos amores*<sup>48</sup> opôs-se, novamente, à existência de uma filosofia portuguesa, defendendo a eternidade do tempo e tecendo importantes considerações sobre o significado de *Os Lusíadas* na escatologia da História portuguesa. No texto intitulado *Portugal ou cinco idades*<sup>49</sup> o nosso autor criticou, mais uma vez, a Europa e defendeu para Portugal e para o Mundo uma nova ordem social que assentasse no municipalismo, num saber feito pela experiência, numa religião ecuménica e na não propriedade, acrescentando, ainda, que para tornar viável a nova sociedade deveriam instalar-se centros de acção em Toledo, Tarragona, Tomar e Compostela.

Em forma de livro, só dezanove anos depois, surgia uma publicação que tratava da temática da portugalidade, pese embora Agostinho ter dado a sua redação por completa em 1970. Foi, pois, o ano de 1989 que viu chegar ao mercado, com quase duas décadas de atraso, *Educação de Portugal*<sup>50</sup>, que pensamos ser o mais importante ensaio sobre educação da lavra de

---

<sup>45</sup> ) Idem, *Só ajustamentos*, Bahia, Imprensa Oficial da Bahia Salvador, 1962.

<sup>46</sup> ) Idem, *Presença de Portugal*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1962 (cf. *Dispersos* (organização de Paulo Alexandre Esteves Borges), Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1988, pp. 201-218. Edição utilizada: *Dispersos*, 2ª ed., Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989).

<sup>47</sup> ) Agostinho da Silva, *Considerações e outros textos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988.

<sup>48</sup> ) Idem, “De como os portugueses retomaram a ilha dos amores”, em *ibidem*, pp. 77-92 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 731-739).

<sup>49</sup> ) Idem, “Portugal ou cinco idades”, em *ibidem*, pp. 93-103 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 725-730).

<sup>50</sup> ) Idem, *Educação de Portugal*, Lisboa, Ulmeiro, 1989. Edição utilizada: *Educação de Portugal*, 2ª ed., Lisboa, Ulmeiro, 1990.

Agostinho. Este significativo texto, em finais dos anos 80 veio causar alguma celeuma pelas críticas e propostas arrojadas para o sistema educativo português, quer na sua utilidade do dia a dia, quer quanto a uma ideia de educação que servisse todo o país e que permitisse as bases de formação do novo cidadão português que deveria ser universal e ecuménico. Neste escrito, com o intuito de concretizar a nova educação, Agostinho apelou à reforma prévia de todo o sistema de ensino oficial, sugerindo os moldes em que se devia efectuar.

#### **4. Textos de ficção, poesia e autobiográficos (1989-1994)**

Em 1989 apareceu, em Lisboa, o livro de novelas da autoria de Mateus Maria Guadalupe, heterónimo de Agostinho, intitulado *Lembranças sul-americanas de Mateus Maria Guadalupe, seguidas de Tumulto seis e Clara sombra a das faias*<sup>51</sup>. Deste livro, em que se nos deparam dados autobiográficos, cogitações sobre o valor da infância e meditações sobre a portugalidade, temos que destacar o carácter céptico e trágico dos textos, os quais acabam sempre ou com a morte dos protagonistas ou com a sua resignação à fatalidade.

Em 1989 foram reunidos e publicados, com o título *Uns poemas de Agostinho*<sup>52</sup>, alguns dos seus poemas. Assim, tornou-se visível para o grande público mais um género literário que o nosso autor cultivou e onde reflectia, em verso, o seu pensamento.

Em 1990 foram publicados mais dois pequenos volumes de poesia, designados, respectivamente, *Quadras inéditas*<sup>53</sup> e *Do Agostinho em torno de Pessoa*<sup>54</sup>. Se o primeiro é composto por uma série de quadras que continuam a pôr em evidência a variedade do pensamento do nosso autor, o segundo dá-nos a conhecer uma série de poemas que têm como motivo principal Fernando Pessoa e seus heterónimos.

No ano da sua morte, 1994, foi publicado *Vida conversável*<sup>55</sup>, obra autobiográfica organizada e prefaciada por Henryk Siewierski. O conteúdo deste livro de Agostinho é um

---

<sup>51</sup> ) Idem, *Lembranças sul-americanas de Mateus Maria Guadalupe, seguidas de Tumulto seis e Clara sombra a das faias*, Lisboa, Livros Cotovia, 1989. “Clara sombra a das faias”, tinha sido anteriormente publicada em fascículos, em 1968 (cf. “As folhas soltas de S. Bento e outras – 6 e 7”, em *Dispersos*, pp. 419-441).

<sup>52</sup> ) Idem, *Uns poemas de Agostinho*, Lisboa, Ulmeiro, 1989.

<sup>53</sup> ) Idem, *Quadras inéditas*, Lisboa, Ulmeiro, 1990.

<sup>54</sup> ) Idem, *Do Agostinho em torno de Pessoa*, Lisboa, Ulmeiro, 1990.

<sup>55</sup> ) Idem, *Vida conversável*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994.

extenso depoimento não só das suas realizações, mas, fundamentalmente, das ambições que continuava a alimentar para o futuro.

## II. COLABORAÇÃO EM PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

### 1. Colaboração em *Acção Académica* (Porto)

Agostinho da Silva preparou-se no liceu, na cidade do Porto, para ingressar na Universidade, tendo-se matriculado na recém criada Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde terminou a licenciatura e o doutoramento, ambos na área da Filologia Clássica e onde continuou a ter alguns mestres que já vinham da formação liceal, como Augusto César Pires de Lima. Não é por isso de espantar que, ainda universitário, pelo ano de 1925, tivesse publicado quatro textos no jornal monárquico *Acção Académica*, de que era director Ricardo Lumbrales.

No primeiro, intitulado *As responsabilidades de Eça de Queiroz*<sup>56</sup>, Agostinho criticou com dureza Eça de Queiroz, culpando-o de ser responsável, ao defender um estrangeirismo bacoco, do recrudescer do sentimento anti-patriótico entre os portugueses.

A este artigo seguiu-se a publicação de mais dois, no mesmo ano, dedicados aos futuristas e à sua tentativa de rejeição da tradição clássica. No primeiro, designado *O futurismo: I - o mal*<sup>57</sup>, Agostinho opôs-se a este movimento de forma explícita nas várias concepções por ele defendidas, quer na literatura, quer na arte, quer na poesia e contrapôs-lhe a sua visão mais conservadora quanto ao pulsar da vida do seu tempo. No segundo texto sobre a mesma polémica, intitulado *O futurismo: II - o remédio*<sup>58</sup>, Agostinho da Silva opôs-se ao facilitismo com que os futuristas queriam analisar o mundo, recomendando-lhes a leitura e a meditação dos textos clássicos que, no entender do nosso intelectual, só não eram apreciados e compreendidos pelos futuristas porque estes deles só tinham conhecimento por ouvirem dizer que eram muito maus e cansativos. Agostinho, ao longo da sua exposição mostrou acreditar que o futurismo era apenas uma questão de moda e que, quando a moda fosse outra, os futuristas haviam de correr, acriticamente, em sua defesa.

---

<sup>56</sup> ) Idem, "As responsabilidades de Eça de Queiroz", em *Acção Académica*, 15 de Outubro de 1925, p. 3.

<sup>57</sup> ) Idem, "O futurismo: I - o mal", em *ibidem*, 1 de Novembro de 1925, p. 3.

<sup>58</sup> ) Idem, "O futurismo: II - o remédio", em *ibidem*, 1 de Dezembro de 1925, pp. 3-4.

Em 1926, o autor portuense assinou um contundente escrito designado *Estudantes*<sup>59</sup>, onde criticou o comportamento, que considerou ignóbil, daqueles que frequentavam os estudos em graus superiores, por, na sua opinião, exibirem ante os ignorantes um saber que não possuíam e serem demasiado preguiçosos, uma vez que não procuravam o conhecimento pelo conhecimento, servindo-se apenas do pouco e deficiente conhecimento que adquiriam para socialmente poderem triunfar.

## **2. Colaboração em *O Comércio do Porto* (Porto)**

### **2.1. *O Commercio*, edição da tarde de *O Comércio do Porto***

*O Comércio do Porto* acolheu textos da juventude de Agostinho da Silva e textos da sua produção final. A primeira colaboração com este jornal que se conhece é de 1925 e apareceu em *O Commercio*, que era a edição da tarde de *O Comércio do Porto*.

O primeiro desses textos assinados por Agostinho foi *O poeta*<sup>60</sup>, uma novela cuja acção se passava no Porto e em que as personagens iam opinando sobre o carácter futurista da arte e literatura de então, pelo qual não mostravam grande simpatia. Mas o enredo novelístico serviu também a Agostinho para evocar as suas preocupações sociais em defesa da dignidade de todos os homens e para criticar a infidelidade ao projecto de ser pessoa de todos quantos propunham uma coisa e acabavam por fazer outra.

*O cadáver*<sup>61</sup> foi mais uma novela agostiniana cujo pano de fundo era o tema da morte e da sua interpretação pelo lado fantástico. O enredo conta-nos um sonho do protagonista que, após ter visitado um cemitério, se viu confrontado com um pesadelo em que assistia a todo o ritual da sua morte e do seu enterro, permanecendo assim até ao momento em que o despertador o libertou desse acontecimento que apenas era o produto de um sonho.

---

<sup>59</sup> ) Idem, “Estudantes”, em *ibidem*, 1 de Agosto de 1926, p. 3.

<sup>60</sup> ) Idem, “O poeta”, em *O Commercio*, edição da tarde de *O Comércio do Porto*, nº 161 a 167, Julho de 1925 (texto consultado em Agostinho da Silva, *Estudos e obras literárias* (critério de edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves Borges), Lisboa, Âncora, 2002, pp. 291-307).

<sup>61</sup> ) Idem, “O cadáver”, em *O Commercio*, edição da tarde de *O Comércio do Porto*, nº 171 a 175, Julho de 1925 (texto consultado em *Estudos e obras literárias*, pp. 309-319).



*Um assassínio*<sup>62</sup> foi também uma novela que serviu a Agostinho para se pronunciar sobre o papel da crítica literária, tendo posto em causa o trabalho dos críticos que não eram honestos e elogiado os que, apesar de todas as pressões, distinguiam e escreviam apenas sobre o real valor das obras que submetiam ao crivo da sua crítica.

*O suicídio de Manuel de Mendonça*<sup>63</sup> foi outra trama novelística sobre o tema da morte. Aqui procedeu à caracterização de uma fictícia personagem melancólica que se ia identificando com outras personagens semelhantes de romances que ia lendo. A personagem inventada por Agostinho para protagonizar a história passava os dias só e triste, tendo, quase de forma natural, acabado por se suicidar.

As publicações seguintes de Agostinho neste periódico versavam temas literários.

Em *Poesia feminina*<sup>64</sup>, Agostinho da Silva construiu um texto, em tom jocoso, sobre a poesia feminina em geral, pois considerava que quanto a esta temática, embora abundasse a quantidade, a qualidade era medíocre e ridícula.

No mês de Agosto de 1930, o nosso autor publicou a recensão *A propósito de A Marquesa de Alorna*<sup>65</sup>, onde elogiou os trabalhos literários do seu antigo professor Hernani Cidade. Esta recensão serviu-lhe, ainda, para se pronunciar sobre o romantismo e o classicismo, claramente defendendo que, no primeiro movimento, o romantismo, o indivíduo é o criador da Beleza.

Em *As mulheres dos Césares*<sup>66</sup>, o autor portuense escrevendo em torno de um livro de Ferrero intitulado *Le mogli dei Cesari*, continuou a reflexão sobre o tema do seu doutoramento, isto é, a exaltação da cultura greco-latina face à cultura egípcia. Aí defendeu que as incompreensões em relação à cultura clássica se deviam ao facto de ser o problema grego um problema estético e filosófico, o que constituía uma dificuldade de interpretação que, considerava Agostinho, só Nietzsche, ainda que de forma parcial, tinha percebido.

---

<sup>62</sup> ) Idem, “Um assassínio”, em *O Commercio*, edição da tarde de *O Comércio do Porto*, n.º 213, Setembro de 1926 (texto consultado em *Estudos e obras literárias*, pp. 321-328).

<sup>63</sup> ) Idem, “O suicídio de Manuel de Mendonça”, em *O Commercio*, edição da tarde de *O Comércio do Porto*, n.º 218 a 220, Setembro de 1926 (texto consultado em *Estudos e obras literárias*, pp. 329-338).

<sup>64</sup> ) Idem, “Poesia feminina”, em *O Commercio*, edição da tarde de *O Comércio do Porto*, 7 de Junho de 1927 (texto consultado em *Estudos e obras literárias*, pp. 339-341).

<sup>65</sup> ) Idem, “A propósito de A Marquesa de Alorna”, em *O Comércio do Porto*, 24 de Agosto de 1930 (texto consultado em Agostinho da Silva, *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I* (critério de edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves Borges), Lisboa, Âncora, 2000, pp. 187-189).

<sup>66</sup> ) Idem, “As mulheres dos Césares”, em *O Comércio do Porto*, 18 de Setembro de 1930 (texto consultado em *Estudos sobre cultura clássica* (critério de edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves Borges), Lisboa, Âncora, 2002, pp. 263-265).

Outro texto desta fase assinado pelo nosso autor é *Danças de Tânagra*<sup>67</sup>, que surgiu a propósito da reedição do livro de Pottier intitulado *Diphiles et les modelenas de terres – cultes grecques*, obra que tratava o tema do enigma das bailarinas de Tânagra. Neste escrito, Agostinho da Silva considerou as bailarinas de Tânagra as testemunhas do desaparecimento do espírito helénico.

## **2.2. De homens e letras**

Já sob o título *De homens e letras*, Agostinho assinou o texto *Erudição*<sup>68</sup>, onde criticou a ideia convencional do erudito, por considerar que o homem erudito sabia, regra geral, muito do passado e pouco do presente que o rodeava. Defendendo que, se a erudição, que associou ao conhecimento racional, de facto era necessária, não deixou de reconhecer que o conhecimento intuitivo não o seria menos, pelo que apelou para um conhecimento abrangente que contemplasse igualmente a razão e a intuição. Na sua argumentação, Agostinho associou ainda a erudição à decadência da civilização grega e lembrou que, no esplendor da cultura grega, homens como Pitágoras, os sofistas e mesmo Aristóteles usavam o conhecimento do passado para o aplicar à vida do quotidiano e preparar, assim, aqueles que frequentavam as suas lições, para o futuro que os aguardava.

## **2.3. Homens e livros**

Sob o título *Homens e livros*, Agostinho da Silva publicou uma série de resenhas literárias no jornal *O Comércio do Porto*.

*Nachkrieg*<sup>69</sup> é a resenha a esta obra de Ludwig Renn, autor que escrevia, neste livro, as suas memórias da primeira grande guerra.

*Maurois e Turgueniev*<sup>70</sup> é uma resenha aos estudos que Maurois tinha publicado acerca da literatura de Turgueniev. Apesar de algumas críticas, assentou em que a obra era um bom trabalho.

---

<sup>67</sup> ) Idem, “Danças de Tânagra”, em *O Comércio do Porto*, 1 de Outubro de 1930 (texto consultado em *Estudos sobre cultura clássica*, pp. 267-269).

<sup>68</sup> ) Idem, “Erudição”, em *O Comércio do Porto*, 30 de Outubro de 1930, p. 2.

<sup>69</sup> ) Idem, “Nachkrieg”, em *ibidem*, 17 de Fevereiro 1931 (texto consultado em *Estudos e obras literárias*, pp. 343-346).

*Populismo*<sup>70</sup> teve como pano de fundo o texto com a mesma designação de Lemonnier. Na sua apreciação, Agostinho concordou que à época o romance estava a atravessar uma grave crise, apresentando o populismo, movimento que tentou reunir os ultra românticos e os realistas, como uma reacção ao snobismo literário que lhe parecia a ele, Agostinho, demasiado psicologista. Se se destaca no seu pensamento a defesa do rigor da linguagem na prosa, ao mesmo tempo notasse que reservava à linguagem poética a liberdade de se voltar para a interioridade e se projectar na transcendência.

Em *Zola*<sup>72</sup>, o nosso autor discorreu sobre as causas que levaram ao esquecimento premeditado da obra de Zola, elogiando-lhe o trabalho com que construiu a sua obra e considerando-o um poeta do romance. Contudo, criticou em Zola a pretensão de elaborar uma obra de raciocínios discursivos, por considerar que toda a obra é só e apenas um acto estético.

Em *A anedota romântica*<sup>73</sup>, Agostinho fez a recensão de um livro editado pela casa Payot que reunia várias conferências sobre o romantismo feitas no museu Carnavalet em 1930, as quais, segundo o nosso autor, não apresentavam este movimento mas apenas a sua anedota.

#### **2.4. Suplementos: *Cultura, Arte e Encontro***

Mais perto de nós no tempo, *O Comércio do Porto* voltou a acolher publicações de Agostinho da Silva. Foi o caso de *Entre-Douro-e-Mundo*<sup>74</sup>, texto publicado em Fevereiro de 1984, no qual o nosso pensador teceu várias considerações sobre Portugal e sua missão no futuro, parecendo-nos mais importante a alusão feita à lição de liberdade dada por Camões na sua *Ilha dos Amores* e à necessidade de a preservar como exemplo para todos os portugueses, para que saibam ver longe e se empenhem na realização do que parece impossível, assim seguindo o rasto dos seus antepassados marinheiros analfabetos.

---

<sup>70</sup> ) Idem, “Maurois e Turgueniev”, em *O Comércio do Porto*, 18 de Março de 1931 (texto consultado em *Estudos e obras literárias*, pp. 347-350).

<sup>71</sup> ) Idem, “Populismo”, em *O Comércio do Porto*, 22 de Julho de 1931 (texto consultado em *Estudos e obras literárias*, pp. 351-355).

<sup>72</sup> ) Cf. idem, “Zola”, em *O Comércio do Porto*, 13 de Agosto de 1931 (texto consultado em *Estudos e obras literárias*, pp. 357-360).

<sup>73</sup> ) Idem, “A anedota romântica”, em *O Comércio do Porto*, 21 de Agosto de 1931 (texto consultado em *Estudos e obras literárias*, pp. 361-364).

<sup>74</sup> ) Idem, “Entre-Douro-e-Mundo”, em *O Comércio do Porto*, 25 de Fevereiro de 1984, p. 23.

Em *Diário de Bordo*<sup>75</sup>, publicado em Março de 1989, Agostinho ainda anteviu que Portugal se tornaria uma grande Pátria que haveria de unir o Oriente e o Ocidente, assim conduzindo a Humanidade à paz.

O destacável *Portugal: o de Ser, o de Servir, o de Sonhar* (especial evocação do mestre que cumpriu Portugal - Agostinho da Silva)<sup>76</sup>, é a reprodução de *Portugal: o de Ser, o de Servir, o de Sonhar*, anteriormente publicado no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*<sup>77</sup>.

Em *Macau*<sup>78</sup>, publicado em finais de 1990, Agostinho da Silva deixou as suas impressões sobre o que competia a Macau fazer no sentido de poder progredir e ser importante no mundo.

### **3. Colaboração em *Pôrto Académico* (Porto)**

Nos anos de 1926 e 1927, Agostinho da Silva, em *Pôrto Académico*, jornal da Academia portuense do qual foi Director no ano de 1927 (abrangendo os números 34 a 37), publicou alguns artigos e recensões literárias. Assim encontramos o autor portuense a tecer considerações indolores *A propósito da novela do 'Amor humilde', de Norberto de Araújo*<sup>79</sup>, bem como sobre a obra ilustrada por Raquel Gameiro que António Sérgio escreveu para o público infante-juvenil, composta a partir da mitologia grega, intitulada *Contos gregos*. Sobre esta obra escreveu, então, o nosso autor, o texto elogioso intitulado *Literatura infantil - a propósito do livro de António Sérgio 'Contos gregos'*<sup>80</sup>, trabalho que concluiu com o nome de *Literatura infantil*<sup>81</sup>, no número seguinte, onde discordou de Sérgio por este ter traduzido os nomes dos deuses do grego para o latim. Esta leve crítica não esmorece o elogio que Agostinho faz a este pequeno

---

<sup>75</sup> ) Idem, "Diário de Bordo", em *ibidem*, 12 de Março de 1989, p. 195. Este texto, em forma de manifesto, corresponde a partes das cartas com o título *É a Hora*, datadas de Junho de 1988 a Novembro do mesmo ano e recolhidas nos *Dispersos*. Nesta colectânea estão inseridos trechos de *É a Hora Junho/88 (Dispersos, pp. 901-902)*, *É a Hora - Julho/88 (ibidem, pp. 906-907)* e *É a Hora - Novembro/88 (ibidem, pp. 920-921)*.

<sup>76</sup> ) Idem, "Portugal: o de Ser, o de Servir, o de Sonhar (Especial evocação do mestre que cumpriu Portugal - Agostinho da Silva)", em *O Comércio do Porto*, 3 de Abril de 1996, p. II.

<sup>77</sup> ) Cf. idem, "Portugal: o de ser, o de servir, o de sonhar", em *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 13 de Fevereiro de 1990, p. 8. Veja-se adiante, neste capítulo, o número 41.

<sup>78</sup> ) Idem, "Macau", em *O Comércio do Porto*, 23 de Dezembro de 1990 (texto consultado em Agostinho da Silva, *Textos e ensaios filosóficos II* (critério de edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves Borges), Lisboa, Âncora, 1999, p. 384).

<sup>79</sup> ) Idem, "A propósito da novela do 'Amor humilde', de Norberto de Araújo", em *Pôrto Académico*, 8 de Março de 1926 (texto consultado em Agostinho da Silva, *Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I*, pp. 149-154).

<sup>80</sup> ) Idem, "Literatura infantil. A propósito do livro de António Sérgio *Contos gregos*"; em *Pôrto Académico*, 15 de Fevereiro de 1926, p. 6.

<sup>81</sup> ) Idem, "Literatura infantil"; em *ibidem*, 8 de Março de 1926, p. 7.

livro, o qual, aliás, se permitiu recomendar a todas as mães como um bom auxílio para a educação dos seus filhos.

Em Março de 1926, Agostinho da Silva alternou as habituais recensões com o texto *A crítica jornalística*<sup>82</sup> onde, frontalmente, teceu várias considerações sobre a generalidade da crítica literária que se fazia nos jornais de então, afirmando estar convencido que a mesma não era feita com seriedade, mas apenas para satisfazer amizades e pedidos pessoais, por jornalistas de inteligência reduzida. Agostinho criticou de forma veemente os jornais e os seus directores por fomentarem este lastimável comportamento, apelando aos responsáveis pelos grandes jornais para que contratassem gente competente e inteligente que se dedicasse em exclusivo a estas tarefas e não se deixasse levar por nenhuma forma de compadrio mais ou menos encapotado.

O texto *A política do Pôrto Académico*<sup>83</sup>, embora não se encontre assinado, atribuímo-lo a Agostinho da Silva, por aparecer no número 34 da publicação, que é aquele em que o nosso autor iniciou a direcção do mesmo, sendo, por isso, um escrito onde se traçavam as linhas orientadoras da publicação. Segundo o autor, o *Pôrto Académico* deveria pautar-se pelo serviço à Academia e pelo respeito pela pluralidade de opiniões, quer políticas quer religiosas. O jornal, como aí nos é dito, jamais poderia aceitar artigos de índole político-partidária. Se este artigo não aparece assinado, no mesmo número, a páginas 4 e 5, Agostinho da Silva assinou *Tropa de África* de Carlos Selvagem<sup>84</sup>, recensão na qual teceu várias considerações sobre a actividade militar portuguesa em África, tendo, sobretudo, lamentado o seu laxismo.

Quando reflectiu sobre *António Ferro 'Mar alto'*<sup>85</sup>, o nosso autor lamentou a má recepção desta peça de teatro em Lisboa e criticou os moralistas e burgueses pela vida vã que levavam e pela forma acrítica como recebiam as novidades do estrangeiro e, ao mesmo tempo, condenavam as ousadias nacionais. A criação nacional, em alguns casos, na opinião de Agostinho, era manifestamente mais interessante e progressista que aquilo que se importava

---

<sup>82</sup> ) Idem, "A crítica jornalística", em *ibidem*, 29 de Março de 1926, pp. 2 e 5.

<sup>83</sup> ) Idem, "A política do Pôrto Académico", em *ibidem*, 15 de Março de 1927, pp. 1-2. A nossa convicção de que este texto é, de facto, da autoria de Agostinho da Silva baseia-se na seguinte passagem da entrevista que o autor concedeu a Bento Caldas, em 1927: "*Pôrto Académico*, como acentuei claramente no artigo com que iniciei a minha direcção, não pode obedecer a uma corrente política..." (cf. "O pensamento académico (entrevista a Bento Caldas)", em *A Voz*, 24 de Maio de 1927, p. 3).

<sup>84</sup> ) Idem, "*Tropa de África* de Carlos Selvagem", em *Pôrto Académico*, 15 de Março de 1927 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I*, pp. 157-161).

<sup>85</sup> ) Idem "António Ferro *Mar alto*", em *Pôrto Académico*, 15 de Abril de 1927 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I*, pp. 163-165).

como novidade e que aos olhos do nosso autor, muitas vezes não passava de charlatanice bem embrulhada.

Finalmente, na recensão *Farrapos da vida viva de Aurora de Jardim Aranha*<sup>86</sup>, de 1927, Agostinho considerou a referida obra imoral e ridícula.

#### 4. Colaboração em *A Águia* (Porto)

Entre os anos de 1926 e 1929, em *A Águia*, Agostinho da Silva publicou as seguintes notas filológicas: *Nota filológica sobre o verbo 'trabalhar'*<sup>87</sup>; *Nota filológica sobre a palavra 'doido'*<sup>88</sup>; *Nota filológica sobre a palavra 'nojo'*<sup>89</sup>. Consistem estes trabalhos em pequenas explicitações filológicas dos vocábulos analisados.

Em 1927, Agostinho publicou em dois números separados *O nativismo romano*<sup>90</sup>, que era a reprodução de uma conferência que tinha proferido em Março desse ano no Salão Nobre da Faculdade de Engenharia do Porto, em que evidenciava a superioridade da cultura grega em relação à cultura romana. Ao longo deste texto contestou a ideia comumente aceite de que os romanos apenas se teriam dedicado a assimilar a cultura grega. Também refutou a ideia que considerava os gregos como os responsáveis pela queda do Império Romano, defendendo claramente que a queda do Império se devia aos asiáticos. A temática foi continuada no texto, publicado ainda em 1927, inserido em dois números diferentes desta revista, que intitulou *Satura*<sup>91</sup>. Neste texto, Agostinho não mostrou apenas que a sátira foi um género criado pelos romanos, como também refutou, em parte, que o carácter mais prático do povo romano lhe tivesse impedido a formulação de uma visão estética da vida.

---

<sup>86</sup> ) Idem, “*Farrapos da vida viva de Aurora de Jardim Aranha*”, em *Pôrto Académico*, 15 de Abril de 1927 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I*, pp. 155-156).

<sup>87</sup> ) Cf. idem, “Nota filológica sobre o verbo 'trabalhar'”, em *A Águia*, 3ª série, nº 49-54, Julho-Dezembro de 1926, pp. 29-31.

<sup>88</sup> ) Idem, “Nota filológica sobre a palavra 'doido'”, em *ibidem*, 3ª série, nº 55-57, Janeiro-Março de 1927, p. 38.

<sup>89</sup> ) Idem, “Nota filológica sobre a palavra 'nojo'”, em *ibidem*, 3ª série, nº 58, Abril-Junho de 1927, p. 107.

<sup>90</sup> ) Idem, “O nativismo romano”, em *ibidem*, 3ª série, nº 58, Abril-Junho de 1927, pp. 61-71; “O nativismo romano”, em *ibidem*, 3ª série, nº 59, Julho-Setembro de 1927, pp. 137-142.

<sup>91</sup> ) Idem, “*Satura*”, em *ibidem*, 3ª série, nº 60, Outubro-Dezembro de 1927, pp. 201-209; “*Satura II*”, em *ibidem*, 4ª série, nº 4-5, Julho-Outubro de 1928, pp. 142-150.

Em 1928, Agostinho da Silva publicou em *A Águia* mais duas resenhas nas quais demonstrou que tambem valorizava a cultura grega: *Litterature Grecque-Chrétienne* de G. Bardy; *Ce qu'il faut connaître de la Grèce Antique* de Aimé Puech<sup>92</sup>. No mesmo ano, vieram a lume as resenhas *Estela* e *Auto dos vilões*<sup>93</sup>, obras de Jaime Câmara, sobre as quais deixou notas de simpatia.

Em 1929, na mesma revista, foi publicada uma parte da sua tese de doutoramento, intitulada, precisamente, *Sentido histórico das civilizações clássicas*<sup>94</sup>.

## 5. Colaboração em *A Ide'a Nacional* (Lisboa)

No decurso do ano de 1927, Agostinho publicou no semanário monárquico integralista *A Ide'a Nacional* dois escritos.

*Poesia feminina*<sup>95</sup> que serviu ao nosso autor para, em tom jocoso, dar conta da publicação de grande número de livros poéticos assinados por mulheres, versando quase sempre o amor, mas que em seu entender, eram de fraquíssima qualidade.

*Literatura infantil*<sup>96</sup>, onde, para além de ter apontado as melhorias verificadas neste tipo de literatura, tambem explicou a construção dos textos dedicados a esta temática. Neste escrito defendeu que a literatura infantil devia estimular e fortalecer a personalidade e o carácter das crianças.

---

<sup>92</sup> ) Idem, "Bibliografia: *Litterature Grecque-Chrétienne* de G. Bardy; *Ce qu'il faut connaître de la Grèce Antique* de Aimé Puech", em *ibidem*, 4ª série, nº 1-2, Janeiro-Abril de 1928, p. 54.

<sup>93</sup> ) Idem, "Bibliografia: *Estela* de Jaime Câmara; *Auto dos vilões* de Jaime Câmara", em *ibidem*, 4ª série, nº 3, Maio-Junho de 1928, p. 95.

<sup>94</sup> ) Idem, "Sentido histórico das civilizações clássicas", em *ibidem*, 4ª série, nº 9, Abril-Junho de 1929, pp. 233-242.

<sup>95</sup> ) Cf. idem, "Poesia feminina", em *A Ide'a Nacional*, 24 de Maio de 1927, p. 4.

<sup>96</sup> ) Idem, "Literatura infantil", em *ibidem*, 7 de Junho de 1927 (texto consultado em *Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I*, pp. 167-169).

## 6. Colaboração em *Diónysos* (Porto)

Em 1928 a revista *Diónysus*, publicou o trabalho de Agostinho *Sôbre algumas páginas de Spengler*<sup>97</sup>, que é um pequeno ensaio sobre a interpretação do sentido da História de Spengler. Este autor defendia que o Ocidente, ao contrário da Civilização Egípcia, não tinha a noção de História. Foi a refutação desta ideia que forneceu o mote às provas de doutoramento de Agostinho, tese esta que neste ensaio se encontra resumida.

## 7. Colaboração em *Seara Nova* (Lisboa)

### 7.1. Polémicas entre 1929 e 1933

Em *Carta aos velhos latinistas*<sup>98</sup>, saída em Outubro de 1928, Agostinho usou um tom irónico e sarcástico para contestar os métodos de ensino da Filologia Clássica então usados. Com o mesmo espírito crítico seguiu-se *A filologia clássica nas universidades*<sup>99</sup>, publicado em Março de 1929, onde o autor continuou a criticar os currículos e o ensino do Latim nas universidades. O texto seguinte na mesma linha crítica, intitulou-o *Os nossos mestres de filologia clássica*<sup>100</sup> e datou-o de Setembro de 1929, tendo como pano de fundo o trabalho que os professores deste ramo do saber levavam a cabo nas universidades, exprimindo uma opinião demolidora ao considerar tal trabalho de fraca qualidade.

Porque a crítica por parte do nosso pensador era dura, o categorizado académico da área posta em causa, José Joaquim Nunes, na altura director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, reagiu publicamente<sup>101</sup> e arrastou Agostinho para uma resposta em *Os nossos mestres*

---

<sup>97</sup> ) Idem, "Sobre algumas páginas de Spengler", em *Diónysus*, n.º 1-2, 4.ª série, 1928, pp. 1-15.

<sup>98</sup> ) Idem, "Carta aos velhos latinistas", em *Seara Nova*, n.º 133, ano 7, Outubro de 1928, pp. 246-247.

<sup>99</sup> ) Idem, "A filologia clássica nas universidades", em *ibidem*, n.º 154, ano 7, Março de 1929, pp. 147-148.

<sup>100</sup> ) Idem, "Os nossos mestres de filologia clássica", em *ibidem*, n.º 180, ano 7, Setembro de 1929, pp. 182-183.

<sup>101</sup> ) Cf. Nunes, José Joaquim, "Os nossos mestres de Filologia Clássica", em *ibidem*, n.º 184, ano 8, Outubro 1929, pp. 246-247. Esta foi a carta que o Doutor José Joaquim Nunes enviou para a revista seareira para se defender dos ataques públicos que Agostinho tinha dirigido à investigação e ao ensino da filologia que entre nós se fazia. O Doutor Joaquim Nunes, estudioso com particular interesse pela poesia portuguesa trovadoresca, tendo já publicado vários volumes sobre o tema, que aliás deixou referidos ao longo da sua missiva, sentiu-se atingido pela crítica generalizada de Agostinho da Silva, pelo que, com a autoridade que o alto cargo que desempenhava lhe conferia, justificou as razões da sua investigação, ao mesmo tempo que desprezava por completo a obra e a pessoa de Agostinho, considerando-o um desconhecido no campo das letras e ignorante quanto ao trabalho dos filólogos portugueses.



*de filologia clássica - resposta ao Exmo Senhor Doutor José Joaquim Nunes*<sup>102</sup>, carta em que Agostinho continuou, perante os argumentos do seu interlocutor, a pôr em causa os métodos de ensino praticados, porque lhe pareciam ineficazes e nem sequer se preocupavam em ter em conta as inovações pedagógicas que, nesta área, estavam a ser postas em prática em todos os países culturalmente mais evoluídos.

O problema, para Agostinho, não era só didáctico, mas também cultural, como teve ocasião de aduzir, em jeito de fundamento da sua crítica, em alguns dos textos que a seguir publicou. Em *No jubileu da Academia*<sup>103</sup>, dado à estampa em Dezembro 1929, teceu sérias críticas ao significado desta instituição e daqueles que ela acolhia. Agostinho pensava que uma sociedade não era bem servida por quem, do cimo da sua cátedra, se limitava a reproduzir o saber feito sem ter em conta as inovações que iam surgindo no sentido de tornar mais atraente e acessível um saber que, por tradição, estava apenas ao dispor de uma pequena minoria.

Continuando, o autor portuense não hesitou em pronunciar-se contra os defensores de figuras cimeiras da cultura portuguesa como os Padres António Vieira e Manuel Bernardes, tendo para tanto, em *Da imitação da França*<sup>104</sup>, artigo de Janeiro de 1930, defendido a cultura francesa e aquele que considerava ser o seu expoente máximo, Voltaire. Em *Carta aos Patriotas sobre patriotismo*<sup>105</sup>, de Setembro de 1930, continuou a opor-se à celebração dos feitos passados, defendendo o patriotismo que se estabeleceu espiritualmente no caminho da Europa civilizada. No texto *Actividade política dos intelectuais Portugueses*<sup>106</sup>, de Maio de 1931, reforçou a ideia de que a inércia do nosso povo tinha de ser combatida com o empenho de todos num sentido de abertura e cosmopolitismo. Em *O mar na literatura portuguesa*<sup>107</sup>, de Junho de 1931, Agostinho continuou a criticar a má literatura que se fazia em Portugal, alargando este discurso crítico ao mau serviço que os académicos prestavam à cultura portuguesa em *Discurso académico*<sup>108</sup>, de Fevereiro de 1932, assinado pelo seu heterónimo D. José Pomadinha. Esta

---

<sup>102</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, “Os nossos mestres de filologia clássica - resposta ao Exmo Senhor Doutor José Joaquim Nunes”, em *Seara Nova*, n.º 185, ano 8, Outubro de 1929, pp. 264-267.

<sup>103</sup> ) Idem, “No jubileu da Academia”, em *ibidem*, n.º 192, ano 8, Dezembro de 1929, pp. 379-381.

<sup>104</sup> ) Idem, “Da imitação da França”, em *ibidem*, n.º 197, ano 9, Janeiro de 1930, pp. 70-73.

<sup>105</sup> ) Idem, “Carta aos Patriotas sobre patriotismo”, em *ibidem*, n.º 221, ano 9, Setembro de 1930, pp. 71-72.

<sup>106</sup> ) Idem, “Actividade política dos intelectuais Portugueses”, em *ibidem*, n.º 248, ano 9, Maio de 1931, pp. 117-119.

<sup>107</sup> ) Idem, “O mar na literatura portuguesa”, em *ibidem*, n.º 250, ano 9, Junho de 1931, pp. 152-155.

<sup>108</sup> ) Idem, “Discurso académico”, em *ibidem*, n.º 287, ano 11, Fevereiro de 1932, pp. 364-366. D. José Pomadinha, da Academia das Ciências e da Associação dos Arqueólogos, é, de facto, um pseudónimo que Agostinho usou, como o dá a entender a informação junta à referida assinatura, de que o texto foi taquigrafado por Agostinho da Silva, para além do conteúdo, do estilo e da oportunidade do texto.

campanha em prol de um ensino renovado da Filologia Clássica que, efectivamente, servisse a cultura portuguesa de então, terminou com *A nobre vida de Paradigma*<sup>109</sup>, de Maio de 1932.

A propósito da nomeação de Júlio Dantas como sócio de mérito da Academia de Ciências de Lisboa, à qual, aliás, já presidia, publicou Agostinho, em Março de 1933, o texto intitulado *Cartas que a Botocudo Sénior, sócio da Academia, escreveu João Cabrinha, professor da Universidade*<sup>110</sup>, assinado por João Cabrinha, professor da universidade e editado por Agostinho da Silva, que é um forte ataque a esta instituição, aos seus representantes e aos seus símbolos.

Como se depreende, toda esta actividade crítica que Agostinho exercia publicamente num órgão cultural com alguma importância na época e numa altura em que, já doutorado, costumava ser bolseiro das instituições oficiais que directa e indirectamente também criticava, não poderia passar imune a uma reacção mais enérgica. Daí não ser de estranhar a polémica com o professor da Universidade de Lisboa e membro da Academia das Ciências Alfredo Pimenta, que criticou a postura de Agostinho em *Cultura estrangeira, cultura portuguesa*<sup>111</sup>.

A primeira *Carta ao Exmo Senhor dr. Alfredo Pimenta*<sup>112</sup> é datada de Março de 1933. Nela, o nosso autor, no essencial, defendeu-se das acusações de plágio que Alfredo Pimenta lhe atribuiu aquando da publicação do texto sobre o poeta Catulo que tinha constituído a sua tese de licenciatura havia já cinco anos<sup>113</sup>. Na *Segunda carta ao Exmo Senhor Dr. Alfredo Pimenta*<sup>114</sup>, de

---

<sup>109</sup> ) Cf. idem, “A nobre vida de Paradigma”, em *ibidem*, nº 300, ano 11, Maio de 1932, pp. 179-182.

<sup>110</sup> ) Idem, “Cartas que a Botocudo Sénior, sócio da Academia, escreveu João Cabrinha, professor da Universidade”, em *ibidem*, nº334, ano 12, Março de 1933, pp. 341-343. João Cabrinha foi mais um pseudónimo que Agostinho usou para criticar a Academia de Ciências de Lisboa, como o confirma o facto de a assinatura de João Cabrinha ser seguida pela referência de que o texto é edição de Agostinho da Silva, para além, também neste caso, do conteúdo, estilo e oportunidade do texto.

<sup>111</sup> ) S/a [Pimenta, Alfredo], “Cultura estrangeira, cultura portuguesa. *Catulo, Poesias*, texto estabelecido e traduzido por Agostinho da Silva, edição da Imprensa da Universidade de Coimbra”, em *Diário de Notícias*, 25 de Março de 1933 p. 5. Este texto não se encontra assinado, mas o próprio Agostinho atribui a sua autoria a Alfredo Pimenta na “Carta ao Exmo Senhor Dr. Alfredo Pimenta” (*Seara Nova*, nº 336, ano 12, Março de 1933, pp. 379-381). Alfredo Pimenta tenta demonstrar que a edição das poesias de Catulo feita por Agostinho não passa de um plágio da obra de Lafaye: “O que o sr. Agostinho da Silva apresenta como seu é a tradução, *mutatis mutandis*, para se não dizer que é uma tradução literal do livro *Caiulle, Poesies, texte établi et traduit par Georges Lafaye, Professeur à la Faculte des Lettres de l’Université de Paris*, editado pela Sociedade de Edição, *Les Belles Lettres* [...] publicado, a primeira vez, em 1922” (cf. S/a [Pimenta, Alfredo], *Diário de Notícias*, 25 de Março de 1933 p. 5. O Dr. Alfredo Pimenta não resistiu em criticar os procedimentos e a forma da tradução que Agostinho usou, contrapondo-lhe, frequentemente, as suas próprias sugestões de tradução e fixação do texto.

<sup>112</sup> ) Agostinho da Silva, “Carta ao Exmo Senhor Dr. Alfredo Pimenta”, em *Seara Nova*, nº 336, ano 12, Março de 1933, pp. 379-381.

<sup>113</sup> ) A presente carta voltou a ter resposta por parte de Alfredo Pimenta. Cf. S/a [Alfredo Pimenta], “Cultura estrangeira, cultura portuguesa. *Seara Nova*, nº 336 – o verbo retorquir”, em *Diário de Notícias*, 27 de Abril de 1933, p. 6. No essencial, Alfredo Pimenta manteve as críticas que já tinha formulado ao trabalho de Agostinho, esclarecendo melhor a sua apreciação anterior: “Eu nunca disse que o sr. Agostinho da Silva copiara ‘integralmente’, no comentário crítico ou fora dele, o sr. Lafaye [...] o escritor português, como se estivesse a jogar, serviu-se do baralho do sr. Lafaye: baralhou as cartas, e dispô-las onde pôde, doutro modo: o baralho é o mesmo; a posição das cartas às vezes é que varia.”.

Abril de 1933, Agostinho atacou o trabalho académico de Alfredo Pimenta e continuou a rebater, uma a uma, as críticas que lhe tinha feito em relação ao texto do *Catulo*<sup>115</sup>. O nosso autor, em torno deste diferendo, publicou, ainda, *Uma carta*<sup>116</sup>, de Abril de 1933; assinada por Doutor Botocudo Sénior, seguida de *Terceira carta ao Exmo Senhor Dr. Alfredo Pimenta*<sup>117</sup>, de Maio de 1933, em ambas manteve o tom acintoso e pessoalizado em que a polémica vinha a decorrer. O despique acabou quando Agostinho em *Nota breve sobre uma questão já longa*<sup>118</sup>, de Junho de 1933, por iniciativa própria, quis pôr termo à diatribe.

## **7.2. Glossas**

Ainda antes de terminadas as polémicas referidas no ponto anterior, Agostinho tinha iniciado na revista seareira a página das *Glossas*, que, na nossa opinião, são o gérmen daquilo que haveria de ser o desenvolvimento de parte do seu pensamento especulativo, nomeadamente no que à educação diz respeito. São mais de uma dúzia de pequenos mas significativos artigos que terminaram com uma troca de correspondência com Lobo Vilela. Os textos *Polémica*<sup>119</sup> e *Erudição*<sup>120</sup>, apareceram em Setembro de 1932, em dois números diferentes da publicação. No primeiro, Agostinho dissertou sobre vários assuntos: sobre Portugal e o facto de entre nós se considerar sempre a ironia como ordinária; sobre Camilo Castelo Branco, por cuja escrita deixou bem claro que não nutria qualquer apreço; sobre o Presidente da Academia das Ciências de Lisboa da altura, Júlio Dantas, que em tom depreciativo comparou à grande fadista Severa. No segundo texto o nosso autor criticou o intelectual livresco e as universidades, que considerou locais de especialização e não de erudição.

---

<sup>114</sup> ) Agostinho da Silva, “Segunda carta ao Exmo Senhor Dr. Alfredo Pimenta”, em *Seara Nova*, n.º 338, ano 12, Abril de 1933, pp. 24-26.

<sup>115</sup> ) À segunda carta de Agostinho, respondeu, novamente, Alfredo Pimenta no *Diário de Notícias*. Cf. S/a [Alfredo Pimenta], “Cultura estrangeira, cultura portuguesa. *Seara Nova*, n.º 338”, em *Diário de Notícias*, 4 de Maio de 1933, p. 2. Acusando a acintosidade de Agostinho quanto à sua pessoa e ao seu trabalho, o Doutor Pimenta não valorizou o ataque pessoal, nem sequer respondeu à letra, preferindo reiterar as semelhanças entre o trabalho de Agostinho e o de Lafaye e insistir na discussão das questões técnicas que se prendiam com a tradução e a fixação na língua portuguesa das poesias de Catulo.

<sup>116</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, “Uma carta”, em *Seara Nova*, n.º 338, ano 12, Abril de 1933, pp. 26-27 (assinado Doutor Botocudo Sénior).

<sup>117</sup> ) Idem, “Terceira carta ao Exmo Senhor Dr. Alfredo Pimenta”, em *ibidem*, n.º 342, ano 12, Maio de 1933, pp. 83-88.

<sup>118</sup> ) Idem, “Nota breve sobre uma questão já longa”, em *ibidem*, n.º 346, ano 12, Junho de 1933, pp. 149-150.

<sup>119</sup> ) Idem, “Glossas: Polémica”, em *Seara Nova*, n.º 316, ano 11, Setembro de 1932, p. 51.

<sup>120</sup> ) Idem, “Glossas: Erudição”, em *ibidem*, n.º 318, ano 11, Setembro de 1932, pp. 83-84.

Em Outubro do mesmo ano de 1932 publicou a Glossa *Clássico*<sup>121</sup> onde discorreu sobre educação e sobre as suas concepções de classíssimo e de artista.

Em Dezembro de 1932 saíram mais duas Glossas: *Patriotismo*<sup>122</sup> que é um texto sobre Portugal, onde Agostinho defendeu a Pátria portuguesa; *Liberalismo*<sup>123</sup> onde dissertou sobre educação, sobre Portugal e sobre o liberalismo político e económico.

Em Abril de 1933 publicou *Notável*<sup>124</sup>, reflexão de pendor antropológico em que defendeu o igual valor de todos os homens.

Em *Revolução*<sup>125</sup>, de Junho de 1933, criticou os excessos revolucionários, antes fazendo a apologia da revolução contínua que, em seu entender, era a democracia.

Já em Abril de 1934 publicou *Milton*<sup>126</sup>, texto em que equacionou algumas das suas preocupações futuras, como a de ser poeta, tantas vezes repetida na fase final da sua vida; texto, também, em que ressurge a cerrada crítica que sempre fez à especialização. Ainda em Abril, publicou *Cristianismo*<sup>127</sup>, escrito que serviu para reflectir sobre a responsabilidade individual, para defender a superioridade do espírito e para fundamentar o valor absoluto da Verdade.

Em Maio foi publicada *Vontade*<sup>128</sup>, onde Agostinho, entre outras coisas, falou de pedagogia, de professores e da necessidade de ter perfil adequado para poder desempenhar este mister.

Já no mês de Junho, em *Péricles*<sup>129</sup>, o nosso autor tratou, no campo da ética, a questão do comprometimento pessoal e do empenho de cada um na conquista da liberdade e da verdade. Em *Idea*<sup>130</sup>, texto que se seguiu ao anterior, retomou a reflexão sobre questões pedagógicas, nomeadamente, sobre qual o papel que deveria ser atribuído ao mestre. Neste escrito ainda criticou o estoicismo e defendeu o epicurismo de Lucrecio, voltando a referir os malefícios da especialização.

Em Julho saiu *Discípulos*<sup>131</sup>, texto do domínio da ética no qual o nosso autor apelou à harmonia e à conciliação entre os homens. No número seguinte, em *Revolta*<sup>132</sup>, Agostinho

---

<sup>121</sup> ) Cf. idem, “Glossas: Clássico”, em *ibidem*, n.º 321, ano 11, Outubro de 1932, pp. 138-139.

<sup>122</sup> ) Idem, “Glossas: Patriotismo”, em *ibidem*, n.º 325, ano 11, Dezembro de 1932, pp. 198-199.

<sup>123</sup> ) Idem, “Glossas: Liberalismo”, em *ibidem*, n.º 326, ano 11, Dezembro de 1932, pp. 215-216.

<sup>124</sup> ) Idem, “Glossas: Notável”, em *ibidem*, n.º 337, ano 12, Abril de 1933, p. 10.

<sup>125</sup> ) Idem, “Glossas: Revolução”, em *ibidem*, n.º 346, ano 12, Junho de 1933, pp. 155-156.

<sup>126</sup> ) Idem, “Glossas: Milton”, em *ibidem*, n.º 384, ano 13, Abril de 1934, pp. 374-375.

<sup>127</sup> ) Idem, “Glossas: Cristianismo”, em *ibidem*, n.º 385, ano 13, Abril de 1934, pp. 7-8.

<sup>128</sup> ) Idem, “Glossas: Vontade”, em *ibidem*, n.º 389, ano 13, Maio de 1934, pp. 74-75.

<sup>129</sup> ) Cf. idem, “Glossas: Péricles”, em *ibidem*, n.º 392, ano 13, Junho de 1934, pp. 122-124.

<sup>130</sup> ) Idem, “Glossas: Idea”, em *ibidem*, n.º 393, ano 13, Junho de 1934, pp. 131-132.

<sup>131</sup> ) Idem, “Glossas: Discípulos”, em *ibidem*, n.º 396, ano 13, Julho de 1934, pp. 180-182.

<sup>132</sup> ) Idem, “Glossas: Revolta”, em *ibidem*, n.º 397, ano 13, Julho de 1934, pp. 201-203.

redigiu uma interessante reflexão sobre a revolta que a escola deixou em todos os que a frequentaram, quer tenham tido sucesso, quer a tenham abandonado sem qualquer sucesso.

A glosa *Revolta* levou a que um colaborador da *Seara* se insurgisse contra a defesa que Agostinho agora fazia das escolas e o conseqüente esclarecimento do nosso autor em *Dois cartas a propósito de uma "glosa"*<sup>133</sup>, de Agosto de 1934. A primeira é a carta de Lobo Vilela, o referido colaborador da *Seara Nova* que se indignou por pensar estar Agostinho a defender a Universidade. A segunda, de Agostinho, serviu para o nosso autor tranquilizar o seu crítico ao referir que o ensino por si visado na respectiva glosa é o de grau inferior, deixando bem claro que não considerava a universidade uma escola. Como lhe parecesse que Lobo Vilela reagia como membro do grupo da Renovação Democrática, que vinha atacando a Universidade, Agostinho, em *Ainda a propósito de uma glosa*<sup>134</sup>, texto impresso em Agosto de 1934, mostrou consideração sobre este movimento que tinha o seu ex-colega de faculdade Álvaro Ribeiro como um dos principais doutrinadores, deixando bem expresso que os seus membros e o seu combate às universidades, nunca por ele tinham sido visados ao longo do referido artigo.

### **7.3. Considerações**

Foram mais de quarenta, os pequenos textos agrupados, na *Seara Nova*, sob o título *Considerações*, alguns assinados por Marcos, à altura outro pseudónimo de Agostinho da Silva. Estes escritos privilegiaram a reflexão do intelectual portuense nos campos da antropologia, da ética e da estética.

Os primeiros vieram a lume em Abril de 1935. Nesta data, com efeito, sob o título geral *Considerações*, Agostinho publicou quatro textos: *Aforismo*<sup>135</sup>, onde se pronunciou sobre os aforismos e a sua validade; *Discurso da serpente*<sup>136</sup>, que serviu ao nosso autor para reflectir as relações homem/Deus; *Temísteo*<sup>137</sup>, no qual se pronunciou sobre a liberdade e o determinismo; *Justificação*<sup>138</sup>, em que Agostinho especulou sobre o futuro que desejava para o mundo através do exemplo de Vasco da Gama.

---

<sup>133</sup> ) Idem, "Dois cartas a propósito de uma 'glosa'", em *ibidem*, nº 400, ano 13, Agosto de 1934, pp. 248-249 (a primeira carta é de Lobo Vilela e a segunda de Agostinho da Silva).

<sup>134</sup> ) Agostinho da Silva, "Ainda a propósito de uma glosa", em *ibidem*, nº 402, ano 13, Agosto de 1934, p. 283.

<sup>135</sup> ) Idem, "Considerações: Aforismo", em *Seara Nova*, nº 433, ano 14, Abril de 1935, p. 4.

<sup>136</sup> ) Idem, "Considerações: Discurso da serpente", em *ibidem*, pp. 4-5.

<sup>137</sup> ) Idem, "Considerações: Temísteo", em *ibidem*, p. 5.

<sup>138</sup> ) Cf. idem, "Considerações: Justificação", em *ibidem*, pp. 5-6 (assinado Marcos).

Em Maio de 1935 apareceram mais quatro *Considerações: Dinheiro de César*<sup>39</sup>, em cujas linhas o nosso autor criticou o cristianismo instituído e defendeu o cristianismo primitivo; *Democracia e poder*<sup>40</sup>, que utilizou para defender a monarquia de direito divino e apontar os limites da democracia; *Nota a um artigo*<sup>41</sup>, onde criticou as ideias filosóficas de Ortega y Gasset, elogiando-lhe, contudo, o que fez de bom no sentido de aumentar a cultura do seu povo; *Construção*<sup>42</sup>, consideração na qual discorreu sobre o intelectual e a sua função, defendendo que aos intelectuais competia promover a crítica e a divergência e não a adulação e concordância.

No mês de Junho de 1935 aparecem, inseridas na *Seara*, mais considerações de Agostinho. Em *Cristianismo anistórico*<sup>43</sup> criticou a visão historicista do cristianismo deixada por Celso, defendendo, contudo, os valores cristãos; *Disciplina científica*<sup>44</sup> foi um escrito que serviu para Agostinho defender a filosofia clássica e a ciência como vias que levam ao aperfeiçoamento; *In negotium*<sup>45</sup> foi um texto em que Agostinho fundamentou o ócio como estruturador do futuro, por entender que ele, o ócio, era criador.

No número seguinte o autor portuense inseriu mais quatro *Considerações: Nota de leitura*<sup>46</sup>, onde se pronunciou sobre Ramalho Ortigão, a quem, embora não o tenha considerado grande escritor, elogiou o facto de ter levado energia ao grupo dos Vencidos da Vida; *Do jornalismo*<sup>47</sup> permitiu-lhe defender que os jornalistas não fossem formados de raiz, por entender que ao jornalismo deveriam ter acesso todos os que o desejassem e mostrassem qualidades para um bom desempenho nesta área, independentemente das suas proveniências escolares; *Bilhete a Alcestes*<sup>48</sup> foi um texto em que fez a defesa do sentido heróico da vida; *Flaubert, Goethe e matemática*<sup>49</sup> texto escrito a propósito do desencanto destes dois marcos da cultura e ciência ocidentais, de quem nos disse que se desgostavam pela instabilidade revelada pelas coisas da Natureza, tendo também o intelectual portuense aproveitado para, em concordância com o racionalismo crítico, postular que era pela matemática que os factos da Natureza se tornavam

---

<sup>39</sup> ) Idem, “Considerações: Dinheiro de César”, em *ibidem*, n.º 437, ano 14, Maio de 1935, p. 67.

<sup>40</sup> ) Idem, “Considerações: Democracia e poder”, em *ibidem*, pp. 67-68.

<sup>41</sup> ) Idem, “Considerações: Nota a um artigo”, em *ibidem*, pp. 68-69.

<sup>42</sup> ) Idem, “Considerações: Construção”, em *ibidem*, pp. 69-70 (assinado Marcos).

<sup>43</sup> ) Idem, “Considerações: Cristianismo anistórico”, em *ibidem*, n.º 439, ano 14, Junho de 1935, pp. 107-108.

<sup>44</sup> ) Idem, “Considerações: Disciplina científica”, em *ibidem*, p. 108.

<sup>45</sup> ) Idem, “Considerações: In negotium”, em *ibidem*, pp. 108-109.

<sup>46</sup> ) Idem, “Considerações: Nota de leitura”, em *ibidem*, n.º 440, ano 14, Junho de 1935, p. 116.

<sup>47</sup> ) Idem, “Considerações: Do jornalismo”, em *ibidem*, pp. 116-117.

<sup>48</sup> ) Cf. idem, “Considerações: Bilhete a Alcestes”, em *ibidem*, pp. 117-118.

<sup>49</sup> ) Idem, “Considerações: Flaubert, Goethe e matemática”, em *ibidem*, p. 118.

compreensíveis. Ainda em Junho apareceu *Da história*<sup>150</sup>, onde Agostinho dissertou sobre a questão de se saber se o objecto de estudo da história deveria ser o presente, ou se deveria ser o passado.

No mês de Julho de 1935 a revista *Seara Nova* acolheu, da autoria de Agostinho, os três primeiros escólios a Demóstenes: *Primeiro escólio a Demóstenes*<sup>151</sup>, em que partindo da figura deste retórico educado por Platão, o nosso pensador enunciou os princípios de formação para o homem sábio, para o mestre e para o professor; *Segundo escólio a Demóstenes*<sup>152</sup> serviu ao nosso autor para explicitar que, antes de procurar os defeitos exteriores é necessário percorrer o caminho do auto-aperfeiçoamento; *Terceiro escólio a Demóstenes*<sup>153</sup>, em que Agostinho evidenciou que o equilíbrio sócio-político é o resultado de um jogo de lutas e concessões.

O número seguinte da *Seara Nova* recebeu mais dois escólios a Demóstenes. No *Quarto escólio a Demóstenes*<sup>154</sup>, Agostinho propugnou sobre a importância da participação de cada homem na vida da sua comunidade, tendo mesmo proposto que o alheamento individual da vida comunitária fosse castigado; em *Quinto escólio a Demóstenes*<sup>155</sup>, ainda a propósito da reflexão anterior, o nosso autor criticou o intelectualismo, defendendo que só se construiria a Idade do Ouro quando este fosse um compromisso de toda a comunidade e não acto de um qualquer individuo isolado

Em Agosto de 1935 imprimiram-se três considerações: *Sobre o latim científico*<sup>156</sup>, que serviu a Agostinho para apresentar teorias sobre o aparecimento das línguas-mãe, não deixando de sublinhar que esta questão de especialistas nada dizia ao povo; em *Retórica da acção*<sup>157</sup>, o nosso autor propôs que a Acção substituisse a Teoria, por considerar que o fazer valia mais que o pensar; *Da vida filosófica*<sup>158</sup> foi um texto em que Agostinho enaltecendo o carácter e a personalidade dos filósofos que souberam distanciar-se do que é imediato e confuso para se elevarem à rectidão, ao amor e à justiça, condenou os sofistas e defendeu a criação de escolas filosóficas para regerem o conjunto da existência.

---

<sup>150</sup> ) Idem, “Considerações: Da história”, em *ibidem*, n° 441, ano 14, Junho de 1935, p. 135.

<sup>151</sup> ) Idem, “Considerações: Primeiro escólio a Demóstenes”, em *ibidem*, n° 443, ano 14, Julho de 1935, p. 171.

<sup>152</sup> ) Idem, “Considerações: Segundo escólio a Demóstenes”, em *ibidem*, pp. 171-172.

<sup>153</sup> ) Idem, “Considerações: Terceiro escólio a Demóstenes”, em *ibidem*, pp. 172-173.

<sup>154</sup> ) Idem, “Considerações: Quarto escólio a Demóstenes”, em *ibidem*, n° 444, ano 14, Julho de 1935, pp. 188-189.

<sup>155</sup> ) Idem, “Considerações: Quinto escólio a Demóstenes”, em *ibidem*, p. 189.

<sup>156</sup> ) Idem, “Considerações: Sobre o latim científico”, em *ibidem*, n° 446, ano 14, Agosto de 1935, p. 221.

<sup>157</sup> ) Cf. idem, “Considerações: Retórica da acção”, em *ibidem*, pp. 221-222.

<sup>158</sup> ) Idem, “Considerações: Da vida filosófica”, em *ibidem*, pp. 222-223.

Ainda em Agosto, nos três números da *Seara Nova* adiante: *Primeira oriental*<sup>159</sup> serviu para Agostinho se pronunciar sobre a ocidentalização do Japão e a sua capacidade de trabalho, elogiando aos japoneses a sua disciplina ao mesmo tempo que os criticava por terem copiado todos os vícios do ocidente; em *Oposições*<sup>160</sup>, constatou a luta diária entre o eu e o não eu, entre a sociedade e a vida individual, oposição esta que em seu entender esteve sempre presente na História da Humanidade. Para que o futuro fosse possível, neste pequeno escrito Agostinho anteviu a necessidade de uma coabitação entre a tradição e o progresso.

Em Outubro, no n.º 454, foram publicadas quatro considerações: *Sócrates*<sup>161</sup>, em que teceu algumas considerações sobre o mistério e as contradições a que esta personalidade costuma ser associada; *Da vida involuntária*<sup>162</sup>, escrito em que versou sobre o enfado da existência e a necessidade de viver cada dia de forma renovada, na alegria, no amor e na liberdade, para assim se poder fazer da vida um poema; *Primeiro salmo de penitência*<sup>163</sup>, texto sobre a complexa relação Homem/Deus, em que Agostinho reflectiu sobre os limites existenciais da condição humana; *Sobre a morte*<sup>164</sup> foi uma reflexão sobre a vanidade da vida e a necessidade de reconhecer a transitoriedade da existência.

Ainda em Outubro de 1935, mas no n.º 455, foram impressos *Da chamada filosofia*<sup>165</sup>, em que Agostinho criticou o facto de o leitor português chegar à Filosofia não por contacto directo com a leitura dos autores, mas sim através de comentários e comentadores, e *Aspecto interior do sacrificio*<sup>166</sup>, texto em que defendeu o sacrificio como uma importante componente existencial que, como tal, deveria estar presente na caminhada terrena de cada ser humano.

No ano de 1936 apareceram mais considerações: *De Malkiel a Job*<sup>167</sup>, discurso a Job no qual Agostinho meditou sobre a relação Homem/Deus e a bondade divina; *De Elimelech a Job*<sup>168</sup>, *De Matatias a Job*<sup>169</sup>, *De Joroboá a Job*<sup>170</sup> eram a continuação desta reflexão.

O número seguinte da revista seareira continha mais quatro textos de Agostinho: *Eleição de Apolónio*<sup>171</sup>, onde falou da necessidade de conciliar os contrários, reflectindo,

---

<sup>159</sup> ) Idem, “Considerações: Primeira oriental”, em *Seara Nova*, n.º 449, ano 14, Agosto de 1935, p. 239.

<sup>160</sup> ) Idem, “Considerações: Oposições”, em *ibidem*, pp. 239-240.

<sup>161</sup> ) Idem, “Considerações: Sócrates”, em *ibidem*, n.º 454, ano 14, Outubro de 1935, p. 347.

<sup>162</sup> ) Idem, “Considerações: Da vida involuntária”, em *ibidem*, pp. 347-348.

<sup>163</sup> ) Idem, “Considerações: Primeiro salmo de penitência”, em *ibidem*, p. 348.

<sup>164</sup> ) Idem, “Considerações: Sobre a morte”, em *ibidem*, pp. 348-349.

<sup>165</sup> ) Cf. idem, “Considerações: Da chamada filosofia”, em *ibidem*, n.º 455, ano 14, Outubro de 1935, pp. 364-365.

<sup>166</sup> ) Idem, “Considerações: Aspecto interior do sacrificio”, em *ibidem*, p. 365.

<sup>167</sup> ) Idem, “Considerações: De Malkiel a Job”, em *ibidem*, n.º 466, ano 15, Fevereiro de 1936, p. 150.

<sup>168</sup> ) Idem, “Considerações: De Elimelech a Job”, em *ibidem*, p. 151.

<sup>169</sup> ) Idem, “Considerações: De Matatias a Job”, em *ibidem*, pp. 151-152.

<sup>170</sup> ) Idem, “Considerações: De Joroboá a Job”, em *ibidem*, p. 152.



escatologicamente, sobre o tempo final em que Deus será tudo em todos; *Cireneus*<sup>172</sup> serviu para Agostinho abordar o dever de se não fugir às polémicas que forem consequências da nossa acção, exemplificando com Jesus, que caiu em nome de um ideal e ficou só, sem o imediato apoio dos discípulos; *Alicerce*<sup>173</sup>, onde o nosso autor se pronunciou em defesa da imprescindibilidade do passado à vida dos homens, por nele residir o alicerce do presente e do futuro, pelo que, educar sem a cultura anterior seria impedir os jovens de alcançarem conhecimentos mais vastos; em *1383*<sup>174</sup>, Agostinho da Silva considerou Fernão Lopes um escritor inteligente e discutiu o significado das interpretações idealista e materialista deste episódio histórico (a crise de 1383-85) para o futuro de Portugal, propondo uma complementaridade de ambas as interpretações.

Em Janeiro de 1937 apareceu um texto dedicado a questões pedagógicas; *Projecto dum mestre*<sup>175</sup>, no qual Agostinho traçou o perfil do professor que desejava ver formado.

A pedagogia foi também o tema da consideração de Fevereiro de 1937. Falamos de *Sanderson of Oundle*<sup>176</sup>, onde o nosso autor expôs algumas ideias sobre a pedagogia escolar assente nos pressupostos da Escola Nova e da formação de um professor diferente para uma escola que não se separasse do mundo e ajudasse cada qual a ser aquilo que desejava. Esta temática terminou-a em Abril de 1937 com o texto *Resumo*<sup>177</sup>.

#### **7.4. Diário de Alcestes**

A seguinte secção assinada por Agostinho na *Seara Nova* teve o título de *Diário de Alcestes* e contou com mais de duas dezenas de textos publicados entre Junho e Agosto de 1936.

No ano de 1936 e no mês de Junho apareceram, então, os primeiros quatro textos do diário de Alcestes: *Depois de "Um dia e outro dia"*<sup>178</sup>, recensão a um livro autobiográfico de João Falco sobre o qual Agostinho não mostrou grande simpatia; *Da origem*<sup>179</sup>, um pequeno

---

<sup>171</sup> ) Idem, "Considerações: Eleição de Apolónio", em *ibidem*, n° 467, ano 16, Fevereiro de 1936, pp. 165-166.

<sup>172</sup> ) Idem, "Considerações: Cireneus", em *ibidem*, pp. 166-167.

<sup>173</sup> ) Idem, "Considerações: Alicerce", em *ibidem*, p. 167.

<sup>174</sup> ) Idem, "Considerações: 1383", em *ibidem*, p. 168.

<sup>175</sup> ) Idem, "Considerações: Projecto dum mestre", em *ibidem*, n° 495, ano 16, Janeiro de 1937, p. 235.

<sup>176</sup> ) Cf. idem, "Considerações: Sanderson of Oundle", em *ibidem*, n° 496, ano 16, Fevereiro de 1937, p. 249.

<sup>177</sup> ) Idem, "Considerações: Resumo", em *ibidem*, n° 500-3, ano 17, Abril de 1937, p. 317.

<sup>178</sup> ) Idem, "Diário de Alcestes: Depois de 'Um dia e outro dia'", em *ibidem*, n° 476, ano 16, Junho de 1936, pp. 317-318.

<sup>179</sup> ) Idem, "Diário de Alcestes: Da origem", em *ibidem*, p. 318.

apontamento sobre a democracia e seus vícios; *Distinção*<sup>180</sup>, escrito dedicado à reflexão das relações indivíduo/sociedade; *Em defesa do outro*<sup>181</sup>, página na qual Agostinho teorizou sobre a democracia, apresentando o pluralismo de ideias como única forma de alcançar a unidade entre os homens.

No número seguinte do mesmo mês, publicou *Sacrifício*<sup>182</sup>, escrito no qual defendeu que o caminho da perfeição teria de ser conseguido pela razão; publicou, também, *Intemporalidade*<sup>183</sup>, que lhe serviu para se manifestar contra as revoluções tal como aconteceram e defender a revolução utópica, que nunca aconteceu, por só essa se lhe apresentar como sendo capaz de melhorar toda a Humanidade; publicou, ainda, *Da frialdade científica*<sup>184</sup>, em que considerou que a frieza científica inverterá o seu rumo futuro, para cada vez mais a melhor ciência se aproximar da poesia; publicou, enfim, *Lealdade*<sup>185</sup>, um texto sobre a alteridade e a responsabilidade que cada homem tem perante outro homem.

Ainda em Junho apareceram mais cinco escritos: *Conselhos*<sup>186</sup>, sobre o papel da crítica na Arte, defendendo Agostinho que a crítica não criava a realidade mas criava o criador; *Sobre o êxtase*<sup>187</sup>, onde o nosso autor considerou ser mais importante, na mística, o caminho percorrido até ao estado extático do que a consumação deste estado, isto porque, em seu entender, era no caminho percorrido que se revelava o amor; *Tolerância*<sup>188</sup>, uma crítica à aceção corrente de tolerar como suportar, defendendo que, nesta óptica, a tolerância é um sentimento mesquinho; *Intransigência*<sup>189</sup>, em que o nosso autor alerta para que se não seja, sempre e em qualquer circunstância, intransigente, dado que cada situação merece um tratamento diferenciado; *Justiça*<sup>190</sup>, que lhe deu a oportunidade de ressaltar que apenas a justiça divina é igualitária e capaz de elevar o Homem à verdadeira Humanidade.

No número seguinte do mesmo mês surgiram mais três contributos para o diário de Alcestes: *O terceiro caminho*<sup>191</sup>, onde Agostinho defendeu o direito à liberdade de pensamento e

---

<sup>180</sup> ) Idem, “Diário de Alcestes: Distinção”, em *ibidem*, pp. 318-319.

<sup>181</sup> ) Idem, “Diário de Alcestes: Em defesa do outro”, em *ibidem*, p. 319.

<sup>182</sup> ) Idem, “Diário de Alcestes: Sacrifício”, em *ibidem*, n° 477, ano 16, Junho de 1936, p. 323.

<sup>183</sup> ) Idem, “Diário de Alcestes: Intemporalidade”, em *ibidem*, p. 323.

<sup>184</sup> ) Idem, “Diário de Alcestes: Da frialdade científica”, em *ibidem*, p. 323-324.

<sup>185</sup> ) Idem, “Diário de Alcestes: Lealdade”, em *ibidem*, p. 324.

<sup>186</sup> ) Idem, “Diário de Alcestes: Conselhos”, em *ibidem*, n° 478, ano 16, Junho de 1936, p. 347.

<sup>187</sup> ) Idem, “Diário de Alcestes: Sobre o êxtase”, em *ibidem*, p. 347-348.

<sup>188</sup> ) Idem, “Diário de Alcestes: Tolerância”, em *ibidem*, p. 348.

<sup>189</sup> ) Idem, “Diário de Alcestes: Intransigência”, em *ibidem*, p. 348-349.

<sup>190</sup> ) Idem, “Diário de Alcestes: Justiça”, em *ibidem*, p. 349.

<sup>191</sup> ) Idem, “Diário de Alcestes: O terceiro caminho”, em *ibidem*, n° 479, ano 16, Junho de 1936, p. 363.

à procura da dignidade humana; *Persistência*<sup>192</sup>, onde, claramente, contrariou o que anteriormente tinha escrito em *Conselhos* ao mostrar, agora, desprezo pelo papel do crítico; *Eça*<sup>193</sup>, trecho que contém a posição do nosso autor sobre a obra de Eça, posição que, não sendo muito negativa, está longe de ser entusiasmante.

No mês seguinte, o de Julho, apareceram outros títulos: em *Ciência*<sup>194</sup> Agostinho evidenciou platonicamente que a ciência, ao investigar os fenómenos, buscava ou indagava o futuro e se preparava para desvelar as Ideias de que só conhece as formas; *Catolicismo*<sup>195</sup> serviu para Agostinho criticar a atitude dos estados que promoveram e mantêm a divisão entre os cristãos, assim submetendo a um mesquinho interesse o ideal universalista que Cristo veio pregar.

Em Agosto do mesmo ano as páginas da *Seara Nova* viram os últimos textos do Diário de Alceste: em *"Camões e sôbolos rios"*<sup>196</sup> Agostinho teceu elogios ao trabalho do seu amigo Salgado Júnior, ao mesmo tempo que criticou as Faculdades de Letras por excluírem os melhores intelectuais dos seus quadros e terem ao seu serviço professores de medíocre qualidade; *Desistência*<sup>197</sup> foi um texto em que o intelectual portuense fez a apologia da persistência no trabalho intelectual, bem como da capacidade de resistir à crítica, por estar convicto de que só o futuro poderia julgar o trabalho presente; *Virtude*<sup>198</sup>, realçou a necessidade de a virtude ser testada pela rebeldia e pela irreverência dos tempos de juventude de cada homem em particular; em *Amor do povo*<sup>199</sup> o nosso autor afirmou o seu amor incondicional ao povo, por nele ver um conjunto de problemas que solicitam a inteligência e a vontade daqueles que com ele se preocupam, criticando quer os que o amam por questões estéticas, quer os que o dizem amar porque precisam dele para ascender a uma melhor posição social.

## **7.5. Diário**

O *Diário de Alceste* teve a sua continuação no título *Diário* que englobou quase duas dezenas de textos, publicados entre Maio e Julho de 1937.

---

<sup>192</sup> ) Cf. idem, "Diário de Alceste: Persistência", em *ibidem*, p. 363.

<sup>193</sup> ) Idem, "Diário de Alceste: Eça", em *ibidem*, p. 364.

<sup>194</sup> ) Idem, "Diário de Alceste: Ciência", em *ibidem*, nº 480, ano 16, Julho de 1936, pp. 379-380.

<sup>195</sup> ) Idem, "Diário de Alceste: Catolicismo", em *ibidem*, p. 380.

<sup>196</sup> ) Idem, "Diário de Alceste: 'Camões e sôbolos rios'", em *ibidem*, nº 481, ano 16, Agosto de 1936, pp. 11-12.

<sup>197</sup> ) Idem, "Diário de Alceste: Desistência", em *ibidem*, p. 12.

<sup>198</sup> ) Idem, "Diário de Alceste: Virtude", em *ibidem*, nº 482, ano 16, Agosto de 1936, pp. 30-31.

<sup>199</sup> ) Idem, "Diário de Alceste: Amor do povo", em *ibidem*, p. 31.

Em Maio saíram os textos *Valor da oposição*<sup>200</sup>, onde, a propósito de Antero de Quental e de Oliveira Martins, Agostinho dissertou sobre a importância do meio na educação e *Da emulação*<sup>201</sup>, pequeno texto no qual o nosso autor contrapôs a Escola do egoísmo ou da competição, à Escola da solidariedade ou cooperação, deixando bem clara a sua opção pela segunda.

No mesmo mês foram ainda impressos *Do professor e da cultura*<sup>202</sup>, que serviu a Agostinho para se pronunciar sobre as qualidades, a formação e os saberes que achava necessários a um professor e *Em louvor do contrário*<sup>203</sup>, onde reforçou a sua ideia de que o dia a dia deve ser vivido como novidade e com a persistência de quem busca um futuro melhor.

No mês de Junho saíram três textos: *1*<sup>204</sup>, em que o nosso autor se pronunciou acerca da questão do clericalismo e do anti-clericalismo, sublinhando ser um erro defender só uma das partes; *2*<sup>205</sup>, que serviu para o intelectual português defender a Igreja por se empenhar na fraternidade humana, apesar de no seu interior, detectar muitos defeitos; *3*<sup>206</sup> escrito sobre a relação entre justiça e amor, dizendo-nos ser dever do intelectual servir a justiça ajudando os mais desprotegidos.

Ainda em Junho, o número seguinte continuou a publicação do Diário: *1*<sup>207</sup> serviu a Agostinho para tecer considerações sobre Deus e a perfeição para que tende ou deve tender todo o esforço humano; *2*<sup>208</sup> possibilitou-lhe apelar para a procura da serenidade e protestar contra a sua confusão com a monotonia em que a quase totalidade dos seres se encontra mergulhado; em *3*<sup>209</sup> deixou referido que o conhecimento pleno de Deus esvaziaria o significado da vida, por lhe parecer que o ritmo da existência devia ser marcado por um constante esforço de auto-aperfeiçoamento; *4*<sup>210</sup>, texto no qual o nosso autor embora defendesse que, em raros momentos, as tiranias tiveram a sua razão de ser, quis deixar bem vincado que a sua não existência, a das tiranias, é uma prova do progresso humano; *5*<sup>211</sup> serviu para Agostinho se mostrar contra a cisão da vivência humana.

---

<sup>200</sup> ) Idem, "Diário: Valor da oposição", em *ibidem*, nº 508, ano 17, Maio de 1937, p. 70.

<sup>201</sup> ) Idem, "Diário: Da emulação", em *ibidem*.

<sup>202</sup> ) Idem, "Diário: Do professor e da cultura", em *ibidem*, nº 511, ano 17, Maio de 1937, p. 128.

<sup>203</sup> ) Idem, "Diário: Em louvor do contrário", em *ibidem*.

<sup>204</sup> ) Cf. idem, "Diário: 1", em *ibidem*, nº 512, ano 17, Junho de 1937, p. 152.

<sup>205</sup> ) Idem, "Diário: 2", em *ibidem*.

<sup>206</sup> ) Idem, "Diário: 3", em *ibidem*, pp. 152-153.

<sup>207</sup> ) Idem, "Diário: 1", em *ibidem*, nº 513, ano 17, Junho de 1937, p. 168.

<sup>208</sup> ) Idem, "Diário: 2", em *ibidem*.

<sup>209</sup> ) Idem, "Diário: 3", em *ibidem*, pp. 168-169.

<sup>210</sup> ) Idem, "Diário: 4", em *ibidem*, p. 169.

<sup>211</sup> ) Idem, "Diário: 5", em *ibidem*.

O número seguinte do mês de Junho, contém mais três títulos numerados: *1*<sup>212</sup>, texto onde Agostinho se pronunciou sobre a tolerância; *2*<sup>213</sup>, que serviu ao intelectual portuense para reiterar a ideia evangélica de tudo suportar, não se irritar, ser calmo e paciente, já que tais virtudes é que nos revelam a nossa verdadeira humanidade; *3*<sup>214</sup>, dedicado pelo nosso autor à continuação da reflexão expressa nos dois artigos anteriores.

No mês de Julho saíram mais três textos: *Da indiferença superior*<sup>215</sup>, em que Agostinho, retornando aos deveres do intelectual, referiu que este devia servir o povo minorando a sua miséria, combatendo pela verdade e justiça; *Quanto aos noviços*<sup>216</sup> texto em que defendeu não ser o papel do mestre o de revelar a verdade, pois esta só poderia ser alcançada pelo empenho pessoal do discípulo na sua busca; *Ressurreição*<sup>217</sup> permitiu a Agostinho expor novamente as suas ideias acerca do cristianismo e a sua convicção de que seria necessário um seu, do cristianismo, novo ressurgimento, ressurgimento ao qual, em seu entender, obstava a Igreja enquanto instituição, porque, enquanto tal, traía continuamente o Cristo que dizia servir.

## **7.6. Ensaios**

No espaço da *Seara Nova*, Agostinho também divulgou os *Ensaios* que redigiu enquanto investigador e bolsheiro da Junta de Investigação Nacional. A investigação levada a cabo sobre Montaigne e a novidade da sua pedagogia, depois exposta em monografia completa<sup>218</sup>, tem aqui, em Abril de 1932, uma primeira e sucinta apresentação com o título *Sobre os 'Ensaios' de Montaigne*<sup>219</sup>, que corresponde às páginas 60 a 72 da referida monografia.

Na linha ensaística foi impresso o texto agostiniano sobre pedagogia *Ensaio sobre a pedagogia oratoriana*<sup>220</sup>, dado à estampa em Maio de 1932, que continha várias considerações sobre temas como o ensino clássico das universidades, as revoluções pedagógicas, a nova atitude do professor, a nova visão sobre o novo valor da criança, o ensino das línguas maternas e o debate que o seu aparecimento suscitou entre a nova pedagogia dos Oratorianos e a pedagogia tradicional dos Jesuítas.

---

<sup>212</sup> ) Idem, “Diário: 1”, em *ibidem*, nº 514, ano 17, Junho de 1937, p. 191.

<sup>213</sup> ) Idem, “Diário: 2”, em *ibidem*, p. 192.

<sup>214</sup> ) Idem, “Diário: 3”, em *ibidem*.

<sup>215</sup> ) Idem, “Diário: Da indiferença superior”, em *ibidem*, nº 519, ano 17, Julho de 1937, p. 290.

<sup>216</sup> ) Idem, “Diário: Quanto aos noviços”, em *ibidem*.

<sup>217</sup> ) Idem, “Diário: Ressurreição”, em *ibidem*.

<sup>218</sup> ) Cf. idem, *Miguel Eyquem, senhor de Montaigne*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.

<sup>219</sup> ) Idem, “Sobre os 'Ensaios' de Montaigne”, em *Seara Nova*, nº 293, ano 11, Abril de 1932, pp. 67-71.

<sup>220</sup> ) Idem, “Ensaio sobre a pedagogia oratoriana”, em *ibidem*, nº 298, ano 11, Maio de 1932, pp. 149-156.

Impresso em três números diferentes, *Stendhal - tentativa de crítica*<sup>221</sup> serviu para Agostinho dar conta da sua investigação acerca da literatura deste escritor e foi, mais tarde, editado em volume próprio, que incluía um estudo sobre Mérimée<sup>222</sup>.

### **7.7. Biografias**

O projecto agostiniano das *Biografias* foi iniciado nesta revista, onde em números diferentes e em diversos fascículos, entre o final do ano de 1937 e o final do ano de 1938, apareceram as primeiras seis: *A vida de Moisés*<sup>223</sup>, *A vida de Pestalozzi*<sup>224</sup>, *A vida de Francisco de Assis*<sup>225</sup>, *A vida de Lincoln*<sup>226</sup>, *A vida de Pasteur*<sup>227</sup> e *A vida de Zola*<sup>228</sup>.

### **7.8. Página para os filhos dos leitores**

Na *Página Para Os Filhos Dos Leitores*, Agostinho da Silva publicou os primeiros títulos que depois haveriam de iniciar a série dos Cadernos *À Volta do Mundo – textos para a mocidade*. Tratava-se de textos simples, escritos com a intenção didáctica de divulgar à juventude conhecimentos geralmente só acessíveis a especialistas.

---

<sup>221</sup> ) Idem, “Stendhal - tentativa de crítica”, em *ibidem*, n.º 332, ano 12, Março de 1933, pp. 312-317; *ibidem*, n.º 336, ano 12, Março de 1933, pp. 373-377; *ibidem*, n.º 344, ano 12, Maio de 1933, pp. 121-125.

<sup>222</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, *Stendhal, Mérimée*, Famacão, ed. do autor, 1947.

<sup>223</sup> ) Idem, “A vida de Moisés”, em *Seara Nova*, n.º 537, ano 17, Novembro de 1937, pp. 187-190; *ibidem*, n.º 538, ano 17, Dezembro de 1937, pp. 214-217; *ibidem*, n.º 540, ano 17, Dezembro de 1937, pp. 266-270; *ibidem*, n.º 541, ano 17, Dezembro de 1937, pp. 292-296; *ibidem*, n.º 542, ano 18, Janeiro de 1938, pp. 316-320.

<sup>224</sup> ) Idem, “A vida de Pestalozzi”, em *ibidem*, n.º 546, ano 18, Janeiro de 1938, pp. 404-408; *ibidem*, n.º 547, ano 18, Fevereiro de 1938, pp. 14-19; *ibidem*, n.º 548, ano 18, Fevereiro de 1938, pp. 34-39; *ibidem*, n.º 550, ano 18, Fevereiro de 1938, pp. 87-89; *ibidem*, n.º 551, ano 18, Março de 1938, pp. 109-112; *ibidem*, n.º 552, ano 18, Março de 1938, pp. 132-137.

<sup>225</sup> ) Idem, “A vida de Francisco de Assis”, em *ibidem*, n.º 560, ano 18, Março de 1938; *ibidem*, n.º 561, ano 18, Maio de 1938; *ibidem*, n.º 562, ano 18, Maio de 1938; *ibidem*, n.º 563, ano 18, Maio de 1938; *ibidem*, n.º 564, ano 18, Junho de 1938.

<sup>226</sup> ) Idem, “A vida de Lincoln”, em *ibidem*, n.º 566, ano 18, Junho de 1938, pp. 27-32; *ibidem*, n.º 567, ano 18, Junho de 1938, pp. 56-60; *ibidem*, n.º 568, ano 18, Julho de 1938, pp. 80-84; *ibidem*, n.º 570, ano 18, Julho de 1938, pp. 131-135; *ibidem*, n.º 571, ano 18, Julho de 1938, pp. 143-147; *ibidem*, n.º 572, ano 18, Julho de 1938, pp. 181-185.

<sup>227</sup> ) Idem, “A vida de Pasteur”, em *ibidem*, n.º 576, ano 18, Agosto de 1938, pp. 263-266; *ibidem*, n.º 577, ano 18, Setembro de 1938, pp. 290-294; *ibidem*, n.º 578, ano 18, Setembro de 1938, pp. 318-322; *ibidem*, n.º 579, ano 18, Setembro de 1938, pp. 338-342; *ibidem*, n.º 580, ano 18, Setembro de 1938, pp. 364-373; *ibidem*, n.º 581, ano 18, Outubro de 1938, pp. 389-393.

<sup>228</sup> ) Idem, “A vida de Zola”, em *ibidem*, n.º 584, ano 18, Outubro de 1938, pp. 23-28; *ibidem*, n.º 586, ano 18, Novembro de 1938, pp. 76-81; *ibidem*, n.º 587, ano 18, Novembro de 1938, pp. 91-96; *ibidem*, n.º 588, ano 18, Novembro de 1938, pp. 117-122; *ibidem*, n.º 589, ano 18, Novembro de 1938, pp. 139-141; *ibidem*, n.º 590, ano 18, Dezembro de 1938, pp. 165-167; *ibidem*, n.º 591, ano 18, Dezembro de 1938, pp. 178-180; *ibidem*, n.º 594, ano 18, Dezembro de 1938, pp. 246-249.

Impressos na revista *Seara Nova* constam quatro títulos: *A vida dos esquimaus*<sup>229</sup>, de Junho de 1938, onde Agostinho dissertou sobre os usos e os costumes deste povo que vive em perfeito comunitarismo e igualdade económica; *Piccard na estratosfera*<sup>230</sup>, de Setembro de 1938, serviu para o nosso autor discorrer sobre o desejo do professor Piccard de medir os raios cósmicos a grande altitude, que o levou a fabricar um balão especial que, após algumas tentativas menos conseguidas, atingiu altitudes até então impensáveis; *Vida e morte de Sócrates*<sup>231</sup>, de Setembro de 1938, é uma sintética biografia de Agostinho sobre esta incontornável figura da Grécia antiga que tanto veio a marcar o evoluir espiritual e cultural da civilização ocidental; *Os castores*<sup>232</sup>, de Outubro de 1938, é um texto que Agostinho dedicou à forma de vida destes animais que se tornaram uma referência sempre que o assunto era o uso de uma efectiva organização da vida por parte dos animais irracionais.

## 7.9. Traduções

Ainda na revista *Seara Nova* e com o pseudónimo de Marcos, Agostinho da Silva publicou algumas traduções: o *Apólogo*<sup>233</sup>, de Pródico de Céos e alguns textos de Teócrito, a saber: *As siracusanas ou as mulheres na festa de Adónis*<sup>234</sup>, *Os pastores*<sup>235</sup>, *Os trabalhos ou os ceifeiros*<sup>236</sup> e *A paixão de Cinisca*<sup>237</sup>. Tal como o *Apólogo*, de Pródico de Ceos, o conjunto destes textos traduzidos de Teócrito foi editado em livro, ainda no ano de 1936, na editorial da revista seareira e na secção dos Textos Literários<sup>238</sup>.

---

<sup>229</sup> ) Idem, “A vida dos esquimaus”, em *ibidem*, n.º 565, ano 18, Junho de 1938, pp. 14-19.

<sup>230</sup> ) Idem, “Piccard na estratosfera”, em *ibidem*, n.º 579, ano 18, Setembro de 1938, pp. 345-350.

<sup>231</sup> ) Cf. idem, “Vida e morte de Sócrates”, em *ibidem*, n.º 580, ano 18, Setembro de 1938, pp. 369-373.

<sup>232</sup> ) Idem, “Os castores”, em *ibidem*, n.º 582, ano 18, Outubro de 1938, pp. 407-411.

<sup>233</sup> ) Idem, “Apólogo”, em *ibidem*, n.º 344, ano 12, Maio de 1933, pp. 120-121 (posteriormente editado em *Parábola da mulher de Loth, seguida de Policlés e de um Apólogo de Pródico de Céos*, Famalicão, ed. do autor, 1944, pp. 83-89).

<sup>234</sup> ) Idem, “As siracusanas ou as mulheres na festa de Adónis”, em *Seara Nova*, n.º 461, ano 14, Dezembro de 1935, pp. 74-75.

<sup>235</sup> ) Idem, “Os pastores”, em *ibidem*, n.º 464, ano 15, Janeiro de 1936, p. 120.

<sup>236</sup> ) Idem, “Os trabalhos ou os ceifeiros”, em *ibidem*, n.º 465, ano 15, Fevereiro de 1936, pp. 137-138.

<sup>237</sup> ) Idem, “A paixão de Cinisca”, em *ibidem*, pp. 138-139.

<sup>238</sup> ) Cf. Teócrito, *As siracusanas e três idyllios*, trad. Marcos [Agostinho da Silva], Lisboa, Seara Nova, 1936.

## **8. Colaboração em *Revue de philologie, de littérature et d'histoire ancienne* (Paris)**

Em 1930, na *Revue de philologie, de littérature et d'histoire ancienne*, Agostinho publicou *Sur Catulle*<sup>239</sup>, um artigo académico onde abordou a mesma temática da sua tese de licenciatura que se prendia com aspectos filológicos mais controversos da poesia do poeta latino Catulo.

## **9. Colaboração em *Princípio* (Porto)**

A revista portuense *Princípio*, ligada ao movimento da Renascença Portuguesa, publicou em 1930 o texto *Paladinos da linguagem*<sup>240</sup>, onde Agostinho criticou o facto de os mestres da nossa Língua continuarem a resistir ao que de novo, em termos filológicos, nos ia chegando do estrangeiro, recusando-se sistematicamente em introduzir os estrangeirismos que o nosso autor achava necessários para o desenvolvimento da Língua Portuguesa.

## **10. Colaboração em *Labor* (Aveiro)**

Em 1931 inseriu na importante revista pedagógico-liceal da época, *Labor*, sediada em Aveiro, o texto *Uma lição de latim à 7ª classe de letras*<sup>241</sup> que, como o título sugeria, era um plano de lição e a avaliação posterior da tarefa realizada que Agostinho tinha elaborado para leccionar as suas aulas de Latim à referida 7ª classe de letras.

---

<sup>239</sup> ) Agostinho da Silva, “Sur Catulle”, em *Revue de philologie, de littérature et d'histoire ancienne*, 3eme série, tome IV, Librairie C, Juillet 1930, pp. 266-267.

<sup>240</sup> ) Idem, “Paladinos da linguagem”, em *Princípio*, nº 1, Maio de 1930, pp. 5-6.

<sup>241</sup> ) Idem, “Uma lição de latim à 7ª classe de letras”, em *Labor*, nº 31, ano 6, Março de 1931, pp. 168-172.



## **11. Colaboração em *Linha Geral* (Leiria)**

No ano de 1933, no mês de Março, Agostinho publicou no semanário republicano leiriense *Linha Geral*, a *Carta aos patriotas sôbre patriotismo*<sup>242</sup>, que é a reprodução integral do texto com o mesmo nome anteriormente publicado no número 221 da *Seara Nova*<sup>243</sup>.

## **12. Colaboração em *O Académico Figueirense* (Figueira da Foz)**

Em 1935, em *O Académico Figueirense*, o autor portuense inseriu *Consideração sobre o caso João de Deus*<sup>244</sup>, texto em que se pronunciou sobre o método pedagógico sustentado na *Cartilha Maternal* e sobre a poesia de João de Deus. É um texto demolidor, no qual, embora tenha reconhecido grande potencial ao pedagogo e poeta João de Deus, o acusou de se ter deixado adormecer após os ecos favoráveis aos primeiros esboços do seu trabalho. Na análise do nosso autor, João de Deus não conseguiu ligar a poesia à pedagogia por ter uma cultura insuficiente. Agostinho associou ainda a indolência deste poeta e pedagogo à própria maneira de ser do povo português.

## **13. Colaboração em *Sol Nascente* (Porto)**

No jornal portuense *Sol Nascente*, Agostinho publicou em Novembro de 1937, *Considerações: sobre o bem e o mal*<sup>245</sup>, em que, apesar de revelar confiança absoluta na bondade humana, demonstra acreditar que os homens superiores são muito raros e se revelam quer na prática do bem quer na prática do mal.

---

<sup>242</sup> ) Idem, “Carta aos patriotas sôbre patriotismo”, em *Linha Geral*, 19 de Março de 1933, pp. 4-6.

<sup>243</sup> ) Cf. idem, “Carta aos Patriotas sobre patriotismo”, em *Seara Nova*, nº 221, ano 9, Setembro 1930, pp. 71-72.

<sup>244</sup> ) Idem, “Consideração sobre o caso João de Deus”, em *O Académico Figueirense*, 11 de Janeiro de 1935, p. 1.

<sup>245</sup> ) Idem, “Considerações: sobre o bem e o mal”, em *Sol Nascente*, 1 de Novembro de 1937, p. 16.

## 14. Colaboração em *Revista de Portugal* (Coimbra)

Na publicação coimbrã *Revista de Portugal*, em Janeiro de 1938, o nosso autor assinou *Diário*<sup>246</sup>, onde a propósito de Sócrates e da sua exigente ética, escreveu sobre a necessidade de um empenho individual no caminho ascensional que leva à perfeição.

## 15. Colaboração em *O Diabo* (Lisboa)

No ano de 1939 Agostinho publicou alguns escritos no jornal lisboeta *O Diabo*. O primeiro, intitulado *Considerações pedagógicas*<sup>247</sup>, foi inserido em Fevereiro e serviu-lhe para reflectir sobre a questão educativa em três vertentes: a nova noção de criança e como a educação a devia servir; o papel que a educação devia ter no fomento da disciplina; a obediência e a democratização do ensino. Aqui ficou ainda bem expressa a sua opinião sobre quem deveria pagar a educação: era obrigação dos ricos pagarem ao Estado a sua educação para este poder providenciar a educação dos mais pobres.

Em 18 de Julho saiu *O Plano Dalton*<sup>248</sup>, onde expôs o plano elaborado por Ellen Parkhurst, que desenvolveu no Caderno com o mesmo nome na sétima série dos Cadernos *Iniciação*<sup>249</sup>.

A 11 de Novembro *O Diabo* imprimiu *As altas escolas populares da Dinamarca*<sup>250</sup>, onde Agostinho relatou a criação de escolas para as classes mais desprotegidas da Dinamarca, projecto este que nasceu da vontade de Grundtvig, que nele se empenhou com o intuito de despertar o povo dinamarquês para a consciência das tarefas a realizar para ter uma existência bela e vigorosa.

A 25 de Novembro publicou *Demóstenes*<sup>251</sup>, um texto com alguns dados biográficos acerca deste autor clássico; se, no conjunto dos textos aqui publicados, este escapa à predominância pedagógica, relembra, porém, o interesse de Agostinho pela Antiguidade Clássica.

Em Dezembro de 1939 saiu *As escolas de Lietz*<sup>252</sup>, que serviu para Agostinho nos dar a conhecer mais uma experiência pedagógica inovadora, agora da autoria de Lietz e a sua nova

---

<sup>246</sup> ) Idem, “Diário”, em *Revista de Portugal*, nº 2, Janeiro de 1938, pp. 236-242.

<sup>247</sup> ) Idem, “Considerações pedagógicas”, em *O Diabo*, 18 de Fevereiro de 1939, p. 1.

<sup>248</sup> ) Idem, “O Plano Dalton”, em *ibidem*, 18 de Julho 1939, pp. 1 e 6.

<sup>249</sup> ) Cf. idem, “O plano Dalton”, em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 7ª série, 1942.

<sup>250</sup> ) Idem, “As altas escolas populares da Dinamarca”, em *O Diabo*, 11 de Novembro de 1939, pp. 1 e 4.

<sup>251</sup> ) Idem, “Demóstenes”, em *ibidem*, 25 de Novembro de 1939, p. 5.

pedagogia que, fundamentalmente, assentava na liberdade, na iniciativa pessoal e na consideração do professor como um amigo.

## **16. Colaboração em *Revista Brasileira de Biologia* (Rio de Janeiro)**

Fruto dos trabalhos que desenvolveu no campo da Entomologia no Instituto Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, publicou o nosso autor, em 1952, na *Revista Brasileira de Biologia*, em parceria com Sebastião José Oliveira, o estudo intitulado *Sôbre um 'Agromyzidae' (Diptera) cujas larvas minam folhas de trapoeira (commelinaceae)*<sup>253</sup>.

## **17. Colaboração em *Revista Brasileira de Entomologia* (S. Paulo)**

De novo em parceria com Sebastião José Oliveira, Agostinho da Silva publicou na *Revista Brasileira de Entomologia*, no ano de 1954, o trabalho intitulado *Sôbre uma nova espécie de 'Agromyzidadae' (Diptera) cujas larvas minam folhas de Solanum Argenteum*<sup>254</sup>. Trata-se de um relatório sobre o estudo referido no título, onde se analisa o trabalho realizado e se apresentam as conclusões alcançadas.

## **18. Colaboração em *57 – Movimento de Cultura Portuguesa* (Lisboa)**

Do Brasil, em Setembro de 1958, mandou para o número 5 de *57 - Movimento de Cultura Portuguesa*, o texto *A cultura brasileira*<sup>255</sup>, no qual, em poucas palavras, Agostinho apontou as ambiguidades da organização sócio-económico-política do Brasil, que lhe parecia estar indeciso e

---

<sup>252</sup> ) Idem, "As escolas de Lietz", em *ibidem*, 9 de Dezembro de 1939, p. 1.

<sup>253</sup> ) Agostinho da Silva & Oliveira, Sebastião José, "Sôbre um 'Agromyzidae' (Diptera) cujas larvas minam folhas de Trapoeira (commelinaceae)", em *Revista Brasileira de Biologia*, 12 (3), Outubro de 1952, pp. 293-299.

<sup>254</sup> ) Idem, "Sôbre uma nova espécie de 'Agromyzidae' (Diptera) cujas larvas minam folhas de Solanum Argenteum", em *Revista Brasileira de Entomologia*, 1, Janeiro de 1954, pp. 25-30.

<sup>255</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, "A cultura brasileira", em *57 - Movimento de Cultura Portuguesa*, n° 5, ano 2, Setembro de 1958, p. 21.

a balançar entre o modelo europeu e a realização americana. No reconhecimento de que ao Brasil não servia nem a propriedade estatal, nem as cooperativas, o nosso autor propunha para a realidade brasileira uma economia centralizada nas autarquias. Deixou ainda bem vincado que as escolas brasileiras da altura não serviam o Brasil e alvitrou que a convivência entre os seus habitantes deveria ser fundada na fraternidade e não na lei.

Numa preocupação crescente pelo futuro da sua Pátria e também da Europa, Agostinho, neste texto, apelou ainda para a necessidade de redescobrir a pureza europeia na Península Ibérica, apontando mesmo alguns caminhos possíveis para concretizar esse desiderato. Destes caminhos destacou um urgente trabalho em prol da conciliação do aristotelismo e do platonismo, condição que lhe parecia essencial para o estabelecimento de uma nova Filosofia que, em seu entender, haveria de desembocar numa Teologia, onde a fraternidade se imporia à lei e a vontade de Deus prevaleceria sobre a vontade dos homens.

## **19. Colaboração em *Tempo Presente* (Lisboa)**

Em 1960 foi a vez da publicação lisboeta *Tempo Presente*, no seu número de Setembro/Outubro, inserir *Considerando o Quinto Império*<sup>256</sup>, que Agostinho iniciou com várias notas sobre o divórcio de Portugal e da Galiza, passando depois a explicar que a essência de Portugal e dos portugueses residia no colectivismo cooperativista.

O pensador teceu ainda considerações sobre os dois grandes blocos políticos da altura, os Estados Unidos da América e a União Soviética, considerando-os como obstáculos à consumação do Quinto Império. Posicionando-se contra qualquer imperialismo, defendeu o socialismo e o anarquismo como ideias boas para a Humanidade. Era, por isso, na opinião de Agostinho, necessário reconstruir a tradição cristã de base, bem como a tradição templária, para que, num futuro de não propriedade, cada homem se viesse a preocupar apenas com a criação de beleza, com o serviço aos outros e com a oração.

---

<sup>256</sup> ) Idem, “Considerando o Quinto Império”, em *Tempo Presente*, nº 17-18, Setembro-Outubro de 1960 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 191-200).

## 20. Colaboração em *Colóquio, revista de artes e letras* (Lisboa)

Em 1962, ano em que se encontrava empenhado na fundação da Universidade de Brasília, Agostinho publicou em *Colóquio* a *Carta do Brasil – Portugal na Universidade de Brasília*<sup>257</sup>, onde expôs de forma sintética as particularidades do funcionamento da Universidade de Brasília, pensada fundamentalmente como universidade de integração, que em seu entender haveria de realizar o que Nuno Gonçalves imprimiu nos famosos painéis, ou seja, a união de cristãos, judeus e mouros, em natural continuação da fraternidade cristã.

## 21. Colaboração em *Espiral* (Lisboa)

Entre os anos de 1964 e 1966, a revista lisboeta *Espiral* registou colaboração de Agostinho da Silva.

Em 1964 publicou *Ecúmena*<sup>258</sup> texto que serviu para o autor português tecer considerações várias sobre as divisões religiosas apelando para o fim dessas divisões através do recurso a uma Teologia do Espírito Santo que, finalmente, unisse Pai e Filho, Buda e Moamé. Mas Agostinho voltou, neste texto, à Pedagogia, agora para apresentar os malefícios da Escola e dos professores tradicionais, contra os quais defendeu o ideário das Escolas Novas por as julgar capazes de fazer de nós santos.

No escrito *Notas para uma posição ideológica e pragmática da Universidade de Brasília*<sup>259</sup>, Agostinho fez a habitual crítica à instituição escolar por não permitir que o ser humano se desenvolvesse, exceptuando deste remoque as escolas dos gregos e a da fraternidade cristã em cujo ideário viu a possibilidade de conciliar a matéria e o espírito.

Em 1965 saiu *Quinze princípios portugueses*<sup>260</sup>. Os três primeiros, designados por ele de *primordiais*, eram – *do total – do mistério – do geral*. Os cinco segundos intitulou-os *práticos* e eram, respectivamente, *do viver – do saber – do fazer – do poupar – do servir*. Os sete finais

---

<sup>257</sup> ) Idem, “Carta do Brasil – Portugal na Universidade de Brasília”, em *Colóquio - revista de artes e letras*, nº18, Maio de 1962, pp. 46-47.

<sup>258</sup> ) Idem, “Ecúmena”, em *Espiral*, nº 1, 1964 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 227-240).

<sup>259</sup> ) Idem, “Notas para uma posição ideológica e pragmática da Universidade de Brasília”, em *Espiral*, nº 4-5, 1964-1965 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 241-252).

<sup>260</sup> ) Idem, “Quinze princípios portugueses”, em *Espiral*, nº 8-9, ano 2, 1965 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 253-267).

apelidou-os de *futuros* e eram, - *das naves – dos braços – das ofertas – das buscas – dos poderes – das pontes – dos abraços*. Este foi mais um texto onde Agostinho da Silva dissertou sobre a necessidade de conciliar os contrários e sobre o papel do Quinto Império na consecução de tal desiderato.

No ano de 1966 a revista *Espiral* deu ainda à estampa *Ensaio para uma teoria do Brasil*<sup>261</sup>, texto em que o nosso autor, depois de explicar algumas das especificidades do Brasil, defendeu uma descentralização dos centros de influência sócio-políticos no sentido de garantir um papel especial ao Brasil na edificação do futuro do mundo.

## **22. Colaboração em *O Tempo e o Modo* (Lisboa)**

Em Outubro de 1965, *O Tempo e o Modo* publicou *Aqui falta saber, engenho e arte*<sup>262</sup>, reflexão teológica e mística, reveladora da heterodoxia do autor. Neste escrito, a componente mística do discurso agostiniano levou-o a fazer um paralelismo entre Deus e o sonho: em Deus e no sonho há uma parte que existe enquanto se sonha, mas essa parte deixa de se poder suportar sob a análise da lógica a que o pensamento se submete. Contrariando a lógica, o nosso autor argumentou que Deus é tudo e, portanto, quer a Ciência quer a Filosofia são apenas episódios da existência humana e passos necessários para instaurar uma primordial unidade perdida. Por isso, concluiu o intelectual portuense que, mais importante do que saber o que fazer no mundo, é saber viver nele tal qual se nos apresenta.

## **23. Colaboração em *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa* (Lisboa)**

A colaboração nesta publicação consistiu em dois textos. O primeiro escrito, intitulado *Algumas considerações sobre o culto popular do Espírito Santo*<sup>263</sup>, saiu no número 3 de 1967 e, nele, Agostinho teorizou sobre o papel do culto do Espírito Santo como condição necessária para

---

<sup>261</sup> ) Idem, “Ensaio para uma teoria do Brasil”, em *Espiral*, nº 11-12, 1966 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 269-291).

<sup>262</sup> ) Idem, “Aqui falta saber, engenho e arte”, em *O Tempo e o Modo*, nº 31, Outubro de 1965, pp. 882-888.

<sup>263</sup> ) Idem, “Algumas considerações sobre o culto popular do Espírito Santo”, em *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, nº 3, 1967, pp. 29-48.

o aparecimento de uma vivência ecuménica. O nosso autor fez um paralelo entre este culto e a Educação Nova por esta exaltar a criança, analogamente à ideia sugerida pelo culto do Espírito Santo de o mundo passar a ser regido pela criança imperador.

O quarto número deste boletim, publicado em 1968, trouxe mais um ensaio, intitulado *Perspectivas*<sup>264</sup>. Nele, Agostinho, de forma sucinta, percorreu a História de Portugal para defender o seu providencialismo, opondo os reis que tolheram a essência da portugalidade (Luís XI, Carlos V, D. João III) aos monarcas que solidificaram a nação e a pátria portuguesa (D. Dinis, D. Sebastião). Neste ensaio, Agostinho ainda apontou a novidade do pensamento do Padre António Vieira, bem como o importante papel que, no seu entender, caberia à Ibéria no futuro. O nosso autor mostrou-se convicto de que, no futuro, Portugal e Brasil, após a união ibérica, haveriam de formar a Panibéria que, em seu entender, seria a área de confluência da unidade e diversidade, do nacionalismo e do universalismo.

## **24. Colaboração em *Notícia* (Luanda)**

A intensa actividade intelectual de Agostinho alargou-se, também, entre 1970 e 1971, a *Notícia*, publicação sediada em Luanda. Com efeito, a coluna desta publicação designada *Temas Actuais - Cinco dias na Semana* acolheu alguns textos assinados por Agostinho da Silva.

Em Setembro de 1970, saíram quatro: *Prefaciando*<sup>265</sup> onde Agostinho reflectiu sobre a dúvida como passo construtivo na busca do conhecimento; *Mensagem*<sup>266</sup> foi um texto em que o nosso autor criticou a intelectualidade portuguesa e lembrou, novamente, que o Homem só o haveria de ser por inteiro quando a contemplação e o pensamento se pudessem exprimir em conjunto na acção; *Sobre juízos*<sup>267</sup> serviu ao intelectual portuense para reflectir sobre a bondade humana e o perfil daqueles homens e mulheres que ajudam os povos a ser bons; *Sobre as escolhas*<sup>268</sup>, foi um texto onde Agostinho dissertou sobre a simplicidade e sobre a complexidade,

---

<sup>264</sup> ) Idem, “Perspectivas”, em *ibidem*, nº 4, 1968, pp. 311-324.

<sup>265</sup> ) Cf. idem, “Prefaciando”, em *Notícia*, 5 de Setembro de 1970 (texto consultado em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 219-220).

<sup>266</sup> ) Idem, “Mensagem”, em *Notícia*, 12 de Setembro de 1970 (texto consultado em *Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II* (critério de edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves Borges), Lisboa, Âncora, 2001, pp. 21-22).

<sup>267</sup> ) Idem, “Sobre juízos”, em *Notícia*, 19 de Setembro de 1970 (texto consultado em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 221-222).

<sup>268</sup> ) Idem, “Sobre as escolhas”, em *Notícia*, 26 de Setembro de 1970 (texto consultado em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 225-226).

apresentando a vida como uma escolha contínua e a complexidade como o seu ideal quer do ponto de vista pessoal, quer do ponto de vista social.

Nos números de Outubro saíram mais quatro títulos de Agostinho da Silva: *De gregos e latinos*<sup>269</sup> é a defesa, por Agostinho, de que a tarefa principal da Grécia foi mostrar que todos tinham a mesma capacidade de entender as ideias gerais; *Não ainda bastante*<sup>270</sup> foi um texto em que o nosso autor assumiu, declaradamente, uma atitude ecológica, criticando a poluição gerada no mundo industrial, mas sem negar que o progresso e a técnica fossem bons para a Humanidade, concluía, porém, que, sendo a poluição uma consequência directa do progresso e da técnica, só assim era porque o progresso e a técnica ainda eram deficientes; em *Política*<sup>271</sup> Agostinho, contrariando o sentido do seu pensamento, defendeu Aristóteles contra Platão; *Realidade e sonho*<sup>272</sup> foi um artigo em que o nosso autor contestou a ideia que fixava o território português entre o Minho e o Algarve.

Em Novembro foram publicados *Projecto* e *Colectivismo*. *Projecto*<sup>273</sup> evidencia a preocupação agostiniana de exaltar a beleza; Agostinho contrapôs, aliás, a beleza de Creta e a preocupação dos seus habitantes com o Absoluto a Portugal e ao resto do mundo, onde as pessoas eram escravas do trabalho que lhes limitava as capacidades criativas. *Colectivismo*<sup>274</sup> assumia-se como um manifesto em defesa do Povo e um apelo à necessidade de seguir os seus conselhos.

Os números de Dezembro trouxeram *A difícil prova*<sup>275</sup>, onde Agostinho afirmou que o cristianismo é universalismo e, portanto, ecumenismo e, *Noutro ponto a fonte*<sup>276</sup>, um texto em que o nosso autor escreveu sobre o sebastianismo e Bandarra, voltando a afirmar o superior valor do Povo.

---

<sup>269</sup> ) Idem, "De gregos e latinos", em *Notícia*, 3 de Outubro de 1970 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 23-25).

<sup>270</sup> ) Idem, "Não ainda bastante", em *Notícia*, 10 de Outubro de 1970 (texto consultado em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 227-228).

<sup>271</sup> ) Idem, "Política", em *Notícia*, 17 de Outubro de 1970 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 31-32).

<sup>272</sup> ) Idem, "Realidade e sonho", em *Notícia*, 24 de Outubro de 1970 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 33-34).

<sup>273</sup> ) Idem, "Projecto", em *Notícia*, 14 de Novembro de 1970 (texto consultado em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 239-241).

<sup>274</sup> ) Idem, "Colectivismo", em *Notícia*, 28 de Novembro de 1970 (texto consultado em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 243-245).

<sup>275</sup> ) Idem, "A difícil prova", em *Notícia*, 5 de Dezembro de 1970 (texto consultado em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 247-249).

<sup>276</sup> ) Idem, "Noutro ponto a fonte", em *Notícia*, 12 de Dezembro de 1970 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 61-63).



No ano de 1971, em Janeiro, no artigo *Da fé e do império*<sup>277</sup>, Agostinho apontou como erro dos governantes portugueses, no que ao Império dizia respeito, terem desprezado o Povo; na mesma linha, em *Converter-se*<sup>278</sup>, o pensador portuense aconselhou os intelectuais do seu país a aprenderem com o Povo.

Em Fevereiro imprimiu-se *Desfiladeiro*<sup>279</sup>, onde o nosso autor se expressou sobre o cristianismo ecuménico e sobre a crise que assolava a religião cristã. Como responsáveis por esta crise, Agostinho nomeou os padres sem fé e os leigos amedrontados. Em sinal de esperança, referiu que Cristo era superior à crise e, portanto, o futuro estaria garantido.

O mês de Março acolheu *Continuações*<sup>280</sup>, em cujas linhas Agostinho contrapôs à cultura alemã o legado romano, realçando como contributos imprescindíveis dos romanos à Humanidade a fraternidade, o cristianismo e as estradas. A grande falha dos romanos, viu-a o nosso autor no mar, mar este que seria conquistado pelos portugueses. E como falava de Portugal, Agostinho aproveitou para invocar a Geração de 70 para referir que, nela, só se aproveitava Antero.

Em Maio publicou-se *A coragem de ser outros*<sup>281</sup>, dedicado a figuras e correntes da cultura portuguesa como Antero de Quental, António José Saraiva e o franciscanismo. Em *Três vezes se diria...*<sup>282</sup> Agostinho expôs as três origens do moderno Ser Português, que eram, as raças celtas, iberas e muçulmanas, a extensão cultural das navegações, a edificação do Brasil como centelha de futuro. *Embora pondo como um caso*<sup>283</sup> é o reconhecimento, por parte do nosso autor, da importância de Macau e Timor para a portugalidade. Também neste texto, pronunciando-se sobre a Filosofia em Portugal, referiu que só Espinosa poderia ser considerado como filósofo português. Ainda neste artigo deixou algumas notas sobre a forma como se devia estruturar o ensino universitário.

---

<sup>277</sup> ) Idem, "Da fé e do império", em *Notícia*, 23 de Janeiro de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 77-79).

<sup>278</sup> ) Idem, "Converter-se", em *Notícia*, 30 de Janeiro de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 81-83).

<sup>279</sup> ) Cf. idem, "Desfiladeiro", em *Notícia*, 6 de Fevereiro de 1971 (texto consultado em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 255-257).

<sup>280</sup> ) Idem, "Continuações", em *Notícia*, 27 de Março de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 95-98).

<sup>281</sup> ) Idem, "A coragem de ser outros", em *Notícia*, 8 de Maio de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 127-133).

<sup>282</sup> ) Idem, "Três vezes se diria...", em *Notícia*, 15 de Maio de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 141-148).

<sup>283</sup> ) Idem, "Embora pondo como um caso", em *Notícia*, 22 de Maio de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 151-156).

Os números de Junho publicaram três artigos de Agostinho da Silva. *Quando há no mundo crise...*<sup>284</sup> onde apelou a um compromisso pessoal e efectivo de todos os homens na construção do futuro. *Acho que, sempre que possível...*<sup>285</sup> serviu para o nosso autor apresentar Platão e Aristóteles como as duas faces de um mesmo pensamento e para reflectir sobre Portugal, nomeadamente sobre a estética medieval portuguesa, a primeira república e a *História do Futuro* do Padre António Vieira. Em *Há quem proponha chamar-lhe Docimologia...*<sup>286</sup> partindo de uma reflexão sobre a avaliação escolar, Agostinho apresentou as escolas como fábricas de produção em série e defendeu a supressão dos exames.

## 25. Colaboração em *Correio Braziliense* (Brasília)

Uma das revistas brasileiras que acolheu escritos do nosso autor foi o *Correio Braziliense*, entre 1970 e 1971. Aí publicou, em Novembro de 1970, *Da existência do CEAO*<sup>287</sup>, onde fez o balanço das actividades deste Centro de Estudos Afro-Orientais, que tinha criado e dirigido e *Do passamento de José Régio*<sup>288</sup> a propósito do falecimento desta figura cimeira das letras e da sua busca de Deus.

Em Dezembro do mesmo ano, no texto *De que há Macau*<sup>289</sup>, partindo da experiência vivencial do povo desta terra asiática, teceu considerações várias sobre o taoísmo e a Teologia do Espírito Santo, as suas proximidades e as suas diferenças, bem como sobre a ideia de Ocidente e Oriente em Joaquim de Flora e sobre a necessidade de se fundar em Macau um Centro de Estudos Orientais. *De que sobram idades*<sup>290</sup> permitiu a Agostinho fazer uma digressão sobre a construção do futuro que imaginava e o centro nevrálgico na consecução desta tarefa que deveria ser assumido pela recém aparecida cidade de Brasília, que, na perspectiva

---

<sup>284</sup> ) Idem, "Quando há no mundo crise...", em *Notícia*, 12 de Junho de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 167-172).

<sup>285</sup> ) Idem, "Acho que, sempre que possível...", em *Notícia*, 19 de Junho de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 173-178).

<sup>286</sup> ) Idem, "Há quem proponha chamar-lhe Docimologia...", em *Notícia*, 26 de Junho de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 183-191).

<sup>287</sup> ) Cf. idem, "Da existência do CEAO", em *Correio Braziliense*, 6 de Novembro de 1970 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 37-40).

<sup>288</sup> ) Idem, "Do passamento de José Régio", em *Correio Braziliense*, 1970 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 447-449).

<sup>289</sup> ) Idem, "De que há Macau", em *Correio Braziliense*, 20 de Dezembro de 1970 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 45-47).

<sup>290</sup> ) Idem, "De que sobram idades", em *Correio Braziliense*, 4 de Dezembro de 1970 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 53-55).

agostiniana, tinha a difícil tarefa de iniciar a nova cultura de total liberdade e pleno ecumenismo. Em *De que há povo*<sup>291</sup> Agostinho voltou a por em evidência a grandeza do Povo português.

Já em Agosto de 1971, sob o título *Num estilo quase de adivinha*<sup>292</sup> Agostinho esclareceu as origens do termo Brasil e a necessidade de o compreender através do seu total desenvolvimento desde o período do açúcar até ao período do ouro, apontando com maior destaque os fracassos da república, que não garantiu liberdade total, nem a nível cívico nem a nível religioso, bem como o importante papel dos seminários na educação do povo. Em *Num mapa muito espalhado...*<sup>293</sup> Agostinho discorreu sobre o papel que Brasília teria de desempenhar como capital da paz, cumprindo o sonho de D. Bosco que levaria a um Brasil ecuménico. Por fim, no artigo *Entro no reino do inteligível...*<sup>294</sup> a propósito do desenvolvimento social, Agostinho concordou que este se tinha que reger pela disciplina, à qual, porém, tinha que se associar o sonho, a curiosidade e o esforço.

## **26. Colaboração em *Vida Mundial* (Lisboa)**

### **26.1. *É melhor ler...***

A primeira coluna de Agostinho nas páginas de *Vida Mundial* foi *É melhor ler*. Sob este título foram publicados, em Agosto de 1970, *É melhor ler...*<sup>295</sup>, onde Agostinho explicou que a escolha desta designação se fundamentava na sua crença de que os livros ainda iriam ter uma longa vida e que ajudavam à construção de um espírito crítico e ao uso da razão e, *Una, Grande e Livre*<sup>296</sup> escrito que versava sobre a Península Ibérica, mormente sobre a formação da sua identidade cultural e sobre a necessidade da sua unidade.

---

<sup>291</sup> ) Idem, “De que há povo”, em *Correio Braziliense*, 11 de Dezembro de 1970 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 57-59).

<sup>292</sup> ) Idem, “Num estilo quase de adivinha”, em *Correio Braziliense*, 27 de Agosto de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 203-209).

<sup>293</sup> ) Idem, “Num mapa muito espalhado...”, em *Correio Braziliense*, 24 de Setembro de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 211-215).

<sup>294</sup> ) Idem, “Entro no reino do inteligível...”, em *Correio Braziliense*, 5 de Outubro de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 217-220).

<sup>295</sup> ) Cf. idem, “É melhor ler”, em *Vida Mundial*, 21 de Agosto de 1970 (texto consultado em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 217-218).

<sup>296</sup> ) Idem, “Una, Grande e Livre”, em *Vida Mundial*, 28 de Agosto de 1970 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 13-15).

Em Setembro seguinte, em *Miranda*<sup>297</sup>, Agostinho caracterizou a cidade fronteiriça de Miranda do Douro como sendo o local em que Portugal se encostava à Europa, Europa na qual queria que os portugueses que para ela emigravam assumissem o papel de missionários como forma de ser portuguesa. *Sobre Opressão*<sup>298</sup> foi um texto onde Agostinho salientou que, em seu entender, tanto Portugal como o Brasil eram oprimidos. *Livre sopro do vento*<sup>299</sup> é um elogio à vida cigana, no qual o intelectual português mostrou ser contrário à aculturação forçada do povo cigano por entender que tal aculturação matava o que nele era mais puro, isto é, o ócio, o desprendimento do mundo e a liberdade total.

Em Outubro foram publicados três artigos: *Originalidade Portuguesa*<sup>300</sup> que serviu a Agostinho para relevar as insuficiências da Filosofia e a superioridade da vida e para se manifestar contra a ideia de uma Filosofia Portuguesa, não sem, contudo, apontar os nomes de Joel Serrão, António José Saraiva e Hernâni Dias da Silva, como alguns dos poucos intelectuais que realmente se preocupavam em pensar o ser português; *Sobre regozijo*<sup>301</sup> serviu para Agostinho fazer notar que o verdadeiramente importante era que o mundo avançasse, independentemente do papel de cada um no seu seio; *Teologia humana*<sup>302</sup> apresentou o Homem enquanto ser feito à imagem e semelhança de Deus.

O mês de Novembro conheceu duas publicações: *Critérios científicos*<sup>303</sup>, texto em que Agostinho, para além de ter posto em causa o papel da História, por lhe parecer que ela nem sempre reflectia o que realmente se tinha passado, defendeu que a natureza humana não se podia fundar em critérios económicos; *Para exprimir o quê?*<sup>304</sup>, cujas linhas são dedicadas ao enaltecimento da língua portuguesa e do seu papel futuro.

---

<sup>297</sup> ) Idem, “Miranda”, em *Vida Mundial*, 4 de Setembro de 1970 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 17-18).

<sup>298</sup> ) Idem, “Sobre Opressão”, em *Vida Mundial*, 11 de Setembro de 1970 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 19-20).

<sup>299</sup> ) Idem, “Livre sopro do vento”, em *Vida Mundial*, 25 de Setembro de 1970 (texto consultado em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 223-224).

<sup>300</sup> ) Idem, “Originalidade Portuguesa”, em *Vida Mundial*, 9 de Outubro de 1970 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 27-29).

<sup>301</sup> ) Idem, “Sobre regozijo”, em *Vida Mundial*, 16 de Outubro de 1970 (texto consultado em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 229-230).

<sup>302</sup> ) Idem, “Teologia humana”, em *Vida Mundial*, 23 de Outubro de 1970 (texto consultado em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 231-233).

<sup>303</sup> ) Idem, “Critérios científicos”, em *Vida Mundial*, 6 de Novembro de 1970 (texto consultado em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 235-237).

<sup>304</sup> ) Idem, “Para exprimir o quê?”, em *Vida Mundial*, 20 de Novembro de 1970 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 49-51).

Em Dezembro imprimiu-se *Regressos*<sup>305</sup>, texto em que Agostinho reforçou a ideia de que ensinar sem educar seria uma tarefa inútil, referindo, ainda, que competia à universidade fortalecer a liberdade de ser.

Logo no início do ano de 1971 surgiram mais dois textos: *Da oposta unidade*<sup>306</sup>, que serviu a Agostinho para considerar que o facto de Portugal nunca ter tido uma Filosofia era um sinal da sua superioridade; *Convergência e divergência*<sup>307</sup> foi um testemunho de Agostinho sobre a pregação de São Francisco de Assis e o escândalo que ela representou na época.

Já em Março de 1971 foram impressos *As ocultas razões*<sup>308</sup>, em que, tendo como pano de fundo Brasil e Portugal, Agostinho, numa visão mística, considerou que o Brasil era o Portugal libertado, caracterizando a sua pátria de adopção como a Pátria dos Bem Aventurados, e *Portugal e Brasil*<sup>309</sup> texto onde o nosso autor, para além de continuar a reflectir sobre as relações luso-brasileiras, expôs as razões que levaram à decadência de Portugal, a qual considerou ter-se iniciado com o reinado de D. João II.

## **26.2. Testemunhos**

No âmbito da coluna com a designação *Testemunho Brasileiro* inseriu, na *Vida Mundial*, em Abril de 1971, *Sobre Índios e Suecos*<sup>310</sup>, elogiando, nos índios, o amor à natureza, o tempo livre e a contemplação, coisas para ele tão valiosas que defendeu o progresso da técnica a fim de que se pudesse aumentar o ócio, para, nele, se reencontrar a unidade entre o sonho e a realidade. *Acusação à metrópole*<sup>311</sup> foi um texto no qual realçamos a defesa da ideia de que em Portugal nunca houve feudalismo, o elogio da astúcia dos portugueses em Tordesilhas e a consideração de ter sido positivo, para o Brasil, o não ter tido, durante muito tempo, nem imprensa nem universidade, bem como a indicação de Macau como um bom espaço para sediar

---

<sup>305</sup> ) Idem, "Regressos", em *Vida Mundial*, 18 de Dezembro de 1970 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 65-67).

<sup>306</sup> ) Idem, "Da oposta unidade", em *Vida Mundial*, 1 de Janeiro de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 69-71).

<sup>307</sup> ) Idem, "Convergência e divergência", em *Vida Mundial*, 15 de Janeiro de 1971 (texto consultado em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 251-253).

<sup>308</sup> ) Idem, "As ocultas razões", em *Vida Mundial*, 12 de Março de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 85-87).

<sup>309</sup> ) Idem, "Portugal e Brasil", em *Vida Mundial*, 19 de Março de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 89-93).

<sup>310</sup> ) Idem, "Sobre Índios e Suecos", em *Vida Mundial*, 30 de Abril de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 99-107).

<sup>311</sup> ) Idem, "Acusação à metrópole", em *Vida Mundial*, 14 de Maio de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 135-140).

empreendimentos interculturais. Em *Ciclos de alargamento*<sup>312</sup>, o nosso autor continuou a dissertar sobre Portugal, o Brasil e a Europa e voltou a acalentar o sonho de uma união Panibérica.

Com a designação da coluna encurtada para *Testemunhos*, Agostinho publicou *Celebrando Maria Montessori*, que é a reprodução literal de *Celebrando a Montessori*<sup>313</sup>, vinda a lume na colecção de folhetos que Agostinho intitulou *Bahia – colecção de folhetos*.

### **26.3. Guia breve de leitura**

*Guia Breve de Leitura* foi o título de outra página da *Vida Mundial* na qual Agostinho assinou textos. O primeiro foi *Wenceslau de Moraes*<sup>314</sup>, figura literária que inspirou o nosso autor a dissertar sobre o papel desempenhado pelos portugueses na relação entre o Japão e o Ocidente, tendo lamentado que esse contacto não se tivesse alargado à China, pois entendia que, se assim tivesse sido, haveria fortes possibilidades de se poder realizar o ecumenismo religioso entre budismo e cristianismo, entre Zen e o Espírito Santo. Em Setembro do mesmo ano de 1971, o texto *Desconhecidos, quase*<sup>315</sup> escrito a propósito das comemorações do centenário da Geração de 70, considerou os intelectuais que a compunham, quase na totalidade, como estrangeirados, acusando-os de nada terem entendido de Portugal e contrapondo-lhes, pelo trabalho e dedicação à especificidade de ser português, nomes como o de Camões, Diogo do Couto, Conde de Ficalho, Martins Sarmiento, Alberto Sampaio, Fernando Pessoa, entre outros.

Em *Descartes*<sup>316</sup>, texto de Janeiro de 1972, o intelectual portuense discorreu sobre o racionalismo em Portugal, salientando que foram os descobrimentos portugueses que corrigiram a Física aristotélica, mas também que, lamentavelmente eliminaram a Metafísica do Estagirita.

No mês de Março foram impressos *O baldio do povo*<sup>317</sup>, que corresponde à transcrição de parte do segundo caderno do opúsculo com o mesmo nome que tinha sido publicado em folheto

---

<sup>312</sup> ) Idem, “Ciclos de alargamento”, em *Vida Mundial*, 11 de Junho de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 159-166).

<sup>313</sup> ) Idem, “Celebrando Maria Montessori”, em *Vida Mundial*, 23 de Junho de 1971, pp. 38-40 (reprodução literal de “Celebrando a Montessori”, em *Bahia - colecção de folhetos*, s/l, s/d [1970?]. Cf., mais à frente, o ponto 8. do número III.).

<sup>314</sup> ) Idem, “Wenceslau de Moraes”, em *Vida Mundial*, 29 de Outubro de 1971, pp. 25-26.

<sup>315</sup> ) Idem, “Desconhecidos, quase”, em *ibidem*, 12 de Novembro de 1971, pp. 25-27.

<sup>316</sup> ) Idem, “Descartes”, em *ibidem*, 21 de Janeiro de 1972, pp. 48-50.

<sup>317</sup> ) Idem, “O baldio do povo”, em *ibidem*, 17 de Março de 1972, pp. 60-63 (cf. mais à frente, em 3.14., *O baldio do povo*, 2º caderno, Lisboa, edição do autor, 1971).

autónomo e edição de autor no ano anterior e *Composição do Brasil*<sup>318</sup> onde Agostinho, mais uma vez, vai discorrer sobre o Portugal ideal, mas onde também derivou para a educação, agora para distinguir entre instrução e educação e propor, como complemento de ambas, o novo conceito de anagogia.

Em Abril de 1972 saíram quatro textos. *De terras europeias*<sup>319</sup>, escrito onde Agostinho criticou o papel de Portugal na Europa, defendendo que o nosso país não lhe devia pertencer porque, ao contrário dos países europeus, não era regional mas sim ecuménico e universal. Aliás, de entre os países europeus, Agostinho apenas elogiou a Rússia, porque, em seu entender, enquanto nação tinha como alicerces o misticismo e a ética. Em *Estilo e conteúdo*<sup>320</sup> para além de ter fornecido alguns dados autobiográficos, Agostinho insistiu no carácter ecuménico de Portugal. Em *O Espírito Santo das ilhas atlânticas*<sup>321</sup> o nosso autor voltou a escrever sobre o culto Popular do Espírito Santo, já no tocante ao seu aparecimento, já no tocante ao significado das suas festas, tendo aproveitado também para lamentar o afastamento de Portugal e da Galiza e para defender o modelo político medieval português por lhe parecer continuar a ser o que mais convinha a Portugal. *Originalidade*<sup>322</sup> foi um escrito revelador do optimismo de Agostinho, em que nosso autor fez uma profissão de fé no futuro.

Em *O pensar de Camões sobre o seu tempo*<sup>323</sup>, Agostinho lembrou Camões no apelo à interligação entre a Beleza, a Verdade e o Bem. Com o poeta, desprezou ainda o lado material das descobertas, insistindo que faltava descobrir já não a exterioridade do mundo, mas sim a interioridade de cada um, pois só após esta descoberta se poderia consumir a fusão entre o Homem e Deus.

#### **26.4. Página de Educação: Fontes e pontes do futuro**

Sob o título *Página de Educação: Fontes e Pontes do Futuro – orientação de Agostinho da Silva*, foram publicados diversos textos exclusivamente dedicados a questões educativas, aos quais, por vezes Agostinho anexou um “Apontamento”.

---

<sup>318</sup> ) Idem, “Composição do Brasil”, em *Vida Mundial*, 24 de Março de 1972, pp. 51-53.

<sup>319</sup> ) Cf. idem, “De terras europeias”, em *ibidem*, 7 de Abril de 1972, pp. 31-32.

<sup>320</sup> ) Idem, “Estilo e conteúdo”, em *ibidem*, 14 de Abril de 1972, pp. 58-60.

<sup>321</sup> ) Idem, “O Espírito Santo das ilhas atlânticas”, em *ibidem*, 21 de Abril de 1972, pp. 22-24.

<sup>322</sup> ) Idem, “Originalidade”, em *ibidem*, 28 de Abril de 1972, pp. 35-37.

<sup>323</sup> ) Idem, “O pensar de Camões sobre o seu tempo”, em *ibidem*, 9 de Junho de 1972 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 331-335).

Sobre Ivan Illich escreveu: *Tema: Ivan Illich - os males*<sup>324</sup>, assinado pelo seu heterónimo J. C. M. (João Cascudo de Moraes) para enumerar os males que Illich tinha apontado aos sistemas de ensino e *Tema: Ivan Illich - os remédios*<sup>325</sup>, para reflectir sobre as redes de aprendizagem que Illich queria ver a substituir os sistemas de ensino vigentes; no “Apontamento” surgido nesta página, Agostinho elogiou o ensino ministrado no Colégio Galego de Vigo, Colégio Rosália de Castro, destacando o enfoque que nele se concedia à liberdade. Em *Tema: Escola nova*<sup>326</sup> comparou a educação da Antiguidade, da época medieval e da Escola Nova, exaltando as vantagens desta última por ser a única que incentivava a criatividade do aluno, garantindo-lhe um maior afastamento das ideias feitas; no “Apontamento”<sup>327</sup>, o nosso autor voltou a falar da vida e obra de Illich.

Seguidamente, Carlos S. Ficalho, heterónimo de Agostinho, assinou os seguintes títulos: *Tema: Matemáticas modernas*<sup>328</sup>, linhas que nos fornecem algumas notas epistemológicas sobre a Matemática clássica e a Matemática moderna, seguidas de um “Apontamento” em que é defendida uma escola cuja organização se centrasse na comunidade alargada a pais e a filhos; *Tema: Matemáticas clássicas*<sup>329</sup>, retoma o assunto anterior, agora para Agostinho apelar à necessidade de se proceder à aproximação entre a Matemática clássica e a Matemática moderna, o que levaria a que a Lógica se complementasse com a Ontologia; *Tema: Conciliação das matemáticas*<sup>330</sup> rematava os escritos anteriores com um apelo a que se ensinassem quer a Matemática Moderna, quer a Matemática Clássica; no “Apontamento”, Agostinho pronunciou-se sobre a complexidade da profissão docente e sobre a necessidade de reorganizar o ensino.

Em *Tema: Transmontanos*<sup>331</sup>, o nosso pensador, para além de realçar o papel ímpar dos transmontanos na construção do Brasil, relatou uma experiência pedagógica da Casa de Trás-os-

---

<sup>324</sup> ) Idem, “Tema: Ivan Illich - os males”, em *Vida Mundial*, 19 de Maio de 1972, pp. 40-41. João Cascudo de Moraes, farmacêutico em Figueira de Castelo Rodrigo, foi mais um dos heterónimos que Agostinho, em 1968, apresentou pela primeira vez nas *Folhas Soltas de S. Bento e outras* – 6 (cf. *Dispersos*, pp. 414 ss.).

<sup>325</sup> ) Idem, “Tema: Ivan Illich - os remédios”, em *Vida Mundial*, 26 de Maio de 1972, pp. 55-56 (assinado J. C. M.).

<sup>326</sup> ) Idem, “Tema: Escola nova”, em *ibidem*, 2 de Junho de 1972, pp. 48-49.

<sup>327</sup> ) Este “Apontamento” foi assinado por P. S., mais um heterónimo que, conforme explicação de Agostinho em número posterior, correspondia a Paulo Soares: “Como deveremos receber mais ‘Apontamentos’ do eng. Paulo Soares, que rubricará P. S., passa a professora D. Palmira Sanches a usar a sigla de Pa. S., de modo a evitar-se qualquer dúvida no leitor” (cf. *Vida Mundial*, 23 de Junho de 1972, p. 48).

<sup>328</sup> ) Idem, “Tema: Matemáticas modernas”, em *ibidem*, 9 de Junho de 1972, pp. 50-51 (assinado Carlos S. Ficalho). Ficalho, provavelmente, será erro de impressão e o heterónimo será Carlos S. Bicalho e não Ficalho, sobretudo se tivermos em conta que das outras vezes que foi usado este nome, aparece escrito Bicalho.

<sup>329</sup> ) Idem, “Tema: Matemáticas clássicas”, em *ibidem*, 16 de Junho de 1972, pp. 43-45 (assinado Carlos S. Bicalho).

<sup>330</sup> ) Idem, “Tema: Conciliação das matemáticas”, em *ibidem*, 23 de Junho de 1972, pp. 46-48 (assinado Carlos S. Bicalho).

<sup>331</sup> ) Idem, “Tema: Transmontanos”, em *ibidem*, 30 de Junho de 1972, pp. 73-75.



Montes de Lisboa que consistira em convidar várias personalidades para ensinar nas suas instalações e abrir as sessões a todos aqueles que as desejassem frequentar.

O seu heterónimo J. C. M., em Julho de 1972, voltou a assinar diversos textos sobre a Escola Nova: *Tema: A escola de Risinghill - 1. Quem propõe*<sup>332</sup>, que serviu para Agostinho nos começar a contar a experiência de Michael Duane, um professor universitário que passara a dedicar-se ao ensino secundário por o achar prioritário e de cujo magistério o nosso autor salientou o culto da liberdade plena e a ausência de castigos, tendo havido, ainda, lugar para mais um “Apontamento” sobre os historiadores de Portugal e a sua preocupação com o futuro; *Tema: Risinghill: 2. Quem supõe*<sup>333</sup> é a continuação do texto anterior, agora centrando-se na experiência de Duane em Risinghil, problemático bairro de Londres, mormente no seu esforço para conseguir a criação de um Conselho Escolar para dirigir a escola, esforço que, porque a referida escola era pública e estava, portanto, na dependência do Estado, não teve grande sucesso; *Tema: Liberdade escolar*<sup>334</sup>, interessante texto em que o nosso autor, a propósito da comunidade Amish, discutiu a obrigatoriedade de frequentar a Escola, concordando em que esta veiculava uma ideologia que poderia não estar de acordo com os princípios de uma determinada organização social, como era o caso da comunidade Amish; no “Apontamento” deste artigo, Agostinho respondeu aos que o criticavam por, nestas páginas, que se pressupunha serem sobre educação, os temas nelas tratados nem sempre serem concordantes com o título da coluna, alegando que educação era tudo aquilo que dizia respeito à existência humana.

Assinado pelo heterónimo agostiniano P. S.<sup>335</sup> apareceu, ainda em Julho de 1972, *Tema: Escola e trabalho*<sup>336</sup>, em que Agostinho esboçou a relação entre a Escola e o trabalho, propondo que se aprendesse ao longo da vida e que as escolas oficiais se transformassem em cooperativas geridas por alunos e pais. Neste escrito ainda apontou soluções de funcionamento, segundo novos moldes, de todos os níveis de ensino. No “Apontamento”, o nosso autor discorreu sobre a cultura comum de Portugal e Brasil, bem como sobre a sua conjunta vocação universal e ecuménica.

---

<sup>332</sup> ) Idem, “Tema: A escola de Risinghill - 1. Quem propõe”, em *ibidem*, 7 de Julho de 1972, pp. 37-39 (assinado J. C. M.).

<sup>333</sup> ) Idem, “Tema: Risinghill: 2. Quem supõe”, em *ibidem*, 14 de Julho de 1972, pp. 45-47 (assinado J. C. M.).

<sup>334</sup> ) “Tema: Liberdade escolar”, em *ibidem*, 21 de Julho de 1972, pp. 30-32 (assinado J. C. M.).

<sup>335</sup> ) Cf., atrás, nota 325).

<sup>336</sup> ) Idem, Agostinho da Silva, “Tema: Escola e trabalho”, em *Vida Mundial*, 28 de Julho de 1972, pp. 37-39 (assinado P. S.).

A Coménio, Agostinho dedicou *Tema: Os precursores - Komenski*<sup>337</sup> onde evidenciou a faceta inovadora da pedagogia de Coménio, sobretudo do novo método de ensino que tinha proposto. O nosso pensador considerou mesmo que foi graças a Coménio que se pôde renovar a Pedagogia e lançar as bases para a revolução mais tarde operada pelo movimento da Escola Nova. No “Apontamento” inserido nesta página, o nosso autor, a propósito de uma antologia publicada por Sottomayor Cardia sobre a revista seareira, teceu várias considerações acerca dos dois grupos rivais, a *Seara Nova* e a *Renascença Portuguesa*, considerando António Sérgio, Raúl Proença, Jaime Cortesão, Azevedo Gomes e Câmara Reis como os melhores ideólogos do movimento seareiro.

Em Agosto de 1972 foi a vez de Arnold R. Middlebee, outro heterónimo de Agostinho da Silva<sup>338</sup>, assinar *Tema: Responsabilidade portuguesa*<sup>339</sup>, onde defendeu que o Brasil era a continuação de Portugal e reflectiu sobre as responsabilidades portuguesas na futura educação do mundo. Aqui, o intelectual portuense apelou ainda para a necessidade de, no futuro, a política educativa ter de incluir várias culturas e religiões, não se confinando apenas a uma reforma dirigida ao espaço monopolar do continente europeu. No “Apontamento” assinado com as iniciais H. L. S.<sup>340</sup>, aproveitou para referir um estudo que tinha saído sobre as experiências de Skinner e de outros psicólogos no mundo animal, onde se podia comprovar que estes reagiam a estímulos e como comunicavam entre eles. No mesmo mês, em *Tema: Educadores portugueses - António Sérgio*<sup>341</sup>, criticou os estrangeirados e a liberdade absoluta do aluno em relação ao mestre, apelando, novamente, a uma reforma de todo o sistema de ensino. Agostinho, pondo de lado a filosofia, apelou à vida conversável de Pêro Lopes de Sousa, como um modelo de construção do futuro. Em *Tema: Risinghill: 3. E quem dispõe*<sup>342</sup>, assinado J. C. M., continuou a exposição do trabalho pedagógico de Michael Duane, destacando conquistas suas como o uso da biblioteca, a aprendizagem solidária, a interculturalidade efectiva, o êxito enorme das classes

---

<sup>337</sup> ) Cf. idem, “Tema: Os precursores – Komenski”, em *ibidem*, 4 de Agosto de 1972, pp. 35-37 (assinado S. P.). Embora não nos restem dúvidas que este texto é de Agostinho da Silva, quanto às iniciais S. P. não conseguimos descortinar a que heterónimo se referem, ou se, eventualmente, se trata de um erro tipográfico, uma vez que invertidas, P. S., são as iniciais do heterónimo Paulo Soares.

<sup>338</sup> ) Arnold R. Middlebee, professor de história moderna, australiano de nascimento e neto de uma açoreana, é outro heterónimo de Agostinho da Silva (cf. “As folhas soltas de S. Bento e outras – 4”, em *Dispersos*, pp. 364-365).

<sup>339</sup> ) Agostinho da Silva, “Tema: Responsabilidade portuguesa”, em *Vida Mundial*, 11 de Agosto de 1972 (assinado Arnold R. Middlebee).

<sup>340</sup> ) De facto, as letras H. L. S. parecem-nos ser as iniciais de um heterónimo de Agostinho que, apesar de todos os esforços, não conseguimos identificar.

<sup>341</sup> ) Agostinho da Silva, “Tema: Educadores portugueses - António Sérgio”, em *Vida Mundial*, 18 de Agosto de 1972, pp. 49-51.

<sup>342</sup> ) Idem, “Tema: Risinghill: 3. E quem dispõe”, em *ibidem*, 25 de Agosto de 1972, pp. 25-27 (assinado J. C. M.).

de artes e o ensino da língua mãe. No “Apontamento” Agostinho chamou a atenção para alguns significados do vocábulo escola, como sejam o repouso e o lazer, relevando serem contrários àquilo que os governos têm feito com as estruturas escolares, apelando, por isso, para que a política educativa contemplasse, de forma igualitária, a instrução e o lazer.

Em *Tema: Formação de educadores*<sup>343</sup>, a propósito das redes de aprendizagem propostas por Illich, Agostinho teceu considerações sobre alguns modelos de formação de professores e sobre a necessidade de encontrar novos métodos de ensino em comunidade. No “Apontamento” aqui inserido, assinado pelo heterónimo Pa. S. (Palmira Sanches), o nosso autor deu-nos conta das novidades pedagógicas que introduziu no Colégio Infante de Sagres, que considerou ter sido um colégio que funcionava como comunidade.

O heterónimo J. C. M., em *Tema: Fundação nacional*<sup>344</sup>, projectou uma Fundação com o propósito de ver instaurado no nosso país uma economia cooperativa e municipal. Nos propósitos aqui enumerados, conta-se também um apelo ao fim da emigração, por considerar que a função de Portugal não é servir mas sim coordenar. Em termos de política interna, Agostinho defendeu que o turismo de massas fosse substituído pelo turismo rural, para que aqueles que nos visitavam pudessem estar em contacto íntimo com o povo. No tocante a temáticas educativas o nosso autor defendeu que Portugal devia investir mais no ensino primário e que todas as escolas deste nível deveriam ser precedidas pelo jardim infantil; quanto ao ensino universitário propôs que, nas aulas, se privilegiasse igualmente a teoria e a prática. No “Apontamento”, o nosso autor defendeu que uma educação para ocupar os tempos livres deveria ser feita por comunidades e grupos que se reunissem de acordo com interesses comuns.

Para terminar a Página de Educação, Agostinho redigiu um conjunto de textos sobre educação africana, assinando-os com o seu heterónimo Frei G. H.<sup>345</sup>. Foram, então, os seguintes: *Tema: Educação africana*<sup>346</sup> em que lamentou o facto de o mapa político de África, desenhado com o escopo europeu, pouco conservar da originalidade deste continente, o que, todavia, julgava não ter sido obstáculo a que os africanos estivessem mais próximos de uma vida plena do que os europeus, reafirmando no “Apontamento” a sua crença na transcendência e na

---

<sup>343</sup> ) Idem, “Tema: Formação de educadores”, em *ibidem*, 1 de Setembro de 1972, pp. 25-27.

<sup>344</sup> ) Idem, “Tema: Fundação nacional”, em *ibidem*, 8 de Setembro de 1972, pp. 42-45 (assinado J. C. M.).

<sup>345</sup> ) Frei G. H. é um heterónimo de Agostinho, de forte pendor místico, tal como se pode ver em *Dispersos*, p. 415. O folheto *Goa – cadernos teológicos*, foi também assinado por Frei G. H. (cf. mais à frente o ponto 9. do número III. do presente capítulo).

<sup>346</sup> ) Agostinho da Silva, “Tema: Educação africana I”, em *Vida Mundial*, 15 de Setembro de 1972, pp. 25-27 (assinado Frei G. H.).

liberdade absoluta; *Tema: Educação africana I*<sup>347</sup> serviu a Agostinho para discorrer sobre o especial valor atribuído às crianças nas sociedades africanas, relevando no “Apontamento” o carácter e o percurso profissional de Adolfo Casais Monteiro, de quem nos disse ter sido adepto da total liberdade e que ensinou como ninguém a grandeza de Portugal até ao século XV e as causas que, a partir deste século, foram moldando o nosso país ao pior que a Europa já tinha; em *Tema: Educação africana II*<sup>348</sup> Agostinho mostrou-se favorável à educação sexual levada a cabo pelos povos africanos, considerando-a a melhor forma de eliminar complexos futuros e aplaudiu, também, o facto de os africanos usarem muito o silêncio como modo de se educarem, pois, em seu entender, esta forma de proceder levava a que as crianças tivessem de insistir mais nas tarefas que se propunham executar e, considerando no “Apontamento”, assinado pelas iniciais S. P.<sup>349</sup>, a propósito do projecto da Sociedade de Estudos Pedagógicos, a educação como uma forma de intervenção, discorreu sobre o facto de todo o pensamento educativo implicar simultaneamente um sistema metafísico, uma concepção social e uma escolha política.

## **27. Colaboração em *Correio de S. Félix* (Bahia)**

A publicação baiana *Correio de S. Félix*, deu à estampa, em 1971, *Cartas a S. Félix*<sup>350</sup>, conjunto de onze missivas onde Agostinho abordou temas da sua predilecção, como o ecumenismo, a vida plena, as considerações sobre o ensino primário, a necessidade de aproximar Portugal e Brasil, ou o sonho de D. Bosco.

## **28. Colaboração em *O Sesimbrense* (Sesimbra)**

A publicação regional *O Sesimbrense*, no decurso de 1971, inseriu nas suas páginas alguns textos de Agostinho sob o título geral *Onde a terra se acaba*. No texto publicado a 20 de

---

<sup>347</sup> ) Idem, “Tema: Educação africana II”, em *ibidem*, 22 de Setembro de 1972, pp. 25-28 (assinado Frei G. H.).

<sup>348</sup> ) Idem, “Tema: Educação africana III”, em *ibidem*, 29 de Setembro de 1972, pp. 25-28 (assinado Frei G. H.).

<sup>349</sup> ) Cf. atrás, as notas 327) e 337).

<sup>350</sup> ) Agostinho da Silva, “Cartas a S. Félix”, em *Correio de S. Félix*, 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 109-125).

Junho<sup>351</sup>, o nosso autor teceu algumas considerações sobre António Nobre e aquilo que, no seu pensamento, lhe pareceu ser positivo e interessante para o futuro de Portugal. A 18 de Julho<sup>352</sup> Agostinho fez, em abstracto, a defesa e o elogio do grupo em detrimento do indivíduo, concretizando com o elogio ao comunitarismo medieval e condenando o Renascimento por ter individualizado a existência e ser o responsável pela introdução da competição e do lucro. A 7 de Novembro<sup>353</sup>, o nosso autor deixou algumas notas sobre Camões e a sua obra. A 5 de Dezembro<sup>354</sup> encontramos Agostinho a defender o cooperativismo aparecido com a revolução cristã e a criticar de novo, o Renascimento que em sua opinião, tinha sido o principal responsável pelo triunfo do direito cesarista quando separou a ciência e a moral, quando incentivou a propriedade privada e quando pôs a escola ao serviço das classes sociais.

## 29. Colaboração em *O Arauto* (Santo Tirso)

A publicação de Santo Tirso, *O Arauto*, deu à estampa, entre 1971 e 1972, os seguintes textos de Agostinho da Silva: *Do nome*<sup>355</sup>, em que o nosso autor deixou referido que a História só teria valor se fosse do futuro e defendeu que galegos, portugueses e brasileiros deveriam ter a mesma língua; *De Augusto César*<sup>356</sup>, texto onde o intelectual portuense teceu várias considerações sobre o seu antigo mestre Augusto César Pires de Lima; *Do plural*<sup>357</sup>, em cujas linhas, ao tecer alguns comentários sobre a comunidade islâmica de Lisboa, deixou bem claro que nunca defendeu um Estado que fosse alheio à questão religiosa; *De Eduardo Pondal*<sup>358</sup>,

---

<sup>351</sup> ) Idem, "Onde a terra se acaba", em *O Sesimbrense*, 20 de Junho de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 181-182).

<sup>352</sup> ) Idem, "Onde a terra se acaba", em *O Sesimbrense*, 18 de Julho de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 195-196. Integralmente reproduzido em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 259-260).

<sup>353</sup> ) Idem, "Onde a terra se acaba", em *O Sesimbrense*, 7 de Novembro de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 229-230).

<sup>354</sup> ) Idem, "Onde a terra se acaba", em *O Sesimbrense*, 5 de Dezembro de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 253-254. Integralmente reproduzido em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 267-268).

<sup>355</sup> ) Idem, "Do nome", em *O Arauto*, 1 de Julho de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 193-194).

<sup>356</sup> ) Idem, "De Augusto César", em *O Arauto*, 22 de Julho de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 197-198).

<sup>357</sup> ) Idem, "Do plural", em *O Arauto*, 4 de Novembro de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 225-226).

<sup>358</sup> ) Idem, "De Eduardo Pondal", em *O Arauto*, 20 de Janeiro de 1972 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 269-270).

artigo que serviu para Agostinho divagar sobre a necessidade de instaurar o tempo mítico e para apelar a que a Galiza cumprisse os seus deveres, que passavam por se empenhar, de forma séria, na construção de uma Ibéria fraterna e una; *De dificuldades*<sup>359</sup>, texto de defesa, por parte de Agostinho, das más interpretações sobre as suas posições quanto às relações entre Portugal e o Brasil.

### **30. Colaboração em *Presença e Diálogo* (Braga)**

Em 1971, a publicação bracarense *Presença e Diálogo* inseriu *Nota a cinco fascículos*<sup>360</sup>, escrito onde Agostinho defendendo o Homem como ser de liberdade plena em busca da unidade religiosa, continuou a condenar o capitalismo e a escola da época, pugnando, ainda, pela defesa da simplicidade pessoal como forma de acesso à fraternidade e unidade universais.

### **31. Colaboração em *Diário do Minho* (Braga)**

Em 1971 e em 1975, o *Diário do Minho*, na sua página cultural *Parábola*, publicou *Resposta a 'Inquérito sobre filosofia portuguesa'*<sup>361</sup>. Neste texto Agostinho começou por destacar a importância, na sua formação, dos serões passados em casa de António Sérgio e a sua admiração por ser considerado filósofo, epíteto que, aliás, sempre recusou. Atribuindo o estatuto de filósofo por excelência a Espinosa, a quem reconhecia a origem portuguesa, e aproveitando, ainda, para criticar os intelectuais portugueses estrangeirados, propôs a criação de Centros para pensar o futuro de Portugal. Destes Centros sairia a reflexão que permitisse realizar todas as potencialidades da Filosofia Portuguesa que deveria ter o seu fundamento no sistema de Espinosa. Indo mais longe, defendeu mesmo o fim da Filosofia e a sua substituição pela Teologia. Para terminar, o intelectual português lembrou que o português, por ser universal, tinha que viver para o universo.

---

<sup>359</sup> ) Idem, "De dificuldades", em *O Arauto*, 30 de Março de 1972 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 293-294).

<sup>360</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, "Nota a cinco fascículos", em *Presença e Diálogo*, liv. 3, vol. 2, Julho de 1971 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 541-544).

<sup>361</sup> ) Idem, "Resposta a 'Inquérito sobre filosofia portuguesa'", em *Diário do Minho*, 11 de Dezembro de 1971 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 545-549).

Em *Para Álvaro Ribeiro - sete notas a dez anos cada*<sup>362</sup>, texto de 1975, Agostinho, a propósito deste seu antigo colega da primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto, voltou a contrapor os sistemas de Platão e Aristóteles por lhe parecer que cada um deles apenas revelava uma parte do universo. Mas o que de mais importante há a assinalar neste artigo é que o nosso autor, de forma veemente, negou a existência de uma Filosofia Portuguesa, baseando os seus argumentos no facto de, em seu entender, faltar aos portugueses a qualidade da síntese, qualidade sem a qual não se poderia constituir qualquer Filosofia.

### **32. Colaboração em *O Comércio de Gaia* (Vila Nova de Gaia)**

Em *O Comércio de Gaia*, no mês de Dezembro de 1971, apareceu, assinado por Agostinho da Silva, *Prémio Nobel da paz*<sup>363</sup>, onde o autor mostrou o seu desagrado pela atribuição do Prémio Nobel da Paz a Willy Brandt.

### **33. Colaboração em *Diário de Notícias* (Lisboa)**

O jornal nacional *Diário de Notícias* também recebeu colaboração de Agostinho da Silva.

Nele foram impressos, na página cultural Artes e Letras, sob o título *Uma glosa, e só, e breve*, em 1971, cinco artigos do nosso autor: *De José Anastácio*<sup>364</sup> serviu para Agostinho lembrar os delitos pelos quais viria a ser acusado José Anastácio da Cunha, distinto matemático português setecentista, que tinha sido preso e, posteriormente, indultado por ter denunciado as desigualdades sociais e ter tido a ousadia de divulgar o seu projecto de reforma da Universidade; *De xingu e seus índios*<sup>365</sup> foi um escrito onde Agostinho voltou a insistir na necessidade de consumar a profecia joanina, heterodoxamente interpretada, de construir um só

---

<sup>362</sup> ) Idem, "Para Álvaro Ribeiro - sete notas a dez anos cada", em *Diário do Minho*, 8 de Março de 1975 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 635-637).

<sup>363</sup> ) Idem, "Prémio Nobel da paz", em *O Comércio de Gaia*, 27 de Dezembro de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 261-262).

<sup>364</sup> ) Idem, "De José Anastácio", em *Diário de Notícias*, 20 de Maio de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 149-150).

<sup>365</sup> ) Idem, "De xingu e seus índios", em *Diário de Notícias*, 3 de Junho de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 157-158).

rebanho (a Humanidade), com um só pastor (Deus); *De abutres*<sup>366</sup> foi um escrito onde Agostinho fixou, mais uma vez, o seu conceito alargado de cultura; *De português e homem*<sup>367</sup> serviu ao nosso autor para tecer várias considerações acerca das teses de Francisco da Cunha Leão sobre a psicologia portuguesa; *A seu Teodoro de To Koné*<sup>368</sup> artigo em que Agostinho voltou a criticar o sistema escolar tradicional, por achar que ia contra os anseios das crianças.

Em 1972, na mesma página e sob o mesmo título, foram publicados no *Diário de Notícias* mais textos agostinianos. *Já Bocage não sou*<sup>369</sup> em que o nosso autor realçou os contrastes entre a vivência cosmopolita de Camões e a vivência de identificação popular de Bocage. *Portugal visto do Brasil*<sup>370</sup>, onde Agostinho teceu várias considerações sobre a educação oficial e o papel das universidades enquanto veículos de agregação dos povos. *Pátrias camonianas*<sup>371</sup>, escrito em que, mais uma vez, foi condenada a economia de mercado e o seu excesso, o capitalismo. Em *A morte de Deus*<sup>372</sup>, servindo-se das impressões colhidas num livro da autoria de Joaquim Braga sobre os teólogos que lançaram o tema da morte de Deus, livro do qual não nos deixou qualquer referência de edição, Agostinho elogiou à América o cultivo da liberdade individual, mas criticou-lhe o sistema económico capitalista, que em seu entender, haveria de destruir essa mesma liberdade como tinha destruído a assunção da componente espiritual na vida colectiva americana. *Felicidade*<sup>373</sup> foi o comentário que Agostinho escreveu acerca de um livro de Louis Pauwels que tratava esta temática e estava, à época, a ter muito êxito, e em que, opondo-se à concepção optimista sobre a felicidade no mundo dos homens apresentada por Pauwels, Agostinho elogiou a este escritor e jornalista e aos seus colaboradores o facto de terem dado a conhecer a um vasto público ocidental uma parte substancial do conhecimento oriental de matriz indiana. *Sebastianismo*<sup>374</sup> constitui o comentário a um livro de António Machado Pires sobre o sebastianismo, no qual o nosso autor entendeu que faltava a esta obra a

---

<sup>366</sup> ) Idem, “De abutres”, em *Diário de Notícias*, 17 de Junho de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 179-180).

<sup>367</sup> ) Idem, “De português e homem”, em *Diário de Notícias*, 22 de Julho de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 199-200).

<sup>368</sup> ) Idem, “A seu Teodoro de To Koné”, em *Diário de Notícias*, 12 de Agosto de 1971 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 201-202).

<sup>369</sup> ) Idem, “Já Bocage não sou”, em *Diário de Notícias*, 4 de Janeiro de 1972 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 263-264).

<sup>370</sup> ) Idem, “Portugal visto do Brasil”, em *Diário de Notícias*, 23 de Março de 1972 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 281-282).

<sup>371</sup> ) Idem, “Pátrias camonianas”, em *Diário de Notícias*, 20 de Janeiro de 1972 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 551-552).

<sup>372</sup> ) Idem, “A morte de Deus”, em *Diário de Notícias*, 6 de Abril de 1972, pp. 17-18.

<sup>373</sup> ) Idem, “Felicidade”, em *ibidem*, 20 de Abril de 1972, pp. 17-18.

<sup>374</sup> ) Idem, “Sebastianismo”, em *ibidem*, 11 de Maio de 1972, p. 17.



fundamentação, na Antropologia Cultural, da tese de que o fenómeno messiânico aparecera por todo o mundo. De positivo, Agostinho salientou o facto de o autor não aceitar que os modelos estrangeiros fossem superiores aos modelos nacionais. Em *A Machorquinos*<sup>375</sup>, Agostinho escreveu sobre as consequências da expulsão dos judeus da península. O nosso autor achou que este acto tinha sido determinante para que, a partir de 1492, a Espanha tivesse começado a caminhar para o centralismo, o capitalismo e a racionalização da vida, modos de ser e de viver que depressa alastraram a Portugal. Em *Quanto a naufrágios*<sup>376</sup> comentando uma edição entretanto surgida da *História trágico-marítima*, elogiou os comentários aí inseridos de José Saramago e Maria Lúcia Lepeki. Sobre o sentimento saudoso de Portugal, o nosso autor também defendeu o projecto fracassado de Afonso de Albuquerque que pretendia fazer do Império português um Império mestiço, criticando quanto a este assunto a prudência da política de D. Francisco de Almeida. *À ciência real*<sup>377</sup> foi um texto em que Agostinho se pronunciou sobre as deficiências da Escola no que ao ensino das ciências dizia respeito. Em *A islamismos nossos*<sup>378</sup>, partindo de uma apreciação ao livro de Borges de Macedo *Portugal na Espanha árabe*, Agostinho defendeu que o cristianismo tinha impedido de se saber mais sobre a origem árabe da Ibéria e, em clara manifestação do seu ecumenismo, expressou, mais uma vez, simpatia pela comunidade islâmica de Lisboa. *Projecção de cidade*<sup>379</sup> foi um escrito onde Agostinho entendeu que a Universidade de Évora repensou o passado, soube estar presente no seu tempo e morreu no combate ao tentar uma solução para o futuro que era livrar-se do poder do rei. em *As duas vozes da Galiza*<sup>380</sup>, servindo-se das impressões colhidas no livro *Auto escolha poética*, de Celso Emilio Ferreiro, divagou sobre a realidade luso-espanhola, realçando o esforço da Galiza da altura no sentido de dignificar a sua singularidade ante o poder central do Estado espanhol. No artigo *História como ciência*<sup>381</sup>, mais uma vez Agostinho começando com os comentários a um ensaio do historiador Barradas de Carvalho sobre a história entendida como crónica ou como ciência, ensaio do qual não forneceu qualquer informação bibliográfica, falou da dificuldade dos historiadores portugueses abordarem o Brasil nas suas investigações. Em *Pois de eras afonsinas*<sup>382</sup>, agora partindo das impressões que Agostinho colhera na leitura da História de

---

<sup>375</sup> ) Idem, “A Machorquinos”, em *ibidem*, 29 de Junho de 1972, pp. 17-18.

<sup>376</sup> ) Idem, “Quanto a naufrágios”, em *ibidem*, 13 de Julho de 1972, pp. 17-18.

<sup>377</sup> ) Cf. idem, “À ciência real”, em *ibidem*, 27 de Julho de 1972, pp. 17 e 19.

<sup>378</sup> ) Idem, “A islamismos nossos”, em *ibidem*, 10 de Agosto de 1972, p. 17.

<sup>379</sup> ) Idem, “Projecção de cidade”, em *ibidem*, 24 de Agosto de 1972, pp. 17 e 19.

<sup>380</sup> ) Idem, “As duas vozes da Galiza”, em *ibidem*, 21 de Setembro de 1972, pp. 17-18.

<sup>381</sup> ) Idem, “História como ciência”, em *ibidem*, 5 de Outubro de 1972, p. 17.

<sup>382</sup> ) Idem, “Pois de eras afonsinas”, em *ibidem*, 30 de Novembro de 1972, pp. 19-20.

Portugal de Oliveira Marques, o nosso autor, pronunciou-se sobre Afonso Costa dizendo-nos que este primo-republicano acertara ao querer reformar as escolas primárias e as universidades, mas errara ao querer definir as relações entre a Igreja e o Estado.

O ano de 1973 viu inseridas no *Diário de Notícias* as derradeiras linhas nele assinadas por Agostinho da Silva nesta década: *Feira de anexis*<sup>383</sup>, também publicado na página cultural Artes e Letras, texto onde Agostinho reiterou o interesse especial pelo Povo, aconselhando todos aqueles que se consideravam instruídos a irem aprender com ele.

A página cultural do *Diário de Notícias*, agora designada *Cultura*, deu à estampa mais três textos da autoria de Agostinho da Silva. Em 1982, publicou *O futuro que chega*<sup>384</sup>, escrito cujo conteúdo era uma pequena parte do que viria a ser publicado em *Educação de Portugal* e no qual, Agostinho defendeu a teoria do bom selvagem e criticou a Escola por servir os fortes e não deixar as crianças ser aquilo que são. O nosso autor aproveitou, ainda, para reafirmar a sua fé e a sua esperança num futuro de amor e caridade irrestritos. O título *O homem e as civilizações*<sup>385</sup>, impresso em Maio de 1984, corresponde ao texto que Agostinho anteriormente tinha publicado na revista *Peregrinação*. Em *A época mais decisiva do mundo*<sup>386</sup>, dado precisamente à estampa no último dia de 1989, Agostinho fez um balanço do passado português com vista a edificar uma nova civilização onde um Portugal renovado haveria de ter papel determinante.

O suplemento *DNA* de 3 de Julho de 1999 trouxe impressos dois textos que tinham sido publicados nos anos de 1930 na revista *Seara Nova*, intitulados, respectivamente, *Discípulos*<sup>387</sup> e *Revolta*<sup>388</sup>.

### **34. Colaboração em *Diário do Alentejo* (Beja)**

O *Diário do Alentejo*, de Beja, em Fevereiro de 1972 imprimiu, da autoria de Agostinho da Silva, *Escrever nos jornais*<sup>389</sup>, artigo no qual o nosso autor fez saber que considerava os jornais

---

<sup>383</sup> ) Idem, “Feira de anexis”, em *ibidem*, 8 de Março de 1973 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 599-600).

<sup>384</sup> ) Idem, “O futuro que chega”, em *Diário de Notícias*, 4 de Fevereiro de 1982 (texto consultado em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 371-375).

<sup>385</sup> ) Idem, “O homem e as civilizações”, em *Diário de Notícias*, 24 de Maio de 1984. Anteriormente publicado em *Peregrinação*, n.º 4, Abril de 1984 (veja-se à frente o ponto 42.).

<sup>386</sup> ) Idem, “A época mais decisiva do mundo”, em *Diário de Notícias*, 31 de Dezembro de 1989, pp. 5-9.

<sup>387</sup> ) Idem, “Discípulos”, em *Diário de Notícias – DNA*, 3 de Julho de 1999, pp. 42-45. Anteriormente publicado em *Seara Nova*, n.º 396, ano 13, Julho de 1934, pp. 180-182 (veja-se atrás o ponto 7.2.).

<sup>388</sup> ) Idem, “Revolta”, em *Diário de Notícias – DNA*, 3 de Julho de 1999, pp. 45-46. Anteriormente publicado em *Seara Nova*, n.º 397, ano 13, Julho de 1934, pp. 201-203 (veja-se atrás o ponto 7.2.).

regionais mais importantes veículos de cultura do que os jornais nacionais. A defesa da importância cultural daqueles, baseava-a Agostinho no público por eles visado, constituído por núcleos de pessoas com poucas posses, poucos conhecimentos e pouca cultura, mesmo analfabetos, que tinha nestes jornais a única, ou uma das raras possibilidades de ler e de aceder à informação.

### **35. Colaboração em *Convivium* (S. Paulo)**

A revista brasileira de S. Paulo *Convivium* imprimiu *Vicente, filosofia e vida*<sup>390</sup>, onde o nosso autor, a propósito do filósofo Vicente Ferreira da Silva, um dos principais dinamizadores do chamado Grupo de S. Paulo, que Agostinho também frequentara, teceu algumas considerações sobre o papel que o Brasil haveria de ter na promoção da futura unidade internacional dos povos.

### **36. Colaboração em *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* (Lisboa)**

O texto *Comemoração de "Os Lusíadas"*<sup>391</sup>, datado de 1972, serviu para Agostinho, sob o pretexto da comemoração do quatro centenário de *Os Lusíadas*, elogiar o trabalho que Adriano Moreira vinha dedicando à exegese deste poema maior de Portugal, por o ter visto, tal qual ele, como um manifesto do futuro. Agostinho ainda defendeu que Portugal só verdadeiramente o foi quando o poder estava próximo do Povo, atribuindo as causas da decadência da nação ao mercantilismo capitalista, à herança do direito romano, ao catolicismo afastado de Cristo e ao centralismo do poder.

---

<sup>389</sup> ) Idem, "Escrever nos jornais", em *Diário do Alentejo*, 4 de Fevereiro de 1972 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 271-272).

<sup>390</sup> ) Idem, "Vicente, filosofia e vida", em *Convivium*, Maio-Junho de 1972 (texto consultado em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 277-282).

<sup>391</sup> ) Idem, "Comemoração de *Os Lusíadas*", em *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1972, pp. 139-142.

### **37. Colaboração em *La Voz de Galicia* (La Coruña)**

Em *La Voz de Galicia*, saiu *Testemuña brasileira*<sup>392</sup>, onde Agostinho afirmou que Portugal devia ser entendido como um prolongamento da Galiza. Para sustentar a sua tese, o intelectual portuense defendia que a Galiza era o berço de Portugal e de todas as nações onde se falava o português, tendo, por isso, saído dela o essencial da cultura brasileira.

### **38. Colaboração em *Nova Renascença* (Porto)**

Em *Nova Renascença*, revista do movimento com o mesmo nome, Agostinho da Silva publicou diversos textos que tinham em comum o facto de abordarem temáticas portuguesas. Assim, a *Nova Renascença*, no seu número 1, em 1980, publicou *Mensagem*<sup>393</sup>, um texto curto em que Agostinho, partindo da sua experiência na primeira Faculdade de Letras da Universidade de Porto, considerou a actual Faculdade, que designou de segunda, a mediadora entre aquela que substituiu e aquela que deveria ajudar a preparar, a terceira, à qual incumbiria trabalhar em prol da comunhão final entre os homens mediada por Portugal.

O número 7 da mesma publicação incluiu *Exortação à portuguesa língua que o doutor Luís António do Vale de Aboim compôs na sua casa de Amarante em tempo de Filipes e agora novamente dada à estampa nas festas de Junho por seu heterónimo Agostinho e por ele enviada aos amigos*<sup>394</sup>. Trata-se de um poema de Agostinho em torno da língua portuguesa e do esquecimento em que parece ter caído, no qual o nosso autor apela para que Portugal não repita os erros passados e para que a sua língua sirva para construir a vida harmoniosa que o Homem deseja.

*Proposta aprovada por aclamação em 25/3/83 no encontro "Portugueses no mundo - Uma cultura a preservar"*<sup>395</sup> dá título a um pequeno texto que Agostinho enviou ao respectivo

---

<sup>392</sup> ) Idem, "Testemuña brasileira", em *Voz de Galicia*, 16 de Setembro de 1973 (texto consultado em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 375-377).

<sup>393</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, "Mensagem", em *Nova Renascença*, n.º1, 1980 (texto consultado em *Dispersos*, p. 697).

<sup>394</sup> ) Idem, "Exortação à portuguesa língua que o doutor Luís António do Vale de Aboim compôs na sua casa de Amarante em tempo de Filipes e agora novamente dada à estampa nas festas de Junho por seu heterónimo Agostinho e por ele enviada aos amigos", em *Nova Renascença*, n.º 7, 1982 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 741-743).

<sup>395</sup> ) Idem, "Proposta aprovada por aclamação em 25/3/83 no encontro 'Portugueses no mundo - Uma cultura a preservar'", em *Nova Renascença*, n.º10, 1983 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 749-750).

encontro. Nele expôs as suas preocupações no sentido de defender e preservar a cultura portuguesa num mundo a pender para a globalização e a predominância da cultura anglo-saxónica, pedindo, especialmente, que fosse concedida uma grande atenção a todos os países de Língua portuguesa.

Em *Jaime Cortesão e a exposição de S. Paulo*<sup>396</sup>, Agostinho, para além de ter reflectido sobre o papel do poder local e dos concelhos na boa organização do país, quis realçar o espírito poético dos portugueses que os levava a querer realizar o impossível, atitude esta que, na sua óptica, se suportava no uso da liberdade plena e no ideal franciscano.

O número 22 trouxe a lume *De Portugal, e da Europa, e do Mundo*<sup>397</sup>, texto de forte pendor utópico, em que Agostinho esboçou o esquema político, social, económico e educativo que haveria de garantir a realização plena de Portugal e do Mundo.

O número 30-31, de 1988, viu publicado *Proposição - aditamento um*<sup>398</sup>, escrito datado de 1975, no qual Agostinho reflectiu, entre outros aspectos, sobre o facto de Portugal dever assumir-se como um país de serviço e não de mando, sobre a necessidade de Portugal ter de se entender com o Brasil e de ter de morrer como metrópole para renascer como comunidade livre. Para que assim pudesse ser, o nosso autor apelava a que Portugal colaborasse no estabelecimento de uma nova Ibéria que, no futuro, se teria de transformar numa federação de regiões que incluísse o Brasil.

### **39. Colaboração em *Ensaio* (Lisboa)**

Em *Ensaio* Agostinho publicou *Confirmação*<sup>399</sup>. Neste artigo descreveu a origem e o significado do culto popular do Espírito Santo, ante cuja simbologia o nosso autor reafirmou a política da liberdade plena e a condenação das cadeias, pondo ainda em destaque o papel mediador de Portugal na construção da plenitude futura da Humanidade.

---

<sup>396</sup> ) Idem, “Jaime Cortesão e a exposição de S. Paulo”, em *Nova Renascença*, nº 17, 1985 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 775-778).

<sup>397</sup> ) Idem, “De Portugal, e da Europa, e do Mundo”, em *Nova Renascença*, nº 22, 1986, pp. 89-92.

<sup>398</sup> ) Idem, “Proposição - aditamento um”, em *ibidem*, nº 30-31, 1975 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 629-637). A publicação deste texto nos *Dispersos* é apresentada como sendo ainda inédito, o que não é de estranhar, pois o ano de edição é o mesmo em ambas as publicações.

<sup>399</sup> ) Idem, “Confirmação”, em *Ensaio*, nº 5, 1982 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 703-704).

## 40. Colaboração em *Cultura Portuguesa* (Lisboa)

No número 2 de *Cultura Portuguesa*, saiu, do nosso pensador, *Fantasia portuguesa para orquestra de história e de futuro*<sup>400</sup>, texto em que se pronunciou sobre as interpretações históricas de Portugal de António Sérgio, João de Barros e Mendes Pinto e onde salientou o papel de algumas figuras e movimentos que estiveram na origem e formação de Portugal como S. Bernardo, os Templários, D. Dinis, Afonso IV, D. Pedro, D. Henrique. Previu, também, como espaço para a realização futura de Portugal, o espaço luso-afro-brasileiro.

## 41. Colaboração em *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (Lisboa)

No *Jornal de Letras Artes e Ideias*, Agostinho publicou, em 1983, *Ombrear com Herculano*<sup>401</sup>, texto em que atribuiu um papel de charneira a António Sérgio no movimento intelectual do pensamento português do século XX, igualando-o a autores históricos de renome como Alexandre Herculano.

*Duas histórias exemplares*<sup>402</sup>, em 1987, serviu ao nosso autor para, num registo autobiográfico, testemunhar as suas relações com Leonardo Coimbra, bem como as peripécias em que se envolveu no seu primeiro contacto com a primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que, como nos confessa, estiveram na base da sua transferência do curso de Filologia Românica para o de Filologia Clássica. Em *Um marinheiro vagabundo*<sup>403</sup>, depoimento escrito aquando da morte de Eudoro de Sousa, Agostinho disse-nos que encontrou pela primeira vez Eudoro por volta de 1936/37 num café em Lisboa, onde estava também José Marinho. Elogiou-lhe o autodidactismo, bem como a profunda cultura que possuía e teve oportunidade de aumentar quando foi bolseiro em Heidelberg.

Os títulos *O sonho da unidade* e *O sonho do paradoxo*<sup>404</sup> abrangem fragmentos do texto que Agostinho enviou para a organização da Bienal de 90 de Vila Nova de Cerveira. Quanto à

---

<sup>400</sup> ) Idem, "Fantasia portuguesa para orquestra de história e de futuro", em *Cultura Portuguesa*, n.º 2, 1982 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 705-721).

<sup>401</sup> ) Idem, "Ombrear com Herculano", em *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 26 de Abril de 1983, p. 12.

<sup>402</sup> ) Idem, "Duas histórias exemplares", em *ibidem*, 12 de Janeiro de 1987 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 173-174).

<sup>403</sup> ) Idem, "Um marinheiro vagabundo", em *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 3 de Outubro de 1987, p. 31.

<sup>404</sup> ) Idem, "O sonho da unidade/O sonho do paradoxo (fragmentos de um texto para a organização da Bienal de 90 de Vila Nova de Cerveira)", em *ibidem*, 27 de Junho de 1989, p. 22.

unidade, o intelectual portuense defendeu a unidade da pluralidade do povo português, enquanto constatava que o mundo moldava os homens de acordo com as suas exigências impedindo-os, quase sempre, de serem aquilo para que nasceram. Quanto ao sonho do paradoxo, isto é, ser simultaneamente algo e o seu contrário, constatou que o povo português ainda não o pôde cumprir.

O escrito *Portugal: o de ser, o de servir, o de sonhar*<sup>405</sup> corresponde ao manifesto apresentado em 1990 ao Ciclo de Reflexão que a Cooperativa Árvore, com o patrocínio do nosso autor, levou a cabo no ano de 1990, na cidade do Porto. Neste manifesto, Agostinho elogiou a audácia de Portugal, considerando que o nosso país, entre o passado e o futuro, se desdobrava em três unidades, compostas cada qual por uma trilogia de acção e esperança, a saber: 1) o Ser (o ser da terra... – o ser do homem... – o ser da vida); 2) o Serviço (do mar – da Europa – do mundo); 3) o Sonho (da pluralidade – da unidade – do paradoxo). Em *A primeira coisa a fazer é sermos o que somos*<sup>406</sup>, Agostinho, fazendo o balanço do ciclo de reflexão *À Descoberta de Nós*, evidenciou o excelente serviço que Portugal prestou ao mundo com as descobertas e lembrou ser agora tempo não só de sonhar, mas também de fazer.

## **42. Colaboração em *Peregrinação* (Lisboa)**

Em *Peregrinação*, revista de expressão migrante sediada em Lisboa, Agostinho assinou três textos: *O homem e as civilizações*<sup>407</sup>, em que, mais uma vez, discorreu sobre a origem, a difusão, o declínio e o conteúdo do Culto Popular do Espírito Santo, aproveitando também para realçar as insuficiências das escolas do seu tempo; em *Frantisek Bakulé*<sup>408</sup>, Agostinho deixou as suas impressões sobre a educação das primeiras idades e dos retardados, bem como, ainda, defendeu que o mestre não devia ser sábio mas sim artista e que o amor era superior à pedagogia; *O direito de ser*<sup>409</sup> exprimia a tomada de posição de Agostinho sobre Portugal e a sua aliança com Inglaterra, preocupando-se o nosso pensador, fundamentalmente, com a forma como tal aliança poderia servir a especificidade de ser português.

---

<sup>405</sup> ) Idem, “Portugal: o de ser, o de servir, o de sonhar”, em *ibidem*, 13 de Fevereiro de 1990, p. 8.

<sup>406</sup> ) Idem, “A primeira coisa a fazer é sermos o que somos”, em *ibidem*, 19 de Junho de 1990, p. 21.

<sup>407</sup> ) Idem, “O homem e as civilizações”, em *Peregrinação*, n.º 4, Abril de 1984, pp. 13-14.

<sup>408</sup> ) Idem, “Frantisek Bakulé”, em *ibidem*, n.º 5, Julho de 1984, pp. 11-15.

<sup>409</sup> ) Idem, “O direito de ser”, em *ibidem*, n.º 7, Janeiro de 1985, pp. 6-9.

### **43. Colaboração em *Boletim Interno do ICALP* (Lisboa)**

O *Boletim Interno do ICALP* deu à estampa, em 1984 e em 1987, dois artigos do nosso autor. *Sobre cultura portuguesa*<sup>410</sup> foi o primeiro e, nele, Agostinho, após apresentar a cultura como tudo aquilo que não é natureza, reinterpretou o episódio do Adamastor, baseando-se em três ideias básicas que convinha aos portugueses saber cultivar: o paradoxo, o amor e a ciência. Em *Notas outras sobre a Europa e o mundo*<sup>411</sup>, o segundo artigo desta colaboração, o nosso autor expôs os motivos que, em seu entender, proporcionaram a passagem do comunitarismo para o capitalismo, vendo no fabrico do cesto e da vasilha de barro, onde se passaram a guardar os excedentes, o início do sistema bancário. Ao longo deste mesmo texto, Agostinho, reflectindo sobre Portugal, atribuiu a invenção do Brasil à vontade de compensar a tentativa não completamente conseguida de Albuquerque de casar, em Goa, portugueses e indianos: se em Goa tal propósito não se veio a conseguir completamente, na opinião do nosso autor o Brasil teria realizado, na perfeição, esta estratégia.

### **44. Colaboração em *Cadernos Rioarte* (Rio de Janeiro)**

Os *Cadernos Rioarte* imprimiram *Sobrevoando o atlântico*<sup>412</sup>, texto em forma de poema onde Agostinho se expressou sobre os encontros e desencontros com o mundo tal como o percebemos e manifestou o desejo de, em breve, nos consumarmos em plena liberdade e em amor incondicional a Deus.

### **45. Colaboração em *Quinto Império* (Bahia)**

---

<sup>410</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, “Sobre cultura portuguesa”, em *Boletim Interno do ICALP*, Novembro de 1984 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 751-753).

<sup>411</sup> ) Idem, “Notas outras sobre a Europa e o mundo”, em *Boletim Interno do ICALP*, nº 15, Março de 1989, pp. 13-19.

<sup>412</sup> ) Idem, “Sobrevoando o atlântico”, em *Cadernos Rioarte*, nº 3, 1985 (texto consultado em *Dispersos*, p. 787).



A publicação baiana *Quinto Império* inseriu nas suas páginas, em 1986, com a assinatura de Agostinho, *O império do passado e do futuro*<sup>413</sup>, onde o nosso autor teceu algumas considerações sobre a ideia de Império da rainha D. Isabel, sobre os males que o Concílio de Trento causou a Portugal e sobre a utopia da Ilha dos Amores de Camões. Agostinho aproveitou ainda para realçar o papel do Padre António Vieira na teorização do Império do Futuro, o Quinto e último.

#### **46. Colaboração em *Revista de Educação* (Lisboa)**

A *Revista de Educação* incluiu em 1987, no seu nº 2, *Divagações quanto a futuro*<sup>414</sup>, onde Agostinho disse interessar-se mais pelo futuro que pelo passado ou presente, propondo, novamente, uma reforma da economia, da escola e da política, no sentido de substituir o capitalismo individualista pelo colectivismo criador. O nosso autor deixou ainda o apelo para que se tentasse restaurar a política medieval portuguesa do século XII, onde o poder central, em sua opinião, era um poder de coordenação e não de mando.

#### **47. Colaboração em *Universus* (Lisboa)**

O jornal da Associação Académica de Lisboa *Universus*, publicou em 1988, aquando da visita de Agostinho à Ilha de Moçambique, o texto *Ilha de Moçambique – Casa de Estudos Tomás António Gonzaga*<sup>415</sup>, em que o nosso autor propôs a abertura de uma Casa de Estudos em Moçambique para divulgar e difundir a cultura portuguesa. O modelo apontado para esta Casa de Estudos, foi buscá-lo Agostinho às feitorias comerciais do tempo do comércio marítimo. Só que a Casa de Estudos, funcionaria agora como interface para todos os que quisessem entender África e ensinar a cultura portuguesa. Para custear estes estudos propôs a criação de bolsas

---

<sup>413</sup> ) Idem, “O império do passado e do futuro”, em *Quinto Império*, nº 1, 1986 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 797-799).

<sup>414</sup> ) Idem, “Divagações quanto a futuro”, em *Revista de Educação*, nº 2, vol. 1, 1987, p. 102.

<sup>415</sup> ) Idem, “Ilha de Moçambique – Casa de Estudos Tomás António Gonzaga”, em *Universus*, 19 de Setembro de 1988, p. 2.

oficiais e particulares, tomando a iniciativa, de forma algo inédita, de indicar uma conta bancária pessoal que serviria para a recolha dos donativos que se destinassem a estes fins.

## **48. Colaboração em *Via Latina* (Coimbra)**

A Associação Académica de Coimbra, no número de Inverno de 1989/90, na sua revista *Via Latina*, publicou *Uma nota de Agostinho*<sup>416</sup> onde mais uma vez o nosso autor nos forneceu uma boa descrição da teologia do Espírito Santo, toda ela centrada no futuro, na utopia e no papel que as pequenas comunidades teriam na nova ordem mundial.

## **49. Colaboração em *O Setubalense* (Setúbal)**

O número acentuado de textos do nosso autor que o jornal *O Setubalense* publicou na sua página cultural intitulada “Arca do Verbo”, provêm, essencialmente, do acervo de cartas, panfletos e notas produzidas por Agostinho e que circulavam dactilografadas ou manuscritas pelo designado Grupo de Amigos. Para se perceber melhor a proveniência dos textos aqui impressos subdividimos as publicações de acordo com o princípio original do manuscrito.

### **49.1. Portugal e a Fundação Mensagem**

No texto *Fundação Mensagem – Boletim 1*<sup>417</sup>, do início de 1989, Agostinho manifestou a sua intenção de terminar a acção pública aquando da realização da Bienal de Vila Nova de Cerveira. O nosso autor traçou os objectivos da Fundação Mensagem, para a qual deu o primeiro subsídio pecuniário. O essencial dessa Fundação era ajudar a fazer de todo o Portugal um espaço de amor pleno, com base na liberdade e com o fim último de alcançar a Beleza. Agostinho manifestou a sua vontade de não ficar ligado à mesma, mas mostrou o desejo de nela ver empenhados, entre outros, políticos, técnicos, juristas e cientistas. Desejou, ainda, que esta Fundação fosse do país todo e que se tornasse indistinta da Nação, podendo congregiar outras

---

<sup>416</sup> ) Idem, “Uma nota de Agostinho”, em *Via Latina*, Inverno 1989/90, p. 26.

<sup>417</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, “Fundação Mensagem – Boletim 1”, em *O Setubalense*, 1 de Fevereiro de 1989, p. 5.

experiências que noutros lugares buscassem os mesmos objectivos. Neste folheto, Agostinho avisou ainda que as folhas que se seguiam para substituir as anteriormente designadas “É a Hora” só seriam remetidas a quem o desejasse.

Em *Uma nota de Agostinho da Silva*<sup>418</sup>, o nosso autor reafirmou o seu empenho na criação da Fundação Mensagem, referindo o seu desejo de ir à aldeia mais remota do país e aí, após se inteirar das suas condições de subsistência e conhecimento, fundar a escola sempre aberta para receber quem quisesse perguntar. Como tal propósito não lhe pareceu possível de imediato, desejou que a Fundação Mensagem pudesse levar avante tamanho desiderato. Neste escrito também informou que estava a elaborar os Estatutos da Fundação e que tinha projectado para a mesma uma Associação de Amigos, estando aberto a sugestões.

Com título idêntico ao anterior, o texto *Uma nota de Agostinho da Silva*<sup>419</sup> serviu ao nosso autor para se pronunciar sobre a saudade, associando-a à Idade do Ouro e ao culto Popular do Espírito Santo. Agostinho manifestou o desejo de que a saudade não nos reportasse aos tempos idos mas nos transportasse ao futuro.

*Uma nota de Agostinho*<sup>420</sup> foi como que um manifesto em que o nosso autor desejou que todos os homens, sem distinção, tivessem comida, casa e assistência médica. Agostinho continuava a mostrar-se convicto de que só depois de tratar das preocupações do corpo é que se deveria passar às preocupações do espírito.

Em *Alguma coisa fundamental para o mundo*<sup>421</sup>, dirigindo-se aos setubalenses, Agostinho voltou a referir que, depois de lhes serem garantidas as condições materiais, competia-lhes perceber todo o espaço físico que os envolvia, nomeadamente o mosteiro popular da Nossa Senhora do Cabo. Pondo em evidência uma preocupação ecológica, Agostinho pronunciou-se sobre o projecto de criar uma pousada na herdade particular da Casa Palmela, acreditando que a renovação deste espaço não iria eliminar a tradição e poderia servir de mensageiro do futuro.

No texto *É o início de novos descobrimentos portugueses*<sup>422</sup>, Agostinho, na ânsia de realizar o ecumenismo universal, apelou à união da ciência e da religião, por achar que a ciência era mais que erudição e a religião mais que oração. O nosso autor, convicto do seu projecto de futuro, afirmou, ainda, que, mesmo sozinho, iria empenhar-se na união do Oriente e do

---

<sup>418</sup> ) Idem, “Nota de Agostinho da Silva”, em *ibidem*, 6 de Setembro de 1989, p. 5.

<sup>419</sup> ) Idem, “Nota de Agostinho da Silva”, em *ibidem*, 6 de Setembro de 1989, p. 5.

<sup>420</sup> ) Idem, “Uma nota de Agostinho”, em *ibidem*, 27 de Setembro de 1989, p. 5.

<sup>421</sup> ) Idem, “Alguma coisa fundamental para o mundo”, em *ibidem*, 27 de Setembro de 1989, p. 5.

<sup>422</sup> ) Idem, “É o início de novos descobrimentos portugueses”, em *ibidem*, 27 de Setembro de 1989, p. 5.

Ocidente, do Norte e do Sul, pois considerava serem estas as novas descobertas que urgia encetar.

## **49.2. Sob o signo do Espírito Santo**

No escrito *Ideia primeira*<sup>423</sup> Agostinho convidou os leitores ao estudo que os levasse a compreender o que foi Portugal no século XIII, após o casamento de D. Dinis com Dona Isabel de Aragão, que consigo trouxe, para terras lusas, os franciscanos seguidores de Joaquim de Fiore, tendo estes iniciado entre nós o Culto Popular do Espírito Santo. O nosso autor procedeu ainda a uma descrição da simbologia do Culto do Espírito Santo, que lhe pareceu urgente voltar a retomar.

Em *Vamos olhar a metafísica*<sup>424</sup>, retomou a sua reflexão sobre o século XIII português e a Teologia do Espírito Santo, por lhe parecer que só seguindo-a se poderia garantir a gratuidade da vida e a possibilidade de nos redirmos unindo o ser e o ter, o tudo e o seu nada.

O escrito intitulado *O sonho que sempre seremos*<sup>425</sup> serviu para Agostinho insistir na ideia de que o auge da cultura portuguesa se encontra no reinado de D. Dinis, com a sua economia comunitária, a educação pela vida e o culto do Espírito Santo. O nosso autor, neste texto admitiu que o capitalismo era o único sistema capaz de fazer andar o mundo, adiantando, porém que ele tinha de ser transitório.

No texto *Preparar Portugal*<sup>426</sup> Agostinho mostrou-se desagradado com a possibilidade de, no futuro, poder haver uma união entre os países ricos do norte da Europa e da América, com um crescente desprezo pelos povos pobres do Sul. Se fosse este o caminho, parecia ao nosso autor que só restava aos países pobres atacar e invadir os países ricos, tal como tinha acontecido com o Império Romano. A solução para um futuro melhor viu-a numa organização social monástico-militar idêntica à que esteve na origem da Europa construída após a queda do Império Romano.

---

<sup>423</sup> ) Idem, “Ideia primeira”, em *ibidem*, 29 de Novembro de 1989, p. 5.

<sup>424</sup> ) Idem, “Vamos olhar a metafísica”, em *ibidem*, 20 de Dezembro de 1989, p. 5.

<sup>425</sup> ) Idem, “O sonho que sempre seremos”, em *ibidem*, 21 de Fevereiro de 1990, p. 4.

<sup>426</sup> ) Idem, “Preparar Portugal”, em *ibidem*, 28 de Março de 1990, p. 4.

Em *Um soneto e um breve comentário*<sup>427</sup> Agostinho enfatizou a sua ideia de que o essencial do espírito da nação portuguesa era de cariz teológico ou metafísico, como se revelava no Culto Popular do Espírito Santo.

Sob o título *Navegar a língua*<sup>428</sup>, Agostinho mostrou simpatia pela política económica iniciada no Brasil pela Ministra da Economia do governo de Collor de Melo e deixou referido que esta política deveria servir de exemplo aos países de língua portuguesa. O nosso autor ainda se mostrou favorável a uma futura aliança entre o Brasil e os países vizinhos.

Em *Rio mensageiro*<sup>429</sup> o intelectual portuense considerou o rio Tejo como o nosso mensageiro para o mundo e, sobre a organização futura da sociedade, apontou Camões e Vieira como os profetas desse novo tempo que se edificaria a partir da Teologia do Espírito Santo.

O *Prefácio de Agostinho da Silva ao livro 'A ladainha de Setúbal' de Dalila Pereira da Costa*<sup>430</sup>, é a reprodução do texto que serviu de prefácio ao livro referido.

### **49.3. Impérios e Comuns**

No ano de 1990 o jornal *O Setubalense* imprimiu seis cartas designadas de *Impérios e Comuns*. A primeira, *O comum do vinte cinco – Nilo e Pola*<sup>431</sup> serviu-lhe para mais uma vez realçar o interesse pelo Povo, ao mesmo tempo que assegurava um novo recurso para o seu projecto quinquiescimo, o espólio da biblioteca de Hernâni Dias da Silva, bem como uma primeira benfeitora, a Professora Maria Rosa Guerner Moreira. A todos os que acreditavam neste projecto, Agostinho lembrou-lhes a máxima do rei fundador, D. Afonso Henriques - "primeiro se faz, depois se funda".

Seguiu-se *Império São Filipe do Espírito Santo - Castelo Real*<sup>432</sup>, onde Agostinho elogiou o trabalho poético de Raposo Nunes e a página cultural deste jornal que era da sua responsabilidade e que o nosso autor considerou como um farol que iluminava o futuro, onde defendeu o Brasil como criação máxima dos portugueses e modelo futuro para todo o mundo e onde, ainda, teceu alguns elogios ao místico frei Agostinho da Cruz, ao geógrafo, que considerou metafísico, Orlando Ribeiro e a Sebastião da Gama. Em *O Comum de Atlântico Norte – Ponta*

---

<sup>427</sup> ) Idem, "Um soneto e um breve comentário", em *ibidem*, 9 de Maio de 1990, p. 4.

<sup>428</sup> ) Idem, "Navegar a língua", em *ibidem*, 6 de Junho de 1990, p. 4.

<sup>429</sup> ) Cf., idem, "Rio mensageiro", em *ibidem*, 4 de Julho de 1990, p. 4.

<sup>430</sup> ) Idem, "Prefácio de Agostinho da Silva ao livro *A ladainha de Setúbal* de Dalila Pereira da Costa", em *ibidem*, 18 de Julho de 1990, p. 4 (cf. mais à frente, o número V.).

<sup>431</sup> ) Idem, "O comum do vinte cinco – Nilo e Pola", em *ibidem*, 1 de Agosto de 1990, p. 4.

<sup>432</sup> ) Idem, "Império São Filipe do Espírito Santo Castelo Real", em *ibidem*, 29 de Agosto de 1990, p. 4.

*Oeste*<sup>433</sup>, afirmando a necessidade de construir um eixo atlântico que facilitasse o diálogo e a cooperação norte-sul, reservou, para esta proposta de configuração geopolítica, um importante papel, no Sul, a S. Tomé e Príncipe e, no Norte, a Portugal, particularmente, e é Agostinho quem o escreve, ao Instituto de Indústrias do Mar, estabelecimento de ensino sediado em Peniche. *Império Estrelinha do Espírito Santo – Largo das Faias*<sup>434</sup> foi um texto autobiográfico em que Agostinho, lembrando ter nascido no Porto, se assumiu como republicano, justificando a sua opção por costumar delegar em outros mais competentes os poderes de si mesmo, mas, logo após, lembrando todos aqueles que foram seus mestres e as suas raízes algarvias, a quem já não delegava, mas reconhecia poderes, declarou-se monárquico. O nosso autor fundamentou esta posição política ambígua, considerando-se, como, em seu entender, muitos portugueses, monárquico quanto ao superior, isto é, quanto ao reconhecimento do poder por parte do rei e republicano quanto ao igual, uma vez que, na tradição monárquica portuguesa, segundo Agostinho, competia ao povo escolher o rei e se este se viesse a mostrar incompetente no exercício das suas funções, o mesmo povo poderia destitui-lo. Em *Império Oriente do Espírito Santo – Farol de Guia*<sup>435</sup>, Agostinho elencou os passos que Macau deveria dar para ajudar a construir o futuro e realçou, ainda, a especificidade do povo chinês no que à união da Física e da Metafísica dizia respeito, o que se enraizava, em seu entender, no confucionismo e no seu culto pela virtude e serviço.

*Quinto Império do Espírito Santo – S. Félix – 44360 Bahia – Brasil*<sup>436</sup>, foi a última carta de *Impérios e Comuns* inserida nesta publicação. Partindo de uma reflexão sobre o dia 25 de Julho de 1990, dia de Santiago, Agostinho lembrou o que entendia Vieira sobre o Império do Futuro e voltou a insistir na necessidade de refundar a vivência sociopolítica portuguesa do século XIII, salientando o papel que, no seu estudo e divulgação, tinha desempenhado Jaime Cortesão.

#### **49.4. Folhinhas**

A colaboração agostiniana que se seguiu aos *Impérios e Comuns*, foi designada, genericamente, de *Folhinhas* e decorreu entre Novembro de 1990 e Novembro de 1991. *Uma*

---

<sup>433</sup> ) Idem, “O Comum de Atlântico Norte – Ponta Oeste”, em *ibidem*, 29 de Agosto de 1990, p. 4.

<sup>434</sup> ) Idem, “Império Estrelinha do Espírito Santo – Largo das Faias”, em *ibidem*, 29 de Agosto de 1990, p. 4.

<sup>435</sup> ) Idem, “Império Oriente do Espírito Santo – Farol de Guia”, em *ibidem*, 29 de Agosto de 1990, p. 4.

<sup>436</sup> ) Idem, “Quinto Império do Espírito Santo – S. Félix – 44360 Bahia – Brasil”, em *ibidem*, 10 de Outubro de 1990, p. 4.

*folhinha de quando em quando – Novembro 90*<sup>437</sup>, foi o local onde Agostinho defendeu que os presidentes de Portugal deviam ser como os reis de antigamente e onde, professando a fraternidade, se confessou alheio a qualquer igreja e desejo, apenas, de continuar a ser um Irmão Servidor. Em *Uma folhinha de quando em quando – Dezembro 90*<sup>438</sup>, Agostinho reafirmou a sua ideia de uma portugalidade alargada aos países de expressão portuguesa e defendeu a liberdade plena que contemplasse a política dos três SSS - sustento, saúde e saber; nesta folha, Agostinho ainda traduziu um pequeno texto poético de Fukuho Tamishita.

As *Folhinhas* continuaram a ser publicadas durante o ano de 1991. *Uma folhinha de quando em quando – Janeiro 91*<sup>439</sup> serviu para o nosso autor lembrar a criação da universidade de Santa Catarina e o interesse que os catarinenses manifestaram por Angola, interesse este que o levou a propor ao reitor da Universidade de São Salvador da Bahia a criação de um Centro de Estudos Africanos e Orientais, o que veio a acontecer com o apoio, entretanto surgido, da UNESCO; nesta folhinha Agostinho ainda explicou o seu apoio ao candidato à presidência do Brasil Teixeira Lott, derrotado por Jânio Quadros. *Porto (Portugal) 13.02.06*<sup>440</sup> foi um texto em forma de poema no qual o nosso pensador de forma sintética e autobiográfica, comparou a sua acção em Portugal ao trabalho de um marinheiro e a sua acção no Brasil ao labor de um soldado. *Uma folhinha de quando em quando – Fevereiro 91*<sup>441</sup>, 27-02-1991, plasmou, mais uma vez, o modelo político para o futuro de Portugal: a experiência sociopolítica do país até ao século XVIII, com um rei que era coordenador de repúblicas municipais. Ainda aqui, o nosso autor apelou, de novo, à recuperação do Culto do Espírito Santo em toda a sua simbologia; desta folhinha constavam, também, o poema *Um jogo de Heterónimos* e um excerto do diário inédito de Mateus-Maria Guadalupe.

*Uma folhinha de quando em quando – Março 91*<sup>442</sup>, assinada por George Agostinho, irmão servidor de 'O comum do Tejo', foi um escrito onde o nosso autor propôs para a reorganização sociopolítica de Portugal, a criação de um governo multipartidário e um presidencialismo colectivo, as formas, em seu entender, de ir da Ibéria até ao Quinto Império; este escrito continha, ainda, a tradução de um poema de Constantino Cavafis e um apontamento em que Agostinho, pronunciando-se sobre a possibilidade de vir a ser reintegrado na função pública,

---

<sup>437</sup> ) Idem, "Uma folhinha de quando em quando", em *ibidem*, 28 de Novembro de 1990, p. 4.

<sup>438</sup> ) Idem, "Uma folhinha de quando em quando", em *ibidem*, 9 de Janeiro de 1991, p. 4.

<sup>439</sup> ) Idem, "Uma folhinha de quando em quando", em *ibidem*, 9 de Janeiro de 1991, p. 4.

<sup>440</sup> ) Idem, "Porto (Portugal)", em *ibidem*, 23 de Janeiro de 1991, p. 4.

<sup>441</sup> ) Idem, "Uma folhinha de quando em quando", em *ibidem*, 27 de Fevereiro de 1991, p. 4.

<sup>442</sup> ) Idem, "Uma folhinha de quando em quando", em *ibidem*, 20 de Março de 1991, p. 4 (assina George Agostinho, irmão servidor de 'O comum do Tejo').

esclareceu que, com o dinheiro que disto lhe adviesse, criaria várias bolsas de estudo com o intuito de aprofundar o estudo da Teologia do Culto do Espírito Santo. *Uma folhinha de quando em quando – Abril 91*<sup>443</sup>, foi mais um texto assinado por George Agostinho, irmão servidor de ‘O comum das folhinhas’, no qual se criticou Camões, se teceram elogios ao Colégio Atlântico de Peniche e se justificou o interesse do autor pelo Deus do Islão por este se não personalizar, tal como no culto popular português do Espírito Santo.

Em *Uma folhinha de quando em quando – Maio 91*<sup>444</sup> Agostinho, a propósito das dissensões no Médio Oriente, apelou para o diálogo entre Israel e a Turquia. Este diálogo deveria, em sua opinião, processar-se em Istambul, que lhe parecia ser a cidade talhada para capital política da zona, porque tinha grandes possibilidades de alargar o diálogo a todos os povos vizinhos, inclusive aos palestinianos. Ainda para o médio oriente, Agostinho propôs que o Kuwait fosse a sede económica e que Jerusalém fosse o lugar sagrado das religiões monoteístas. Esta Folhinha incluiu, ainda, a tradução de um poema de Fukuoko e um comentário a propósito da edição de *A tertúlia ocidental* de António José Saraiva, que pareceu a Agostinho ser uma boa introdução àquilo que foi e naquilo em que se tornou o nosso país.

*Uma folhinha de quando em quando – Junho 91*<sup>445</sup> assinada por George Agostinho, irmão servidor de ‘O comum das folhinhas’, escrita por convite indirecto da Confederação Helvética na comemoração de seus 700 anos, insere considerações sobre o significado do Culto Popular do Espírito Santo, a tradução de um terceto de Fukuoka e um elogio às *Trovas* de António Quadros, por revelarem o essencial do povo português e da sua cultura, o anúncio de que, com as quantias provenientes da sua reintegração no função pública, criaria o Prémio D. Dinis. Informou, por fim, ser céptico em relação à integração europeia do nosso país, por lhe parecer que Portugal não é província da Comunidade Europeia, mas uma parte da Nação Universal em que toda a Europa se devia integrar.

Entre Julho e Setembro de 1991 foram publicadas mais quatro Folhinhas. *Uma folhinha de quando em quando – Julho 91*<sup>446</sup> com três poemas de Agostinho a propósito do amor, da harmonia e de Portugal. *Uma folhinha de quando em quando – Agosto 91- só três quadrinhas de*

---

<sup>443</sup> ) Idem, “Uma folhinha de quando em quando”, em *ibidem*, 17 de Abril de 1991, p. 4 (assina George Agostinho, irmão servidor de ‘O comum das folhinhas’).

<sup>444</sup> ) Idem, “Uma folhinha de quando em quando”, em *ibidem*, 29 de Maio de 1991, p. 4.

<sup>445</sup> ) Idem, “Uma folhinha de quando em quando”, em *ibidem*, 12 de Junho de 1991, p. 4 (assina George Agostinho, irmão servidor de ‘O comum das folhinhas’).

<sup>446</sup> ) Idem, “Uma folhinha de quando em quando”, em *ibidem*, 17 de Julho de 1991, p. 4.



*Brasil ou China*<sup>447</sup>, assinada por George Agostinho, irmão servidor de 'O comum das folhinhas', na qual se expõe o mito da criação do Ruanda e do Burundi, se escreve um poema sobre Portugal e se reafirmam os propósitos que tinham levado à criação do fundo D. Dinis. Em *Uma folhinha de quando em quando – Setembro 91*<sup>448</sup>, para além da rememoração do Culto Popular do Espírito Santo, Agostinho transcreveu duas trovas que supostamente teriam feito parte de um documento escrito por D. João VI nas vésperas das invasões francesas, trovas cujo conteúdo tinha a ver com Portugal e o seu governo a partir do Brasil. *Folhinhas de quando em quando – Outubro 91*<sup>449</sup>, assinada por George Agostinho, "vosso irmão servidor", inicia-se com um poema sobre o destino de Portugal e a redenção do mundo e a tradução de um trecho de Catulo. Agostinho mostrou-se também convicto de que, no futuro, a Comunidade Europeia se haveria de fragmentar, possibilitando uma reabilitação das regiões confederadas a partir da Helvética com a adesão da Alemanha já unificada, da Itália e da França. Em tal futuro caberia à Espanha e a Portugal representarem, na Europa, os povos e a cultura africana e parte dos povos e culturas do Oceano Pacífico. Tal cenário, achava Agostinho que se começaria a desenhar a partir da desagregação da Jugoslávia.

Com o findar do ano de 1991 acabou também a edição das folhinhas. O último texto publicado sob esta designação foi *Uma folhinha de quando em quando – Novembro 91*<sup>450</sup>, no qual o mais importante a assinalar é um plano reformista que o nosso autor julgava necessário para que Portugal pudesse garantir, no futuro, a concretização daquele que tinha sido o seu ideário político no século XIII.

#### **49.5. Cadernos de Ermitão Associado**

Com o título *Cadernos de Ermitão Associado – 1992/1*<sup>451</sup> foi impresso um escrito em forma de manifesto, no qual Agostinho, em busca de uma sociedade fraternal e igualitária, nos apresentou o conteúdo de um programa onde apontou os cinco pontos e os cinco espaços de que necessita o Mundo para preparar o futuro. A este manifesto designou-o de *Projecto Áreas e*

---

<sup>447</sup> ) Idem, "Uma folhinha de quando em quando - só três quadrinhas de Brasil ou China", em *ibidem*, 11 de Setembro de 1991, p. 4 (assina George Agostinho, irmão servidor de 'O comum das folhinhas').

<sup>448</sup> ) Idem, "Uma folhinha de quando em quando", em *ibidem*, 11 de Setembro de 1991, p. 4.

<sup>449</sup> ) Idem, "Folhinhas de quando em quando", em *ibidem*, 9 de Outubro de 1991, p. 4 (assina George Agostinho, vosso irmão servidor).

<sup>450</sup> ) Idem, "Uma Folhinha de quando em quando", em *ibidem*, 4 de Dezembro de 1991, p. 4 (assina George Agostinho, vosso irmão servidor).

<sup>451</sup> ) Idem, "Cadernos de Ermitão Associado – 1992/1", em *ibidem*, 15 de Janeiro de 1992, p. 4.

nele especulou sobre aquelas que em seu entender, haveriam de ser as cinco áreas que se deveriam impor como pilares do novo mundo, a saber, Atlântico Norte, Atlântico Sul, Indico, Pacífico Norte e Pacífico Sul. Para Agostinho, os lugares indicados para reorganizar o mundo eram Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Macau e Timor. Neste escrito reforçou a sua convicção de que a melhor forma das pessoas e dos povos se organizarem para trabalharem em prol da nova ordem societária era a constituição de pequenos grupos que albergassem indivíduos que partilhassem interesses comuns, que designou de “Irmãos-Servidores”.

#### **49.6. Do Convento**

Em 1992 foi publicado a *Carta do Professor Agostinho da Silva – aberta aos amigos sobre a casa de estudos a abrir*<sup>452</sup>, que é a carta que Agostinho endereçou aos Amigos do Norte, destacando-se entre eles Júlio Resende e Lino Santos Silva, dando-lhes conta do seu desejo de ver surgir em Cabo Verde um movimento cultural que divulgasse por todo o Atlântico o ideal messiânico em que, desde há muito acreditava.

No ano seguinte, 1993, sob o título geral *Do Convento, O Setubalense* publicou nove textos de Agostinho da Silva, que correspondiam a outras tantas cartas por ele enviadas a correspondentes seus e que, genericamente, intitulara de *Cartas do Convento*. A primeira carta deste ano – carta que não recebeu título nesta publicação e que, por isso, aqui identificamos pelas suas palavras iniciais *Resumo da ideologia do Povo Português...*<sup>453</sup> - Agostinho voltou ao Portugal do século XIII, ao culto do Espírito Santo, à sua posterior divulgação no Brasil e à missão sacralizadora do universo a desempenhar por Portugal, terminando com o poema *Ode breve à Conceção*. O *Convento sonho duns irmãos servidores*<sup>454</sup>, serviu ao nosso autor para incitar os amigos a quem endereçava estas missivas a reproduzirem-nas e a enviarem-nas a quem bem entendessem; contém, ainda, o poema *Ode breve aos Reis*. Em *Convento sonho duns irmãos servidores*<sup>455</sup> Agostinho incitou o governo a dar mais importância aos países de língua portuguesa, trabalhando no sentido de formar uma Confederação de Nações de Língua Portuguesa, que deveria integrar Timor; a carta ainda incluía o poema *Ode breve ao Antoninho*.

---

<sup>452</sup> ) Idem, “Carta do Professor Agostinho da Silva – aberta aos amigos sobre a casa de estudos a abrir”, em *ibidem*, 22 de Abril de 1992, p. 4.

<sup>453</sup> ) Idem, “S/t [Resumo da ideologia do Povo Português...]”, em *ibidem*, 13 de Janeiro de 1993, p. 4.

<sup>454</sup> ) Idem, “Convento sonho duns irmãos servidores”, em *ibidem*, 3 de Fevereiro de 1993, p. 4.

<sup>455</sup> ) Idem, “Convento sonho duns irmãos servidores”, em *ibidem*, 3 de Fevereiro de 1993, p. 4.

*Caros Amigos*<sup>456</sup> foi uma missiva iniciada com a manifestação de desagrado pelos incidentes que frequentemente havia com a permanência dos brasileiros em Portugal; nesta carta, definindo-se a si próprio como multinacional, de Itatiaia, de Moçambique, da ponta leste de Timor, de Portugal, do Porto, do Alentejo, do Algarve e de Barca d'Alva, lembrava Agostinho que expulsar brasileiros era o mesmo que nos expulsarmos a nós, só compreendendo a intransigência de Portugal pelo facto de o país ter aderido à Comunidade Europeia e, em consequência, as suas leis passarem a ser estrangeiras; acompanhou este texto um poema chinês do século XVIII sobre o entardecer, a nostalgia, o amor casual e a fidelidade que o Homem promete mas não cumpre. Em *Uma folhinha de Agostinho*<sup>457</sup> o nosso autor testemunhou que só tinha construído o essencial do seu pensamento depois de ter sido alertado por António Quadros e Jaime Cortesão para o Culto Popular do Espírito Santo e para a simbologia que o envolve; ao texto em prosa Agostinho juntou o poema *Ode Breve a Mestre Sócrates*. Em *Folhinha da lua nova*<sup>458</sup> mostrou esperança que ressurgisse o Culto do Espírito Santo e com ele, de novo, os países de língua portuguesa se transformassem em timoneiros de um mundo com lugar para toda e qualquer religião; a esta carta anexou o poema *Buda hostil a Luis de Camões!?. Lua luar dum Maio*<sup>459</sup> espelhou a convicção agostiniana de que a decadência de Portugal e o fim do iberismo se deveu aos reis que não deram bastante importância ao Culto do Espírito Santo, expulsando-o das terras lusitanas, mostrando-se esperançado, não obstante, em que o Reino do Espírito ganhasse novamente um lugar de destaque na organização mundial dos povos; como habitualmente, seguiu-se a poesia, desta vez com a tradução de três poemas, respectivamente de Heinrich Heine, Nicolas Lenau e Eduard Morike.

*Minguante de Maio*<sup>460</sup> constitui, por parte de Agostinho, a afirmação da sua crença de que, no futuro, África, Brasil, China e Ibéria hão-de desempenhar um papel importante na cena mundial; a poesia que acompanhou esta carta foi *Ode Breve a Isabel*. Por fim, em *Setembro de Lua cheia*<sup>461</sup>, Agostinho fez a apologia da pobreza e do serviço, terminando a carta com a tradução de um poema de Catulo.

---

<sup>456</sup> ) Idem, “Caros amigos”, em *ibidem*, 24 de Fevereiro de 1993, p. 4.

<sup>457</sup> ) Idem, “Uma folhinha de Agostinho”, em *ibidem*, 21 de Abril de 1993, p. 4.

<sup>458</sup> ) Idem, “Folhinha da lua nova”, em *ibidem*, 19 de Maio de 1993, p. 4.

<sup>459</sup> ) Idem, “Lua luar dum Maio”, em *ibidem*, 2 de Junho de 1993, p. 4.

<sup>460</sup> ) Cf. idem, “Minguante de Maio”, em *ibidem*, 23 de Junho de 1993, p. 4.

<sup>461</sup> ) Idem, “Setembro de Lua cheia”, em *ibidem*, 3 de Novembro de 1993, p. 4.

Em 1994 foram ainda publicados em *O Setubalense* duas missivas de Agostinho: *Um bilhete do vosso irmão servidor*<sup>462</sup>, onde o nosso autor novamente expressou o desejo de ver o Brasil e a China encontrarem-se em África para, a partir daí, dar corpo à utopia da fraternidade universal; neste artigo inseriu o poema *Comentário de história portuguesa. Memória de Agostinho*<sup>463</sup> que serviu ao nosso autor para insistir que a nova ordem que queria para Portugal haveria de demorar, mas haveria de ser, propondo, para tanto, alterações ao hino português, como a de que se substituisse “às armas, às armas” por “aos sonhos, aos sonhos” e “contra os canhões, marchar, marchar” por “contra os canhões vamos votar”; nesta carta ainda podemos encontrar uma quadra alusiva a uma vitória do Benfica sobre o Sporting.

#### **49.7. Outros textos da colaboração em *O Setubalense***

Neste ponto deixamos referidos os textos agostinianos que apesar de já terem conhecido edição anterior, foram em *O Setubalense*, no todo ou em parte, novamente impressos. O escrito *Dez notas sobre o culto popular do Espírito Santo*<sup>464</sup> reproduziu o texto com o mesmo título inserido no volume *Dispersos. Doutrina cristã*<sup>465</sup> é a reprodução integral do folheto saído em 1943 com o mesmo título. *Agostinho da Silva e a Educação de Portugal*<sup>466</sup> é a transcrição integral do capítulo terceiro do ensaio *Educação de Portugal*.

### **50. Colaboração em *A Razão* (Porto)**

No primeiro mês do ano de 1990, *A Razão* imprimiu *Essa escola vai avançar*<sup>467</sup>, uma mensagem enviada pelo nosso autor a um debate sobre a Escola Cultural, em que mostrou a sua concordância com os objectivos e os propósitos da Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural.

---

<sup>462</sup> ) Idem, “Um bilhete do vosso irmão servidor”, em *ibidem*, 27 de Abril de 1994, p. 6.

<sup>463</sup> ) Idem, “Memória de Agostinho”, em *ibidem*, 15 de Junho de 1994, p. 4.

<sup>464</sup> ) Idem, “Dez notas sobre o culto popular do Espírito Santo”, em *ibidem*, 3 de Junho de 1992, p. 4 (reprodução do texto com o mesmo título, com a data de 1984, incluído em *Dispersos*, pp. 759-767)

<sup>465</sup> ) Idem, “Doutrina cristã”, em *O Setubalense*, 24 de Novembro de 1993, p. 4. Trata-se da transcrição do folheto com o mesmo título saído em 1943 (cf., adiante, o ponto 5. número III. do presente capítulo).

<sup>466</sup> ) Idem, “Agostinho da Silva e a Educação de Portugal”, em *ibidem*, 12 de Outubro de 1994, p. 6 (cf. no ponto 3. do presente capítulo, *Educação de Portugal*).

<sup>467</sup> ) Idem, “Essa escola vai avançar (mensagem enviada a um debate sobre a Escola Cultural)”, em *A Razão*, nº4, Janeiro de 1990, p. 18.

## 51. Colaboração em *Quinto Império* (Mem Martins)

A publicação *Quinto Império* deu à estampa, da autoria de Agostinho, os textos *Uma folhinha de quando em quando* nos seguintes números: n° 2, Março de 1991<sup>468</sup>; n° 3, Abril de 1991<sup>469</sup>; n° 4, Maio de 1991<sup>470</sup>; n° 5, Junho de 1991<sup>471</sup>; n° 6, Julho/Agosto de 1991<sup>472</sup>. Trata-se, em todos os casos, da publicação das folhinhas com o mesmo nome e a mesma data, que Agostinho fez circular em 1991 e cujo conteúdo já apresentamos atrás no ponto 49.4.

## 52. Colaboração em *A Tarde Cultural* (São Salvador da Bahia)

Agostinho publicou, em *A Tarde Cultural*, o texto *O Nascimento do CEAO*<sup>473</sup>, onde contou a sua versão dos episódios que antecederam a criação, na Universidade de São Salvador da Bahia, do Centro de Estudos Afro-Orientais, para estudar as culturas africanas e orientais, com o intuito de compreender melhor o Brasil. Agostinho, neste depoimento, revelou que este Centro começou a funcionar de forma um pouco encapotada, pois, por imposição da Universidade, o Centro mantinha-se anónimo e o seu Director, que era ele, era pago como professor da disciplina de Filosofia do Teatro.

---

<sup>468</sup> ) Idem, “Uma folhinha de quando em quando”, em *Quinto Império*, n°2, Março de 1991, p. 27 (assina Irmão Servidor de “O Comum do Tejo”).

<sup>469</sup> ) Idem, “Uma folhinha de quando em quando”, em *ibidem*, n° 3, Abril de 1991, p. 27 (assina George Agostinho - Irmão Servidor de “O comum do Tejo”).

<sup>470</sup> ) Idem, “Uma folhinha de quando em quando”, em *ibidem*, n° 4, Maio de 1991, p. 23 (assina George Agostinho - Irmão Servidor de “O comum das folhinhas”).

<sup>471</sup> ) Idem, “Uma folhinha de quando em quando”, em *Quinto Império*, n° 5, Junho de 1991, p. 23 (assina Agostinho da Silva).

<sup>472</sup> ) Idem, “Uma folhinha de quando em quando”, em *ibidem*, n° 6, Julho/Agosto de 1991, p. 27 (assina Agostinho do “Comum das Folhinhas”).

<sup>473</sup> ) Idem, “O Nascimento do CEAO”, em *A Tarde Cultural*, 30 de Abril de 1994 (texto consultado em AA. VV., *Agostinho*, S. Paulo, Green Forest do Brasil, 2000, pp. 19-22).

### **53. Colaboração em *A Phala* (Lisboa)**

A publicação lisboeta *A Phala*, em número temático que dedicou a Agostinho da Silva, inseriu *Encontros*<sup>474</sup>, texto autobiográfico no qual o autor evocou alguns locais por onde passou no decurso da sua vida e algumas realizações conseguidas e *Esboço autobiográfico*<sup>475</sup>, um currículo seu, elaborado de forma sintética.

### **54. Colaboração em *Cadernos de Educação de Infância* (Lisboa)**

Os *Cadernos de Educação de Infância* trouxeram a lume *Por um fim de batalha*<sup>476</sup>, reprodução de um artigo anteriormente publicado na *Seara Nova*.

### **55. Colaboração em *Poesis* (Matosinhos)**

O primeiro número da revista *Poesis* imprimiu *Um inédito: do Agostinho da Silva*<sup>477</sup>, onde o nosso autor contestou a ideia histórica de que Portugal nasceu Por contrapondo-lhe a interpretação sentimental que defendia que Portugal tinha nascido Para. Neste texto reproduz-se, ainda, uma carta dactilografada que Agostinho enviou aos seus correspondentes no ano de 1993.

---

<sup>474</sup> ) Idem, “Encontros”, em *A Phala*, n.º 38, Julho/Agosto de 1994, pp. 14-15.

<sup>475</sup> ) Idem, “Esboço autobiográfico”, em *ibidem*, p. 15.

<sup>476</sup> ) Idem, “Por um fim de batalha”, em *Cadernos de Educação de Infância*, n.º 31, Julho/Setembro de 1994, p. 7 (cf., atrás, o ponto 7.5., o que se refere sobre a *Seara Nova*, Junho de 1937, p. 169).

<sup>477</sup> ) Cf. idem, “Um inédito: do Agostinho da Silva”, em *Poesis*, n.º1, Primavera/Verão de 2001, p. 8.

### III. OPÚSCULOS, CADERNOS E FOLHETOS

#### 1. *À Volta do Mundo - colecção de textos para a mocidade*

Com esta colecção, Agostinho quis reunir num projecto único, a publicação que tinha iniciado, em 1938, nas páginas da revista *Seara Nova* com o título *Página para os filhos dos leitores*. Assim, reeditou agora *A vida dos esquimaus*<sup>478</sup>, *Piccard na estratosfera*<sup>479</sup>, *Os castores*<sup>480</sup> e *Vida e morte de Sócrates*<sup>481</sup>. A estes acrescentou o nosso autor duas novas publicações: *A última viagem de Scott*<sup>482</sup>, onde nos relatou a expedição falhada ao Pólo sul a partir de Cardiff e a bordo do navio Terra Nova, chefiada pelo comandante da marinha Robert Scott; *As aranhas*<sup>483</sup> texto de cariz didáctico que descreve a anatomia das aranhas e fornece, ainda, informação sobre as várias famílias destes antrópodes e sobre os seus diferentes modos de vida.

#### 2. *Iniciação - cadernos de informação cultural*

*Iniciação – cadernos de informação cultural* é uma extensa colecção composta por pequenas publicações que Agostinho dividiu, sem qualquer critério aparente, em 11 séries.

A primeira série continha seis cadernos. *A primeira volta ao mundo*<sup>484</sup>, relato da primeira viagem de circum-navegação, realizada por Fernão Magalhães, a qual, para o nosso autor, estava alicerçada naquele querer ímpar comum aos grandes timoneiros da época dos descobrimentos que os levou a transportar a vontade para a acção concreta. *Breve história do*

---

<sup>478</sup> ) Idem, “A vida dos esquimaus”, em *À Volta do Mundo – colecção de textos para a mocidade*, Lisboa, Seara Nova, 1938 (cf. “A vida dos esquimaus”, em *Seara Nova*, n.º 565, ano 18, Junho de 1938, pp. 14-19).

<sup>479</sup> ) Idem, “Piccard na estratosfera”, em *À Volta do Mundo – colecção de textos para a mocidade*, Lisboa, Seara Nova, 1938 (cf. “Piccard na estratosfera”, em *Seara Nova*, n.º 579, ano 18, Setembro de 1938, pp. 345-350).

<sup>480</sup> ) Idem, “Os castores”, em *À Volta do Mundo – colecção de textos para a mocidade*, Lisboa, ed. do autor, 1938 (cf. “Os castores”, em *Seara Nova*, n.º 582, ano 18, Outubro de 1938, pp. 407-411).

<sup>481</sup> ) Idem, “Vida e morte de Sócrates”, em *À Volta do Mundo – colecção de textos para a mocidade*, Lisboa, ed. do autor, 1938 (cf. “Vida e morte de Sócrates”, em *Seara Nova*, n.º 580, ano 18, Setembro de 1938, pp. 369-373).

<sup>482</sup> ) Idem, “A última viagem de Scott”, em *À Volta do Mundo – colecção de textos para a mocidade*, Lisboa, ed. do autor, 1939.

<sup>483</sup> ) Idem, “As aranhas”, em *ibidem*, Lisboa, ed. do autor, 1939.

<sup>484</sup> ) Cf. idem, “A primeira volta ao mundo”, em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, Lisboa, 1ª série, ed. autor, s/d. [entre 1940 e 1943]. Como na totalidade dos *Cadernos* da 1ª série consta a data de publicação de 1943 e como a colecção foi iniciada em 1940, a publicação do presente caderno situar-se-á neste hiato de tempo.

*linho*<sup>485</sup> editada na altura em que se realizava, em Lisboa, na Voz do Operário, uma exposição sobre o linho, aponta as deficiências de produção do linho em Portugal, cujas causas atribui, essencialmente, ao desaproveitamento dos solos e ao uso de tecnologias rudimentares. *A vida de Edison*<sup>486</sup> é uma biografia dedicada a esta grande figura da ciência, na qual o nosso autor, quis realçar a natureza pacifista de Edison que, acreditando na bondade da natureza humana, sempre se recusou a colaborar na elaboração de engenhos de guerra. *A vida e a arte de Goya*<sup>487</sup> é mais um texto biográfico, dedicado, agora, a este nome da pintura mundial, sem o qual, em seu parecer, o período da vida espanhola entre 1780 e 1820 não poderia ser entendido. Em *Uma ascensão nos Himalaias*<sup>488</sup> discorre sobre os primeiros homens que subiram aos Himalaias, animados por uma fé profunda na realização do impossível, que lhes permitiu contrariar adversidades que se pensava serem insuperáveis, assim deixando à humanidade um exemplo de coragem e de abnegação. No Caderno *O pensamento de Epicuro*<sup>489</sup> apresentou, como o título indica, o pensamento daquele filósofo da Grécia antiga, sublinhando a sua posterior influência em Lucrécio, Montaigne, Gassendi, Hobbes, Espinosa, nos enciclopedistas e nos utilitaristas.

Já na segunda série, nas páginas de *O planeta Marte*<sup>490</sup>, Agostinho descreveu o interesse que, desde sempre, o Homem mostrou por Marte, desde as primeiras observações de simples pastores, passando pelas dos sábios gregos, por Copérnico, Kepler, Galileu, Huyghens, até ao interesse contemporâneo em estabelecer comunicação com os pretensos habitantes daquele planeta. Em *A vida de Lesseps*<sup>491</sup>, Agostinho da Silva apresentou este diplomata francês como um sonhador, íntimo dos socialistas utópicos, que imaginou e levou à prática, ao contrário do que se suponha ser possível, o canal do Suez e idealizou o do Panamá. *Por três ovos de pinguim*<sup>492</sup> é o relato de uma viagem levada a cabo por um grupo de três aventureiros (Wilson, Bowers e Garrard) que arriscaram a vida rumo ao Pólo Sul com o objectivo de trazer ovos de pinguim para poderem ser estudados. Nesta empresa faleceram Wilson e Bowers, mas Garrard, em 1913, entregou os ovos que tinham conseguido reunir ao Museu de História Natural de Londres. *A arte pré-histórica*<sup>493</sup> permitiu a Agostinho fazer notar que os motivos artísticos da Pré-história estavam

---

<sup>485</sup> ) Idem, “Breve história do linho”, em *ibidem*, Lisboa, s/d [entre 1940 e 1943]. Vale aqui a mesma argumentação da nota anterior no concernente à data de publicação.

<sup>486</sup> ) Idem, “A vida de Edison”, em *ibidem*, 1ª série, 1943.

<sup>487</sup> ) Idem, “A vida e a arte de Goya”, em *ibidem*.

<sup>488</sup> ) Idem, “Uma ascensão nos Himalaias”, em *ibidem*.

<sup>489</sup> ) Idem, “O pensamento de Epicuro”, em *ibidem*.

<sup>490</sup> ) Idem, “O planeta Marte”, em *ibidem*, 2ª série, 1940.

<sup>491</sup> ) Idem, “A vida de Lesseps”, em *ibidem*.

<sup>492</sup> ) Idem, “Por três ovos de pinguim”, em *ibidem*.

<sup>493</sup> ) Cf. idem, “A arte pré-histórica”, em *ibidem*.



intimamente relacionados com as actividades humanas, das quais se destacava a caça, não lhes subjazendo nenhuma espécie de intenção de prazer. *O budismo*<sup>494</sup> serviu ao nosso autor para dar a conhecer alguns aspectos da vida e do pensamento de Buda, tendo Agostinho realçado a crença budista de que tudo está sujeito a um mecanismo causal, o que faz com que a existência seja entendida como uma criação contínua, onde o homem só poderia ser feliz e alcançar o Nirvana se se desprendesse de tudo. No pequeno texto *História dos Estados-Unidos*<sup>495</sup>, Agostinho escreveu sobre a formação e percurso no tempo dos Estados Unidos da América, destacando, a nível político, o papel de Washington nas negociações da independência com a Inglaterra e o papel de Lincoln na abolição da escravatura, não deixando de referir, de forma crítica, a condição deplorável em que, na altura, o povo americano vivia, trabalhando muito e ganhando pouco, sendo detentor de quase nenhuns direitos, por neste país, como em outras nações prósperas, ainda não se ter resolvido, à data, o problema de distribuir equitativamente a riqueza gerada.

Na terceira série, Agostinho, em *O petróleo*<sup>496</sup>, apontando o incremento da indústria petrolífera ocorrido em 1867 com John Rockefeller e a Standard Oil, deixou bem clara a extrema importância do petróleo no mundo e apelou para que a sua exploração se regesse pela cooperação e não pela hostilidade entre as diferentes companhias ou grupos de prospecção. Em *A vida e a arte de Van Gogh*<sup>497</sup>, caderno dedicado a um dos maiores pintores que a Humanidade conheceu, o nosso pensador quis sublinhar que Van Gogh, vendo e partilhando as misérias humanas, não deixou de acreditar num Deus que fosse plenamente Amor, trabalhando, por isso, no sentido de poder aperfeiçoar o espírito humano, de poder, pela arte, ajudar a redimir a Humanidade sofredora. Em *O Saará*<sup>498</sup>, a propósito do maior deserto do mundo Agostinho apresentou alguns aspectos da sua fauna, flora e clima, destacando, de entre os diversos povos que escolheram o Saará para viver, os Tuaregues e os Mzabitas. *A vida de Pierre Curie*<sup>499</sup> é um caderno em que Agostinho, realçou o facto de, para o cientista e seus irmãos, a escola sempre se ter mostrado desadequada, o que os levou a aprender as primeiras letras em casa, junto da mãe, que apreciava a poesia, assim se criando um ambiente que permitiu a Pierre Curie considerar a poesia como uma ciência e a ciência como pura poesia. Em *As escolas de*

---

<sup>494</sup> ) Idem, “O budismo”, em *ibidem*.

<sup>495</sup> ) Idem, “História dos Estados-Unidos”, em *ibidem*.

<sup>496</sup> ) Idem, “O petróleo”, em *ibidem*, 3ª série, 1940.

<sup>497</sup> ) Idem, “A vida e a arte de Van Gogh”, em *ibidem*.

<sup>498</sup> ) Idem, “O Saará”, em *ibidem*.

<sup>499</sup> ) Idem, “A vida de Pierre Curie”, em *ibidem*.

*Winnetka*<sup>500</sup>, Agostinho expôs o método de ensino de Washburne em Winnetka, destacando os currículos por unidades de crédito, os laboratórios, o trabalho de grupo, bem como o auto-governo destas escolas. O nosso autor, partilhando o ideário de Winnetka, criticou a pedagogia tradicional por formar o Homem obediente e não o Homem responsável, ao basear a educação na erudição de mestres que, muitas vezes, nem sequer têm vocação pedagógica. *História da Holanda*<sup>501</sup> serviu a Agostinho para dar a conhecer aspectos importantes da afirmação deste país, destacando desde logo o crucial papel da educação na conquista da independência e conseqüente desenvolvimento deste pequeno povo. O intelectual portuense mostrou-se convencido de ter sido a liberdade instaurada neste espaço da terra que permitiu o aparecimento de talentos como Grotius no Direito, Huyghens na Ciência ou Rembrandt nas artes plásticas.

Abria a quarta série com *A vida e a arte de Ticiano*<sup>502</sup>, pequena biografia que o nosso autor elaborou sobre este grande nome da pintura mundial que perseguiu um novo conceito de beleza virada para a fruição do dia a dia. Seguiu-se *O gás*<sup>503</sup>, em cujas páginas o nosso escritor relatou sucintamente a história deste combustível, desde 1680, com a descoberta, pelo monegasco J. J. Becher, de carvões fósseis, até aos nossos dias. *As viagens de Colombo*<sup>504</sup> apresentam o navegador genovês na luta pela realização do seu sonho de dar outros mundos ao mundo. *O estoicismo*<sup>505</sup> foi um caderno onde Agostinho expôs as linhas mestras deste movimento filosófico de origem grega. Em termos educativos, o autor referiu que o estoico dava mais ênfase ao exemplo do que à palavra, destacando ainda, como preocupação desta corrente filosófica, o universalismo e a cooperação, bem como a rejeição do acaso por acreditar que para cada coisa que acontece há sempre uma causa que a determina. *Mozart*<sup>506</sup> foi mais um caderno biográfico que Agostinho dedicou a um dos maiores génios de sempre da música. Neste escrito, o nosso autor realçou o papel da mãe e do pai na sua formação, anotando, ainda, que o século em que Mozart viveu, o XVIII, igualou o esplendor grego e, com o recurso à arte, à literatura, à música e demais manifestações estéticas, tentou criar as condições para a realização de um tempo futuro de harmonia e paz para todos. Em *O mundo dos micróbios*<sup>507</sup>, o nosso autor realçou que os

---

<sup>500</sup> ) Idem, "As escolas de Winnetka", em *ibidem*.

<sup>501</sup> ) Idem, "História da Holanda", em *ibidem*.

<sup>502</sup> ) Idem, "A vida e a arte de Ticiano", em *ibidem*, 4ª série, 1941.

<sup>503</sup> ) Idem, "O gás", em *ibidem*.

<sup>504</sup> ) Idem, "As viagens de Colombo", em *ibidem*.

<sup>505</sup> ) Idem, "O estoicismo", em *ibidem*.

<sup>506</sup> ) Idem, "Mozart", em *ibidem*.

<sup>507</sup> ) Idem, "O mundo dos micróbios", em *ibidem*.

micróbios foram descobertos no século XVII por um holandês inculto, merceeiro de profissão, Leeuwenhoek, mas como uma grande educação trilhada na vida.

Para a quinta série Agostinho começou por escrever *A vida de Masaryk*<sup>508</sup>, o primeiro presidente da República Checo-Eslováquia, aquando da formação deste Estado, de quem nos disse ter tido uma infância e educação totalmente livres e em contacto com a natureza. Mas disse, ainda, que Masaryk, tendo como modelo Platão, defendeu a cooperação entre os homens e lutou por um regime socialista em que os pobres e os ricos fossem considerados da mesma maneira. Agostinho ainda salientou, no seu biografado, o pacifismo e a grande crença que depositou no poder da educação para a elevação do povo, apresentando-o como um exemplo de coragem, perseverança, idealismo e sentido prático que sempre soube suportar as afrontas e rudezas da vida. Em *O ferro*<sup>509</sup>, o intelectual portuense, a propósito deste metal, lembrou ser na Idade do Ferro que se encontra o grande período de descobertas da Humanidade, em todos os campos. O terceiro caderno desta série, *História do Egipto antigo*<sup>510</sup>, serviu ao nosso autor para expôr as principais características desta civilização, dando particular destaque à submissão dos egípcios, temporal e espiritualmente, ao faraó, submissão esta sem a qual, em seu entendimento, dificilmente a paz seria possível no Egipto. Em nova visita à civilização grega, Agostinho defendeu, em *A escultura grega*<sup>511</sup>, a superioridade da cultura helénica, mormente na arquitectura. *As viagens de Stanley*<sup>512</sup> põem-nos em contacto com alguns dados biográficos sobre este aventureiro que, quando criança, foi abandonado e recolhido por um orfanato de onde acabou por fugir. Este menino da rua que se tornou num explorador reconhecido, adquiriu o título de Sir Henri Stanley e serviu de exemplo ao nosso autor para contrariar a teoria social que desprezava os pobres e desprotegidos por se não poderem socializar tal como pretendiam as elites que governavam. *A Reforma*<sup>513</sup>, último caderno desta série, trata das condições sócio-políticas que permitiram a Reforma, apresentando-nos, de forma breve, o ideário de Erasmo, o de Lutero e o de Calvino, não deixando, também, de tratar das implicações e influências pedagógicas futuras do movimento reformador.

Na sexta série, em *O transformismo*<sup>514</sup>, o nosso autor traçou sucintamente a sua história, desde Anaximandro, Empédocles, Demócrito, que se opuseram às teorias de uma criação “ab

---

<sup>508</sup> ) Idem, “A vida de Masaryk”, em *ibidem*, 5ª série, 1941.

<sup>509</sup> ) Idem, “O ferro”, em *ibidem*.

<sup>510</sup> ) Idem, “História do Egipto antigo”, em *ibidem*.

<sup>511</sup> ) Idem, “A escultura grega”, em *ibidem*.

<sup>512</sup> ) Idem, “As viagens de Stanley”, em *ibidem*, 5ª série, 1942.

<sup>513</sup> ) Idem, “A Reforma”, em *ibidem*.

<sup>514</sup> ) Cf. idem, “O transformismo”, em *ibidem*, 6ª série, 1942.

início”, defendida por Anaxágoras, Aristóteles, por toda a Idade Média, tendo mesmo passado o Renascimento sem sofrer grandes modificações, até aos trabalhos de Lamarck, no século XVIII e de Darwin, no século XIX. *A vida de Florence Nightingale*<sup>515</sup> é uma sucinta biografia desta inglesa, fundadora da enfermagem moderna, que se empenhou em contribuir para que o mundo ficasse melhor do que aquilo o encontrou, o que se alcançaria melhorando as condições económicas, por exemplo, ou operando uma reforma do sistema educativo no sentido de o estender a todas as classes sociais. Em *O islamismo*<sup>516</sup>, o nosso autor traçou as linhas gerais desta religião fundada por Maomé. O título *As abelhas*<sup>517</sup> identifica um pequeno texto de carácter informativo que Agostinho escreveu sobre estes insectos. No caderno *A vida e a arte de Cellini*<sup>518</sup>, a propósito deste ourives famoso e contemporâneo de Miguel Ângelo, Agostinho defendeu uma posição estética de valorização das coisas que a arte transforma, bem como das coisas de que o artista se apropria, não em função do seu tamanho, mas da capacidade que têm de transmitir a totalidade ou o absoluto. Por fim, *Literatura latina*<sup>519</sup> serviu ao nosso autor para apresentar os grandes vultos da cultura latina, realçando, no decurso da sua exposição, a criatividade do espírito grego, contraposta à mera imitação própria do espírito latino.

A sétima série contém os seguintes textos: *A vida de Nansen*<sup>520</sup>, pequena biografia sobre Fridtjof Nansen, explorador e naturalista norueguês (1861-1930) a quem foi atribuído o prémio Nobel da Paz no ano de 1922. *O plano Dalton*<sup>521</sup>, texto dedicado ao plano pedagógico elaborado por Elen Parkhust e aplicado, em 1920, na cidade de Dalton, nos Estados Unidos, que tinha por objectivo renovar o ensino, libertando-o da teoria e ligando-o à realidade de cada escola e de cada educando. *As cooperativas*<sup>522</sup>, um caderno de cerrada crítica ao darwinismo e ao seu slogan da luta pela vida, ao qual, o nosso autor opôs a organização cooperativa da vida. *O sol*<sup>523</sup>, texto informativo sobre esta estrela, as teorias sobre a sua proveniência, a sua importância para a vida humana e os instrumentos para o estudo do sol, dos eclipses e da sua História. *Goethe*<sup>524</sup>, onde Agostinho expôs os traços gerais da vida e da arte deste alemão que viveu entre 1749 e 1832 e

---

<sup>515</sup> ) Idem, “A vida de Florence Nightingale”, em *ibidem*.

<sup>516</sup> ) Idem, “O islamismo”, em *ibidem*.

<sup>517</sup> ) Idem, “As abelhas”, em *ibidem*.

<sup>518</sup> ) Idem, “A vida e a arte de Cellini”, em *ibidem*.

<sup>519</sup> ) Idem, “Literatura latina”, em *ibidem*.

<sup>520</sup> ) Idem, “A vida de Nansen”, em *ibidem*, 7ª série, Lisboa, 1942.

<sup>521</sup> ) Idem, “O plano Dalton”, em *ibidem*.

<sup>522</sup> ) Idem, “As cooperativas”, em *ibidem*.

<sup>523</sup> ) Idem, “O sol”, em *ibidem*.

<sup>524</sup> ) Idem, “Goethe”, em *ibidem*.

foi uma figura cimeira do romantismo. *O cristianismo*<sup>525</sup>, porventura o caderno mais polémico desta colecção, já que a base racionalista e histórica da reflexão nele exposta levou o nosso autor, entre outras afirmações polémicas, a por em dúvida a existência de Cristo, atribuindo a S. Paulo a fundação do cristianismo.

A oitava série reuniu seis textos. *Beethoven*<sup>526</sup>, um breve perfil desta controversa figura da História da Música, que quis, segundo o nosso autor, pelo combate e pela luta diária, deixar um exemplo de mudança. *Literatura russa*<sup>527</sup>, um caderno em que Agostinho destacou Dostoiévski e Tolstói. *Filosofia pré-socrática*<sup>528</sup>, escrito em que, tendo mais uma vez como pano de fundo da sua exposição a Grécia antiga, o autor português reflectiu sobre o milagre grego, destacando as figuras dos Sofistas, de Sócrates, de Platão e de Aristóteles. Em *Alexandre Herculano*<sup>529</sup>, Agostinho da Silva apresentou este nome marcante do século XIX português como um artista da liberdade, que, preocupado com Portugal, compreendeu que o país não podia subsistir imitando a França e a Inglaterra e desconhecendo, de modo crónico, o seu próprio passado, fundamentalmente os primeiros tempos da monarquia. *A hulha*<sup>530</sup> é um texto informativo sobre este carvão fóssil, que nos fala, sobretudo, dos países produtores, das formas de produção, da finalidade do produto e da sua distribuição. *A vida e a arte de Courbet*<sup>531</sup> fo mais uma pequena biografia aproveitada pelo nosso autor para se pronunciar quer a favor do movimento que defendia uma arte que imitasse a vida, devendo, por isso, o artista transpôr para a sua criação a existência tal como ela era, quer a favor do movimento antagónico que defendia que era a vida que representava a arte, privilegiando, naturalmente, a visão pessoal com que o artista interpreta o real que transpõe para a obra que cria, passando a sua criação a determinar a configuração do real que representa.

Na nona série Agostinho inseriu *Alimentação humana*<sup>532</sup>, um caderno de carácter informativo, agora sobre o evoluir dos hábitos alimentares, no qual se evidenciavam as semelhanças e as diferenças, neste campo, entre várias civilizações. O nosso autor, com uma nítida preocupação social, lembrou que a alimentação no mundo não era uniforme, havendo abundância em algumas zonas do planeta e, noutras, muita fome, o que lamentou, sobretudo

---

<sup>525</sup> ) Idem, "O cristianismo", em *ibidem*.

<sup>526</sup> ) Idem, "Beethoven", em *ibidem*, 8ª série, Lisboa, 1942.

<sup>527</sup> ) Idem, "Literatura russa", em *ibidem*.

<sup>528</sup> ) Idem, "Filosofia pré-socrática", em *ibidem*.

<sup>529</sup> ) Idem, "Alexandre Herculano", em *ibidem*.

<sup>530</sup> ) Idem, "A hulha", em *ibidem*.

<sup>531</sup> ) Idem, "A vida e a arte de Courbet", em *ibidem*.

<sup>532</sup> ) Idem, "Alimentação humana", em *ibidem*, 9ª série, 1942.

atendendo aos excedentes que a técnica e a ciência, postas ao serviço da agricultura, conseguiram criar a partir do século XIX, tendo proposto, para que houvesse uma distribuição equitativa dos alimentos, a criação de uma comissão internacional. *Sócrates*<sup>533</sup> foi mais um texto que Agostinho dedicou à Grécia antiga, tendo como assunto central alguns aspectos da vida e da obra de Sócrates. Em *A vida e a arte de Rembrandt*<sup>534</sup> o nosso autor traçou o perfil de Rembrandt, de quem salientou a preocupação por expressar, com a sua arte, a unidade do universo. *Apicultura*<sup>535</sup> foi um caderno dedicado à produção do mel e a fornecer conselhos sobre como se devia construir uma colmeia, como eram as vestes dos apicultores, como se fazia a recolha do mel, quais os sítios ideais para instalar o apiário e os cuidados a ter na protecção das colmeias. Em *As viagens de Livingstone*<sup>536</sup> abordou a personalidade deste missionário e explorador britânico, pondo em destaque o seu espírito religioso que impulsionava a sua vontade de melhorar a vida dos seus semelhantes, em particular dos africanos, que os ocidentais desprezavam e tratavam, muitas vezes, como animais. *História do Japão*<sup>537</sup> serviu a Agostinho para traçar os principais marcos da História deste povo, realçando que o seu primeiro contacto com os europeus aconteceu quando lá chegaram os portugueses, em 1543. Aproveitou, ainda, para defender que a modernização do Japão era devida ao alargamento e obrigatoriedade da escolaridade.

A décima série iniciou-se com a publicação de *Vida de Vivekananda*<sup>538</sup>, discípulo de Ramakrisna, texto em que, sobre a educação hindu desta personagem, Agostinho destacou a importância da música e da ginástica, também se tendo pronunciado sobre a sua obra, com destaque para a sua visão ecuménica dos fenómenos religiosos e para a sua procura da complementaridade entre o ideal do santo e o ideal do político; realçou, ainda, que a sua acção prática o levou a fundar diversas escolas e universidades. No texto *As estrelas*<sup>539</sup>, Agostinho, fundamentalmente, explicou o processo de medir a distância das estrelas à Terra, a constituição das estrelas, a diferença entre as estrelas duplas e as estrelas anãs e o efeito Doppler no estudo das estrelas. *O sistema nervoso*<sup>540</sup> foi outro texto no qual, depois de feita uma resenha histórica dos estudos sobre o sistema nervoso, desde Galeno a Pavlov, o intelectual portuense descreveu,

---

<sup>533</sup> ) Idem, “Sócrates”, em *ibidem*, 9ª série, 1943.

<sup>534</sup> ) Idem, “A vida e a arte de Rembrandt”, em *ibidem*.

<sup>535</sup> ) Idem, “Apicultura” em *ibidem*.

<sup>536</sup> ) Idem, “As viagens de Livingstone”, em *ibidem*.

<sup>537</sup> ) Idem, “História do Japão”, em *ibidem*, 9ª série, 1944.

<sup>538</sup> ) Idem, “Vida de Vivekananda”, em *ibidem*, 10ª série, 1944.

<sup>539</sup> ) Idem, “As estrelas”, em *ibidem*.

<sup>540</sup> ) Idem, “O sistema nervoso”, em *ibidem*.

com algum pormenor, os centros nervosos, o cerebelo, o cérebro, a espinal medula, o encéfalo, os tecidos nervosos e os sistemas simpático e parasimpático. Em *Literatura portuguesa*<sup>541</sup>, Agostinho da Silva novamente se pronunciou sobre a obra de alguns vultos da nossa literatura como Camões, Fernão Lopes, Gil Vicente, João de Barros, Diogo do Couto, Damião de Góis, Fernão Mendes Pinto, D. Francisco Manuel de Melo, Padre António Vieira, Antero de Quental, Camilo, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, de António Nobre, o movimento saudosista de *A Águia* e, no Integralismo, António Sardinha. O caderno *Motores de explosão*<sup>542</sup>, por fim, serviu para Agostinho, de forma didáctica, evidenciar a importância que os motores de explosão tiveram no progresso industrial que a modernidade conheceu e para fornecer informações sobre a forma como estes motores são construídos, sobre as diferenças entre os motores a dois e a quatro tempos e sobre a cilindrada, a potência, a refrigeração e os consumos.

Para a última série, a décima primeira, o nosso autor compôs quatro cadernos. O primeiro foi *William Morris*<sup>543</sup>, uma pequena biografia deste industrial inglês do século XIX que também se dedicou à pintura e à escrita e ambicionou reformar a educação para melhorar o Homem, tendo chegado à conclusão de que, sem um interesse político forte na melhoria das condições económicas, a educação, qualquer que ela fosse, não surtiria qualquer efeito. No segundo caderno, *Platão*<sup>544</sup>, a propósito desta figura cimeira do pensamento ocidental, Agostinho falou da arrogância grega e do trabalho realizado pelos romanos na universalização da cultura grega. De Platão, em concreto, o nosso autor destacou que era um adepto da liberdade e que o diálogo *O banquete* era a sua melhor obra, mas criticou a sua teoria política exposta em *A República*. *A arte egípcia*<sup>545</sup> foi o retornar de Agostinho a uma temática que tinha debatido nas provas de doutoramento; assim, nestas páginas, considerou que a arte egípcia despertava o espírito naturalista e revelava muita felicidade e harmonia, entendendo que, nela, não havia qualquer concepção de arte pela arte, mas sim uma concepção de arte que servia e representava a vida, mostrando o efémero do passageiro e a eternidade que permaneceria para lá de tudo. *Bach*<sup>546</sup>, o último dos cadernos *Iniciação*, foi mais um pequeno texto biográfico, agora acerca desta ímpar figura que a História da Música conheceu. Agostinho defendeu que a Bach nunca interessou a

---

<sup>541</sup> ) Idem, “Literatura portuguesa”, em *ibidem*.

<sup>542</sup> ) Idem, “Motores de explosão”, em *ibidem*, 11ª série, 1944.

<sup>543</sup> ) Idem, “William Morris”, em *ibidem*.

<sup>544</sup> ) Idem, “Platão”, em *ibidem*, 11ª série, 1946.

<sup>545</sup> ) Idem, “A arte egípcia”, em *ibidem*, 11ª série, 1947.

<sup>546</sup> ) Idem, “Bach”, em *ibidem*.

arte pela arte, mas sim representar, com a sua música, a harmonia do universo e fortalecer o ténue e precário desejo humano da Totalidade.

### **3. *À Volta do Mundo - textos para a juventude***

A colecção *À volta do mundo – textos para a juventude*, foi a continuação, projectada em várias séries, da primitiva *À Volta do Mundo - colecção de textos para a mocidade*, levada adiante por Agostinho da Silva, a expensas próprias, nos anos de 1938-39, depois de a ter iniciado, como vimos, nas páginas da revista *Seara Nova*<sup>547</sup>. Agostinho dedicou esta colecção de textos de vulgarização científica, literária, artística e geográfica aos jovens do seu país. Do projecto inicial publicou vários cadernos que dispôs em duas séries.

Na primeira série foram publicados os seguintes títulos: *A vida das enguias*<sup>548</sup>; *Como se faz um túnel*<sup>549</sup>; *História dos comboios*<sup>550</sup>; *Aventuras com tubarões*<sup>551</sup>; *O sábio Confúcio*<sup>552</sup>; *Viagem à Lua*<sup>553</sup>.

A segunda série apenas contou com a publicação de *Os primeiros aviões*<sup>554</sup>, escrito em que, apesar do interesse central do caderno se prender com os sucessos e insucessos até se chegar à montagem dos primeiros aviões, Agostinho fez um rasgado elogio à infância.

---

<sup>547</sup> ) Cf. atrás, no ponto 7.8. os seguintes títulos: “A vida dos esquimaus”; “Piccard na estratosfera”; “Os castores”; “Vida e morte de Sócrates”; “A última viagem de Scott”; “As aranhas”.

<sup>548</sup> ) Idem, “A vida das enguias”, em *À volta do mundo - textos para a juventude*, Lisboa, 1ª série, ed. do autor, s/d [1943]. Apesar de nenhum caderno desta colecção conter a data de impressão, João Pedro Secca atribuiu-lhe, sem qualquer reserva, 1943 como ano de publicação (cf. Secca, João Pedro, “Bibliografia”, em *A Phala – Agostinho da Silva*, Lisboa, nº 38, Assírio e Alvim, 1994, pp. 22-23). A nossa investigação confirma a plausibilidade desta data, uma vez que estes cadernos foram publicados entre 1941 e 1947.

<sup>549</sup> ) Agostinho da Silva, “Como se faz um túnel”, em *À volta do mundo - textos para a juventude*, 1ª série, s/d [1943].

<sup>550</sup> ) Idem, “História dos comboios”, em *ibidem*, s/d [1943].

<sup>551</sup> ) Idem, “Aventuras com tubarões”, em *ibidem*, s/d [1943].

<sup>552</sup> ) Idem, “O sábio Confúcio”, em *ibidem*, s/d [1943].

<sup>553</sup> ) Idem, “Viagem à Lua”, em *ibidem*, s/d [1943].

<sup>554</sup> ) Idem, “Os primeiros aviões”, em *ibidem*, 2ª série, s/d [1943].



#### **4. Guia de Leitores – notas críticas de bibliografia moderna.**

##### **Fascículo primeiro**

Sem data, mas provavelmente em 1941, o *Guia de Leitores – notas críticas de bibliografia moderna*<sup>555</sup>, foi o primeiro e único fascículo de uma coleção que Agostinho tencionava continuar de dois em dois meses, onde, proventura de forma original para a época, fazia publicar várias resenhas a diversas obras nacionais e estrangeiras. Agostinho assinou, como editor, o texto de apresentação onde estabeleceu como principal fim da publicação fazer coabitar as variadas correntes de pensamento, contribuindo assim para o progresso intelectual, moral e material da Humanidade. Neste fascículo inseriu pequenos textos a propósito de movimentos literários como o romantismo e diversas resenhas, das quais destacamos a de António Sérgio ao livro de Marcel Clerget, *La turquie, passé et présent*, Paris, Colin, a de V. Magalhães Godinho à edição da obra de C. Lefebvre des Noettes, *L'Attelage. Le cheval de selle à travers les ages*, Paris, Picard, as de Lima Faria às revistas *Síntese*, Revista Mensal de Cultura, Coimbra, nº 1 a 13 e *Naturália*, Revista trimestral de divulgação da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, ano I, vol. I, nº 1, a ano III, vol. III, nº 3 e 4.

##### **5. Doutrina cristã**

*Doutrina cristã*<sup>556</sup> foi um panfleto que o nosso autor publicou com o intuito de clarificar a sua interpretação racionalista e histórica da génese e evolução do cristianismo que tinha defendido no polémico Caderno de iniciação cultural intitulado *O Cristianismo*. O conteúdo deste panfleto revela-nos a preocupação social de Agostinho e a sua defesa de um panteísmo cristão.

---

<sup>555</sup> ) Cf. idem, *Guia de Leitores – notas críticas de bibliografia moderna. Fascículo primeiro*, Lisboa, ed. do autor, s/d [1940? ou 1941?]. Este espaço de tempo é aceitável considerando que numa circular que Agostinho enviou junto aos cadernos com o fim de dar a conhecer o estado financeiro das diversas coleções ao longo dos anos de 1940 e 1941, também se referia à recepção que esta publicação tinha tido junto da imprensa.

<sup>556</sup> ) Idem, *Doutrina cristã*, Lisboa, ed. do autor, 1943 (texto consultado em *Textos e ensaios filosóficos I* (critério de edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves Borges), Lisboa, Âncora, 1999, pp. 81-82.

## **6. As folhas soltas de S. Bento e outras**

Entre 1965 e 1968, Agostinho da Silva publicou, em edição de autor, no Rio de Janeiro, *As Folhas Soltas de S. Bento e Outras*. As primeiras cinco folhas apareceram em 1965<sup>557</sup> e as duas últimas saíram em 1968<sup>558</sup>. O nome da publicação devia-se à rua onde o autor habitara, no Porto, nos tempos de estudante, a Rua de S. Bento. Nestes escritos, Agostinho discorreu sobre diversos assuntos, tais como a educação para o ócio, a defesa da auto-educação, Deus, Portugal e o ecumenismo, o comunitarismo, o Brasil e o seu papel no futuro. Foi, também nestas folhas que Agostinho respondeu à crítica feita por Jacinto do Prado Coelho à sua interpretação do messianismo de Fernando Pessoa.

## **7. Vitória - para a Quinta Classe. Introdução**

Sem data, mas provavelmente de 1970/1971<sup>559</sup>, saiu o folheto *Vitória - para a Quinta Classe. Introdução*<sup>560</sup>, em que Agostinho deixou várias notas autobiográficas, privilegiando a fase dos Cadernos e a sua ida para o Brasil, salientando ter sido o objectivo dos Cadernos promover a igualdade de todos no tocante ao conhecimento.

## **8. Bahia - colecção de folhetos**

O gosto pelas folhinhas ou folhetos conheceu no início dos anos setenta uma nova fase. Entre 1970 e 1971 o nosso autor publicou *Bahia - colecção de folhetos*. Sob este título, saiu, então, em 1970, o folheto *Celebrando a Montessori*<sup>561</sup>, escrito em que a propósito da

---

<sup>557</sup> ) Idem, "As Folhas Soltas de S. Bento e Outras (I a 5)", Rio de Janeiro, ed. do autor, 1965 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 293-401).

<sup>558</sup> ) Idem, "As Folhas Soltas de S. Bento e Outras (6 e 7)", Rio de Janeiro, ed. do autor, 1968 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 403-445).

<sup>559</sup> ) Aceitamos a data de edição 1970/1971 que o organizador de *Dispersos* atribuiu a este folheto (cf. *Dispersos*, p. 463, nota \*).

<sup>560</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, *Vitória para a quinta classe Introdução*, Lisboa, ed. do autor, 1970/1971? (texto consultado em *Dispersos*, pp. 463-466).

<sup>561</sup> ) Idem, "Celebrando a Montessori", em *Bahia - colecção de folhetos*, s/l, ed. do autor, s/d [1970?]. A data de 1970 levanta poucas dúvidas, uma vez que o texto foi escrito para comemorar a data do primeiro centenário da pedagoga italiana, que tinha nascido, precisamente, em 1870.

celebração do primeiro centenário do nascimento de Maria Montessori, incontornável figura da Educação Nova, Agostinho da Silva apelou a uma escola que privilegiasse a invenção e criatividade, mencionando ainda os progressos que Montessori proporcionou com a sua renovada ideia de infância e com o seu novo conceito de escola e didáctica lectiva.

Com este título saíram mais dois cadernos. No primeiro, Agostinho apresentou-se aos seus leitores com a pena do seu heterónimo António Augusto Botelho Mourão, de quem disse ser um pouco precipitado e confuso, faltando-lhe talento quando escreve em prosa, tendo no entanto feito boas traduções, como a que se seguia de *O Sonho de Cipião*, de Cícero<sup>562</sup>.

No último caderno, que intitulou *Centros*<sup>563</sup> e ao qual, desta vez, após a assinatura do seu heterónimo, J.J. Conceição da Rocha, destacam-se as referências a José Marinho. Deixou, também, algumas notas sobre o modelo de universidade decorrente do ideário do movimento da Escola Nova e projectou a criação de um Centro Brasileiro de Estudos Europeus que queria ver sediado na Berlim unificada.

## **9. Goa - cadernos teológicos**

*Goa - cadernos teológicos*, assinado pelo seu heterónimo Frei G. H., sem data, mas provavelmente de 1971<sup>564</sup>, compôs-se de um único texto designado *Título e fins*<sup>565</sup>, onde o nosso autor escreveu sobre o projecto da Universidade de Brasília, quer para denunciar os efeitos nefastos que advieram a este projecto com a politização da universidade, quer para enfatizar o papel de charneira que tinha sido reservado à Teologia na Universidade de Brasília.

---

<sup>562</sup> ) Idem, “Cícero, ‘O Sonho de Cipião’”, em *Bahia – colecção de folhetos*, 1, nota prévia e tradução de Agostinho da Silva, 1970 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 451-454).

<sup>563</sup> ) Idem, “Centros”, em em *Bahia – colecção de folhetos*, 2, nota prévia e tradução de Agostinho da Silva (assinado J.J. Conceição da Rocha), 1971 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 493-499).

<sup>564</sup> ) Porque de facto este era um período intenso de publicação de folhetos e cadernos por parte de Agostinho, aceitamos como provável a data de 1971 para a edição deste folheto, conforme sugerido pelo organizador de *Dispersos* (cf. *Dispersos*, p. 467, nota \*).

<sup>565</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, “Título e fins”, em *Goa – cadernos teológicos*, Lisboa, ed. do autor, s/d [1971?] (assinado Frei G. H.) (texto consultado em *Dispersos*, pp. 467-473).

## 10. *Barca D'Alva - educação do Quinto Império*

O folheto *Barca D'Alva - educação do Quinto Império*, publicado por Agostinho da Silva em 1971 e assinado pelo seu heterónimo João Cascudo de Moraes, é composto por dois fascículos.

No primeiro fascículo Agostinho imprimiu as *Considerações pessoais - Considerações impessoais - Considerações principais*<sup>566</sup>. Nas primeiras, as pessoais, destacam-se as referências elogiosas a António Sérgio, Álvaro Ribeiro, José Marinho e António Quadros. Nas segundas considerações, as impessoais, o intelectual portuense falou da necessidade de proceder à edição de uma publicação que tivesse como único objectivo confrontar ideias, de todas as proveniências, sobre a educação, em todos os níveis, tendo como finalidade a instauração de uma organização escolar cooperativista. Nas últimas considerações, as principais, Agostinho referiu-se à recusa de uma editora em publicar a sua obra *Educação de Portugal*, em que explicava o que entendia por Portugal e o que se deveria fazer para construir o Portugal em que acreditava.

O Fascículo 2 do folheto *Barca D'Alva...* tinha como subtítulo *Eleições - Fundação António Conselheiro - Casa da Barca*<sup>567</sup>. Em *Eleições*, Agostinho defendendo uma visão providencial da História, deixou-nos algumas considerações sobre a política, criticando o facto de o voto para a escolha dos representantes do povo ser negado, em alguns países, aos analfabetos, defendendo que ler e escrever não são o único meio de comunicar, lembrando-nos que ser ministro significa, etimologicamente, o que vale menos. Em *Fundação António Conselheiro*, o nosso autor, servindo-se do exemplo de António Conselheiro que tentou fundar uma nação de plena fraternidade a partir de Canudos, propôs que se criasse, agora em Portugal, uma Fundação que pensasse o futuro da nação portuguesa com o recurso a uma escola baseada na experiência de cada um, a uma economia cooperativista e a uma religião ecuménica. Em *Casa da Barca*, Agostinho, com os olhos postos no futuro, deu-nos a entender que estava a ser difícil erigir a Fundação que acabava de projectar.

---

<sup>566</sup> ) Idem, "Considerações pessoais - Considerações impessoais - Considerações principais", em *Barca D'Alva - educação do Quinto Império*, fascículo 1, Lisboa, ed. do autor, 1971 (assinado João Cascudo de Moraes) (texto consultado em *Dispersos*, pp. 475-484)

<sup>567</sup> ) Idem, "Eleições - Fundação António Conselheiro - Casa da Barca", em *Barca D'Alva - educação do Quinto Império*, fascículo 2, Lisboa, ed. do autor, 1971 (assinado João Cascudo de Moraes) (texto consultado em *Dispersos*, pp. 485-492).

## **11. *Compostela - carta sem prazo a seus amigos. Primeira de 71***

Em *Compostela - carta sem prazo a seus amigos (primeira de 71)*<sup>568</sup>, publicação de 1971, o nosso autor teceu várias considerações sobre educação relevando-se as que dedicou à relação entre mestre e aluno. Forneceu, também, vários dados autobiográficos relativos à sua experiência de estudante, a originais experiências de ensino que patrocinou e a conferências e palestras que pronunciou em diferentes locais.

## **12. *O Baldio do Povo***

Também em 1971 saíram, em edição de autor, dois cadernos intitolados *O Baldio do Povo*.

No primeiro caderno<sup>569</sup>, na *Nota Prévia*, Agostinho explicou que este seria o título de todas as colunas que enviasse para a imprensa regional, imprensa esta que o atraía mais que a sua congénere nacional, pois pensava que o seu amor ao Povo português poderia ser melhor comunicado pela imprensa de âmbito regional. No corpo do caderno, para além de defender a liberdade, a poesia e o sonho, Agostinho da Silva manifestou-se desconfiado com a entrada da Inglaterra no Mercado Comum porque para além desta integração não ser bem aceite pela maioria do seu povo, parecia ao nosso autor que era, ainda, um repúdio da sua tradição insular e da afirmação de independência que ao longo dos anos a vinham caracterizando. Neste caderno, o intelectual portuense ainda criticou o consumismo e defendeu o prémio Nobel da Paz para o trabalho dos irmãos Vilas Boas em prol dos índios.

No segundo Caderno<sup>570</sup>, o nosso autor dissertou sobre temas tão variados como o amor, o trabalho intelectual, os direitos de autor, o valor educativo dos seus folhetos e a falta de educação do povo português. Versando sobre Portugal, o intelectual portuense considerou que o nosso país tivera um particular esplendor no reinado de D. Dinis, quando se afirmou como uma espécie de república municipal, insistindo, por isso que, nos tempos presentes, convinha-lhe novamente retomar essa forma de organização e, para além disto, saltando para outro assunto,

---

<sup>568</sup> ) Idem, *Compostela - carta sem prazo a seus amigos. Primeira de 71*, Lisboa, ed. do autor, 1971 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 511-521).

<sup>569</sup> ) Idem, *O baldio do povo*, 1º caderno, Lisboa, ed. do autor, 1971 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 523-529).

<sup>570</sup> ) Idem, *O baldio do povo*, 2º caderno, Lisboa, ed. do autor, 1971 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 531-539).

mas sempre no seio do discurso sobre a portugalidade, esclareceu que a sua recorrente ideia de um Portugal apoiado no Brasil tinha o fundamento em Alexandre Herculano, Oliveira Martins e Antero de Quental.

### **13. Seis folhetos e duas poesias recolhidos em *Dispersos***

Em 1988 foi ainda publicado um volumoso livro de *Dispersos* da responsabilidade do investigador Dr. Paulo Alexandre Esteves Borges. Nele se reúnem, cronologicamente ordenados,, algumas entrevistas e diversos textos reveladores do pensamento de Agostinho nos vários domínios dos seus interesses de sempre, a Filologia, a portugalidade, o messianismo, a ficção, a poesia, a educação e a cultura. Neste volume foram impressos os seguintes textos até então inéditos.

*Notas de passado e de futuro*<sup>571</sup>, datado de 1974 serviu para Agostinho, mais uma vez expor as características do Portugal primitivo. Aqui explicou que o culto do Espírito Santo esteve associado à primeira época de Portugal, tendo este culto alcançado o seu auge quando D. Dinis transformou os Templários na Ordem de Cristo. O segundo período de Portugal disse-nos corresponder ao pensamento de S. Bernardo, Camões, Pessoa e Vieira. Ainda projectou a terceira época da nação lusa a partir da revolução de Abril que esperava que fosse o motor para a nova sociedade ecuménica, onde houvesse uma nova economia, uma nova educação e uma nova religião. *Proposição*<sup>572</sup> é um texto de 1974 onde Agostinho estabeleceu os seus objectivos em relação à comunidade portuguesa que, em seu entender, deveria contemplar um novo interesse pelo Povo, pela liberdade plena, pela não propriedade e pelo cooperativismo; aí defendeu que todo o poder devia ser conferido ao Povo e propôs uma educação renovada que tivesse como centro a criança e como fim a felicidade e não o exame. Propunha, então, que a educação em vez dos ensinamentos do mestre, privilegiasse os ensinamentos da vida pois só assim pensava estarem reunidas as condições para o advento do ecumenismo e a realização da utopia. *Proposição - aditamento um*<sup>573</sup>, datado de 1975 é um manifesto onde Agostinho complementou as divagações anteriores, centrando-se, agora, no papel que Portugal e o Brasil

---

<sup>571</sup> ) Idem, “Notas de passado e de futuro” (1974), em *Dispersos*, pp. 609-611.

<sup>572</sup> ) Idem, “Proposição” (1974), em *ibidem*, pp. 617-627.

<sup>573</sup> ) Idem, “Proposição - aditamento um” (1975), em *ibidem*, pp. 629-637. Dada como inédito nesta publicação, conheceria, no ano de 1988, uma outra edição na revista *Nova Renascença*, nº 30-31, 1975 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 629-637).

deveriam ter para realizar o futuro, que em qualquer circunstância, segundo a sua maneira de pensar, tinha que começar por um prévio entendimento ibérico.

O texto *Vieram com Lutero os vendilhões do templo, - e o sol se cobriu*<sup>574</sup>, datado de 1981, é um escrito em forma de poema, onde Agostinho apontou aqueles que em seu entender tinham sido os pecados de Portugal, apelando agora, com os olhos postos no futuro, para a imperiosa necessidade de o renovar. *Acho graça às homenagens*<sup>575</sup>, escrito datado de 1981, é uma autobiografia em forma de poema, onde o nosso autor manifestou a consciência da relatividade da vida individual e a crença na plenificação futura.

O título *82: semanário do mês de Santiago o qual lhe aparecendo pensando compôs em linguagem Agostinho e assim o enviou a seus amigos*<sup>576</sup> redigido em 1982 serviu para Agostinho reflectir o papel da língua portuguesa na renovação do Mundo, a necessidade de instituir a cooperação e reformar a educação, bem como de entender e praticar o Outro. Pronunciou-se, também, sobre a reorganização de Portugal e, depois de constatar que Goa tinha falhado como local de abrigo dos povos de língua comum, incentivou aqueles que seguiam as suas ideias a que se tentasse o mesmo objectivo em Gibraltar. Para manter a pluralidade em que nascemos, aconselhou-nos ainda a fundar uma escola que acolhesse o sonho, em vez de o mutilar, como infelizmente ia acontecendo por todo o lado.

Escrito em 1984, *Dez notas sobre o culto popular do Espírito Santo*<sup>577</sup> foi mais um texto em que Agostinho fez uma digressão sobre a formação de Portugal, os males dos descobrimentos, o culto e simbologia do Espírito Santo, do comunitarismo e da liberdade plena. Aqui continuou a criticar a escola que afastava os indivíduos da vida e defendeu um futuro que se pautasse por uma amorosa e alegre criação poética.

O pequeno escrito *Do previsível e do imprevisível*<sup>578</sup>, datado de 1985, serviu para Agostinho expor a noção que Pessoa tinha de Deus e do Amor como fonte da verdadeira vida, acrescentando ainda que Pessoa não pecou contra o Espírito Santo. *Conversão de infieis*<sup>579</sup> com a data de 1985 era o texto da sua comunicação ao colóquio *Os Portugueses e o Mundo* que teve lugar no Porto. Agostinho, nesta comunicação quis relevar o diálogo e a conversa como constituindo uma importante e particular característica da conversão dos infieis feita pelos

---

<sup>574</sup> ) Idem, “Vieram com Lutero os vendilhões do templo, - e o sol se cobriu” (1981), em *Dispersos*, p. 699.

<sup>575</sup> ) Idem, “Acho graça às homenagens” (1981), em *ibidem*, pp. 701-702.

<sup>576</sup> ) Idem, “82: semanário do mês de Santiago o qual lhe aparecendo pensando compôs em linguagem Agostinho e assim o enviou a seus amigos” (1982), em *ibidem*, pp. 745-750.

<sup>577</sup> ) Idem, “Dez notas sobre o culto popular do Espírito Santo” (1984), em *ibidem*, 759-767.

<sup>578</sup> ) Idem, “Do previsível e do imprevisível” (1985), em *ibidem*, pp. 783-785.

<sup>579</sup> ) Idem, “Conversão de infieis” (1985), em *ibidem*, pp. 789-792.

portugueses. Em consequência, apontou como factor corruptor da humanidade o comércio e o lucro, referindo ainda que a atitude mercantil foi levada à prática pelos templários quando passaram de comerciantes a banqueiros. As suas teses também passaram pela defesa de que tudo na vida devia ser gratuito, a educação deveria ser dirigida para ócio e para o tempo livre, já que a vida deveria ser da imaginação, da liberdade e do amor.

A *Nota sobre cultura portuguesa*<sup>580</sup>, redigida em 1986 serviu para Agostinho clarificar o facto de pensar que a cultura era superior à língua. Depois de uma digressão sobre Camões e a ilha dos amores, Vieira e Quinto Império, continuou a mostrar preferência pelo Povo, dizendo-nos que a característica maior do nosso Povo é ser imprevisível e paradoxal.

Em *Sant'lago - conversa Um de 87*<sup>581</sup>, redigido em 1987 aquando da condecoração com que Agostinho foi distinguido – a Grã Cruz da Ordem de Santiago de Espada – pelos serviços prestados à cultura e imposta pelo Presidente Mário Soares, deixou-nos as suas reflexões sobre o que entendia ter de passar a fazer para cumprir tal condecoração.

*Antifado chamado Portugal*<sup>582</sup> redigido em 1987 sob a forma de poema, serviu, mais uma vez, para Agostinho se pronunciar sobre as venturas e desventuras de Portugal, percorrendo as habituais referências como Vieira, o futuro, a utopia, o tudo e o nada.

---

<sup>580</sup> ) Idem, “Nota sobre cultura portuguesa” (1986), em *ibidem*, 1986, pp. 801-804.

<sup>581</sup> ) Idem, “Sant'lago - conversa Um de 87” (1987), em *ibidem*, pp. 805-806.

<sup>582</sup> ) Idem, “Antifado chamado Portugal” (1987), em *ibidem*, pp. 807-810.



## IV. TEXTOS EM OBRAS COLECTIVAS

Foram para cima de uma dezena os textos agostinianos publicados em obras colectivas, dos quais passamos a dar conta.

*Superação do protestantismo*<sup>583</sup>, comunicação que Agostinho apresentou, em 1954, ao *Congresso de Filosofia de S. Paulo*, onde elogiou as características comunitárias da Igreja Medieval e criticou o protestantismo por estimular o individualismo e a economia de concorrência.

*Os três dragões*<sup>584</sup> é o título do texto que o nosso autor apresentou no Fórum “Three dragons”, *PHP – A forum for a better world*, Special Theme: 20th Century Man: is he capable of love?, que decorreu em Tóquio, em Março de 1973. Neste escrito, a propósito da perfeição e do caminho a percorrer rumo a ela, Agostinho apontou o amor como veículo de salvação.

*Sobre a ideia de Deus*<sup>585</sup> foi um texto incluído por Pinharanda Gomes, em 1974, na sua *Teodiceia portuguesa contemporânea*, escrito em que Agostinho da Silva insistiu na ideia de um Portugal ecuménico e defendeu uma História providencialista.

*Virá a Revolução*<sup>586</sup> foi um pequeno mas significativo texto em que o nosso pensador tendo em mente S. Francisco de Assis, defendeu que ainda estava para vir a revolução que verdadeiramente interessava e que seria aquela que deveria permitir, apenas e só, o despojamento, a disponibilidade e a poesia.

Em *Depoimento*<sup>587</sup>, escrito de homenagem a João dos Santos, Agostinho considerou ser do maior mérito o trabalho do homenageado na sua Casa da Praia, por nela se ter preocupado em não deseducar as crianças. O nosso autor realçou ainda o facto de João dos Santos receber na sua casa os desajustados do sistema escolar, mostrando, com o seu trabalho de integração, que era a Escola que não servia as crianças e não estas que estavam a mais na Escola. Agostinho

---

<sup>583</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, “Superação do protestantismo”, em AA. VV., *Anais do Congresso de Filosofia de S. Paulo*, 1954 (texto consultado em *Textos e Ensaios Filosóficos II*, pp. 183-189).

<sup>584</sup> ) Idem, “Os três dragões”, em AA. VV., “Three dragons”, *PHP – A forum for a better world*, Special Theme: 20th Century Man: is he capable of love?, vol. 4, nº 3 (Tokyo, March 1973), pp. 64-66 (texto consultado em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 291-294).

<sup>585</sup> ) Idem, “Sobre a ideia de Deus”, em Gomes, Pinharanda, *Teodiceia portuguesa contemporânea*, Lisboa, Sampedro, 1974 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 613-616).

<sup>586</sup> ) Cf. idem, “Virá a Revolução”, em AA. VV., *Francisco de Assis (1182-1226) - testemunhos contemporâneos das letras portuguesas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1982 (texto consultado em *Dispersos*, p. 723).

<sup>587</sup> ) Idem, “Depoimento”, em AA. VV., *Saúde Mental - Boletim da Direcção de Serviços de Saúde Mental* (número especial de homenagem ao Dr. João dos Santos), Lisboa, 1984, pp. 123-127.

considerou, ainda, João dos Santos como um precursor do futuro e agradeceu ter mostrado, com a sua vida e obra, como o amor e o humor são dois bons conselheiros.

Nas páginas de *Mais dez notas sobre o culto popular do Espírito Santo*<sup>588</sup>, Agostinho da Silva mais uma vez fez o historial do Culto Popular do Espírito Santo, referindo que a percepção de Joaquim de Fiore foi também a de Camões. O nosso autor também aproveitou para negar que alguma vez tivesse havido uma Filosofia portuguesa, com o argumento de que, em Portugal, o que interessava era a vida.

*Uma Carta de Ajuda*<sup>589</sup> foi o texto que Agostinho apresentou às *Primeiras Jornadas Ibéricas de Investigaciones en Ciencias Humanas y Sociales*, no qual reiterou o seu iberismo, lançando pistas para a definição do futuro papel dos povos de língua ibérica.

*Um modo de entender Portugal*<sup>590</sup> serviu ao intelectual portuense para voltar a defender o governo de D. Dinis, elogiando-lhe a descentralização e o papel coordenador do rei. Ademais, Agostinho, referindo-se à construção do Brasil pelos portugueses, voltou a discorrer sobre o Culto do Espírito Santo e o Quinto Império.

Foi *Passado iluminando o futuro*<sup>591</sup> um escrito a propósito dos direitos humanos que, para Agostinho, só poderiam ficar garantidos quando se procedesse a uma reforma da sociedade que abandonasse o princípio da produção e o substituísse pelo princípio da distribuição, reforma esta para a qual seria um bom modelo o Culto Popular do Espírito Santo com a actualização social da simbologia que o caracterizava, a saber, a coroação do menino imperador, a distribuição do budo e a libertação dos presos.

*Cadenzas*<sup>592</sup> foram poemas de Agostinho da Silva inseridos, em forma de comentário, em 1988, no livro de poesia de Maria de Sousa, *A hora e a circunstância*. Estes textos evidenciavam a reflexão agostiniana em torno do tempo e da eternidade, revelando a consciência absoluta da transitoriedade existencial e a necessidade de nos compreendermos como partes do universo.

---

<sup>588</sup> ) Idem, "Mais dez notas sobre o culto popular do Espírito Santo", em AA. VV., *Os impérios do Espírito Santo na simbólica do Império - II Colóquio Internacional de Simbologia*, Hangra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1985 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 769-774).

<sup>589</sup> ) Idem, "Uma Carta de Ajuda", em AA. VV., *Comunicaciones presentadas a los Encuentros/Encontros de Ajuda por las ciudades hermanas de Leiria e Olivença*, las Jornadas Ibéricas de Investigaciones en Ciencias Humanas y Sociales, Olivenza, 1985 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 779-782).

<sup>590</sup> ) Cf. idem, "Um modo de entender Portugal", em AA. VV., *A identidade portuguesa - cumprir Portugal*, Lisboa, Instituto D. João de Castro, 1988 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 863-876).

<sup>591</sup> ) Idem, "Passado iluminando o futuro", em AA. VV., *Educação e direitos humanos*, Algueirão, Comissão para a Promoção dos Direitos Humanos e Igualdade na Educação, 1988, pp. 31-43.

<sup>592</sup> ) Idem, "Cadenzas", em Sousa, Maria de, *A hora e a circunstância*, Lisboa, Gradiva, 1988, pp. 13, 26, 30, 38, 51, 100, 125.

*Preguiça*<sup>593</sup>, poema inserido na exposição colectiva promovida pela Monumental - Artistas Associados, designada *Sete Pecados Capitais*, na qual sete pintores se dedicaram à representação dos Sete Pecados Capitais (Avaréza, Ira, Preguiça, Gula, Luxúria, Cobiça, Soberba) e outros tantos intelectuais escreveram, em prosa e em verso, sobre os mesmos pecados. Ao nosso autor, tal como sugere o título do texto, coube escrever sobre a Preguiça.

*Identificação de um País... chamado Portugal: Quinze princípios portugueses*<sup>594</sup>, foi publicado na obra colectiva *O lugar e o papel das ciências sociais e humanas, na "Modernização", na "Integração Europeia" e na "Cooperação Africana" de Portugal Contemporâneo*, de 1992. Este texto é a reprodução integral de *Quinze princípios portugueses*, anteriormente publicado em *Espiral*, nº 8 e 9, Inverno de 1965, excepto a página 3 que reproduz quatro mensagens escritas à mão, datadas de 18 de Outubro de 1990 e enviadas à Segunda Semana Sociológica.

---

<sup>593</sup> ) Idem, "Preguiça", em AA. VV., *Sete pecados capitais*, Lisboa, Monumental – Artistas Associados, 1990, p. 13.

<sup>594</sup> ) Idem, "Identificação de um País... chamado Portugal: Quinze princípios portugueses", em AA. VV., *O lugar e o papel das ciências sociais e humanas, na "Modernização", na "Integração Europeia" e na "Cooperação Africana" de Portugal Contemporâneo*, Lisboa, Edições Lusófonas, 1992, pp. 1-18 (trata-se da reprodução integral de "Quinze princípios portugueses", em *Espiral*, nº 8 e 9, Inverno de 1965, excepto a p. 3 que reproduz quatro mensagens escritas à mão datadas de 18-10-90, enviadas à 2ª Semana Sociológica, promovida por Fernando dos Santos Neves, sob o título "O lugar e o papel das ciências sociais e humanas, na 'Modernização', na 'Integração Europeia' e na 'Cooperação Africana' de Portugal Contemporâneo", que decorreu na Sociedade de Geografia de Lisboa, entre os dias 22 e 26 de Outubro de 1990).

## V. PREFÁCIOS, INTRODUÇÕES E NOTAS PRÉVIAS

### 1. A traduções

No texto que antecede a tradução que Agostinho fez do *Critone*<sup>595</sup>, de Platão, diálogo do período socrático, o nosso autor criticou os sofistas por, em seu entender, confundirem os factos com a verdadeira essência das coisas e, apontando os traços gerais da conduta de Sócrates, defendeu que a justiça deveria governar a cidade.

*A defesa de Sócrates*<sup>596</sup> foi mais um diálogo platónico do período socrático traduzido por Agostinho, em cujo prefácio o nosso autor voltou a destacar a figura de Sócrates, quer quanto à sua vida em íntima comunhão com as suas crenças, quer quanto à sua capacidade de não ser duro como os estóicos e de saber temperar a sua ironia com o afecto, quer ainda quanto à tentativa de racionalizar a acção humana de forma a encontrar um sólido alicerce que pudesse servir de norma aos comportamentos individuais.

No prefácio à tradução de *Édipo rei*<sup>597</sup>, de Sófocles, Agostinho disse-nos que com esta obra Sófocles procurou e conseguiu uma perfeita união entre o racional e o sensível e que, tal como Platão, Fídias e Péricles, nos transmitiu a excelência do génio grego.

A tradução das obras de Terêncio, *Aululária*, *O Gorgulho*, *O Eunuco*, contém um importante prefácio intitulado *A comédia latina*<sup>598</sup>, que Agostinho começou referindo-se a uma inicial Idade do Ouro, lembrando que o afastamento deste tempo auroral se deveu à introdução, na organização social da economia, da concorrência e dos sistemas oficiais de ensino. Na sua visão futurante, o nosso autor mostrou esperança no restabelecimento de um cristianismo de base que haveria de ressacralizar o mundo pelo amor, pela liberdade, pelo afecto e pela contemplação e mostrou esperança de que portugueses e espanhóis, que desde sempre prezaram a liberdade, conseguissem fazer retornar o mundo todo à unidade anunciada.

---

<sup>595</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, "Prefácio", em Platão, *Critone*, Lisboa, Seara Nova, 1934, pp. 5-10.

<sup>596</sup> ) Idem, "Prefácio", em Platão, *A defesa de Sócrates*, Lisboa, Seara Nova, 1937, pp. 7-12.

<sup>597</sup> ) Idem, "Vida e obra de Sófocles", em Sófocles, *Édipo rei*, 2ªed., Lisboa, Editorial Inquérito, s/d, pp. 7-10.

<sup>598</sup> ) Idem, "A comédia latina", em Terêncio, *Aululária*, *O Gorgulho*, *O Eunuco*, Edições de Ouro, Brasil, 1946 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 177-190).

Em *Bahia – colecção de folhetos, 1*, na *Nota Prévia*<sup>599</sup> que antecedeu a tradução de Agostinho de *O Sonho de Cipião* de Cícero, o intelectual portuense discorreu, novamente, sobre a sua vida, nomeadamente sobre a estadia em Barca de Alva e o significado que a infância, aí vivida, teve para o seu desenvolvimento intelectual. Referiu-se, ainda, à primeira Faculdade de Letras do Porto, ao Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Brasília no tempo em que foi dirigido por Eudoro de Sousa, a Darcy Ribeiro e à Universidade de Brasília.

Em 1971 Agostinho decidiu divulgar as traduções de os *Caracteres Morais* de Teofrasto e *Guerra contra Jugurta* de Salústio. O folheto onde imprimiu estas traduções intitulou-o *Beira – Moçambique - clássicos do mundo português*. A referida publicação consta de um folheto introdutório e quatro Cadernos.

O folheto introdutório designado *Um Prefácio Geral*<sup>600</sup> foi assinado pelo seu heterónimo J. J. Conceição Rocha. Neste Caderno, Agostinho discorreu sobre o papel dos clássicos na educação dos povos, sobre a necessidade de nos mantermos estudantes ao longo da vida, sobre a idade do ouro e as consequências da queda do Homem. Sobre Portugal e os portugueses o nosso autor fez votos de que Portugal e Brasil se compreendessem como um Estado único.

O primeiro Caderno continha a tradução dos *Caracteres morais* de Teofrasto, da responsabilidade do Dr. A. da Costa Muller, com nota prévia<sup>601</sup> de Agostinho da Silva. Esta tradução continuou no segundo Caderno e no terceiro, no qual, aliás, se iniciou a publicação da tradução do Prof. A. Edgard Carneiro de *Guerra Contra Jugurta*, de Salústio, que também conta com uma *nota prévia*<sup>602</sup> de Agostinho da Silva. O resto da tradução deste texto foi impressa no quarto Caderno.

Nas notas que antecedem a tradução à *Obra completa*<sup>603</sup> de Salústio Agostinho da Silva defendeu que este autor entendia a História como actividade educativa e moralista, preocupando-se em exemplificar que o talento se corrompia pela ambição e riqueza que Roma evidencia após a destruição de Cartago.

---

<sup>599</sup> ) Idem, “Nota prévia: Cícero, *O sonho de Cipião*”, em *Bahia – colecção de folhetos, 1*, assinado António Augusto Botelho Mourão, 1970 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 454-456).

<sup>600</sup> ) Idem, “Um Prefácio Geral”, em *Beira – Moçambique. Clássicos do mundo português*. Caderno introdutório, Lisboa, ed. autor, 1971 (assinado J. J. Conceição Rocha) (texto consultado em *Dispersos*, pp. 501-509).

<sup>601</sup> ) Idem, “Nota prévia: Teofrasto, *Caracteres Morais*”, em *Beira – Moçambique - clássicos do mundo português*, 1º caderno, tradução do Dr. A. da Costa Muller, pp. [2]-[5].

<sup>602</sup> ) Idem, “Nota prévia: Salústio, *Guerra contra Jugurta*”, em *Beira – Moçambique - clássicos do mundo português*, 3º caderno, pp. [2]-[4].

<sup>603</sup> ) Idem, “Nota prévia”, em Salústio, *Obra completa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1974, pp. 9-11.

Na apresentação da tradução das *Obras menores*<sup>604</sup> (*Diálogo dos oradores, Vida Agrícola, A Germânia*), de Tácito, o intelectual português perspectivou que talvez Tácito pensasse que um regime bom para as atrocidades do mundo só fosse possível com um governo central forte, capaz de garantir a paz de um imenso império e de preparar o ecumenismo futuro e acusou-o de ter admirado o estoicismo sem o ter compreendido.

Na nota introdutória à tradução de *O divino Augusto*<sup>605</sup>, de Suetónio, Agostinho, sumariamente, sublinhou aspectos da vida deste historiador romano.

Convirá, ainda, salientar que as traduções da colecção *Antologia – introdução aos grandes autores*<sup>606</sup>, são antecedidas de um texto explicativo da vida e obra do autor traduzido.

## 2. Outros

O texto que serviu de prefácio à *A vida do Arcebispo*<sup>607</sup>, de Frei Luís de Sousa que Agostinho preparou, possui uma estrutura didáctica na qual se refere à vida do autor, à sua obra e ao lugar que essa obra, em seu entender, ocupa no panorama literário português. A terminar, Agostinho da Silva inseriu uma secção bibliográfica, útil a quem quisesse estudar com mais profundidade, ou simplesmente conhecer com mais pormenor, a vida e a obra de Frei Luís de Sousa.

Na edição de *A corte na aldeia*<sup>608</sup>, de Rodrigues Lobo, que Agostinho organizou, o prefácio volta a apresentar uma intenção didáctica, dedicando a primeira parte à vida do autor, a segunda à sua obra, a terceira ao estilo, tudo isto se complementando com uma indicação bibliográfica.

Mantendo a estrutura didáctica dos anteriores, no prefácio a *Doutrina de estética literária*<sup>609</sup>, de Almeida Garret, Agostinho elogiou o trabalho de Garret no campo educativo aquando do desempenho do cargo de Secretário da Comissão Para a Reforma da Instrução

---

<sup>604</sup> ) Idem, “Nota prévia”, em Tácito, *Obras menores: Diálogo dos oradores, Vida Agrícola, A Germânia*, Lisboa, Livros Horizonte, 1974, pp. 9-14.

<sup>605</sup> ) Idem, “Nota prévia”, em Suetónio, *O divino Augusto*, Lisboa, Livros Horizonte, 1975, pp. 9-11.

<sup>606</sup> ) Veja-se, adiante, no ponto 1. do número VIII, a apresentação completa desta Antologia.

<sup>607</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, “Prefácio”, em Sousa, Frei Luís de, *A vida do Arcebispo*, Lisboa, Seara Nova, 1937, pp. 7-13.

<sup>608</sup> ) Idem, “Prefácio”, em Lobo, Francisco Rodrigues, *A corte na aldeia*, Lisboa, Seara Nova, 1937, pp. 7-12.

<sup>609</sup> ) Idem, “Prefácio”, em Garret, Almeida, *Doutrina de estética literária*, Lisboa, Seara Nova, 1938, pp. 7-21.

Pública, evidenciando a sua atitude democrática que o levava a defender que só em liberdade se poderia educar para a liberdade.

Em Nicolau Tolentino, *Poesias*<sup>610</sup>, volume com selecção de poemas da sua responsabilidade, Agostinho continuou com um prefácio idêntico, na estrutura, aos anteriores.

A obra *A mocidade de Antero*<sup>611</sup>, de Vitor de Sá, apresenta um prefácio de Agostinho, no qual este defende que, pese embora o facto de Antero não ser filósofo, soube contudo explorar uma quantidade de ideias filosóficas, pelo que o nosso autor o classificou como um escritor de ideias, já que, por lhe faltarem a capacidade de análise e de síntese, nunca poderia aspirar a ser filósofo.

*Eça, discípulo de Machado?*<sup>612</sup>, de Alberto Machado da Rosa, tem um prefácio da autoria de Agostinho, no qual o nosso pensador mostra a pouca simpatia que nutria por Eça, que aqui considerou demasiado inglês, tendo-o, porém, comparado a Espinosa no tocante à questão de Deus, dizendo que ambos estavam ébrios de Deus.

No prefácio a Vasco da Gama Rodrigues, *As três taças - Os atlantes*<sup>613</sup>, Agostinho, não considerando Vasco da Gama Rodrigues nem poeta, nem místico, aproveitou para defender o municipalismo, a democracia, o cooperativismo e a liberdade plena.

Prefaciando uma edição do *Regresso ao paraíso*<sup>614</sup>, de Teixeira de Pascoaes, o nosso autor considerou que o regresso ao Paraíso era a missão última de todos os seres, pois foi no Paraíso ou na Idade do Ouro que a Humanidade viveu em plena igualdade sem qualquer espécie de mando ou distinção social e económica. O intelectual portuense ainda associou a escola ao declínio da Humanidade, por ter substituído a liberdade de perguntar pela obrigatoriedade de aprender, manifestando inteira crença em que todo o progresso haveria de servir para a sociedade encontrar o caminho do ócio e do desprendimento que a haveria de conduzir à unidade perdida.

No prefácio a *A ladainha de Setúbal*<sup>615</sup>, de Dalila Pereira da Costa, Agostinho afirmou acreditar que a fundação de Portugal se deveu ao misticismo dos cistercienses e apresentou aqueles que para si foram os três imperadores de Portugal, a saber: Henrique, imperador do

---

<sup>610</sup> ) Idem, "Prefácio", em Tolentino, Nicolau, *Poesias* (selecção), Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1940, pp. 5-13.

<sup>611</sup> ) Idem, "Prefácio", em Sá, Vitor de, *A mocidade de Antero*, Porto, Edições Futuro, 1942, pp. [5]-[8].

<sup>612</sup> ) Idem, "Prefácio a *Eça, discípulo de Machado?* De Alberto Machado da Rosa", em Rosa, Alberto Machado da, *Eça, discípulo de Machado?*, Lisboa, Editorial Presença, 1964 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 219-225).

<sup>613</sup> ) Idem, "Prefácio", em Rodrigues, Vasco da Gama, *As três taças - Os atlantes*, Lisboa, Edições Delraux, 1980 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 693-695).

<sup>614</sup> ) Idem, "Introdução", em Pascoaes, Teixeira de, *Regresso ao paraíso*, Lisboa, Assirio & Alvim, 1986, pp. 7-10.

<sup>615</sup> ) Idem, "Prefácio", em Costa, Dalila Pereira da, *A ladainha de Setúbal*, Porto, Lello & Irmão, 1989, pp. 9-14.

mar, Albuquerque, imperador da terra e Sebastião, imperador dos céus. Manifestando-se contra a União Europeia, o nosso autor defendeu o legado ibérico e muçulmano que irradiou por toda a Europa.

O prefácio a *Bulbul (cânticos arrábidos)*, de João Carlos Raposo Nunes, tem o título *Império S. Filipe do Espírito Santo*<sup>616</sup> e nele, Agostinho insistiu em que o Brasil fora a criação máxima dos portugueses e defendeu o inesperado da vida e a criatividade.

A segunda série da obra *Conversas à Quinta Feira*, de Luís Machado, contém o prefácio *Sobre estas Quintas-Feiras pairou sempre o espírito de Pessoa*<sup>617</sup>, no qual Agostinho aludiu à heteronomia e ao paradoxo em Fernando Pessoa, que apresentou como os caminhos a seguir para conseguir a união da Humanidade.

Com o título *Querido Mestre*<sup>618</sup>, Agostinho prefaciou o catálogo da exposição de José Rodrigues, intitulada Fragmentos para uma ilha dos amores. A propósito da temática que a referida exposição abrangia, dissertou sobre o significado da Ilha dos Amores projectada por Camões, que queria que cada um fosse criador e poeta.

Apresentando também o catálogo de uma exposição, desta vez a Arquitectura rural na Serra da Mantiqueira, de Marcelo Carvalho Ferraz, Agostinho assinou o texto *Apresentação*<sup>619</sup>, no qual teceu várias considerações sobre o novo mundo que os portugueses descobriram, mostrando-se convicto de que tal ousadia se deveu ao facto de os portugueses não quererem viver na economia da concorrência e do lucro que se começava a instalar e este ter sido o meio que encontraram para poderem continuar a viver na economia comunitária e da convivência.

---

<sup>616</sup> ) Idem, “Império São Filipe do Espírito Santo”, em Nunes, João Carlos Raposo, *Bulbul (cânticos arrábidos)*, Setúbal, Plurijornal, 1990, pp. [5]-[6].

<sup>617</sup> ) Idem, “Sobre estas Quintas-Feiras pairou sempre o espírito de Pessoa”, em Machado, Luis, *Coversas à Quinta Feira*, IIª série, Porto, Asa, 1993, p. 5.

<sup>618</sup> ) Idem, “Querido Mestre”, em Rodrigues, José, *Fragmentos para uma ilha dos amores (catálogo de exposição)*, Porto, Espaço d'Arte TLP, SA, 1993, p. 13.

<sup>619</sup> ) Idem, “Apresentação”, em Ferraz, Marcelo Carvalho, *Arquitectura rural na Serra da Mantiqueira (catálogo de exposição fotográfica)*, 2ª ed., S. Paulo, Instituto Lino BO E P. M. Bardi, 1996, pp. 10-12.



## VI. CORRESPONDÊNCIA PUBLICADA

Do múltiplo epistolário de Agostinho, para além da correspondência pública que já conheceu edição ou circulou em textos policopiados, tem surgido a publicação de alguma correspondência particular.

Aquando da vinda a lume do folheto *O Cristianismo*, Agostinho reagiu às críticas negativas publicadas, em 1943, no jornal de Torres Novas *O Almonda*, pelo Padre Augusto Durão Alves, que compilou esta polémica em *O cristianismo do Sr. Agostinho da Silva... e o mais que se verá*<sup>620</sup>. Os estratos da correspondência que Agostinho enviou ao Director de *O Almonda* e que o Padre Durão decidiu publicar são os seguintes: *1ª Carta do Sr. Agostinho da Silva (4 de Março de 1943)*<sup>621</sup>, na qual o nosso autor refutou as críticas que o Padre Durão tinha feito a *O cristianismo*; *2ª Carta do Sr. Agostinho da Silva (22 de Março de 1943)*<sup>622</sup>, na qual Agostinho reagiu ao facto de *O Almonda* não publicar integralmente o conteúdo das suas cartas e continuou a reafirmar o carácter histórico do cristianismo e a relativizar o papel divino atribuído a Cristo, ligando apenas a sua acção a uma luta por uma sociedade melhor; *3ª Epístola do Sr. A. da Silva (24 de Abril de 1943)*<sup>623</sup>, em que Agostinho continuou a defender as suas posições recorrendo a uma interpretação muito própria de passagens de textos bíblicos; *Carta de 13 de Maio de 1943*<sup>624</sup>, que se configura como que um resumo de algumas outras não publicadas pelo jornal e que, no essencial, continuavam a defesa acérrima da vertente histórica e social do cristianismo ao mesmo tempo que desconsideravam a divindade de Cristo e a Teologia cristã.

De 18 de Junho de 1945, *Carta ao Director dos Serviços de Censura*<sup>625</sup>, há uma década, no *Jornal de Notícias*, em 22 Fevereiro de 1996, é a resposta de Agostinho à campanha de perseguição ideológica que lhe foi movida após a publicação do Caderno *O Cristianismo*. Nestas linhas, o nosso autor enfrentou as autoridades de então, esclarecendo-as de que a sua actividade era apenas educativa, não tendo nada a ver com a política, prometendo-lhes, também que, sempre que os assuntos por si tratados tivessem a ver com questões de organização social,

---

<sup>620</sup> ) Alves, Augusto Durão, *O cristianismo do Sr. Agostinho da Silva... e o mais que se verá*, Torres Novas, O Almonda, 1945.

<sup>621</sup> ) Agostinho da Silva, "1ª Carta do Sr. Agostinho da Silva (4 de Março de 1943)", em *ibidem*, p. 11.

<sup>622</sup> ) Idem, "2ª Carta do Sr. Agostinho da Silva (22 de Março de 1943)", em *ibidem*, pp. 21-22.

<sup>623</sup> ) Idem, "3ª Epístola do Sr. A. da Silva (24 de Abril de 1943)", em *ibidem*, pp. 31-48.

<sup>624</sup> ) Idem, "Carta de 13 de Maio de 1943", em *ibidem*, pp. 62-74.

<sup>625</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, "Carta ao Director dos Serviços de Censura - 18 de Junho de 1945", em *Jornal de Notícias*, 22 de Fevereiro de 1996, p. 36.

os submeteria à sua apreciação, o que não aconteceria se as questões fossem de índole privada ou de fé, já que não reconhecia qualquer autoridade aos censores para se pronunciarem sobre conteúdos desta natureza.

*Carta chamada Santiago*<sup>626</sup> agrupa um conjunto de nove cartas entre os anos de 1973 e 1974. Logo desde a primeira missiva o nosso autor afirmou a sua crença nas virtudes do comunitarismo, na esperança no futuro, na promoção de uma educação para todos e na plena liberdade como único critério da organização social de Portugal e das comunidades de língua portuguesa. Este epistolário fornece-nos, ainda, várias notas autobiográficas.

*Pensamento em farmácia de província*<sup>627</sup>, obra datada de 1977 e assinada pelo heterónimo João Cascudo de Moraes, integra dez missivas numeradas e escritas entre Fevereiro e Julho daquele ano. Dos temas que Agostinho continuou a tratar realce-se a análise do falhanço que, em seu entender, tinha sido o projecto cultural anunciado em *Barca D'Alva*<sup>628</sup>, o desacordo com a teoria política de Platão e as conjecturas sobre uma república federativa da Europa.

*A arte de continuar português*<sup>629</sup>, datada de 1978, da autoria de António Quadros, deu-nos a conhecer alguma correspondência trocada com o nosso autor a propósito da questão ibérica e da, no entender de Quadros, posição federalista defendida por Agostinho. Nas duas cartas de Agostinho da Silva aqui recolhidas encontramos a justificação do seu iberismo: pensava ele ser esta a única forma de cumprir o carácter universalista do Povo português e estabelecer o comunitarismo original.

*Cartas várias*<sup>630</sup>, como o título indica, é um conjunto de mais de cinquenta missivas escritas e remetidas para os seus correspondentes, entre 1986 e 1987. Ao longo destas linhas, Agostinho forneceu diversos dados autobiográficos e abundantes considerações sobre Portugal, a Ibéria, o Brasil, a Europa e o Mundo. Várias foram, também, as referências às escolas, à educação, aos alunos e aos mestres.

---

<sup>626</sup> ) Idem, “Carta chamada Santiago”, Santiago de Compostela/Lisboa, 1973/1974 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 601-608).

<sup>627</sup> ) Idem, “Pensamento em farmácia de província”, 1977 (assinado João Cascudo de Moraes) (texto consultado em *Dispersos*, pp. 639-691).

<sup>628</sup> ) Este projecto cultural encontra-se explanado nos dois cadernos que Agostinho intitulou *Barca d'Alva – Educação do Quinto Império* e o seu conteúdo pode ser conferido neste capítulo, no ponto 10. do número III..

<sup>629</sup> ) Agostinho da Silva, “Correspondência com António Quadros”, em Quadros, António, *A arte de continuar português*, Lisboa, Edições do Templo, 1978, pp. 191-203.

<sup>630</sup> ) Idem, “Cartas várias I/LVIII”, 1986/1987 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 811-862), parcialmente publicadas em Agostinho da Silva, *Carta Vária*, Lisboa, Relógio D'Água, 1988, pp. 7-55.

*É a hora*<sup>631</sup> é o título genérico de uma série de cartas datadas de 1987 e 1988, nas quais o nosso autor continuou a pronunciar-se sobre temas como o misticismo, a liberdade, o analfabetismo, a situação da educação no mundo, Portugal, Deus e o Quinto Império.

---

<sup>631</sup> ) Idem, “É a hora”, 1987/1988 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 877-925), parcialmente publicadas em Agostinho da Silva, *Carta Vária*, pp. 57-85.

## VII. ENTREVISTAS

*O pensamento académico* é o título da entrevista que Bento Caldas fez a Agostinho da Silva, no ano de 1927, para o jornal *A Voz*<sup>632</sup>. A entrevista centrou-se na preocupação de saber se a juventude portuguesa que frequentava as universidades estaria ou não preparada para levar a cabo a grande obra de regeneração que era necessária para Portugal. Agostinho respondeu que sim, apesar de a educação que recebiam nas universidades afundar as esperanças portuguesas na regeneração, uma vez que atacava a fé do nosso povo e interpretava de forma grosseira os feitos dos nossos antepassados, chegando a considerá-los criminosos, como aconteceu com D. João III, D. Sebastião ou D. João IV.

*O pensamento da nova geração* foi o título que o jornal monárquico integralista *A Ideia Nacional*<sup>633</sup> deu à publicação de algumas partes da entrevista que Bento Caldas tinha inserido em *A Voz* e a que acabámos de nos referir no parágrafo anterior.

*Entrevista a 'Inquérito ao livro em Portugal, bibliotecas culturais, XXI'*<sup>634</sup>, trata-se de uma entrevista, não assinada, a propósito das bibliotecas culturais, neste caso das várias colecções que Agostinho há já alguns anos ia editando. Ao longo desta entrevista o nosso autor considerou as virtudes e os defeitos das suas colecções, evidenciando o seu interesse por temas nitidamente antropológicos e pedagógicos. Agostinho explicou que, com os *Cadernos*, pretendia dotar os seus leitores de uma vasta cultura para assim os consciencializar da sua precária situação existencial e contribuir para o estabelecimento de uma sociedade universal e cooperativa.

*Entrevista ao programa Zip-Zip - RTP*<sup>635</sup>, de 1969, é o texto da entrevista dada por Agostinho ao referido programa televisivo, ao longo da qual o nosso autor mostrou a sua preocupação com a construção do futuro de Portugal e do Mundo, deixando bem explícito que mais importante do que falar em cultura e língua portuguesas, era falar das culturas de língua portuguesa que eram as de todos os territórios em que se falava português.

---

<sup>632</sup> ) Cf. idem, "O pensamento académico (entrevista a Bento Caldas)", em *A Voz*, 24 de Maio de 1927, p. 3.

<sup>633</sup> ) Idem, "O pensamento da nova geração", em *A Ideia Nacional*, 25 de Maio de 1927, p. 1.

<sup>634</sup> ) Idem, "Entrevista a *Inquérito ao livro em Portugal, bibliotecas culturais, XXI*, (S/a [Irene Lisboa])", em *Seara Nova*, n.º 869, 8 de Abril de 1944, pp. 203-206.

<sup>635</sup> ) Idem, "Entrevista ao programa Zip-Zip - RTP (1969)" (texto consultado em *Dispersos*, pp. 21-22).

*Agostinho da Silva ou a cultura portuguesa em Portugal e no mundo. O que é preciso é criar povo*<sup>636</sup>, é o título da entrevista que o intelectual português deu a um grupo de jovens e que o *Jornal da Madeira* imprimiu no suplemento cultural *A Ilha*. Nesta entrevista foram abordados alguns aspectos da sua vida e obra, nomeadamente as visitas que tinha feito à Galiza e ao Japão, referindo-nos ter criado, em 1964, um Centro de Estudos Luso-Brasileiros no Japão.

Na *Entrevista a Tereza Sá Nogueira*<sup>637</sup>, de 1975, o nosso autor para além de falar sobre as características da Pátria portuguesa, recordou a campanha educativa que levou a cabo com os Cadernos, deixou diversas notas biográficas e apresentou a sua maneira de estar na vida que passava pelo franciscanismo, pelo ecumenismo, pela defesa do profetismo e do iberismo.

*Conversas inacabadas – E não mais haverá profissões*<sup>638</sup>, foi o título dado à entrevista que Agostinho concedeu a Joaquim Furtado, inserida em vários números da revista lisboeta *Grande Reportagem*. Nesta conversa, o nosso autor, fundamentalmente, falou sobre Portugal e a sua relação com o Brasil e a sua necessidade de encontrar um modelo de desenvolvimento próprio.

*Entrevista com Agostinho da Silva*<sup>639</sup>, publicada na revista *Filosofia*, de Lisboa, em Dezembro de 1985, é um diálogo com vários entrevistadores, no qual Agostinho esclareceu a influência da educação que recebeu na formação da sua personalidade, recordou polémicas que travara com diversos intelectuais (José Joaquim Nunes, Matos Romão, Alfredo Pimenta) e teorizou sobre o Culto Popular do Espírito Santo, o Iberismo e o Providencialismo.

*A Entrevista do Professor Agostinho da Silva ao ICALP*<sup>640</sup>, publicada na revista do mesmo Instituto em Março de 1986, é semelhante à anterior na temática, na extensão e no esquema seguido.

*Agostinho, ensine-nos*<sup>641</sup>, é o título da entrevista que o nosso autor concedeu a Lurdes Féria, onde se referiu, particularmente, à sua vida em terras luso-brasileiras.

---

<sup>636</sup> ) Idem, “Agostinho da Silva ou a cultura portuguesa em Portugal e no mundo. O que é preciso é criar povo (entrevista a um grupo de jovens)”, em *A Ilha – suplemento cultural do Jornal da Madeira*, 15 de Novembro de 1970, pp. 6-8.

<sup>637</sup> ) Idem, “Entrevista a Tereza Sá Nogueira (separata para cem amigos em edição dactilografada do autor de 1975)” (texto consultado em *Dispersos*, pp. 23-30).

<sup>638</sup> ) Idem, “Conversas inacabadas – *E não mais haverá profissões* (entrevista a Joaquim Furtado)”, em *Grande Reportagem*, 7 a 13, 14 a 20, 21 a 27 de Dezembro de 1984; 28 Dezembro a 3 de Janeiro 1985; 4 a 11 de Janeiro de 1985 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 31-44).

<sup>639</sup> ) Idem, “Entrevista com Agostinho da Silva (entrevista a Joel Serrão, João Lopes Alves, Nuno Nabais, António Braz Teixeira e José Pedro Serra)”, em *Filosofia*, nº 2, Dezembro de 1985 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 45-80).

<sup>640</sup> ) Idem, “Entrevista do Professor Agostinho da Silva ao ICALP”, em *Revista do ICALP*, nº 4, Março de 1986 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 81-108).

<sup>641</sup> ) Idem, “Agostinho, ensine-nos (entrevista a Lurdes Féria)”, em *Diário de Lisboa*, 19 de Abril de 1986 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 109-119).

*É urgente unir as Universidades de Língua Portuguesa*<sup>642</sup>, traduz a conversa que Agostinho teve com Orlando Raimundo, publicada no *Diário Popular*, a 5 de Maio de 1986, conversa onde foi tratado exactamente o tema definido no título.

*Com Agostinho da Silva à procura do futuro de Portugal*<sup>643</sup>, assim intitulou Victor Mendanha a sua entrevista a Agostinho da Silva que girara em torno de questões alusivas à Pátria portuguesa, quer quanto à interpretação da grandeza do seu passado, quer quanto às causas do seu decaimento, quer quanto à esperança do seu futuro se construir sob a égide do Quinto Império.

*A minha meta é o ponto sem dimensão*<sup>644</sup>, reproduz a conversa tida com Antónia de Sousa, inserida, em 1986, no *Diário de Notícias*, em que o intelectual português privilegiou o papel dos Templários e de S. Bernardo na formação de Portugal, destacando ainda a importância dos Descobrimientos para o mundo.

*A nossa obrigação é ser poeta à solta*<sup>645</sup>, é o título da entrevista que Carlos Câmara Leme fez a Agostinho e na qual o nosso autor teceu uma feroz crítica à Europa, acusando-a de ter destruído, em Portugal, a vida comunitária.

*Agostinho da Silva: um passeio à roda do céu*<sup>646</sup>, expõe a conversa que Maria José Mauperrin teve com Agostinho da Silva, sobre Portugal, a sua cultura e a educação do seu povo.

*Agostinho da Silva: um príncipe das ideias*<sup>647</sup>, este é o título da entrevista concedida a Eduardo Paz Barroso, na qual o intelectual português realçou o seu conceito de utopia e vários aspectos da sua reflexão em torno da portugalidade.

*Agostinho da Silva: A Europa vai morrer*<sup>648</sup>, com este título João Tocha inseriu no jornal da academia lisboeta *Universus*, em Março de 1988, a entrevista feita a Agostinho da Silva aquando da sua visita à Ilha de Moçambique. Nesta entrevista o nosso autor insistiu na ideia de que se deveria constituir uma Associação das Universidades de língua e cultura portuguesa, com o fim

---

<sup>642</sup> ) Idem, “É urgente unir as Universidades de Língua Portuguesa (entrevista a Orlando Raimundo)”, em *Diário Popular*, 5 de Maio de 1986 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 121-123).

<sup>643</sup> ) Idem, “Com Agostinho da Silva à procura do futuro de Portugal (entrevista a Victor Mendanha)”, em *Correio da Manhã*, 31 de Maio de 1986 e 1 de Junho de 1986 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 125-132).

<sup>644</sup> ) Idem, “A minha meta é o ponto sem dimensão (entrevista a Antónia de Sousa)”, em *Diário de Notícias*, 20 de Julho de 1986 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 133-155).

<sup>645</sup> ) Idem, “A nossa obrigação é ser poeta à solta (entrevista a Carlos Câmara Leme)”, em *Jornal de Letras*, 15 de Setembro de 1986 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 157-171).

<sup>646</sup> ) Idem, “Agostinho da Silva: um passeio à roda do céu (entrevista a Maria José Mauperrin)”, em *Expresso-Revista*, 6 de Junho de 1987, pp. 62R-64R.

<sup>647</sup> ) Idem, “Agostinho da Silva: um príncipe das ideias (entrevista a Eduardo Paz Barroso)”, em *Jornal de Notícias*, 17 de Novembro 1987, p. 14.

<sup>648</sup> ) Idem, “Agostinho da Silva: A Europa vai morrer (entrevista a João Tocha)”, em *Universus*, 28 de Março de 1988, pp. VIII-IX.

último de criar uma única Universidade portuguesa com várias delegações. O intelectual português propôs, também, que os alunos, com inteira liberdade, escolhessem aquilo que mais gostavam de aprender, assim deixando de ser obrigados a frequentar currículos pré-definidos.

*Um assento em África para ver o futuro – e mais três propostas de comemoração dos descobrimentos portugueses*<sup>649</sup>, é o título de outra entrevista concedida, em 1988, a Luis Carlos Patraquim, também a propósito da visita que o nosso autor tinha feito a Moçambique, tendo, nela, Agostinho abordado as relações de Portugal com África e a sua importância futura.

*A Entrevista: Agostinho da Silva*<sup>650</sup>, da responsabilidade de Ana Maria Guardiola e Maria da Conceição Moita, centrou-se em torno da Escola. Agostinho defendeu a liberdade de aprender, o amor como principal veículo da relação pedagógica e o valor absoluto da criança; criticou o facto de a Escola se ter tornado, por questões economicistas, de frequência obrigatória, impedindo quase sempre que cada um se torne o poeta que é; sobre os programas de alfabetização, o nosso autor foi bastante cáustico pois achava que os adultos, para se educarem, não precisavam da Escola mas sim de uma estrutura que, permanentemente, pudesse responder às suas interrogações.

*Portugal e os portugueses - a utopia de bolinar*<sup>651</sup>, foi o título dado por António Macedo à entrevista que, em 1989, conduziu, para ouvir Agostinho dissertar em redor do papel da Escola nas sociedades contemporâneas.

*Agostinho paradoxo*<sup>652</sup>, assim denominou Carlos Vaz Marques a entrevista feita ao nosso autor a propósito do *Á Descoberta de Nós*, que ele patrocinara.

*Gostava de viver até ao ano 2000*<sup>653</sup>, entrevista de Carlos Magno na qual Agostinho novamente percorreu sobre Portugal, o Brasil, a Europa e em que continuou a apelar para uma reforma do sistema escolar que, no futuro, criasse uma Escola aberta vinte e quatro horas por dia e dotada de pessoal competente para responder a todas as questões que, espontaneamente, crianças e adultos lá fossem colocar.

---

<sup>649</sup> ) Idem, "Um assento em África para ver o futuro – e mais três propostas de comemoração dos descobrimentos portugueses (entrevista a Luís Carlos Patraquim)", em *Europeu*, 10 de Novembro de 1988, p. 16.

<sup>650</sup> ) Idem, "Entrevista: Agostinho da Silva (entrevista a Ana Maria Guardiola & Maria da Conceição Moita)", em *Cadernos de Educação de Infância*, Abril-Junho de 1989, pp. 13-15.

<sup>651</sup> ) Idem, "Portugal e os portugueses - a utopia de bolinar (entrevista a António Macedo)", em *Forma, publicação para formadores e animadores/monitores*, nº 35, Dezembro de 1989, pp. 41-51.

<sup>652</sup> ) Idem, "Agostinho paradoxo (entrevista a Carlos Vaz Marques)", em *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 13 de Fevereiro de 1990, p. 9.

<sup>653</sup> ) Idem, "Gostava de viver até ao ano 2000 (entrevista a Carlos Magno)", em *Expresso-Revista*, 9 de Abril de 1994, pp. 80-82.

*Conversas com Agostinho da Silva*<sup>654</sup>, é o título do livro em que Victor Mendanha publicou, em 1994, uma extensa entrevista dominada por questões da portugalidade que, recorrentemente, Agostinho costumava tratar.

*Ir à Índia sem abandonar Portugal*<sup>655</sup>, é o título da entrevista realizada a Agostinho da Silva por Gil de Carvalho e Hermínio Monteiro, publicada em 1994. O conteúdo desta entrevista prendeu-se, novamente, com a temática de Portugal e dos portugueses e o papel que estes deveriam desempenhar na construção da sociedade ecuménica futura.

---

<sup>654</sup> ) Idem, *Conversas com Agostinho da Silva [entrevista a Victor Mendanha]*, Lisboa, Pergaminho, 1994. Parte desta entrevista corresponde ao texto anteriormente publicado com o seguinte título: “Com Agostinho da Silva à procura do futuro de Portugal”, em *Correio da Manhã*, 31 de Maio e 1 de Junho de 1986 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 125-132).

<sup>655</sup> ) Cf. idem, *Ir à Índia sem abandonar Portugal [entrevista a Gil de Carvalho & Hermínio Monteiro]*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994.



## VIII. TRADUÇÕES

### 1. Na colecção *Antologia – introdução aos grandes autores*

Esta colecção é composta por uma selecção de textos da responsabilidade de Agostinho da Silva, que os fez anteceder de uma breve biografia e uma pequena bibliografia destinada a servir quem quisesse aprofundar o estudo dos autores e temáticas apresentadas. Agostinho organizou esta antologia em nove séries.

Da primeira série constam as seguintes traduções: *Diálogos filosóficos*<sup>656</sup>, de Voltaire; *Manual de Epicteço*<sup>657</sup>, de Arriano; *A Terra de que precisa um homem*<sup>658</sup>, de Tolstói; *Fundação de S. José*<sup>659</sup>, de Santa Teresa de Ávila; *D. Quixote e Sancho*<sup>660</sup>, de Cervantes.

A segunda série conheceu cinco traduções: *Vós, os que julgais a terra*<sup>661</sup>, de Ruskin; *A arte espanhola*<sup>662</sup>, de Ganivet; *Um caso médico*<sup>663</sup>, de Tchekov; *História natural*<sup>664</sup>, de Buffon; *O grande Inquisidor*<sup>665</sup>, de Dostoievski.

Os textos que compõem a terceira série são os que se passam a apresentar: *Colóquios*<sup>666</sup>, de Erasmo; *Filosofia zoológica*<sup>667</sup>, de Lamarck; *Mateo Falcone*<sup>668</sup>, de Mérimée; *Viagem ao Egipto*<sup>669</sup>, de Heródoto; *Cartago*<sup>670</sup>, de Flaubert.

Na quarta série Agostinho inseriu as seguintes traduções: *A circulação do sangue*<sup>671</sup>, de Harvey; *Portugal em 1842*<sup>672</sup>, de Lichnowsky; *A civilização feudal*<sup>673</sup>, de Guisot; *O adereço*<sup>674</sup>, de Maupassant; *O pai de Guzmán*<sup>675</sup>, de Mateo Alemán.

---

<sup>656</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, “Voltaire, ‘Diálogos filosóficos’”, em *Antologia – introdução aos grandes autores*, Lisboa, 1ª série, 1941.

<sup>657</sup> ) Idem, “Arriano, ‘Manual de Epicteço’”, em *ibidem*.

<sup>658</sup> ) Idem, “Tolstói, ‘A Terra de que precisa um homem’”, em *ibidem*.

<sup>659</sup> ) Idem, “Santa Teresa, ‘Fundação de S. José’”, em *ibidem*.

<sup>660</sup> ) Idem, “Cervantes ‘D. Quixote e Sancho’”, em *ibidem*.

<sup>661</sup> ) Idem, “Ruskin, ‘Vós, os que julgais a terra’”, em *ibidem*, 2ª série, Lisboa, 1941.

<sup>662</sup> ) Idem, “Ganivet, ‘A arte espanhola’”, em *ibidem*.

<sup>663</sup> ) Idem, “Tchekov, ‘Um caso médico’”, em *ibidem*.

<sup>664</sup> ) Idem, “Buffon, ‘História natural’”, em *ibidem*.

<sup>665</sup> ) Idem, “Dostoievski, ‘O grande Inquisidor’”, em *ibidem*.

<sup>666</sup> ) Idem, “Erasmo, ‘Colóquios’”, em *ibidem*, 3ª série, Lisboa, 1941.

<sup>667</sup> ) Idem, “Lamarck, ‘Filosofia zoológica’”, em *ibidem*.

<sup>668</sup> ) Idem, “Mérimée, ‘Mateo Falcone’”, em *ibidem*.

<sup>669</sup> ) Idem, “Heródoto, ‘Viagem ao Egipto’”, em *ibidem*, 3ª série, 1942.

<sup>670</sup> ) Idem, “Flaubert, ‘Cartago’”, em *ibidem*.

<sup>671</sup> ) Idem, “Harvey, ‘A circulação do sangue’”, em *ibidem*, Lisboa, 4ª série, 1942.

<sup>672</sup> ) Idem, “Lichnowsky, ‘Portugal em 1842’”, em *ibidem*.

Da quinta série fazem parte os seguintes textos: *Progressos do espírito humano*<sup>676</sup>, de Condorcet; *Taman*<sup>677</sup>, de Lermontov; *Pensamentos*<sup>678</sup>, de Marco Aurélio; *Experiências de electricidade*<sup>679</sup>, de Faraday; *Waterloo*<sup>680</sup>, de Stendhal.

Para a sexta série Agostinho escolheu: *Diálogos dos mortos*<sup>681</sup>, de Fénelon; *Ensaíos*<sup>682</sup>, de Bacon; *Silêncio*<sup>683</sup>, de Andreiev; *Suratas de Meca*<sup>684</sup>, de Maomet; *Fóllhas de erva*<sup>685</sup>, de Walt Whitman; *Banquete de Trimalcião*<sup>686</sup>, de Petrónio.

À sétima série pertencem: *Gauvain e Cimourdain*<sup>687</sup>, de Victor Hugo; *Descida ao Maelstrom*<sup>688</sup>, de Edgar Poe; *Do arrependimento*<sup>689</sup>, de Montaigne; *Autobiografia*<sup>690</sup>, de Franklin; *Teoria do Amor*<sup>691</sup>, de Platão; *Copperfield na escola*<sup>692</sup>, de Dickens.

Na oitava série imprimiram-se os seguintes cadernos: *Ideário espanhol*<sup>693</sup>, de Joaquim Costa; *No país dos cavalos*<sup>694</sup>, de Swift; *Observação e experiência*<sup>695</sup>, de Claude Bernard; *Quadros de costumes*<sup>696</sup>, de Larra; *Utopia*<sup>697</sup>, de Tomas More; *Tartufo*<sup>698</sup>, de Molière.

---

<sup>673</sup> ) Idem, "Guizot, 'A civilização feudal'", em *ibidem*.

<sup>674</sup> ) Idem, "Maupassant, 'O adereço'", em *ibidem*.

<sup>675</sup> ) Idem, "Mateo Alemán, 'O pai de Guzmán'", em *ibidem*.

<sup>676</sup> ) Idem, "Condorcet, 'Progressos do espírito humano'", em *ibidem*, Lisboa, 5ª série, 1942.

<sup>677</sup> ) Idem, "Lermontov, 'Taman'", em *ibidem*.

<sup>678</sup> ) Idem, "M. Aurélio, 'Pensamentos'", em *ibidem*.

<sup>679</sup> ) Idem, "Faraday, 'Experiências de electricidade'", em *ibidem*.

<sup>680</sup> ) Idem, "Stendhal, 'Waterloo'", em *ibidem*.

<sup>681</sup> ) Idem, "Fénelon, 'Diálogos dos mortos'", em *ibidem*, 6ª série, Lisboa, 1942.

<sup>682</sup> ) Idem, "Bacon, 'Ensaíos'", em *ibidem*, 6ª série, 1943.

<sup>683</sup> ) Idem, "Andreiev, 'Silêncio'", em *ibidem*.

<sup>684</sup> ) Idem, "Maomet, 'Suratas de Meca'", em *ibidem*.

<sup>685</sup> ) Idem, "Whitman, 'Folhas de erva'", em *ibidem*.

<sup>686</sup> ) Idem, "Petrônio, 'Banquete de Trimalcião'", em *ibidem*.

<sup>687</sup> ) Idem, "Victor Hugo, 'Gauvain e Cimourdain'", em *ibidem*, Lisboa, 7ª série, s/d [1943-1947]. Se tivermos em conta que os textos da série anterior, a 6ª, aparecem com a data de 1942 e 1943, tudo leva a crer que estes cadernos tenham sido impressos entre 1943 e 1947, último ano de publicação da respectiva colecção.

<sup>688</sup> ) Idem, "Poe, 'Descida ao Maelstrom'", em *ibidem*, s/d [1943-1947]. Vale aqui a mesma argumentação da nota anterior no concernente à data de publicação.

<sup>689</sup> ) Idem, "Montaigne, 'Do arrependimento'", em *ibidem*, s/d [1943-1947]. Vale aqui a mesma argumentação da nota 683) no concernente à data de publicação.

<sup>690</sup> ) Idem, "Franklin, 'Autobiografia'", em *ibidem*, s/d [1943-1947]. Vale aqui a mesma argumentação da nota 683) no concernente à data de publicação.

<sup>691</sup> ) Idem, "Platão, 'Teoria do Amor'", em *ibidem*, s/d [1943-1947]. Vale aqui a mesma argumentação da nota 683) no concernente à data de publicação.

<sup>692</sup> ) Idem, "Dickens, 'Copperfield na escola'", em *ibidem*, s/d [1943-1947]. Vale aqui a mesma argumentação da nota 683) no concernente à data de publicação.

<sup>693</sup> ) Idem, "Joaquim Costa, 'Ideário espanhol'", em *ibidem*, 8ª série, s/d [1943-1947]. Vale aqui a mesma argumentação da nota 683) no concernente à data de publicação.

<sup>694</sup> ) Idem, "Swift, 'No país dos cavalos'", em *ibidem*, 8ª série, 1946.

<sup>695</sup> ) Idem, "Claude Bernard, 'Observação e experiência'", em *ibidem*.

<sup>696</sup> ) Idem, "Larra, 'Quadros de costumes'", em *ibidem*.

<sup>697</sup> ) Idem, "More, 'Utopia'", em *ibidem*.

<sup>698</sup> ) Idem, "Molière, 'Tartufo'", em *ibidem*.

A nona e última série é composta por três títulos: *Juventude*<sup>699</sup>, de Rodó; *Da natureza*<sup>700</sup>, de Lucrécio; *Confiança*<sup>701</sup>, de Emerson.

Para além de todas estas traduções, esta *Antologia* contém ainda as seguintes actualizações ortográficas de textos portugueses dos séculos quinze, dezasseis e dezassete: *Descobrimientos dos portugueses*<sup>702</sup>, de Damião de Góis, na primeira série; *A revolução de Lisboa*<sup>703</sup>, de Fernão Lopes, na segunda série; *Austeridade do arcebispo*<sup>704</sup>, de Frei Luís de Sousa, na terceira série; *Negócios da Índia*<sup>705</sup>, de Diogo do Couto, na quarta série; *Empresas do Infante*<sup>706</sup>, de Azurara, na quinta série.

## 2. Outras traduções

Há ainda a acrescentar os seguintes títulos às traduções feitas por Agostinho da Silva: Montaigne, *Três ensaios: do professorado, da educação das crianças, da arte de discutir*<sup>707</sup>; Catulo, *Poesias*<sup>708</sup>; Platão, *Critone*<sup>709</sup>; Teócrito, *As siracusanas e três idílios*<sup>710</sup>; Platão, *A defesa de Sócrates*<sup>711</sup>, Pullin, V. E., *Raios X e rádio*<sup>712</sup>; Dawson, William, *Pequena história da Alemanha*<sup>713</sup>; Somervell, David, *Pequena história da Inglaterra*<sup>714</sup>; Sófocles, *Édipo rei*<sup>715</sup>; Aristófanés, *A paz*<sup>716</sup>; Begtrup, Holger, *Escolas populares da Dinamarca*<sup>717</sup>; Terêncio, *Aululária, O Gorgulho, O*

---

<sup>699</sup> ) Idem, “Rodó, ‘Juventude’”, em *ibidem*, 9ª série, 1946.

<sup>700</sup> ) Idem, “Lucrécio, ‘Da natureza’”, em *ibidem*, 9ª série, 1947.

<sup>701</sup> ) Idem, “Emerson, ‘Confiança’”, em *ibidem*.

<sup>702</sup> ) Idem, “Damião de Góis, ‘Descobrimientos dos portugueses’”, em *Antologia – introdução aos grandes autores*, 1ª série, 1941.

<sup>703</sup> ) Idem, “Fernão Lopes, ‘A revolução de Lisboa’”, em *ibidem*, 2ª série, Lisboa, 1941.

<sup>704</sup> ) Idem, “Frei Luís de Sousa, ‘Austeridade do arcebispo’”, em *ibidem*, 3ª série, 1942.

<sup>705</sup> ) Idem, “Diogo do Couto, ‘Negócios da Índia’”, em *ibidem*, 4ª série, 1942.

<sup>706</sup> ) Idem, “Azurara, ‘Empresas do infante’”, em *ibidem*, 5ª série, Lisboa, 1942.

<sup>707</sup> ) Montaigne, *Três ensaios: do professorado, da educação das crianças, da arte de discutir*, tradução de Agostinho da Silva, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.

<sup>708</sup> ) Catulo, *Poesias*, tradução de Agostinho da Silva, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.

<sup>709</sup> ) Platão, *Critone*, tradução de Agostinho da Silva, Lisboa, Seara Nova, 1934.

<sup>710</sup> ) Teócrito, *As siracusanas e três idílios*, tradução de Agostinho da Silva (assina com o pseudónimo Marcos), Lisboa, Seara Nova, 1936.

<sup>711</sup> ) Platão, *A defesa de Sócrates*, tradução de Agostinho da Silva, Lisboa, Seara Nova, 1937.

<sup>712</sup> ) Pullin, V. E., *Raios X e rádio*, tradução de Agostinho da Silva, Lisboa, Editorial Inquérito, 1939.

<sup>713</sup> ) Dawson, William, *Pequena história da Alemanha*, tradução de Agostinho da Silva, Lisboa, Editorial Inquérito, 1941.

<sup>714</sup> ) Somervell, David, *Pequena história da Inglaterra*, tradução de Agostinho da Silva, Lisboa, Editorial Inquérito, s/d.

<sup>715</sup> ) Sófocles, *Édipo rei*, tradução de Agostinho da Silva, Lisboa, Editorial Inquérito, s/d [1940].

<sup>716</sup> ) Aristófanés, *A paz*, tradução de Agostinho da Silva, Lisboa, Editorial Inquérito, 1940.

<sup>717</sup> ) Begtrup, Holger, *Escolas populares da Dinamarca*, tradução de Agostinho da Silva, Lisboa, Editorial Inquérito, 1941.

*Eunuco*<sup>18</sup>; Tácito, *A Germânia*<sup>19</sup>; Rainer Maria Rilke, *Balada do amor e da morte do Alferes Cristóvão Rilke*<sup>20</sup>; Anacreonte, *Simpósio*<sup>21</sup>; Cícero, *O Sonho de Cipião*<sup>22</sup>; Tolstoi, Lermontov, Tchecov e outros, *Contos russos*<sup>23</sup>; Salústio, *Obra completa*<sup>24</sup>; Tácito, *Obras menores: Diálogo dos oradores, Vida Agrícola, A Germânia*<sup>25</sup>; Suetónio, *O divino Augusto*<sup>26</sup>; Stevenson, Robert Louis, *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*<sup>27</sup>; Virgílio, *Bucólicas, Geórgicas, Eneida*<sup>28</sup>.

---

<sup>18</sup> ) Terêncio, *Aululária, O Gorgulho, O Eunuco*, tradução de Agostinho da Silva, Edições de Ouro, Brasil, 1946.

<sup>19</sup> ) "Tácito, *A Germânia*", em *As folhas soltas de S. Bento e outras – 2*, Rio de Janeiro, 1965, tradução de Agostinho da Silva (assina o heterónimo J. J. Conceição Rocha) (texto consultado em *Dispersos*, pp. 312-329).

<sup>20</sup> ) "Rilke, Rainer Maria, *Balada do amor e da morte do Alferes Cristóvão Rilke*", em *As folhas soltas de S. Bento e outras – 4*, Rio de Janeiro, 1965, tradução de Agostinho da Silva, (assina com o heterónimo Caio M. R.) (texto consultado em *Dispersos*, pp. 371-378).

<sup>21</sup> ) "Anacreonte, *Simpósio*", em *As folhas soltas de S. Bento e outras – 5/6*, Rio de Janeiro, 1965/1968, tradução de Agostinho da Silva (texto consultado em *Dispersos*, pp. 388-413).

<sup>22</sup> ) "Cícero, 'O Sonho de Cipião'", em *Bahia – colecção de folhetos*, 1 (assina António Augusto Botelho Mourão), nota prévia e tradução de Agostinho da Silva, 1970 (texto consultado em *Dispersos*, pp. 456-462).

<sup>23</sup> ) Tolstoi, Lermontov, Tchecov e outros, *Contos russos*, tradução de Agostinho da Silva, Porto, Editorial Inova, 1973.

<sup>24</sup> ) Salústio, *Obra completa*, tradução de Agostinho da Silva, Lisboa, Livros Horizonte, 1974.

<sup>25</sup> ) Tácito, *Obras menores: Diálogo dos oradores, Vida Agrícola, A Germânia*, tradução de Agostinho da Silva, Lisboa, Livros Horizonte, 1974.

<sup>26</sup> ) Suetónio, *O divino Augusto*, tradução de Agostinho da Silva, Lisboa, Livros Horizonte, 1975.

<sup>27</sup> ) Stevenson, Robert Louis, *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, tradução de Agostinho da Silva, Lisboa, Relógio d'Água, 1987.

<sup>28</sup> ) Virgílio, *Bucólicas, Geórgicas, Eneida*, tradução de Agostinho da Silva, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993.

## VIII. PUBLICAÇÕES PÓSTUMAS E INÉDITO

### 1. Textos póstumos entre 1995 e 2006

Após a morte de Agostinho continuaram a ser impressos outros escritos da sua autoria apesar das questões legais dos direitos de autor que em vida sempre recusou. *Correspondência com o autor*<sup>729</sup> é a primeira parte de *Um Agostinho da Silva* obra de José Florido, de 1995, que contém perto de duas dezenas de cartas trocadas entre Florido e Agostinho. Nestas cartas, Agostinho abordou, sobretudo, temas ligados a Portugal e aos portugueses.

*Do convento*<sup>730</sup>, foi o título que Luís Carlos dos Santos, em 1996, deu à publicação da sua correspondência com Agostinho - onde inseriu três das cartas que circularam policopiadas sob o mesmo título e as respectivas respostas lavradas pelo autor do livro - na qual se privilegia a temática da necessidade de se proceder a uma nova reorganização do Mundo através das denominadas Comunidades dos Irmãos Servidores, às quais, segundo o nosso autor, competiria preparar o retorno à Idade do Ouro, tempo da plena igualdade e fraternidade, tal como anunciado na Teologia da Terceira Idade, a do Espírito Santo.

*Namorando o amanhã*<sup>731</sup>, foi o título que a Cooperativa de Animação Cultural de Alhos Vedros, em 1996, deu ao pequeno volume onde imprimiu uma das muitas palestras que Agostinho proferiu ao longo da sua vida. Deste escrito convém destacar a forma como Agostinho pôs em evidência o seu pensamento paradoxal, imprevisível e utópico e as consequências que daí extraiu para a educação futura que melhor servisse os portugueses e o mundo.

*A última conversa*<sup>732</sup>, é a entrevista feita por Luís Machado a Agostinho da Silva, na qual o nosso autor revisitou os momentos importantes da sua vida, deixando-nos muitos dados biográficos.

---

<sup>729</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, "Correspondência com José Florido", em Florido, José, *Um Agostinho da Silva, correspondência com o autor*, Lisboa, Ulmeiro, 1995, pp. 79-223.

<sup>730</sup> ) Idem, "Correspondência com Luís Carlos dos Santos", em Santos, Luís Carlos dos, *Do convento*, Setúbal, Livraria Uni Verso, 1996.

<sup>731</sup> ) Idem, *Namorando o amanhã*, Alhos Vedros, Cooperativa de Animação Cultural de Alhos Vedros, 1996.

<sup>732</sup> ) Idem, *A última conversa [entrevista a Luís Machado]*, Lisboa, Editorial Notícias, 1996.

*Uma Janela Sobre a vida - professor Agostinho da Silva*<sup>733</sup>, corresponde a uma parte do livro *Diálogos filosóficos e alquímicos*, de Victor Mendanha, em que Agostinho explorou, preferencialmente, a temática da utopia, do milenarismo, do Quinto Império e do misticismo, expondo, também, a preocupação com a escola e o seu futuro.

*Entrevista aos escuteiros do Estoril*<sup>734</sup>, da responsabilidade de Luís Villalobos, datada de Outubro de 1991, foi por nós recolhida no *Jornal de Notícias - Notícias Magazine*, que a publicou a 30 de Março de 1997. Neste diálogo, Agostinho revelou ter sido chefe de escuteiros em Santa Catarina, insistindo novamente para que a escola preparasse as pessoas para fazer perguntas. O nosso autor, ressaltando que a única tarefa que interessa aos homens é a de ser poetas para se poderem transformar na própria poesia, apresentou a excelência das crianças e o papel que lhes estava reservado no futuro Quinto Império, obrigatoriamente ordenado sob a simbologia do Culto Popular do Espírito Santo.

*Carta de Agostinho da Silva sobre Talhamar*<sup>735</sup>, datada de 1988 e incluída, em 1999, pela poetisa Dora Ferreira da Silva, em *Poesia reunida*, é um texto em que o nosso autor fez corresponder a Primeira Idade do Mundo ao esplendor grego, a Segunda Idade ao magistério de Cristo, em que elogiou a tentativa de integração das partes contrárias e a Terceira Idade, ainda não surgida, à Idade do Espírito Santo, a um reino sem Rei e sem súbditos, no qual tudo, pela anulação do tempo, passaria a ser eterno.

*Reflexões, aforismos e paradoxos*<sup>736</sup>, assim foi designada a primeira obra póstuma de Agostinho da Silva que, em 1999, a editora Thesaurus publicou. Trata-se de um livro composto, como expressa o título, por várias reflexões e aforismos que revelam, na primeira pessoa, o que Agostinho ia pensando de diversos factos, acontecimentos, acções, expectativas, bem como o balanço que fazia da sua acção e formação. O manuscrito foi transcrito e organizado por Ilídeo Henrique de Sousa e a edição tem a particularidade de pôr, lado a lado, o texto impresso e o manuscrito original de Agostinho. Esta publicação foi inserida nas actividades de preparação das Comemorações do Quinto Centenário do Descobrimento Oficial do Brasil, desenvolvidas pelo Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal e pelo Núcleo de Estudos Portugueses da

---

<sup>733</sup> ) Idem, "Uma Janela Sobre a vida - professor Agostinho da Silva (entrevista a Victor Mendanha)", em Mendanha, Victor, *Diálogos filosóficos e alquímicos*, Lisboa, Pergaminho, 1996, pp. 126-144.

<sup>734</sup> ) Idem, "Entrevista aos escuteiros do Estoril - Outubro de 1991 – (coordenação Luís Villalobos)", em *Jornal de Notícias - Notícias Magazine*, 30 de Março de 1997, pp. 30-32.

<sup>735</sup> ) Idem, "Carta de Agostinho da Silva sobre Talhamar (1988)", em Silva, Dora Ferreira da, *Poesia Reunida*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1999, pp. 467-468.

<sup>736</sup> ) Agostinho da Silva, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, Brasília, Thesaurus, 1999.

Universidade de Brasília. Os herdeiros de Agostinho da Silva publicaram este texto com outra apresentação gráfica e sob outro título, no plano da edição das Obras de Agostinho da Silva promovido pela Associação Agostinho da Silva<sup>737</sup>.

*Uma página de Agostinho: in Li Bai, Uns versos de meu sonho embriagado – lhos pôs como aqui vão o Agostinho*<sup>738</sup>, é um texto de Agostinho da Silva que foi inserido em *Folhas à Solta - Boletim Bimestral da Associação Agostinho da Silva*, em 1999. Nesta linha, o nosso autor fez uma tradução livre de um poema do chinês Li Bai, em cujo conteúdo defendeu uma ética da responsabilidade pessoal no sentido de cada um caminhar para o mais perfeito.

Em 2000 veio a lume *Ideia do Tao te King ou Guia da estrada real para o viandante ajuizado, sendo a substância de Lao Tse e o tempero de Agostinho*<sup>739</sup>. Tal como no texto anterior, Agostinho glosa sobre um texto, agora de Lao Tsé, procedendo a uma cerrada crítica à economia mercantil e a uma apologia do comunitarismo.

Com o título *Uma página de Agostinho: O valor actual das faculdade de Filosofia – palestra lida a 15-08-1953 na rádio Tabajara, João Pessoa, PB*<sup>740</sup>, a publicação *Folhas à Solta* imprimiu a *alocução* radiofónica, de 1953, com as ideias de Agostinho da Silva sobre a Faculdade de Filosofia e o seu papel na educação.

*O império acabou. E agora?*<sup>741</sup> é, porventura, a mais extensa, completa e cuidada entrevista de Agostinho da Silva. Foi publicada em livro por Antónia de Sousa. Embora ao longo deste texto Agostinho tenha fornecido diversos dados biográficos, o tema dominante da conversa é, de facto, a portugalidade. O nosso autor, passando em revista as causas do declínio da nação portuguesa, insistiu em certos aspectos da nossa sociedade que era preciso reformar, como o sistema económico e o sistema de educação. Mostrando-se adepto de uma História providencialista, insistiu, para a reorganização de Portugal, no modelo social e político da Idade

---

<sup>737</sup> ) Cf. idem, “Pensamento à solta”, em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 145-179. Esta versão não conta nem com a impressão do manuscrito, nem com a numeração dos respectivos fragmentos tal como acontece na primeira edição.

<sup>738</sup> ) Idem, “Uma página de Agostinho: in Li Bai, Uns versos de meu sonho embriagado – lhos pôs como aqui vão o Agostinho”, em *Folhas à Solta - Boletim Bimestral da Associação Agostinho da Silva*, nº 5, Dezembro de 1999, p. [2].

<sup>739</sup> ) Agostinho da Silva, “Uma página de Agostinho: Ideia do Tao te King ou Guia da estrada real para o viandante ajuizado, sendo a substância de Lao Tse e o tempero de Agostinho”, em *ibidem*, nº 6, Fevereiro de 2000, p. [2].

<sup>740</sup> ) Agostinho da Silva, “Uma página de Agostinho: O valor actual das faculdade de Filosofia – palestra lida a 15-08-1953 na rádio Tabajara, João Pessoa, PB”, em *ibidem*, nº9, Outubro de 2000, p. [2].

<sup>741</sup> ) Agostinho da Silva, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], Lisboa, Editorial Notícias, 2000. Esta entrevista já tinha conhecido uma publicação parcial ainda em vida do nosso autor (cf. “A minha meta é o ponto sem dimensão”, em *Diário de Notícias*, 20 de Julho de 1986, posteriormente editada em *Dispersos*, pp. 133-155).

Média portuguesa, ao mesmo tempo que sustentava o Quinto Império no ímpar pensamento de Camões, de Vieira e de Pessoa. O nosso autor, neste longo diálogo, mostrou-se contra a melancolia do ser português, criticando o fado e o saudosismo e revelou-se empenhado na construção de um futuro ecuménico possibilitado pelos países de cultura portuguesa e sócio-politicamente organizado segundo as características do Portugal medieval, no qual ressaltava a plena liberdade, o comunitarismo e a teologia do Espírito Santo.

*Agostinho da Silva, Bandeirante do espírito*<sup>42</sup>, publicado em 2000, é o título que Francisco Palma Dias atribuiu à entrevista que Agostinho lhe concedera em 1987. As partes mais marcantes desta conversa têm a ver com a interpretação que o intelectual portuense fez do Quinto Império, seguindo Vieira e Pessoa, com a evocação dos seus mestres, que disse terem sido, para além dos pais, António Sérgio e Teixeira Rego, negando, de forma terminante, que algum dia se tivesse considerado discípulo de Leonardo Coimbra.

*Memorando Dacar – 6 jan/10 Fev 83*<sup>43</sup> é o título de um relatório que Agostinho da Silva enviou à Fundação Calouste Gulbenkian para prestar contas do subsídio que esta lhe tinha concedido para se deslocar ao Senegal a fim de ministrar um curso sobre o tema “Fernando Pessoa – MENSAGEM, História, Ideologia, Mitologia e Projecto”. Neste documento, o nosso autor não só relatou o desenvolvimento das actividades propostas, como fez as contas dos gastos, justificando o facto de terem sobrado 145.000 escudos dos 270.000 que lhe tinham sido atribuídos, quantia aquela que, por dela não se achar credor, devolvia à Fundação.

*Conversa solta com o Professor Agostinho da Silva*<sup>44</sup> intitula a pequena conversa que, em 1991, o intelectual portuense manteve com Ilídio de Sousa em torno de uma projectada Fundação com o propósito de, essencialmente, pensar Portugal e o Mundo, na procura de um rumo que auxiliasse cada ente a reintegrar-se no Ser de que provém.

*Carta inédita sobre o amor*<sup>45</sup> trata-se, como o nome indica, da transcrição de uma carta que Agostinho escreveu em 1969 a uma amiga brasileira onde se pronuncia sobre o amor, considerando-o supletivamente enquanto procura da unidade e relativizando-o quando é considerado sob o ponto de vista estritamente sensual.

---

<sup>42</sup> ) Idem, “Agostinho da Silva, bandeirante do espírito (entrevista a Francisco Palma Dias)” (Primavera de 1987), em AA. VV., *Agostinho*, S. Paulo, Green Forest do Brasil, 2000, pp. 140-166.

<sup>43</sup> ) Agostinho da Silva, *Memorando Dacar – 6 jan/10 Fev 83*, em Blanco, José, “Agostinho da Silva no Senegal um relatório (inédito) e uma atitude (também inédita)”, em AA. VV., *Agostinho*, pp. 209-211.

<sup>44</sup> ) Idem, “Conversa solta com o Professor Agostinho da Silva (entrevista a Ilídio de Sousa)”, em Manso, Artur, *Agostinho da Silva. 1906-1994*, Vila Nova de Gaia, Estratégias Criativas, 2004, pp. 41-50.

<sup>45</sup> ) Agostinho da Silva, “Carta inédita sobre o amor”, em *O Tripeiro*, ano 25, n° 2, Fevereiro de 2006, p. 40.



*Agostinho da Silva – ele próprio*<sup>746</sup> é a transcrição para livro de um vídeo da autoria de António Escudeiro gravado nos anos de 1990, cujo conteúdo versa essencialmente sobre a linhagem espiritual que marca o passado, o presente e o futuro de Portugal.

*Cartas inéditas de Agostinho da Silva*<sup>747</sup> reúne quinze missivas que Agostinho endereçou a Teresa Sabugosa, entre Fevereiro e Junho de 1992, cujo conteúdo revela uma clara simpatia por parte do seu subscritor pela organização monárquica da sociedade e do Estado.

## **2. Textos incluídos na edição em curso das *Obras de Agostinho da Silva* (1999-2003)**

A edição das obras de Agostinho da Silva, sob a coordenação do Prof. Doutor Paulo Alexandre Esteves Borges, na sua primeira fase de publicação fez sair doze volumes, ao longo dos quais, pela primeira vez, foram impressos os seguintes textos:

*Volta a mote alheio*<sup>748</sup>, escrito de 1975 em que o autor discorreu sobre o amor que haveria de redimir a Humanidade e fazer com que cada homem fosse santo, sábio e poeta.

*Até ao primeiro quartel do século XX...*<sup>749</sup>, é um texto com data de 1976 onde, acerca das certezas científicas do século XX, Agostinho falou da passagem do nada ao tudo, da Metanoia e do papel que competia a cada um para a realização do impossível.

*Baden – Powell, pedagogia e personalidade*<sup>750</sup>, serviu para Agostinho, à medida que traçava de forma breve a biografia do fundador do Escutismo, falar do lugar da criança no Mundo e do facto de os adultos teimarem, pela educação oficial e obrigatória, em interromper a plenitude infantil. Baseando-se no exemplo dos escuteiros, o nosso autor apelou a uma

---

<sup>746</sup> ) Agostinho da Silva, *Agostinho da Silva – ele próprio*, Lisboa, Zéfiro, 2006.

<sup>747</sup> ) Idem, “Cartas inéditas de Agostinho da Silva”, em Sabugosa, Teresa, *Viva a república! Viva o rei! Cartas inéditas de Agostinho da Silva*, Lisboa, Zéfiro, 2006. Lisboa, Zéfiro, 2006, pp. 20-83.

<sup>748</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, “Volta a mote alheio”, em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 299-304.

<sup>749</sup> ) Idem, “Até ao primeiro quartel do século XX...”, em *ibidem*, pp. 305-307.

<sup>750</sup> ) Idem, “Baden – Powell, pedagogia e personalidade”, em *Textos pedagógicos II* (critério de edição e estudo introdutório de Helena Maria Briosos e Mota), Lisboa, Âncora, 2000., pp. 23-32. A organizadora da obra pedagógica, na página 23 deste volume, informa que o texto foi escrito com a “Intenção de publicação *in* Bandeirantes – Revista para Chefes, 6º número de 1961. Rio [de Janeiro]”.

substituição da Escola pela experiência prática quotidiana e da atitude individualista por uma atitude comunitarista.

*Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito*<sup>751</sup>, redigido em 1968, representa o depoimento de Agostinho da Silva à Comissão Parlamentar de Inquérito que pretendia avaliar o estado do ensino superior brasileiro. Aqui, de forma sábia e fundamentada, criticou a velha universidade, o especialismo e os modelos de ensino e educação estrangeiros que não serviam a realidade brasileira. Como princípio, meio e fim do ensino, o nosso autor propôs a liberdade, por lhe parecer que só por ela se poderiam formar homens criadores e não acomodados.

*Ideias soltas para o Instituto Africano*<sup>752</sup> é um texto não datado mas que, pelo seu conteúdo e dimensão política, poderá ter sido redigido na transição dos anos oitenta para os anos noventa, no qual, com poucas palavras, Agostinho estabeleceu alguns critérios para fundar um Instituto de cariz universalista a partir da África portuguesa.

*Pontos para um Instituto Africano da República Popular de Moçambique*<sup>753</sup>, sem data, mas possivelmente escrito pelo nosso autor aquando da sua visita, no ano de 1988, a Moçambique, apresenta o projecto agostiniano para a fundação de um Instituto sediado em Moçambique com a finalidade de aglutinar toda a cultura portuguesa.

*Federação*<sup>754</sup>, datado de 1970, onde Agostinho manifestou a crença de que um dia todos os povos hão-de caminhar para um só rebanho de pastor único.

*Resgate*<sup>755</sup>, texto de 1971, em que se aponta a humildade como meio de acesso ao uno.

Em *Acerca do autor*<sup>756</sup>, com a data do Natal de 1975, Agostinho discorreu sobre Silva Leal, director do colégio Infante de Sagres, onde tinha leccionado, bem como sobre Ferreira de Macedo, Tavares Chicó, Avelino Cunhal e outros que o regime de então via com maus olhos.

*Dez notas para uma política externa de Portugal*<sup>757</sup>, que afinal são só nove, pois a última não se encontra no manuscrito, é um texto de 1984 no qual o nosso autor discorre sobre o significado da Batalha de S. Mamede, da morte de Inês de Castro e do 25 de Abril. Quanto a

---

<sup>751</sup> ) Idem, “Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito”, em *Textos pedagógicos II*, pp. 33-87.

<sup>752</sup> ) Idem, “Ideias soltas para o Instituto Africano”, em *ibidem*, pp. 155-156.

<sup>753</sup> ) Idem, “Pontos para um Instituto Africano da República Popular de Moçambique”, em *ibidem*, pp. 157-158.

<sup>754</sup> ) Idem, “Federação”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 35-36.

<sup>755</sup> ) Idem, “Resgate”, em *ibidem*, pp. 73-75.

<sup>756</sup> ) Idem, “Acerca do autor”, em *Textos vários – dispersos* (critério de edição e estudo introdutório de Paulo Alexandre Esteves Borges), Lisboa, Âncora, 2003, pp. 241-245.

<sup>757</sup> ) Idem, “Dez notas para uma política externa de Portugal”, em *ibidem*, pp. 247-250.

este último, considerou ter sido contaminado por políticas importadas pelo Primeiro de Maio que se lhe seguiu, considerando-o, por isso, contra a essência da nação portuguesa. Ao longo destas notas, o nosso autor ainda se pronunciou sobre a necessidade de se caminhar para uma sociedade cooperativista e fraternal de âmbito universal que se começasse a afirmar com o prévio entendimento peninsular.

### **3. Inédito**

Embora saibamos que nos últimos anos têm aparecido diversos textos inéditos, muitos deles na forma manuscrita, foi-nos dado a conhecer, durante a nossa investigação, pelo Dr Ilídio de Sousa e temos na nossa posse, parte de um manuscrito inédito da autoria de Agostinho que é constituído por um caderno pautado, com oitenta páginas numeradas à mão, onde o nosso autor inseriu, em prosa e em poesia, sem colocar datas, variadas reflexões, aforismos e paradoxos, em consonância com o texto que conheceu edição em 1999 e a que os seus organizadores atribuíram o título *Reflexões, aforismos e paradoxos*<sup>758</sup>, atrás já referido, aliás. O conteúdo deste texto versa, naturalmente, sobre todas as problemáticas que sempre interessaram o nosso autor, nomeadamente, a educação, a cultura, Portugal e os portugueses tomados como timoneiros de um novo mundo de paz que não se cansava de anunciar. Em anexo ao nosso trabalho deixaremos impressas as derradeiras páginas deste escrito.

---

<sup>758</sup> ) Cf., atrás, o ponto 1. do número VIII.

## X. TEXTOS ANUNCIADOS MAS NÃO PUBLICADOS

Agostinho da Silva, no plano de edição das várias colecções de *Cadernos* que publicou, anunciou, tal como se comprova na contracapa de diversos escritos efectivamente publicados<sup>759</sup>, outros títulos que, efectivamente, tanto quanto conseguimos verificar até ao momento, nunca foram impressos no âmbito destas colecções. A acreditar na organização das respectivas colecções feita por Júlio Gomes, admirador e leitor habitual dos *Cadernos* agostinianos, poucas possibilidades, ou nenhuma, haverá de encontrar esses textos.

Assim, dos cadernos *À volta do mundo - colecção de textos para a mocidade*, não foram impressos *A Dinamarca* e *Os peixes*<sup>60</sup>.

Da colecção *Iniciação - cadernos de informação cultural*, para a décima série apareceu anunciado, mas não foi publicado, *História do veleiro*. Na décima primeira série não saíram *Os vulcões* e *O totemismo*. A décima segunda série, para a qual foram projectados os títulos *Schiller*, *A vida e a arte de Rafael*, *Literatura norueguesa*, *O método de projectos*, *Os sonhos*, *Psicologia animal*, nunca foi editada, tal como aconteceu com a décima terceira série que deveria ser composta pelos títulos *A vida de Raleigh*, *A Lua*, *História da China*, *Os insectos*, *Psicologia infantil*, *O sistema Decroly*, com a décima quarta série, que incluiria *A vida e a obra de Zamenhof*, *O sistema de Aristóteles*, *A Turquia moderna*, *Literatura espanhola*, *O homem pré-histórico*, *História da medicina*, com a décima quinta série, a que pertenceriam *História de Inglaterra*, *Voltaire*, *Os planetas*, *A civilização fenícia*, *As catedrais*, *Literatura grega*, e ainda, com a décima sexta série, que reuniria *Byrd no gelo austral*, *História da electricidade*, *lunetas e telescópios*, *Haendel*, *A tuberculose*, *Liberalismo económico*. Ou seja, segundo os planos da colecção, as séries décima e décima primeira ficaram incompletas e as restantes séries, décima segunda a décima sexta, não chegaram a ser impressas.

Da colecção *Antologia - introdução aos grandes autores*, não foram impressos, da nona série, os títulos *Shakespeare*, "*Morte de Júlio César*"; *Tolentino*, "*Sátiras*"; *Machado de Assis*, "*Capitú*". Também não conheceu publicação nenhum dos títulos que constituiria a décima série, que deveriam ser, de acordo com o anunciado, *Aristófanes*, "*O regresso da Paz*"; *Blake*, "*Bodas*

---

<sup>759</sup> ) Cf., por exemplo, a contracapa de Agostinho da Silva, "Platão", em *Iniciação - cadernos de informação cultural*, 11ª série, 1946.

<sup>760</sup> ) Cf., por exemplo, a contracapa de Agostinho da Silva, "As aranhas", em *À volta do mundo - colecção de textos para a mocidade*, 1939.

do céu e do Inferno"; Unamuno, "As Hurdes"; Lao-Tseu, "O caminho"; Balzac, "O verdugo"; Euclides da Cunha, "O fim da revolta"<sup>761</sup>.

Da colecção *À volta do mundo - textos para a juventude*, não conheceram publicação os seguintes cadernos que se incluíam na segunda série: *Como se faz um jornal*, *Maravilhas das vespas*, *Um voo sobre o gelo*, *Os ninhos das aves*, *A Odisseia*. Não conheceram, ainda, publicação, os escritos que constituiriam a terceira série - *Os peles-vermelhas*, *D. Quixote*, *Como se faz uma ponte*, *Os pinguins*, *Experiências de química*, *Os faróis* - bem como aqueles que dariam corpo à quarta série - *História dos vapores*, *Os mamutes gelados*, *Como se faz uma estrada*, *Barracas de campo*, *Histórias de cães*, *Hiawatha*<sup>762</sup>.

É por isso, para nós, até ao momento, questão resolvida a de que não chegou a haver publicação destes escritos, bem assim como da biografia sobre Diderot, que se anunciava no plano da colecção da Biblioteca Cosmos, dirigida por Bento de Jesus Caraça, como se pode conferir, por exemplo, na contracapa de Ésquilo, *Prometeu agrilhado*<sup>763</sup>.

---

<sup>761</sup> ) Cf., por exemplo, a contracapa de Agostinho da Silva, "Claude Bernard, 'Observação e experiência'", em *Antologia - introdução aos grandes autores*, 8ª série, 1946.

<sup>762</sup> ) Cf., por exemplo, a contracapa de Agostinho da Silva, "Viagem à lua", em *À volta do mundo - textos para a juventude*, 1ª série, s/d [1943].

<sup>763</sup> ) Ésquilo, *Prometeu agrilhado*, trad. Eduardo Scarlatti, Lisboa, Cosmos, 1942.

# XI. FONTES BIBLIOGRÁFICAS ACTIVAS PARA O ESTUDO DA PEDAGOGIA FUNDAMENTAL DE AGOSTINHO DA SILVA

## 1. Para o estudo do ideário educacional

### 1.1. Paradigmas pedagógicos

Para o estudo dos paradigmas pedagógicos de Agostinho da Silva, as principais fontes que sustentam a nossa investigação encontram-se espalhadas um pouco por toda a sua obra. Das publicações em livro destacamos *Miguel de Eyquem, senhor de Montaigne, O método Montessori, Sanderson & a escola de Oundle, Vida de Pestalozzi, Vida conversável e Reflexões, aforismos e paradoxos*.

Dos textos já reunidos em *Dispersos*, contamos com os seguintes títulos: “A comédia latina”; “Ecúmena”; “As folhas soltas de S. Bento e outras – 4: FPH”; “As folhas soltas de S. Bento e outras – 6”; “O homem e as civilizações”; “Carta vária V” e “Carta vária IX”. Na edição em curso das *Obras de Agostinho da Silva*, destaca-se o texto “Há quem proponha chamar-se-lhe docimologia...”, inserido em *Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*.

Destacamos, ainda, diversos textos inseridos em publicações periódicas. Em *Seara Nova*, recolhemos três textos, a saber, “Ensaio sobre pedagogia oratoriana”, “Considerações: Da vida filosófica” e “Da emulação”. Em *Revista de Portugal* destaca-se o escrito “Diário” e, em *Vida Mundial*, encontramos mais quatro textos: “Tema: Escola Nova”; “Tema: Escola e trabalho”; “Tema: Os precursores – Komensky” e “Tema: Formação de educadores”.

Quanto aos cadernos, folhetos e opúsculos que Agostinho assinou, para o presente ponto interessa referir os seguintes: “A reforma”; “O plano Dalton”; “As cooperativas”; “Alexandre Herculano”; “Sócrates”; “O sábio Confúcio” e “Vida e morte de Sócrates”.

Nos textos que Agostinho escreveu para prefácios, introduções ou notas prévias, elegemos os dois prefácios feitos para outros tantos diálogos platónicos: “Prefácio”, em Platão, *Critone* e “Prefácio”, em Platão, *A defesa de Sócrates*. Também nos serviram como fontes os seguintes cadernos de *Antologia – introdução aos grandes autores*: “Lamarck, ‘Filosofia zoológica’”; “Claude Bernard, ‘Observação e experiência’” e “Emerson: ‘Confiança’”.

As entrevistas concedidas por Agostinho da Silva que mais referências contêm relativamente a este ponto são as que se passam a enunciar: “Agostinho da Silva ou a cultura portuguesa em Portugal e no mundo. O que é preciso é criar povo (entrevista dada a um grupo de jovens)”; “Agostinho da Silva: A Europa vai morrer (entrevista a João Tocha)”; “Entrevista: Agostinho da Silva (entrevista a Ana Maria Guardiola & Maria da Conceição Moita)” e *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa].

## **1.2. Educação escolar**

Também para o estudo da educação escolar de Agostinho da Silva, as principais fontes bibliográficas encontram-se espalhadas um pouco por todos os géneros das suas publicações. Assim, quanto aos livros, destacamos *O método Montessori, Sanderson & a escola de Oundle; Vida de Pestalozzi; Policlés*, que corresponde à segunda parte da obra intitulada *Parábola da mulher de Loth seguida de Policlés e de um apólogo de Pródico de Céos; Sete cartas a um jovem filósofo...*; “Agonia e morte da universidade”, texto que faz parte do livro intitulado *As aproximações*; “A universalidade da pesquisa”; “Servir, criar, rezar” e “Cristianismo e escola”, textos que compõem a obra *Só ajustamentos*; “Dona Rolinha” e “Ada Carlo” escritos inseridos em *Lembranças sul-americanas de Mateus-Maria Guadalupe seguidas de Tumulto seis e Clara sombra a das faias; Quadras inéditas; Namorando o amanhã* e a obra póstuma *Reflexões, aforismos e paradoxos*.

Outras fontes encontram-se inseridas no volume *Dispersos*, a saber: “Considerando o Quinto Império”; “Presença de Portugal”; “Ecúmena”; “Notas para uma posição ideológica e pragmática da Universidade de Brasília”; “As folhas soltas de S. Bento e outras – 1: Vinde cá, meu tão certo secretário”; “Beira – Moçambique. Clássicos do mundo português: Um prefácio geral”; “Compostela – carta sem prazo a seus amigos. Primeira de 71”; “Feira de anexins”; “Pensamento em farmácia de província – 8: Abril 77”; “Proposição”; “Conversão de infiéis” e “É a Hora – Janeiro/88”.

Também os volumes já publicados na edição em curso das *Obras de Agostinho da Silva* nos fornecem diversas fontes para a compreensão da educação escolar pensada pelo nosso autor, nomeadamente, os textos “Onde a terra se acaba...” inserido em *Textos e ensaios filosóficos II*, “Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito”, que se encontra impresso em *Textos pedagógicos II*, “Literatura infantil”, que faz parte do volume *Ensaio sobre cultura e*

*literatura portuguesa e brasileira I* e, ainda, os textos “Cartas a S. Félix”, “Embora pondo como um caso...”, “A seu Teodoro de Tokoné” e “Entro no reino do inteligível...”), que se encontram coligidos em *Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*.

No escrito proveniente de uma obra colectiva (AA. VV., *Educação e direitos humanos*) intitulado “Passado iluminando o futuro”, também encontramos uma fonte para o estudo da educação escolar no nosso pedagogo.

Serão, ainda, considerados para o estudo do presente ponto os textos provenientes de diversos periódicos. Assim, na revista *Labor*, recolhemos “Uma lição de latim à 7ª classe de letras”. Em *Seara Nova*, recolhemos ideias para este assunto em “Ensaio sobre a pedagogia oratoriana”, “Glossa: Erudição”, “Glossa: Vontade”, “Glossa: Idea”, “Glossa: Revolta”, “Considerações: Projecto dum mestre”, “Diário: Do professor e da cultura”, “Diário: 3” e “Diário: Quanto aos noviços”. A publicação *O Diabo*, insere, da autoria de Agostinho, alguns escritos que revertem para as questões da educação escolar, como são os casos de “Considerações pedagógicas”, “O Plano Dalton”; “As altas escolas populares da Dinamarca” e “As escolas de Lietz”. Da revista lisboeta *Colóquio* destacamos “Carta do Brasil – Portugal na Universidade de Brasília”, da publicação *Vida Mundial*, “Apontamento”, “Tema: Liberdade escolar”, “Tema: Escola e trabalho”, “Tema: Os precursores – Komensky” e “Tema: Formação de educadores”. Fontes para a educação escolar são, ainda, os textos “Frantisek Bakulé”, publicado em *Peregrinação*, “Divagações quanto a futuro”, inserido na *Revista de Educação* e “O valor actual das faculdades de filosofia” que conheceu edição em *Folhas à Solta*.

Consideraremos, também, textos provenientes de cadernos, folhetos e opúsculos, tais como “As escolas Winnetka”, “O plano Dalton” e “Sócrates”, que fazem parte dos Cadernos *Iniciação – cadernos de informação cultural* e os textos “História dos combóios” e “O sábio Confúcio”, que pertencem à série *À volta do mundo – textos para a juventude*.

Também os prefácios, as introduções e as notas prévias, nos fornecem algumas fontes. É o caso da “Nota explicativa” que inseriu na tradução da sua autoria da obra de Holger Begtrup, *Escolas populares da Dinamarca*, do “Prefácio” que escreveu para a obra de Almeida Garret, *Doutrinas de estética literária* e da “Introdução” que assinou para a obra *Regresso ao paraíso*, de Teixeira de Pascoaes.

Em diversas entrevistas dadas por Agostinho, deparamos, também, com importantes fontes para a compreensão do seu pensamento em torno da educação escolar, como acontece com “Entrevista a Tereza Sá Nogueira”, recolhida nos *Dispersos*, “Um passeio à roda do céu”



(entrevista a Maria José Mauperrin), “Agostinho da Silva: A Europa vai morrer (entrevista a João Tocha)”, “Entrevista: Agostinho da Silva (entrevista a Ana Maria Guardiola & Maria da Conceição Moita)”, *Conversas com Agostinho da Silva [entrevista a Victor Mendanha]*, “Uma janela sobre a vida – professor Agostinho da Silva (entrevista a Victor Mendanha)”, *A última conversa [entrevista a Luís Machado]*, “Entrevista aos escuteiros do Estoril – Outubro de 1991 – (entrevista a Luís Villalobos)” e *O Império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*.

### **1.3. Educação extra-escolar e figuras modelares da humanidade**

No que concerne à educação extra-escolar e figuras modelares da humanidade, a bibliografia que suporta a nossa investigação é, quanto a livros publicados por Agostinho, a seguinte: *Miguel de Eyquem, senhor de Montaigne; A vida de Washington; O método Montessori; Sanderson & a escola de Oundle; Vida de Robert Owen; Vida de Franklin; Vida de Miguel Ângelo; A vida de Zola; Vida de Leonardo de Leonardo da Vinci; Vida de Lincoln; Vida de Pestalozzi; Vida de Francisco de Assis; Moisés e outras páginas bíblicas; Vida de William Penn; Stendhal, Mérimée, dois ensaios de interpretação*; o texto intitulado “Idade média”, inserido em *Só ajustamentos e Namorando o amanhã*.

O volume intitulado *Dispersos*, no que concerne ao presente ponto, fornece-nos como fontes para a nossa investigação os escritos “A comédia latina”, “Beira – Moçambique. Clássicos do mundo português: Um prefácio geral” e “O homem e as civilizações”.

São três os volumes dos textos reunidos na edição em curso das *Obras de Agostinho da Silva* que contribuem para a elaboração do tema em epígrafe: “Onde a terra se acaba” e “Macau”, inseridos em *Textos e ensaios filosóficos I*; “Baden-Powel, pedagogia e personalidade”, publicado em *Textos pedagógicos I*; “Três vezes se diria...”, que compõe os *Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*.

Quanto às publicações periódicas, em quatro delas encontramos textos da autoria do autor português que servem de suporte a este ponto da investigação. Na *Seara Nova* destacamos, exactamente, meia dúzia de textos: “Glossa: Cristianismo”; “Glossa: Discípulos”; “Considerações: Dinheiro de César”; “Considerações: Cristianismo anistórico”; “Diário de Alcestes: Catolicismo”; “Considerações: Projecto dum mestre”. Em *O Diabo* referenciamos “As escolas de Lietz”. Em *Vida Mundial* contamos com o conteúdo de quase uma dezena de títulos: “Tema: Ivan Illich – os males”; “Tema: Ivan Illich - os remédios”; “Apontamento”; “Tema:

Transmontanos”; “Tema: Liberdade escolar”; “Tema: Os precursores - Komensky”; “Tema: Educação africana, [1]”; “Tema: Educação africana, 2”; “Tema: Educação africana, 3”. Finalmente, em *Folhas à solta*, recolhemos o texto intitulado “Uma página de Agostinho: Ideia do Tao te King ou Guia da estrada real para o viandante ajuizado, sendo a substância de Lao Tse e o tempero de Agostinho”.

Provenientes das colecções de Cadernos, como fontes bibliográficas para este ponto da nossa investigação recenseamos “A vida e a arte de Goya”, “A vida de Lesseps”, “O Budismo”, “A vida e a arte de Van Gogh”, “O estoicismo”, “As viagens de Colombo”, “Mozart”, “A vida de Masaryc”, “O islamismo”, “Goethe”, “A vida de Nansen”, “Beethoven”, “A vida e a arte de Courbet”, “As viagens de Livingstone”, “A vida e a arte de Rembrandt” e “Bach”, provenientes da colecção *Iniciação – cadernos de informação cultural*, enquanto que a série *À volta do mundo – colecção de textos para a mocidade*, nos faculta os textos “Piccard na estratosfera”, “Vida e morte de Sócrates” e “A última viagem de Scott”. Por fim, a colecção *À volta do mundo – textos para a juventude*, fornece para os nossos objectivos os escritos “O sábio Confúcio” e “As viagens de Stanley”.

No que concerne às fontes sobre a educação extra-escolar e figuras modelares da humanidade apontamos, ainda, o “Prefácio”, a Platão, *A defesa de Sócrates* e as introduções a “Arriano – ‘Manual de Epicteto’” e “Marco Aurélio – ‘Pensamentos’”, títulos que compõem a série *Antologia – introdução aos grandes autores*.

Para terminar a enumeração das fontes agostinianas para este ponto, destacamos as seguintes entrevistas: “Entrevista do Prof. Agostinho da Silva ao ICALP”; “Agostinho, ensine-nos (entrevista a Lurdes Féria)”; “A minha meta é o ponto sem dimensão (entrevista a Antónia de Sousa)”; “A nossa obrigação é ser poeta à solta (entrevista a Carlos Câmara Leme)”, todas recolhidas em *Dispersos*. Para além destas, referimos, ainda, um conjunto alargado de outras entrevistas: “Entrevista: Agostinho da Silva (entrevista a Ana Maria Guardiola & Maria da Conceição Moita)”; “Portugal e os portugueses – a utopia de bolinar (entrevista com introdução e palavras finais de António Macedo)”; *Conversas com Agostinho da Silva [Entrevista de Victor Mendanha]*; “Uma janela sobre a vida – professor Agostinho da Silva (entrevista a Victor Mendanha)”; *A última conversa – [entrevista de Luís Machado]*; “Entrevista aos escuteiros do Estoril - Outubro de 1991 (entrevista a Luís Villalobos); *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*.

#### 1.4. Educação portuguesa

Para o estudo da educação portuguesa, a principal bibliografia de Agostinho da Silva proveniente de livros da sua autoria é a seguinte: *Um Fernando Pessoa, Reflexão à margem da literatura portuguesa, Educação de Portugal, Vida conversável, Reflexões, aforismos, paradoxos.*

No que concerne a este tema, é significativo o número de textos que se encontram reunidos em *Dispersos*, a saber: “É urgente unir as Universidades de língua portuguesa”; “Considerando o Quinto Império”; “Ecúmena”; “Quinze princípios portugueses”; “As folhas soltas de S. Bento e outras – 1: Vinde cá, meu tão certo secretário”; “As folhas soltas de S. Bento e outras – 4: FPH”; “Barca D’Alva – educação do Quinto Império, fascículo 1”; “Barca D’Alva – educação do Quinto Império, fascículo 2”; “Bahia – colecção de folhetos, 2”; “Beira – Moçambique. Clássicos do mundo português: Um prefácio geral”; “O baldio do povo – 1”; “O baldio do povo – 2”; “Nota a cinco fascículos”; “Feira de anaxis”; “Proposição”; “Notas de passado e de futuro”; “Pensamento em farmácia de província: 8 – Abril 77”; “Mensagem”; “Confirmação”; “Fantasia portuguesa para orquestra de história e de futuro”; “Portugal ou cinco idades”; “82: semanário do mês de Santiago o qual lhe aparecendo pensando compôs em linguagem Agostinho e assim o enviou a seus amigos”; “Proposta aprovada por aclamação em 25/03/83 no encontro: Portugueses no mundo - uma cultura a preservar”; “O homem e as civilizações”; “Dez notas sobre o culto popular do Espírito Santo”; “Jaime Cortesão e a exposição de S. Paulo”; “Conversão de infiéis”; “O império do passado e do futuro”; “Carta vária V”; “Carta vária VI”; “Carta vária IX”; “Carta vária LV”; “Carta vária XXVI”; “Um modo de entender Portugal”; “É a hora – Dezembro/87”; “É a Hora – Janeiro/88”; “É a Hora – Outubro/88”; “É a hora – Novembro/88”; “É a hora – Dezembro/88”.

Nos textos reunidos na edição em curso das *Obras de Agostinho da Silva* aproveitamos como fonte para este ponto os escritos “Vicente: filosofia e vida”, inserido no volume intitulado *Textos e ensaios filosóficos II* e “Sobre Opressão”, “Mensagem”, “De que há Macau”, “Regressos”, “Acho que, sempre que possível...”, “Embora pondo como um caso...”, que compõem o volume *Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*.

É também significativo, no que concerne às fontes bibliográficas do autor portuense para a questão da educação portuguesa, o contributo de textos espalhados por um leque razoável de publicações periódicas. Assim, a revista *Seara Nova*, fornece-nos “Carta aos velhos latinistas”, “A filologia clássica nas universidades”, “Os nossos mestres de filologia clássica”, “Da imitação

de França”, “Diário: Valor da oposição”. Na revista portuense *Princípio*, encontramos “Paladinos da linguagem”. Em *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, assinalam-se dois textos “Algumas considerações sobre o culto popular do Espírito Santo” e “Perspectivas”. Na revista *Vida Mundial*, deparamos com os escritos “Guia breve de leitura: Desconhecidos, quase”, “Tema: Escola e trabalho”, “Tema: educadores portugueses – António Sérgio”, “Tema: Fundação Nacional”, “Apontamento: ‘Cantaste? Pois dança agora’”. O *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* fornece-nos o texto “Comemoração de ‘Os Lusíadas’” e a revista portuense *Nova Renascença*, “De Portugal, e da Europa, e do mundo”. São quatro os textos retirados do *Jornal de Notícias*: “Portugal tem que resolver qual é o seu destino”, “Uma glosa, e só, e breve: Quanto a naufrágios”, “Uma glosa, e só, e breve: Sebastianismo” e “A época mais decisiva do mundo”. Também de um jornal portuense, *O Comércio do Porto*, contamos com o texto “Entre Douro-e-mundo”. A publicação *Universus* fornece-nos “Ilha de Moçambique – Casa de Estudos Tomás António Gonzaga” e a *Revista do ICALP*, “Notas outras sobre a Europa e o mundo”. Finalmente, o periódico *O Setubalense*, põe à nossa disposição “Uma nota de Agostinho”, “Quinto Império do Espírito Santo – S. Félix – 4436 Bahia – Brasil”, “Uma folhinha de quando em quando – Março 91”, “Uma folhinha de quando em quando – Abril 91”, “Uma folhinha de quando em quando – Junho 91”, “Cadernos de Ermitão Associado – 1992/1” e “Convento sonho duns irmãos servidores”.

A colecção *Iniciação – cadernos de informação cultural*, documenta-nos com o caderno “Literatura portuguesa”.

Dos diversos prefácios e apresentações que Agostinho fez a diferentes obras, sublinhamos o “Prefácio” que assinou para *A mocidade de Antero*, da autoria de Victor de Sá, a “Apresentação” de *Arquitetura rural na serra da Mantiqueira*, da autoria de Marcelo Ferraz de Carvalho, o texto “Sobre estas Quintas-Feiras pairou sempre o espírito de Pessoa”, espécie de prefácio a *Conversas à Quinta-Feira*, IIª série, da autoria de Luís Machado e, ainda, o “Prefácio” a *A ladainha de Setúbal*, da autoria de Dalila Pereira da Costa.

Para o presente ponto também nos servem de fontes diversas entrevistas. daquelas que se encontram reunidas em *Dispersiones*, destacamos: “Entrevista com Agostinho da Silva”; “Entrevista do Prof. Agostinho da Silva ao ICALP”; “Agostinho, ensine-nos (entrevista a Lurdes Féria)”; “A nossa obrigação é ser poeta à solta (entrevista a Carlos Câmara Leme)”. As entrevistas de outra proveniência que não o volume de *Dispersiones*, são as seguintes: “O pensamento Académico (entrevista a Bento Caldas)”; “Entrevista: Agostinho da Silva (entrevista

a Ana Maria Guardiola & Maria da Conceição Moita); “Portugal e os portugueses – a utopia de bolinar (entrevista com introdução e palavras finais de António Macedo)”; *Ir à Índia sem abandonar Portugal [entrevista a Hermínio Monteiro & Gil de Carvalho]; Conversas com Agostinho da Silva [Entrevista de Victor Mendanha];* “Uma janela sobre a vida – professor Agostinho da Silva (entrevista a Victor Mendanha)”; *A última conversa – [entrevista de Luís Machado];* “Entrevista aos escuteiros do Estoril - Outubro de 1991 (entrevista a Luís Villalobos); *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa];* “Agostinho da Silva, bandeirante do espírito (entrevista a Francisco Palma Dias)”.

## **2. Para o estudo dos fundamentos filosóficos do ideário educacional**

### **2.1. Conhecimento, Ser e Deus**

Para o estudo dos fundamentos filosóficos do ideário educacional de Agostinho da Silva revelaram-se-nos essenciais, no tocante à tripla questão Conhecimento/Ser/Deus, os seguintes livros: *Sanderson & a escola de Oundle, Conversação com Diotima, Parábola da mulher de Loth, Sete cartas a um jovem filósofo.* Também *As Aproximações*, nomeadamente os textos “Política e santidade”, “Semelhança a Deus”, “Criação própria”, “Riscos heterodoxos”, “Sobre vocação”, “Repetição, estilo, pensar” e “Sistemas de economia”. Contamos, ainda, com *Só ajustamentos*, de onde extraímos os escritos intitulados “Servir, criar, rezar”, “Automatismo e ócio”, “Tomada de consciência” e “Obstáculos”. O livro de novelas intitulado *Lembranças sul-americanas* forneceu-nos o texto “Dona Rolinha”; *Herta, Teresinha, Joan*, a novela intitulada “Herta”. Importarão, por fim, os livros *Uns poemas de Agostinho* e *Quadras inéditas*, bem como *Vida conversável* e *Reflexões, aforismos, paradoxos*.

Do material que podemos encontrar incluído em *Dispersos*, extraímos como fonte da nossa investigação os textos que passamos a enumerar: “A comédia latina”; “Ecúmena”; “Notas para uma posição ideológica e pragmática da Universidade de Brasília”; “As folhas soltas de S. Bento e outras, 4: Reflexões sobre Descartes”; “Goa - cadernos teológicos”; “Barca D’Alva – Educação do Quinto Império. Fascículo 2”; “Beira – Moçambique. Clássicos do mundo português: Um Prefácio Geral”; “Resposta a ‘Inquérito sobre a Filosofia Portuguesa’”; “Quando

não há, El-Rei o perde””; “Pensamento em farmácia de província. 1 – Fevereiro 77”; “Pensamento em farmácia de província. 2 Março 77”; “Pensamento em farmácia de província. 8 – Abril 77”; “Inédito”; “Confirmação”; cartas I e XLV do epistolário inserido nesta antologia sob o título geral de “Cartas várias”.

Os diversos volumes já publicados da edição em curso das obras de Agostinho forneceram-nos uma dezena de textos da máxima utilidade para o nosso estudo. Dos *Textos e ensaios filosóficos I* seleccionamos o escrito “Doutrina cristã”. De *Textos e ensaios filosóficos II* seguimos com especial atenção “Teologia humana”, “Projecto”, “Sem título”, “Colectivismo”, “A difícil prova”. Os *Textos pedagógicos II* puseram à nossa disposição “Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito”. São mais dois os textos que nos fornece o volume intitulado *Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*: “Sobre índios e suecos” e “Num estilo quase de adivinha...”. Finalmente, em *Estudos sobre cultura clássica* recolhemos “Dançarinas de Tânagra”.

Das publicações periódicas destacamos, neste ponto, *Seara Nova*, em que consultamos “Considerações: Disciplina científica”, “Considerações: Bilhete a Alceste”, “Considerações: Da vida filosófica”, “Diário de Alceste: Ciência”, “Entrevista a ‘Inquérito ao livro em Portugal, bibliotecas culturais, XXII’”; *Vida Mundial*, de onde retiramos “Tema: Matemáticas modernas”, “Tema: Matemáticas clássicas”, “Tema: Conciliação das matemáticas” e “Tema: Educadores portugueses – António Sérgio”; *Diário de Notícias*, que nos deu “Uma glosa, e só, e breve: À ciência real”; *Jornal de Notícias*, que transcreveu “Carta ao Director dos Serviços de Censura – 18-06-1945”; *O Setubalense*, cujo artigo “Uma folhinha de quando em quando (Nov. 90)” se nos revelou essencial.

A colecção *Iniciação – cadernos de informação cultural*, forneceu ao presente ponto da nossa investigação os volumes “O Transformismo”, “As cooperativas” e “A vida e a arte de Courbet”.

O “Depoimento” de Agostinho inserido na obra colectiva de homenagem a João dos Santos também se revelou útil para o estudo dos fundamentos das ideias pedagógicas do nosso autor, o mesmo acontecendo com a “Introdução” que fez para uma reedição de *Regresso ao paraíso*, de Teixeira de Pascoaes.

Das múltiplas entrevistas serviram os nossos propósitos no estudo preciso deste ponto, duas que se encontram publicadas em *Dispersos*, a saber, “Entrevista com Agostinho da Silva (entrevista a Joel Serrão e outros)” e “Agostinho, ensine-nos (entrevista a Lurdes Féria)”, bem

como outras cinco de proveniências diversas, *Conversas com Agostinho da Silva [entrevista a Victor Mendanha]*; “Uma janela sobre a vida – professor Agostinho da Silva (entrevista a Victor Mendanha)”, *Ir à Índia sem abandonar Portugal [entrevista a Gil de Carvalho & Hermínio Monteiro]*, *A última conversa [entrevista de Luís Machado]*, *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*

## 2.2. O Homem

Os livros de Agostinho que nos forneceram matéria de reflexão para expor-mos a sua concepção de Homem foram: *Miguel de Eyquem, senhor de Montaigne. Conversação com Diotima. Parábola da mulher de Lot*, em particular o capítulo intitulado “Policlés”. *Moisés e outras páginas bíblicas*, nomeadamente o capítulo intitulado “Fala de Labão”. *Sete cartas a um jovem filósofo. Reflexão à margem da literatura portuguesa. As aproximações*, onde consultamos os textos “Sobre escravatura” e “Cruz, política e dinheiro”. *Educação de Portugal. Quadras inéditas. Vida conversável. Reflexões, aforismos e paradoxos*.

O volume *Dispersos* pôs à nossa disposição meia dúzia de textos, a saber, “Nota a cinco fascículos”, “Estilo e conteúdo”, “Pensamento em farmácia de província: 1 – Fevereiro 77”, “Pensamento em farmácia de província: 2 – Março 77”, “Pensamento em farmácia de província: 8 – Abril 77” e “Do previsível e do imprevisível”.

Colhemos, ainda, cinco textos reunidos em três volumes diferentes na edição em curso da obra de Agostinho. Assim, do volume *Textos e ensaios filosóficos I*, acabamos por nos servir de “Doutrina cristã”, enquanto que ao volume *Textos e ensaios filosóficos II* fomos recolher os escritos “Cartas a S. Félix - 3”, “Sobre as escolhas” e “Os três dragões”. Finalmente, o volume *Textos pedagógicos II* auxiliou a nossa investigação com o texto “Depoimento à comissão parlamentar de inquérito”.

O volume colectivo *Educação e direitos humanos*, elegemos “Passado iluminando o futuro”.

Quanto às publicações periódicas, registámos, de *Seara Nova*, “Glossa: Notável”, “Glossa: Cristianismo”, “Considerações: Temístio”, “Considerações: Democracia e poder”, “Considerações: Cristianismo anistórico”, “Considerações: Segundo escólio a Demóstenes”, “Considerações: Sôbre a morte”, “Considerações: Alicerce”, “Diário de Alcestes: Intemporalidade”, “Diário de Alcestes: Lealdade”, “Diário de Alcestes: Justiça”, “Diário de

Alceste: Intransigência”, “Diário de Alceste: Justiça” e “Diário de Alceste: Sobre o êxtase”. Em *Sol Nascente* consultamos o conteúdo de “Considerações – sobre o bem e o mal” e em *Jornal de Notícias* “Portugal tem que resolver qual é o seu destino”.

Na colecção de cadernos *À volta do mundo – textos para a juventude*, tomamos em conta “O sábio Confúcio”.

Das entrevistas, as que se revelaram mais úteis para o estudo dos fundamentos da antropologia agostiniana foram “Entrevista com Agostinho da Silva (entrevista a Joel Serrão e outros)”, “Agostinho da Silva: um passeio à roda do céu (entrevista a Maria José Mauperrin)”, “Portugal e os portugueses – a utopia de bolinar (entrevista com introdução e palavras finais de António Macedo)”, *Ir à Índia sem abandonar Portugal [entrevista a Gil de Carvalho & Manuel Hermínio Monteiro]* e *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*.

### **2.3. O Estado e a organização sócio-económica**

Os fundamentos para a ideia de Estado e da organização sócio-económica que Agostinho nos apresentou foram colhidos nos seguintes livros: *As aproximações*, nomeadamente os textos intitulados “Política e santidade”, “Coacção”, “Cruz, política e dinheiro”, “Pé-de-meia”, “Fadiga política”, “Bárbaros à porta”, “País modelo” e “Sistemas de economia”; *Só ajustamentos*, de onde extraímos “Economia e felicidade”; *Vida conversável, Reflexões, aforismos e paradoxos*.

No volume *Dispersos* ponderamos a informação contida em “Considerando o Quinto Império”, “Barca D’Alva – Educação do Quinto Império. Fascículo 2”, “Pensamento em farmácia de província: 8 – Abril 77”, “Virá a revolução” e “Carta vária XI”.

Os volumes da edição em curso das obras de Agostinho da Silva que acabamos por evocar foram *Textos e ensaios filosóficos I*, que nos forneceu “Doutrina cristã”, *Textos e ensaios filosóficos II*, onde consultamos “Colectivismo” e *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, que pôs à nossa disposição “Do plural”.

Mais uma vez recolhemos em algumas publicações periódicas textos essenciais para a compreensão do pensamento, agora da reflexão sócio-económica, que Agostinho nos apresentou. *Seara Nova* pôs à nossa disposição os escritos “Glossa: Revolução”, “Glossa: Vontade”, “Considerações: Democracia e poder”, “Diário de Alceste: Da origem”, “Diário: 4” e “Inquirito ao livro em Portugal, *bibliotecas culturais*, XXII”. Em *O Diabo* analisamos “Demóstenes” e, no *Diário de Notícias-Magazine* acabamos por consultar “A época mais decisiva



do mundo”. O décimo quinto número da *Revista do ICALP* alimentou-nos com “Notas outras sobre a Europa e o mundo”, enquanto que o número dois da *Revista de Educação* nos forneceu “Divagações quanto a futuro”.

O caderno “O mundo dos micróbios”, inserido na colecção *Iniciação – cadernos de informação cultural* e o caderno “História dos comboios” proveniente da colecção *À Volta do Mundo – textos para a juventude*, revelaram-nos pontos essenciais da sua ideia societária.

As entrevistas mais relevantes foram “Entrevista com Agostinho da Silva”, “Entrevista do prof. Agostinho da Silva ao ICALP”, “Agostinho da Silva: A Europa vai morrer (entrevista a João Tocha)”, *Conversas com Agostinho da Silva [entrevista a Victor Mendanha], A última conversa – Agostinho da Silva [entrevista a Luís Machado]*, “Entrevista aos escuteiros do Estoril – Outubro 1991 (entrevista a Luis Villalobos)” e *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*.

## **2.4. Portugal**

Foram múltiplos e de diversas proveniências os escritos de Agostinho da Silva que nos forneceram o essencial das suas ideias sobre Portugal. Quanto aos escritos em forma de livro destacamos *Reflexão à margem da literatura portuguesa, Um Fernando Pessoa, As aproximações*, de modo especial o texto intitulado “País modelo”, *Educação de Portugal*, o escrito autobiográfico *Vida conversável* e a obra póstuma *Reflexões, aforismos e paradoxos*.

Os *Dispersos* trouxeram-nos mais de duas dezenas de textos: “Considerando o Quinto Império”; “Prefácio a *Eça, Discípulo de Machado?* De Alberto Machado da Rosa”; “Notas para uma posição ideológica e pragmática da Universidade de Brasília”; “Goa – cadernos teológicos”; “Barca D’Alva – Educação do Quinto império. Fascículo I”; “Beira – Moçambique. Clássicos do mundo português: Um prefácio geral”; “Compostela: carta sem prazo a seus amigos. Primeira de 71”; “O baldio do povo, 2”; “Nota a cinco fascículos”; “Composição do Brasil”; “O Espírito Santo das Ilhas Atlânticas”; “Carta chamada Santiago. 2.7.74”; “Carta chamada Santiago. 17.8.74”; “Notas de passado e de presente”; “Vieram com Lutero os vendilhões do Templo – e o Sol se cobriu”; “Confirmação”; “Fantasia portuguesa para orquestra de história e de futuro”; “Sobre cultura portuguesa”; “Dez notas sobre o culto popular do Espírito Santo”; “Conversão de infiéis”; “Carta vária XXVI”; “Carta vária XLIV”; “Um modo de entender Portugal”; “É a hora – Novembro/88”.

Em três volumes da edição em curso das obras de Agostinho da Silva recolhemos alguns escritos sobre Portugal e os portugueses. Assim, o volume *Textos e ensaios filosóficos II*, forneceu-nos “Vicente, filosofia e vida”, enquanto que em *Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I* recolhemos “A cultura brasileira” e, finalmente, dos *Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II* retiramos, com proveito, os textos “Mensagem”, “Originalidade portuguesa”, “Da existência do CEAO”, “De que há povo”, “Noutro ponto a fonte...”, “Há quem proponha chamar-se-lhe docimologia”, “O pensar de Camões sobre o seu tempo”.

Das publicações periódicas retiramos, de *Colóquio, Revista de Artes e Letras*, “Portugal na Universidade de Brasília”, do *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, “Algumas considerações sobre o culto popular do Espírito Santo”, bem como o texto intitulado “Perspectivas”. Em *Vida Mundial* recolhemos “Guia breve de leitura: Wenceslau de Moraes”, “Apontamento: ‘Convívio’”, “Apontamento: Nova seara da ‘Seara’”, “Tema: Responsabilidade portuguesa”, “Tema: Fundação Nacional”. Da publicação lisboeta *Diário de Notícias*, aproveitamos “Uma glosa, e só, e breve: Sebastianismo”, “Uma glosa, e só, e breve: Pois de eras afonsinas” e finalmente, de *Noticias-Magazine*, “A época mais decisiva do mundo”. O *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* contribuiu com “Comemoração de ‘Os Lusíadas’”, enquanto que o suplemento *Cultura e Arte* de *O Comércio do Porto*, nos trouxe à consideração “Entre douro-e-mundo”. A revista portuense *Nova Renascença* auxiliou-nos com “De Portugal, e da Europa, e do Mundo”. *O Setubalense* deu-nos a oportunidade de consultar “O sonho que sempre seremos”, “Um soneto e um breve comentário”, “Uma folhinha de quando em quando” (a de 9 de Outubro de 1991), “Uma folhinha de quando em quando” (a de 4 de Dezembro de 1991) e “Resumo da ideologia do Povo Português...”.

Foram três os prefácios que, neste ponto da nossa investigação, tivemos em conta, a saber, o prefácio à obra de Victor de Sá, *A mocidade de Antero*, o prefácio à obra de Dalila Pereira da Costa, *A ladainha de Setúbal* e o texto introdutório-prefaciador do catálogo da exposição fotográfica de Marcelo Carvalho Ferraz, *Arquitetura rural na Serra da Mantiqueira*.

A correspondência que António Quadros publicou em *A arte de continuar português* e a “Carta de Agostinho da Silva sobre *Talhamar* (1988)”, dada a conhecer por Dora Ferreira da Silva, auxiliaram também o nosso trabalho.

Finalmente, recolhemos informação substancial em quase meia dúzia de entrevistas: “Conversa inacabadas... (entrevista a Joaquim Furtado)”, “Entrevista com Agostinho da Silva

(entrevista a Joel Serrão e outros)”, “Entrevista do Prof. Agostinho da Silva ao ICALP”, “Agostinho, ensine-nos (entrevista a Lurdes Féria)”, “A nossa obrigação é ser poeta à solta (entrevista a Carlos Câmara Leme)”, “Agostinho da Silva: um príncipe das ideias... (entrevista a Eduardo Paz Barroso)”, “Agostinho paradoxo (entrevista a Carlos Vaz Marques)”, *Ir à Índia sem abandonar Portugal [entrevista a Gil de Carvalho & Hermínio Monteiro]*, *Conversas com Agostinho da Silva [entrevista a Victor Mendanha]*, *A última conversa [entrevista a Luís Machado]*, a publicação póstuma *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*. Ainda recolhemos informação na entrevista póstuma “Agostinho da Silva, bandeirante do espírito (entrevista a Francisco Palma Dias)”.

## **CAPÍTULO SEGUNDO**

### **IDEIAS PEDAGÓGICAS**

- I. CONSIDERAÇÕES SOBRE ALGUNS PARADIGMAS PEDAGÓGICOS**
- II. EDUCAÇÃO ESCOLAR**
- III. EDUCAÇÃO EXTRA-ESCOLAR E FIGURAS MODELARES DA HUMANIDADE**
- IV. EDUCAÇÃO PORTUGUESA**

# I. CONSIDERAÇÕES SOBRE ALGUNS PARADIGMAS PEDAGÓGICOS

## 1. Paradigmas criticados

### 1.1. A sofística e o relativismo pedagógico

Agostinho da Silva mostrou aversão ao movimento sofista, caracterizado pela defesa do individualismo, do relativismo, da luta pelo poder fosse a que custo fosse. O nosso autor assim escrevia, prefaciando o *Critone* de Platão: “Só os espíritos grosseiros, como [...] os de certos sofistas [...] podem supor que os ‘factos’, o que é contingente e transitório, constituem o que há de ‘real’ no universo...”<sup>1</sup>.

O pedagogo português criticava ainda os sofistas por só mostrarem interesse pela “...habilidade [...] da inteligência...”<sup>2</sup>. Estes professores de vida rica e actividade bem paga, na sua opinião “...queriam era mostrar como se pode colocar o adversário em má posição pela habilidade da palavra, empregando argumentos falsos, com aparência de verdadeiros...”<sup>3</sup>. Para Agostinho, não era “...possível atingir-se o bem pelo mal...”<sup>4</sup> e, não excluindo a possibilidade de o mal se tornar em bem, criticava com veemência a herança sofística.

Com esta crítica, Agostinho combatia uma escola interessada apenas em ensinar com vista a um fim prático, onde o que interessava verdadeiramente eram os fins a que se chegava e não os meios que se usavam.

### 1.2. A pedagogia dos Jesuítas

Agostinho rejeitou os modelos pedagógicos dos jesuítas, por se lhe apresentarem formalistas, nocivos, teóricos e vagos. A pedagogia dos jesuítas, na perspectiva do nosso autor,

---

<sup>1</sup>) Cf. Agostinho da Silva, “Prefácio”, em Platão, *Critone*, p. 7.

<sup>2</sup>) Idem, “Considerações: Da vida filosófica”, em *Seara Nova*, nº 446, Agosto de 1935, p. 222.

<sup>3</sup>) Idem, *Vida e morte de Sócrates*, p. 12.

<sup>4</sup>) Idem, “O homem e as civilizações”, em *Dispensos*, p. 757.

recorria “...à retórica e ao espectacularo...”<sup>5</sup>, submetendo “...as crianças [...] [a] processos deformadores...”<sup>6</sup>. O intelectual português rejeitava, ainda, o facto de os jesuítas completarem “...a educação do ‘homem brilhante’ pelo culto da emulação...”<sup>7</sup>.

O nosso pedagogo também criticava os jesuítas por levarem a cabo um ensino diferenciador, que se notava logo na distribuição dos alunos na sala de aulas: “Na aula, os alunos dispunham-se segundo a ordem de méritos; à frente os centuriões, depois os mais bravos da hoste, no fim a plebe dos considerados estúpidos e indolentes.”<sup>8</sup>.

No seguimento das suas considerações e embora elogiasse alguns aspectos da organização da pedagogia jesuíta – “De acôrdo ainda com a Sorbonne em proscrever o uso do Francês, os Jesuítas afastavam-se dela no que respeitava à disciplina e aos exercícios corporais. Aqui, sem dúvida, marcam os Jesuítas um grande progresso; os seus alunos viviam em edifícios confortáveis, tomavam banho, faziam ginástica, jogavam as armas, montavam a cavalo; usava-se o menos possível do chicote e da palmatória e o aluno não era sujeito a castigos que o degradassem”<sup>9</sup> -, quanto aos conteúdos ensinados e à forma de os leccionar, Agostinho, de um modo geral, era pessimista: “Compreendem-se todos os estragos que, com uma tal pedagogia, conseguiram fazer os Jesuítas em países que não souberam ou não puderam opor-lhes um sistema de educação mais inteligente e moderno...”<sup>10</sup>. Parecia evidente ao nosso autor que os países que mantiveram este modelo pedagógico em nada beneficiaram com isso, pois, ante o progresso, mostravam-se

**“...incapazes do mais pequeno gesto de coragem cívica, da mais insignificante originalidade intelectual.”<sup>11</sup>.**

### **1.3. A escola orientada segundo o evolucionismo**

Agostinho elogiou o contributo de ciências como a biologia, no campo da educação, afirmando mesmo que “...o lamarckismo aparece-nos como um dos elementos essenciais para uma vitória do espírito crítico, ordenador, racional sôbre as concepções biológicas que só têm

---

<sup>5</sup> ) Cf. idem, “Alexandre Herculano”, em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 8ª série, p. 4.

<sup>6</sup> ) *Ibidem*.

<sup>7</sup> ) Idem, “Ensaio sôbre pedagogia oratoriana”, em *Seara Nova*, nº 298, Maio de 1932, p. 150.

<sup>8</sup> ) *Ibidem*.

<sup>9</sup> ) *Ibidem*.

<sup>10</sup> ) *Ibidem*.

<sup>11</sup> ) *Ibidem*.

por apoio o sentimento, ou a excessiva credulidade, ou, no fundo, a desistência do pensar.”<sup>12</sup>. No mesmo sentido vem o juízo que fez ao escrever sobre o estudo das glândulas endócrinas levado a cabo por Claude Bernard: “...a influência destas glândulas no conjunto fisiológico [...] veio dar possibilidades extraordinárias no que se refere, entre outros sectores, à pedagogia...”<sup>13</sup>.

É certo que, com estes pontos de vista, o nosso pedagogo admitia que a consideração das correntes evolucionistas auxiliava a educação, mas não que a pudesse condicionar fosse de que forma fosse, tal como se pode ver pelas críticas que dirigiu a Montessori, ao entender que a sua pedagogia, por ser demasiado científica, provocava nas crianças um afastamento do real desenvolvimento da vida na medida em que proporcionava “...pouco contacto com o mundo.”<sup>14</sup>.

No estudo sobre a pedagogia de Sanderson, o nosso autor também deixou bem explícito que a exagerada aceitação da teoria evolucionista era prejudicial ao correcto desenvolvimento das crianças, por ser originadora das desigualdades provocadas pela luta pela sobrevivência dos mais capazes, sendo, por isso, altamente selectiva. Agostinho da Silva lamentava profundamente que uma visão demasiado estreita do evolucionismo tivesse levado a sociedade, e com ela a escola, a fazer com que os homens aceitassem “...a ideia de [...] uma guerra perpétua...”<sup>15</sup> e em consequência tivessem preparado “...os filhos para que entrassem na batalha armados de todas as armas da indiferença, do egoísmo, do apetite desenfreado, da covardia perante o forte, da crueldade perante o fraco.”<sup>16</sup>.

Numa palavra, o dogmatismo pedagógico evolucionista, para o nosso pedagogo, tornava a escola naquilo que realmente não deveria ser, ao permitir a competitividade académica e todo o mal por ela desencadeado:

**“...as batalhas, os castigos, os choros e os desesperos; aqui as surdas raivas, os insultos e os ódios; aqui os suicídios interiores, as almas desfeitas. A isto chamam uma escola.”<sup>17</sup>.**

---

<sup>12</sup> ) Idem, “Lamarck, ‘Filosofia zoológica’”, em *Antologia – introdução aos grandes autores*, 3ª série, pp. 4-5.

<sup>13</sup> ) Idem, “Claude Bernard, ‘Observação e experiência’”, em *ibidem*, 8ª série, p. 4.

<sup>14</sup> ) Cf. idem, *O método Montessori*, p. 78.

<sup>15</sup> ) Idem, *Sanderson & a escola de Oundle*, p. 19.

<sup>16</sup> ) *Ibidem*.

<sup>17</sup> ) Idem, “Diário”, em *Revista de Portugal*, n.º 2, Janeiro de 1938, p. 238.

#### 1.4. A escola mercantilizada

Agostinho criticava a escola das sociedades industriais por estas a tomarem como um mero local para obtenção de um diploma: "...está-se ali [na escola] não é para trabalhar; é para fazer um curso melhor. Não é a vida aquilo em que a gente está a pensar, como devia: é no diploma. Não é a realidade, é o papel."<sup>18</sup>.

O nosso autor não desprezava pura e simplesmente a importância do diploma, mas pretendia alertar para o facto de a sua obtenção não garantir, por si só, uma boa educação, uma vez que era possível obter um diploma e continuar a ser, simpaticamente, analfabeto. Se bem que analfabeto diplomado. Por isso, Agostinho não deixou, com agudeza e acompanhando o desenvolvimento dos tempos modernos e das novas linguagens da comunicação, de estabelecer um paralelo entre uma certa educação e a publicidade: "A publicidade é uma fábrica de perfeitos fregueses, ávidos e estúpidos; a educação, que lhe é paralela, fabrica cidadãos servís e crentes."<sup>19</sup>.

Este enunciado mostra-nos que, para o nosso autor, há uma analogia entre as maneiras de funcionar do discurso publicitário e do discurso pedagógico. Enquanto a publicidade funciona a partir da introdução de uma carência nos indivíduos e a consequente necessidade de a satisfazer, universalizando comportamentos e acabando com o gosto individual e a afirmação da diferença, a educação retém o seu público com a promessa sempre apetecível de um futuro melhor, economicamente mais próspero, desde que se aceite acriticamente o saber instituído como o mais útil e dele saiam as aprendizagens essenciais. Ora, a este princípio mercantil da educação seguia-se, segundo o nosso pedagogo, um procedimento educativo que ele entendia como "...deseducação do ser humano..."<sup>20</sup>, porque, ao proceder desta forma, "A escola abafa as perguntas..."<sup>21</sup> e transforma-se numa "...das máquinas que existem no mundo para cortar a imprevisibilidade às pessoas."<sup>22</sup>.

---

<sup>18</sup> ) Idem, "Fontes e pontes do futuro. Tema: Escola e trabalho", em *Vida Mundial*, 28 de Julho de 1972, p. 37.

<sup>19</sup> ) Cf. idem, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, p. 125.

<sup>20</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, p. 46.

<sup>21</sup> ) *Ibidem*, p. 36.

<sup>22</sup> ) *Ibidem*, p. 46.



## 1.5. A escola burocrática e examinadora

Agostinho da Silva criticou a burocracia da escola de massas, traduzida em horários e planificações rígidos, da “...escola burocrática em que se apaga todo o sôpro de vida e em que se prepara a criança [...] para que possa ingressar na máquina nada eficiente e nada humana a que chamam existência e onde todo o seu destino é explorar ou ser explorado...”<sup>23</sup>. Os frutos humanos de um tal modelo de escola eram temíveis porque prejudiciais a uma vida plena, feliz e de amor: “...é de escolas tratadas como massa que saem os egoístas capazes, pela qualidade e pelo número, de transformar a vida numa batalha de interêsses, tam pouco humana, tam pouco inteligente.”<sup>24</sup>. Assim, reconhecendo o carácter individualista da natureza humana, lamentava, nesta escola, “...que o indivíduo não [...] [fosse] educado para a cooperação, mas para a luta contra os outros indivíduos...”<sup>25</sup>.

Movendo-se numa perspectiva educacional ao mesmo tempo crítica e idealista, Agostinho não deixou de apelar ao fim das avaliações escolares, tal qual como se lhe apresentavam: “Em escolas que realmente se possam classificar de escolas, e não naquelas que fabricam em série o material que em série por sua vez ensina o que em série vive, não mais se fala em exame...”<sup>26</sup>. Contudo, reconhecia que os exames só poderiam ser extintos quando estivessem garantidas algumas necessidades básicas que facilitariam a relação entre a escola e a sociedade e algumas condições pedagógicas:

**“...que o menino que vai à escola não faça falta para o orçamento da família, [que] esteja na aula sem fome [...] que não haja cinquenta alunos a cargo de um professor [...] que [se] possam sustentar escolas de formação, a nível universitário, com suas classes de experiência, suas bibliotecas circulantes e seus salários de aluno.”<sup>27</sup>.**

Como alternativa, o nosso autor propunha uma outra avaliação em que “...no que se confia é na prova uma e outra vez feita pelo aluno perante si próprio, no acompanhamento diário

---

<sup>23</sup> ) Idem, “O plano Dalton”, em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 7ª série, p. 6.

<sup>24</sup> ) *Ibidem*.

<sup>25</sup> ) Idem, “As cooperativas”, em *ibidem*, 7ª série, p. 18.

<sup>26</sup> ) Idem, “Há quem proponha chamar-se-lhe docimologia...”, em *Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 183-184.

<sup>27</sup> ) *Ibidem*, p. 184.

de um professor que geralmente o conhece e sabe de sua vida, e no trabalho que ele é capaz de executar baseado na aprendizagem que fez.”<sup>28</sup>.

## 2. Paradigmas elogiados

### 2.1. A educação socrático-platónica

Agostinho, para lá de enaltecer a Sócrates a coerência entre a teoria e a prática, destacou o seu combate à pedagogia sofística, nomeadamente o ter sabido contrapor ao relativismo e ao imoralismo da sofística “...o desejo [...] de se instruir e de descobrir a verdade.”<sup>29</sup>. Ao contrário dos sofistas que ensinavam por interesse material, o pedagogo portuense enalteceu Sócrates por se mover desinteressadamente e, com a sua pedagogia, querer apenas ajudar os outros, ao mesmo tempo que se melhorava a si mesmo: “...aperfeiçoar-se sòmente a si próprio [...] sem se importar com os outros, seria nunca atingir a perfeição [...] o homem [...] perfeito aproveita[ando] toda a ocasião para os educar.”<sup>30</sup>. A vida e a acção do mestre ateniense levavam o nosso autor a defender que “Sócrates aceita a coexistência do amor e da ciência, e a revelação das duas fôrças, na acção, dá a pedagogia.”<sup>31</sup>.

Foi na esteira do elogio de Sócrates que Agostinho também elogiou a pedagogia platónica, destacando o facto de o discípulo maior de Sócrates ter percebido que “O primeiro passo [...] para uma reforma da cidade encontra-se numa reforma do indivíduo. É preciso dar-lhe, pela contemplação das ideias, o amor do Bem, da Beleza, e da Justiça; o desejo da harmonia, o respeito pela liberdade...”<sup>32</sup>. Tal desiderato, segundo o nosso pedagogo, só se haveria de conseguir seguindo o ideário socrático que se tinha acostumado “...a associar intimamente as doutrinas metafísicas e a vida real.”<sup>33</sup>.

---

<sup>28</sup> ) *Ibidem*, pp. 183-184.

<sup>29</sup> ) Idem, “Vida e morte de Sócrates”, em *À volta do mundo – textos para a mocidade*, p. 14.

<sup>30</sup> ) *Ibidem*, p. 11.

<sup>31</sup> ) Idem, “Sócrates”, em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 9ª série, p. 21.

<sup>32</sup> ) Cf. idem, “Prefácio”, em Platão, *Critone*, p. 8.

<sup>33</sup> ) Agostinho da Silva, “Prefácio”, em Platão, *A defesa de Sócrates*, p. 7.

## 2.2. A pedagogia protestante e Comênio

O pedagogo português não deixou de elogiar o movimento protestante, enaltecendo-lhe o culto da liberdade: "...esta liberdade protestante que levou ao grande combate do século XVIII contra a intolerância, o fanatismo religioso, e preparou os caminhos de um futuro em que a religião seja considerada como do domínio particular de cada homem..."<sup>34</sup>. Paralelamente ao culto da liberdade dos protestantes, o nosso autor ressaltou o carácter democrático da sua educação que se popularizou pela necessidade de todos os fiéis terem de ler os textos sagrados, o que "...levou à criação de escolas populares com métodos e ambientes novos..."<sup>35</sup>.

Entre as pedagogias protestantes, Agostinho não deixou de realçar a revolução pedagógica feita por Comênio (1592-1670), acerca da qual destacou "...a ideia de que é muito possível que verdadeira grandeza se meça por estabelecer aqueles alvos aos quais sempre se rumam sem que jamais se alcancem: por ser mais alta a fantasia do que seus disponíveis instrumentos."<sup>36</sup>. Ao autor da *Didáctica Magna* elogiou, ainda, a ideia de uma comunidade fraternal o mais ampla quanto possível, baseada na convicção de que

**"A potencialidade de saber está inteiramente em nós, qualquer que seja a nossa raça, o nosso sexo ou a nossa condição social; só, porém, se realiza quando em contacto com o mundo, ao fruto que daí surge se chamando ciência total ou [...] 'pansofia'..."<sup>37</sup>.**

## 2.3. Os oratorianos

Agostinho elogiou aos oratorianos a atitude pedagógica tolerante e a abertura ao novo, privilegiando, ainda, entre todos os valores, o amor ao próximo. Esta nova maneira de estar na educação, foi, para o nosso autor, fundamental para o sucesso da pedagogia que começaram a praticar nas suas escolas onde já procediam a "...experiências de física e em tudo se revelavam partidários do espírito crítico contra todo o ensino dogmático e toda a violência sobre a razão..."<sup>38</sup>.

---

<sup>34</sup> ) Agostinho da Silva, "A reforma", em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 5ª série, p. 19.

<sup>35</sup> ) *Ibidem*.

<sup>36</sup> ) Idem, "Fontes e ponte do futuro. Tema: Os precursores – Komensky", em *Vida Mundial*, 4 de Agosto de 1972, p. 36.

<sup>37</sup> ) *Ibidem*.

<sup>38</sup> ) Idem, "Alexandre Herculano", em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 8ª série, p. 4.

O pedagogo portuense destacou o facto de as escolas dos oratorianos terem na sua base um novo conceito de criança, pois interessavam-se por “...todos os meninos [...] [e] pelo amor dos filhos dos homens pagavam a dívida que tinham perante o filho de Deus.”<sup>39</sup>. Optimizando este ideário, segundo o nosso autor, os oratorianos, como forma privilegiada de manifestarem este amor, quiseram “...ensinar as crianças.”<sup>40</sup>.

Agostinho ainda elogiou os oratorianos por as suas escolas serem de frequência livre e gratuita, preocupando-se, assim, em proporcionar a educação desde a mais tenra idade a todas as classes sociais. Esta abertura suportada no amor e fraternidade cristãs, levava as escolas dos oratorianos, no entender do nosso pedagogo, a orientarem-se no “...desejo de libertar o homem, de desenvolver o individuo, de o fazer pensar e agir por si, luta obstinada contra todo o ensino que tenda a formar rebanhos dóceis...”<sup>41</sup>.

## **2.4. O Humanismo e o Naturalismo pedagógicos**

O humanismo pedagógico foi apreciado por Agostinho, essencialmente no que diz respeito ao combate ao dogmatismo, ao exercício do poder racional, ao novo interesse pela natureza e pela experiência, à importância que a criança começou a ganhar enquanto sujeito da educação. Neste movimento Agostinho da Silva destacou Montaigne (1533-1592), a quem elogiou ter desejado libertar as crianças “...dos brutais processos escolares do seu tempo...”<sup>42</sup> e de cuja pedagogia destacou o facto de se preocupar mais com “...o homem a formar de que o aluno; o futuro do que o presente.”<sup>43</sup>.

A Pestalozzi (1746-1827), naturalista continuador de Rousseau, elogiou o empenho na construção de uma nova escola onde “...só o contacto com os problemas e as dificuldades, só a busca interessada das soluções são capazes de educar.”<sup>44</sup>. Referindo-se a esta busca, elogiou, ainda, a forma como Pestalozzi, baseava os “...processos [...] desenvolvidos ao contacto do real e do concreto...”<sup>45</sup>.

---

<sup>39</sup> ) Cf. idem, “Ensaio sobre a pedagogia oratoriana”, em *Seara Nova*, nº 298, Maio de 1932, p. 151.

<sup>40</sup> ) *Ibidem*.

<sup>41</sup> ) *Ibidem*, pp. 155-156.

<sup>42</sup> ) Idem, *Miguel de Eyquem, senhor de Montaigne*, p. 14.

<sup>43</sup> ) *Ibidem*, p. 111.

<sup>44</sup> ) Idem, *Vida de Pestalozzi*, p. 32.

<sup>45</sup> ) *Ibidem*, p. 65.

## 2.5. A Educação Nova e as pedagogias libertárias

Ao movimento da Educação Nova Agostinho elogiou algumas formas de actuar contra a pedagogia escolar tradicional: "...a reforma radical que as escolas novas fizeram triunfar na experiência; que só haja dois estímulos para o trabalho nas aulas: a comparação de cada dia com o dia anterior e com o dia futuro e o desejo de aumentar o valor, as possibilidades do grupo..."<sup>46</sup>. O pedagogo portuense via esta reforma da escola como a ideal para servir "...o sentido social, o hábito da cooperação, a tolerância e o amor que gera a convivência em vez dum isolamento de caverna e duma agressividade permanente; a vitória de uma idea de paz sôbre uma idea de guerra."<sup>47</sup> O desejo de ver a educação reformada e a realidade que lhe mostrava, ao longo dos tempos, o pouco progresso das reformas, levaram Agostinho a adjectivar estes e outros pedagogos e educadores "...de visionários, de anarquistas e de loucos..."<sup>48</sup>. O nosso pedagogo, em síntese e olhando em geral a pedagogia da Educação Nova, elogiou-lhe quatro importantes passos: primeiro, o facto de se ter assumido como uma pedagogia "...para todos..."<sup>49</sup>; segundo, o de "...não [...] [ter] como centro um professor [...] mas um grupo onde todos aprendem..."<sup>50</sup>; terceiro, o "...alarga[r-se] à vida inteira..."<sup>51</sup>; quarto, o "...não divorcia[r] a ciência da ética..."<sup>52</sup>.

A Educação Nova viu o seu modelo escolar radicalizado pela corrente das pedagogias libertárias e respectivos modelos de auto-gestão escolar, os quais foram enaltecidos, em alguns dos seus aspectos, pelo pedagogo portuense. Agostinho partilhou com os pedagogos da corrente libertária a defesa intransigente da liberdade de ensinar e de aprender, vendo nesta liberdade a chave para o sucesso de qualquer experiência educativa, afirmando, a propósito, que "O mundo deve estar aparelhado para que as pessoas possam aprender aquilo que querem saber nas diferentes matérias, sem qualquer espécie de humilhação."<sup>53</sup> Agostinho, tal como A. S. Neill (1883-1973), um dos expoentes da pedagogia libertária, sempre defendeu para as instituições sociais "...um poder de coordenação..."<sup>54</sup> que, obviamente, entrava em contradição com o

---

<sup>46</sup> ) Idem, "Diário: Da emulação", em *Seara Nova*, n° 508, Maio de 1937, p. 70.

<sup>47</sup> ) *Ibidem*.

<sup>48</sup> ) Cf. idem, "Ecúmena" em *Dispersos*, p. 236.

<sup>49</sup> ) Idem, "Fontes e pontes do futuro. Tema: Escola Nova", em *Vida Mundial*, 2 de Junho de 1972, p. 48.

<sup>50</sup> ) *Ibidem*.

<sup>51</sup> ) *Ibidem*.

<sup>52</sup> ) *Ibidem*.

<sup>53</sup> ) Idem, "Entrevista: Agostinho da Silva (entrevista a Ana Maria Guardiola & Maria da Conceição Moita)", p. 15.

<sup>54</sup> ) Idem, *Vida conversável*, p. 36.

veemente apelo que lançava a favor da substituição das escolas obrigatórias por outras “...livres e gerais...”<sup>55</sup>.

## **2.6. Ivan Illich e a sociedade sem escolas**

Com Ivan Illich (1926-2002), o pedagogo portuense aprendeu a considerar a escola institucional como um local que “...emperra muito o pensar...”<sup>56</sup>. A escola, nesta linha de pensamento, era assumida como um lugar maldito que, ao tornar-se de frequência obrigatória, promovia, ao contrário do que era suposto, a deseducação, afastando os indivíduos da vida plena.

Agostinho mostrou grande simpatia e elogiou o Centro de Documentação Intercultural (CIDOC) que Illich tinha criado: “O que Illich propõe de paralelo às soluções preconizadas por nossos eurocratas é que o ensino e a educação passem a ser da atribuição de todos...”<sup>57</sup>. Esta nova orientação tinha, para Illich, a dupla intenção de promover o “...ensino mútuo e o de tomar o cidadão sobre si obrigações que sempre pusera como do domínio oficial.”<sup>58</sup>. Tal finalidade agradava por completo ao nosso autor.

## **2.7. A educação como via para a humanização**

No pensamento pedagógico do nosso autor, o que encontramos no princípio, no meio e no fim é o Homem. No princípio da sua especulação teórica preocupou-se, essencialmente, em traçar as balizas da ética e da moral para uma sã convivência entre os homens; no meio, apesar de todas as deficiências que encontrou nos sistemas educacionais oficiais, preocupou-se com a democratização da educação; no fim, quando já não lhe parecia que a melhor forma de ir ao encontro dos anseios dos homens fosse a obrigatoriedade escolar, defendeu a substituição da Escola por um sistema educativo baseado no grupo de interesses comuns. Por isso não é de espantar que tenha elogiado a pedagogia de Paulo Freire, que conheceu pessoalmente: “Foi ele quem promoveu, no Brasil, uma campanha de alfabetização, apoiado numa grande e competente equipa. Tentava, desse modo, fazer povo, porque o povo não existia. Podia ter

---

<sup>55</sup> ) Idem, “Carta vária V”, em *Dispersos*, p. 815.

<sup>56</sup> ) Idem, “As folhas soltas de S. Bento e outras – 6: FPH”, em *Dispersos*, p. 418.

<sup>57</sup> ) Idem, “Fontes e pontes do futuro.Tema: Formação de educadores”, em *Vida Mundial*, 1 de Setembro de 1972, p. 25.

<sup>58</sup> ) *Ibidem*.

escolhido outro modo de o fazer, mas decidiu-se pelo mais simples, pelo mais directo, a alfabetização.”<sup>59</sup>.

Este modo de proceder, porque era dirigido a todos, agradava ao nosso pedagogo, para quem todos os homens eram iguais, independentemente do grau de educação que possuísem ou do estatuto social que tivessem alcançado. Reconhecendo que a educação escolar em vez de promover a igualdade e atenuar as diferenças, estigmatizava socialmente ao valorar de forma diferente quem tinha mais conhecimentos, fiel ao princípio personalista, Agostinho alertava:

**“Cuidado com o pleno sucesso escolar, só cria infelizes. O sucesso escolar tem que passar pelo sucesso humano...”**<sup>60</sup>.

## **2.8. Uma escola que não ignore a religião**

Agostinho da Silva não achava possível uma concepção da existência, individual ou colectiva, que ignorasse a religião. Convicto das suas ideias e sem ter qualquer prática religiosa conhecida, sempre lhe repugnou a existência de uma escola cegamente laica.

Talvez não gostasse que se ensinasse com carácter obrigatório a religião e a moral católicas, mas desejava encontrar uma escola onde “...não se ataca a religião, reconhece-se o seu papel histórico, mas esclarece-se o povo sobre o que contém de grosseiro, de realmente inaceitável...”<sup>61</sup>. Desta forma, o nosso pedagogo expressava que o conhecimento da religião era imperativo num esquema educativo que se preocupasse com uma formação geral adequada a todos os homens.

Em “A comédia latina”, texto da década de 1940, Agostinho discorreu sobre a pedagogia escolar na altura vigente no Ocidente, revelando o desgosto que sentia pela sociedade de então, no qual grassava uma educação laica e materialista: “A vida tornou-se laica e tornou-se feroz, implacável e, o que é pior ainda, sem sentido nenhum que eleve a vida além da vida.”<sup>62</sup>. O sentido de complementaridade que, segundo o nosso autor, só o conhecimento religioso poderia garantir, tinha-se perdido fruto do laicismo bacoco que, em nome das descobertas científicas e do melhor nível de vida, vinha triunfando. Sob a moldura de tão negro quadro, Agostinho

---

<sup>59</sup> ) Idem, “Agostinho da Silva ou a cultura portuguesa em Portugal e no mundo. O que é preciso é criar povo (entrevista dada a um grupo de jovens)”, p. 7.

<sup>60</sup> ) Idem, “Agostinho da Silva: A Europa vai morrer (entrevista a João Tocha)”, p. IX.

<sup>61</sup> ) Idem, “O sábio Confúcio”, em *À volta do mundo – textos para a juventude*, 1ª série, p. 19.

<sup>62</sup> ) Idem, “A comédia latina”, em *Dispersos*, p. 182.

defendia "...uma pedagogia mais alta do que a dos estudos: a de criar almas, a de fazer que todos pudessem ouvir bem clara dentro de si a voz que os incitava a ser mais do que homens..."<sup>63</sup>.

---

<sup>63</sup> ) Cf. idem, "Emerson: 'Confiança'", em *Antologia – introdução aos grandes autores*, 9ª série, p. 3.



## II. EDUCAÇÃO ESCOLAR

### 1. Vectores estruturantes do ideal de escola de Agostinho da Silva

#### 1.1. Escola fundada na liberdade e dirigida ao Povo

Com o enunciado de que “...a educação para a liberdade se faz pelo uso da liberdade...”<sup>64</sup> e deve ser dirigida para “...o elemento vivo da nação - o povo...”<sup>65</sup>, Agostinho da Silva traçava dois dos mais importantes vectores da sua concepção de escola.

A liberdade de que nos falava implicava que a escola nascesse “...em cima de menino comer e ter tempo livre, não em cima daquelas leis que aumentam os cursos no papel e os diminuem cada vez mais na vida.”<sup>66</sup>.

O pedagogo português pensava que, para sermos autênticos e respeitadores da vida plena, não poderíamos nem deveríamos

**“...em nome do desenvolvimento e da disciplina que lhe é indispensável, ancilosar o sonho, a curiosidade e o esforço [...]. Mundo não tem avançado pelos que aceitam e fazem igual; tem progredido pelos que contestam e fabricam o outro.”<sup>67</sup>.**

Este era, então, o maior dos esforços que se deveria exigir a qualquer sistema escolar: que soubesse preservar a norma pela promoção da diferença.

Agostinho apontou, a este propósito, o trabalho do pedagogo Hermann Lietz que criou, na Alemanha, com base nestes princípios pedagógicos, uma escola “...fundada sobre a liberdade, sobre a iniciativa pessoal, sobre o apelo ao que há de superior e não de inferior ao homem”<sup>68</sup>, com o intuito de “...construir personalidades equilibradas, aptas a compreender a vida e a dominá-la, a perceber a beleza e a criá-la...”<sup>69</sup>.

---

<sup>64</sup> ) Idem, “Prefácio”, em Garret, Almeida, *Doutrinas de estética literária*, p. 12.

<sup>65</sup> ) *Ibidem*, p. 20.

<sup>66</sup> ) Agostinho da Silva, “A seu Teodoro de Tokoné”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, p. 202.

<sup>67</sup> ) Idem, “Entro no reino do inteligível...”, em *ibidem*, pp. 219-220.

<sup>68</sup> ) Idem, “As escolas de Lietz”, em *O Diabo*, 9 de Dezembro de 1939, p. 1.

<sup>69</sup> ) *Ibidem*.

Mas a prática da liberdade era vista pelo nosso autor na perspectiva alargada do grupo. Ela era facilitada pelo trabalho colectivo, como, a dado passo da sua obra, o nosso pedagogo esclareceu: “Gostaria de ver todo o grupo como escola e todos os homens que o compõem como mestres...”<sup>70</sup>, ainda que no quotidiano “...fossem acessoriamente agricultores e operários, médicos, engenheiros e até professores; as nações inteiras educariam seu Povo, na escola e fora da escola...”<sup>71</sup>, lançando mão ao “...entusiasmo e lisura de sua vida política, pela fraternidade de sua vida económica, pela abertura de seu saber, pela amplitude do espírito criador, por sua fundamental liberdade, pelo dever, então possível de cumprir, de ser cada um o que é.”<sup>72</sup>.

Sem a liberdade de ensinar e de aprender, sem o culto absoluto da liberdade, o nosso pedagogo não via qualquer possibilidade de a escola se poder afirmar face à sociedade que desejava servir. Sem o culto da liberdade o espírito da criança não poderia sobreviver e, para Agostinho, era necessário manter vivo esse espírito em todas as fases da vida de cada pessoa: “...ninguém devia deixar de ser criança [...]. Com informação mais alta, mas sempre com o mesmo gosto poético, com a mesma inocência, com a mesma alegria, com a mesma profundidade e atracção com que uma criança brinca.”<sup>73</sup>.

Era esta brincadeira continuada da criança, da qual cada adulto deveria ser capaz de dar testemunho, que Agostinho considerava como indutora da liberdade originária: “A pedagogia com carimbo dos pais só tem servido para atrasar o futuro; e a política dos meninos o apressaria, se livres.”<sup>74</sup>.

## **1.2. Escola que promova a criatividade**

A Escola que Agostinho defendia tinha que se preocupar com a formação total do homem, considerando, por isso, quer a sua dimensão intelectual, quer a sua dimensão emotiva.

Convicto desta necessidade, o pedagogo portuense insistiu na ideia de uma Escola que desse lugar de relevo à criatividade, pelo que, com toda a ênfase, elogiou as experiências pedagógicas que, em seu entender, assim tinham procedido. Por isso, a propósito da experiência de Sanderson em Oundle, disse-nos que “A educação artística fazia-se em Oundle

---

<sup>70</sup> ) Idem, “Proposição”, em *Dispersos*, p. 626.

<sup>71</sup> ) *Ibidem*.

<sup>72</sup> ) *Ibidem*.

<sup>73</sup> Idem, “Entrevista aos escuteiros do Estoril – Outubro de 1991 – (entrevista a Luís Villalobos)”, p. 31.

<sup>74</sup> ) Idem, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, p. 49.

não como a cultura de uma prenda, mas como um meio de elevar a alma e de a exprimir...”<sup>75</sup>, assim nos fazendo evocar o ideal grego da formação de um homem integral, física, psicológica e intelectualmente.

Também ao comentar a experiência pedagógica de Frantisek Bakulé (1877-1957) levada a cabo na transição do século XIX para o século XX, pôs em relevo que a pedagogia deste professor se baseava na ideia geral de que

**“O saber tem importância, mas não muita; o poder criador vale mais, no trabalho educativo, do que a minuciosa erudição; o mestre tem de ser um artista e não um sábio. E a humanidade só será plenamente salva no dia em que se introduzir na escola a energia criadora que dela tem estado tão ausente.”<sup>76</sup>.**

Se a criatividade estava arredada da escola, então pensava o nosso pedagogo que era necessário recorrer a novas práticas educativas para transformar a escola reprodutora, que abundava por todo o lado, numa escola criadora que incluísse práticas artísticas, pelo que, para além de todas as condicionantes, para Agostinho urgia transformar a escola no “...lugar onde as pessoas aprendem meios de expressão, o lugar onde se pode pintar, fotografar, meter-se numa filosofia ou misticismo...”<sup>77</sup>. O pedagogo português estava convencido de que esta transformação seria também importante a nível social mais alargado, porque viria a debelar a feroz competitividade económica entre os indivíduos e as sociedades e, em consequência, ajudaria ao estabelecimento das condições básicas de subsistência para todos. Assim, deixaria a escola “...de ser um modelador de soldados para ser um libertador de poetas.”<sup>78</sup>.

A forma poética de encarar a vida escolar, fazia com que Agostinho privilegiasse a felicidade pessoal acima de qualquer exigência académica, tal como nos deixou expresso na primeira pessoa:

“Felizmente  
vou passando  
a vida com alegria  
não me dá sede o currículo

---

<sup>75</sup> ) Idem, *Sanderson & a escola de Oundle*, p. 63.

<sup>76</sup> ) Cf. idem, “Frantisek Bakulé”, em *Peregrinação*, nº 5, p. 15

<sup>77</sup> ) Idem, “Entrevista: Agostinho da Silva (entrevista a Ana Maria Guardiola & Maria da Conceição Moita)”, p. 15.

<sup>78</sup> ) *Ibidem*.

nem fome a filosofia.”<sup>79</sup>.

O pedagogo portuense servia-se do seu exemplo e não hesitava em aconselhar os outros a posicionarem-se na vida segundo os mesmos princípios: “Que a imaginação te engorde e a matemática te emagreça.”<sup>80</sup>. Este enunciado reverte-nos, novamente, para o espírito desinteressado da criança que despreocupadamente brinca e vai crescendo, em contraposição a um saber formal e regrado que o adulto acabará, fruto da educação, por fazer sobressair na prática quotidiana.

Todavia, a Escola estava longe de se transformar até ao ponto que Agostinho achava necessário, de onde o seu lamento:

**“...a maioria das pessoas com dotes de invenção se perde, porque não conseguiu, ou por falta de instrução ou por organização deficiente dos serviços, chegar até ao ponto em que seria útil...”<sup>81</sup>.**

### **1.3. Escola que ensine o fundamental da vida**

Para Agostinho da Silva, o fundamental da vida estava no comunitarismo, na proximidade, no respeito absoluto pela criança, no contacto com a natureza, na interacção jovens/velhos e em outras atitudes que, em seu entender, tal como estas, não abundavam nos países desenvolvidos da sociedade ocidental, nem a escola desses países ajudava a cultivar. Para Agostinho, era necessário que a escola se assumisse como “...o lugar único de educação e de vida, para adultos e para crianças, em que o criar vá muito além do saber e lhe seja este puro servo [...] em que o jogar se encontre com o trabalho, em que a liberdade crie sua própria disciplina e em que o contemplar domine o agir, e em que o adorar se sobreponha ao poder...”<sup>82</sup>.

O pedagogo portuense, não se conformando com a ausência destes pilares em boa parte da sociedade ocidental, insistia para que se fosse à raiz cristã do Ocidente recolher os melhores exemplos de organização social e escolar: “...a revolução cristã, correspondeu a um conceito novo da comunidade de irmãos reverentes [...] a forma cooperativa de propriedade, a educação

---

<sup>79</sup> ) Agostinho da Silva, *Quadras inéditas*, p. 48.

<sup>80</sup> ) Idem, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, p. 63.

<sup>81</sup> ) Idem, “História dos combóios”, em *À volta do mundo – textos para a juventude*, 1ª série, p. 20.

<sup>82</sup> ) Cf. idem, “Ecúmena”, em *Dispersos*, p. 237.

mútua...”<sup>83</sup>. Esta raiz adulterara-se – os tempos passaram, a ciência aumentou e os homens tornaram-se mais egoístas e interesseiros: “Com o Renascimento [...] constituiu-se a ciência como independente da moral [...] instituiu-se a escola como formadora das classes possidentes e dirigentes.”<sup>84</sup>. Contudo, tal constatação não retirava ao nosso pedagogo a firme convicção de que na sociedade em que vivia, como nas sociedades primitivas “...o que vale é a obra comum...”<sup>85</sup>.

Agostinho acreditava que o modelo que melhor poderia servir à Escola por si pensada, se encontrava, por exemplo, no Brasil:

**“Na Europa [...] a mania é de que os alunos têm de aprender o que se lhes ensina’.**

**‘...o Brasil já está com o futuro; infelizmente ainda é obrigatório ir à escola, mas já não é obrigatório aprender’.**

**‘Pelo menos não terão desaprendido de ser gente, que é o que acontece com quem estuda.’<sup>86</sup>.**

Mas também acreditava que esta escola que ensinava o fundamental da vida já despontava em Portugal, na reforma de Roberto Carneiro, por este admitir a “...necessidade de haver escolas que, ao mesmo tempo, possam dar capacidade de emprego para uns e liberdade para outros, através da instrução nas artes de que eles gostam – pode ser a agricultura, pode ser a pintura, pode ser a modelagem – é um pensamento certo.”<sup>87</sup>.

É por assim pensar que o nosso autor defendia noutra conversa que “Qualquer criança deveria crescer de tal maneira que se igualasse ao Mundo [...]. Ao passo que, no nosso estádio actual de sociedade [...] ao fim de certo tempo a criança está enformada [...] por uma série de coisas que não formam mas deformam...”<sup>88</sup>, acentuando mais à frente que “Devíamos poder viver enamorados de tal maneira da vida, tão apaixonados por ela, que até tivéssemos pena do tempo que perdemos lendo livros ou estudando Matemática.”<sup>89</sup>.

O nosso autor era um enamorado da vida e pensava que só o espírito das crianças, antes de terem qualquer contacto com a pedagogia oficial, estava em condições de garantir esse

---

<sup>83</sup> ) Idem, “Onde a terra se acaba...”, em *Textos e ensaios filosóficos II*, p. 267.

<sup>84</sup> ) *Ibidem*, p. 268.

<sup>85</sup> ) *Ibidem*.

<sup>86</sup> ) Idem, “Dona Rolinha”, em *Lembranças Sul-Americanas de Mateus Maria Guadalupe seguidas de tumulto seis e clara sombra das faias*, p. 31.

<sup>87</sup> ) Idem, *Conversas com Agostinho da Silva [entrevista a Victor Mendanha]*, p. 102.

<sup>88</sup> ) Idem, “Uma janela sobre a vida – professor Agostinho da Silva (entrevista a Victor Mendanha) p. 133.

<sup>89</sup> ) *Ibidem*, p. 140.

encantamento: “...eu acho graça é ao universo extraordinário que elas inventam [as crianças], sobretudo antes de irem à escola. Depois, as únicas coisas que têm engraçadas é quando realmente fogem da pedagogia.”<sup>90</sup>.

O método para proceder a esta educação para o essencial da vida, nas palavras do nosso pedagogo, seria “...o contacto com problemas e dificuldades, a busca interessada de soluções...”<sup>91</sup>. Propunha, ainda, “Escolas sem carteiras e sem ditados, sem horários de matérias e sem cópia, sem aritmética [...] sem pancada [...] com o concreto da vida aparecendo e se deixando observar e manusear, com a disciplina que sempre vem do interesse pelo trabalho que se está realizando...”<sup>92</sup>. Era necessário que a educação soubesse “...despertar a curiosidade, ousar a imaginação [...] desenvolver o senso crítico...”<sup>93</sup>, o que também se conseguiria, segundo o nosso pedagogo, se nas escolas houvesse “...ao lado da biblioteca do que se sabe, outra do que se ignora ainda, e que [...] é quase tudo: em metade do ano se homenagearia o passado, na outra metade o futuro...”<sup>94</sup>.

Porém, o pensamento de Agostinho foi mais longe, tendo chegado mesmo a oscilar entre uma escola transformada que educasse para a vida e a recusa da frequência escolar. Com efeito, se às vezes pareceu acreditar, de facto, numa escola que simultaneamente formasse e educasse, nem sempre acreditou de todo que esta instituição tivesse qualquer utilidade social. Quando, num artigo, se pronunciou sobre a experiência educativa dos Amish, que recusavam a frequência obrigatória da escola pelas suas crianças, por aquela veicular valores opostos aos da sua comunidade, exprimiu a sua concordância com esta atitude por acreditar que “...a escola [...] não se limita a ensinar a ler ou a escrever ou a contar: é o veículo de uma formação, ou [...] deformação, que pode não estar de acordo com filosofias ou jeitos de pensamento [...] e pode de resto não estar de acordo com maneiras de ver o mundo ou de proceder que assentem, elas, em teologias ortodoxas ou não ortodoxas...”<sup>95</sup>.

Consciente da dificuldade que a escola instituída tinha de responder às suas propostas educativas, Agostinho, em momentos de maior descrença, via apenas consequências nefastas na sua frequência. Dizia-nos ele: “Mas como é que gente que foi à escola e aí se empobreceu

---

<sup>90</sup> ) Cf. idem, *A última conversa [entrevista a Luís Machado]*, p. 103.

<sup>91</sup> ) Idem, *Vida de Pestalozzi*, p. 32.

<sup>92</sup> ) Idem, “Celebrando a Montessori”, em *Bahia – coleção de folhetos*, p. 14.

<sup>93</sup> ) Idem, “Pensamento em farmácia de província – 8: Abril 77”, em *Dispersos*, p. 681.

<sup>94</sup> ) Cf. *ibidem*.

<sup>95</sup> ) Idem, “Fontes e pontes do futuro. Tema: Liberdade escolar”, em *Vida Mundial*, 21 de Julho de 1972, p. 31.

[...] há-de entender toda a riqueza não expressa [...] de quem teve a sorte de lhe escapar?”<sup>96</sup>. No sentido de evitar que a escolaridade empobrecesse os homens, não se causava de apelar ao aparecimento de uma “Escola que liberte, não que mais prenda. Que dê pulmão, não corte o sopro.”<sup>97</sup>.

Por tudo isto, o pedagogo portuense apelava a

**“...purgarmo-nos bem purgados do que até agora soubemos, pensámos ou experimentámos de prático [...]. Depois, modestamente, pedir a labrego que nos ensine, se é que já nos perdoou todo o grande mal que lhe temos feito; e, depois de lhe sermos discípulos, nos oferecermos para ministros; isto é, para seus menores, espevitados, criados e mandados.”<sup>98</sup>.**

Ao leitor, surge de imediato a pergunta: quem estaria, depois de obter um grau elevado de educação escolar, disposto a servir e obedecer em vez de mandar? A resposta, no ideário agostiniano é simples: para servir e obedecer hão-de estar os santos. Agostinho acreditava que só pela santidade se poderia realizar o amor “...na oração ainda mais plenamente do que na ciência ou na arte, e os homens possam, como um todo, cumprir a sua missão essencial: a santidade.”<sup>99</sup>. Diríamos, então, que era para a santidade que as escolas nos deviam ajudar a educar; logo, que era a santidade o fundamental da vida.

#### **1.4. Escola que privilegie as perguntas**

Agostinho da Silva considerava a Escola e o seu modo de funcionar como o principal responsável pela má educação que grassava em Portugal. Para o nosso autor, a Escola era directamente responsável pelo decaimento da Humanidade, sobretudo pelo mau serviço que prestava junto das crianças: “...tomaram as crianças o caminho da escola, tiveram de aprender não aquilo de que gostariam, mas o que a gente cada vez mais distante achava necessário e, em lugar da liberdade de fazer perguntas, foram submetidas à aprendizagem das convenientes e sociais respostas...”<sup>100</sup>. Ao contrário da ideia dominante sobre a Escola, a História da

---

<sup>96</sup> ) Idem, “Pensamento em farmácia de província – 3: Março 77”, em *Dispersos*, p. 651.

<sup>97</sup> ) *Ibidem*.

<sup>98</sup> ) Idem, “Feira de anexins”, em *Dispersos*, p. 600.

<sup>99</sup> ) Idem, “Servir, criar, rezar”, em *Só ajustamentos*, p. 35.

<sup>100</sup> ) Idem, “Introdução”, em Pascoaes, Teixeira de, *Retorno ao paraíso*, p. 9,

Humanidade mostrava ao pedagogo português que “O que fez avançar o mundo foram as perguntas e não as respostas.”<sup>101</sup>.

Agostinho apenas concebia uma Escola de frequência livre, sem horários, sempre aberta, onde o que importa é a pergunta que se faz e não a resposta que se dá. Aos que o interrogavam sobre o modelo de Escola que protagonizava, fiel aos seus princípios, respondia: “Eu quero é que eles [os alunos] perguntem muita coisa e podem sair da aula quando quiserem e comigo passam todos, excepto se algum vier ter comigo e disser que não quer passar.”<sup>102</sup>. Este modelo escolar foi-o buscar, remotamente, à acção desenvolvida em Alcobaça pelos monges beneditinos, que aí “...abriram a primeira escola realmente total em Portugal – uma biblioteca aberta sempre à vida do convento, para que quem quisesse entrasse lá, e fizesse essa coisa extraordinária que é difícil fazer nas escolas [...] porque não há muitos professores desejosos que os alunos lhes perguntem coisas que às vezes lhes podem ter escapado.”<sup>103</sup>. O nosso pensador contrariava, pois, a tradição educativa que orientava os “...os meninos para responder às perguntas que já têm resposta, quando o ideal é estar pronto para responder às perguntas que nunca se fizeram.”<sup>104</sup>.

Agostinho da Silva criticava a Escola por se preocupar mais com ensinar do que com educar, o que se devia ao facto dos seus profissionais, em larga maioria, não perceberem que

**“...vai ser preciso que haja ensino, mas a pedido do freguês, porque também acabará a escolaridade obrigatória, que só se compreendia quando a nossa vida foi de serviço civil muito parecido com o militar...”**<sup>105</sup>.

O futuro teria que ter escolas essencialmente “...preparadas para ensinar a cada um a responder à pergunta que cada um quer fazer...”<sup>106</sup>. A Escola do futuro não poderia dar fórmulas ou conhecimento feito. O seu papel seria o de responder ao que lhe fosse solicitado, de maneira a satisfazer a curiosidade que cada aluno viesse a mostrar. Cada criança jamais poderia sair da nova escola, como saía da anterior “...sendo uma besta quadrada.”<sup>107</sup>.

---

<sup>101</sup> ) Agostinho da Silva, “Um passeio à roda do céu (entrevista a Maria José Mauperrin)”, p. 63R.

<sup>102</sup> ) Idem, “Entrevista: Agostinho da Silva (entrevista a Ana Maria Guardiola & Maria da Conceição Moita)”, p. 13.

<sup>103</sup> ) Cf. idem, “Passado iluminando o futuro”, em AA. VV., *Educação e direitos humanos*, p. 32.

<sup>104</sup> ) Idem, “Entrevista: Agostinho da Silva (entrevista a Ana Maria Guardiola & Maria da Conceição Moita)”, p. 15.

<sup>105</sup> ) Idem, “Divagações quanto a futuro”, em *Revista de Educação*, nº 2, vol. 1, p. 12.

<sup>106</sup> ) Idem, *Namorando o amanhã*, p. 34.

<sup>107</sup> ) *Ibidem*, p. 44.



Agostinho da Silva pretendia, assim, que a Escola satisfizesse a curiosidade individual em vez de reproduzir os modelos sociais que se convencionou serem os mais adequados. Era por olhar para a Escola segundo este prisma que o nosso pedagogo considerava haver “...insucesso da escola [...] não escolar.”<sup>108</sup>. Ou seja, o pedagogo português achava que a frequência escolar, só por si, nem era boa nem era má, mas a Escola, na medida em que não permitia que os indivíduos satisfizessem a sua curiosidade, apostando antes em planos de estudo pré definidos e rígidos, falhava nos seus objectivos.

### **1.5. Escola para os tempos livres**

A Escola pretendida por Agostinho tinha, por fim, que preparar para os tempos livres. A Escola do futuro teria que por no centro das suas preocupações não o trabalho, mas o ócio, não a empregabilidade mas o desemprego. Todo o sistema escolar deveria preocupar-se apenas em proporcionar “...tempos inteiramente livres.”<sup>109</sup>.

O pedagogo português não ignorava os novos desafios da sociedade contemporânea e responsabilizava a Escola por não saber responder-lhe de forma cabal. Para ele, era claro que a sociedade tecnológica haveria de gerar muitos desempregados e a Escola não estava a fazer nada para prevenir essa situação, por ainda não ter percebido que “O problema central da educação formal ou instrução passou a ser o de preparar o indivíduo para não ter trabalho. O contrário do que se faz ainda.”<sup>110</sup>. O nosso autor queria, deste modo, corrigir as injustiças sociais que, no passado, tinham suportado a produção cultural: “...é preciso que haja tempo livre [...] só houve cultura [...] quando os nobres tiveram tempo livre [...] o que foi lamentável foi que tôdas estas culturas magníficas assentassem na miséria e na degradação de milhares ou milhões de homens das classes inferiores.”<sup>111</sup>.

Mais ainda: o que queria Agostinho, verdadeiramente, era que a um mundo novo correspondesse uma nova Escola, ou melhor, uma Escola que voltasse às suas origens, que fizesse reviver o termo grego que serviu para a designar: “Quando os gregos deram palavra a essa coisa – e daí deriva a palavra escola – a palavra em grego significa ‘tempo livre’ [...] ir à

---

<sup>108</sup> ) Idem, “Agostinho da Silva: A Europa vai morrer (entrevista a João Tocha)”, p. IX.

<sup>109</sup> ) Idem, *O Império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 16.

<sup>110</sup> ) Idem, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, p. 123.

<sup>111</sup> ) Idem, “O sábio Confúcio”, em *À volta do Mundo – textos para a juventude*, 1ª série, p. 7.

escola, [é] o mesmo que quer dizer em português ‘andar à solta’.”<sup>112</sup>. Porque, realmente, sempre pensou que a Humanidade veio ao mundo para livremente sonhar e contemplar e não tanto para trabalhar, quis contribuir para a construção real desta sua convicção propondo, então, uma Escola ou um

**“...sistema educativo que preparasse os homens para os tempos livres, não para as disfarçadas prisões que [...] são a oficina ou o escritório [...] escola em que o aluno formule a pergunta substituindo as que hoje todas são, aquelas em que o professor inculca as respostas que se convencionaram de bom uso social.”**<sup>113</sup>.

## **2. Reflexões sobre os níveis de ensino**

### **2.1. Ensino ante-universitário**

#### **2.1.1. Educação de infância**

Quando Agostinho da Silva iniciou o seu labor intelectual, pouco se falava, em Portugal, de jardins de infância, pelo que tal assunto não mereceu, na altura, grande reflexão ao nosso autor. Contudo, em 1926, ainda aluno universitário, fez uma recensão a um texto de António Sérgio dirigido às crianças, na qual insinuava que a educação de infância era, primeiramente, da responsabilidade das mães: “...todos os que se interessam por um mais lato e difundido conhecimento da civilização grega terão que agradecer ao snr. António Sérgio o voluminho agora publicado, as mães cuidadosas da educação intelectual de seus filhos juntarão êste livro á caixa de soldados de chumbo com que os tencionava presentear...”<sup>114</sup>. No ano seguinte, na fase final da sua licenciatura, voltou à temática, agora para defender a literatura infantil que se produzia em Portugal, que considerava ser boa, mas entendia que poderia melhorar se as senhoras que desperdiçavam o tempo na feitura de “...versos de amor ou a escrever contos ultra-românticos e insistentemente piegas – abandonassem a lira, limpassem de vez a lágrima e

---

<sup>112</sup> ) Idem, “Passado iluminando o futuro”, em AA. VV., *Educação e direitos humanos*, p. 35.

<sup>113</sup> ) Cf. idem, “Conversão de infiéis”, em *Dispensos*, p. 792.

<sup>114</sup> ) Idem, “Literatura infantil”, em *Pôrto Academico*, 8 de Março de 1926, p. 7.

se dedicassem a compor contos para crianças, que não requerem grande imaginação nem grandes prodígios estilísticos...”<sup>115</sup>.

Apesar desta consideração algo ligeira sobre a literatura infantil, o que se nota é que Agostinho a valoriza e destacava a sua importância educativa, pois considerava que os autores que a ela se dedicavam prestariam “...um grande serviço à sua pátria, porque iniciariam na cultura literária os seus homens e mulheres de amanhã...”<sup>116</sup>. O nosso autor ainda pensava que competia a esta literatura tornar o ser das crianças “...forte, intrépido na luta, cheio de segura confiança em si próprio...”<sup>117</sup>. Este rigor, na sua visão, faria com que o futuro adulto não estivesse “...sempre à espera de que um Messias (transformação adulta de fada) lhe venha trazer já estabelecido, proclamado e suficientemente garantido o regime político por que anseia.”<sup>118</sup>.

Quando escreveu sobre Montessori, Agostinho voltou a sublinhar a “...utilidade das escolas infantis...”<sup>119</sup>, por concordar que “...abandonar crianças dos 3 aos 7 anos à sua sorte, deixando-as viver como animais ou pondo-as a cargo de pessoas sem a mínima preparação pedagógica e sem o mínimo sentido da vida infantil, é perfeitamente absurdo e criminoso...”<sup>120</sup>. E se não discorreu em profundidade sobre orientações concretas para a prática pedagógica neste nível educativo, não deixou de manifestar a convicção de que era absurdo e criminoso “...encerrá-las [às crianças] numa sala, com o ambiente das carteiras, dos exames e dos castigos, matando-lhes, logo no início, tudo quanto é delicadeza e gosto da vida...”<sup>121</sup>.

Na biografia dedicada a Robert Owen, Agostinho voltou a abordar a educação infantil, elogiando o centro educativo para as primeiras idades que este industrial abriu para ser frequentado a partir dos três anos e que seria propedêutico das futuras escolas que teriam por missão ensinar a ler, escrever e contar. Concordando com Owen, Agostinho regozijava-se que estes centros não se preocupassem com o ensino mas sim com a educação e que os meninos desta escola nada mais fizessem

**“...se não brincar, ouvir histórias, aprender como viviam os bichos, como se desenvolviam as plantas, e que fôrças moviam as nuvens [...] [e] sobretudo a arte de viver juntos uns com**

---

<sup>115</sup> ) Idem, “Literatura infantil”, em *Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira*, p. 167.

<sup>116</sup> ) *Ibidem*.

<sup>117</sup> ) *Ibidem*, p. 169.

<sup>118</sup> ) *Ibidem*.

<sup>119</sup> ) Idem, *O método Montessori*, p. 79.

<sup>120</sup> ) *Ibidem*.

<sup>121</sup> ) *Ibidem*.

**os outros, em ambiente fraternal, de se auxiliarem, de jogarem, de desenvolverem o seu domínio do corpo...”<sup>122</sup>.**

### **2.1.2. Ensino primário**

Também o ensino primário foi meditado pelo nosso pedagogo a partir da nova concepção de criança e conseqüentes implicações na teoria educativa. A nova forma de ver a infância obrigava a que a escola primária soubesse respeitar a autonomia dos alunos, proporcionando-lhes a liberdade de escolha e de decisão. Para tanto, no entender de Agostinho, era necessário que a escola primária se apresentasse com um “...ambiente próprio que lhe dê [à criança] elementos de construção e a ajude na tarefa de se criar, como um jardineiro prepara a terra em que a planta encontrará alimento e amparo, teremos, numa palavra, de lhe dar boas escolas...”<sup>123</sup>.

Assim, o serviço que uma boa escola primária deveria prestar à sociedade não se esgotava ante a escolarização dos mais novos. Na primeira metade do século vinte, o analfabetismo das gerações mais velhas, quer em Portugal, quer no resto do mundo, era ainda considerável. Ante esta realidade, o nosso pedagogo entendia que também competia às escolas primárias iniciar a educação escolar das pessoas adultas. Em escritos como *As altas escolas populares da Dinamarca*, Agostinho destacou uma experiência escolar que não tinha encarado a Escola apenas como um local onde as crianças, a pouco e pouco, vão aprendendo as artes de ler, escrever e contar, mas sim como um local aberto aos adultos trabalhadores que não tinham tido qualquer espécie de contacto com as primeiras letras.

O nosso pedagogo estava consciente da situação particular da escola que estava pensada para as crianças, mas que, diante da ignorância dos mais velhos, não podia deixar de lhes ser útil. As crianças, por pressão dos governos e convivência dos pais, começavam a frequentar a escola com mais assiduidade no intuito de angariar conhecimentos que, no futuro, lhes melhorassem o nível de vida, mas as gerações mais velhas, na generalidade, não tinham necessitado da Escola para arranjar e manter os seus empregos. Porque de facto assim era, o nosso autor concordava que as escolas, ante os mais velhos, não deveriam preocupar-se com “...a utilidade prática, mas [com] a educação do espírito.”<sup>124</sup>.

---

<sup>122</sup> ) Cf. idem, *Vida de Robert Owen*, p. 43.

<sup>123</sup> ) Idem, “Considerações pedagógicas”, em *O Diabo*, 18 de Fevereiro de 1939, p. 1.

<sup>124</sup> ) Idem, “As altas escolas populares da Dinamarca”, em *O Diabo*, 11 de Novembro de 1939, p. 1.

Assim, as escolas das primeiras letras, para além da escolarização das crianças, passariam a contribuir, como demonstrava a experiência bem sucedida das escolas populares da Dinamarca, para influenciar a “...vida intelectual, moral e económica do povo...”<sup>125</sup>. Numa avaliação francamente positiva e concordante com os objectivos destas escolas, dizia-nos Agostinho que ao longo destes projectos que visavam alargar o ensino elementar ao maior número de pessoas possíveis dentro de uma comunidade “...o que convém fixar é o esforço do povo pela sua própria cultura, a persistência na tarefa e os resultados que se colheram das instituições criadas.”<sup>126</sup>.

O novo ideário pedagógico preocupava-se também com a localização das escolas primárias, apontando o campo como o melhor lugar para o seu funcionamento. O nosso pedagogo partilhava desta preocupação e também defendia o campo como o local ideal para o seu funcionamento, tal como revelam os rasgados elogios às escolas que o professor Lietz idealizou: “...a escola de Lietz estaria inutilizada desde princípio se a estabelecesse em lugares sem beleza e sem espiritualidade.”<sup>127</sup>. Com Lietz, Agostinho ainda partilhou algumas das ideias da nova pedagogia escolar, que não admitia “...indistintamente alunos de tôdas as idades: as vantagens que podia haver no contacto entre rapazes de vários graus de adiantamento eram, segundo lhe parecia, amplamente contrabitados pelos inconvenientes: os mais pequenos perturbavam o trabalho dos maiores, ou imitavam-nos sem discernimento, estes por seu turno, inclinavam-se a tirizá-los [...] cada grupo de idades se desenvolveria em separado, com um mínimo de atritos e demoras.”<sup>128</sup>.

O pedagogo portuense retirou ainda para as escolas primárias exemplos positivos das escolas que Carlton Washburne criou em Winnetka. Tal como Washburne, Agostinho achou adequado que neste nível de ensino, o material de aprendizagem fosse fornecido pela vida de cada um, respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem e os diferentes interesses dos alunos, o que fazia com que nas escolas primárias não se investigassem “...minudências...”<sup>129</sup>, pois, o que nelas interessava era “...a apreensão dos conhecimentos essenciais.”<sup>130</sup>.

A importância da vida de cada um enquanto matéria de aprendizagem escolar voltou a ser referida pelo nosso autor quando divulgou, entre nós, o método de ensino posto em prática pela

---

<sup>125</sup> } Idem, “Nota explicativa”, em Begtrup, Holger, *Escolas populares da Dinamarca*, p. 78.

<sup>126</sup> } *Ibidem*, p. 79.

<sup>127</sup> } Idem, “As escolas de Lietz”, em *O Diabo*, 9 de Dezembro de 1939, p. 1.

<sup>128</sup> } *Ibidem*.

<sup>129</sup> } Idem, “As escolas Winnetka”, em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 3ª série, p. 12.

<sup>130</sup> } *Ibidem*.

professora primária americana Ellen Parkhurst, que ficou conhecido como Plano Dalton<sup>131</sup>. Este método, elogiado por Agostinho, surgiu precisamente para tentar resolver os problemas de ensino e aprendizagem com que a referida professora se deparou aquando da sua nomeação para reger numa escola rural. Agostinho não hesitou em concordar que “...a escola tinha de se abrir à vida e de se manifestar como vida dentro dos limites dos programas oficiais e dos recursos de que a organização dispunha.”<sup>132</sup>. Por isso mesmo, se era a vida que a escola tinha que servir, então era necessário que as crianças, desde os níveis inferiores de escolaridade, tomassem contacto com todas as dimensões existenciais e não apenas com os recortes teóricos que os professores, com autoridade máxima, lhes transmitiam e obrigavam a decorar. A verdadeira escola desde as mais tenras idades deveria permitir esse contacto original do aluno com a vida “...com todos os seus problemas, com todas as suas maravilhas, e a pouco-e-pouco, quando pelo mestre, a fôsse apreendendo, sabendo o que tem de bom e de mau, apreendendo-a para porventura a modificar...”<sup>133</sup>.

O nosso autor, tal como estes pedagogos, estava convicto de que se a vida fosse o centro das aprendizagens, então os alunos aprenderiam a ler, escrever e contar “...não apenas porque estava no programa, mas porque apareciam como instrumentos indispensáveis para que as crianças pudessem ir mais além no seu conhecimento do mundo.”<sup>134</sup>.

Agostinho, um pouco contraditoriamente, concordou com a individualização do ensino nas escolas primárias por permitir estabelecer os objectivos da aprendizagem de acordo com a especificidade de cada um e não de acordo com a situação abstracta do grupo. Com este particular enfoque no indivíduo, o nosso autor descortinou uma responsabilidade maior das escolas primárias a quem competiria ajudar a formar uma sociedade em que o indivíduo fosse entendido “...não apenas [como] um dos componentes da massa ensinável e um indivíduo que tem de ir para a vida, sólido de saber e de carácter, bem orientado, para que seja útil, e disposto a olhar com inteligência a organização em que entra, a sentir-se colaborador humano, consciente, não simples peça de um mecanismo...”<sup>135</sup>.

Convém notar que as reformas estabelecidas para o ensino primário pelos métodos que Agostinho, em inteira concordância, ia apresentando, não eliminavam a aquisição do

---

<sup>131</sup> ) Cf. idem, “O plano Dalton”, em *O Diabo*, 18 de Julho de 1939, pp. 1 e 6 e “O plano Dalton”, em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 7ª série.

<sup>132</sup> ) Idem, “O plano Dalton”, em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 7ª série, p. 4.

<sup>133</sup> ) *Ibidem*, p. 5.

<sup>134</sup> ) *Ibidem*.

<sup>135</sup> ) *Ibidem*, p. 6.

conhecimento, preocupando-se apenas com que essa aquisição se processasse em outros moldes, nos quais professores e alunos, de forma mais livre e responsável, se sentissem mais envolvidos na tarefa do ensino e da aprendizagem.

Como é evidente, a todas estas experiências subjaz, ainda, um culto da liberdade, o que agradava a Agostinho, que entendia que só exercitando a liberdade se poderia proceder a uma boa aprendizagem. Por outro lado, o nosso autor estava convencido de que uma pedagogia escolar que se suportasse na liberdade venceria o ensino dogmático e autoritário pelo permanente exercício da crítica. Assim, o ler, escrever e contar passavam a ser entendidos como um meio de aperfeiçoamento individual e não como um fim em si mesmos.

Em plena fase de maturidade intelectual, Agostinho sintetizava o conjunto destas ideias que tinha recolhido sobre as escolas primárias, destacando a sua situação, tanto “...quanto possível no campo e, a par da agricultura, com indústrias de transformação e com prática de serviços...”<sup>136</sup> e a sua forma de funcionar

**“...escola, que nem edifício certo teria, mas em que haveria sempre biblioteca e laboratórios como centros essenciais, seria apenas o comentário perpétuo da vida da cooperativa [...] o lugar de se meditarem as experiências adquiridas.”<sup>137</sup>.**

Não podíamos terminar este ponto sem destacar o facto de Agostinho da Silva ter acompanhado com o maior interesse e simpatia a vida e os feitos dos professores primários. Dessa dedicação deu-nos conta a carta cinco e a carta sete do lote dos escritos designados *Cartas a S. Félix*<sup>138</sup>. Na quinta carta relata-nos “...uma reunião de professoras primárias para discutirem as experiências feitas em suas classes, quase todas no interior do país...”<sup>139</sup>, que tinha decorrido em Aveiro e no qual constatou o profissionalismo desinteressado destes homens e mulheres que, em difíceis condições, se serviam das novas pedagogias para modificar o precário estado da educação nas zonas rurais. Na sétima carta deste epistolário, Agostinho informou-nos que estava “...voltando das Astúrias, em Espanha, onde se realizou um encontro de professores espanhóis, portugueses e franceses para discutir o assunto da escola primária em meios rurais, ponto importante de meditação e realização para um país como o nosso, em

---

<sup>136</sup> ) Idem, “Fontes e pontes do futuro. Tema: Escola e trabalho”, em *Vida Mundial*, 28 de Julho de 1972, p. 38.

<sup>137</sup> ) *Ibidem*.

<sup>138</sup> ) Cf. idem, “Cartas a S. Félix”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 109-125.

<sup>139</sup> ) Idem, “Cartas a S. Félix, 5<sup>a</sup>”, em *ibidem*, p. 113.

que mais de metade da população vive no interior.”<sup>140</sup>. Estas notícias confirmam o acentuado interesse de Agostinho pelo ensino primário que considerava essencial para desenvolver as pessoas que habitavam nos locais mais inóspitos. Por outro lado, revelam-nos o carinho que dedicava ao trabalho dos professores primários, com os quais, como acabamos de ver, gostava de partilhar os fóruns de discussão.

Após este excursus torna-se claro que para o nosso pedagogo, a escola primária tinha a difícil tarefa de formar indivíduos livres, autónomos e independentes, contribuindo, de forma decisiva, para o futuro aparecimento de cidadãos críticos, solidários e fraternos.

### **2.1.3. O ensino do latim no Liceu**

Quanto ao ensino liceal vale a pena analisar o escrito intitulado *Uma lição de latim à 7ª classe de letras*<sup>141</sup> que Agostinho publicou quando se encontrava no segundo ano do estágio do 1º Grupo no Liceu Normal de Lisboa – Pedro Nunes.

Em termos formais, o que este artigo nos apresenta é a execução e avaliação de uma aula de latim, dada à Sétima Classe de Letras, destacando os processos empregues ao longo da mesma e os resultados efectivamente alcançados. Mais do que uma planificação, este escrito é, assumidamente, um relatório do normal decurso da aula em causa.

No referido texto, o pedagogo portuense começa por nos informar que embora o conjunto da turma não tivesse, de acordo com o estipulado no programa oficial da disciplina, os prévios conhecimentos exigidos para absorver o conteúdo da respectiva lição, tinha, contudo, a vantagem de apresentar “...uma certa homogeneidade, sem diferenças profundas entre os seus componentes.”<sup>142</sup>. Para além desta ocorrência positiva, o nosso pedagogo, pese embora todas as condicionantes que a turma apresentava, encontrou-lhe imediatamente outra vantagem: ser um conjunto de alunos “...cuja inteligência e jovem curiosidade não foram requeimadas com o tradicional e árido ensino do latim.”<sup>143</sup>.

Consciente das dificuldades dos seus estudantes, Agostinho admitiu que com a lição que preparou não pretendia “...dar aos alunos um grande conhecimento do latim, iniciá-los nos mistérios da etimologia ou da estilística ou da métrica [...] [mas] sobretudo, que eles ficassem

---

<sup>140</sup> ) Idem, “Cartas a S. Félix, 7ª”, em *ibidem*, p. 116.

<sup>141</sup> ) Cf. idem, “Uma lição de latim à 7ª classe de letras”, em *Labor*, nº 31, pp. 168-172.

<sup>142</sup> ) *Ibidem*, p. 168.

<sup>143</sup> ) *Ibidem*.



com a curiosidade do latim e que esta disciplina lhes não fosse no futuro uma recordação soporífera e odiosa, mas qualquer coisa de grato que os convidasse porventura a profundar o seu estudo.”<sup>144</sup>.

Após as considerações gerais sobre o estágio de aprendizagem dos alunos que constituíam a turma, o nosso pedagogo falou-nos da forma como lhes expôs a matéria: “...o vocabulário [...] foi dado pelo [...] ‘processo activo’...”<sup>145</sup>, significando isto que o vocabulário necessário para a aula não era dado de uma só vez no início da mesma, mas sim apresentado ao longo da lição apenas e só quando algum dos alunos mostrasse desconhecer os vocábulos e manifestasse intenção de ser esclarecido sobre os mesmos para poder continuar a acompanhar o ritmo da exposição. Mas Agostinho, também reconhecia vantagens ao processo passivo do ensino do vocabulário, uma vez que assim sentiu necessidade de esclarecer os seus leitores: “...costumo usar os dois processos, alternando-os, mas sem carácter de periodicidade.”<sup>146</sup>.

Continuemos, então, a acompanhar o decurso da referida lição que se debruçava sobre os versos 466 a 473 do livro I da *Eneida* de Vergílio.

Recordando os versos 459 a 465, que tinham sido matéria da aula anterior, para além de todas as questões mais técnicas, Agostinho relembra agora aos alunos “...como os heróis dos poemas clássicos não se envergonhavam de chorar ante as desgraças que os atormentavam, como Ulisses, o homem da vontade, chora sob a cólera de Peseidone, como o piedoso Troiano derrama lágrimas ao lembrar a tomada da cidade.”<sup>147</sup>.

Trazido à memória o que já tinha ficado para trás, mas que se mostrava essencial para compreender o que vinha a seguir, o nosso pedagogo levou “...os alunos a concluir que Vergílio, poeta sempre metódico e equilibrado, nos ia certamente mostrar as causas dos dois sentimentos de Eneas.”<sup>148</sup>.

A aula prosseguiu com a análise do vocabulário e a sua adequação às situações que o poema, na parte em causa, ia retratando. Agostinho acabou por alertar os seus alunos para o facto de Vergílio ser “...um poeta que não confia apenas na inspiração e que nenhum grande poeta o fez já mais; e, como os textos são bastante conhecidos dos alunos, falei-lhe rapidamente

---

<sup>144</sup> ) *Ibidem*.

<sup>145</sup> ) *Ibidem*, p. 169.

<sup>146</sup> ) *Ibidem*.

<sup>147</sup> ) *Ibidem*, p. 170.

<sup>148</sup> ) *Ibidem*.

no *engenho e arte* que andam quasi sempre emparelhados e distintos nos versos de Camões.”<sup>149</sup>.

Outro passo importante no prosseguimento da lição deu-se quando o nosso pedagogo propôs que se substituísse a palavra *fugerent* por *fugiebant*, o que o obrigou a “...expor uma regra de sintaxe; e, como um aluno tivesse tomado *bellantes* por um acusativo, pôde-se, a propósito, verificar os conhecimentos da turma em morfologia.”<sup>150</sup>.

Mas já se sabe que o estudo do latim não é coisa fácil e depressa apareceu mais uma dificuldade pois a tradução de um dado passo do texto de Vergílio indicava que a juventude troiana havia atacado os Frígios, só que os Troianos eram Frígios e não era óbvio que Vergílio, poeta consagrado, tivesse errado tão ingenuamente. O erro, a existir, teria que se verificar na fixação do texto nas versões que a turma estava a usar no estudo. A solução foi encontrada quando um aluno que tinha uma versão correcta da *Eneida* “...propôs uma vírgula depois de *juventus...*”<sup>151</sup>. Agostinho, aproveitou então para esclarecer quão proveitoso é assistir com interesse e assiduidade às aulas: “Se já numa lição anterior, a propósito de outra divergência de textos, eu não lhes tivesse falado da maneira por que até nós se transmitiram as obras dos clássicos latinos, aproveitaria agora a oportunidade para tratar do assunto; assim, bastou formular uma pergunta para verificar que saberiam explicar a razão das diferenças notadas.”<sup>152</sup>.

A aula prosseguia naturalmente, com mais ou menos dificuldades na tradução e no estabelecimento correcto em português da passagem do texto que constituía o fundamento da aula e também servia para o professor alertar os seus alunos para várias situações da sociedade de então, o que ajudava a compreender melhor o espírito do texto.

Finalmente, a aula terminava e o professor Agostinho pedia aos seus alunos no trabalho para casa “...tôda a tradução até o fim do verso 473...”<sup>153</sup>. Com este trabalho de casa, o nosso pedagogo, pretendia “...verificar quais e quantos alunos tiveram a curiosidade de continuar a tradução e como entendeu a passagem cada um deles.”<sup>154</sup>.

Para terminar o excurso pela aula acabada de leccionar, Agostinho explicou como, na sua prática lectiva, costumava corrigir os trabalhos de casa: “Na lição seguinte a verificação do trabalho dos alunos é feita por dois processos: o do interrogatório oral *a todos* os alunos da

---

<sup>149</sup> } *Ibidem*.

<sup>150</sup> } *Ibidem*.

<sup>151</sup> } *Ibidem*, p. 171.

<sup>152</sup> } *Ibidem*.

<sup>153</sup> } *Ibidem*, p. 172.

<sup>154</sup> } *Ibidem*.

turma e o dos exercícios de versão e retroversão com elementos do texto.”<sup>155</sup>. A esta explicação, acrescentou de imediato que apenas fazia os exercícios de retroversão “...por eles estarem no programa e não porque esteja convencido da sua necessidade e eficiência...”<sup>156</sup>.

## **2.2. Ensino universitário**

### **2.2.1. A Universidade como instituição desviada da sua pureza original**

Agostinho da Silva, na sua juventude intelectual eivada de algum fulgor racionalista, foi um crítico do modelo medieval da Universidade, pugnando, dentro da mesma, por uma reforma abrangente: “Em pleno século XVII, com uma ignorância completa de tódia a revolução que se fizera no pensamento europeu e conseqüentemente na pedagogia, a Universidade, fiel ao seu espírito e às suas tradições, continuava ensinando a disciplina e empregando o método da Idade-Média. Aristóteles fazia a delícia da douta corporação...”<sup>157</sup>.

Se o progresso pedagógico se ia fazendo sentir nos níveis inferiores de ensino, lamentava o nosso pedagogo que, em relação à Universidade “Inutilmente [...] tinham Rabelais e Montaigne, Vives e Erasmo, mostrar[do] aos universitários que era errado o caminho porque seguiam e que necessário se tornava lançar mão de outros métodos, dirigir as atenções para outras disciplinas...”<sup>158</sup>.

Pese embora o nosso pensador, nesta altura, atribuir à Universidade algumas melhorias na sua organização geral e, particularmente, na forma como no seu interior se ia processando o ensino e a aprendizagem, lamentava a lentidão com que as reformas iam sendo introduzidas. Este enorme intervalo de tempo, de marasmo, a nível da instituição universitária, teria tido, no seu entender, conseqüências irreversíveis na modernização das universidades:

**“...só nos fins do século XVIII a Universidade despertará do sonho medieval e se decidirá à tentativa de integrar-se no espírito do tempo; tentativa apenas, porque nunca mais conseguiu ganhar o perdido e ficou condenada a atrasar-se sempre cinquenta ou cem anos sôbre a cultura...”**<sup>159</sup>.

---

<sup>155</sup> } *Ibidem*.

<sup>156</sup> } *Ibidem*.

<sup>157</sup> } Cf. idem, “Ensaio sôbre a pedagogia oratoriana”, em *Seara Nova*, n° 298, Maio de 1932, p. 149.

<sup>158</sup> } *Ibidem*.

<sup>159</sup> } *Ibidem*.

Nesta altura, o jovem Agostinho não rejeitava apenas o monolitismo da organização universitária. A especialização, uma das tendências preponderantes da nova universidade, também não era bem aceite pelo nosso pensador. Embora concordasse e defendesse a adaptação da estrutura universitária aos tempos modernos, não perdoava a esta instituição secular o facto de, em benefício da especialização, ter abandonado a erudição, amputando, em seu entender, irremediavelmente, as gerações futuras de uma formação o mais universal quanto possível. Com mágoa e algum exagero, o nosso autor, lamentava que a erudição apenas se mantivesse graças ao trabalho de “...um escol que vive e trabalha fora das universidades e das instituições oficiais e que corrige pela liberdade e amplidão dos seus interesses o que de mesquinho e de pobre há na actividade do erudito.”<sup>160</sup>.

Não é por isso de admirar que Agostinho da Silva, que ao longo do século vinte passou metade da sua vida, como aluno e como professor, no meio universitário, se mostrasse muito desiludido com o rumo que esta instituição tinha decidido seguir. Reflectindo a sua longa e intensa experiência, escrevia: “O que acontece, porém, é que estaria totalmente fora de mim próprio ter algum interesse pessoal em fundar cadeiras, quando no íntimo dos íntimos considero a Universidade ultrapassada, ou fazer-me alguma ideia muito elevada de meus méritos científicos...”<sup>161</sup>.

O nosso pedagogo começava a considerar que a instituição universitária, ao longo dos séculos, se tinha degenerado e se ia afastando da sua pureza original. A crise em que se encontrava devia-se ao facto de não ser mais “...uma escola que [...] [prepare] como prepararam as escolas dos Gregos embora não institucionais e como preparou a Universidade medieval uma escola que seja uma organização que esteja preparando o mundo futuro.”<sup>162</sup>.

Para Agostinho da Silva, o ideário de fraternidade em que a Universidade se tinha fundado foi deturpado aquando do advento do capitalismo nos séculos XV e XVI, altura em que “...a Universidade começou tomando formas, dirigindo-se por caminhos que traíam a sua própria origem [...]. A Universidade, portanto, a partir do século XVI se arrasta num esforço de sobrevivência que é aquele a que assistimos com todas as crises possíveis, porque é um organismo superado pelo próprio evoluir do tempo.”<sup>163</sup>.

---

<sup>160</sup> ) Cf. idem, “Glossa: Erudição”, em *Seara Nova*, nº 318, Setembro de 1932, p. 83.

<sup>161</sup> ) Idem, “Dona Rolinha”, em *Lembranças Sul-Americanas Seguidas de tumulto seis e Clara sombra das faias*, p. 17.

<sup>162</sup> ) Idem, “Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito”, em *Textos pedagógicos II*, p. 35.

<sup>163</sup> ) *Ibidem*.

No início da década de sessenta o nosso autor continuava a pôr em relevo outros factores que, em seu entender, tinham contribuído para o declínio da Universidade, elogiando, paralelamente, a maneira como, em tempos passados, se organizavam os estudos mais avançados. Deste tipo de ensino na Grécia antiga, elogiou o facto de ele ocorrer ao acaso das conversas que livremente fluíam: “Na Idade Antiga, o verdadeiro estudo superior esteve na liberdade das conversas de acaso travadas em mercados e ginásios; o ensino primário e um pouco do secundário bastavam a uma sociedade em que a base era a disciplina e em que os filósofos só não eram olhados com má vontade quando se resignam a ser simples professores de filosofia.”<sup>164</sup>. O nosso autor teve, ainda, o cuidado de especificar que, nesta época, havia um ensino superior, não um ensino universitário, pois a Universidade só bem mais tarde surgiria.

Logo a seguir, com precisão e objectividade, o nosso pedagogo esclareceu que a ideia da Universidade como instituição apareceu apenas “...na Idade Média e ao acompanhar-nos até hoje, foi a expressão cristã do estudo de nível superior: tornava-se instituição o que fora probabilidade.”<sup>165</sup>. A Universidade, é assim, mais uma criação humana, situada num tempo em que a fraternidade cristã estava longe de ser uma realidade. Neste clima de profundas desigualdades sociais, Agostinho também defendia que o aparecimento da Universidade teria sido um contributo para a organização de uma sociedade mais fraterna, pois esta instituição, no entender do nosso pedagogo, tinha sido “...em primeiro lugar, a escola de uma doutrina fundamental, dentro da qual, e ainda em certos limites, podia haver variações, mas em que de modo algum se podia questionar a essência: foi, e ainda continuará a ser, apesar de qualquer outro aspecto exterior, a escola de um catolicismo, aqui no sentido de universalismo, em que só cabiam os católicos...”<sup>166</sup>.

É verdade que, neste clima particular, todos aqueles que não professassem o catolicismo estavam impedidos de frequentar estas instituições. Apesar de não concordar com este estigma, o nosso professor não teve dúvidas em afirmar que

**“...as Universidades católicas [são] as únicas que preservaram a orientação original; as outras todas degeneraram: umas porque se tornaram protestantes e foram para o campo em que nem sequer existe uma suspeita de universalismo; outras porque ficaram sendo dos**

---

<sup>164</sup> ) Idem, “Agonia e morte da universidade”, em *As aproximações*, pp. 58-59.

<sup>165</sup> ) *Ibidem*, p. 59.

<sup>166</sup> ) *Ibidem*.

**governos, o que é o pior dos atentados anticatólicos; e outras, finalmente, porque ficaram na oposição aos governos, o que é outra maneira de não entender a História Universal.”<sup>167</sup>.**

Como se sabe, ao longo dos tempos e com as várias cisões processadas dentro da Igreja Católica, juntamente com a laicização progressiva da vida civil, aconteceu que outras correntes religiosas ou os próprios Estados começaram a controlar o ensino universitário. Tal facto foi visto por Agostinho como uma deturpação do sentido que presidiu ao aparecimento das universidades, porque o universalismo em que estas instituições tinham sido pensadas, sem nunca se ter plenificado, ficava, com a nova conjuntura, ainda mais reduzido e então, estas instituições passavam a ser uma arma de domínio ao serviço de grupos cada vez menores.

O nosso pedagogo, pese embora os elogios à universalidade da Universidade medieval, não deixou de lhe criticar outros aspectos, a saber: a) que ela se tenha afirmado como “...escola da leitura de um livro pelo lente, o que leva em linha recta à adopção da leitura do lente, a qual muitas vezes não era a doutrina do livro apenas porque o lente não entendia o livro”<sup>168</sup>; b) que desde o seu aparecimento se tivesse progressivamente afastado da ideia original de fraternidade, pois, em seu entender “...era e continua sendo a Universidade, apesar de suas origens fraternas, uma instituição separada do grande público e vivendo como que sobranceira a ele, e a de que residia grande parte das suas funções em soltar diplomados que faziam do seu diploma mais do que uma carta de alforria, porque a consideravam um reconhecimento e uma garantia de direitos feudais.”<sup>169</sup>.

Do seu empenho na reforma universitária, Agostinho legou-nos algumas ideias sobre a nova Universidade: a) quanto ao objecto do saber “A Idade Nova, Universidade Nova, e nem sequer o nome sobrará; não haverá o encontro e o diálogo dos Gregos nem o nosso ensino ainda medieval; não haverá doutrina que se imponha, mas simplesmente amor que se liberte...”<sup>170</sup>; b) quanto aos professores e aos alunos, o nosso autor queria que nessa Universidade “...não haverá mestres que ensinam, haverá simplesmente mestres que estudam; não teremos separação entre os que sabem e os que não sabem...”<sup>171</sup>; c) quanto à noção de cultura “...terá [...] deixado de ser a terrível barreira que se tem levantado entre os homens...”<sup>172</sup>.

---

<sup>167</sup> } *Ibidem*.

<sup>168</sup> } *Ibidem*, p. 60.

<sup>169</sup> } *Ibidem*.

<sup>170</sup> } *Ibidem*.

<sup>171</sup> } *Ibidem*.

<sup>172</sup> } *Ibidem*.

Estes critérios, no entender do nosso pedagogo, eram essenciais para cumprir a reforma da Universidade que urgia levar a bom termo, para que assim “...quem sair do que vier em vez de Universidade, sairá não com o espírito de mandar mas com o espírito de servir.”<sup>173</sup>.

Esta revolução no funcionamento da Universidade tinha, então, objectivos bem claros e um programa a cumprir em novos moldes. Nas palavras de Agostinho

**“À resignação ao relativo substituiremos o culto do absoluto; ao imitar o criar; ao poder o contemplar; mais importante do que tudo, ao estarmos o sermos. O que será, na essência, a grande consolação do espírito Santo.”<sup>174</sup>.**

Agostinho não se contentava com a Universidade que tão bem conhecia. Não admira, portanto, que, no seu ideário pedagógico, encontremos propostas suficientes para esboçar a sua visão particular da Universidade. É, então, desse esboço que nos ocuparemos a seguir.

## **2.2.2. Esboço de um modelo universitário agostiniano**

### **2.2.2.1. O acesso à universidade**

Para o ingresso na Universidade, Agostinho da Silva propunha que todos os candidatos começassem por apresentar “...prova de que se serviu alguns anos como operário ou camponês. O estudante acaba o secundário e vai depois para a oficina ou o campo, onde aprenderá o que é vida e ensinará a muitos o que aprendeu na escola [...] se não tiver nada que ensinar ao camponês ou ao operário, ali é que ele não passa mesmo e tem de tratar de se matricular outra vez mas é mesmo no liceu.”<sup>175</sup>.

Não resta qualquer dúvida de que o nosso pedagogo defendia a democratização do ensino em todos os seus níveis, não admitindo que alguém pudesse ficar sem estudar por falta de recursos materiais. Mas, quanto ao ensino universitário pensou que a sua democratização não se poderia fazer pela eliminação do mérito. As Universidades eram escolas de excelência e assim deveriam continuar. Agostinho não pactuava com o preenchimento das vagas no ensino superior de forma aleatória, uma vez que pensava que, se faltassem alunos com os requisitos

---

<sup>173</sup> ) *Ibidem*.

<sup>174</sup> ) *Ibidem*, pp. 60-61.

<sup>175</sup> ) Idem, “Fontes e pontes do futuro. Tema: Escola e trabalho”, em *Vida Mundial*, 28 de Julho de 1972, p. 38.

exigidos pelos critérios de selecção estipulados para o ingresso na Universidade, as universidades deveriam

**“...fechar dois ou três anos, enquanto os meninos faziam seu estágio de fábrica e de campo. Mas não fazia mal nenhum: punhamos os professores universitários a ensinar os camponeses e operários mais adiantados que o trabalho dos estudantes dispensaria, dando-lhes cursos secundários intensivos e admitindo-os logo na Universidade, porque esses já tinham o tal seu estágio feito.”<sup>176</sup>.**

Agostinho era um pedagogo atento, com provas dadas em escolas de ensino universitário. Sabia muito bem que, de uma maneira geral, o bom desempenho dos alunos na Universidade dependia da formação escolar anterior. Afinal, a Universidade era uma escola que certificava uma formação académica de último grau. Consciente dessa realidade o intelectual portuense admitiu que “...não poderá nunca haver Universidades exemplares se não houver escola pré-primária para todas as crianças, e para todas primária de frequência efectiva, e secundária para todas; toda a Universidade devia ter vergonha de o ser enquanto houver analfabetos [...] e, no mundo de hoje [...] são na realidade analfabetos os que não tiverem cultura superior.”<sup>177</sup>. Contrariamente aos princípios libertários que enformavam o ideário pedagógico do nosso autor, nas suas considerações sobre o ensino universitário alinhava na defesa de um ensino oficial universal de frequência obrigatória, ressaltando, contudo, que a frequência em que tanto insistia não era a tradicional frequência de aulas, como veremos nos pontos que se seguem.

#### **2.2.2.2. A Universidade como local de investigação**

A Universidade da fraternidade tão do agrado de Agostinho, em pleno século XX achava-se completamente afastada da sua ideia original.

No entender do nosso pedagogo, o afastamento da matriz original da Universidade era da inteira responsabilidade desta, que, entre outros desvios “...com a ideia fáustica de que a ciência dá poder, conquista as Margaridas, rende prestígio e alegremente transporta os sábios de congresso em congresso, assinou [...] sua sentença, abrindo a porta à fadiga dos mestres e ao desprezo dos alunos.”<sup>178</sup>.

---

<sup>176</sup> ) *Ibidem*.

<sup>177</sup> ) Cf. idem, “Entrevista a Tereza Sá Nogueira”, em *Dispersos*, p. 23.

<sup>178</sup> ) Idem, “Pensamento em farmácia de província”, em *ibidem*, p. 689.



O saber passou a render-se cada vez mais à especialização e a formação universitária passou a ser exclusivamente técnica. Mas o nosso autor não desanimava e alimentava a esperança de que se estabelecesse uma terceira Universidade sob as ruínas da que existia, uma Universidade que deveria, então, privilegiar a investigação, a criação, as perguntas, o diálogo constante e aturado com a tradição e o olhar posto no futuro que se pretendia desvendar. Para que se cumprisse este desiderato de credibilização da Universidade e do ensino que ministrava, o pedagogo portuense apontava como necessário “A subordinação ao desconhecido mais do que ao real; a recusa de todo o exercício que signifique ganhar poder sobre o mundo, em lugar de ser da nossa parte um abandono ao mundo; um boiar mais do que um nadar; um aceitar mais do que um querer; um amar sem que paixão escravize; um ser sem ter; quanto ao que já existe, respeitosa ironia; quanto ao que tiver de vir, um todo disponível.”<sup>179</sup>.

Para sedimentar a ideia de Universidade que vinha propondo, o nosso autor não deixou de se pronunciar sobre a questão de saber se uma universidade devia apenas difundir conhecimento ou se também devia proceder à investigação. Para tanto, comentou o exemplo da então recém criada Universidade de Camberra, que tinha aparecido em meados do século vinte com o objectivo único de promover a pesquisa. Neste texto, o nosso autor colocou-se ao lado dos que defendiam que, na Universidade, “...a aprendizagem do que já se encontra adquirido pela humanidade, decorrerá de forma inevitável das próprias necessidades de tratar dos novos problemas.”<sup>180</sup>. Com a necessária prudência, Agostinho aguardava com expectativa os resultados da nova experiência, lembrando aos responsáveis das novas escolas universitárias que meditassem sobre os benefícios já quantificáveis das pedagogias novas em relação às tradicionais, que já faziam perceber “...que a criação científica, pelo menos em certos graus, não é dom tão raro como se tem feito supor.”<sup>181</sup>.

O pedagogo portuense, conhecendo o meio universitário, facilmente deduzia que quanto maior fosse o investimento melhor seriam os resultados da investigação. Ao contrário, sem investimento, dificilmente se conseguiria executar qualquer pesquisa com sucesso. O nosso autor, sabendo dos constrangimentos dos decisores políticos no que respeitava ao financiamento das universidades quando contrapostas com outras instituições mais relevantes para a promoção do bem estar das populações, mantinha uma dupla esperança: primeiro, que os políticos viessem a entender “...que tudo o que se está tentando na valorização da pesquisa em

---

<sup>179</sup> ) *Ibidem*, p. 690.

<sup>180</sup> ) Idem, “A universalidade da pesquisa”, em *Só ajustamentos*, p. 13.

<sup>181</sup> ) *Ibidem*, p. 16.

todos os graus de ensino tem um duplo significado: o de reconhecer, o que já se fêz de certo modo para a arte, que a pesquisa é acessível a todo o ser humano...”<sup>182</sup>; segundo, que após ter “...passado o pior pela batalha da segurança física [...] [nos possamos aproximar] de uma época em que pela liberdade económica se assegure a outra mais importante liberdade de contemplação e criação.”<sup>183</sup>.

### **2.2.2.3. A presença da Filosofia na Universidade**

Na nova Universidade protagonizada por Agostinho era necessário que houvesse uma Faculdade de Filosofia e não apenas qualquer curso de filosofia dependente das Faculdades de Letras. A defesa desta Faculdade e do seu relevante papel, o pedagogo portuense deixou-a suficientemente fundamentada em 1953, quando leu na Rádio Tabajara da Paraíba, o texto *O valor Actual das Faculdades de Filosofia*, onde começou por referir “...que numa Faculdade de Filosofia se deve dar primacial importância ao aspecto científico, desligado de qualquer espécie de veleidade de aplicação prática ou técnica; científico no seu aspecto geral, entendendo aqui a ciência como método e como atitude, não a vendo apenas como física ou matemática, mas igualmente como história, filosofia ou geografia humana...”<sup>184</sup>.

A seguir, esclareceu que a Faculdade de Filosofia porque ansiava não tinha que se cingir unicamente à formação de filósofos ou de professores de Filosofia. Antes pelo contrário, ao seu corpo docente exigia-se “...além do espírito científico sem o qual não poderão de modo nenhum definir os comportamentos, a possibilidade de os contemplar sob o tal ponto de vista de eternidade...”<sup>185</sup>. Ou seja, a Faculdade de Filosofia, não se deveria assumir como uma escola da especialidade, procurada eventualmente por quem quisesse saber filosofia ou tornar-se filósofo. A sua vocação seria a de fornecer a todos os estudantes de todos os cursos a educação do espírito e o amor ao saber, indo ao encontro das interrogações mais profundas como as do sentido da vida e da morte, do finito e do infinito, do absoluto e do relativo, do tempo e da eternidade.

---

<sup>182</sup> ) *Ibidem*, p. 17.

<sup>183</sup> ) *Ibidem*.

<sup>184</sup> ) Idem, “O valor actual das faculdades de filosofia”, em *Folhas à Solta*, n° 9, p. [1]. Em meados dos anos de 1940, quando Agostinho redigiu a biografia sobre Pasteur, escreveu que era um dado assente para este cientista “...que não há na biologia, ou na física ou na fisiologia, a mínima base de educação do espírito...” (cf. idem, *Vida de Pasteur*, p. 30).

<sup>185</sup> ) Agostinho da Silva, “O valor actual das faculdades de filosofia”, em *Folhas à Solta*, n° 9, p. [1].

Agostinho pretendia, também, que a Faculdade de Filosofia fosse um centro de potenciação da criatividade dos seus alunos, já estética, já científica:

**“...me parece essencial que uma Faculdade de Filosofia desperte quanto possível os poderes de criação, quanto às artes e no que respeita à ciência pura ou à filologia ou à história...”<sup>186</sup>.**

Para que assim fosse, os professores da Faculdade de Filosofia não só deveriam ser bastante originais, como deveriam exigir que os seus alunos, igualmente o fossem. Ouçamo-lo: “...é fundamental que o Professor indique não apenas o que já se sabe, mas muito principalmente o que ainda não se sabe e que a maioria dos trabalhos escolares seja dirigida não a inquirir o que o aluno aprendeu de manuais, compêndios ou tratados, mas da medida em que contribuiu com as suas capacidades para aumentar o teor dos conhecimentos comuns.”<sup>187</sup>.

Para além do mais, a Faculdade de Filosofia estaria na base de todo o ensino universitário, uma vez que todos os estudantes eram obrigados a frequentá-la antes de iniciarem os seus cursos, a fim de haurirem aquilo que o nosso autor classificou como a verdadeira formação universitária: “...Faculdade de Filosofia, onde [o aluno] receberia a sua formação filosófica, onde receberia a propósito da química ou a propósito do chinês, a sua possibilidade de ser pensante e reflectido.”<sup>188</sup>. Após adquirir esta formação de base, o estudante “...partiria depois da Faculdade de Filosofia para fazer a sua técnica de medicina, ou fazer a sua técnica de engenharia.”<sup>189</sup>. O tempo haveria de passar e cada aluno terminaria o seu curso específico na área que tinha escolhido. Contudo, no entender do nosso pedagogo “...a formação verdadeiramente universitária, que consiste em considerar o universal das coisas, em descobrir o particular, ele tinha-o adquirido na Faculdade de Filosofia.”<sup>190</sup>.

---

<sup>186</sup> } *Ibidem*.

<sup>187</sup> } *Ibidem*.

<sup>188</sup> } Cf. idem, “Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito”, em *Textos pedagógicos II*, p. 86.

<sup>189</sup> } *Ibidem*.

<sup>190</sup> } *Ibidem*.

## **2.2.2.4. Um caso concreto: os projectos para a Universidade de Brasília**

### **2.2.2.4.1. Organização institucional dos saberes**

Em 1962, fortemente empenhado na construção da Universidade de Brasília, o nosso pedagogo deu a conhecer aqueles que queria que fossem os princípios norteadores desta “...Universidade de integração...”<sup>191</sup>. A integração propalada, segundo Agostinho, não poderia ser entendida apenas sob o ponto de vista externo, isto é, o conceito de integração não se esgotava na concepção da Universidade de Brasília como uma espécie de casa-mãe das restantes universidades brasileiras.

Agostinho da Silva, ao longo da sua longa carreira universitária, percebeu os malefícios da especialização e a desumanização, em termos culturais, das formações superiores. Lendo com clareza os sinais do tempo quis evitar o predomínio da técnica sobre o humano. Por isso na Universidade de Brasília que se desejava nova e diferente em todos os aspectos, bateu-se para que as diversas faculdades mantivessem um papel semelhante, quer fossem de ciências, quer fossem de letras: “Não há ciências exactas e ciências que o não são; o que acontece é que são umas ainda medidas na sua exactidão pelo adequado ao pensamento, outras delas medidas pelo adequado à extensão; algum dia, se possível, se verificará que são ambas apenas adequadas ao eterno e temporário [...] processo da fantasia de Deus.”<sup>192</sup>.

Numa conjuntura institucional que, naturalmente, não prescindia da especialização, servindo-se do exemplo de S. Bento e da comunidade por ele formada, o pedagogo português, apontava, nesta altura, que “Precisaríamos de juntar a tudo o que a Universidade de Brasília já é, ou teoricamente poderá vir a ser, dois elementos que lhe faltam: o trabalho e a pobreza...”<sup>193</sup>.

No seio da Universidade de Brasília, reagiu ainda contra a especialização da formação filosófica que então se ia intensificando, como atrás já vimos. Para o nosso autor, incluir a Filosofia nas Faculdades de Letras era retirar-lhe a sua dimensão universal. Agostinho continuava a entender a filosofia como saber englobante e, como tal, defendia que tinha tanto parentesco com as Letras, como com as Ciências ou a Teologia. Em seu entender, a Universidade de Brasília não teria o sucesso esperado

---

<sup>191</sup> ) Idem, “Carta do Brasil – Portugal na Universidade de Brasília”, em *Colóquio*, n.º 18, p. 46.

<sup>192</sup> ) Idem, “Notas para uma posição ideológica e pragmática da Universidade de Brasília”, em *Dispersos*, pp. 246-247.

<sup>193</sup> ) *Ibidem*, p. 251.

**“...enquanto [...] não excluir de vez uma Engenharia ou uma Medicina, que são apenas ensino superior de técnicas, e se não constituir em três grandes divisões, a de Ciências, que inclui a Filologia, a de Artes, que teria o departamento de criação na palavra, a par da criação na cor, no volume, no teatro ou no som, a de Teologia, de que a filosofia, como deve, seria servidora apenas...”<sup>194</sup>.**

Com base no desígnio integrador da Universidade de Brasília, o nosso pedagogo bateu-se pela obrigatoriedade de todos os alunos desta Universidade frequentarem cadeiras diferentes das dos currículos específicos da sua formação. Procedendo desta forma, no entender de Agostinho, pretendia-se garantir uma espécie de formação pessoal e social alargada a todos os alunos antes de iniciarem a especialidade que escolheram. Se cumprisse estes objectivos, então, a Universidade de Brasília tornar-se-ia “...uma Universidade de forte integração, que procura não jogar para a rua um médico ou um engenheiro mas um homem que além de tudo seja médico e engenheiro e que, esperamos nós, será muito bom médico e muito bom engenheiro.”<sup>195</sup>.

#### **2.2.2.4.2. O Instituto de Teologia**

O Instituto de Teologia projectado para Brasília surgiu a Agostinho da Silva como centro agregador de toda a formação ministrada na nova Universidade, totalmente virada para a integração dos saberes. Para o nosso autor, tornava-se, então, essencial, que a integração começasse pelo seu interior, já que estava previsto que na Universidade de Brasília “...todos os seus Institutos trabalharão em comum...”<sup>196</sup>.

Nesta nova organização dos saberes, caberia ao Instituto de Teologia que se encontrava projectado para servir de cúpula à Universidade, abraçar fraternalmente toda a estrutura da Universidade, para ajudar a cumprir a “...integração de um vasto mundo de que o Brasil está fadado a assumir a liderança [...] dentro de inabaláveis tradições de fraternidade cristã, de humanismo liberal e disponibilidade criadora.”<sup>197</sup>.

Enquadrando a questão universitária numa reflexão mais vasta, o intelectual português acreditava que “A universidade do futuro não vai ser de políticos, nem de fraternos lentes; vai ser

---

<sup>194</sup> ) Idem, “Embora pondo como um caso...”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, p. 155.

<sup>195</sup> ) Idem, “Presença de Portugal”, em *Dispersos*, p. 203.

<sup>196</sup> ) Idem, “Carta do Brasil – Portugal na Universidade de Brasília”, em *Colóquio*, nº 18, p. 46.

<sup>197</sup> ) *Ibidem*.

de criadores; sem peia alguma, nem do compreender nem do amor”<sup>198</sup>, para realizar tal desiderato, no entender do nosso pedagogo, era essencial um Instituto de Teologia ecuménica que não se encontrasse ligado a qualquer religião. Especificando a sua ideia, o nosso autor disse-nos que de tal Instituto teria que “...partir toda a inspiração de trabalho e de organização, o ponto aonde tem de refluir, para que se pense, tudo o que for, nos outros Centros ou Institutos, em boa hora igualmente desligados do que signifique profissão ou carreira, descoberta ou invenção...”<sup>199</sup>.

Cumpridos os pressupostos anteriores, o Instituto de Teologia seria ainda o garante da confluência pacífica de todas as religiões do mundo, servindo igualmente a Ciência e a Arte, tanto mais que era convicção do nosso pensador que a projectada Universidade mirraria “...se não for a Teologia razão primeira e última de Brasília e o centro do grande círculo de liberdade, de fantasia e de alegria em que o país tem de inscrever o mundo...”<sup>200</sup>.

#### **2.2.2.4.3. A capela do Espírito Santo**

A capela do Espírito Santo foi idealizada por Agostinho da Silva como parte integrante e fundamental do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses da Universidade de Brasília, pelo qual era o responsável. Nos planos do pedagogo portuense, o referido Centro tinha que ter “...uma Capela!”<sup>201</sup> que não substituiria nem se oporia quer ao projectado Instituto de Teologia, quer ao projectado “...Convento dos Dominicanos...”<sup>202</sup>, pelo simples facto de que, a referida capela, ao contrário das duas instituições anteriores, tinha que ficar dentro da área da Universidade.

Esta capela tinha sido concebida como o “...elemento [...] de muita casa portuguesa [...]. De maneira que me parecia ideal [...] haver uma no conjunto do edifício português, que viria a ser a Capela da Universidade porque nenhuma outra Casa lá dentro a terá.”<sup>203</sup>.

Se houvesse capela, teria que haver capelão e com este conjunto, Agostinho pretendia reatar “...uma tradição portuguesa – o Capelão da Casa – e esse mesmo seria o capelão da Universidade.”<sup>204</sup>. Mas não terminava por aqui a proposta do nosso pedagogo, que ainda

---

<sup>198</sup> ) Cf. idem, “Notas para uma posição ideológica e pragmática da Universidade de Brasília”, em *Dispersos*, p. 243.

<sup>199</sup> ) *Ibidem*, p. 245.

<sup>200</sup> ) *Ibidem*.

<sup>201</sup> ) Idem, “Presença de Portugal”, em *ibidem*, p. 216.

<sup>202</sup> ) *Ibidem*.

<sup>203</sup> ) *Ibidem*.

<sup>204</sup> ) *Ibidem*.

desejava que esta pequena igreja fosse “...votada ao Espírito Santo, não só porque se trata duma Universidade, mas ainda pelas implicações históricas do Espírito Santo em Portugal.”<sup>205</sup>. A partir da Universidade de Brasília, a capela do Espírito Santo e os Painéis de Nuno Gonçalves forneceriam o mote da reflexão essencial ao estudo e compreensão do que Portugal foi, daquilo em que se tornou e das modificações essenciais que devia iniciar, de acordo com o exposto no evangelho joanino que nos incita a caminhar rumo ao rebanho único de pastor único.

#### **2.2.2.4.4. O Centro Brasileiro de Estudos Portugueses**

Peça importante para a nova Universidade de Brasília, na economia do pensamento de Agostinho da Silva, era o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses. Na verdade, este Centro contou com o apoio e a dedicação de muitos portugueses e brasileiros ilustres e foi gerido pelo nosso pedagogo como um natural prolongamento do Centro de Estudos Afro-Orientais que tinha criado, em 1959, na Universidade Federal da Bahia, para estudar as influências africanas e asiáticas no Brasil. Agora, na Universidade de Brasília, Agostinho pretendia que o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses fosse o local de encontro de todos aqueles que estavam interessados na pesquisa e entendimento das relações Portugal-Brasil: “Com a fundação do Centro reviveu a tal ideia de Recôncavo; aproveitar-se-ia o Chalé para estabelecer aqui a primeira sucursal de tais estudos, ligando-o com o de Estudos Afro-Orientais e dando ânimo a que surgisse o de Estudos Indígenas.”<sup>206</sup>.

A ser assim, o referido Centro, que estava a surgir na Universidade de Brasília, não era só a continuação natural do Centro de Estudos Afro-Orientais. Era também propedêutico para o aparecimento de um terceiro Centro, ainda sem sede, que se deveria articular com os dois anteriores e que se designaria Centro de Estudos Indígenas. Com esta trilogia, o nosso pedagogo pretendia reunir as pessoas e os meios suficientes para estudar “...a linha indígena, asiática e primeira, a linha portuguesa, europeia e segunda, e a linha escrava africana e terceira, dando a única cultura original e coerente de que se pode orgulhar o Brasil...”<sup>207</sup>.

Desta linha de pensamento torna-se claro que para Agostinho o Brasil político nem se entendia nem progredia, porque persistia em ignorar as suas origens. O novo Centro deveria continuar a reavivar o passado e nos jardins dos edifícios a si outorgados, trazer à presença de

---

<sup>205</sup> } *Ibidem*.

<sup>206</sup> } Cf. Agostinho da Silva, “Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito”, em *Textos pedagógicos II*, p. 87.

<sup>207</sup> } *Ibidem*.

toda a comunidade universitária e de todo o povo brasileiro, as suas tradições, os seus costumes, os seus usos. Ou seja, como Agostinho lembrou à assistência que, numa sessão pública, quis ouvir as suas palavras, a esperança no futuro passava pelo conhecimento do passado e pela sua vivência nos aspectos essenciais “...de dedicação, de desinteresse, de compreensão e de amor...”<sup>208</sup>. Se este roteiro fosse cumprido, no entender do nosso autor, estariam criadas as condições para “...chamar a área de Cultura Portuguesa, a pátria ecuménica da nossa língua.”<sup>209</sup>.

Assim, o pedagogo português considerava o trabalho do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses e todos os outros Centros similares como estruturantes para uma nova política de desenvolvimento da sociedade brasileira que, manifestamente, era plural e indígena. Ao referido Centro Brasileiro de Estudos Portugueses da Universidade de Brasília competiria, então, colocar o Brasil e Portugal no “...sentido da convivência humana...”<sup>210</sup>, ajudando a cumprir a profecia de D. Bosco, de quem se diz ter sonhado que no remoto interior das Américas haveria de nascer uma cidade completamente nova que se assumiria, na sua dimensão ecuménica e face ao resto do Mundo, como capital da esperança.

Mas o sonho não se cumpriu, tanto mais que o Universidade de Brasília viria a encerrar os Centros que se encontravam em funcionamento, facto este que foi criticado por Agostinho da Silva que era o responsável pela criação não só do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, mas também pelo Centro de Estudos Clássicos. Da extinção destes centros deixou-nos dito:

**“...a extinção do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Brasília [...] lhe destruiu o centro, o eixo, o núcleo cultural, tornando-a simples fábrica de engenheiros, médicos professores ou advogados; como a extinção do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses a desnacionalizaria, tornando-a uma simples sucursal ou cópia [...] de qualquer medíocre Universidade americana...”**<sup>211</sup>.

---

<sup>208</sup> ) Idem, “Presença de Portugal”, em *Dispersos*, p. 218.

<sup>209</sup> ) *Ibidem*.

<sup>210</sup> ) Idem, “Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito”, em *Textos pedagógicos II*, p. 120.

<sup>211</sup> ) Idem, “Beira – Moçambique. Clássicos do mundo português: Um prefácio geral”, em *Dispersos*, p. 505.



### 3. Reflexão sobre os professores

#### 3.1. Nota introdutória

No que aos professores diz respeito, Agostinho deixou-nos um conjunto considerável de reflexões, o que não é de estranhar, pois na intensa acção pedagógica que desenvolveu, abraçou, desde muito cedo, a profissão docente que manteve até que se reformou.

Quanto à missão de educar ou de organizar e transmitir o conhecimento que normalmente se atribui aos professores, parece-nos evidente que o nosso autor, quando se referia à actividade lectiva, falava, indistintamente, de professores, de intelectuais e de mestres. Por isso, neste ponto e seguindo o seu raciocínio, entenderemos estes três conceitos como equivalentes.

Para o nosso pedagogo, mais importante que o título que habilitava os indivíduos para ensinar uma matéria qualquer, era o saber que cada cidadão adquiria e a disponibilidade que punha em o transmitir àqueles que lho viessem a solicitar. Por assim pensar, já na década de setenta do século findo, Agostinho propunha que "...o ensino e a educação passem a ser das atribuições de todos, ensinando os que sabem mais aos que sabem menos e tomando cada um consciência do que seja educar..."<sup>212</sup>.

Esta disponibilidade para ensinar o que se sabe e, em simultâneo, aprender com quem se ensina aquilo que ainda se ignora, era amplamente difundida pelo nosso pensador. Mesmo quando tinha em mente um ensino dirigido às crianças que por falta de experiência de vida, naturalmente ainda se encontram num grau de conhecimento rudimentar, o pedagogo portuense sempre defendeu que o professor fosse "...humilde perante a criança. Porque muitas vezes vem da parte dela coisas espantosas."<sup>213</sup>.

O nosso pedagogo acreditava sinceramente que, no dia a dia, todos aprendiam com todos e essa aprendizagem era nuclear, mas também era essencial a aquisição por cada um de conhecimentos mais elaborados, como a Física, a Biologia, a Filosofia, a Literatura. Para organizar e transmitir de forma o mais profissional quanto possível este segundo nível de

---

<sup>212</sup> ) Cf. idem, "Fontes e pontes do futuro. Tema: Formação de educadores", em *Vida Mundial*, 1 de Setembro de 1972, p. 25.

<sup>213</sup> ) Idem, "Entrevista: Agostinho da Silva (entrevista a Ana Maria Guardiola & Maria da Conceição Moita)", p. 15.

conhecimentos, o nosso autor foi desenhando uma reflexão de formação de professores. Na base dessa reflexão estava a forma como Agostinho da Silva se definia enquanto professor: “Livrei-me de ser advogado [...] ou juiz [...] de ser marinheiro [...] e vim cair numa profissão, numa ocupação [...] que é um gosto na vadiagem. Que é estudar e ajudar gente a estudar! É isso que eu entendo que é ser professor.”<sup>214</sup>. Desta maneira o pedagogo português deixava bem claro o que, para si, significava ser professor.

De seguida, cotejaremos, então, as suas reflexões sobre a relação pedagógica e os seus intervenientes, começando por destacar a importância que atribuiu à formação e à acção dos professores.

### **3.2. A crítica ao modelo tradicional de professor**

Apesar de Agostinho considerar que a vida de cada um deve ter mais importância “...do que os livros...”<sup>215</sup>, a verdade é que não descurou o ensejo de traçar um plano válido para a formação dos professores.

Tendo sido, no mesmo sistema, primeiro paciente e a seguir agente educativo, tendo passado por todos os graus de formação escolar exigidos, o pedagogo português sentia-se legitimado para contestar o modelo de formação que tão bem conhecia. Primeiramente, criticava “...o mestre que sabe toda a pedagogia moderna, que leu todos os tratados e verbetou todos os artigos de revista...”<sup>216</sup> porque, apesar de uma formação tão aturada “...na aula, contudo, será sombrio e sêco, todo se ocupará em encaminhar os alunos num determinado sentido, procurará que todos venham a ser, o que êle próprio está sendo...”<sup>217</sup>. Era esta, assim, uma formação teoricamente exigente, mas na prática revelava-se-lhe ineficiente, já que apenas levava à formação e à reprodução de um modelo de mestre que “...não compreende a caridade cristã, é autoritário e insensível; decorou educação como quem decora as fórmulas dos ácidos e os sistemas de cristalização.”<sup>218</sup>.

A reprodução deste modelo de mestre era, no entender de Agostinho, nociva ao progresso que a pedagogia reivindicava. Por isso, como era habitual, não hesitou em recorrer a diversas experiências pedagógicas para contrapor os resultados do método tradicional aos resultados de

---

<sup>214</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 216.

<sup>215</sup> ) Idem, “Glossa: Idea”, em *Seara Nova*, nº 393, p. 131.

<sup>216</sup> ) *Ibidem*.

<sup>217</sup> ) *Ibidem*.

<sup>218</sup> ) *Ibidem*.

outros métodos que ousaram romper com a cristalização pedagógica. Neste rol incluía o pedagogo Washburne que, em Winnetka, conseguiu excelentes resultados ciente de que “...não tem nada que se criar o ‘obediente’, tem que se criar o ‘responsável’...”<sup>219</sup>. Agostinho da Silva procurava os princípios de uma pedagogia onde os professores, apesar de terem de leccionar maioritariamente em escolas com finalidades educativas superiormente decididas, não se rendessem à inércia que herdavam. Para tanto, parecia-lhe necessário que em todas as escolas, tal como acontecia em Winnetka, os professores sentissem que “...a sua vida íntima e a sua vida de escola sejam puras e calmas; têm curiosidades intelectuais [...] sabem que a influência sôbre o aluno não vem da palavra, mas do ser [...] têm o amor da sua profissão e o amor dos alunos.”<sup>220</sup>.

O nosso pedagogo era um homem que acreditava na mudança quanto à formação de professores, mas consciente de que sem uma verdadeira vocação dificilmente alguém poderia ser um óptimo professor, constatava que um bom método pedagógico para ter sucesso necessitava de “...um mestre que seja um artista perfeito da pedagogia...”<sup>221</sup>, reconhecendo logo a seguir que “...simplesmente não se podem exigir tais qualidades da massa dos professores...”<sup>222</sup>. Retenhamos a importância desta constatação já quase em meados do século vinte por criticar o facto de os professores enquanto profissionais, na sua maioria, ainda não se terem consciencializado da grandeza do seu trabalho e da responsabilidade da sua acção.

O pedagogo portuense face às insuficiências do modelo de formação de professores ainda adiantava: “Parece-me que professor devia ter menos tempo de aula e ganhar mais, para poder comprar muito livro, ver muita coisa e até viajar...”<sup>223</sup>. Num tempo em que o conhecimento e a sua difusão começava a ser vertiginosa, Agostinho pretendia que “O professor [...] tem cada vez mais de ser enciclopédico, para satisfazer a curiosidade das crianças [...] saber o bastante para lhes indicar que livros hão-de ler ou que lugares hão-de visitar ou uma experiência a fazer, por exemplo.”<sup>224</sup>.

Como escrevia noutro lugar, convinha que quem adquirisse o conhecimento e se dispusesse a transmiti-lo, soubesse

---

<sup>219</sup> } Idem, “As escolas de Winnetka”, em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 3ª série, p. 6.

<sup>220</sup> } *Ibidem*, p. 19.

<sup>221</sup> } *Ibidem*, p. 20.

<sup>222</sup> } *Ibidem*.

<sup>223</sup> } Idem, “Fontes e pontes do futuro: Apontamento”, em *Vida Mundial*, 23 de Junho de 1972, p. 47.

<sup>224</sup> } *Ibidem*.

**“...ir à frente do bando, mas não muito à frente para que não percam a luz. E nada de altivez, nada de desprezo, nada de vaidades absurdas [...] seja sereno, seja afectuoso...”<sup>225</sup>.**

### **3.3. Perfil do professor**

#### **3.3.1. Aspectos gerais**

No ensaio sobre a pedagogia oratoriana, escrito da fase da sua juventude, o nosso autor, no que concerne à formação de professores, elogiou aos oratorianos, primeiro, o terem escolhido para ensinar nos seus colégios “...mestres moços [...] os mais capazes dentre todos de compreender a alma dos discípulos...”<sup>226</sup>, segundo, o terem compreendido “...que professor e sábio são categorias diferentes e que para desenvolver um, se tem, na maior parte das vezes, de sacrificar o outro”<sup>227</sup>, terceiro, terem sabido “...evitar a especialização dos mestres.”<sup>228</sup>.

Noutro escrito da mesma época, Agostinho argumentava ainda a favor de uma pedagogia que em vez de discutir programas e disciplinas, entendesse de uma vez por todas que havia um princípio que se devia sobrepor a todos os outros e servir-lhes de fundamento: “...o professor deve sempre aparecer ao seu discípulo como uma pessoa de cultura perfeita...”<sup>229</sup>, entendendo por cultura perfeita “...tudo o que pode contribuir para lhe dar uma base moral inabalável, sem subserviências nem compromissos.”<sup>230</sup>.

O pedagogo português sustentava as suas propostas num discurso de fundo essencialista, uma vez que afirmava: “Não me basta o professor honesto e cumpridor dos seus deveres...”<sup>231</sup>, pois “...o ser mestre não é de modo algum um emprêgo e que a sua actividade se não pode aferir pelos métodos correntes...”<sup>232</sup>. Como vemos, os métodos normais de aferir competências no que à profissão docente dizia respeito, acompanhavam o pensar maioritário da sociedade que no seu todo sempre desconsiderou as ocupações cujo produto do seu trabalho não é imediatamente quantificável.

Os professores lidam com o conhecimento e este é um processo em renovação constante. Tal facto, no entender do nosso pedagogo, não ajudava a que a sociedade tivesse uma opinião positiva acerca da profissão docente que muitas vezes vacilava ante as questões que lhes eram

---

<sup>225</sup> ) Idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, p. 66.

<sup>226</sup> ) Idem, “Ensaio sôbre a pedagogia oratoriana”, em *Seara Nova*, nº 298, p. 152.

<sup>227</sup> ) *Ibidem*.

<sup>228</sup> ) *Ibidem*.

<sup>229</sup> ) Idem, “Glossa: Vontade”, em *ibidem*, nº 389, p. 75.

<sup>230</sup> ) *Ibidem*.

<sup>231</sup> ) Idem, “Considerações: Projecto dum mestre”, em *ibidem*, nº 495, p. 235.

<sup>232</sup> ) *Ibidem*.

colocadas. Enquanto a sociedade exigia uma espécie de professores infalíveis, Agostinho defendia na profissão docente a cultura da incerteza e da dúvida, convencido que estava que àqueles que têm por função ajudar a educar não competia “...formar os bandos inconscientes e os prontos cadáveres que às nossas ordens obedeçam; salvar-se-á o mundo pelos espíritos claros, tenazes ante o certo, ante o incerto corajosos...”<sup>233</sup>. O nosso pedagogo acreditava que seguindo as linhas gerais das suas propostas quanto à formação de professores, então, não só melhoraria o ensino como também aumentaria o prestígio destes profissionais.

O estado em que se encontrava a educação era exemplo que os professores repetitivos estavam a mais e era urgente substituí-los por gente que tomasse seriamente “...as reais tarefas de descobrir, isto é, de inserir no mundo inteligência humana, aos raros artistas em que à faculdade de criar se junta a de entender.”<sup>234</sup>.

Em 1964, em plena fase de maturidade intelectual, pretendendo mostrar os malefícios da Escola e as disfunções sociais que provocou ao amputar o adulto do espírito da criança e ao introduzir de forma violenta as crianças no mundo dos adultos, Agostinho culpava os professores deste estado de coisas por se terem transformado em meros especialistas “...geralmente o que não sabe fazer mais nada, de ensinar o que o grupo acha desejável, e o de não soltar ninguém sem um exame...”<sup>235</sup>. Procedendo desta forma, o autor português entendia que o professor era o responsável máximo por uma formação que preparava o “...menino para que seja como todos os adultos e entre na vida com todas as ferocidades que eles adquiriram.”<sup>236</sup>. De uma forma algo radical, Agostinho, à época, tinha uma opinião bastante negativa acerca dos professores. Nem sequer abria exceção para os professores de formação humanística que geralmente têm uma cultura geral mais alargada: “...poderíamos ingenuamente supor que pelo menos se salvariam os que vão por aquilo a que chamamos humanidades; que esses seriam apenas humanos [...] cabe-lhes o pior da guerra e da matança; em geral o ensino os tenta: acabam professores; e a razão é sempre a mesma: não sabendo fazer, ensinam a fazer.”<sup>237</sup>.

---

<sup>233</sup> } Idem, “Diário: Quanto aos noviços”, em *ibidem*, nº 519, p. 290.

<sup>234</sup> } Cf. idem, “As folhas soltas de S. Bento e outras – 1: Vinde cá meu tão certo secretário”, em *Dispersos*, p. 297.

<sup>235</sup> } Idem, “Ecúmena”, em *ibidem*, p. 235.

<sup>236</sup> } *Ibidem*.

<sup>237</sup> } *Ibidem*.

### 3.3.2. Capacidade para saber ouvir

O modelo pedagógico que Agostinho sustentava exigia que os professores fossem recrutados de entre os melhores indivíduos que a sociedade possuísse e mostrassem coerência entre aquilo que diziam e aquilo que faziam. O nosso pedagogo apelava à necessidade de a formação dos professores se fazer em moldes científicos, sem por de parte a defesa das capacidades humanas que, em seu entender, um bom educador deveria possuir. O professor por si idealizado, embora desconhecesse “...o movimento da pedagogia actual, que lê pouco e não tem fichas...”<sup>238</sup>, em termos humanos destacar-se-ia porque: primeiro “...sente [...] vive tudo o que há de humanitário e de construtivo na escola...”<sup>239</sup>; segundo “...respeita as personalidades...”<sup>240</sup>; terceiro “...tudo penetra da serena, clara alegria que lhe vem da certeza de que obscuramente [...] trabalha para que amanhã, o mundo seja melhor do que hoje, e da confiança em que será êsse o caminho mais curto e mais seguro para atingir a humanidade inteira aquela fusão em Deus de que falou Aristóteles.”<sup>241</sup>.

O pedagogo portuense foi desde sempre acérrimo defensor de um rigor ético apurado na conduta humana e era esse rigor que agora estendia à formação de professores, como ficou bem demonstrado no longínquo texto de 1945 *Sete cartas a um jovem filósofo*. Para estas missivas escolheu como interlocutor o Luís, recém licenciado em Filosofia e que tencionava “...ser um filósofo, não no sentido de que exporá doutrinas alheias ou construirá uma sua doutrina e se dará satisfeito com tudo isso, mas no sentido de que tentará por a sua vida de acordo com a sua filosofia, à maneira de certos gregos e de quase todos os indús.”<sup>242</sup>. Este filósofo, como ficamos a saber na sétima carta que Agostinho lhe enviou “...vai ser um professor de filosofia...”<sup>243</sup>. Por isso entendemos que o conteúdo ético destas cartas se encontra direccionado para aqueles que, como o Luís, fizeram uma formação universitária para exercer a actividade docente.

Deste epistolário, no que concerne a este ponto, realçaremos o elogio do silêncio, que o nosso autor nos apresenta, de forma paradoxal, como a mais correcta forma de ouvir: “Os mais fracos correm diante das suas emoções uma porta ondulada de ironia. Os mais fortes, porém, e

---

<sup>238</sup> ) Idem, “Glossa: Idea”, em *Seara Nova*, nº 393, p. 131.

<sup>239</sup> ) *Ibidem*.

<sup>240</sup> ) *Ibidem*.

<sup>241</sup> ) *Ibidem*.

<sup>242</sup> ) Idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, pp. 10-11.

<sup>243</sup> ) *Ibidem*, p. 67.

eu desejo que você seja dos mais fortes, encerram-se num palácio de silêncio.”<sup>244</sup>. Nesta defesa do silêncio, Agostinho defendia que o calar não se confundia com o consentir, chamando a atenção do seu interlocutor para o elevado valor da dimensão individual e subjectiva de cada um, por lhe parecer que, fora dela, o mundo não poderá revelar os seus mistérios. Pelo uso quase exclusivo da racionalidade que a educação oficial tem vindo a fomentar, parecia óbvio ao nosso autor que não se beneficiava a condição humana e “...quando se perde humanidade, não vale a pena ser filósofo...”<sup>245</sup>. Desta forma, Agostinho apelava para a necessidade de cada um ganhar a insatisfação do homem bem educado que a toda a hora se reconhece ignorante e insatisfeito, para a cada momento saciar um pouco mais a sua necessidade de compreender o mundo que o envolve.

Respeitando estas exigências, escolher alguém para o exercício da profissão docente seria uma tarefa complexa pois, muitos daqueles a quem o ensino oficial certificou com a habilitação profissional para o exercício da profissão, como lhe faltavam as qualidades humanas, não poderiam desempenhar esta nobre tarefa.

### **3.3.3. O amor como qualidade primeira de um educador**

O pedagogo português, das principais qualidades que um professor deveria possuir destacou a paciência, a benevolência e o amor.

Agostinho citando um trabalho realizado por Kerschensteiner, defendeu que “...a grande qualidade do professor, ou do educador em geral, era a do amor pela criança...”<sup>246</sup>. Um amor que tinha de se manifestar “...adulto e limpo de cicatrizes...”<sup>247</sup>, conservando “...em si todo o fogo de uma infância livre...”<sup>248</sup> para poder fazer uso de “...todo o juízo crítico de um espírito desenvolvido...”<sup>249</sup>. Ao amor como capacidade maior da actividade lectiva o professor tinha ainda de juntar a capacidade de ser “...justo [...] bom [...] cortesia [...] nunca ter pressa [...] afectuoso [...] capacidade de ironia [...] previsível e paciente...”<sup>250</sup>.

---

<sup>244</sup> } *Ibidem*, p. 25.

<sup>245</sup> } *Ibidem*, p. 59.

<sup>246</sup> } Idem, “Fontes e pontes do futuro. Tema: Formação de educadores”, em *Vida Mundial*, 1 de Setembro de 1972, p. 26.

<sup>247</sup> } *Ibidem*.

<sup>248</sup> } *Ibidem*.

<sup>249</sup> } *Ibidem*.

<sup>250</sup> } *Ibidem*.

Foi, por isso, que elogiou o trabalho de Frantisek Bakulé, que, no início do século vinte, tinha relevado “...que as receitas nada valem e para cada caso sabia construir uma solução nova; sentia sobretudo que a grande força da educação é o amor [...] todos os rapazes viam nele um companheiro mais velho que os amparava com a sua experiência...”<sup>251</sup>.

O amor impunha-se assim como medida de formação dos professores porque ajudava a fazer deles homens mais compreensivos e mais próximos daqueles que haveriam de educar. As qualidades técnicas não deixavam de ser importantes, mas eram claramente secundarizadas uma vez que, para o nosso autor, era mais importante formar homens escoreitos do que especialistas frustrados que passariam o resto das suas vidas apenas a executar tarefas previamente definidas. Enfim, convinha formar professores com a inteira convicção de que “...o mestre tem de ser um artista e não um sábio.”<sup>252</sup>.

#### **3.3.4. Boa preparação académica**

Naturalmente que Agostinho, se dava ênfase ao desenvolvimento das qualidades humanas, nunca descurou a preparação académica, pois considerava que, na prática pedagógica, se era importante ser um bom homem, também não deixava de ser importante ser competente na área do conhecimento que se leccionava. Defendendo uma formação contínua que em vez de ser exigida por decreto deveria brotar das necessidades intrínsecas de cada professor, o nosso autor alertava: “Os educadores não podem consentir que factores exteriores ou interiores façam ‘entupir’ a sua curiosidade.”<sup>253</sup>.

Deste postulado, segue-se que o nosso pedagogo defendia

**“...para os mestres de qualquer categoria [...] uma séria preparação universitária. Acrescentarei que excluiria dela a aplicação das ciências e que insistiria na filosofia, nas matemáticas e nas artes; a *Ética*, o cálculo integral e Ticiano ensinam mais a tratar com uma criança que todos os livros de psicologia experimental ou de pedagogia teórica...”**<sup>254</sup>.

Assim, embora o nosso pedagogo estivesse convicto de que a actividade lectiva exigia uma preparação específica, lembrava que mais importante que aprender a ensinar era saber

---

<sup>251</sup> ) Cf. idem, “Frantisek Bakulé”, em *Peregrinação*, nº 5, p. 11.

<sup>252</sup> ) *Ibidem*, p. 15.

<sup>253</sup> ) Idem, “Entrevista: Agostinho da Silva (entrevista a Ana Maria Guardiola & Maria da Conceição Moita)”, p. 15.

<sup>254</sup> ) Idem, “Diário: Do professor e da cultura”, em *Seara Nova*, nº 511, p. 128.



aquilo que se devia ensinar. Em seu entender, se um professor nada tivesse aprendido daquilo que ia ensinar Matemática, História, Filosofia, Física, não seria a preparação pedagógica específica que lhe haveria de conferir a possibilidade de ensinar aquilo que não sabia, referindo sem rodeios que “...os grandes defeitos das escolas actuais se poderiam filiar na ignorância e na estreiteza de espírito de que dão provas quási todos os mestres.”<sup>255</sup>.

Não é por isso de estranhar que o nosso autor defendesse que os professores deviam possuir um “...saber imenso, enciclopédico...”<sup>256</sup>, podendo desde logo ser professor todo aquele que “...teve uma experiência válida e a sabe transmitir...”<sup>257</sup>. Ao contrário, jamais poderia ser professor “...quem não a teve ou não o sabe...”<sup>258</sup>.

De acordo com a reflexão feita sobre as novas experiências pedagógicas que lhe forneciam a base para a sua reflexão sobre a formação de professores, expôs as disciplinas que os que se preparavam para a profissão docente, deviam frequentar, nisto seguindo o modelo de Kerschensteiner. Das obrigatórias faziam parte, entre outras, a “...filosofia e métodos de educação...”<sup>259</sup>. À componente teórica, o nosso autor juntou-lhe a necessidade da “...formação do professor em comunidade...”<sup>260</sup>, dizendo-nos que este tipo de formação, pese embora todas as dúvidas, se deve ter inspirado nos “...’Kibutzim’ israelitas, e pela proliferação nos países industrializados das comunidades de vários tipos...”<sup>261</sup>. Para além do modelo de formação de professores proposto por Kerschensteiner, elogiou outros métodos praticados por pedagogos tais como “...Cecil Reddie, com suas New Schools, Lietz, com as Casas de Educação Rural [...] Washburne, o das escolas de Winnetka, e o pensador e pedagogo espanhol Lorenzo Luzuriaga.”<sup>262</sup>.

A exigência requerida a quem deliberada e assumidamente escolheu ser professor, ficou bem clarificada desde a juventude do nosso autor. Na glosa *Revolta*, quando apontou a insatisfação que a Escola gerava em quase todos os que a frequentavam, lançou como fiel da balança o professor, por entender que ante tanta hostilidade “...mais do que qualquer outro êle tem de viver pelo espírito e para o espírito; só o pode tornar inquieto o não conhecer as causas

---

<sup>255</sup> } *Ibidem*.

<sup>256</sup> } Idem, “Fontes e pontes do futuro. Tema: Formação de educadores”, em *Vida Mundial*, 1 de Setembro de 1972, p. 26.

<sup>257</sup> } *Ibidem*.

<sup>258</sup> } *Ibidem*.

<sup>259</sup> } *Ibidem*.

<sup>260</sup> } *Ibidem*.

<sup>261</sup> } *Ibidem*.

<sup>262</sup> } *Ibidem*.

dum fenómeno; mas já para as descobrir tem de ser sereno...”<sup>263</sup>. Considerado como o principal elo da cadeia escolar, para o nosso pedagogo caberia ao professor sobrepor-se a todos os interesses e às vontades contraditórias, alargando “...ao máximo as possibilidades da escola, fornecendo a todos os alunos uma sólida base moral, levando-os ao hábito de não aceitarem nenhuma idea sem a examinarem bem por tôdas as faces, repelindo a autoridade e o tempo, solicitando-os para o campo da crítica criadora...”<sup>264</sup>. Esta era a difícil missão que estava reservada aos professores que apenas teriam a recompensa de, aqui e ali, verem florescer o espírito da cooperação e o exercício da crítica, pelo empenho de indivíduos autónomos que se destacavam, ainda que raramente, da multidão a quem hão-de passar a servir de faróis que lhes permitirão adaptar o tempo presente às novas exigências e solitudes.

### **3.3.5. Serviço de missão e total empenho na Verdade**

O exercício da docência, no entender de Agostinho, só se poderia levar a bom porto se fosse praticado em serviço de missão e num estrito compromisso para com a verdade.

Para fundamentar esta exigência, o nosso autor descreveu-nos a acção exemplar de alguns pedagogos que considerava de eleição. Foi o caso, mais uma vez, de Lietz, que, baseado no absoluto valor da liberdade, fundou escolas onde se praticavam novas didácticas, já que tinha compreendido “...que o verdadeiro educador, como um artista, não se exprime pelas regras dos outros: cria êle próprio o seu meio de acção.”<sup>265</sup>. Lietz, dizia-nos Agostinho, ousou ser diferente na consideração da pedagogia e na organização da Escola porque quis “...construir personalidades equilibradas, aptas a compreender a vida e a dominá-la, a perceber a beleza e a criá-la [...] o excessivo intelectualismo, o gôsto da erudição deviam ser banidos do ensino...”<sup>266</sup>.

Sanderson, que também orientou a sua acção pedagógica em ruptura com o velho ideário, foi para o nosso autor outro pedagogo exemplar. São várias as ideias agostinianas que foram colhendo o seu fundamento a um ideário onde “O educador tem nas mãos a chave do futuro [...] nenhum sistema político, nenhuma organização económica, nenhuma pregação moral poderão dar resultados duradouros e profundos se um trabalho de educação prévio lhes não fornecer um ambiente favorável [...] o país que se queira renovar tem de dar aos seus mestres,

---

<sup>263</sup> ) Idem, “Glossa: Revolta”, em *Seara Nova*, nº 397, p. 201.

<sup>264</sup> ) *Ibidem*, p. 202.

<sup>265</sup> ) Idem, “As escolas de Lietz”, em *O Diabo*, 9 de Dezembro de 1939, p. 1.

<sup>266</sup> ) *Ibidem*.

na organização geral, um lugar de primeiro plano...”<sup>267</sup>. Tanto mais que, em plena concordância com Sanderson, Agostinho acreditou piamente que “...antes de vir para lutar e possuir, o homem veio para criar...”<sup>268</sup>. Para tanto, seria preciso que a Escola e os executantes da política educativa soubessem “...abrir para os homens uma vida em que o lema não seja de luta egoísta, mas de cooperação...”<sup>269</sup>.

Noutro texto, Agostinho elogiou Pestalozzi por não ter concebido “...o professor senão humilde e modesto, todo entregue à sua grande missão e desprezando as honrarias e atrações do mundo...”<sup>270</sup>.

O nosso autor, reconhecendo que a sociedade nunca aceitou muito bem os novos ideários pedagógicos nem os professores que ousaram mudar as escolas que herdaram, deixou-nos dito:

**“...o mestre não se fez para rir; é de facto um mestre aquê de que os outros se riem, aquê de que troçam todos os prudentes e todos os bem estabelecidos; pertence-lhe ser extravagante, defender os ideais absurdos, acreditar num futuro de generosidade e de justiça, despojar-se êle próprio de comodidades e de bens...”<sup>271</sup>.**

Tanto mais que segundo a proposta agostiniana “...o mestre é o homem que não manda [...] não o interessa vencer [...] tornar alguém melhor – eis todo o seu programa...”<sup>272</sup>.

Era ainda convicção do pedagogo portuense que para suportar a agressividade exterior, o mestre nunca deveria prescindir da “...mocidade, o entusiasmo e a alegria que requiere a missão pedagógica.”<sup>273</sup>.

Agostinho aconselhava todos aqueles que escolhiam ser professores, para que pusessem as suas vidas “...ao serviço da justiça [...] [tendo] por princípio e por fim o desejo de uma humanidade melhor...”<sup>274</sup>. Para cumprir este desiderato o nosso autor achava que aquele que possuísse mais conhecimentos, deveria estar “...sempre ao lado dos vencidos...”<sup>275</sup>, protestando

---

<sup>267</sup> ) Idem, *Sanderson & a escola de Oundle*, p. 39.

<sup>268</sup> ) *Ibidem*, p. 43.

<sup>269</sup> ) *Ibidem*, p. 44.

<sup>270</sup> ) Cf. idem, *Vida de Pestalozzi*, p. 73.

<sup>271</sup> ) Idem, “Considerações: Projecto dum mestre”, em *Seara Nova*, nº 495, p. 235.

<sup>272</sup> ) *Ibidem*.

<sup>273</sup> ) *Ibidem*.

<sup>274</sup> ) Idem, “Diário: 3”, em *ibidem*, nº 512, p. 152.

<sup>275</sup> ) *Ibidem*.

“...contra a vileza, contra a cobardia dos que esmagam quem têm à mercê, dos que torturam os corpos e as mentes, dos que se armam contra os desarmados...”<sup>276</sup>.

O professor, sem se afastar de um comportamento exigente, deveria fazer com “...que os cativos se redimam; mas se nada conseguires de imediato, terás dado ao mundo um exemplo de liberdade interior e de firme coragem...”<sup>277</sup>. A exigência do nosso autor ia, assim, para lá do simples facto de cada um desempenhar com mais ou menos eficácia a profissão que escolheu.

## **4. A relação pedagógica**

### **4.1. Modelo criticado**

O pedagogo portuense, no essencial, rejeitou a relação pedagógica própria do modelo da Escola tradicional, sem, contudo, quando achou necessário, deixar de elogiar alguns dos seus aspectos por lhe continuarem a parecer correctos. Dizia-nos ele: “Numa escola organizada deste modo e sobre o princípio de que a criança é um ser passivo que se forma do exterior, segundo a medida do adulto, tem o professor um papel de grande importância...”<sup>278</sup>.

Agostinho da Silva jamais poderia pactuar com uma relação pedagógica baseada na dominação pessoal, ou com uma relação pedagógica que se sustentasse no princípio da cultura considerada dominante. Por isso, criticou as escolas dos jesuítas por fundarem a prática pedagógica no culto da emulação e na distinção individual: “Na aula, os alunos dispunham-se segundo a ordem de méritos: à frente os centuriões, depois os mais bravos da hoste, no fim a plebe dos considerados estúpidos e indolentes. Eram só os primeiros quem aparecia nas sessões solenes em que o professor apresentava ao público os seus alunos, como se se tratasse de cães sábios...”<sup>279</sup>.

O pedagogo portuense também repudiou a relação pedagógica que se suportava na mera reprodução do saber. A designada pedagogia directiva, tal como era praticada, ao pôr o professor como centro da actividade pedagógica e o aluno como mero receptáculo do saber já feito, foi combatida ferozmente pelo nosso pedagogo: “...há mestres cujo ideal é ter os alunos

---

<sup>276</sup> } *Ibidem*, p. 153.

<sup>277</sup> } *Ibidem*.

<sup>278</sup> } *Idem*, *O método Montessori*, p. 36.

<sup>279</sup> } *Idem*, “Ensaio sobre a pedagogia oratoriana”, em *Seara Nova*, nº 298, p. 150.

muito quietos nas suas carteiras, decorando as suas lições e recitando-as quando o professor o exige, sem que se lembrem sequer de fazer perguntas ou de pôr questões que possam, pela falta de resposta satisfatória do mestre, afectar-lhe o prestígio...”<sup>280</sup>.

## 4.2. Modelo defendido

Aproveitando os progressos da pedagogia, Agostinho formulou um novo modelo para a relação pedagógica:

**“...o professor tem de ser de um tipo completamente diferente do que reina nas velhas escolas [...] aqui não é ele o dispensador onipotente de toda a vida e de todo o progresso [...] são as crianças que lhe mostram a ele o que se tem de fazer, são elas quem lhe revela toda a riqueza dos seus espíritos, quem lhe vai descobrindo momento a momento as forças admiráveis que as fazem avançar.”<sup>281</sup>.**

O nosso pedagogo estava consciente de que a nova educação dispensava menos conhecimentos aos alunos, mas não se importava com isso desde que ela fornecesse a cada um aquilo que mais desejava, ajudando-o a caminhar com a maior liberdade possível em torno da existência.

Se os jesuítas forneceram ao nosso autor um mau modelo da relação pedagógica, os oratorianos, pelo contrário, ao interessarem-se de igual modo por “...todos os meninos...”<sup>282</sup> que frequentavam os seus estabelecimentos de ensino, mereceram-lhe os melhores elogios. Os professores destas escolas, na opinião do nosso pedagogo, colocaram-se ao lado dos alunos para assim poderem testemunhar, com o recurso à educação, não a luta pelo triunfo do mais forte mas a cooperação e o redobrado interesse pelo mais fraco. Os professores que leccionavam nas escolas do Oratório davam, pela prática pedagógica quotidiana, testemunho de uma pedagogia que “...representa o triunfo da educação que deseja criar homens livres e não autómatos, homens que não temam bater-se contra toda a tentativa de opressão [...] ensinaram

---

<sup>280</sup> ) Idem, “O sábio Confúcio”, em *Á Volta do Mundo – textos para a juventude*, p. 23.

<sup>281</sup> ) Idem, *O método Montessori*, p. 43. Em 1970, num folheto evocativo da vida e da obra de Montessori, escreveu: “...o professor falava pouco e nunca por detrás de uma mesa, entendendo que lhe valia mais aproveitar o tempo estudando como os outros [...] atento a seus alunos quando lho podiam, mas nunca intervindo ou perturbando o trabalho que ia cada um executando, mesmo com erros...” (cf. idem, “Celebrando a Montessori”, em *Bahia – coleção de folhetos*, pp. 14-15).

<sup>282</sup> ) Idem, “Ensaio sobre a pedagogia oratoriana”, em *Seara Nova*, nº 298, p. 151.

aos seus alunos o respeito pela liberdade humana, o amor da ciência, o culto da razão...”<sup>283</sup>. Mas sobretudo, Agostinho elogiou as escolas do oratório por serem capazes de “Tratar bem os alunos, deixar-lhes toda a iniciativa, não os deprimir com os castigos brutais...”<sup>284</sup>.

O mesmo comportamento elogiou a Pestalozzi e à prática pedagógica que instaurou na escola de Burgdorf “...os alunos viram com espanto que o novo professor não batia, lhes sabia contar histórias, os sentava nos joelhos e andava por entre os bancos a ajudá-los nas dificuldades que encontravam...”<sup>285</sup>. A enraizada submissão à autoridade do professor e ao seu distanciamento face aos alunos era já tão sólida que as crianças que iam aprender com Pestalozzi, sentindo o carinho e o interesse agora demonstrado pelo mestre, estranharam, chegando mesmo a duvidar da nova abordagem educativa. Agostinho destacou, ainda, a relação pedagógica estabelecida por Pestalozzi por se basear num ensino que não se dirigia “...a uma classe mediana, abstracta e falsa, mas a cada um dos alunos concretamente...”<sup>286</sup>, pelo processo “...da paciência e da bondade, da compreensão e confiança...”<sup>287</sup>.

A relação pedagógica descrita no Plano Dalton, foi também usada como exemplo pelo nosso autor, que lhe elogiou os princípios estruturadores “...de liberdade, de responsabilidade, de autodomínio, de actividade...”<sup>288</sup>, face aos quais “O professor que discursa não tem cabimento [...] o professor indica o trabalho, aconselha, mostra os meios de se vencer qualquer dificuldade que apareça, mas faz o possível por que o aluno aprenda por si, trabalhe por si, em si confie...”<sup>289</sup>. Ou seja, Agostinho elogiava a acção pedagógica em que a Escola e o professor reconheciam que os alunos se sentiam “...impelidos por uma força que vem deles próprios. Não é um processo lógico, mas um processo de amor por eles próprios.”<sup>290</sup>.

O nosso pedagogo atribuía aos alunos um valor importante na relação pedagógica, já que era a eles que passava a pertencer a iniciativa de todo o trabalho escolar. Com a diluição da figura do professor e a assunção do papel de toda a turma na actividade lectiva, resultava, para Agostinho que “...a barreira entre professores e alunos abatia-se por completo [...] no trabalho

---

<sup>283</sup> ) *Ibidem*, p. 152.

<sup>284</sup> ) *Ibidem*.

<sup>285</sup> ) *Idem*, *Vida de Pestalozzi*, p. 69.

<sup>286</sup> ) *Ibidem*, p. 80.

<sup>287</sup> ) *Ibidem*, pp. 80-81.

<sup>288</sup> ) *Idem*, “O Plano Dalton”, em *O Diabo*, 8 de Julho de 1939, p. 1. Em outro escrito sobre o mesmo plano, Agostinho escrevia: “O professor de cada laboratório exerce junto dos alunos uma acção de esclarecedor, de guia e procura sempre [...] levar a criança a progredir, fazendo sempre que o trabalho lhe não surja como tarefa pesada, mas como actividade a que se entrega com gosto” (cf. *idem*, “O plano Dalton”, em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 7ª série, p. 21).

<sup>289</sup> ) *Idem*, “O Plano Dalton”, em *O Diabo*, 8 de Julho de 1939, p. 6.

<sup>290</sup> ) *Idem*, “Entrevista: Agostinho da Silva (entrevista a Ana Maria Guardiola & Maria da Conceição Moita)”, p. 13.

por grupos, o mestre é um colaborador e um amigo; as relações não são pautadas pelo medo da pancada ou das más notas ou [...] por um orgulho dominador; regram-se pelo respeito das capacidades e da dedicação e desenrolam-se num ambiente de confiança, de amizade viril, de verdadeiro amor pedagógico.”<sup>291</sup>.

Para melhorar o estado em que se encontrava a educação, o pedagogo portuense apelou à substituição dos profissionais repetitivos por outros que tomassem seriamente “...as reais tarefas de descobrir, isto é, de inserir no mundo inteligência humana, aos raros artistas em que à faculdade de criar se junta a de entender.”<sup>292</sup>. Para tanto, como era habitual no nosso pensador, ia reflectindo a partir da sua experiência pessoal no sentido de traçar o perfil do professor que a nova escola precisava, dizendo-nos que nunca tentou “...impor a alguém ideia [...] tentando eu todo o possível por que os meus alunos nunca tivessem ambições de governar mandando ou ensinar impondo; no primeiro caso, obedecendo, à lei e ao povo [...] no segundo caso aprendendo...”<sup>293</sup>.

Face à prática pedagógica que ia presenciando e experimentando, e indo ao encontro das propostas da Educação Nova, o pedagogo portuense não se cansava de reclamar a rápida substituição do professor omnisciente, entendido como o elo principal da relação pedagógica, pelo “...encontro quotidiano de pesquisadores e inventores e criadores em vários graus de progresso...”<sup>294</sup>.

### **4.3. O elogio do Mestre**

Vale a pena traçar o estatuto do Mestre que Agostinho nos legou, tanto mais que há nítidas semelhanças com o perfil do professor por si traçado. Para o nosso pedagogo o mestre devia ter uma personalidade e um carácter bem formados, nada devia exigir aos seus discípulos, devia ser tolerante e paciente. Deveria, acima de tudo, guiar-se pelo amor, que tudo suporta e tudo espera, exercendo a sua missão convicto de que “...se os alunos passam a ser melhores que o mestre, o mestre é inútil...”<sup>295</sup>.

Sobre Policlés, uma das personagens dos seus diálogos o nosso autor a dado momento referiu: “Se não fôsse tão grande mestre, jamais os seus discípulos sentiriam o anseio sagrado

---

<sup>291</sup> ) Idem, *Sanderson & a escola de Oundle*, p. 46.

<sup>292</sup> ) Cf. idem, “As folhas soltas de S. Bento e outras – 1: Vinde cá meu tão certo secretário”, em *Dispersos*, p. 297.

<sup>293</sup> ) Idem, “Compostela – carta sem prazo a seus amigos. Primeira de 71”, em *ibidem*, p. 515.

<sup>294</sup> ) Idem, “Considerando o Quinto Império”, em *ibidem*, p. 199.

<sup>295</sup> ) Idem, “O sábio Confúcio”, em *Á Volta do Mundo – textos para a juventude*, p. 24.

de o ultrapassar [...] o mestre vulgar é como os passarinhos que cortam as asas das pombas para que [...] não voem até onde eles as não possam alcançar.”<sup>296</sup>. Concluindo, mais à frente, que os grandes mestres “...não quererem tornar ninguém semelhante a si próprios [...] o mestre que pretende modelar os discípulos como imagens da sua própria maneira de ser [...] não liberta espíritos, arrebanha escravos.”<sup>297</sup>.

O interlocutor de Policlés, Menexeno, reconhecendo de imediato que a criança era a parte mais fraca na relação pedagógica, sendo como o mármore a desbastar, fez com que Policlés lhe respondesse que para polir essa pedra rude, era necessário um mestre que “...antes de esculpir um homem na criança que lhe entregaram [...] deve ter um ideal de homem...”<sup>298</sup>. Mas logo a seguir Agostinho fazia dizer a Policlés: “...o mestre não deve formar os discípulos à imagem de Heraclito ou do sapateiro ou à sua própria imagem, deve fazer alguma coisa de mais alto e de mais belo [...] deve-lhes dar o hábito e o amor do pensamento, desenvolver o que nêles há de verdadeiramente humano...”<sup>299</sup>. Nesta tomada de posição, Policlés, decisivamente, encarna na perfeição o ideário pedagógico do nosso autor, pondo em relevo que mais importante do que instruir meninos é educar pessoas e que um dos palcos essenciais para essa educação é a vida e não a Escola.

A Escola, ao invés, aparecia ao nosso autor como uma espécie de prisão que os educadores geriam com mestria e contra os interesses daqueles que a frequentavam. Tanto assim era que Policlés, mais uma vez, acreditando na possibilidade de manter a bondade original, escrevia: “Vivo com os jovens [...] e tenho-os surpreendido menos egoístas, menos rebeldes e menos questionadores [...] nunca imitei os pedagogos.”<sup>300</sup>. Tal afirmação faz-nos supor que se a educação dos jovens for a correcta, se os modelos de homem com que forem deparando não lhes trouxerem a confusão, mas sim a serena calma de quem vive fiel àquilo que mostra ser no respeito absoluto da individualidade de cada um, então o futuro poderá aproximar mais os indivíduos da sua humanidade.

Terminando este ponto, convém realçar que, na opinião do nosso pedagogo, a importância do mestre na educação era ajudar os discípulos a serem eles mesmos:

---

<sup>296</sup> ) Cf. idem, “Policlés”, em *Parábola da mulher de Loth seguida de Policlés e de um apólogo de Pródico de Céos*, p. 27.

<sup>297</sup> ) *Ibidem*, p. 28.

<sup>298</sup> ) *Ibidem*, p. 35.

<sup>299</sup> ) *Ibidem*, p. 42.

<sup>300</sup> ) *Ibidem*, p. 71.



**“É dever do mestre fazer com que seu discípulo seja o que é; para o transformar nele mesmo, só tem que deixá-lo ir sendo, consigo e todos e tudo aprendendo o que é; e, a cada experiência com ele o mestre reflita.”<sup>301</sup>.**

---

<sup>301</sup> ) Idem, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, p. 173.

### III. EDUCAÇÃO EXTRA-ESCOLAR E FIGURAS MODELARES DA HUMANIDADE

#### 1. Educação extra-escolar

##### 1.1. O Escutismo

Foram várias as considerações elogiosas que o pedagogo português teceu ao escutismo. Ao relatar a experiência pedagógica de Lietz, que proporcionava às crianças um grande contacto com a natureza, afirmou ter sido esta prática aproveitada por Baden-Powell, pois em ambas as experiências as crianças "... iam para os bosques próximos e eram piratas e índios à sua vontade: voltavam cobertos de suor e de glória; e sobretudo adquiriam para sempre o amor da liberdade e o gosto das empresas perigosas."<sup>302</sup>.

Agostinho contactou de perto com o escutismo, tendo mesmo sido "... chefe de escuteiros sem nunca ter sido escuteiro."<sup>303</sup>. Este facto ocorreu quando foi leccionar para Santa Catarina onde "... estavam a organizar um grupo de escuteiros, no qual estava o meu filho. E como não tinham ninguém para chefe, convidaram-me. Eu não me sentia muito capacitado para aquilo, mas insistiram e lá fui..."<sup>304</sup>.

Como esta experiência lhe agradou, o nosso autor dedicou um estudo ao movimento e ao seu fundador, Baden-Powell, a quem elogiou o ter partido da "... ideia de que a escola devia ser na medida do possível substituída pela prática e a prática individual acompanhada pela prática do grupo."<sup>305</sup>. Sem deixar de realçar as coincidências do movimento escutista com o ideário cristão, Agostinho elogiou ainda a Baden-Powell a preocupação em pôr de parte "... a ideia de concorrência entre indivíduos e lhe substituiu essa ideia de colaboração do indivíduo com o seu grupo."<sup>306</sup>.

Outros foram os encómios que Agostinho rendeu ao movimento, entre os quais, a profunda impressão que lhe deixou ao constatar que, no seu seio, se dava alento a jovens

---

<sup>302</sup> ) Idem, "As escolas de Lietz", em *O Diabo*, 9 de Dezembro de 1939, p. 1.

<sup>303</sup> ) Idem, "Entrevista aos escuteiros do Estoril - Outubro de 1991 (entrevista a Luís Villalobos), p. 30.

<sup>304</sup> ) *Ibidem*.

<sup>305</sup> ) Idem, "Baden-Powell, pedagogia e personalidade", em *Textos pedagógicos II*, p. 29.

<sup>306</sup> ) *Ibidem*, p. 30.

desalentados, se trazia alegria e esperança a jovens tristes e desesperados, ao ponto de futuramente os encontrar “...colocados em vários ramos de actividade, todos eles com a ideia fundamental de servir, do serviço...”<sup>307</sup> a toda a comunidade.

Para o nosso pedagogo, este sucesso educativo devia-se ao facto de as crianças desde muito cedo se desenvolveram em contacto permanente com a natureza e com os outros, em exercitarem a actividade lúdica, o que fazia com que, por exemplo “Quando um escuteiro marcha, ele não marcha com o gosto de marchar bem, mas pelo compasso com os companheiros e pela diferença que, ao mesmo tempo, tem com eles.”<sup>308</sup>.

## **1.2. Educação de adultos, permanente e comunitária**

### **1.2.1. Educação de adultos**

Nos anos noventa do século vinte Agostinho já estava consciente de que “Alfabetizar hoje uma pessoa não é apenas mostrar-lhe como se escreve isto ou aquilo.”<sup>309</sup> Esta constatação advinha-lhe, mais uma vez, da própria experiência: “Curiosamente, foi uma coisa que só descobri em mim há pouco tempo. Estava a ler um artigo sobre a Lua e o autor explicava por que é que há Lua Nova. Eu nunca tinha pensado naquilo. Eu era analfabeto em Lua Nova.”<sup>310</sup>.

Ou seja, o pedagogo portuense não encarava a educação de adultos como uma mera formalidade para ensinar a ler, escrever e contar, suprimindo assim uma carência que muitos indivíduos continuavam ainda a manifestar. Num tempo em que a massificação da escola já ia garantindo esses conhecimentos básicos a um número razoável de cidadãos, era preciso que a educação de adultos se preocupasse com outro tipo de prioridades. Foi com esse propósito que Agostinho referiu: “...não é preciso alfabetizar as pessoas. Agora era apenas preciso vir um homem e dizer assim: essa coisa do satélite português que foi para o ar como é que trabalha? Então eu explico-lhe como é que é, e ele fica alfabetizado para o importante, que no fundo é perceber o mundo actual e o mundo em que vivemos.”<sup>311</sup>.

Para o nosso autor, a alfabetização era agora encarada como um processo de facultar a cada um, não os rudimentos que a escolaridade básica devia garantir, o escrever, o ler e o

---

<sup>307</sup> ) Cf. idem, “Entrevista aos escuteiros do Estoril - Outubro de 1991 (entrevista a Luís Villalobos), p. 30.

<sup>308</sup> ) *Ibidem*, p. 31.

<sup>309</sup> ) Idem, *A última conversa – [entrevista de Luís Machado]*, p. 95.

<sup>310</sup> ) *Ibidem*, pp. 95-96.

<sup>311</sup> ) Cf. *ibidem*, p. 96.

contar, mas o auxílio à ignorância manifestada ante o real que o interpelava. Era por estar convencido dessa necessidade que o nosso autor escrevia:

**“Para mim Educação de Adultos é satisfazer a curiosidade que o adulto tenha. O mundo deve estar aparelhado para que as pessoas possam aprender aquilo que querem saber nas diferentes matérias, sem qualquer espécie de humilhação.”<sup>312</sup>.**

Para exemplificar melhor este ponto de vista, o pedagogo português contou-nos a história de uns indivíduos que trabalhavam numa pedreira e precisavam de carta de motociclo, para a obtenção da qual era necessário algum grau de instrução. Como precisavam da carta e não tinham a instrução exigida, trataram logo de a ir obter, o que Agostinho aplaudia porque aqui, na sua opinião, “...havia um outro interesse que não o da leitura.”<sup>313</sup>.

Desta forma, Agostinho combatia ainda “...a mania em muitos países de obrigar as pessoas a ler, para depois as mandar ler coisas que não têm o menor interesse, nem para elas nem para ninguém...”<sup>314</sup>. As consequências desta forma de proceder eram, na opinião do nosso autor, muito graves, porque acabavam com “A cultura que as pessoas tinham, que era uma cultura lógica, una, interessante, despedaçada por essa coisa de introdução da leitura.”<sup>315</sup>.

Como vemos, Agostinho não se preocupava muito com a ideia de poder haver analfabetos no sentido tradicional do termo, contestando mesmo uma das bases desta forma de proceder: “A mania de não haver analfabetos vem sobretudo do princípio jurídico de ninguém se poder desculpar por ignorar a lei.”<sup>316</sup>. Para o pedagogo português, o que deveria ser realmente importante, quanto ao analfabetismo, era “...criar primeiro as condições que levassem a aprender as pessoas que quisessem ler! As que quisessem! Garantindo-se a vida plena de todos aqueles que declarassem que não queriam ler...”<sup>317</sup>. Desta forma, Agostinho achava que se garantiria o direito que assistia a cada um de decidir sobre a aquisição ou a não aquisição dos conhecimentos que os Estados achavam essenciais. Relevando o seu ponto de vista crítico, o nosso pedagogo, afirmava com veemência:

---

<sup>312</sup> ) Idem, “Entrevista: Agostinho da Silva (entrevista a Ana Maria Guardiola & Maria da Conceição Moita)”, p. 15.

<sup>313</sup> ) Idem, “Portugal e os portugueses – a utopia de bolinar (entrevista a António Macedo)”, p. 47.

<sup>314</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 66.

<sup>315</sup> ) *Ibidem*.

<sup>316</sup> ) *Ibidem*.

<sup>317</sup> ) *Ibidem*, p. 67.

**“...com tanta dourice que há no mundo, há muita gente que seria muito saudável quando declarasse: ‘Eu não quero ler, nem quero saber ler, para não chegar a essa porcaria de ser doutor’.”**<sup>318</sup>

### **1.2.2. Educação permanente**

Segundo o nosso pedagogo, a educação permanente era essencial para o desenvolvimento dos povos por influenciar positivamente a maneira de ser e de estar dos cidadãos. Na sua concepção educativa, Agostinho previa a concretização da “...paz de espírito pela educação permanente...”<sup>319</sup> que se traduziria na “...informação livre, acesso às escolas de todos os graus, solicitação, a cada momento, do espírito crítico e da imaginação criadora, e metafísica ou religião...”<sup>320</sup>.

A prevalência da experiência da vida ante a dificuldade do saber instituído era reforçada pelo nosso autor que, de forma radical, aconselhava a “Não ‘entupir’ a cabeça com ideias, para que as outras tenham espaço para entrar pois o necessário é viver.”<sup>321</sup>. Ao longo da vida o saber instituído como sistema não deixava de ter o seu lugar, mas Agostinho estava convencido de que

**“...quando estamos pensando distraídos – quando nos perguntam o que estamos pensado e não sabemos -, isso dá melhores resultados.”**<sup>322</sup>.

Notemos, contudo, que Agostinho não desprezava o conhecimento instituído, apenas defendia “...muito mais, como modelador na vida, [...] [a] vontade que as pessoas têm dentro de si do que [...] [aquilo] que aprenderam nos livros...”<sup>323</sup> uma vez que os livros “...podem eles estar errados [...] ao passo que ter tido um ideal e satisfazê-lo [...] é para a pessoa um renovar de confiança em si próprio.”<sup>324</sup>.

Com estas palavras Agostinho não traçava apenas as linhas orientadoras de uma educação permanente, mas também apelava aos seus contemporâneos para que se deixassem enamorar pela vida, deixando-lhes o exemplo da gesta dos descobrimentos levados a cabo por marinheiros “...analfabetos mas que estavam tão atentos à vida, tão interessados na vida, tão

---

<sup>318</sup> } *Ibidem*.

<sup>319</sup> } Idem, “Três vezes se diria...”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, p. 147.

<sup>320</sup> } *Ibidem*.

<sup>321</sup> } Idem, “Uma janela sobre a vida – professor Agostinho da Silva (entrevista a Victor Mendanha)”, p. 143.

<sup>322</sup> } *Ibidem*, p. 144.

<sup>323</sup> } *Ibidem*, *Namorando o amanhã*, pp. 36-37.

<sup>324</sup> } *Ibidem*, p. 37.

educados pela vida que realmente puderam dar vida mesmo àquele que parecia distante e morto.”<sup>325</sup>.

### 1.2.3. Educação comunitária

O que Agostinho mais desejava era que a educação fornecida nas escolas a todas as camadas da população servisse para fortalecer a vida em comunidade: “...estudar, quando não se tem apenas por ambição ter um título que habilite a um emprego, é no fundo contemplar e, pela contemplação, reatar a unidade com a natureza, incluindo a natureza humana.”<sup>326</sup>.

Para ilustrar as suas ideias, o nosso autor descreveu a experiência levada a cabo num colégio rural em Swavesey, Cambridgeshire, Inglaterra, onde se tinha instituído uma educação comunitária, dirigida, simultaneamente, a todas as idades. Nesse ambiente e nas palavras do nosso autor “...a educação decorre sem solução de continuidade desde a infância à mais adiantada idade adulta...”<sup>327</sup>. Em consequência, “...aos olhos dos alunos mais jovens, aparecem os adultos, pais ou amigos, como participantes e cooperadores da escola...”<sup>328</sup>, assumindo-se esta como “...lugar de aperfeiçoamento comum e cooperativo em que cada um ensina o que sabe a quem não sabe e sente que todo o verdadeiro progresso humano só pode ser o fruto de elaboração comunitária...”<sup>329</sup>.

A dimensão comunitária própria dos povos de África foi também elogiada pelo nosso autor, por lhe parecer que os africanos estavam no bom caminho ao considerar que no mundo “...tudo é global.”<sup>330</sup>. No modelo de educação comunitária a que os africanos davam corpo “Ninguém se sente preso e ninguém está livre [...] que se afirma na medida em que se dá e que se afirmam os outros na medida em que se lhe dão a ele; cumprindo se exalta, se fortalece na medida em que se dispensa e, como os outros têm a mesma mentalidade, o grupo o rodeia sem o sufocar, o protege sem lhe ser dono...”<sup>331</sup>.

Foi também na defesa de uma educação comunitária que Agostinho referiu a comunidade Amish, que vivia afastada dos bens de consumo e dos utensílios da técnica, para assim estarem mais próximos do estado natural. Esta comunidade vedava aos seus filhos a frequência escolar,

---

<sup>325</sup> ) *Ibidem*, p. 40.

<sup>326</sup> ) Idem, “Beira – Moçambique. Clássicos do mundo português: Um prefácio geral”, em *Dispersos*, p. 502.

<sup>327</sup> ) Idem, “Fontes e pontes do futuro. Apontamento”, em *Vida Mundial*, 9 de Junho de 1972, p. 51.

<sup>328</sup> ) *Ibidem*.

<sup>329</sup> ) *Ibidem*.

<sup>330</sup> ) Idem, “Tema: Educação africana, [1]”, em *Vida Mundial*, 15 de Setembro de 1972, p. 26.

<sup>331</sup> ) Idem, “Tema: Educação africana, 3”, em *ibidem*, 29 de Setembro de 1972, p. 27.

insistindo que toda a educação se deveria fazer na “...comunidade, pelo ensino que a vida trará, por aquele que poderá dar algum dos membros do grupo [...] pela experiência do contacto com a natureza, pelo viver de todos, pela meditação do indivíduo...”<sup>332</sup>.

Foi também no sentido de defender as virtudes da educação comunitária que Agostinho relatou uma experiência cultural promovida pela Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro em Lisboa. A dada altura, esta associação deu guarida à reunião espontânea e livre de diversas pessoas que tinham como único objectivo partilharem em comunidade as experiências individuais. Para Agostinho, esta maneira de proceder não era apenas benéfica para as pequenas comunidades em que ocorria, mas também seria proveitosa para o bom desenvolvimento cultural de um país.

Do que acabamos de expor quanto à educação comunitária decorre que para o nosso pedagogo era essencial pensar as diversas sociedades contemporâneas como locais onde

**“Todos têm de se transformar em professores e todos têm de se matricular como alunos...”<sup>333</sup>.**

## **2. Figuras exemplares da Humanidade**

### **2.1. Filósofos**

Sócrates (469-399 a. C.) foi uma das figuras que o pedagogo português mais realçou enquanto modelo da Humanidade. O filósofo de Atenas, segundo Agostinho, legou à cultura ocidental a universalidade do seu método que se baseava na ironia e na maiêutica, bem como a excepcional coerência entre a sua acção e o seu pensamento, uma vez que associava “...intimamente as doutrinas metafísicas e a vida real.”<sup>334</sup>. Para além da espantosa coerência na vida e obra de Sócrates, a Humanidade, segundo Agostinho, pôde ainda colher dos seus ensinamentos o desprezo de si próprio, que contrastava com uma redobrada preocupação pelo outro: “...querer aperfeiçoar-se somente a si próprio, fazendo convergir todos os cuidados para o seu espírito, sem se importar com os outros, seria nunca atingir a perfeição...”<sup>335</sup>. Sócrates, afinal, tinha-se proposto como única obrigação ajudar os outros no caminho difícil da busca da

---

<sup>332</sup> ) Cf. idem, “Fontes e pontes do futuro. Tema: Liberdade escolar”, em *Vida Mundial*, 21 de Julho de 1972, p. 30.

<sup>333</sup> ) Idem, “Fontes e pontes do futuro. Tema: Transmontanos”, em *Vida Mundial*, 30 de Junho de 1972, p. 74.

<sup>334</sup> ) Idem, “Prefácio”, em *A defesa de Sócrates*, p. 7.

<sup>335</sup> ) Cf. idem, “Vida e morte de Sócrates”, em *À Volta do Mundo – colecção de textos para a mocidade*, p. 11.

verdade, pois, “...via tanta ignorância e tão grandes defeitos nos seus contemporâneos que imediatamente firmou o propósito de ir junto deles, de averiguar quais eram as suas idéias e de lhes demonstrar que estavam em êrro...”<sup>336</sup>. O aperfeiçoamento individual, para Sócrates, estava directamente relacionado com o conhecimento, tendo, por isso, na opinião do nosso autor, dotado a Humanidade de um ideário educativo independente do poder político:

**“Sócrates mantinha-se cuidadosamente afastado da política; a missão que queria desempenhar não era a de administrar a cidade e exercer govêrno; o seu grande fito era educar os compatriotas, para que, no futuro, pudessem estabelecer um regime ainda melhor de que aquêle que já tinham...”**<sup>337</sup>.

Ainda na antiguidade clássica, os filósofos estóicos, no essencial dos seus ensinamentos, foram considerados por Agostinho como importantes marcos da História. Deste movimento, a Humanidade pôde, segundo ele, aproveitar um leque de ideias. Quanto à ética, estabeleceram que “...as cousas exteriores a nós não são boas nem más em si mesmas; o juízo que delas fazemos, a atitude com que as recebemos as tornam boas ou más; é a si próprio, portanto, que o homem tem de modificar, dominando tudo o que não deixa seguir a razão universal...”<sup>338</sup>. Agostinho também não se esqueceu de referir o carácter universal dos argumentos estóicos quando nos propunham a existência “...de uma fôrça moral interior que nos pode ir amparando na vida e em cujo aprofundamento teremos a mais bela das ocupações e a fonte mais abundante de inspiração moral...”<sup>339</sup>. Quanto à antropologia, os estóicos, segundo o nosso pensador, deixaram para os vindouros a lição de que “...todo o homem é seu irmão, todo o mundo a sua pátria [...] êle deve cooperar com os seus irmãos...”<sup>340</sup>. Aos seus sucessores, os estóicos ainda legaram uma nova concepção do mundo: “...o mundo está perfeitamente coordenado, não tem falha alguma na sua natureza racional; é uma ordem, uma harmonia [...] dois elementos o compõem [...] [a] razão universal e [...] [a] providência...”<sup>341</sup>. Observando estes dois termos, acreditavam os estóicos que ficaríamos mais perto de fazer com “...que tôda a

---

<sup>336</sup> ) *Ibidem*, pp. 11-12.

<sup>337</sup> ) *Ibidem*, p. 18.

<sup>338</sup> ) Idem, “Arriano – ‘Manual de Epicteto’”, em *Antologia – introdução aos grandes autores*, 1ª série, p. 4.

<sup>339</sup> ) Idem, “Marco Aurélio – ‘Pensamentos’”, em *ibidem*, 5ª série, p. 4.

<sup>340</sup> ) Idem, “O Estoicismo”, em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 4ª série, p. 6.

<sup>341</sup> ) *Ibidem*, p. 12.



humanidade possa [...] contemplar a harmonia universal [...] para que um dia se forme sôbre a terra a grande república universal...”<sup>342</sup>.

Individualizando a filosofia dos estóicos na prática de algumas figuras desta escola filosófica, Agostinho realçou Marco Aurélio (121-180), por ter legado às gerações futuras “...a marca da sua personalidade compreensiva e fraterna: o seu entendimento dos homens, a resignação perante as lacunas e defeitos, a inesgotável bondade, a modéstia, o amor das obras que mais salvam do que as doutrinas, a discreta melancolia, tudo contribue para que a filosofia estóica tenha no seu livro uma tonalidade que a aproxima do cristianismo.”<sup>343</sup>.

Confúcio (c. 551-479 a. C.) era também uma figura modelar, segundo Agostinho, porque considerava “...como mais importantes, quási como únicos, os problemas do comportamento humano...”<sup>344</sup> e porque deixou aos vindouros uma nova teoria sobre o céu: “Para Confúcio o Céu não era o lugar onde vivem os deuses [...] nem o paraíso a que se sobe depois de morto, no caso de se ter feito o bem durante a vida; o Céu era a idea de ordem, o Céu era tudo o que estava bem feito, bem organizado, era o modelo que se devia estender, pelo nosso trabalho, a todo o mundo...”<sup>345</sup>.

O pensamento de Lau Tsu (séc. VI a. C.) era apresentado pelo nosso autor como modelar por conter as intuições que faltavam para fundamentar o carácter da condição humana que nos impele à realização do nosso dever “...de procurar ser plenamente o que se mostra sermos...”<sup>346</sup>. Glosando sobre os conselhos que Lao Tsu, na esperança de ver realizada uma sociedade cooperativa, dispensava a todos aqueles que desejavam ter uma conduta séria e recta, Agostinho escrevia:

“Do que produz não se apropria  
e do que faz não espera nada,  
trabalho pronto jamais o prende,  
porque o não prende  
eterno fica.”<sup>347</sup>.

---

<sup>342</sup> ) *Ibidem*, p. 21.

<sup>343</sup> ) *Ibidem*, p. 5.

<sup>344</sup> ) Idem, “O sábio Confúcio”, em *Á Volta do Mundo – textos para a juventude*, 1ª série, p. 14.

<sup>345</sup> ) *Ibidem*, pp. 14-15.

<sup>346</sup> ) Idem, “Macau”, em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 383-384.

<sup>347</sup> ) Idem, “Uma página de Agostinho: Ideia do Tao te King ou Guia da estrada real para o viandante ajuizado, sendo a substância de Lao Tse e o tempero de Agostinho”, em *Folhas à solta*, nº 6, p. [2].

Montaigne (1533-1592), segundo o nosso autor, tinha valor de modelo por ter destacado a importância da vida quotidiana enquanto fonte do conhecimento: “Montaigne observa como se começasse a viver todos os dias; em face da vida, o seu espírito é jovem, insaciável, de uma extraordinária frescura de impressões...”<sup>348</sup>. Desta maneira de proceder, Agostinho concluía: “...Montaigne é, de facto, ‘o homem que acorda tôdas as manhãs sem as ideias de véspera’, como um grego, perpétuamente as renova, tirando-as dos livros, dos outros e de si mesmo.”<sup>349</sup>. Para Agostinho, outra marca que o pensador francês deixou foi a formulação de um novo método que encarava o cepticismo e o paradoxo como processos de expor as ideias que se queriam defender, pois, nos seus escritos, teria adoptado o estilo de “...dissertação, mas uma dissertação original que, facilmente se pode sustentar o paradoxo, às vezes começa pelo meio e às vezes começa pelo fim, entendendo-se por meio e fim o que o seria segundo as boas regras da retórica.”<sup>350</sup>.

## **2.2. Artistas, escritores e cientistas**

No tocante à Arte, Literatura e Ciência, Agostinho, nos exemplos que nos apresentou, destacou em todos o facto de terem deixado como lição para o mundo a ideia de a criação ser um acto de interiorização individual a que não é alheio o sofrimento. As figuras por si realçadas, tinham, também, a particularidade de, no decurso da sua formação, terem desvalorizado a Escola instituída, por acharem que era limitadora da espontaneidade e da criatividade individual. Esta recusa da escola era sustentada na razão inversa da defesa da vida como verdadeira educadora, quer no que respeitava à formação da personalidade, quer no que respeitava à formação do carácter.

Em Leonardo da Vinci (1452-1519), génio ímpar e espírito inquieto, Agostinho da Silva louvou a sua vida e a sua acção, que deixou ao Mundo o exemplo de uma existência sacrificial que se vai consumando por uma “...aprendizagem sempre renovada de que a vida é dolorosa, ou talvez de que não haja nela nenhum sentido, de que só resta ir suportando, nos dias iguais, o peso da desgraça que os fados nos reservam, de sempre até sempre.”<sup>351</sup>.

---

<sup>348</sup> ) Idem, *Miguel de Eyquem, senhor de Montaigne*, p. 58.

<sup>349</sup> ) *Ibidem*.

<sup>350</sup> ) *Ibidem*, pp. 63-64.

<sup>351</sup> ) Idem, *Vida de Leonardo da Vinci*, p. 26.

Miguel Ângelo (1475-1564) foi apresentado por Agostinho como modelo por também ser capaz de dar testemunho do carácter sacrificial da existência e da interiorização do sofrimento. A sua vida e a sua obra revelavam que Miguel Ângelo “...tinha diante de si uma dolorosa existência, uma luta implacável entre um mundo rebelde e a sua resolução de lhe deixar, apesar-de tudo, a mensagem que o espírito lhe tinha confiado; e o espírito, para o amparar na rude prova, tinha-lhe dado o trabalho que de tudo consola e tudo faz esquecer...”<sup>352</sup>.

A Rembrandt (1606-1669), pese embora o facto de considerar que parte da sua obra fixava a beleza parcial da vida por só representar os mais famosos e elegantes, o nosso pedagogo apresentou-o como modelo devido a sempre se ter preocupado com todos os homens, revelando compaixão pelas classes mais desprezadas, as quais entendida como aquelas que “...representam a parte mais importante da vida, que há nêles uma trajédia que tira ou devia tirar a todo o mundo o gôsto de viver e queria ser também um miserável como eles, sentir a dureza daquelas existências sem conforto e sem esperança...”<sup>353</sup>. Com Rembrandt, todos aqueles que se preocupavam com a sorte dos seus semelhantes, passaram a ter a oportunidade de reflectir que

**“...há nos pobres um Deus oculto que talvez nos outros se já tenha perdido: é um Deus que sofre, que se entristece com as indignidades que lhe fazem padecer quando as padece o homem que o traz consigo...”**<sup>354</sup>.

Goya (1746-1828), na opinião do nosso autor, valia porque tinha uma interpretação da vida como algo que permanentemente exige que se siga rumo ao futuro “...pelo caminho da energia, da tenacidade, do contínuo renascer, dia após dia.”<sup>355</sup>.

Courbet (1819-1877), com a sua obra, impeliu à meditação contínua sobre a situação do povo e sobre como esta se deveria constituir como prioridade dos homens superiores, qualquer que fosse o campo das suas actividades. Este artista, na opinião de Agostinho, tinha fixado na sua obra a obrigação de “...considerar o universo em conjunto, de não separar as actividades humanas, de não pôr para um lado a vida e para o outro a arte...”<sup>356</sup>.

---

<sup>352</sup> ) Cf. idem, *Miguel Angelo*, p. 11.

<sup>353</sup> ) Idem, “A vida e a arte de Rembrandt”, em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 9ª série, p. 16.

<sup>354</sup> ) *Ibidem*.

<sup>355</sup> ) Idem, “A vida e a arte de Goya”, em *ibidem*, 1ª série, p. 18.

<sup>356</sup> ) Idem, “A vida e a arte de Courbet”, em *ibidem*, 8ª série, p. 18.

Van Gogh (1853-1890), segundo o nosso autor, foi um pintor dilacerado de corpo e de espírito que deixou um exemplo máximo da captação da beleza em contraposição com uma vida dura e infeliz, cujo exemplo nos interpela no sentido de contornar os obstáculos com que nos vamos deparando. Com Van Gogh, o Mundo, pensava Agostinho, pôde meditar mais intensamente sobre “...a dúvida [...] como um elemento de beleza...”<sup>357</sup>. Van Gogh era também apontado pelo pensador português por ter feito da Arte uma via para manifestar o Amor, na medida em que acreditou ser “...possível, pela arte, amar-se e expressar-se o amor; era possível, pela arte, libertar as almas e talvez, um dia, libertar também os corpos; com uma condição: a de que a arte fôsse sincera, fosse um meio ao serviço de um espírito...”<sup>358</sup>. A assunção do Mundo como um todo em que é obrigatório saber conciliar a dor e a alegria, a luz e a sombra, foi outra lição da sua obra, que nos revelou que “...na angústia universal havia um ritmo, no sofrimento inesgotável, uma inesgotável beleza...”<sup>359</sup>.

Bach (1685-1750) deixou a grandeza de uma música com a qual se aprendia, no entender de Agostinho da Silva, que “...a vida não foi dada aos homens senão para cumprir uma missão, a de salvar a sua alma, isto é, a de descobrir a sua identidade profunda com o espírito de Deus e com o espírito dos seus semelhantes [...] desejo [...] de uma paz que, integrando o indivíduo no universo, fizesse descer sobre todos ou nascer em todos o sentimento de uma vida nova, pura, santa, digna de toda a harmonia e de toda a beleza que Deus pusera na sua criação.”<sup>360</sup>.

Mozart (1756-1791), espírito superior, pertencia, segundo o nosso autor “...à categoria dos homens que não vêm ao mundo para levar a vida que tanta vez se lhes apresenta como ideal; têm consigo o génio que os escraviza, que os empurra para a existência difícil e lhes faz ver a morte, às vezes, como a grande libertadora, como o descanso eterno para as fadigas da vida...”<sup>361</sup>. O compositor austríaco, na óptica de Agostinho, deixara o exemplo de que a criação artística deveria servir para alcançar o “...eterno que na humanidade se revela...”<sup>362</sup>, ajudando a apreender o ideal de “...bondade, beleza e pureza...”<sup>363</sup>.

Beethoven (1770-1827), na opinião do nosso autor, era paradigma porque representou a inteligência dos homens que fazem com que a própria vida se constitua como uma jornada de

---

<sup>357</sup> ) Idem, “A vida e a arte de Van Gogh”, em *ibidem*, 3ª série, p. 9.

<sup>358</sup> ) *Ibidem*.

<sup>359</sup> ) *Ibidem*, p. 18.

<sup>360</sup> ) Idem, “Bach”, em *ibidem*, 11ª série, p. 3.

<sup>361</sup> ) Cf. idem, “Mozart”, em *ibidem*, 4ª série, p. 9.

<sup>362</sup> ) *Ibidem*, p. 13.

<sup>363</sup> ) *Ibidem*, p. 15.

renovação interior constante entre a miséria individual e o desejo de uma sociedade mais justa e fraterna. Esta foi uma herança que a Humanidade recebeu de Beethoven, que, pelas suas composições, revelou que

**“...o salvar-se só é possível pela acção, que a alegria que podemos esperar como homens não é a das serenas contemplações, mas a do combate, a do ímpeto transformador, a da vitória dos projectos sôbre um universo que resiste...”<sup>364</sup>.**

Goethe (1749-1832) deixou, no entender do nosso pensador, a sua marca na Humanidade, por ter percebido, que “...o seu dever, porque era estruturalmente um artista, consistia em fazer arte [...] como convém a poetas, isto é, a homens que inventam a vida...”<sup>365</sup>.

De Stendhal (1783-1842) e da sua obra literária Agostinho realçou o carácter sacrificial da vida intimamente ligado ao dever absoluto que cada um tem de cuidar das suas melhores qualidades, uma vez que a “...condição essencial para que [cada um] possa subsistir e desenvolver-se é a aceitação do sacrifício e da ascese...”<sup>366</sup>.

Zola (1840-1902), figura grande da literatura universal, no entendimento do nosso autor, deixara uma obra que auxiliava à reflexão sobre o valor da solidariedade, da tolerância e do amor: “A solidariedade mais completa reina entre os habitantes do paraíso colectivista [...] só a cooperação de todos os trabalhadores mantém de pé e melhora a construção admirável, leva-os à tolerância, ao amor do semelhante...”<sup>367</sup>.

Einstein (1879-1955), o físico a quem se deve a teoria da relatividade, foi um homem da ciência que Agostinho apresentou como modelo por ter sido capaz de, com entusiasmo e determinação, empregar toda a sua força na formulação de uma nova teoria que contrariava grande parte da ideia de universo que até então nos era apresentada: “Veio Einstein e outros cavalheiros daquele tipo, fazem umas matemáticas que, não se pode negar, tem que ser mesmo assim, e provam que não há nada recto no mundo, que é tudo curvo. O próprio espaço é curvo.”<sup>368</sup>. Este novo conhecimento, no entender do nosso autor, legava à Humanidade uma visão do mundo em que o tempo se aproximava da eternidade: “Como Einstein, tanto podemos falar do passado como do futuro. Com a curvatura do universo, com o tempo todo concentrado

---

<sup>364</sup> ) Idem, “Beethoven”, em *ibidem*, 8ª série, p. 19.

<sup>365</sup> ) Idem, “Goethe”, em *ibidem*, 7ª série, p. 9.

<sup>366</sup> ) Idem, *Stendhal, Mérimée, dois ensaios de interpretação*, p. 42.

<sup>367</sup> ) Idem, *A vida de Zola*, p. 108.

<sup>368</sup> ) Idem, *O Império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, p. 43.

na eternidade, tanto faz dizer de uma forma ou de outra. Simplesmente, a pessoa pode ter mais propensão para falar do futuro como passado, e outros terem mais tendência para falar do passado como futuro.”<sup>369</sup>.

Auguste Piccard (1884-1962), físico belga era um exemplo daquilo a que muitos homens são votados pelo comum dos mortais por causa da desmesura dos seus projectos. Mas Agostinho elogiou a tenacidade e a vontade firme deste professor que se aventurou a estudar os raios cósmicos medindo-os a grande altitude, contrariando tudo aquilo que na altura se pensava ser possível realizar. Para tanto, construiu um balão e entre tentativas e falhanços, entre críticas e o ridículo, foi o mais longe que pôde, embora cada acidente de percurso fosse aproveitado pelos jornais “...para fazerem grande troça de Piccard [...] inventaram-se anedotas e publicaram-se caricaturas, mas Piccard, cujo bom humor não conseguiam perturbar, esperava que o Inverno passasse e voltassem as condições favoráveis para a viagem.”<sup>370</sup>. De tentativa em tentativa, Piccard persistiu e acabou por alcançar a altitude de mais de dezasseis mil metros, ultrapassando largamente o limite até então conhecido dos dez mil metros. Este seu esforço e tenacidade faziam-no, aos olhos do nosso autor, uma figura modelar.

### **2.3. Pedagogos**

Das figuras ligadas à História da Pedagogia que Agostinho nos apresentou, recuperaremos, neste ponto, aquelas que, na diversidade das suas reflexões, ocupam lugar de destaque na galeria dos homens exemplares, a saber: Coménio, Pestalozzi, Owen, Sanderson, Montessori e Illich.

Coménio (1592-1670), era apontado pelo nosso pedagogo por, no campo educativo, ter formulado ideias gerais sobre a moderação da agressividade e da competitividade, convicto de que desta forma se conseguiria que cada homem em particular e a sociedade em geral, evoluíssem no sentido da Paz. Coménio, no pensar do nosso autor, deixou ao mundo a lição de que apesar de todos os dissabores da vida e do pouco apreço a que muitas acções meritórias são votadas “...é muito possível que verdadeira grandeza se meça por estabelecer aqueles alvos

---

<sup>369</sup> ) Idem, “A nossa obrigação é ser poeta à solta (entrevista a Carlos Câmara Leme)”, em *ibidem*, p. 158.

<sup>370</sup> ) Idem, “Piccard na estratosfera”, em *À Volta do Mundo – colecção de textos para a mocidade*, p. 11.

aos quais sempre se ruma sem que jamais se alcancem: por ser mais alta a fantasia do que seus disponíveis instrumentos.”<sup>371</sup>.

Pestalozzi (1746-1827), segundo Agostinho deixou uma nova atitude de verdadeiro respeito por todas as crianças, ensinando a orientar o trabalho educativo pelo método “...da paciência e da bondade da compreensão e confiança.”<sup>372</sup>. Valia este pedagogo como exemplo, também porque tornou universal a ideia de “...que toda a renovação política e social depende de uma séria renovação pedagógica.”<sup>373</sup>.

Robert Owen (1771-1858), industrial e filantropo inglês, embora não se possa considerar propriamente um pedagogo, podia na opinião do nosso autor, ser evocado no âmbito pedagógico, já que deixou o exemplo de como um industrial, cujo objectivo primeiro é o lucro das suas empresas, não deve desprezar a instrução e a educação das gentes que trabalham nas suas fábricas e respectivos filhos: “Já que a vida não permite que o mundo e a sociedade sejam a escola única de todas as crianças ao menos façamos os possíveis para que haja o mínimo de separação entre escola e vida.”<sup>374</sup>. O sentido utópico que este industrial imprimia aos seus projectos, era também uma marca do seu legado para a Humanidade, porque, desta forma, segundo o nosso pedagogo, fazia sobressair a “Cooperação entre os homens, moral e material, [como a] única força capaz de construir um mundo novo.”<sup>375</sup>.

Sanderson (1857-1923) tinha que ser referido porque, segundo Agostinho, contribuiu no campo da educação e da pedagogia, com novos métodos de trabalho que iam no sentido de promover a cooperação entre todos e, conseqüentemente, eliminar a “...luta egoísta...”<sup>376</sup> que caracteriza o quotidiano das sociedades humanas.

A Maria Montessori (1870-1952), a primeira mulher a formar-se em medicina em Itália, evocava-a Agostinho da Silva por ter tido um papel preponderante na pedagogia que o século vinte legou às gerações vindouras. Estas herdaram de Montessori uma nova concepção educativa, quer no que respeita à relação com as crianças, quer no que se refere à organização escolar:

---

<sup>371</sup> ) Cf. idem, “Fontes e pontes do futuro. Tema: Os precursores - Komensky”, em *Vida mundial*, 4 de Agosto de 1972, p. 36.

<sup>372</sup> ) Idem, *Vida de Pestalozzi*, pp. 80-81.

<sup>373</sup> ) *Ibidem*, p. 92.

<sup>374</sup> ) Idem, *Vida de Robert Owen*, pp. 36-37.

<sup>375</sup> ) *Ibidem*, p. 50.

<sup>376</sup> ) Idem, *Sanderson & a escola de Oundle*, p. 44.

**“Com a Montessori, a infância é uma noção substantiva, sem necessidade de relação com qualquer coisa que se considere fundamental dentro da espécie; da criança nada há a exigir senão que se desenvolva segundo o seu ritmo e toda a interferência tiranizante do indivíduo adulto [...] não lhe pode ser senão prejudicial...”<sup>377</sup>.**

De Ivan Illich (1926-2002) o nosso pedagogo destacou como importante a sua ideia de educação firmada na prévia abolição das escolas instituídas e a conseqüente substituição pelas redes de aprendizagem: “...mais do que o ruim da escola é o que o seu autor propõe para a substituir, tanto mais que nos parece possível fazê-lo a par da vida, talvez ainda longa, do sistema que se reprovava.”<sup>378</sup>. O que se aprovava era, para além de um ensino técnico-profissional baseado nas capacidades demonstradas por aqueles que o frequentassem, a universalização das redes de aprendizagem que passariam a funcionar baseadas na livre reunião “...de pessoas interessadas no mesmo assunto...”<sup>379</sup>.

## **2.4. Políticos**

Péricles (c. 495 a. C.- 429 a. C.) foi apresentado por Agostinho como um político exemplar para a humanidade por ter entendido a política de forma supletiva e, em consequência, ter construído “...um Império fundado, não na fôrça e número dos hoplitas e das trirremes, mas na comunhão, na concordância das ideias e dos processos políticos...”<sup>380</sup>. O estadista ateniense, no entender do nosso autor, deixou uma visão larga do exercício do poder ao ensinar “...que o mais seguro caminho de progresso, de alargamento de cultura, está em não viver cada povo isolado na sua ilha ou na sua cidade, em não se interessar apenas pelo que se passa no território que habita, mas em se interessar sobretudo pelo que se passa com os outros povos que com êle mantêm relações.”<sup>381</sup>. Péricles deixou, por isso, um exemplo de tolerância, de universalismo e de cosmopolitismo uma vez que, nas palavras do nosso autor, utilizou “...a vida para ensinar a não viver, a desprezar o temporal, o que passa e foge, para contemplar o eterno, o que é permanente e imutável”<sup>382</sup>, num culto contínuo à inteligência e à verdade.

---

<sup>377</sup> ) Idem, *O método Montessori*, p. 23.

<sup>378</sup> ) Idem, “Tema: Ivan Illich – os males”, em *Vida Mundial*, 19 de Maio de 1972, p. 40.

<sup>379</sup> ) Idem, “Tema: Ivan Illich - os remédios”, em *ibidem*, 26 de Maio de 1972, p. 55.

<sup>380</sup> ) Idem, “Glossa: Péricles”, em *Seara Nova*, n° 392, Junho de 1934, p. 124.

<sup>381</sup> ) *Ibidem*.

<sup>382</sup> ) *Ibidem*.



A política seguida por William Penn (1644-1718) foi apresentada por Agostinho como exemplar por ter perseguido o estabelecimento de um ideal de fraternidade entre os homens, sustentado no inalienável valor da liberdade, no comunitarismo, na tolerância e no amor, tal como ficou demonstrado quando, no prosseguimento da sua utopia social, fundou Filadélfia e a designou “...Cidade do Amor Fraterno...”<sup>383</sup>.

Benjamin Franklin (1706-1790), para além de ter sido cientista com algum mérito, já que inventou o pára-raios, foi apresentado pelo nosso autor por se ter destacado na negociação da independência dos Estados Unidos da América com a Coroa inglesa, revelando em todo o processo um modelo de vida a seguir que reunia “...a inteligência, a graça mordente, o amor de liberdade de Voltaire, o jeito infantil e a fantasia do Diderot, as virtudes primitivas que Rousseau exaltara [...] simplicidade [...] [e] austeridade [...] de Plutarco...”<sup>384</sup>.

Washington (1732-1799) foi outro político que Agostinho apresentou como exemplo ao mundo, porque a sua acção quotidiana revelou “...uma atitude de guia, não os impulsos do tirano...”<sup>385</sup>. Desta forma de proceder os dirigentes da Humanidade podiam colher o ideário de que “...só os interesses comuns e a realização em comum de certas empresas podem desenvolver o sentimento de solidariedade...”<sup>386</sup>.

A Lincoln (1809-1865), outra figura cimeira dos Estados Unidos da América, Agostinho apontava-o como modelo a seguir por todos os homens, porque, para além de buscar o bem estar para todos os seus concidadãos, tinha tido uma acentuada preocupação pela justiça e pela liberdade: “...todo o problema de justiça o punha desperto e combativo, tôda a tentativa de opressão o levantava indignado e terrível...”<sup>387</sup>.

Masaryc (1850-1937), primeiro presidente da República da Checoslováquia, foi um político empenhado que, no entender do nosso autor, deu a “...lição magnífica da sua vida de energia, de idealismo, de sentido prático, de perpétua confiança nas possibilidades do homem, a coragem de afrontar as horas duras e de se preparar, silenciosamente, tenazmente, para o grande futuro que se avizinha.”<sup>388</sup>.

Fridtjo Nansen (1861-1930), político norueguês que ganhou o prémio Nobel da Paz em 1922 e se empenhou na construção de uma Sociedade das Nações assente na prévia garantia

---

<sup>383</sup> ) Idem, *Vida de William Penn*, p. 48.

<sup>384</sup> ) Idem, *Vida de Franklin*, p. 94.

<sup>385</sup> ) Idem, *A vida de Washington*, 2º vol., p. 31.

<sup>386</sup> ) *Ibidem*, p. 37.

<sup>387</sup> ) Idem, *Vida de Lincoln*, p. 11.

<sup>388</sup> ) Idem, “A vida de Masaryc”, em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 5ª série, p. 27.

das liberdades individuais, foi visto por Agostinho como uma luz de esperança para um futuro melhor, já que da grandeza do seu trabalho se retirava, com proveito, a lição de que “...nada se fez jamais de grande no mundo que não fôsse o resultado de uma ilusão ou de um sonho...”<sup>389</sup>.

## 2.5. Exploradores e aventureiros

Em Cristóvão Colombo (c. 1451-1506) viu o nosso autor um exemplo de vida e acção ao perseguir “Um sonho de futuro, que era talvez o mais grandioso que tinham sonhado os homens, alicerçava-se nas lições do passado e nas possibilidades do presente.”<sup>390</sup>.

Lesseps (1805-1894), o idealizador e responsável pela construção do Canal do Suez, foi apresentado por Agostinho como figura modelar por, desde cedo, se ter habituado a não recuar “...diante da realização das ideias que tivera, por mais estranhas que fôssem...”<sup>391</sup>.

Livingstone (1813-1873), era pelo nosso autor apresentado como modelo por ter legado uma prática de vida em que o que interessa é “...a dificuldade, o combate, o abrir de novos caminhos, não o recair naquela formal e habitual Inglaterra...”<sup>392</sup>. Mas também o jornalista e explorador inglês que, em 1871, localizou Livingstone, Henry Stanley (1841-1904) era, para Agostinho, o exemplo acabado do legado que os exploradores e aventureiros deixaram a todos como marca das suas vidas, ao mostrar “...nos olhos e nos gestos, a tenacidade calma e implacável dos que vieram ao mundo para o deixarem transformado...”<sup>393</sup>.

O almirante inglês Robert Scott (1868-1912), que comandou uma expedição ao Pólo Sul, era um explorador cuja acção, segundo Agostinho, servia de exemplo na medida em que reflectia o carácter sacrificial da existência ao narrar as dificuldades e a coragem daqueles que não se curvam às adversidades e encarando a morte de frente, resistem como podem a sofrimentos inomináveis: “...Scott ia contando no diário todos os episódios trágicos, a marcha que baixava a um quilómetro, a distribuição de ópio e morfina, para o caso de serem insuportáveis os sofrimentos...”<sup>394</sup>. Apesar de todas as adversidades, Scott e os que teimavam em resistir para além do que permitiam as próprias forças humanas, deixavam um testemunho exemplar sobre o carácter heróico da existência: “Puseram de parte a ideia do suicídio que lhes tinha ocorrido;

---

<sup>389</sup> ) Idem, “A vida de Nansen”, em *ibidem*, 7ª série, p. 19.

<sup>390</sup> ) Cf. idem, “As viagens de Colombo”, em *ibidem*, 4ª série, p. 5.

<sup>391</sup> ) Idem, “A vida de Lesseps”, em *ibidem*, 2ª série, p. 4.

<sup>392</sup> ) Idem, “As viagens de Livingstone”, em *ibidem*, 9ª série, p. 21.

<sup>393</sup> ) Idem, “As viagens de Stanley”, em *ibidem*, 5ª série, p. 5.

<sup>394</sup> ) Idem, “A última viagem de Scott”, em *À volta do mundo – colecção de textos para a mocidade*, pp. 26-27.

encaravam a morte com serenidade e estavam decididos a enfrentá-la corajosamente, mantendo até o fim as possibilidades de salvamento, embora tivessem a certeza de que ninguém os viria socorrer...”<sup>395</sup>.

## **2.6. Religiosos**

### **2.6.1. Jesus Cristo**

Jesus era, para Agostinho, sem qualquer dúvida, um marco incontornável da História da Humanidade. Os homens puderam aprender com o seu exemplo que o essencial da vida está reservado para um futuro que ainda se desconhece. O Mundo aprendera, ainda, com Jesus, uma forte lição de vida, traduzida pela solidão em que vivia, embora estivesse sempre rodeado pelos seus discípulos, os quais, provavelmente, nunca entenderam a verdadeira missão do Mestre, facto que serviu a Agostinho para atribuir a Jesus o desabafo: “Homens, em verdade vos digo, feliz o fui só.”<sup>396</sup>.

Agostinho apontou ainda, como exemplo a reter por todos, a resposta que Jesus deu aos fariseus após ser interrogado sobre o pagamento dos impostos estipulados por César, aconselhando a dar a César aquilo que lhe pertencia, tal como se devia dar a Deus o que d’Ele era: “...não pagar o imposto, recusá-lo brutalmente seria um acto de revolta, no fundo um movimento de violência, que só fica seguramente firmado o que as consciências aceitaram em livre impulso, o que implicou uma adesão das almas e não das línguas, o que se não fêz sem uma transformação dos espíritos; crie em si cada homem sentimentos divinos e persuada o seu vizinho a que faça o mesmo...”<sup>397</sup>. A Humanidade só teria a ganhar com o exemplo de vida de um Homem tão invulgar, cuja pregação defendia a construção de uma sociedade mais justa e fraterna, onde o dinheiro deixasse de ser uma prioridade. Neste sentido, Agostinho dirigiu fortes críticas à obra *Discurso verdadeiro*, de Celso, por em todo o seu conteúdo não haver qualquer referência ao essencial do magistério de Jesus: “Não há em todo o tratado uma só alusão à humildade e à caridade [...] não lhe merecem demora a insistência no amor e no perdão, não vê como eles estão intimamente ligados a uma compreensão racional do mundo...”<sup>398</sup>.

---

<sup>395</sup> ) *Ibidem*, p. 27.

<sup>396</sup> ) Idem, “Glossa: Discípulos”, em *Seara Nova*, n° 396, p. 182.

<sup>397</sup> ) Idem, “Considerações: Dinheiro de César”, em *ibidem*, n° 437, p. 67.

<sup>398</sup> ) Idem, “Considerações: Cristianismo anistórico”, em *ibidem*, n° 439, p. 107.

A defesa de uma sociedade universal, igualitária e fraterna ganhou um novo alento com Jesus: “Depois que um mesmo amor e a mesma possibilidade de salvação vieram cortar tôda a barreira que separava o Judeu do Gentio não há para o cristão outra atitude senão a de considerar seus irmãos os povos que se estendem para além das fronteiras...”<sup>399</sup>. Jesus, pela sua vida e pela sua acção, deixou entre os homens a convicção de que é possível transformar o Mundo: “...o reino de Deus que ele [Jesus] anuncia é o da Idade de Ouro, mas ampliado pela alegria da redenção”<sup>400</sup>. Ou, como Agostinho completava em outro lado:

**“Cristo poderosamente nos lançou no caminho da fraternidade, entendendo-a a favor dos outros [...] mostrou-nos que o ideal supremo não era o da cidade terrena. E, por aí passou a outra idéia revolucionária fundamental: a de que o último fim do homem não é o tempo, mas a eternidade.”**<sup>401</sup>.

Mas não era tudo. A Humanidade, no entender do nosso autor, ainda beneficiara pelo facto de todo o magistério de Jesus ter fortalecido um ideal de sociedade que se pudesse basear na cooperação entre as pessoas e os povos: “[...] revolução cristã, correspondeu [...] um conceito novo da comunidade de irmãos reverentes, obedientes e de mente voltada para a o seu Pai Celeste, a forma cooperativa de propriedade, a educação mútua, o templo em que pintores, escultores ou architectos trabalhavam com tal anonimato que só às vezes pelo recibo de pagamento ou por um documento de contrato é possível discriminando os artistas, atribuir autores às obras.”<sup>402</sup>.

### **2.6.2. Da tradição judaico-cristã**

Moisés, o escolhido por Javé para resgatar os hebreus do cativeiro egípcio, adoptado pelos crentes da religião judaica como sua figura cimeira, foi apresentado pelo nosso autor como exemplo porque, em seu entender, meditar sobre os feitos desta personagem bíblica era não só uma excelente oportunidade para aprofundar a relação do homem com Deus, como também servia como apelo ao dever de cada um se cumprir integralmente, mesmo que o caminho seja o

---

<sup>399</sup> ) Cf. idem, “Diário de Alcestes: Catolicismo”, em *ibidem*, n° 480, p. 380.

<sup>400</sup> ) Idem, “A comédia latina”, em *Dispersos*, p. 186.

<sup>401</sup> ) Idem, “Idade média”, em *Só ajustamentos*, p. 69.

<sup>402</sup> ) Idem, “Onde a terra se acaba”, em *Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 267-268.

da provação e da humilhação. Moisés dava o exemplo ao Mundo de que é necessário aprender a ser “...o primeiro nos trabalhos e o último nas recompensas.”<sup>403</sup>.

Joaquim de Flora (1130-1202), frade cisterciense, foi também realçado por Agostinho por ter erigido as traves mestras para desenvolver e aprofundar, fundado na interpretação trinitária do mundo, o profetismo paraclético de esperança na restauração do tempo mítico do Paraíso Perdido, uma vez que, para Flora, “...a história humana reproduziria no Tempo o que, na Eternidade, eram as Pessoas da trindade, tinha havido uma época do Pai (toda abrangida pelo Velho Testamento), vivia ele na época do filho, e a esta se seguiria a idade do Espírito Santo, em que a humanidade atingiria a sua perfeição.”<sup>404</sup>.

S. Francisco de Assis (c. 1182-c. 1226) foi um religioso que, para o nosso autor, deixou uma preciosa herança ao assumir que devemos “...ser junto dos irmãos homens e da irmã natureza inteligência e piedade...”<sup>405</sup>. A vida de Francisco de Assis era uma referência na medida em que apelava a uma comunidade que pudesse realizar o “...anseio de uma humanidade unida e fraternal.”<sup>406</sup>. Porque Agostinho se sentia um herdeiro de tamanha simplicidade de vida, não deixou de apontar como modelares, para todos os homens, as belas palavras que o santo de Assis expressou à hora da morte sobre “...a magnífica beleza universal que afirma o Criador e o faz aparecer no irmão Sol, radiante e luminoso, na irmã Lua e nas Estrelas, preciosas, delicadas, no irmão Vento que é sopro leve e violenta tempestade, na irmã Água, diligente, humilde e casta, no irmão Lume, que aclara as noites e é robusto, alegre e forte, na mãe Terra que sustenta os homens, os animais e as plantas; e a tôdas as criaturas pedia que bendissem e louvassem o Senhor, lhe agradecessem a bênção de existir e o servissem com amor.”<sup>407</sup>.

Era por demais evidente, para o nosso pedagogo, que o maior legado de S. Francisco se revelava no amor ao próximo, na ética da compaixão, no universalismo, no despojamento de coisas e de pessoas e no comunitarismo. A exigência destas propostas obrigaria, de futuro, a que todos os homens conciliassem a acção e a contemplação: “...não condescendendo com o mundo nos fins a atingir, querendo transformá-lo e não apenas habitá-lo...”<sup>408</sup>.

Sobre alguns místicos ibéricos, “...Frei Luís de Leão, o São João da Cruz e, mais que todos [...] Santa Teresa [...] uma das coisas mais notáveis que existe na Península, aquela Santa

---

<sup>403</sup> ) Idem, *Moisés e outras páginas bíblicas*, p. 55.

<sup>404</sup> ) Cf. idem, “O homem e as civilizações”, em *Dispensos*, p. 755.

<sup>405</sup> ) Idem, “Considerações: Projecto dum mestre”, em *Seara Nova*, n° 495, p. 235.

<sup>406</sup> ) Idem, *Vida de Francisco de Assis*, p. 85.

<sup>407</sup> ) *Ibidem*, pp. 95-96.

<sup>408</sup> ) *Ibidem*, p. 69.

Teresa...”<sup>409</sup>, Agostinho também deixou palavras elogiosas como estas: “São João da Cruz esteve preso uma porção de tempo, e Santa Teresa de Ávila viu-se atrapalhada com os confesores. Hoje são santos. Aprenderam a regulamentar o sonho, os jejuns, as penitências, tal como os orientais adquiriram uma técnica de reflexão.”<sup>410</sup>.

### 2.6.3. Da tradição oriental

Buda (séc. VI a. C.) foi uma das figuras religiosas da tradição oriental que o nosso autor apresentou como modelo. Em seu entender, os ensinamentos de Buda ajudavam, essencialmente, a reflectir e a aprofundar o valor da compaixão, da humildade, da valorização da experiência individual de cada um. Buda valia, ainda, por ter ensinado que o paradoxo é estruturante na vida humana: “O Nada foi, sempre, a possibilidade de Tudo.”<sup>411</sup>. Com o legado de Buda, o nosso pedagogo pretendia que a Humanidade reflectisse mais demoradamente sobre a “...distinção [...] do mundo aparente e do mundo real [...] valor supremo à experiência individual e ao sentido crítico, proclamando que é cada um o guia de si próprio e que ninguém deve aceitar o que só tem por si a autoridade...”<sup>412</sup>.

Maomet (c. 570-632) foi retratado por Agostinho em *O islamismo*, texto no qual o pedagogo português o apresentou como modelo por ter estabelecido um caminho para a Paz: “...para Moamet, só se pode encontrar a paz nesta renúncia à personalidade, neste perder-se da vontade individual na vontade divina; sobre o que se revolta, vive feliz o que se submete sem iniciativas nem desejos.”<sup>413</sup>.

---

<sup>409</sup> ) Idem, “Entrevista do Prof. Agostinho da Silva ao ICALP”, em *Dispersos*, p. 84.

<sup>410</sup> ) Idem, “Agostinho, ensine-nos (entrevista a Lurdes Féria)”, em *ibidem*, p. 117.

<sup>411</sup> ) Idem, *Conversas com Agostinho da Silva [Entrevista de Victor Mendanha]*, p. 96.

<sup>412</sup> ) Cf. idem, “O Budismo”, em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 2ª série, pp. 21-22.

<sup>413</sup> ) Idem, “O islamismo”, em *ibidem*, 6ª série, p. 15.

## IV. EDUCAÇÃO PORTUGUESA

### 1. Fundamentos de uma educação escolar portuguesa

#### 1.1. Modelos a rejeitar

##### 1.1.1. O modelo escolar europeu

Das diversas críticas que Agostinho da Silva fez ao modelo europeu de Escola, abundam as que se referem ao facto de o Estado, com o recurso ao poderoso instrumento ideológico que são as escolas, ir paulatinamente matando a infância ao fazer “...durar o menos possível a criança, de modo a ter, para produzir, um maior número de adultos...”<sup>414</sup>. Era com mágoa que Agostinho constatava que às crianças “...diariamente as sacrificam as nossas escolas, diariamente as crucificam, diariamente as imolam nas aras da Eficiência.”<sup>415</sup>.

Desta forma, Portugal, Estado europeu, por força das escolas via-se progressivamente privado do que de melhor tinha, isto é, das crianças. Não porque a natalidade estivesse a diminuir, mas sim porque as crianças portuguesas cada vez mais cedo começavam a frequentar as escolas e, em consequência, também cada vez mais cedo lhes eram inculcados os princípios dos adultos, com o objectivo final de se tornarem em mais um elo da sofisticada máquina económica. Era, então, a educação mercantil que Agostinho não queria ver instalada em Portugal, porque, a seu ver, este conceito educativo apenas servia para transformar os indivíduos em meras peças na complicada engrenagem da produção e do consumo.

Este era um mal de que Portugal, a seu vêr, também já padecia há largos anos, tendo mesmo, embora de forma não consentida, sido fomentado pelas maiores figuras da nossa História. É por isso que, apesar da grande admiração que nutria pela pessoa e pelo reinado de D. Dinis, o nosso pedagogo não deixou de o criticar duramente por ter iniciado a escolarização do povo:

**“Antes, não há interesse em escolas (o único rei que caiu nisso foi D. Dinis, porque não previu o que ia ser a Universidade saída do seu Estudo Geral. Julgou que continuaria pelo**

---

<sup>414</sup> ) Idem, *Um Fernando Pessoa*, p. 85.

<sup>415</sup> ) *Ibidem*, p. 86

**bom caminho e está dando o resultado que tem dado...). Assentou-se que essa coisa dos meninos se educarem pela vida, com a vida, ao deixa andar, não dá. Não dá o quê?”<sup>416</sup>.**

E para Agostinho dava, tal como mostrava o papel relevante que os marinheiros portugueses tiveram nas descobertas, pois, pese embora a sua ignorância em ciência oficial, a educação sofrida na prática diária permitiu-lhes corrigir os enunciados científicos de então.

Mas se D. Dinis errou ao querer escolarizar de forma oficial a nação portuguesa, o seu sucessor, D. Afonso IV, com a premeditação e execução do assassinio de Inês de Castro, teria dado, segundo Agostinho, o golpe final na atitude do nosso povo que privilegiava a poesia e a sensibilidade enquanto vectores estruturantes em que assentava a convivencialidade: “Entre a Razão de Estado e o Amor não hesitou Afonso IV [...] pois que a Razão de Estado foi sempre muito de posses pessoais [...] e nunca mais o esqueceria o Povo...”<sup>417</sup>. Assim, em seu entender passava Portugal “...do afecto e da permissibilidade para a razão de estado – a que convinha à Europa.”<sup>418</sup>.

Ao nosso pedagogo desde cedo pareceu que a responsabilidade da uniformização de usos e costumes entre o povo português se devia à forte influência que os valores e modelos veiculados nas escolas europeias começaram a exercer junto dos nossos governantes. A pouco e pouco, a vida na Europa, neste espaço do mundo cada vez mais competitivo, tinha deixado de ser entendida como dádiva generosa, para ser planificada como uma tarefa de luta constante pelo sucesso individual: “A Europa se vendeu ao Diabo e o dinheiro que nisso ganhou lhe serviu para comprar Portugal.”<sup>419</sup>. Desta forma, comprando Portugal, a Europa “...destruiu o último refúgio que ainda poderia haver no mundo para as qualidades infantis...”<sup>420</sup>. Essas qualidades eram a “...imaginação, em vez do saber, do jogo, em vez do trabalho, da totalidade, em vez de separação...”<sup>421</sup>, porque, ainda no entendimento do nosso autor “...são essas [qualidades] e não as outras as que têm demonstrado os grandes criadores de ciência, os grandes artistas, ou os grandes políticos...”<sup>422</sup>.

---

<sup>416</sup> ) Idem, “A época mais decisiva do mundo”, em *Notícias-Magazine*, 31 de Dezembro de 1989, p. 8.

<sup>417</sup> ) Idem, “Fantasia portuguesa...”, em *Dispersos*, p. 710.

<sup>418</sup> ) Idem, “A época mais decisiva do mundo”, em *Notícias-Magazine*, 31 de Dezembro de 1989, p. 8.

<sup>419</sup> ) Idem, *Um Fernando Pessoa*, pp. 86-87.

<sup>420</sup> ) *Ibidem*, p. 87.

<sup>421</sup> ) *Ibidem*.

<sup>422</sup> ) *Ibidem*.



Era essa imitação servil do modelo europeu de sociedade e a consequente adoção de um paradigma escolar europeizado, que Portugal vinha seguindo, que o nosso autor atacava sem dó nem piedade:

**“Infelizmente também Portugal se deixou invadir pela pedagogia e pela escola, instrumentos destinados a construir uma civilização de adultos e a tornar a gente em ferramenta dessa construção. Na escola se aprende a separar o corpo da alma e a corrompê-los a ambos; todo o professor é outra vez o demónio tentando de novo a Unidade Adão e Eva a separar-se...”<sup>423</sup>.**

### **1.1.2. A pedagogia da alienação da criança**

Para o nosso autor era por demais evidente que entre nós, a instituição escolar não cumpria a sua tarefa de ajudar a educar condignamente os nossos cidadãos, porque assentava numa pedagogia dogmática e racionalista, de cariz obrigatório e suposta validade universal. No seu entender, a pedagogia oficial ainda não tinha evoluído o suficiente para poder ser usada na libertação da “...criança de tanta limitação da escola actual...”<sup>424</sup>.

Para Agostinho da Silva, era evidente que Portugal, tal como os restantes países ocidentais, vivia desde há muito mergulhado numa crise de identidade e numa confusão de valores. Para que esta situação se mantivesse, muito contribuía a Escola instituída. Agostinho considerava essencial que se mantivesse o sonho e a poesia nas crianças, mas, infelizmente, constatava que estas qualidades eram abafadas pela Escola

**“...com a cópia, o ditado e a mania de ensinar a resolver problemas em lugar de ser guia a que saibamos formulá-los, e a vida vai sufocando com sua disciplina social, aquela que consiste em ganhar meticulosamente na fábrica [...] e em gastar à toa nos supermercados...”<sup>425</sup>.**

Assim, a política escolar adoptada por Portugal preocupava-se em fazer de cada cidadão apenas e só mais um consumidor, uma vez que ao obrigar todos os indivíduos, desde a mais tenra idade, à frequência escolar, buscava igualizar os comportamentos e as relações sociais,

---

<sup>423</sup> ) Idem, “Considerando o Quinto Império”, em *Dispersos*, p. 196.

<sup>424</sup> ) Idem, “O homem e as civilizações”, em *ibidem*, p. 756.

<sup>425</sup> ) Idem, “82: semanário do mês de Santiago o qual lhe aparecendo pensando compôs em linguagem Agostinho e assim o enviou a seus amigos”, em *ibidem*, p. 748.

reprimindo, em consequência, a diferença e a divergência. Agostinho, recorrendo a uma metáfora, pronunciou-se sobre esta realidade em termos irónicos, mas certos, ao contar-nos a experiência de uma amiga que construiu uma capoeira e após colocar nela galinhas de aviário notou que essas galinhas eram inábeis para viverem como galinhas. Aplicando este exemplo à Escola concluiu “...que, substituindo galinha por criança e aviário por escola, iria descobrir porque é que tanta gente se esqueceu de que era gente para ser doutor, engenheiro... e vadios, os mais espertos.”<sup>426</sup>.

## **1.2. Rumos a seguir**

### **1.2.1. O respeito pela criança**

O pedagogo português, convicto de que as verdadeiras escolas só o seriam se o fossem de “...tempos inteiramente livres...”<sup>427</sup>, apelava incessantemente para a necessidade de levar a cabo uma “...educação de crianças pela vida...”<sup>428</sup>, por entender que esta era a única maneira de educar os “...Imperadores do Espírito Santo...”<sup>429</sup>. Em seu entender, tornava-se por isso essencial que a educação portuguesa voltasse a colocar a criança no eixo central de toda a acção educativa nos moldes atrás enunciados, para que se pudesse cumprir a profecia evangélica e, em consequência, garantir um futuro melhor para todos, expresso pelo “...reino daqueles que foram crucificados em todas as épocas, por todas as políticas e por todas as ideologias, apenas porque acima de tudo amavam a liberdade e a consideravam, não ao medo, às restrições e à força, como o grande motor do mundo...”<sup>430</sup>.

O nosso autor teorizou longamente sobre a criança enquanto símbolo da educação escolar portuguesa. A sua aturada reflexão pedagógica levava-o a constatar que “Não haverá salvação para o mundo enquanto [...] as nossas escolas, transformando-se inteiramente, não forem, em lugar de máquinas de fabricar adultos, viveiros de conservar crianças; enquanto não forem as crianças que nos levem [...]. Enquanto não for o Menino Jesus o nosso Deus verdadeiro.”<sup>431</sup>. Desta forma, o nosso pedagogo expressava o desejo profundo de que as escolas adoptassem

---

<sup>426</sup> ) Idem, “Agostinho, ensine-nos (entrevista a Lurdes Féria)”, em *ibidem*, p. 113.

<sup>427</sup> ) Idem, *O Império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 16.

<sup>428</sup> ) Cf. idem, “Apresentação”, em Ferraz, Marcelo Carvalho, *Arquitetura rural na serra da Mantiqueira*, p. 10.

<sup>429</sup> ) *Ibidem*.

<sup>430</sup> ) Agostinho da Silva, *Educação de Portugal*, p. 11.

<sup>431</sup> ) Idem, *Um Fernando Pessoa*, p. 87.

como modelo do adulto a formar esse Menino traquina, que Fernando Pessoa, pelo seu heterónimo Alberto Caeiro, nos tinha apresentado no poema VIII do *Guardador de rebanhos*. Queria Agostinho da Silva que as escolas portuguesas tivessem uma prática quotidiana que considerasse “...a criança como paradigma do homem...”<sup>432</sup>.

Este oásis educativo não era fácil de se conseguir e o nosso pedagogo sabia-o bem, apelando por isso à total substituição do modelo de Escola tradicional, com o desejo de “...que das máquinas de fabricar adultos nem as ruínas sobrem...”<sup>433</sup>. Na pedagogia da Escola tradicional pretendia-se transformar a criança em adulto, doravante, desejava o nosso pensador que, à medida que fosse crescendo, a criança não desaprendesse as suas qualidades originárias e delas pudesse dar testemunho

**“...harmoniosamente e livremente [...] que seja perfeita [...] que a deixemos, pela liberdade e o amor, ser perfeita como nosso Pai é perfeito; eis, de longe vindos, o conselho e a ordem.”**<sup>434</sup>.

Quanto ao papel da criança como símbolo de uma sociedade mais justa e fraterna, Agostinho assumia a herança cristã onde a criança, de facto, é apresentada como símbolo da vida perfeita, modelo para os adultos, que deixaram há muito de se encantarem com a pureza da vida. Para dar testemunho e manter viva esta tradição, o pedagogo portuense desejava que a criança “...sendo perfeita nos eduque a nós [...] não para que continuemos, melhores soldados [...] mas para que possamos entender que o meio mudou...”<sup>435</sup>. Seguindo o modelo da criança, cada um apenas reconheceria como única obrigação a de ser criador e adorador da vida. Agostinho ia mais longe quando associava a defesa da criança à defesa de Portugal, pois, em seu entender, Portugal só poderia aspirar a ter um futuro diferente quando toda a sociedade fosse capaz de se relacionar intimamente com as crianças e dessa relação se aprendesse a limitar “...nossas pretensões de saber e poder [...] de nos convenceremos de que não há vida superior que não seja jogo e sonho e de que a força do homem está na imaginação...”<sup>436</sup>.

---

<sup>432</sup> ) Idem, *Educação de Portugal*, p. 9.

<sup>433</sup> ) Idem, “Ecúmena”, em *Dispersos*, p. 237.

<sup>434</sup> ) *Ibidem*.

<sup>435</sup> ) *Ibidem*.

<sup>436</sup> ) Idem, “Proposição”, em *ibidem*, p. 625.

Esta não era, para o nosso pedagogo, uma missão impossível para Portugal, uma vez que o nosso povo já tinha ensaiado com sucesso um modelo de educação que serviu inteiramente os interesses da criança:

**“Resta, porém, ao espírito português a lembrança de ter feito crianças imperadores, e aí estará a base indispensável para destruir o sistema de escolas do mundo, criando lugares onde se aprenda e não lugares onde se ensine...”<sup>437</sup>.**

No essencial, a pedagogia adequada para formar a criança imperador ensinava a cultivar “...a fantasia e não a memória; pondo o professor a aprender a ser criança e não a criança tendo como modelo o professor; suprimindo a obscenidade de os separar por sexos [...] pondo-os em contacto com os problemas e não com as soluções...”<sup>438</sup>.

### **1.2.2. Ligação entre a escola e a vida**

Agostinho propôs, como tarefa para a Escola portuguesa, que se fosse às mais longínquas e desamparadas aldeias de Portugal para “...saber como estava[m] quanto a economia básica, quanto a curiosidades ou conhecimentos e, quanto a saúde, no que respeita a prevenção de doença...”<sup>439</sup>. Era a estas condições essenciais que se deveria atender antes de se providenciar, no seio dessas mesmas comunidades, a edificação de uma escola, que deveria funcionar nos seguintes inovadores moldes: primeiro, que fosse uma “...escola sempre aberta a quem quisesse perguntar alguma coisa”<sup>440</sup> do muito que ignora; segundo, que fosse uma escola apetrechada “...para ensinar a cada um a responder [...] à pergunta que [...] quer fazer”<sup>441</sup>; terceiro, que toda a tarefa educativa se pudesse basear numa “...educação familiar e pública que não deforme a criança...”<sup>442</sup>. A Escola que viesse a surgir após a observância estrita destes princípios, seria um reduto onde se passaria a cultivar a “...poesia das crianças e necessidade de as não deformar...”<sup>443</sup>. Para tanto, lançar-se-ia mão aos instrumentos essenciais que

---

<sup>437</sup> ) Idem, “Considerando o Quinto Império”, em *ibidem*, p. 196.

<sup>438</sup> ) *Ibidem*.

<sup>439</sup> ) Idem, “Uma nota de Agostinho”, em *O Setubalense*, 6 de Setembro de 1989, p. 5.

<sup>440</sup> ) *Ibidem*.

<sup>441</sup> ) Cf. idem, *Namorando o amanhã*, p. 34.

<sup>442</sup> ) Idem, “Uma folhinha de quando em quando – Junho 91”, em *O Setubalense*, 12 de Junho de 1991, p. 4.

<sup>443</sup> ) Idem, “Quinto Império do Espírito Santo – S. Félix – 4436 Bahia – Brasil”, em *ibidem*, 10 de Outubro de 1990, p. 4.

permitted to walk with the certainty that one was pretending to do the “Vida a Mestre e pela criatividade caminhar em direcção ao Divino.”<sup>444</sup>.

A nova pedagogia que Agostinho defendia para Portugal trazia implícita, pois, a necessidade de “...substituir as escolas obrigatórias pelas [escolas] livres e gerais...”<sup>445</sup>, ou, pelo menos, a pouco e pouco, ir transformando a organização da Escola: “Se encaminharia toda a escola a ser de cooperativa dos alunos, talvez em ligação com grupos de professores, com organismos locais e com [...] parte de município ou município.”<sup>446</sup>. A nova estrutura escolar contemplaria, naturalmente, novas práticas educativas, das quais Agostinho destacava o facto de que não teria “...afixado nas paredes, por sua vez mostruários de leis, o que é obrigatório aprender, mas se ofereça satisfazer o sonho de aprendizagem de cada um.”<sup>447</sup>. Era convicção do nosso autor que só respeitando esta forma de organização, as escolas se poderiam instituir como verdadeiras “Escolas de liberdade [...] Com a convicção, não apenas o lema, de que só a liberdade é criadora.”<sup>448</sup>.

Mas as propostas do pedagogo português não se ficavam por aqui. Ele desejava, ainda, que as futuras escolas estivessem viradas para a vida das comunidades, a todos abertas e a ninguém recusadas, devendo ter “...ao lado da biblioteca do que se sabe, outra do que se ignora ainda, e que, no importante, é quase tudo: em metade do ano se homenagearia o passado, na outra metade o futuro; na única homenagem que ele quer e preza: a de que o descubram.”<sup>449</sup>. Só assim se garantiria a cada membro da comunidade a formação integral ao longo da vida.

Era, por tudo isto, convicção do nosso autor que a educação escolar de que Portugal precisava tinha de brotar de uma nova praxis educativa, bem enraizada na vida das populações, no pressuposto de que “...a cooperativa municipal e [...] o conjunto nacional devia ser o de federação cooperativa...”<sup>450</sup>, quadro este em que a Escola, no essencial, “...preparasse os homens para os tempos livres, não para as disfarçadas prisões que, para o geral, são a oficina ou o escritório ou a defesa da cobiça própria frente às cobiças alheias; a escola em que o aluno formule a pergunta substituindo as que hoje todas são, aquelas em que o professor inculca as

---

<sup>444</sup> ) *Ibidem*.

<sup>445</sup> ) Idem, “Carta vária V”, em *Dispersos*, p. 815.

<sup>446</sup> ) Idem, “Carta vária VI”, em *ibidem*, p. 815.

<sup>447</sup> ) Idem, “Carta vária IX”, em *ibidem*, p. 818.

<sup>448</sup> ) Idem, “Carta vária LV”, em *ibidem*, p. 860.

<sup>449</sup> ) Idem, “Pensamento em farmácia de província. 8 – Abril 77”, em *ibidem*, p. 681.

<sup>450</sup> ) Cf. idem, “Fontes e pontes do futuro. Tema: Fundação nacional”, em *Vida Mundial*, 8 de Setembro de 1972, p. 44.

respostas que se convencionaram de bom uso social.<sup>451</sup> Em consequência, Agostinho propunha com as respectivas adaptações a todos os níveis de ensino, uma

**“Escola para estudar e meditar, não para ensinar e falar; escola que nada separe da natureza a que teremos de voltar enriquecidos de tudo o que nos foi a experiência da história; e escola que reforme o mundo, em vez de ser o apagado eco de todo o vagaroso progresso a que os oprimidos têm sempre obrigado os opressores; e que actue, por cada um dos seus membros, no meio imediato com que entra em contacto: o de sua família.”<sup>452</sup>**

Continuando a reflectir sobre o longo passado da nação portuguesa, o nosso autor insistia que a Portugal era a educação pela experiência aquela que mais lhe convinha: “Em Portugal aprendem-se as coisas de cor quando, pela tradição, o verdadeiro Portugal as aprendia pela experiência. E é essa acumulação de experiência, e são esses séculos de aprendizagem pela experiência que fez Duarte Pacheco dizer a frase célebre, ‘da experiência madre de todas as coisas’. É experimentando, é vendo, que se aprende e não pelo livrinho, o manual.”<sup>453</sup> Desta forma, o nosso autor ambicionava um futuro para Portugal onde a educação se viesse a desenvolver “...cada vez mais fora da escola, a não ser que esta passe a honrar a sua etimologia grega de tempo livre...”<sup>454</sup>

### **1.2.2. O crescimento intelectual**

Agostinho da Silva estava convicto de que o tempo moderno exigia uma política educativa que olhasse para a Escola de forma mais consonante com a multiplicidade dos conhecimentos e as novas motivações dos indivíduos: “A escola [...] tem de ser, ao mesmo tempo, artística, científica, filosófica e técnica, tem que aumentar a capacidade de invenção, acelerar o processo de entrada na criação de todos os campos, preparar o espírito para aceitar toda a experiência e para levantar todo o problema.”<sup>455</sup>

O nosso pedagogo não pretendia para Portugal uma Escola que subjugasse a razão à emoção. Para ele era importante manter a dimensão emotiva da educação, sem contudo descurar a parte intelectual do ser humano. Era nesta linha de ideias que o pedagogo portuense

---

<sup>451</sup> ) Idem, “Conversão de infiéis”, em *Dispersos*, p. 792.

<sup>452</sup> ) Idem, *Educação de Portugal*, p. 70.

<sup>453</sup> ) Idem, *O Império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 66.

<sup>454</sup> ) Idem, “É a hora – Dezembro/88”, em *Dispersos*, p. 923.

<sup>455</sup> ) Idem, “Considerando o Quinto Império”, em *ibidem*, p. 199.

concebia a educação “...como a instrumentação que se deve fornecer a cada homem para que seus juízos sejam plenamente informados e racionalmente atingidos, sempre o acompanhando na marcha a dúvida metódica e a fé na sua inteligência...”<sup>456</sup>. Este juízo informado que a educação tinha a obrigação de promover desenrolar-se-ia na “...esperança de atingir a verdade e a hipótese de haver mundos que escapam às faculdades humanas; o amor de se aperfeiçoar a si mesmo e o de fazer que possam os outros partilhar de suas experiências e de seus avanços.”<sup>457</sup>.

Para o nosso autor, pese embora a educação escolar se dever pautar pela exigência face ao saber, ela tinha que ser inteiramente livre e em todos os níveis de ensino era necessário acompanhar a “...frequência dos estudos com a reflexão filosófica sobre o que valem eles, sobre o que vale a verdade, sobre o que vale a vida, sobre o que valem nós dentro dela [...] sobre o mistério das origens e o nevoeiro dos fins...”<sup>458</sup>. E como, para Agostinho, “...não há [...] filosofia sem teodiceia ou teologia...”<sup>459</sup>, o que fundamentalmente competiria à educação que mais convinha ao Homem português era reflectir o “...verdadeiro ecumenismo neste conjunto de Povos...”<sup>460</sup> de cultura portuguesa. Desta forma, o nosso autor protagonizava uma Escola que incluísse todos os ramos do saber para que fosse ao encontro da totalidade do ser dos alunos, em vez de apenas se preocupar em aguçar o engenho para a competição social e o exercício do poder.

### **1.3. Enquadramento da intervenção do Estado**

Recorrendo a exemplos da História de Portugal, Agostinho elogiou o ensino feito entre nós antes de D. Afonso IV, no qual “Haveria decerto educação oficial e seriada, no cimo da qual estavam os estudos universitários, ainda incertos de rede e rumo; mas o que realmente criava cidadãos e homens de artes era a escola da experiência em serra, campo ou mar e o aprendizado dos mesteres.”<sup>461</sup>. Ou, como explicitava melhor em outro lado, antes de D. Afonso IV “Fora uma ou outra escola – e a experiência da Universidade não foi das melhores – se educava a gente menos em escrituras do que no que se via nítido e no que se vivia profundo. O que daria

---

<sup>456</sup> ) Idem, “Proposição”, em *ibidem*, p. 618.

<sup>457</sup> ) *Ibidem*.

<sup>458</sup> ) *Ibidem*, p. 627.

<sup>459</sup> ) *Ibidem*.

<sup>460</sup> ) *Ibidem*.

<sup>461</sup> ) Idem, “Fantasia portuguesa para orquestra de história e de futuro”, em *Dispersos*, p. 709.

seu fruto.”<sup>462</sup>. O fruto, é claro, foi a epopeia dos descobrimentos. Desta forma, tornava-se ainda mais evidente que o nosso pedagogo não punha de parte o esforço do Estado na educação do Povo, mas achava que se esse esforço não fosse complementado pela experiência quotidiana de cada um nenhuma educação escolar valeria realmente a pena.

O pedagogo portuense, de forma realista, sabia que era inútil qualquer tentativa para eliminar o controle da política escolar por parte do Estado. Sugeriu, então, que o organismo ou ministério que tutelasse o ensino se chamasse “...de Instrução e nunca de educação: forneceria os materiais, não os projectos, dava veículos, não itinerários, criava felizmente alunos [...] mas não conduziríamos ninguém à condição de discípulo ou de partidário...”<sup>463</sup>.

Apelava, também, a quem de direito no aparelho do Estado, que providenciasse a abertura de “...escolas baratas [...] que contenham em si todos os graus [...] que se renovem com o contacto íntimo com quem as não frequenta ou como professor ou como aluno. Se o servir se fará na ordem como militar, o criar se fará nela como escola: como aprendizado...”<sup>464</sup>. Esta espécie de escola inclusiva era projectada pelo nosso pedagogo no sentido da vivência comunitária.

O pedagogo portuense sugeriu, ainda, aos decisores políticos alguns princípios a ter em conta para por em prática uma educação de cariz nacional. Era, então, com sentido construtivo e colaborante que Agostinho participava no debate público em torno das questões educativas. Naturalmente, mostrava-se adepto de que o sistema de ensino que vigorava por não se adequar à realidade portuguesa, pudesse ser substituído “...por outro em que sejam pontos fundamentais: duvidar metodicamente [...] olhar o que se faz como um meio de avançar no sentido de que coexista o máximo de segurança com o máximo de liberdade; deixar que surjam homens seguros de si próprios...”<sup>465</sup>. Queria, sobretudo, uma nova pedagogia onde “Além dos termos [...] se usarão conceitos [...] apurados por muita experiência a que se não fugiu, experiência de livros [...] experiência de pessoas [...] experiência de terras...”<sup>466</sup>. A responsabilidade educativa teria, agora, que passar a caber a toda a comunidade e não apenas aos agentes educativos do Estado, tendo sempre na devida conta que “...nenhum erro de conceito se deverá [...] à deficiência do que veio de fora, mas à insuficiência e debilidade do que

---

<sup>462</sup> ) Idem, “Portugal ou cinco idades”, em *ibidem*, p. 725.

<sup>463</sup> ) Idem, “É a hora – Dezembro/87”, em *ibidem*, p. 879.

<sup>464</sup> ) Idem, “Considerando o Quinto Império”, em *ibidem*, p. 199.

<sup>465</sup> ) Idem, “Proposição”, em *Dispersos*, p. 624.

<sup>466</sup> ) Cf. idem, *Educação de Portugal*, p. 8.



dentro o esperava, e a nenhum pensamento que for exposto se deverá considerar como insusceptível de correcção futura...”<sup>467</sup>.

Só encarando a Escola segundo estes princípios é que se poderia desenvolver uma política escolar que interessasse a Portugal, contemplando, segundo o nosso autor “...tudo quanto no País for educativo, e cooperativo...”<sup>468</sup>. Em termos organizacionais, o pedagogo portuense acabava por sugerir que, no seu conjunto, a nova política escolar portuguesa se viesse a sedear numa secção a que “...chamaremos nós de ‘Irene Lisboa’, educadora por poeta, como se deve...”<sup>469</sup>.

## 2. Os níveis de ensino

### 2.1. Educação de infância e ensino primário

Pese embora ter adoptado a criança como centro da sua pedagogia, Agostinho não fez muitas incursões no terreno da educação de infância. O nosso pedagogo apenas nos legou uma ideia de ensino primário segundo a qual “Nenhum centro escolar funcionaria sem jardim infantil”<sup>470</sup>, entendendo, assim, que o sistema educativo português deveria considerar a “...escola primária [...] como principiando com o jardim de infância...”<sup>471</sup>.

Sobre o ensino primário, o pedagogo portuense, sem deixar de ter em mente as tenras idades daqueles que o frequentavam e a realidade da nação portuguesa, defendeu que

**“...toda a escola primária deveria ser uma cooperativa de produção e consumo, principiando logo no rumo certo de, não sendo apenas de produção, se defender das tentações de dominar o mercado, e não sendo apenas de consumo, não se ver obrigada a ceder às exigências do produtor...”**<sup>472</sup>.

Este grau de ensino tinha para o nosso autor, uma importância primordial. A ele competiria agregar toda a comunidade, ser o centro de partida e de chegada de todos os

---

<sup>467</sup> } *Ibidem*.

<sup>468</sup> } Idem, “Barca D’Alva – educação do Quinto Império, fascículo 2”, em *Dispersos*, p. 492.

<sup>469</sup> } *Ibidem*.

<sup>470</sup> } Idem, “Fontes e pontes do futuro. Tema: Fundação nacional”, em *Vida Mundial*, 8 de Setembro de 1972, p. 43.

<sup>471</sup> } Idem, *Educação de Portugal*, p. 69.

<sup>472</sup> } *Ibidem*.

habitantes de um mesmo lugar: “Deve funcionar a escola primária e, no mesmo rumo, todas as outras, como centro de reunião e actividade de lazer da comunidade inteira, ali se dando as aulas que forem solicitadas, se ensinando os misteres que forem solicitados, dando as informações e guia que forem solicitadas.”<sup>473</sup>.

## 2.2. Ensino secundário

Para Agostinho da Silva não era só o funcionamento do ensino primário, mas o de todos os níveis escolares que tinha que se organizar cooperativamente. Deste modo, entendia Agostinho que as escolas secundárias se deveriam organizar “...o mais possível de internato, não como edifícios à moda de armazéns ou quartel, mas como aldeias escolares, com moradias de professores e alunos...”<sup>474</sup>. Não querendo, contudo, que Portugal desbaratasse dinheiro na edificação destas estruturas escolares, sem que tivesse o respectivo retorno, propunha que a abertura e o funcionamento destas escolas se viesse a fazer apenas “...quando houvesse candidatos à matrícula que tivessem cursado pelo menos um ano das reformadas primárias e as faríamos com internato para os alunos que as distâncias pudessem impedir a frequência...”<sup>475</sup>.

Confrontando este nível de ensino com os que o antecediam e o sucediam, o nosso autor foi muito claro na afirmação da primazia do secundário: “...o chamado ensino secundário [...] é o mais importante entre todos, se é que há a fazer tais destrinças...”<sup>476</sup>. Esta importância concedida ao nível de ensino que tinha a dupla missão de preparar os indivíduos para a vida activa e de lhes desenvolver as capacidades intelectivas para ingressarem na Universidade, exigiria, nas suas palavras, “...mais de nós que o superior em cuidados e meios...”<sup>477</sup>.

Não é por isso de estranhar que o nosso autor contribuisse com algumas sugestões para o estabelecimento do currículo deste nível de ensino: “Rode a escola secundária, para conhecimento do mundo, à volta da zoologia e da botânica e da geografia em todos os seus aspectos [...] chegue-se depois à química e à física [...] até atingir a matemática [...] a matemática que, partindo do indemonstrável, ao indemonstrável arriba [...] e nos dá, por aí, a

---

<sup>473</sup> } *Ibidem*, p. 71.

<sup>474</sup> } Idem, “Fontes e pontes do futuro. Tema: Escola e trabalho”, em *Vida Mundial*, 28 de Julho de 1972, p. 38.

<sup>475</sup> } Idem, “Fontes e pontes do futuro. Tema: Fundação nacional”, em *ibidem*, 8 de Setembro de 1972, p. 44.

<sup>476</sup> } Cf. idem, *Educação de Portugal*, p. 61.

<sup>477</sup> } *Ibidem*.

mais clara das teologias, embora o deus dela se possa chamar raiz quadrada de menos um.”<sup>478</sup>. Esta era a componente científica que o novo currículo não poderia deixar de fora.

Em termos do estudo da língua e da literatura portuguesa, Agostinho aconselhava a que os alunos das escolas secundárias lessem os autores portugueses apenas depois de eles mesmos terem escrito muito: “Aos textos portugueses só deve ir o aluno depois dele próprio ter escrito muito, pois que é mais importante que esteja seguro de seu próprio poder de criação do que venha admirar o que fizeram outros...”<sup>479</sup>. Como vemos procedendo desta forma o nosso pedagogo pensava ser mais fácil estimular a criatividade individual elogiando o pouco que se poderia fazer de novo em detrimento do muito que já se encontrava feito.

A escola secundária portuguesa deveria, também, promover a educação artística, abrangendo “...todas as artes...”<sup>480</sup>.

Agostinho apelou, ainda, para que, entre nós e neste nível de ensino, se acabasse “...de vez com as absurdas distinções de escolas técnicas e liceus...”<sup>481</sup>, o que não o impediu de pugnar por um ensino superior técnico, como de seguida se verá.

### **2.3. Ensino superior técnico**

Crítico da confusão entre o ensino técnico superior e a Universidade e do predomínio que aquele alcançava no seio da Universidade portuguesa, o nosso pensador achou importante definir “...bem o que é Universidade e o que é Escola Técnica...”<sup>482</sup>, o que passamos a evidenciar, quanto a esta última, nas seguintes linhas.

O pedagogo português defendia que se investisse num ensino superior técnico por lhe parecer que este tipo de ensino era o mais adequado para ajudar a tirar Portugal do atraso a que tinha sido votado, desde sempre, pelos seus governantes. Com o intuito de formar uma nova geração de portugueses que rapidamente pudessem contribuir para a prosperidade do seu país, Agostinho apelava para a necessidade urgente de, a um nível didático superior técnico “...preparar o exército de técnicos de que precisa para assegurar a seus povos uma economia que os liberte da miséria; uma engenharia que facilmente os comunique entre si; uma medicina

---

<sup>478</sup> } *Ibidem*, p. 64.

<sup>479</sup> } *Ibidem*.

<sup>480</sup> } *Ibidem*, p. 65.

<sup>481</sup> } *Ibidem*.

<sup>482</sup> } *Ibidem*, p. 51.

que lhes assegure a saúde [...] um professorado que os ensine [...] um corpo jurídico que os defenda...”<sup>483</sup>.

Agostinho apelava, então, à necessidade imperiosa de formar convenientemente técnicos que pudessem suprir as carências imediatas de uma sociedade pobre como a nossa. Ante um número tão elevado de carências, propunha que o ensino superior técnico “A ninguém recusará a entrada e para atender a quantos se apresentem multiplicará o número de escolas, espalhando-as o mais possível por todo o país...”<sup>484</sup>. A urgência de qualificar os cidadãos era tanta que Agostinho desvalorizava as instalações onde viessem a funcionar estas escolas e os recursos materiais que pudessem ou não possuir.

Agindo assim, “Postas a funcionar como devem todas essas escolas técnicas de terceiro grau, intensificados os cursos, alargado o tempo do trabalho, apenas com as mesmas férias que têm os operários ou funcionários, mas diminuído, por isso, o número de anos necessários a cada formatura...”<sup>485</sup>, o nosso autor acreditava que estariam criadas as condições para que Portugal pudesse iniciar o desenvolvimento com que as suas gentes tanto ansiavam.

## **2.4. Ensino universitário**

### **2.4.1. A crítica à Universidade portuguesa**

#### **2.4.1.1. Uma elite divorciada do povo**

Agostinho da Silva desde cedo criou a convicção de que a Universidade portuguesa que tinha frequentado “...interessava apenas a uma parte mínima da população; o acesso era fundamentalmente impedido pela pobreza em que vivia o povo e pela ausência absoluta de informação...”<sup>486</sup>. Tal cenário levava com frequência o pedagogo portuense a considerar que em Portugal, na primeira metade do século vinte, não havia “...Universidade alguma: nada se descobria, nada se transmitia, nada se criticava...”<sup>487</sup>.

Agostinho empenhou-se em pensar as condições que tornassem propícias mudanças no seio da Universidade portuguesa. Ainda estudante universitário, abraçando o ideário nacionalista

---

<sup>483</sup> } *Ibidem*.

<sup>484</sup> } *Ibidem*.

<sup>485</sup> } *Ibidem*, p. 53.

<sup>486</sup> } Idem, “Sobre Opressão”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, p. 19.

<sup>487</sup> } *Ibidem*.

e regenerador que o acompanhava ao longo da sua formação universitária e aproveitando, naturalmente, a projecção conseguida com os cargos que desempenhava na Academia portuense – Presidente da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras, Delegado da Academia à Assembleia Geral da Universidade, Director do jornal da Academia *Porto Académico* –, em 1927 expressava em tom amargo: “Vejo a obra dessa Academia de ontem, os homens de hoje – ruínas e ruínas. O seu ideal foi a destruição de tudo aquilo em que a Pátria poderia encontrar alentos para a sua renascença.”<sup>488</sup>. A Universidade portuguesa e aqueles que a serviam, na opinião do nosso autor, “Atacaram com rijeza a Fé, transformaram a História de Portugal numa galeria de criminosos célebres, alcunharam de tarado um D. João III, um D. Sebastião, entretiveram-se a ridicularizar D. João VI, notando como crime infamante a sua retirada para o Brasil, esbravejaram contra a inquisição sem lembrarem que ela impediu que Portugal se suicidasse em funestas lutas religiosas.”<sup>489</sup>. Assim, para Agostinho, era evidente que alguma degradação a que tinha chegado o nosso Povo se devia em larga escala aos académicos portugueses que, consentidamente, criavam entre a elite universitária uma mentalidade hostil em relação a alguns marcos históricos da identidade nacional ao anunciarem “...ideias para que o povo não estava preparado e que apenas poderiam produzir os actos de banditismo a que a cada passo estamos assistindo.”<sup>490</sup>.

#### **2.4.1.2. O conservantismo linguístico**

O ataque que Agostinho dirigiu à Universidade enquanto estudante, foi continuado e aumentado, nomeadamente no que dizia respeito ao ensino da Língua Portuguesa e da Filologia Clássica, alguns anos volvidos, quando o nosso autor, já diplomado, iniciou a publicação regular dos seus escritos. Para compreender o alcance das suas críticas, atentemos, então, ao conteúdo do artigo que intitulou *Paladinos da linguagem*, onde criticou os académicos de então pelo facto de quererem manter a língua portuguesa imune à modernização, ao contrário do que já vinham fazendo outros países, nomeadamente, a França. Neste artigo, o nosso autor começa, de modo irónico, por nos dizer: “Os paladinos da linguagem são pessoas extremamente respeitáveis, na sua grande parte sócios da Academia ou da nunca suficiente louvada Associação dos

---

<sup>488</sup> } Idem, “O pensamento Académico (entrevista a Bento Caldas)”, p. 3.

<sup>489</sup> } *Ibidem*.

<sup>490</sup> } *Ibidem*.

Arqueólogos...”<sup>491</sup>. Devido ao estatuto que as suas profissões lhes garantia, como bons guardiões da tradição, os puristas da nossa língua opunham-se com todas as suas forças, aos ataques que lhe iam chegando “...do Brasil, pela ortografia, do Pôrto, pelo galicismo, de Paio Pires, pelo erro de pronúncia...”<sup>492</sup>.

Analisando as consequências desta forma de proceder por parte dos académicos, era óbvio para o nosso autor que eles nada mais faziam senão defender uma gramática “...inimiga da vida, da clareza e do pensamento...”<sup>493</sup>, enfim, eles apenas mantinham viva “...uma língua que só serve para os discursos de jubileu, para narrações, para descrever com peso e gravidade...”<sup>494</sup>. Fechados à possibilidade de rever a sintaxe e o vocabulário da nossa língua, considerava Agostinho que “Os senhores paladinos continuam amarrados a uma língua que passou...”<sup>495</sup>.

Servindo-se do exemplo francês, o pedagogo portuense aconselhou, então, os académicos, a que considerassem o galicismo como um amigo da nossa língua, uma vez que “...êle vem duma civilização superior, duma civilização que não vegeta sobre as suas recordações, trazer-nos o seu auxílio generoso...”<sup>496</sup>. Para o nosso autor, parecia óbvio que, mais cedo ou mais tarde, a nossa língua tinha que acolher no seu seio os galicismos, pese embora o esforço dos académicos que, em nome de um purismo lexical retrógrado, se tinham tornado “...a mais seca e estéril coisa que, fora o cardo, existe à superfície da terra.”<sup>497</sup>. Para o nosso autor, a este tipo de análise não era alheio o modelo de ensino adoptado para manter a pureza da nossa língua: “...quanto mais nos aproximamos de Vieira ou de Bernardes, tanto mais nos afastaremos do mundo onde há Vida e Clareza...”<sup>498</sup>. Apesar de todas as dificuldades nesta luta desigual pela modernização da língua, Agostinho, em nome de Portugal, dirigindo um derradeiro repto aos nossos académicos, terminava a sua reflexão num ambiente de redobrada esperança:

**“...deixai-nos ser incorrectos e, como dizeis, anti-patriotas; talvez, um dia, nós consigamos, embora desprezando gramáticas e gramáticos, que o estrangeiro tenha um pouco mais de consideração por Portugal.”**<sup>499</sup>.

---

<sup>491</sup> } Idem, “Paladinos da linguagem”, em *Princípio*, n<sup>o</sup>1, p. 5.

<sup>492</sup> } *Ibidem*.

<sup>493</sup> } *Ibidem*.

<sup>494</sup> } *Ibidem*.

<sup>495</sup> } *Ibidem*.

<sup>496</sup> } *Ibidem*.

<sup>497</sup> } *Ibidem*, p. 6.

<sup>498</sup> } *Ibidem*.

<sup>499</sup> } *Ibidem*.

O problema do ensino universitário em Portugal para Agostinho, continuava a residir no facto de nestas escolas se ensinar muito e se educar pouco. Por isso, criticava as reformas pombalinas, que embora tivessem sido proveitosas para ensinar mais e melhor os conteúdos das ciências experimentais, não tinham garantido a suficiente liberdade de ensinar e de aprender. Sendo assim, para o nosso pedagogo, em pleno século vinte, continuava a não se justificar em Portugal a existência de uma “...Universidade que se limite a fabricar técnicos e não [...] [tenha] por meta única orientar a comunidade a que pertence num caminho de plena liberdade...”<sup>500</sup>. Agostinho, com as suas reflexões e propostas no campo universitário, pretendia, de forma clara, contribuir para que a Universidade portuguesa, finalmente, pudesse despertar “...de seu sono de séculos...”<sup>501</sup>.

#### **2.4.1.3. O atraso no ensino da Filologia Clássica**

Da crítica feita por Agostinho ao ensino da Filologia Clássica na Universidade Portuguesa dão-nos conta os textos intitulados *Carta aos velhos latinistas*<sup>502</sup>, *A filologia clássica nas universidades*<sup>503</sup>, *Os nossos mestres de filologia clássica*<sup>504</sup>, *Os nossos mestres de filologia clássica – resposta ao Exmo Senhor Doutor José Joaquim Nunes*<sup>505</sup>. Em todos estes escritos o nosso autor atacou a didáctica conservadora que as universidades portuguesas continuavam a praticar no ensino e na aprendizagem da Filologia, elogiando, em contraposição, os avanços registados nos estudos filológicos nas universidades francesas.

Em *A filologia clássica nas universidades*, o nosso autor afirmava: “Das Secções das Faculdades de Letras é decerto a de Filologia Clássica uma das que mais precisa de completa remodelação para que corresponda plenamente às necessidades e exigências da cultura moderna.”<sup>506</sup>. Pese embora, no entendimento irónico do nosso pedagogo, a genialidade de quem

---

<sup>500</sup> ) Idem, “Regressos”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, p. 67.

<sup>501</sup> ) Cf. idem, “Quinze princípios portugueses”, em *Dispersos*, p. 262.

<sup>502</sup> ) Idem, “Carta aos velhos latinistas”, em *Seara Nova*, n° 133, pp. 246-247.

<sup>503</sup> ) Idem, “A filologia clássica nas universidades”, em *ibidem*, n° 154, pp. 147-148.

<sup>504</sup> ) Idem, “Os nossos mestres de filologia clássica”, em *ibidem*, n° 180, pp. 182-183.

<sup>505</sup> ) Idem, “Os nossos mestres de filologia clássica - resposta ao Exmo Senhor Doutor José Joaquim Nunes”, em *ibidem*, n° 185, pp. 264-267.

<sup>506</sup> ) Idem, “A filologia clássica nas universidades”, em *ibidem*, n° 154, p. 147.

fez o programa destas disciplinas, “...infelizmente, não possuía idéas seguras acêrca do que é a Filologia Clássica e do modo como ela deve ser estudada.”<sup>507</sup>.

Agostinho, acompanhando os progressos da Filologia, não gostando de criticar só por criticar, apresentou-nos um quadro a ter em conta no seu ensino nas universidades portuguesas. Desse quadro, constam as seguintes disciplinas:

**“História da Grécia e História de Roma, independentes, com duração dum ano;’**  
**‘Paleografia, Numismática e Epigrafia exclusivamente greco-latinas, a primeira anual, as duas outras semestrais;’**  
**‘História da Arte na Antiguidade, anual, com uma introdução sobre as artes egípcia e assíria, para estudo do problema da sua influência na arte grega;’**  
**‘História da Filologia Greco-Latino, anual;’**  
**‘História da Religião Grega e da Religião Latina, anual [...]’**  
**‘[...] desdobramento das actuais cadeiras de Língua e Literatura Latina e Língua e Literatura Grega em cadeiras de História das Línguas e História das Literaturas Clássicas [...] Gramática comparada do Grego e do Latim...’<sup>508</sup>.**

Ao proceder desta forma, o pedagogo portuense repartia as culpas do atraso do ensino filológico entre nós pela “...má organização dos cursos universitários...”<sup>509</sup> e pelos “...mestres e [...] alunos...”<sup>510</sup>.

Os alunos seriam os menos culpados pelo estado do ensino da Filologia Clássica, uma vez que o próprio Agostinho reconhecia que “...o aluno das Universidades Portuguesas, com o servilismo mental seu característico, desiste de julgar os mestres e não se afasta um ponto da doutrina por êle exposta, porque o exame o espera, ameaçador e terrível.”<sup>511</sup>. Mas se para a situação dos alunos o nosso autor encontrava algumas atenuantes, o mesmo não se passava em relação aos professores, que atacou por fazerem do Grego e do Latim matéria estritamente escolar e enfadonha, não se atrevendo a generalizar a sua divulgação nem a escrever sobre o assunto para um público o mais vasto possível. Na análise do nosso autor, tal procedimento revelava que estes professores “...não compreenderam que Portugal só terá uma vida intelectual

---

<sup>507</sup> } *Ibidem*.

<sup>508</sup> } *Ibidem*, p. 148.

<sup>509</sup> } Idem, “Os nossos mestres de filologia clássica”, em *Seara Nova*, n<sup>o</sup> 180, p. 182.

<sup>510</sup> } *Ibidem*.

<sup>511</sup> } *Ibidem*.



digna do seu passado quando quebrar-mos, violentamente que seja, o contacto com êsse mesmo passado...”<sup>512</sup>.

Como no ensino da Filologia a Universidade portuguesa continuava a manter-se fiel à tradição, Agostinho aconselhava a todos os portugueses que aprendessem com a França “...com os historiadores e com os críticos franceses a simplicidade de vocabulário, a simplicidade, que não é pobreza, mas domínio da abundância, os períodos que se não perdem em subordinações e em grandes coisas floridas, mas vão direitos ao fim; as frases que não são trabalhadas como uma jóia, mas como o forte elo de uma forte cadeia; a palavra de sentido exacto que se não presta a dúbias interpretações e às habilidades de dialectas escolásticos.”<sup>513</sup>.

## **2.4.2. Os fins e a organização da nova Universidade portuguesa**

### **2.4.2.1. Os fins**

Como vimos atrás, no ponto 2.3., o pedagogo portuense fez questão de marcar as balizas entre ensino superior técnico e ensino universitário. Em consequência, deixou claro que, em seu entender, só depois de estabelecer e pôr a funcionar uma boa rede de ensino superior técnico em Portugal nos deveríamos preocupar com a “...fundação da Universidade Futura, que não teria nada que ver com as escolas técnicas...”<sup>514</sup>. Mas não era tudo, pois a nova Universidade portuguesa também não poderia ter nada que ver com a tradicional estrutura universitária que Portugal ia mantendo:

**“...Portugal [...] tem actualmente a sorte de ter Universidades que nada valem, nada se perdendo, portanto, se se fecharem...”**<sup>515</sup>.

A exemplo das escolas superiores técnicas, as novas universidades porque Agostinho se vinha batendo teriam que ser “...pequenas escolas, bem espalhadas também por todo o País, quanto menos oficiais melhor, para mais completa liberdade de seus rumos, mas com sua vida material assegurada...”<sup>516</sup>. O nosso autor, de forma algo original, não hesitava em desvalorizar o papel do Estado na abertura destas instituições, aconselhando a que os organismos estatais

---

<sup>512</sup> } *Ibidem*, p. 183.

<sup>513</sup> } Cf. idem, “Da imitação de França”, em *Seara Nova*, n° 197, p. 71.

<sup>514</sup> } Idem, *Educação de Portugal*, p. 53.

<sup>515</sup> } *Ibidem*, p. 50.

<sup>516</sup> } *Ibidem*, pp. 53-54.

nada fizessem “...para que elas surgissem; apenas as ajudaria, sem compromissos, quando surgissem...”<sup>517</sup>. As universidades eram, assim, pensadas em plena continuidade com as restantes escolas e, como tal, teriam que se organizar segundo o modelo comunitário e cooperativo, não dando “...a ninguém direito algum e que fosse total a liberdade de criar; embora se andasse muito pelos domínios da ciência e da arte, mais se veria como próprio o da filosofia, ou melhor [...] o da teologia ecuménica...”<sup>518</sup>, por ser a única capaz de encaminhar a Humanidade para a teologia final, ou seja, “...a Teologia do Espírito Santo.”<sup>519</sup>.

Agostinho queria que, entre nós, as universidades fossem o campo privilegiado de reflexão sobre a nação e a identidade portuguesas, ensinando-nos “...de novo os caminhos do mar, as fraternidades da terra, o valor da fala, as técnicas que salvam, as ciências que sonham, a juventude que se esqueceu...”<sup>520</sup>. No entender do nosso pensador, só desta forma é que a Universidade seria “...total como sempre deveria ter sido, desde as escolas que ensinam o povo a ler até as adivinhações que só os séculos futuros entenderão.”<sup>521</sup>.

Como acabamos de constatar, era a partir do húmus que a História do seu Povo lhe legara que Agostinho gostaria de ver concretizada a Universidade que tanto desejava. Por isso, com as devidas correcções, o pedagogo portuense pensava que para a futura Universidade portuguesa ainda continuava válida

**“...a ideia basilar [...] de Dom Dinis, com seus Estudos Gerais, mas sem a restrita Universidade que depois veio; Estudos Gerais quer dizer de tudo para todos, a qualquer abertos e para ninguém obrigatórios...”<sup>522</sup>.**

Apurando as suas reflexões sobre o ideal de uma Universidade de cunho exclusivamente português, aquando do lançamento da *Nova Renascença*, em 1980, em três curtos parágrafos começou por associar a primeira Renascença à Faculdade que tivera o privilégio de frequentar, a primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto, da qual nos disse “...ter procurado um centro a Portugal e o encontrado num ‘indefinível vivido’ [...] a que José Marinho [...] chamou ‘insubstancial substante’.”<sup>523</sup>. À segunda Renascença, segundo o nosso autor, corresponderia a

---

<sup>517</sup> } *Ibidem*, p. 54.

<sup>518</sup> } *Ibidem*.

<sup>519</sup> } *Ibidem*.

<sup>520</sup> } Idem, “Quinze princípios portugueses”, em *Dispersos*, p. 262.

<sup>521</sup> } *Ibidem*.

<sup>522</sup> } Idem, “É a Hora – Janeiro/88”, em *Dispersos*, p. 883.

<sup>523</sup> } Cf. idem, “Mensagem”, em *ibidem*, p. 697.

Faculdade que lhe sucedeu bastantes anos depois e que considerou ter estado preocupada em “...definir o que é periferia portuguesa, nesse outro indistinto a fixando em que constrói Portugal, com chineses, malaios e japoneses, com muçulmanos e judeus, com africanos e ameríndios, e até com europeus, aquela concreta tessitura de ‘vida conversável’ [...] de que falou [...] o Pero Lopes em costas do Brasil.”<sup>524</sup>. Nessa altura, Agostinho pensava ter chegado a hora de iniciar um novo projecto, incentivando o movimento da *Nova Renascença*, que acabava de surgir, para que se empenhasse em instaurar uma nova Universidade que pudesse fazer a síntese das duas experiências anteriores

**“...em que periferia e centro se confundam, em que lembrança e projecto num mesmo tronco floresçam, em que abstracto e concreto uma só estátua, e animada formem, em que o Deus que adoremos seja o de Tudo e Nada, sempre em nós, de nós, a nós, por nós, voltando [...] só então Portugal, por já não ser, será.”<sup>525</sup>.**

#### **2.4.2.2. A organização**

Agostinho não descurou a reflexão sobre as condições reais em que a Universidade portuguesa se encontrava. No seguimento de um trabalho reflexivo de renovação da instituição universitária, de um modo mais realista e após percorrer os níveis de ensino anteriores, propunha: “De Universidades [...] teríamos bem tempo de as pensar realmente novas, não indo buscar modelos alemães, americanos ou franceses...”<sup>526</sup>. A Universidade que o nosso autor vinha defendendo, no reconhecimento efectivo das necessidades reais do seu país e na impossibilidade de se aproximar do ideal almejado, de certo modo teria que ter algumas das valências reconhecidas para o ensino técnico superior, uma vez que teria, simultaneamente, que integrar “...pedagogia e ensino, engenharia e fábrica, medicina e hospital...”<sup>527</sup>. Ou seja, estas instituições, para além de se preocuparem em pensar a totalidade da nação portuguesa, teriam ainda que acolher e continuar a formar as pessoas que já tinham frequentado as escolas técnicas e, entretanto, se tinham interessado por outro “...domínio de pesquisa e com os

---

<sup>524</sup> } *Ibidem*.

<sup>525</sup> } *Ibidem*.

<sup>526</sup> } Idem, “Fontes e pontes do futuro. Tema: Fundação nacional”, em *Vida Mundial*, 8 de Setembro de 1972, p. 44.

<sup>527</sup> } *Ibidem*.

autodidactas a quem se não pediria papel algum, repensaria, através do essencial de suas especialidades, o pensamento ou a vivência do povo.”<sup>528</sup>.

As carências do nosso país eram, de facto, muitas e por isso, os alunos e os professores que servissem a nova Universidade, no entender do nosso autor “...não teriam outras férias senão as do operário; metade do ano no estudo, metade do ano na prática, quinze dias de descanso entre um e outra...”<sup>529</sup>. Esta era uma exigência em que Agostinho insistia para que a Universidade pudesse realmente contribuir para suprir as graves deficiências do nosso país, uma vez que só trabalhando desta forma intensa se alcançariam “...formaturas mais rápidas, reciclagens [...] mais frequentes e obrigatórias, admissão de todo o competente para mestre e de todo o ignorante para aluno, mesmo que já tivesse sido professor.”<sup>530</sup>.

O pedagogo portuense, para erguer o projecto da Universidade Portuguesa do futuro, propunha, também, a criação de um “...museu universitário e biblioteca universitária [que] viriam a fazer um todo, num Serviço Geral de Documentação...”<sup>531</sup>. Para pôr em funcionamento este serviço “...procurar-se-ia que um certo número de especialistas, munidos dos indispensáveis conhecimentos de biblioteconomia e documentologia, servissem como bibliotecários de informação e atendessem às consultas que lhes fossem feitas...”<sup>532</sup>.

Agostinho considerava, ainda, que, na Universidade portuguesa do futuro, se deveria fundar não um Instituto de Teologia, tal como tinha defendido para a Universidade de Brasília, mas sim

**“...Centros de estudos Filosóficos, onde a filosofia significasse pensar Portugal em todos os seus aspectos [...] cuja única lei fosse a liberdade [...] que liberdade implica economia humana, informação segura e completa, juízo crítico...”**<sup>533</sup>.

Desta forma, cumprindo os pressupostos anteriores, em plena sintonia com aquela que considerava ser a melhor tradição da nação portuguesa e com os olhos postos no futuro, Agostinho pensava numa Universidade que se viesse a afirmar como um lugar “...em que a

---

<sup>528</sup> ) Idem, *Educação de Portugal*, pp. 53-54.

<sup>529</sup> ) Idem, “Fontes e pontes do futuro. Tema: Fundação nacional”, em *Vida Mundial*, 8 de Setembro de 1972, p. 44.

<sup>530</sup> ) *Ibidem*.

<sup>531</sup> ) Cf. idem, “Bahia – colecção de folhetos, 2”, em *Dispersos*, p. 494.

<sup>532</sup> ) *Ibidem*.

<sup>533</sup> ) Idem, “Fontes e pontes do futuro. Tema: Fundação nacional”, em *Vida Mundial*, 8 de Setembro de 1972, p. 44. Em 1958, Álvaro Ribeiro, seu antigo colega de Faculdade, fez a recensão da obra agostiniana *Reflexão à margem da literatura portuguesa*, na qual evidenciou o facto de ao longo do referido ensaio estar “Agostinho da Silva atento à nossa pedagogia que não foi preparada por uma filosofia” (cf. Ribeiro, Álvaro, “*Reflexão* – por Agostinho da Silva”, em *Diário de Notícias*, 18 de Dezembro de 1958, p. 13).

pesquisa é livre, livre a transmissão do que se descobre e livre a objecção a qualquer espécie de doutrina...”<sup>534</sup>.

### 3. Educação de adultos em Portugal

No início dos anos setenta do século vinte, quando Agostinho se pronunciou mais demoradamente sobre a educação que melhor se adequaria a Portugal, tratou também da educação de adultos: “...Trataríamos [...] da educação do povo, funcionando o edifício das escolas primárias como centro de educação de adultos e de vida social, numa superação da taberna, que é hoje para as aldeias, com a televisão, a convivência e a melhor luz, o ponto natural de atracção.”<sup>535</sup>. Nesta altura parecia-lhe ser necessário abordar a educação de adultos em termos escolares por entender que a falta de escolarização contribuía para uma “...diminuição da humanidade que é o ser analfabeto numa sociedade que o marginaliza.”<sup>536</sup>.

O pedagogo português entendia que a reforma da educação deveria ser realizada num horizonte mais largo do que o da Escola instituída. Assim, quando no final da década de 1980 recebeu um pedido “...do ministro...”<sup>537</sup> da Educação para integrar a Comissão da Alfabetização, ou “...Comissão dos Analfabetos...”<sup>538</sup>, como o nosso pedagogo a designava, imediatamente se interessou “...por outras coisas que não são as questões dos analfabetos...”<sup>539</sup>. Fruto da experiência que acabava de abraçar numa comissão institucional, Agostinho depressa chegou à conclusão de que não era o saber ler, escrever e contar que mais cativava os adultos para a realização de novas aprendizagens - “...a alfabetização da pessoa é toda a vida e um indivíduo não é analfabeto só porque sabe ler...”<sup>540</sup> -, mas antes os “...interesses...”<sup>541</sup> que vão surgindo a cada um.

---

<sup>534</sup> ) Agostinho da Silva, “Sobre Opressão”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, p. 19.

<sup>535</sup> ) Idem, “Fontes e pontes do futuro. Tema: Fundação nacional”, em *Vida Mundial*, 8 de Setembro de 1972, p. 44.

<sup>536</sup> ) Cf. idem, *Educação de Portugal*, p. 26.

<sup>537</sup> ) Idem, “Portugal e os portugueses – a utopia de bolinar (entrevista com introdução e palavras finais de António Macedo)”, p. 46.

<sup>538</sup> ) *Ibidem*.

<sup>539</sup> ) *Ibidem*.

<sup>540</sup> ) Idem, “Entrevista: Agostinho da Silva (entrevista a Ana Maria Guardiola & Maria da Conceição Moita)”, p. 15.

<sup>541</sup> ) Idem, “Portugal e os portugueses – a utopia de bolinar (entrevista com introdução e palavras finais de António Macedo)”, p. 47.

Assim, considerava que os “...analfabetos [...] são os únicos que ainda conservam a cultura portuguesa...”<sup>542</sup> e que o futuro há-de conhecer outros analfabetos já não do saber ler, escrever e contar, mas sim da tecnologia. Porque assim lhe parecia, o nosso pedagogo criticou o discurso oficial sobre a educação de adultos por já não se adequar à realidade de então:

**“O que sucede é que se monta um serviço de alfabetização e, em seguida, tudo se passa como um sujeito que quisesse fazer um jardim zoológico [...] monta-se um Serviço Geral de Alfabetização (ou Nacional, como lhe quiserem chamar), e depois anda-se a caçar analfabetos aqui e acolá, impondo penas se eles não se alfabetizam...”**<sup>543</sup>.

## **4. Estruturas para a educação da Comunidade de Cultura Portuguesa**

### **4.1. Os Comuns ou Grupos de Interesse**

O pedagogo portuense postulou a rápida criação, em todo o espaço da cultura portuguesa, de “...estabelecimentos (não direi escolas, para não confundir as coisas), onde as pessoas possam procurar ajuda para serem aquilo que sentem querer ser no íntimo de si.”<sup>544</sup>. Concretizando, pretendia que se formassem “Grupos em que haja ideologias várias, em que se não pense por padrões fixos, políticos ou educacionais, económicos ou filosóficos, em que se siga o navegar e descobrir...”<sup>545</sup>. Desta maneira, pensava o nosso pedagogo que as coisas sérias

---

<sup>542</sup> ) Idem, *Ir à Índia sem abandonar Portugal [entrevista a Gil de Carvalho & Hermínio Monteiro]*, p. 45.

<sup>543</sup> ) *Ibidem*, p. 46.

<sup>544</sup> ) Idem, “Portugal tem que resolver qual é o seu destino”, em *Jornal de Notícias*, 17 de Novembro de 1987, p. 14. Pela sua parte, escreveu e difundiu, desde a juventude, múltiplos e variados textos para ajudar as pessoas a saberem mais. Por isso, pensamos que não é correcta a opinião daqueles que consideram este tipo de preocupação agostiniana como uma “...necessidade de produzir algo de vendável, que lhe garantisse a subsistência, mesmo que os temas lhe não interessassem...” (cf. Gomes, Pinharanda, “Escola portuense: uma introdução histórico-filosófica”, em AA. VV., *Actas do congresso internacional pensadores portuenses contemporâneos – 1850-1950*, vol. I, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, p. 61 (nota 30)). Para reforçar a nossa opinião, lembramos que Agostinho em 1975, respondeu a Tereza Sá Nogueira que tinha ido para o Brasil, entre outras razões, por lhe “...ter sido proibida a campanha de educação do povo que empreendera com publicações, exposições e palestras” (cf. Agostinho da Silva, “Entrevista a Tereza Sá Nogueira”, em *Dispersos*, p. 23). Quanto à questão de saber se os temas que tratava realmente o interessavam, basta lembrar que se considerava “...especialista em coisas miúdas...” (cf. idem, “Um passeio à roda do céu (entrevista a Maria José Mauperrin)”, em *Expresso-Revista*, 6 de Junho de 1987, p. 62R), acrescentando a seguir: “Gosto de biologia como gosto de tudo. Tudo me atrai e tudo me interessa. Até o não fazer nada” (cf. *ibidem*).

<sup>545</sup> ) Agostinho da Silva, “O baldio do povo, 2”, em *Dispersos*, p. 531.

poderiam ser assimiladas de forma livre e descomprometida. Tornava-se, por isso, urgente que a totalidade do espaço da cultura portuguesa, o Portugal-Ideia de que insistentemente falava, promovesse uma educação que partisse de

**“...agrupamentos locais e espontâneos, com o máximo de participação activa das populações [...] dinheiro bastante para teatros, orquestras, bandas, orfeões e grupos de dança [...] e técnicos do melhor, que fossem de terra a terra [...] e ensinassem o mais perfeito meio para que se exprimisse o que o povo [...] pudesse apresentar de criação.”<sup>546</sup>.**

Para completar o brotar criativo do Povo, Agostinho queria que se difundisse pelos grupos locais o “Teatro clássico de todos os povos, cinema documental de todos os países e [que se desse] um bom pontapé no cinema de angústia e no teatro de absurdo com que por esse mundo se vai mascarando o silêncio cívico e a suspensão da vida.”<sup>547</sup>. No seu jeito paradoxal, defendia que as aprendizagens só se podiam fazer se houvesse curiosidade por parte de quem aprendia: “O que impede o saber não são nem o tempo nem a inteligência, mas somente a falta de curiosidade. A isso devia atender fundamentalmente a educação: despertar a curiosidade, ousar a imaginação (mesmo na política), desenvolver o senso crítico (mesmo na leitura de jornais).”<sup>548</sup>.

Agostinho acreditava tanto na aprendizagem por grupos de interesse, ou Comuns, que, para a incentivar, não hesitou, com o recurso a capitais próprios, em criar, no Montepio Geral, o “...Fundo Comum Del Rey D. Dinis, para subsídios individuais, ou de preferência a colectividades que tenham interesse nos problemas teológicos que levanta o Culto do Espírito Santo do século XIII [...] [e] a colectividades, talvez ‘COMUNS’ [que] se ocupem de resolver o que diz respeito a economia de grupo [...] que foi Portugal [...]. Comunidades que não deformem a criança...”<sup>549</sup>.

Em carta de Abril de 1991, o nosso autor, a propósito de *O Comum do Tejo*, explicou aos seus leitores que a ideia dos Comuns lhe surgiu a partir de uma conversa com Maria Helena Maia e Pedro Vieira de Almeida, quando tencionaram abrir em Almada uma Escola de

---

<sup>546</sup> ) Cf. idem, “Fontes e pontes do futuro. Apontamento: ‘Cantaste? Pois dança agora’”, em *Dispersos*, p. 45.

<sup>547</sup> ) *Ibidem*.

<sup>548</sup> ) Idem, “Pensamento em farmácia de província. 8 – Abril 77”, em *ibidem*, p. 681.

<sup>549</sup> ) Idem, “Uma folhinha de quando em quando – Março 91”, em *O Setubalense*, 20 de Março de 1991, p. 4. Idem, “Uma folhinha de quando em quando – Junho 91”, em *O Setubalense*, 12 de Junho de 1991, p. 4, serviu a Agostinho para informar os leitores que o Conselho de Ministros lhe tinha atribuído a pensão e a necessidade de a encaminhar para o Fundo Comum Del Rey D. Dinis. Idem, “Uma folhinha de quando em quando – Agosto 91”, em *O Setubalense*, 11 de Setembro de 1991, p. 4, nesta carta Agostinho confirmou a saída do decreto que lhe conferia a pensão anunciada.

Arquitectura<sup>550</sup>. Mas a teorização dos Comuns tinha ainda outra origem que se prendia com a reflexão que ele vinha fazendo sobre a instituição universitária portuguesa: “Quando em Portugal eu via o resultado nulo das reformas empreendidas na Universidade de Coimbra por D. João III e depois pelo Marquês de Pombal, fiquei exactamente com a ideia de que a primeira coisa a fazer não é uma boa Universidade, mas talvez pequenos trechos à volta de pessoas aqui e ali.”<sup>551</sup>. Isto é, reunir pequenos núcleos de indivíduos que partilhem, num dado momento, os mesmos interesses de aprendizagem, mesmo que sejam muito exigentes.

O nosso autor parecia acreditar na generalização desta nova forma de aprendizagem, sugerindo para que se viesse realmente a concretizar de uma forma alargada, que “...o ideal seria que se comesçasse por cada pessoa do país a ver o que ela quer, ajustar com a pessoa seguinte, etc. Desenvolver aquela pessoa, esse é o problema, desenvolver aquela e a outra pessoa... Nas aulas de trinta alunos por classe isso não é possível, porque há que desenvolver trinta sujeitos ao mesmo tempo na mesma hora e não cada um por si.”<sup>552</sup>.

#### 4.2. Os Centros

Agostinho da Silva, considerava, então, que as bases para a formação dos futuros cidadãos do espaço da cultura portuguesa ficavam garantidas com uma nova educação em torno dos grupos de interesses ou comuns. Mas o nosso autor sabia que para a consolidação deste grandioso projecto era preciso que os principais pontos de difusão da cultura portuguesa confluíssem nesse novo ideário.

Para tanto, propunha que se abrissem centros de estudo e investigação em vários locais do mundo ligados directa ou indirectamente à cultura portuguesa, como, por exemplo, em Macau, onde julgava ser necessário criar “...um Centro Brasileiro de Estudos do Oriente, marcando para a cidade os destinos universitários e de intercâmbio de ideias que parecem ser-lhe os únicos adequados e possíveis; eis aqui outra tarefa para as universidades do Planalto; tarefa de ousadia, sem dúvida, como outras mais; mas, se as não ousa, que é Brasília?”<sup>553</sup>.

No folheto número dois de *Bahia*, o nosso autor propôs mais centros de estudo e investigação, que ia idealizando com a finalidade de pensar a totalidade do espaço da cultura

---

<sup>550</sup> ) Cf. idem, “Uma folhinha de quando em quando – Abril 91”, em *O Setubalense*, 17 de Abril de 1991, p. 4.

<sup>551</sup> ) Idem, *Vida conversável*, pp. 163-164.

<sup>552</sup> ) Idem, *O Império Acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 209.

<sup>553</sup> ) Idem, “De que há Macau”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, p. 47.



portuguesa, a partir do qual se começaria a construir o futuro que se aguardava sob a égide do Quinto Império ou do Culto Popular do Espírito Santo. Nesse escrito, apelou para a necessidade de criar “...um Centro Brasileiro de Estudos Ibéricos [...] com sede [...] na única região em que se é bilingue de Português e Espanhol, a Galiza...”<sup>554</sup>. Aproveitando a larga experiência na fundação de centros semelhantes nas universidades brasileiras que tinha ajudado a fundar, insistiu para que, no espaço africano, se abrisse um “...Centro brasileiro de Estudos Africanos [...] [com] matriz em Adis Abeba [...] [com] uma delegação para a África Oriental, talvez em Mombaça, e noutra para a Ocidental, que [...] seria em Uidá, no Daomé [...] alguma coisa teríamos de fazer também no centro de África, pelo interior do Congo-Kinshasa.”<sup>555</sup>. E também não deixou de propor a abertura de um “...Centro de estudos de Oriente [...] no Japão [...] Nagasaki [...] na China [...] [em] Macau [...] [ou] Singapura [...] na Indonésia [...] em Timor [...] na Malásia [...] em Malaca [...] Sudoeste Asiático [...] Vietname, um Laos ou Cambodja, não sabendo nós do que ainda veremos acontecer na Tailândia ou na Birmânia.”<sup>556</sup>. Este desejo que, quer se queira quer não, revela um profundo sentido político, levava Agostinho, homem atento e empenhado na construção de uma paz duradoura, a preencher, numa espécie de jogo, o plano dos Centros destinados às parcelas do mundo que ainda não tinham lugar para os acolher. Sem se dar por vencido ante as dificuldades de concretização com que o seu projecto se ia deparando, reconhecendo a dificuldade de se trabalhar em Israel ou na Palestina, pelo ódio mútuo que estes Estados vizinhos alimentavam, manifestou a esperança profunda num futuro em que se conseguisse, para estas gentes, uma paz duradoura, que irradiaria a partir de “...uma Jerusalém internacionalizada [e de] [...] postos de trabalho [...] em Bagdad ou Damasco, no Cairo, em Kairuão ou Tlemca, em Marrocos e, ainda em Nuakchot, já nas aproximações da África Negra.”<sup>557</sup>.

A volta ao mundo conhecido estava quase concluída, mas para que o propósito de Agostinho fosse devidamente concretizado, faltavam ainda os “...Estudos Indianos [...] que se principiasse por Bombaim, talvez até por Baçaim, e daí se partisse para o resto do subcontinente, com extensões no Paquistão e entre os afgãs...”<sup>558</sup>.

Se este projecto pudesse ser concretizado, o futuro veria efectivadas as condições para que se meditasse mais demoradamente sobre a totalidade das experiências humanas, no

---

<sup>554</sup> ) Idem, “Bahia – colecção de folhetos, 2”, em *Dispersos*, pp. 496-497.

<sup>555</sup> ) *Ibidem*, pp. 497-498.

<sup>556</sup> ) *Ibidem*, p. 498.

<sup>557</sup> ) *Ibidem*.

<sup>558</sup> ) *Ibidem*, p. 499.

sentido de perceber a unidade da sua variedade. Por fim, concluiu o seu périplo em torno dos centros a abrir, com um novo projecto, talvez mais realista e de mais fácil concretização e aceitação, o “...Centro Brasileiro de Estudos Europeus [...] [a localizar-se em] Berlim mesmo, que devia, como Jerusalém, ser internacionalizada, acabando de vez com o Muro...”<sup>559</sup>. Na altura em que escrevia estas linhas, ainda teria que esperar quase duas décadas, até 1989, não para ver instalado o projectado centro, mas para ver cair o Muro de Berlim, que levou à posterior reunificação da cidade e da Alemanha. O internacionalismo utópico das propostas agostinianas porém, levava-o a pensar noutros territórios europeus que não apenas Berlim: “De Berlim se estenderia o Centro aos outros pontos-chaves da Europa, a principiar pela projectada Universidade Internacional de Florença e pela Universidade Aberta de Inglaterra, por terras tradicionais de liberdade pesquisadora como a Holanda e por aquelas, como a Polónia e a Roménia, em que talvez se estejam elaborando novas fórmulas de vida.”<sup>560</sup>.

Os Centros, tal como eram planeados por Agostinho, não se concretizavam, mas tal facto não desanimava o nosso autor que, em 1988, quando se deslocou a Moçambique, propôs que se abrisse nesse país uma Casa de Estudos, designada “Tomás António Gonzaga, o poeta nascido no Porto, magistrado no Brasil, e [que] por se ter envolvido na conspiração do Tiradente, [foi] desterrado para a [...] Ilha de Moçambique, onde morreu.”<sup>561</sup>. Esta casa era apresentada pelo nosso filósofo como uma espécie de feitoria cultural vocacionada para acolher aqueles que quisessem, simultaneamente, estudar África e ensinar a cultura portuguesa. Aproveitando o ensejo de esta visita ser realizada com o apoio do Estado português, o nosso autor lembrou de imediato que “Outros [centros ou casas de estudo] estão pensados e mencionarei a Garcia da Orta, em Goa; a de Camilo Pessanha, em Macau; a de Wenceslau de Moraes, em Tokushima; a de Ruy Cinatti, em Timor; a do atlântico sul, em S. Tomé; a do Atlântico Norte, em Porto Santo; a de Vieira, em Salvador da Bahia.”<sup>562</sup>. Agora, para dar mais visibilidade às suas propostas, Agostinho não hesitava em designar as casas culturais que projectava com o nome de personalidades cimeiras da cultura portuguesa que, nesses pontos do Mundo, tinham deixado marcas do universalismo do nosso Povo. Essas figuras eram agora entendidas como emissários do destino maior do Mundo, que o nosso pensador acreditava poder ser mediado por Portugal.

---

<sup>559</sup> ) *Ibidem*.

<sup>560</sup> ) *Ibidem*.

<sup>561</sup> ) Cf. idem, “Ilha de Moçambique – Casa de Estudos Tomás António Gonzaga”, em *Universus*, 19 de Setembro de 1988, p. 2.

<sup>562</sup> ) *Ibidem*.

Desta forma original, Agostinho interpelava o poder político no sentido de se esforçar por transformar as antigas feitorias comerciais em modernas feitorias culturais. Imbuído deste espírito e sabendo da vontade de Malaca ter algo que lhe lembrasse a influência da cultura portuguesa na sua História, de imediato sugeriu que se criasse, criteriosamente “...uma feitoria cultural em Malaca, ou noutra ponto qualquer, tem de ser feita com muito cuidado; porque quem é que vai para lá ensinar ou falar de Portugal?”<sup>563</sup>. Para que o essencial deste projecto pudesse ser concretizado, Agostinho pretendia que “...o que se deveria mandar para lá era uma série de analfabetos, que são os únicos que ainda conservam a cultura portuguesa, sobretudo aqueles que resistem de pés e mãos a ler.”<sup>564</sup>. Convém ressaltar que com esta apologia do analfabetismo o nosso autor não queria legitimar a falta de instrução básica que promovia a sujeição e a exclusão de uns homens pelos outros. Agostinho apenas achava que o real analfabetismo português no campo da leitura, da escrita e do cálculo, poderia voltar a ser propedêutico da tradição universalista do nosso Povo, preferindo, por isso, os analfabetos nacionalistas aos homens cultos estrangeirados.

### **4.3. A Universidade da Comunidade de Cultura Portuguesa**

Na fase de maturidade de Agostinho da Silva merece destaque o facto de ter pensado, de forma original, as possibilidades para que se estabelecesse uma Universidade que pudesse servir a totalidade do espaço cultural português. As universidades, no seu entendimento, eram frequentadas não pelos melhores, mas por aqueles que provinham dos estratos sociais favorecidos e serviam apenas para perpetuar o poder das elites. Olhando para a frente no tempo, Agostinho propalava que a Universidade “...que se adivinha no futuro não é a que acrescente luz à luz, mas a que seja relâmpago na escuridão da noite; nem indução nem dedução: revelação; invenção em que até o inventor parece ou é inventado.”<sup>565</sup>. Era uma Universidade com estas características a que mais convinha ao espaço da cultura portuguesa. Competir-lhe-ia “A subordinação ao desconhecido mais do que ao real; a recusa de todo o exercício que signifique ganhar poder sobre o mundo, em lugar de ser da nossa parte um abandono ao mundo; um boiar mais do que um nadar; um aceitar mais do que um querer; um

---

<sup>563</sup> ) Idem, *Ir à Índia sem abandonar Portugal [entrevista a Gil de Carvalho & Hermínio Monteiro]*, p. 45.

<sup>564</sup> ) *Ibidem*.

<sup>565</sup> ) Idem, “Pensamento em farmácia de província. 10 – Julho 77”, em *Dispersos*, p. 690.

amar sem que paixão escravize; um ser sem ter; quanto ao que já existe, respeitosa ironia; quanto ao que tiver de vir, um todo disponível.”<sup>566</sup>.

Para que esta Universidade se pudesse erguer, Agostinho apelava a que no espaço de cultura portuguesa se estreitassem “...os laços de relação com todos os países que mantêm ensino da Língua Portuguesa em seus institutos educacionais, sempre com a possível reciprocidade, facilitando a seus professores e alunos as deslocações e os estudos na área da Língua e procurando que laços semelhantes se firmem com todos os outros que ainda não estabeleceram tal ensino.”<sup>567</sup>.

Do ponto de vista das metodologias, lembrava a necessidade de se traduzirem os textos necessários à progressão nos estudos, para que os estudantes fizessem “...todos os seus cursos, excepto se são de culturas estrangeiras, na sua própria língua, tendo nelas todos os livros de que precisam para se formar, o português ou brasileiro não: é obrigado a ser pelo menos bilingue, o que é para todos nós uma vergonha; o nosso estudante devia não ter como obrigatório senão saber a sua própria língua.”<sup>568</sup>.

Reconhecendo que o estabelecimento de tal Universidade não seria tarefa fácil, o nosso pedagogo apelava, então, para que, enquanto não se criassem as condições para o seu aparecimento, se criasse uma Associação das Universidades de Língua Portuguesa, sediada em Cabo Verde ou na Guiné-Bissau, que reunisse, sob a mesma tutela, todas as universidades que se expressassem na língua portuguesa<sup>569</sup>. Agostinho disse-nos que colheu esta ideia “...do Oliveira Ramos do Porto e do Deus Pinheiro de Braga...”<sup>570</sup>, uma vez que ambos pensavam “...que se devia fazer uma Associação das universidades de Língua Portuguesa, isto é, que devia haver no mundo uma Universidade de Língua Portuguesa com sucursais...”<sup>571</sup>, projecto este que o nosso autor não hesitou em defender, por lhe parecer, tal como aos seus autores, que seria da maior utilidade para a portugalidade.

Uma oportunidade para a transição para a Universidade Portuguesa ideal viu-a aquando da passagem de Macau da soberania portuguesa para a chinesa, com a proposta que avançou para que, nesse espaço tão ligado à cultura portuguesa, se promovesse a abertura de “...uma

---

<sup>566</sup> ) *Ibidem*.

<sup>567</sup> ) Idem, “Proposta aprovada por aclamação em 25/03/83 no encontro: Portugueses no mundo - uma cultura a preservar”, em *Dispersos*, p. 750.

<sup>568</sup> ) Idem, “Beira – Moçambique. Clássicos do mundo português: Um prefácio geral”, em *ibidem*, p. 502.

<sup>569</sup> ) Idem, “É urgente unir as Universidades de língua portuguesa”, em *ibidem*, pp. 121-123.

<sup>570</sup> ) Cf. idem, “Agostinho da Silva: A Europa Vai morrer (entrevista a João Tocha)”, p. VIII.

<sup>571</sup> ) *Ibidem*.

universidade de contactos...”<sup>572</sup>, que deveria ter como principal função, reter tudo aquilo que se fosse produzindo e se tornasse relevante em termos culturais para Portugal “...no Japão e [...] na Tailândia.”<sup>573</sup>. De novo, o exemplo para esta iniciativa, tal como nos disse, surgiu-lhe da reflexão sobre o Brasil:

**“...dois terços do Brasil são da sabedoria e um terço da filosofia, que dá a Universidade de S. Paulo [...]. Então Macau talvez possa começar a ser [...] essa universidade de contactos, não desprezando nenhuma das coisas que há lá, por exemplo a universidade da Ásia Oriental ou o Instituto Cultural de Macau. Não deitar fora nada! Mas ir-lhe acrescentando coisas e a possibilidade de gente que vá para lá para saber e para aprender e para ensinar.”**<sup>574</sup>.

## 5. Figuras modelares da portugalidade

### 5.1. Religiosos

O padre António Vieira (1608-1697), segundo Agostinho, era uma figura a ter em conta, por ter tido um pensamento bem estruturado sobre as possibilidades de um futuro para Portugal regido sob o signo do Quinto Império: “...se formos pelo Vieira, entramos [...] por uma história mais adequada a gente de cultura portuguesa, pois escreveu o padre, talvez como sua obra mais de peito, a *História do Futuro*: nesta a profecia é livre e abundantemente [sic] a usou ele.”<sup>575</sup>.

O pensamento político do padre jesuíta foi tido pelo nosso autor como modelar para a nação portuguesa, uma vez que ao ser “...um homem do Brasil e de Portugal, ele pensava fundamentalmente como é que vamos unir essas duas coisas...”<sup>576</sup>. Vieira, ainda na opinião de Agostinho, soube teorizar como ninguém o papel que o Brasil haveria de desempenhar no futuro Quinto Império: “Portugal ideal em que o primeiro momento é marcado pela actuação de Vieira, cuja grandeza só pode ser plenamente aferida quando se lhe liga a figura à construção desse Brasil que afinal sonhava como base ou centro de um Quinto Império, para que Portugal

---

<sup>572</sup> ) Idem, *O Império Acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 150.

<sup>573</sup> ) *Ibidem*.

<sup>574</sup> ) *Ibidem*.

<sup>575</sup> ) Idem, “Acho que, sempre que possível...”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, p. 177.

<sup>576</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 116.

provavelmente, para quem tinha olho de águia, se revelava já impotente.”<sup>577</sup>. Agostinho achava que o legado maior que Vieira deixou à portugalidade consistia no facto de lhe ter fornecido uma ideia de Império centrado na “...Criatividade [...] [na] humanidade plenamente livre de ser criadora...”<sup>578</sup>, um Império que era essencialmente entendido como “...o espaço que ocuparia um certo comportamento de gente no mundo. Mais nada [...] espaço ocupado pela realização de uma ideia.”<sup>579</sup>.

## 5.2. Reis

D. Dinis (1261-1325), o rei “...lavrador e poeta, marinheiro e político...”<sup>580</sup>, no entendimento de Agostinho, foi o governante português que implantou o modelo ideal de administração política que mais convinha aos portugueses, independentemente do lugar e do tempo em que vivessem. D. Dinis, tinha sido o “...rei síntese de tudo o que ficava para trás...”<sup>581</sup> e Agostinho associava a grandeza do seu reinado à hereditariedade e à educação: “...seu pai é alquimista de filosofia e de política e [...] o avô castelhano, se é homem de códigos, o é de poesia também, muito chegado às três religiões de seu Toledo, devoto de Santa Maria e da folgada vida.”<sup>582</sup>. As qualidades herdadas tinham sido aperfeiçoadas pelo casamento: “A Rainha Santa e o rei-poeta [...] o casamento de um poeta e de uma santa, que coisa extraordinária!”<sup>583</sup>. Devido à largueza da educação e à bondade do casamento, “...D. Dinis era variado...”<sup>584</sup> e quando teve que decidir, segundo o nosso autor,

**“...optou pela acção, optou por Ser, por estar nas ruas, bailando e comendo, etc, por um ideário e um ideal que me parece dos melhores, senão o melhor, de quantos se formularam em qualquer país’.**

**‘Esse ideal é o de que haja uma filosofia, uma metafísica, uma teologia, uma mística ou o que se queira dizer, para unir as pessoas e não para as separar.’<sup>585</sup>.**

---

<sup>577</sup> ) Idem, *Reflexão...*, p. 99.

<sup>578</sup> ) Idem, “Entrevista aos escuteiros do Estoril (coord. Luís Villalobos)”, p. 31.

<sup>579</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, p. 109.

<sup>580</sup> ) Cf. idem, “Notas de passado e de futuro”, em *ibidem*, p. 609.

<sup>581</sup> ) Idem, “Dez notas sobre o culto popular do Espírito Santo”, em *ibidem*, p. 759.

<sup>582</sup> ) Idem, “Fantasia portuguesa para orquestra de história e de futuro”, em *Dispersas*, p. 707.

<sup>583</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, p. 77.

<sup>584</sup> ) Idem, *Ir à Índia sem abandonar Portugal [entrevista a Herminio Monteiro & Gil de Carvalho]*, p. 36.

<sup>585</sup> ) Idem, “Uma janela sobre a vida – professor Agostinho da Silva (entrevista a Victor Mendanha)”, p. 132.

O reinado de D. Dinis, para Agostinho, devia ser visto como o modelo de um dos melhores exercícios de democracia dos governantes face aos governados.

De D. Sebastião (1554-1578) e da controversa acção que marcou o seu reinado, Agostinho destacou alguns aspectos que lhe pareciam deverem ser evocados. Acima de tudo, relevou a íntima relação que tinha com o seu povo: “O que importa é que o povo o chamou Desejado, menos talvez por ser o herdeiro que livraria de Filipe II do que por chegar, com esperança de novas madrugadas, depois dos príncipes maquiavélicos, investidores e supersticiosos que tinham vindo logo após Afonso V...”<sup>586</sup>. É que, no entender do nosso autor, D. Sebastião deixara um inapagável legado patriótico a todos os portugueses, ao se ter empenhado em restituir-lhes a sua identidade e a sua especificidade: “...creio que [...] foi ele [...] o rei que veio, justificadamente ou não, dar alguma esperança ao Povo, depois de gente que tão mal entendeu Portugal, como D. João II e D. Manuel e D. João III; pelas próprias loucuras, depois do chamado juízo, acentuadamente nos dois últimos, de empresários sem talento.”<sup>587</sup>.

Agostinho achava que os contornos da acção deste rei passaram a animar os portugueses, porque “...D. Sebastião está sempre pronto a regressar em cada Português que a comodidade própria ou o medo da vida não levem a matar em si mesmo a pluralidade que nascemos...”<sup>588</sup>. Desta forma, D. Sebastião deixou, já não só para o Portugal europeu, mas para todo o espaço da portugalidade, a arreigada convicção de que vale a pena ter esperança no futuro:

**“...muito pescador [...] do Maranhão já tem visto a armada de El-Rei Dom Sebastião vir do nevoeiro do mar e eles julgam que é ele que vai desembarcar e dar a eles uma vida nova, mas não, os navios se afastam, porque a terra ainda não está preparada, ou outros dizem que só desembarca quando houver um exército à espera de ir para ele e combaterem juntos se for preciso...”**<sup>589</sup>.

D. João IV (1604-1656) era apresentado pelo nosso autor como exemplo para Portugal, por ter feito a “...terceira fundação [...] [ao] estabelecer o Brasil e, com ele, a ser principal no futuro, dentro da América chamada latina, o mais sólido e alargado, alargante iberismo que poderíamos imaginar: o de uma Península com varanda para o Atlântico...”<sup>590</sup>.

---

<sup>586</sup> ) Idem, “Uma glosa, e só, e breve: Sebastianismo”, em *Diário de Notícias*, 11 de Maio de 1972, p. 17.

<sup>587</sup> ) Idem, “Pensamento em farmácia de província: 8 – Abril 77”, em *Dispersos*, p. 681.

<sup>588</sup> ) Cf. idem, “Confirmação”, em *ibidem*, p. 704.

<sup>589</sup> ) Idem, “É a Hora – Outubro/88”, em *ibidem*, p. 914.

<sup>590</sup> ) Idem, “É a hora – Novembro/88”, em *ibidem*, p. 918.

Neste seguimento, D. João VI (1767-1826) foi também considerado por Agostinho como exemplo por se ter empenhado em fazer da nação portuguesa e do Brasil um só Reino: “Agora, o que está próximo, sem que nós possamos dar claramente por isso, é a renovação de uma ideia de D. João [VI] no último ano em que foi príncipe regente e que era a do Reino Unido de Portugal e Brasil.”<sup>591</sup>.

### 5.3. Navegadores

A Pedro Álvares Cabral (1467-1520) o nosso autor apresentou-o como modelo a seguir, não pelo facto de ter descoberto o Brasil, mas sim por, fruto desse acontecimento, se ter arranjado maneira de transportar para outras paragens os portugueses descontentes com o rumo que o seu país começou a trilhar, quando, por vontade dos seus dirigentes, se afastou da base comunitarista em que assentava a sua organização política: “...a viagem de Pedro Álvares pouca importância teve [...] o que ela marcou de maior foi que se conhecia mesmo o regime de ventos no Atlântico Sul, que a costa brasileira oferecia bons lugares de arribação e descanso nas viagens de Oriente e que ia a esquadra com bastante mostra de poder para se alicerçar e manter o comércio de espécies.”<sup>592</sup>.

Pêro Lopes de Souza (c. 1500 - c. 1539), navegador português que descreveu no seu diário a fundação, no Brasil, em S. Vicente, do primeiro município, era apontado como exemplo por ter proposto o conceito de vida conversável, ou melhor, por ser exemplo dos verdadeiros portugueses que orientaram as suas acções pela vida conversável: “...frase de um homem nosso, sobrevivente ainda do século XV, na esteira ainda da real cultura portuguesa, quando se funda no Brasil, em São Vicente, hoje no Estado de S. Paulo, o primeiro município; é o homem Pêro Lopes de Souza e diz ele em seu ‘diário’, que se fizera o município para que fosse a ‘vida conversável’.”<sup>593</sup>. Ou seja, o município seria um espaço aberto, onde as relações humanas se pautariam por um entendimento o mais alargado quanto possível em benefício de todos.

---

<sup>591</sup> ) Idem, “Entrevista do Prof. Agostinho da Silva ao ICALP”, em *ibidem*, p. 99.

<sup>592</sup> ) Idem, “Carta vária XXVI”, em *ibidem*, p. 832.

<sup>593</sup> ) Idem, “Fontes e pontes do futuro. Tema: Educadores portugueses – António Sérgio”, em *Vida Mundial*, 18 de Agosto de 1972, p. 51.



#### 5.4. Historiadores e filósofos

Fernão Lopes (séc. XIV-XV), segundo o nosso autor, deixou como herança a teoria do “Segundo profetismo [...] dizendo que Portugal inauguraria a Sétima Idade.”<sup>594</sup>. Deste modo, para Agostinho, tornava-se evidente que Fernão Lopes partilhava a crença na Terceira Idade, associada à especificidade de Portugal:

**“Seria muito interessante um estudo histórico-filosófico em que se visse muito bem o que quis dizer Fernão Lopes, quando falou no Evangelho Português; se seria apenas o pregar de um nacionalismo para além dos interesses e das limitações mais ou menos feudais ou se a ideia dele era a de que a independência de Portugal era apenas a base de que era necessário partir para uma unificação da humanidade, feita pelos portugueses; e se não teriam influído nele pensamentos do Infante D. Henrique ou, mais remotamente, de Joaquim de Flora.”<sup>595</sup>.**

Espinosa (1632-1677) era, para o nosso autor, o grande e único filósofo português: “...filósofos mesmo, só apontaria eu Espinosa, se é que lhe podem determinar, dentro da Península, raízes preponderantemente portuguesas.”<sup>596</sup>. Apesar desta dúvida, para Agostinho era evidente que “...Espinosa [...] é muito mais do termo da Vidigueira e seu grande sol de plaino ou ondulado outeiro do que do pegajoso nevoeiro ou da delida chuva de Amesterdão e Haia e Leida.”<sup>597</sup>. Como dizia noutro lado, Espinosa “Era um português legítimo, albergava o ensino contraditório, dava uma filosofia coerente como esmola aos filósofos europeus que não tinham conseguido, até ali, nem conseguiram depois, fazer nenhuma espécie de filosofia coerente.”<sup>598</sup>.

O nosso autor apontava o filósofo da *Ética* como modelar para o futuro de Portugal pela sua incessante procura de Deus: “Tão grande era a sua necessidade de ter Deus que até se resignou a não ser tão agudamente inteligente como quanto ao resto de suas obras ou de seus alvos [...] foi Espinosa bem mais intelectual que Descartes: não precisando realmente de Deus pois que nele se absorvera, nem tentou provar-lhe a existência ou inexistência...”<sup>599</sup>.

---

<sup>594</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 93.

<sup>595</sup> ) Idem, “Beira – Moçambique. Clássicos do Mundo Português: Um prefácio geral”, em *Dispersos*, p. 503.

<sup>596</sup> ) Idem, “Embora pondo como um caso...”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, p. 155.

<sup>597</sup> ) Idem, “Feira de anexis”, em *Dispersos*, p. 599.

<sup>598</sup> ) Idem, “Um modo de entender Portugal”, em *ibidem*, pp. 870-871.

<sup>599</sup> ) Idem, “As folhas soltas de S. Bento e outras – 4: Reflexões sobre Descartes”, em *ibidem*, p. 363.

Em Alexandre Herculano (1810-1877) o nosso autor destacou a “...*História de Portugal*, que suspendeu a partir do IV volume, nem chegando a terminar a Idade Média [...] uma obra perfeita de informação e pensamento crítico; aqui é Herculano o continuador do espírito científico do século XVIII, e a sua história pode colocar-se a par de qualquer das grandes histórias de outras literaturas...”<sup>600</sup>. Esta História de Portugal, no entendimento do nosso autor, também era especial porque encerrava a imagem da organização de Portugal no período da sua prosperidade, ao mesmo tempo que calava propositadamente todos os feitos dos portugueses a partir do século XIV, por serem uma adulteração dos valores maiores da nacionalidade portuguesa: “Para Herculano, e parece ser essa uma das razões que o terá levado a desistir de escrever a História de Portugal para além de D. Dinis, o País autêntico, a Nação cujas tradições haveria que manter, seria o Portugal das liberdades municipais, da agricultura colectiva e da liberdade religiosa [...] Portugal, para ele, acabava no século XIV.”<sup>601</sup>.

Francisco Manuel de Melo Breyner (1837-1903), quarto Conde de Ficalho, botânico e historiador que conviveu com os *Vencidos da Vida*, foi apresentado por Agostinho como exemplo por se ter empenhado na demanda do sentido da identidade nacional: “...perguntou que espécie de poema poderia dar à vida de portugueses um sentido que os não levasse às hesitações e desesperos que tanto são hoje os de uma Holanda ou de uma Suécia.”<sup>602</sup>. Com esta interessante interrogação, o Conde de Ficalho, segundo o nosso autor, legou às gerações vindouras o desafio que se poderia traduzir no seguinte enunciado:

**“...só há uma missão e um destino para Portugal: o de fazer da variedade de culturas que hoje existem, e sem a eliminar, uma universal cultura humana [...] concebendo-se o Portugal da Europa como um dos do mundo e para todos buscando a legislação que convenha a cada um e, simultâneamente, a todos englobe.”**<sup>603</sup>.

Jaime Cortesão (1884-1960) foi outro português de quem Agostinho lembrou a herança para o futuro: “A celebração, em 1954, do IV Centenário da Fundação, pelo padre Manuel da Nóbrega, da cidade de S. Paulo, ofereceu a Jaime Cortesão, então refugiado no Brasil, a oportunidade perfeita para que uma síntese de todas as suas qualidades lhe valorizasse a pessoa, demonstrando-lhe a sua capacidade de poeta como imaginador do real, seus recursos

---

<sup>600</sup> ) Cf. idem, “Literatura portuguesa”, em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 10ª série, pp. 16-17.

<sup>601</sup> ) Idem, “O baldio do povo, 2”, em *Dispersos*, p. 534.

<sup>602</sup> ) Idem, “Guia breve de leitura: Desconhecidos, quase”, em *Vida Mundial*, 12 de Novembro de 1971, p. 27.

<sup>603</sup> ) *Ibidem*.

de homem de acção, sua grandeza como sábio historiador, mas, ao que parece acima de tudo, como profeta ou legislador do futuro...”<sup>604</sup>, projectos, claro, da Idade do Ouro que deveria começar com o retorno de Portugal ao que tinha sido no tempo de D. Dinis, a saber, um país livre, comunitário e municipalista, sem capital fixa.

O nosso autor viu, ainda, no pensamento e na acção de Cortesão o gérmen que no futuro haveria de fermentar no sentido de que “...possam todas as nações de nossa língua comum e, mais ainda, todas as línguas ibéricas, oferecer aquela plataforma de reflexão e projecto que termine num esplendor de paraíso terreal [...] para todos os Povos do mundo, quaisquer que sejam suas físicas e suas metafísicas, unidos no pleno amor da vida e sua morte, que também ela é vida: como naquele ideal franciscano que o de Assis praticou e em que Jaime Cortesão agiu e faleceu.”<sup>605</sup>.

Enquanto historiador, o nosso autor não se esqueceu de realçar que “...Jaime Cortesão renovou em muito os estudos de História de Portugal, tanto na história interna como na da sua expansão...”<sup>606</sup>, trabalho este que era uma mais valia para os portugueses do futuro poderem compreender melhor a História do seu país.

## 5.5. Poetas e escritores

Gil Vicente (c. 1465-c. 1536), segundo o nosso autor, ajudou os portugueses a reconhecer duas das suas qualidades principais: “...à qualidade da capatazia vem juntar-se a dos biscatos. Afinal o que é o teatro de Gil Vicente? É um teatro biscateiro. Parece que o homem era ourives [...] o cavalheiro fazia ali uma espécie de rábula para a corte se divertir. Era um biscateiro de teatro. E por isso é que é um autêntico teatro português, com gosto também na capatazia, porque há ali muita coisa, que aquele cavalheiro diz, que podia ser de um capataz político.”<sup>607</sup>.

Do mesmo modo, Fernão Mendes Pinto (c. 1509-1583) tinha contribuído para levar o nosso povo a entender a sua arte para o biscate: “A outra qualidade nata nos Portugueses é a capacidade de andar ao biscate. É [...] a grande capacidade de Fernão Mendes Pinto. O Fernão

---

<sup>604</sup> ) Idem, “Jaime Cortesão e a exposição de S. Paulo”, em *Dispersos*, p. 775.

<sup>605</sup> ) *Ibidem*, p. 778.

<sup>606</sup> ) Idem, *Vida conversável*, p. 45.

<sup>607</sup> ) Idem, “Entrevista do Prof. Agostinho da Silva ao ICALP”, em *Dispersos*, p. 106.

Mendes Pinto andava sempre ao biscate. Quando não dava, ele ia procurar a outro lado. O problema é capaz de ser o apelo... da aventura, o andarilho.”<sup>608</sup>.

Camões (1525-1580), segundo Agostinho da Silva, foi um dos nossos antepassados que mais contribuiu no sentido de estabelecer as características que tornariam o lugar de Portugal único no mundo. A reflexão sobre o paradoxo da existência, a capacidade de simultaneamente se ser tudo e o seu nada, a tentativa de complementaridade entre o ocidente e o oriente eram, para Agostinho, grandes heranças que Camões deixara a Portugal.

Camões aproveitou a epopeia de *Os Lusíadas* e o episódio da Ilha dos Amores “...para dizer que o importante a descobrir não é o lugar de onde vem a pimenta e aonde se pode vender o veludo, que o ponto importante que os portugueses têm de descobrir é o tipo de vida que permita a um tempo mantê-los no abstracto e não descuidarem em nada o concreto, que aqui o português tem obrigação de ser duplo, não a obrigação de ser uno...”<sup>609</sup>.

Camões soube, como poucos, usar o paradoxo, pensar “...a um tempo Platão e Aristóteles, a experiência e a escolástica, a um tempo sendo do paço e da alfurja, do recolhimento místico e da desbragada vagabundagem.”<sup>610</sup>. E por isso, soube entender “...como paralelas as acções dos homens e dos deuses e lhes profetizar a fusão.”<sup>611</sup>.

No entendimento de Agostinho, o poema épico de Camões era o testemunho que afirmava a grandeza de Portugal e das suas gentes: “...os *Lusíadas* teriam sido para Camões uma teoria da História, que, ao ser, não é senão a revelação cada vez mais ampla da ideia geral no fenómeno, a vitória do bem relativo sobre o mal relativo, com o conseqüente desaparecimento da ideia geral de mal; e que terminará por, num lugar sem espaço e numa hora sem tempo absorver todo o relativo humano no geral metafísico...”<sup>612</sup>. O nosso autor desafiava os seus contemporâneos a lerem *Os Lusíadas*, na esteira de portugueses como Adriano Moreira, com quem partilhava a interpretação de que o poema devia ser olhado

**“...não apenas como um reconhecimento e uma glorificação da acção histórica do País, mas como um manifesto de futuro, mostrando como na clara consciência do Poeta se definiam os rumos essenciais até aí seguidos pelo povo português, como entendia bem a decadência, a vil tristeza do seu próprio tempo, mas como esperava que ainda fosse possível a Portugal, já então também Brasil, cumprir a missão de que a constituição do território europeu, os**

---

<sup>608</sup> ) Idem, “A minha meta é o ponto sem dimensão (entrevista a Antónia de Sousa”, em *ibidem*, p. 146.

<sup>609</sup> ) Idem, *Vida conversável*, p. 91.

<sup>610</sup> ) Cf. idem, “O império do passado e do futuro”, em *Dispersos*, p. 799.

<sup>611</sup> ) Idem, “Portugal ou cinco idades”, em *ibidem*, p. 726.

<sup>612</sup> ) Idem, “As folhas soltas de S. Bento e outras – 1: Vinde cá meu tão certo secretário”, em *Dispersos*, p. 303.

**desembarques em África e a navegação de um Oceano, por vez primeira inteiro, eram apenas um prólogo sobretudo físico.”<sup>613</sup>.**

O nosso autor pensava, ainda, que o episódio da Ilha dos Amores era relevante por se apresentar como um canto profético sobre Portugal, isto porque, enquanto que para outras terras e outros lugares Portugal seguiu caminhos previamente traçados, para a Ilha dos Amores “Não houve plano nenhum. De repente, os cavalheiros saem de Calicute [...] e pronto, estão na Ilha dos Amores. Continuam marinheiros [...] e ao mesmo tempo ouvem os deuses [...]. O ideal do Camões para os portugueses era que eles realizassem o ideal que os gregos tinham posto no empíreo, no Olimpo, no céu, e que tanto se esforçaram por arranjar na terra e nunca conseguiram porque, com os meios técnicos de que dispunham não havia nenhum jeito a dar.”<sup>614</sup>. Com esta interpretação de Camões, a divinização do mundo era vista num ambiente mais amplo do que aquele a que o universalismo cristão tinha levado o ocidente. No referido Canto, segundo Agostinho, não se tratava de um Mundo oferecido a uns e negado a outros, mas sim da possibilidade efectiva de todos os homens poderem ser aquilo que quisessem ser, sem constrangimentos de qualquer espécie. Não é por isso de estranhar que, embrenhado na questão que gravita entre Portugal e todo o Mundo, entre a física e a metafísica, Agostinho tenha achado que o verdadeiro testamento que Camões deixou se encontrava resumido no episódio da Ilha dos Amores:

**“Portugal só plenamente será quando perceber que a viagem cantada nos *Lusíadas* é a da Ilha dos Amores, onde divino e humano darão filhos que, sendo, não existam.”<sup>615</sup>.**

Pese embora o facto de realçar a incapacidade de acção cívica e política do poeta açoriano, Agostinho nutriu por Antero de Quental (1842-1891) consideração, apresentando-o aos seus contemporâneos como um poeta e pensador, mas não filósofo<sup>616</sup>, da alma portuguesa, destacando-o no seio da Geração de Setenta: “Antero de Quental [...] aparece como chefe da escola, mas tem a independência suficiente para se desprender muito depressa de tudo o que o poderia limitar [...] há nêle ao mesmo tempo a angústia do grande artista e a serenidade do filósofo, o amor da contemplação e a embriaguez do agir, a aspiração de que a existência se

---

<sup>613</sup> ) Idem, “Comemoração de ‘Os Lusíadas’”, em *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, p. 140.

<sup>614</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 215.

<sup>615</sup> ) Idem, *Reflexões, aforismos, paradoxos*, pp. 61-63.

<sup>616</sup> ) Cf. idem, “Prefácio”, em Sá, Victor de, *A mocidade de Antero*, pp. [3]-[4].

aniquile e a aspiração de que a existência se afirme como bem.”<sup>617</sup>. Colocando-o ao lado de Camões, Agostinho apresentava-os a ambos como os “...grandes poetas do mundo...”<sup>618</sup>, os únicos poetas portugueses que se elevaram “...a planos verdadeiramente universais.”<sup>619</sup>. Mas Antero, no entender de Agostinho, soube ainda pregar em Portugal “...o ideal de uma sociedade generosa, dum universo cheio de amor...”<sup>620</sup> e esse legado jamais se poderia apagar da tradição portuguesa.

Manuel Bandeira (1886-1968), poeta e prosador brasileiro, foi também referido pelo nosso autor por ter legado, ao espaço cultural da portugalidade, a teoria de que o português é um poeta à solta: “O poeta Manuel Bandeira intuiu algo do que poderíamos ser quando disse que todo o brasileiro é um português à solta. Se conseguíssemos entender onde estão os obstáculos que impedem o português de ser poeta na sua própria pátria, talvez pudéssemos criar uma geração de poetas à solta, e nos portugueses estivesse o princípio do reino do imprevisível.”<sup>621</sup>.

Fernando Pessoa (1888-1935) foi apontado por Agostinho como um profeta do destino português. Para o nosso autor, foi Pessoa que “...abriu o futuro...”<sup>622</sup>, ao ter concebido o “...quinto profetismo...”<sup>623</sup> para Portugal. É verdade que Agostinho criticou o poeta da *Mensagem* por ter cingido o seu pensamento a um Portugal que não ia além da Europa e se centrava quase só em Lisboa: “...o único Portugal que ele viu foi o da Europa, viciado por trezentos anos de ocupação estrangeira; o erro foi mais longe, porque de Portugal se restringiu a Lisboa, mais viciada ainda, porque lhe tem cabido, como sede de governo, o papel de impor o estrangeiro ao resto do País; e em Lisboa escolheu para conviver o pior meio que se pode imaginar, o dos cafés de literatos.”<sup>624</sup>. Mas, se mais não houvesse de positivo, Agostinho lembrava que os portugueses tinham recebido de Pessoa o poema *Mensagem* que “...além de ciência é *Mensagem* obra de profecia...”<sup>625</sup>.

O poeta dos heterónimos ainda deixou outro importante legado a Portugal, nomeadamente “...a prova de que surgimos múltiplos [...] que se cumpra inteira a promessa que todos nós

---

<sup>617</sup> ) Idem, “Literatura portuguesa”, em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 10ª série, p. 20.

<sup>618</sup> ) *Ibidem*, p. 11.

<sup>619</sup> ) *Ibidem*.

<sup>620</sup> ) Idem, “Diário: Valor da oposição”, em *Seara Nova*, nº 508, p. 70.

<sup>621</sup> ) Idem, “Entrevista com Agostinho da Silva”, em *Dispersos*, p. 59.

<sup>622</sup> ) Idem, “Perspectivas”, em *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, nº 4, p. 7.

<sup>623</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, p. 93.

<sup>624</sup> ) Idem, *Um Fernando Pessoa*, p. 32.

<sup>625</sup> ) Idem, “Mensagem”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, p. 22.

trazemos de, sempre no concreto, realizarmos, finitos, a infinita potência do divino.”<sup>626</sup>. Fernando Pessoa, realçou o facto de o português tender a ser vário e era por isso que Agostinho relembra aos seus contemporâneos: “...Amigo português, ousa ser plural [...] deixa que os europeus sejam um só...”<sup>627</sup>.

A Pátria portuguesa que Fernando Pessoa apresentava como modelo, coincidia, no entendimento de Agostinho, com o Quinto Império: “...Quinto Império de cada homem no mundo, de maneira que a vida se faça de tal modo que não haja nenhum imperador subvertendo dentro de nós a relação com os outros.”<sup>628</sup>. Império universal e fraterno, inteiramente metafísico, mas que tinha que começar a ser preparado num dado espaço físico:

**“...o verdadeiro Fernando Pessoa, à imagem e semelhança de Deus [...] é uma centelha do Espírito Santo. E esse Espírito deu vários heterônimos, um com o nome próprio, exactamente como o poeta, e esse heterônimo centelhal é Portugal. Outro heterônimo é Brasil; outro Cabo verde; outro uma futura Angola e por aí fora...”**<sup>629</sup>.

## 5.6. Políticos e activistas

Afonso de Albuquerque (1462-1515), no entender do nosso autor era uma figura a destacar pela sua tentativa de estabelecer um império misto: “...o império misto de Albuquerque era, quanto a política de futuro, muito mais inteligente e largo do que as prudências de D. Francisco de Almeida, que, essas sim, mantinham o empreendimento português no estreito círculo de médiocres e cobiçosos aristocratas...”<sup>630</sup>. Tal império, segundo Agostinho, começou a desenhar-se “...pela ideia que em Goa teve Albuquerque de casar aventureiros das naus que chagavam com mulheres indianas e que, tendo fundamentalmente falhado por aqueles lados, avançou, e como, na acolhedora terra da América do Sul...”<sup>631</sup>.

Alexandre Gusmão (1695-1753), diplomata brasileiro, valia como exemplo, segundo o nosso autor, por ter desenvolvido uma acção com a qual se propunha complementar o projecto místico do Padre António Vieira: “...se, com Vieira, o aspecto místico da acção portuguesa fica

---

<sup>626</sup> ) Cf. idem, “Notas de passado e de futuro”, em *Dispersos*, p. 610.

<sup>627</sup> ) Idem, “Sobre estas Quintas-Feiras pairou sempre o espírito de Pessoa”, em Machado, Luís, *Conversas à Quinta-Feira*, IIª série, p. 5.

<sup>628</sup> ) Idem, “Agostinho da Silva, bandeirante do espírito (entrevista a Francisco Palma Dias)”, p. 147.

<sup>629</sup> ) *Ibidem*, p. 162.

<sup>630</sup> ) Idem, “Uma glosa, e só, e breve: Quanto a naufrágios”, em *Diário de Notícias*, 13 de Julho de 1972, p. 18.

<sup>631</sup> ) Idem, “Notas outras sobre a Europa e o mundo”, em *Revista do ICALP*, n.º 15, p. 16.

em plena luz, com Gusmão, sem que de nenhum jeito se apague, o vem recobrir ou pelo menos diminuir em sua projecção a minúcia de carácter científico que faz que Portugal volte, como por um golpe de mágica, àquela época, que parecia perdida, em que matemáticos, geógrafos, nautas e capitães e políticos colaboravam, no silêncio, na pequena tarefa diária e no vasto sonho, para lançar e dirigir no mar os navios do descobrimento.”<sup>632</sup>. Porque assim pensava ser, Agostinho afirmou que “O trabalho diplomático de Vieira é a base em que assenta a vida política de Alexandre de Gusmão, que é realmente o verdadeiro fundador do Brasil e o que lhe dá a independência...”<sup>633</sup>.

António Conselheiro (1828-1897), essa intrigante personagem que protagonizou uma época sangrenta da História do Brasil – a designada Guerra de Canudos, desenrolada entre Novembro de 1896 e Outubro de 1897 -, retratada por Euclides da Cunha em *Os sertões*, foi apresentado como modelo pelo exemplo que deixou ao tentar “...fundar uma nação de fraternidade, que reuniu à sua volta brancos, pretos e índios, e que se não desprende, para o fazer, das tradições portuguesas, antes pelo contrário, sobretudo se alicerçando nas concepções populares que nunca desesperaram dos destinos do País, nunca viram cultura nossa como inferior às de outros povos, antes a olharam com possibilidades superiores, e conceberam como a perfeição de Portugal estar ao serviço da paz e da prosperidade entre os homens.”<sup>634</sup>.

## 5.7. Figuras do século XX

Orlando Ribeiro (1911-1997) merecia ser elogiado, no entender de Agostinho, porque, enquanto geógrafo, desenvolveu um trabalho de grande valor que alerta para a necessidade de reflectir sobre o facto de Portugal ter de enfrentar, em conjunto, “...a questão de Portugal-Mediterrâneo e de Portugal-Atlântico.”<sup>635</sup>.

Vicente Ferreira da Silva (1916-1963), figura da filosofia brasileira do século XX com quem Agostinho teve o privilégio de conviver e partilhar a experiência comunitarista de Itatiaia, foi elogiado por ter procurado com a experiência “...de Itatiaia a base de dois movimentos sobre que se poderia alicerçar uma renovação do Brasil, ou antes, um regresso ao Brasil pelo sacudir

---

<sup>632</sup> ) Idem, *Reflexão...*, pp. 100-101.

<sup>633</sup> ) Idem, “Perspectivas”, em *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, n° 4, p. 10.

<sup>634</sup> ) Idem, “Barca D’Alva, educação do Quinto Império. Fascículo 2”, em *Dispersos*, p. 489.

<sup>635</sup> ) Idem, “Entrevista do Prof. Agostinho da Silva ao ICALP”, em *ibidem*, p. 104.



de seus vícios europeus...”<sup>636</sup>. Este esforço veio a ancorar-se em dois pilares. Primeiro: “...o da formação de uma comunidade, que teria muito de uma ordem, sem os cânones, e cujo objectivo fundamental estaria em apurar o pensamento de uma idade nova e em estudar todos os seus reflexos de ordem social e individual...”<sup>637</sup>. Segundo: “...fundação de um instituto em que se meditasse todas as características do Brasil e, sob o ponto de vista do Brasil, todas as correntes de ideias ou todos os procedimentos, nacionais ou não, que apareciam no mundo como criação ou herança.”<sup>638</sup>.

Adriano Moreira (1922- ) foi apresentado por Agostinho como autor de um pensamento a ter em conta na construção de uma efectiva comunidade luso-afro-brasileira porque, desde os anos sessenta, vinha trabalhando essa ideia de forma interessante e inovadora: “...Prof. Doutor Adriano Moreira, que [...] com Darcy Ribeiro [...] realizaram em Moçambique a Academia Internacional de Cultura Portuguesa e a União das Comunidades de Cultura Portuguesa.”<sup>639</sup>. Mas Adriano Moreira, para o intelectual portuense, ainda legava aos portugueses um trabalho de análise sobre a questão do sebastianismo que lhe parecia imune quer à exaltação sebástica de Malheiro Dias, quer aos ferozes ataques que António Sérgio lhe dirigia. Enfim, a importância do pensamento e da acção de Adriano Moreira para o futuro de Portugal resultava do facto de ser visto por Agostinho como um “...político de fé e império, isto é, de céu e terra [...] [que] identifica o verdadeiro sebastianismo, aquele que tem, primeiro, raízes largas em toda a humanidade que se não rende ao inferior, mais próximo surgir na resistência de Espanha aos germanismos de Carlos V, e alor imediato no desespero do povo perante a morte do Desejado e a entrega dos poderosos a Filipe II...”<sup>640</sup>.

---

<sup>636</sup> ) Cf. idem, “Vicente: filosofia e vida”, em *Textos e ensaios filosóficos II*, p. 281.

<sup>637</sup> ) *Ibidem*, pp. 281-282.

<sup>638</sup> ) *Ibidem*, p. 282.

<sup>639</sup> ) Idem, “Beira – Moçambique. Clássicos do mundo português: Um prefácio geral”, em *Dispersos*, p. 508.

<sup>640</sup> ) Idem, “Comemoração de ‘Os Lusíadas’”, em *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, p. 141.

## **CAPÍTULO TERCEIRO**

### **FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS**

- I. CONHECIMENTO, SER E DEUS**
- II. O HOMEM**
- III. O ESTADO E A ORGANIZAÇÃO SÓCIO-ECONÓMICA**
- IV. PORTUGAL**

# I. CONHECIMENTO, SER E DEUS

## 1. O Conhecimento

### 1.1. A Matemática

Agostinho da Silva, pela mão do seu heterónimo Carlos S. Ficalho, em 1972, escreveu três textos sobre a Matemática que são reveladores da importância que atribuía a este tipo de conhecimento. No primeiro pronunciou-se sobre a crise que tinha assolado a Matemática após as dificuldades epistemológicas com que esta se tinha deparado ao ser confrontada com as designadas novas geometrias, dificuldades que só nos anos trinta do século passado conseguiu resolver no sentido de ver garantida a unidade do seu objecto de estudo. Dessa crise, o nosso autor retirou as seguintes ilações: "...a primeira de que o duplo alvo do ensino deve ser o de dar a todos os que o frequentam uma visão matemática do mundo [...] a segunda [...] a de que só a matemática moderna poderá pela sua maleabilidade, a sua eficiência, a sua fecundidade [...] atingir [...] como ideal um processamento rigoroso e resultados seguros e inteligíveis. A terceira [...] [que] depois da axiomática de Hilbert, está a mais tudo o que é geometria euclidiana [...] tem de cortar toda a grande massa da álgebra clássica e a própria numeração só tem que entrar como relação de equivalência entre conjuntos..."<sup>1</sup>. A revisibilidade da Matemática era, assim, o exemplo acabado da provisoriedade das ciências.

No artigo seguinte, começando por lembrar o físico laureado com o prémio Nobel em 1918, Max Plank, criador da teoria dos quanta, que terá dito "...só ser possível o triunfo de uma determinada teoria científica [...] quando desaparece a geração educada na teoria anterior e nela crente..."<sup>2</sup>, condenou a preocupação dos matemáticos que ignoravam ostensivamente no ensino desta ciência a adequação epistemológica a que os novos conhecimentos obrigavam.

Agostinho da Silva aproveitou o terceiro artigo para, ante as dificuldades de afirmação da unidade de uma ciência como a Matemática, apontar a necessidade de conciliar a Matemática antiga e a moderna. Transportando o ponto de vista do progresso histórico para o seio da

---

<sup>1</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, "Tema: Matemáticas modernas", em *Vida Mundial*, 9 de Junho de 1972, p. 50.

<sup>2</sup> ) Idem, "Tema: Matemáticas clássicas", em *ibidem*, 16 de Junho de 1972, p. 43.

Matemática, lembrou-nos que “Nenhuma matemática cresce sem qualquer espécie de relação com o restante de seu tempo, da sociedade em que se desenvolve, dos mecanismos económicos, das relações sociais, dos regimes políticos, das posições assumidas quanto ao transcendente, quer filosófico quer religioso.”<sup>3</sup>. Com esta interpretação, o intelectual português recordava a toda a comunidade científica que, ante o progresso da ciência exacta que era a Matemática, “Não temos de escolher, temos de ligar, de fundir, de dar a conhecer não uma parte mas um todo [...] de passar [...] de uma atitude de ‘ou’ a uma atitude de ‘e’; o que é trabalhoso, difícil, perigoso, mas talvez marca única de verdadeira humanidade.”<sup>4</sup>.

## **1.2. A Ciência**

### **1.2.1. Ciências da Natureza**

A Ciência, qualquer que ela fosse, impunha-se a Agostinho da Silva como uma forma, entre outras, de acesso à realidade, nunca a entendendo como episteme ou conhecimento verdadeiro, tal como faziam os gregos. Para o nosso autor, a Ciência era necessária à compreensão do real, mas a totalidade do real jamais poderia ser alcançada através dela: “A minha tendência é para só acreditar naquilo que se documenta. Mas é evidente que naquilo que se não documenta eu posso ter muitas suspeitas.”<sup>5</sup>. Por isso mesmo aconselhava os espíritos mais insatisfeitos a serem homens “...de ciência [...] construtivo e céptico. Cheio de dúvidas metódicas e de entusiasmo.”<sup>6</sup>.

Concretizando a sua especulação, Agostinho reflectiu sobre o papel e o lugar das Ciências da Natureza. Em *O transformismo*, para além de traçar alguns marcos que sustentavam a teoria da evolução, apontou as virtudes e os defeitos do evolucionismo de Lamarck e do evolucionismo de Darwin, considerando que “A concepção filosófica de Lamarck é mais ampla do que a de Darwin e o mesmo acontece com as suas concepções propriamente biológicas, visto que Darwin fez do ser vivo um simples objecto de acção do ambiente.”<sup>7</sup>. Desta forma, o nosso autor criticava “...uma superficial e irreflectida adopção da doutrina darwinista da ‘luta pela vida’...”<sup>8</sup>, luta esta

---

<sup>3</sup>) Idem, “Tema: Conciliação das matemáticas”, em *ibidem*, 23 de Junho de 1972, p. 46.

<sup>4</sup>) *Ibidem*, p. 47.

<sup>5</sup>) Idem, *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, p. 29.

<sup>6</sup>) Idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, p. 35.

<sup>7</sup>) Idem, “O Transformismo”, em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 6ª série, p. 15.

<sup>8</sup>) Idem, “As cooperativas”, em *ibidem*, 7ª série, p. 3.

que, em seu entender, era maléfica ao bom funcionamento da Humanidade, por contribuir “...para que se firmasse o preconceito da maldade humana e para que sôbre êle construísem os seus edifícios...”<sup>9</sup>. Agostinho concordava com os princípios evolucionistas, mas criticava veementemente a transposição para o funcionamento da sociedade de uma teoria explicativa da evolução humana: “...tôdas as críticas ao darwinismo não põem em causa o facto incontestável de uma evolução.”<sup>10</sup>. E tanto assim era que o nosso autor se ia mostrando defensor do evolucionismo dizendo-nos ser “...hoje completamente impossível qualquer ataque fundamental às concepções evolucionistas; nenhum sábio digno do nome é fixista...”<sup>11</sup>.

Comentando o trabalho de grandes cientistas, tal como aconteceu com Max Born, físico laureado com o prémio Nobel em 1954, o pensador portuense reforçava, por um lado, o indispensável papel das Ciências Naturais na captação da realidade e, por outro lado, destacava a insuficiência dessas ciências na explicação da realidade, bem como a provisoriedade das leis em que assentavam, dizendo-nos que em Born “...só o total o prende [...] talvez nele afinal seja a ciência, como em Pitágoras e talvez em Newton, a maneira fundamental e pura de ser místico; como o foi em S. João da Cruz a poesia e em Fra Angélico a pintura: o resto, comentário.”<sup>12</sup>. Com o exemplo de Born, ficava mais uma vez evidenciado que, sem o contributo das Ciências Naturais, não haveria possibilidade de aceder à totalidade do real, mas elas, por si mesmas, não poderiam revelar essa totalidade. As reflexões do nosso autor sobre a incompletude das Ciências da Natureza levavam-no, ainda, a afirmar: “A ciência, aquela abstracção a que chamamos ciência real ou concreta, é sempre como aquela casa para cuja ampliação se aproveita cantaria de outras.”<sup>13</sup>.

### **1.2.2. Ciências Humanas**

Se a Matemática e as Ciências da natureza ajudavam a explicar partes da realidade, o mesmo acontecia com as Ciências Humanas, que Agostinho também considerava necessárias, mas insuficientes, na interpretação da realidade: “A nossa cultura, excessivamente literária e de última moda, precisa de correctivo, caso nos não resignemos a ser inúteis no mundo; e tal correctivo só pode vir dos trabalhos da ciência e dos livros dos maiores que injustamente

---

<sup>9</sup> ) *Ibidem*.

<sup>10</sup> ) Idem, “O Transformismo”, em *ibidem*, 6ª série, p. 15.

<sup>11</sup> ) *Ibidem*, p. 18.

<sup>12</sup> ) Idem, “Uma glosa, e só, e breve: À ciência real”, em *Diário de Notícias*, 27 de Julho de 1972, p. 18.

<sup>13</sup> ) Cf. idem, *Reflexões, aforismos, paradoxos*, p. 23.

desprezamos.”<sup>14</sup>. O nosso autor traçava este ponto de vista sobre as Ciências Humanas a partir da sua formação nesta área de estudo e do combate que, nos anos trinta do século vinte, tinha travado em prol da renovação do seu ensino, nomeadamente, no que à Filologia dizia respeito.

As Ciências Humanas eram, então, consideradas insuficientes para a explicação do conhecimento e, por isso, o intelectual português lembrava a todos os cientistas desta área que estudassem e divulgassem as Ciências da natureza e vice versa, pois ambas as áreas do conhecimento contribuíam para a desocultação da verdade que, individualmente, jamais conseguiriam alcançar. Tal postulado era evidenciado quando o nosso autor se mostrava estar

**“...bastante convencido de que a inteligência não pode penetrar o universo, de que estamos a construir, com o nome de ciência, as mais grosseiras estatísticas de que pode haver exemplo [...]. Cada vez vou sentindo mais que se não pode perceber o que seria essencial perceber, mas procedo sempre como se estivesse convencido do contrário...”**<sup>15</sup>.

A Ciência, qualquer que fosse o seu campo de trabalho, era um precioso contributo para a explicação do Mundo e Agostinho estava convicto de que “Da acumulação do cientificamente impossível sairá a possibilidade de que tudo exista.”<sup>16</sup>.

### **1.2.3. Ciência e Técnica**

Agostinho da Silva, pese embora a sua formação no domínio da Filologia, soube por em evidência a inter-relação da ciência e da técnica: “Demarcar os caminhos da razão, sem olhar às aplicações nem ao tempo, é verdadeira ciência; servir-se dos resultados do pensamento puro para comodidade da vida ou para os interesses de momento entra já nos domínios da técnica, como actividade diversa...”<sup>17</sup>. O autor português acreditava que se a Ciência não fosse interpelada pela Técnica, o seu progresso seria menor, sendo que o mesmo se passaria em relação à Técnica caso não respondesse ao progresso científico.

A Técnica ainda apresentava ao nosso autor a excepcional vantagem de “...servir para que possa haver mais ócio e cada um seja mais livre para contemplar e criar...”<sup>18</sup>. O intelectual português defendia que o progresso científico e tecnológico libertaria totalmente a Humanidade

---

<sup>14</sup>) Idem, “Considerações: Disciplina científica”, em *Seara Nova*, n° 439, Junho de 1935, p. 180.

<sup>15</sup>) Idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, pp. 33-34.

<sup>16</sup>) Agostinho da Silva, *Reflexões, aforismos, paradoxos*, p. 75.

<sup>17</sup>) Idem, “Diário de Alcestes: Ciência”, em *Seara Nova*, n° 480, Julho de 1936, p. 379.

<sup>18</sup>) Idem, “Sobre índios e suecos”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, p. 107.

da opressão do trabalho, fazendo de cada homem um poeta à solta: “...robótica e informática vão servir um dia para que nos libertemos de toda a máquina, se replante o mundo do que, livre e belo, nos ofereça seu fruto e seja poesia cada homem mais do que cada homem poeta...”<sup>19</sup>. O progresso que o conjunto da Ciência e da Técnica ia permitindo, acalentavam-lhe a esperança da libertação humana de todo o tipo de trabalho: “...pegar na máquina e pô-la ao serviço, não de uma nova escravidão, mas dos homens. Meter homens a servir as máquinas e com essas máquinas e com esses homens servir outros homens e outras máquinas, mas para efectivamente nos dar a tal liberdade de ser poeta à solta. Sem nenhuma dor de consciência!”<sup>20</sup>. Este profundo desejo com acentuados laivos de utopia era sustentado pelo nosso autor no desenrolar da História, que tinha permitido o simultâneo desenvolvimento da Ciência e da Técnica. Como os protagonistas desse desenvolvimento tinham sido os homens, convinha agora que se servissem das suas criações para se libertarem de toda a espécie de trabalho:

**“...foi pelo desejo das pessoas que se conseguiu, na realidade, um parque industrial, um parque técnico como aquele que temos hoje à disposição e que – eu continuo a acreditar – bem utilizado podia contribuir para uma libertação do homem.”<sup>21</sup>.**

Acima de tudo, Agostinho não queria que o progresso científico se opusesse a um espírito de vida livre, tal como tinha acontecido quando em defesa do cientismo evolucionista, se criou no Mundo um clima de conflitualidade entre as pessoas: “Não se podia continuar a viver, nem valeria a pena viver, no ambiente de luta em que todo o mundo se transformava; uma biologia mal compreendida viera dar razões científicas à rapacidade e à dureza; todos citavam a ‘luta pela vida’ como um princípio que lhes dava direito a não terem piedade por ninguém, nem o menor escrúpulo perante uma acção reprovável...”<sup>22</sup>. Este era um exemplo de desenvolvimento humano que o moderno progresso científico e tecnológico não poderia voltar a repetir.

#### **1.2.4. Limites cognitivos e éticos do conhecimento científico**

O intelectual português defendia, sem qualquer restrição, o progresso científico e técnico, mas alertava para a possibilidade deste seguir por caminhos conflituosos em termos éticos e

---

<sup>19</sup> ) Idem, “Introdução”, em Teixeira de Pascoaes, *Regresso ao paraíso*, p. 10.

<sup>20</sup> ) Idem, *Ir à Índia sem abandonar Portugal [entrevista a Gil de Carvalho & Hermínio Monteiro]*, pp. 19-20.

<sup>21</sup> ) Idem, *Vida conversável*, p. 64.

<sup>22</sup> ) Idem, *Sanderson & a escola de Oundle*, pp. 18-19.

morais. Em seu entender, o progresso que a ciência e a técnica iam permitindo, em circunstância alguma poderia extravasar o campo dos valores fundamentais: “O compromisso pode tornar-se necessário para que a vida se mantenha; mas já essa mesma vida é grande e bela só quando, pelo menos, tende à rigidez das regras absolutas; e a superioridade das nações, a superioridade que há-de acabar por triunfar, consiste no maior número de espíritos que são capazes de optar pela norma quando ela se encontra em conflito com a vida...”<sup>23</sup>. Assim, para o nosso autor, o problema não estava no progresso da Ciência e nas realizações da Técnica. O problema, para que a sociedade se mantivesse estável, estava no uso que se fizesse das descobertas científico-técnicas, uma vez que, em seu entender, à Ciência não competia “...prever para poder...”<sup>24</sup>, mas sim “...descobrir e ser.”<sup>25</sup>.

### **1.3. A Filosofia**

#### **1.3.1. Concepção agostiniana de Filosofia**

Vejamos agora como Agostinho considerou a Filosofia enquanto forma de conhecimento. Como já foi anotado por Manuel Ferreira Patrício, o nosso autor foi “Um racionalista que não pôs nunca qualquer fragmento da realidade – por mais insignificante que parecesse fora das suas tentativas de intelecção e de compreensão.”<sup>26</sup>. Contudo, esta racionalidade de que fala Manuel Ferreira Patrício não deve ser entendida no estrito significado científico do termo, mas sim integrada no conceito de Filosofia postulado pelo nosso autor que considerou esta forma de conhecer

**“...como uma função de todo o ser, como um esforço não só para a clareza, a plenitude de visão, a intuição das ideias, mas, ainda mais, para as integrar no próprio teor da vida.”<sup>27</sup>.**

Analisando a Filosofia como forma de conhecimento, o autor portuense entendia que ela “...se aproxima no que pode da ciência e tende a criar uma linguagem em que se encontram,

---

<sup>23</sup> ) Idem, “Diário de Alcestes: Ciência”, em *Seara Nova*, nº 480, Julho de 1936, p. 380.

<sup>24</sup> ) Cf. idem, “Depoimento”, em *Saúde Mental – Boletim da Direcção de Serviços de Saúde Mental*, número especial de homenagem ao Dr. João dos Santos, Dezembro de 1984, p. 126.

<sup>25</sup> ) *Ibidem*.

<sup>26</sup> ) Patrício, Manuel Ferreira, “A filosofia da educação em Portugal no século XX”, em AA. VV. (dir. Pedro Calafate), *História do pensamento filosófico português*, vol. V, tomo II, Lisboa, Caminho, 2000, p. 126.

<sup>27</sup> ) Agostinho da Silva, “Riscos heterodoxos”, em *As aproximações*, p. 90.



como se deve, as mesmas expressões para os mesmos factos a exprimir.”<sup>28</sup>. A Filosofia impunha-se, assim, ao nosso autor, como um exigente exercício do intelecto que procura pela razão uma explicação o mais completa quanto possível dos fenómenos que marcam a existência de cada um: “Filosofia é uma pilha de hipóteses; só, a mais do que isso, a certeza de que o espírito pensa: daí se irá ao resto.”<sup>29</sup>. Ao pensar desta maneira, Agostinho da Silva dava total expressão ao seu racionalismo filosófico, que complementava ao considerar “...vã toda a filosofia que não assente nas ciências vulgarmente chamadas, matemáticas, física e química, e não tenha, das outras, noções seguras e actualizadas...”<sup>30</sup> e, em consequência, atribuía o estatuto de autênticos filósofos a “...um Descartes ou um Leibniz, cuja reflexão se exercia sobre a ciência que iam construindo...”<sup>31</sup>. A estes dois filósofos de renome juntou Espinosa que, a seu ver, fazendo filosofia a partir “...de revelação ou de fé...”<sup>32</sup>, mostrava “...que supra-racional, se o é, fique apenas no dado inicial e que daí por diante se proceda sempre com o rigor da matemática...”<sup>33</sup>. Os dois primeiros filósofos de que o nosso autor deixava exemplo, tinham sido grandes filósofos e reconhecidos pensadores da Ciência, o terceiro tinha deduzido uma ética sob os princípios da geometria; todos eles davam, então, ao nosso autor, o exemplo de que “A filosofia que se não apoia num perfeito encadear de raciocínios e numa informação que tem de ser a mais sólida e a mais ampla, é apenas literatura, e da pior literatura.”<sup>34</sup>.

O autor portuense entendia a Filosofia como um saber essencialmente reflexivo, mostrando também simpatia pelo cepticismo filosófico: “Se eu dispusesse de alguma espécie de filosofia do mundo – não disponho – mas se dispusesse, seria esta: é-me impossível dizer que alguma coisa é, porque logo suspeito de que não é.”<sup>35</sup>.

Tal como quanto às restantes formas de conhecer, Agostinho da Silva achava que a Filosofia era essencial na busca da verdade, mas não devia, em qualquer circunstância, arrogar-se o direito absoluto à verdade: “A Filosofia tem um perigo terrível, que é o de cada homem, por esse pensamento filosófico, acabar de construir uma verdade e achar que é o senhor da Verdade e, portanto, ter quase à mão uma Inquisição pronta a agir.”<sup>36</sup>. Para evitar o mau uso do conhecimento filosófico, dirigindo-se a um jovem aspirante a filósofo, o intelectual portuense não

---

<sup>28</sup> ) Idem, “Repetição, estilo, pensar”, em *ibidem*, p. 108.

<sup>29</sup> ) Idem, “Tema: Educadores portugueses – António Sérgio”, em *Vida Mundial*, 18 de Agosto de 1972, p. 51.

<sup>30</sup> ) Idem, “Resposta a ‘Inquérito sobre a Filosofia Portuguesa’”, em *Dispersos*, p. 546.

<sup>31</sup> ) *Ibidem*.

<sup>32</sup> ) *Ibidem*.

<sup>33</sup> ) *Ibidem*.

<sup>34</sup> ) Cf. idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, p. 41.

<sup>35</sup> ) Idem, “Entrevista com Agostinho da Silva (entrevista a Joel Serrão e outros)”, em *Dispersos*, p. 72.

<sup>36</sup> ) Idem, *Conversa com Agostinho da Silva [entrevista a Victor Mendanha]*, p. 83.

hesitava em criticá-lo na medida em que se mostrava "...convencido de que a inteligência do homem pode penetrar o universo, de que há uma coincidência entre a razão e a ordem do mundo. Creio que você, de facto, está talhado para a filosofia e para a espécie mais curiosa da filosofia, a dos sistemas; já tem um dogma, o da razão; depressa adquirirá os que lhe faltam."<sup>37</sup>. A demanda pela verdade, no entender do nosso pensador, não se compadecia com sistemas dogmáticos, pois só os inconformados poderiam caminhar para ela com a segurança adequada.

Apesar de tudo, o nosso autor era um racionalista que se opunha a todas as formas de totalitarismo da razão, não se coibindo por isso de dirigir fortes críticas à Filosofia que, em nome da pureza dos seus raciocínios, excluía do seu campo de análise tudo aquilo que se prendesse com o sobrenatural, mácula que, em seu entender, tinha mantido desde o seu aparecimento na Grécia antiga: "A filosofia grega, abafando correntes espirituais [...] pode ter sido apenas um instrumento de domínio: e daí o carácter ligeiramente [...] desumano que sempre me pareceu ter a filosofia grega e que tanto contribuiu para a rápida vitória do cristianismo. Cristianismo que, vencendo por não ser uma filosofia, depois para satisfazer ao mundo, recaiu em grande parte na filosofia, o que trouxe graves complicações."<sup>38</sup>.

O conhecimento que a Filosofia nos fornecia era de extrema importância, mas não era definitivo, pois no entender de Agostinho

**"A filosofia pode perfeitamente ter sido um fenómeno puramente histórico. E acabar. Deixando o campo às aspirações puramente religiosas, que são as eternas do homem. E, na realidade, as únicas que poderão conduzi-lo a uma plena vitória sôbre o mundo; e sôbre si próprio, que ainda é o mais difícil."**<sup>39</sup>.

### **1.3.2. Deveres do filósofo**

Tradicionalmente, aqueles que se empenham na construção do conhecimento filosófico, criticando sistemas antigos e elaborando outros novos, são designados de filósofos, considerados genericamente pelo nosso autor como "...intolerantes e fechados."<sup>40</sup>. Agostinho condenava o uso da Filosofia como um mero jogo lógico em que uma argumentação bem conseguida, mesmo que pouco ou nada nos dissesse, se impunha ante aqueles que nada

---

<sup>37</sup> ) Idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, p. 29.

<sup>38</sup> ) Idem, "Tomada de consciência", em *Só ajustamentos*, p. 89.

<sup>39</sup> ) *Ibidem*.

<sup>40</sup> ) Idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, p. 33.

entendiam daquilo a que passavam a aderir: “...o público adora os filósofos que pode compreender, que lhe vão na esteira, desencontrados como ele; o som das palavras move mais os homens do que o seu conteúdo.”<sup>41</sup>.

No entender do nosso autor, impunha-se ao verdadeiro filósofo que fizesse um bom uso da razão e se opusesse à sedução das palavras. Para tanto, deixava alguns conselhos a todos aqueles que pretendessem dedicar-se à Filosofia: “Procure compreender os sistemas dos outros antes de criar um seu: se acha errado um grande filósofo, pense sempre que o erro é seu...”<sup>42</sup>. Por outro lado, a escolha do intelectual portuense ia no sentido de um filósofo que entendesse que o seu trabalho se faz de resistência e persistência, com calma e com paciência: “...não force nunca; seja paciente pescador neste rio do existir. Não force a arte, não force a vida, nem o amor, nem a morte.”<sup>43</sup>. Para aguçar a responsabilidade daquele que desejasse ser filósofo, Agostinho deixava o exemplo de pensadores da antiguidade, considerados esquisitos e olhados com desprezo por quase todos os seus contemporâneos, que revelam uma rectidão moral e um equilíbrio existencial fora do comum, cuja atitude se caracterizava por “...costumes puros [...] domínio das paixões [...] rectidão [...] amor da justiça, o desinterêsse dos bens materiais, o gosto da harmonia, o culto da razão [...] muitos dêles se sacrificaram, em obediência às suas ideias filosóficas, numa íntima coerência, quando desaprovavam os crimes dos tiranos e reclamavam a liberdade...”<sup>44</sup>.

O nosso autor entendia, ainda, que era pela meditação dos bons exemplos que alguém deveria escolher lançar-se na tarefa filosófica, tendo sempre no horizonte que competia à Filosofia ser a guardiã da “...pura idea [...] no ataque de tôdas as atitudes e doutrinas que significasse diminuição do espírito, ao mesmo tempo se recusando a exercer todo o domínio que não viesse da adesão.”<sup>45</sup>.

O filósofo, no entender do intelectual portuense, deveria ter a preocupação de que as ideias que defendia pudessem ser úteis aos outros, de que o vivido marcasse o ritmo ao pensado, o que, em seu entender, realmente não acontecia em muitos sistemas filosóficos de várias proveniências “...que de certa maneira eram menos ricos do que a vida, procuravam criar pensamentos de tal maneira organizados que lhes permitiam manipular o mundo sempre

---

<sup>41</sup> ) *Ibidem*, p. 41.

<sup>42</sup> ) *Ibidem*, p. 42.

<sup>43</sup> ) *Ibidem*, p. 52.

<sup>44</sup> ) Idem, “Considerações: Da vida filosófica”, em *Seara Nova*, n° 446, Agosto de 1935, p. 222.

<sup>45</sup> ) *Ibidem*.

coerentemente, embora esse sistema não correspondesse à realidade total.”<sup>46</sup>. O filósofo tinha, ainda, a obrigação de amar a Humanidade, pois “...quando se perde humanidade, não vale a pena ser filósofo; se viesse um deus à terra, embora o papel coubesse melhor a um demónio, e lhe trouxesse a verdade, mas com o encargo de lhe levar em troca o amor dos homens, não deveria haver em si outra atitude que não fosse a de recusa.”<sup>47</sup>.

O exercício da Filosofia, tremendo e doloroso, cheio de armadilhas e artimanhas, para ser verdadeiro tinha que ter algo de artístico, religioso e amoroso:

**“No seu ponto mais alto, a filosofia é uma criação perfeitamente similar à criação artística ou religiosa ou amorosa; quem não tem nervos de artista, força de imaginação e quem não tem ao seu dispor uma vida rica pode ser professor de filosofia, mas duvido que chegue alguma vez aos planos em que vale realmente a pena ser filósofo.”<sup>48</sup>.**

Desta forma, o verdadeiro filósofo não poderia ser um mero professor de Filosofia porque, no entendimento de Agostinho, “...um filósofo não ensina, interroga para aprender...”<sup>49</sup>. Pese embora a reconhecida dificuldade da Filosofia, o nosso autor achava que o melhor trabalho filosófico se revelava pela simplicidade e pela coerência do agir, descansando aqueles que verdadeiramente aspiravam a ela com as seguintes palavras: “...uma filosofia é feita de meia dúzia de ideias [...] uma filosofia no que contém de fundamental, é, para o pensador, gratuita [...]. O que custa para o filósofo é, primeiro, libertar-se de todas as ideias que andam no ar [...] depois, experimentar uma e outra vez [...] se as tais ideias fundamentais são coerentes entre si [...] finalmente se lança o pensador à tarefa de desembaraçar o enrolado novelo que o mundo lhe apresenta...”<sup>50</sup>.

### **1.3.3. A Estética**

Quanto à teoria da arte, o autor português mostrou-se adepto do ideal medieval, defendendo que a Beleza que nos envolve é o espelho da Beleza congénita à Natureza, que tem a sua origem em Deus. Esta maneira de conhecer mostrou-se-lhe essencial para fundamentar o ideário pedagógico que vinha defendendo:

---

<sup>46</sup> ) Idem, “Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito”, em *Textos pedagógicos II*, p. 80.

<sup>47</sup> ) Cf. idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, p. 59.

<sup>48</sup> ) *Ibidem*, pp. 67-68.

<sup>49</sup> ) Idem, “Agostinho, ensine-nos (entrevista a Lurdes Féria)”, em *Dispersos*, pp. 110-111.

<sup>50</sup> ) Idem, “Repetição, estilo, pensar”, em *As aproximações*, p. 108.

**“...julgo mesmo [...] que qualquer processo pedagógico, qualquer atitude mental, nos é sugerida muitas vezes pela flutuação das artes, pela atmosfera que de si irradiam, do que até pelos preceitos ou pelas teorias científicas.”<sup>51</sup>.**

Para relevar a veracidade deste juízo recorreu à sua própria acção e disse-nos: “Se alguma vez acerto é porque me calha intuir, muito mais do que por quaisquer racionais processos...”<sup>52</sup>.

Para justificar a defesa que fazia da dimensão estética do ser humano, Agostinho, a propósito da publicação do livro de Pottier, *Diphiles et les modelenas de terrescuites grecques*, legou-nos a sua interpretação das Tanagrinhas, célebres esculturas de mulheres esbeltas provenientes da cidade grega de Tânagra, que, em sua opinião, representam de forma magistral o desaparecimento do espírito helénico:

**“Só uma superior intuição, um conhecimento estético, poderá compreender perfeitamente a dama das Tanagrinhas; o conhecimento por inteligência apenas produzirá esplêndidos tratados de arqueologia ou história da arte: mais nada.’**

**‘Continuam [...] esperando que alguém mostre como elas, com a sua dança, quebravam a noção do individual e do limitado, conduziam as almas à comunhão com a divindade...’<sup>53</sup>.**

Ante o deslumbramento de todos aqueles que presenciavam e se emocionavam com este episódio artístico largamente estudado e documentado, Agostinho concluiu que se não fosse a emoção de cada um a captar o sentido último desta obra, então também não seria por um discurso lógico e racional, com carácter universalizante, que a mesma se poderia revelar no seu profundo significado. Para o intelectual português, a arte era um meio privilegiado para nos conduzir à essência das coisas: “...o mundo, ante o escultor, suspendeu a sua marcha, que nós próprios nos fundimos na simetria universal [...] passa o tempo sem que demos por êle, num êxtase que se não exprime, num movimento que nos eleva para além da vida.”<sup>54</sup>.

---

<sup>51</sup> ) Idem, “Entrevista a ‘Inquérito ao livro em Portugal, *bibliotecas culturais*, XXII”, em *Seara Nova*, n.º 869, Abril de 1944, p. 206.

<sup>52</sup> ) Agostinho da Silva, “Depoimento”, em *Saúde Mental – Boletim da Direcção de Serviços de Saúde Mental*, número especial de homenagem ao Dr. João dos Santos, p. 125.

<sup>53</sup> ) Agostinho da Silva, “Dançarinas de Tânagra”, em *Estudos sobre cultura clássica*, p. 269.

<sup>54</sup> ) Cf. idem, *Conversação com Diótima*, p. 84.

O nosso autor parecia estar convencido de que o artista era uma espécie de demiurgo entre a criação e o criador e, conseqüentemente, entre o Homem e Deus: "...por um lado, o artista furta o seu tema ao tempo, tornando-o acessível a todos em todos os momentos, por outro lado, salva-o ainda da corrente do tempo, na medida em que faz convergir num só instante o que foi beleza em instantes sucessivos."<sup>55</sup>. O artista, enquanto indivíduo deixava-se emocionar por um dado recorte do real e, a seguir, como que ficava possuído por uma força maior que passava a dirigir toda a sua acção, a qual haveria de culminar numa representação figurada que passava a congregar num mesmo ideal múltiplas vontades que se encontravam dispersas: "...o artista já apresenta a natureza, ou antes, a parte da natureza que o impressionou, separada de todos os elementos que poderiam perturbar o espectador; o artista presta a quem o é menos o serviço de facilitar a contemplação do mundo."<sup>56</sup>. A obra de arte, qualquer que ela fosse, para o intelectual portuense, tinha como principal tarefa romper com o princípio da individuação: "...a obra de arte, de qualquer espécie que ela seja, dá-nos, pela sua fuga ao tempo e ao que é individual, uma possibilidade de limitarmos a existência da dor."<sup>57</sup>.

Agostinho, para ilustrar e fundamentar as ideias que acabamos de expor, recorreu, ainda, ao trabalho de alguns artistas de eleição como foi o caso de Courbet, pintor francês do realismo que, em seu entender, se serviu da arte para transmitir o fluxo da vida humana, tendo-nos deixado uma obra na qual "...se combatia [...] a fuga perante a vida cotidiana no que ela contém de tortura, de desespero, de aniquilamento do corpo e do espírito para os que o acaso não lançou às altas esferas sociais; e havia em todo o movimento um anseio de considerar o universo em conjunto, de não separar as actividades humanas, de não pôr para um lado a vida e para outro a arte..."<sup>58</sup>.

O sentimento estético era, assim, apurado pela fruição das diversas criações artísticas que congregavam à sua volta uma diversidade de seres e, por isso, Agostinho da Silva considerava-o como um sentimento comum a todos, criticando a arte pela arte, representada pelo esteticismo de Óscar Wilde e seus seguidores: "- Wilde achou [...] que a vida acabaria por se submeter à arte. Mas o que lhe escapou foi o mecanismo interno do caso [...]. As coisas nele põem-se assim: há um mundo plástico ante a nossa vontade, ou antes, ante a vontade do artista; o que

---

<sup>55</sup> ) *Ibidem*, p. 10.

<sup>56</sup> ) *Ibidem*, pp. 10-11.

<sup>57</sup> ) *Ibidem*, p. 86.

<sup>58</sup> ) Idem, "A vida e a arte de Courbet", em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 8ª série, p. 18.

ele imaginar a vida o fará.”<sup>59</sup>. Com estas considerações, Agostinho defendeu claramente o carácter social da arte em detrimento de uma visão elitista que a tese da arte pela arte veiculava, pois ao considerar que a vida imitava a arte, retirava o estatuto de demiurgo ao artista para lhe conceder o estatuto de criador, algo que o nosso autor não admitia.

Foi na defesa dos seus princípios estéticos que o nosso autor desferiu duras críticas à pretensão dos artistas modernos que maioritariamente se consideravam como uma espécie de homens superiores: “O artista se julga com direitos que vão além das linhas impostas ou permitidas ao comum dos homens; e, se julgar que se tem direitos quando, como homem, nada mais se tem que deveres, é já um princípio de maus caminhos...”<sup>60</sup>. O intelectual portuense concebia apenas uma arte cuja grandeza estivesse ao serviço da Humanidade, arte da qual, aliás, já se conhecia o exemplo medieval, época em que os “...artistas [...] julgavam, acima de tudo, estar transmitindo o que lhes era inspirado, não o que saía de seus pobres e limitados seres; artistas que, pintando, serviam, aos homens, e louvavam a Deus.”<sup>61</sup>. Por assim entenderem a arte, os artistas medievais nem sequer assinavam as obras, o que aumentava a convicção de Agostinho de que

**“...toda a arte não é mais do que a revelação, fragmentada por homens, tempos e países, do Artista supremo que Deus é; a marca essencial de Deus é provavelmente a sua fantasia de criação: daí o Amor e a Acção; Amor ao que dele surge, Acção para que dele surja. Fantasia criadora que simultaneamente nos dá o tempo e a eternidade...”**<sup>62</sup>.

A posição agostiniana face à criação artística, que acabamos de expor, não se coadunava com o estatuto elitista que as obras de arte tinham adquirido: “A arte passou a ser uma coisa de poucos e de ricos, de pretensos génios excepcionais sujeitos à corrupção e de quem, a não apreciando, lhe conferia poderes de posição social.”<sup>63</sup>. Ou seja, o nosso autor mostrava-se desagradado com o facto de a arte ter deixado de servir a vida para se tornar num negócio em que só o estrito clube dos ricos poderia participar. O tempo das catedrais e outras obras colectivas que nascidas do génio de alguns eram graciosamente fruídas por quem as quisesse

---

<sup>59</sup> ) Idem, “Herta”, em *Herta, Teresinha, Joan*, p. 27.

<sup>60</sup> ) Cf. idem, “Criação própria”, em *As aproximações*, pp. 39-40.

<sup>61</sup> ) *Ibidem*, p. 41.

<sup>62</sup> ) *Ibidem*.

<sup>63</sup> ) Idem, “Notas para uma posição ideológica e pragmática da Universidade de Brasília”, em *Dispersos*, p. 248.

contemplar, tornava-se uma miragem ante o novo rumo que a criação artística tinha prosseguido e isso, para o nosso pensador, era um sinal de degradação da vida plena.

#### **1.4. A paradoxalidade do conhecimento humano**

Agostinho não hesitava em apresentar-se com as seguintes palavras: “Não sou do ortodoxo nem do heterodoxo; cada um deles só exprime metade da vida, sou do paradoxo que a contém no total”<sup>64</sup>, acatando plenamente o paradoxo como uma expressão normal do conhecimento e da acção de cada um. O paradoxo, definitivamente, impunha-se ao nosso autor como consequência da inacessibilidade lógica à existência divina:

“O mundo é só o poema  
em que Deus se transformou  
Ele existe e não existe  
tal a pessoa que sou.”<sup>65</sup>.

O autor portuense usou o paradoxo como resposta à explicação racional, técnica e científica da realidade, assentando nele a sua visão holística do mundo. Explicar o carácter paradoxal da existência e de Deus revelava-se tarefa difícil, uma vez que só podemos fazer discursos racionais sobre categorias que se possam submeter à explicação lógica dos fenómenos. Francisco Soares deixou-nos dito que “...o culto do paradoxo em Agostinho da Silva rodeia-se por uma recorrência de reflexões que o fundamenta. O que pode ser visto por alguns como impensável é pensado por ele. E nessa resposta cabe, ao mesmo tempo, uma valorização da humanidade e um desafio aos contemporâneos.”<sup>66</sup>. Mas o paradoxo agostiniano revelava-se essencialmente na sua apropriação existencial, uma vez que pretendia ir ao encontro daquilo que fosse inacessível a todo o tipo de conhecimento lógico, quer proviesse do campo da Ciência, quer proviesse do campo da Filosofia, pois o paradoxo, em Agostinho, prioritariamente, aparecia associado às questões da religião e da fé.

---

<sup>64</sup> ) Idem, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, p. 17.

<sup>65</sup> ) Idem, *Quadras inéditas*, p. 81.

<sup>66</sup> ) Soares, Francisco, “O paradoxo e a lírica de Agostinho da Silva”, em AA. VV., *Tradição e inovação, sua unidade em Agostinho da Silva – Actas de colóquios sobre Agostinho da Silva, 1996-1999*, CADA – de cada um a cada qual, s/l, s/d, p. 102.



O paradoxo impunha-se, ainda, a Agostinho, como uma tentativa de recuperar a unidade perdida pela fragmentação que a mentalidade lógica foi traçando entre os pares de opostos que foi construindo e passou a considerar como excluintes e que a ele lhe parecia que deveriam ser pensados em simultânea unidade: “Poderia propor-se que a essência de Deus é a liberdade e que é a liberdade o destino do homem, o que a torna simultaneamente o fim da História. Isto teimando nós em separar liberdade e lei, princípio e fim, essência e existência, eternidade e tempo. Quando a verdade é que cada um só existe no par. Como o um só existe por abstrato corte do dois. Poderia substituir-se ‘No início era o Logos’ por ‘No início era o Dois’.”<sup>67</sup>. Convenhamos que entre o logos, espécie de criação a partir da palavra que vai multiplicando a realidade e o dois enquanto forma original em que tudo repousa na indiferenciação do uno, não parece haver grandes diferenças, uma vez que se do logos saiu a diversidade era porque a unidade já tinha em si essa capacidade, daí a pluralidade para que o dois aponta:

**“Como vejo sempre no heterodoxo o ortodoxo do outro lado, creio que aquilo que realmente nos pode unir é o paradoxal. O existir e não existir ao mesmo tempo é, do meu ponto de vista, a união final das coisas, e isto é o paradoxal.”**<sup>68</sup>.

Ora, como o paradoxo instalou a confusão no pensamento lógico ocidental que, erradamente, passou a tratar o contraditório como excluinte, o nosso autor pensava que a unidade procurada só seria revelada a “...quem se conseguisse instalar no paradoxal...”<sup>69</sup>, pois só desta forma seria capaz de levar “...no mundo, como místico de um novo tipo.”<sup>70</sup>. O intelectual portuense estava convicto de que o que mais convinha aos homens era serem, em simultâneo, cada um e muitos outros: “Importante é instalarmo-nos no paradoxo [...] poder conversar com pessoas de vários pensamentos, várias atitudes, com a capacidade de as entender em si mesmas, sobretudo quando alguma me aparece com sinal inteiramente contrário ao meu. Quem sabe se precisamente esse, que alguém diria ser enviado do diabo, não é um dos disfarces do divino?”<sup>71</sup>.

Agostinho da Silva também foi colher no budismo Zen vários princípios de avaliação do real que lhe permitiam justificar com mais precisão o carácter paradoxal do conhecimento

---

<sup>67</sup> ) Agostinho da Silva, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, pp. 149-151.

<sup>68</sup> ) Idem, “Entrevista com Agostinho da Silva (entrevista a Joel Serrão e outros)”, em *Dispersos*, p. 79.

<sup>69</sup> ) *Ibidem*.

<sup>70</sup> ) *Ibidem*.

<sup>71</sup> ) *Ibidem*, p. 80.

humano: “O Zen, poderíamos defini-lo como um sistema paradoxal por excelência, aquele que admite que alguma coisa seja sempre alguma coisa e o seu contrário.”<sup>72</sup>. A tradição ocidental fornecia-lhe uma religião com Deus como húmus para o paradoxo, enquanto que a tradição oriental lhe fornecia uma religião sem Deus, da qual deduzia a mesma interpretação sobre a totalidade da vida: “...é no oriente e no budismo, que não admite a existência de um Deus, que encontramos melhor definida essa paradoxalidade, esse paradoxal do último e do mais perfeito, ser do mundo, já que eles acreditam que as coisas são a um tempo elas e o seu contrário e, além delas e o contrário, uma pluralidade de diferentes que escapa completamente à mentalidade do homem.”<sup>73</sup>.

O nosso autor não deixou de reconhecer que este modo largo de ver as coisas, simultaneamente como sendo e não sendo, trazia problemas ao funcionamento moral da sociedade, pois se tudo, ao mesmo tempo, era e não era, a avaliação dos actos humanos poderia tornar-se muito difícil: “Nós usamos um código moral e temos que usá-lo exactamente como fazemos com um sinal do semáforo nas ruas para a circulação automóvel ou com um bilhete de identidade – alguma coisa que simplifica, enobrece, torna a nossa vida mais humana, mais racional e mais livre, e mais livre também no sentido emocional do que teríamos de outra maneira se não possuíssemos esse código.”<sup>74</sup>. Ou seja, tacitamente, Agostinho aceitava que a sociedade humana não era perfeita e por isso, uma vivência paradoxal não poderia, em qualquer circunstância, ultrapassar as normas éticas e morais de validade absoluta que serviam de limite à acção dos homens enquanto seres sociais.

O nosso autor, em poema, sintetizou o valor do paradoxo enquanto forma de superação da individuação:

**“Tudo é uno e divino  
só nossa mente ao mundo  
ainda  
dele faz um e outro  
e bem e mal  
e os anjos os demónios  
e até fez Deus criar o mundo  
quando aquele mundo e Deus**

---

<sup>72</sup> ) Cf. idem, *Vida conversável*, p. 61.

<sup>73</sup> ) *Ibidem*, p. 62.

<sup>74</sup> ) *Ibidem*.

**o mesmo são  
eternamente o sendo e não o sendo  
perpétua inexistência  
e do mundo não ser  
a pura essência.”<sup>75</sup>.**

### **1.5. O misticismo religioso**

O misticismo religioso surgiu a Agostinho da Silva como forma de superação do paradoxo, pois apesar de todas as dúvidas que manifestava sobre a possibilidade de, pelo recurso a qualquer forma de conhecimento desvelar a totalidade da existência, mostrava a total certeza de que outros “...tempos virão, os tempos de ser Deus; virão talvez por linhas tortas [...] virão pela colaboração de todos, mesmo dos que são contra [...] um dia os homens, quando forem deuses, ou, pelo menos, mais deuses do que são hoje, entenderão isto é deixarão de escrever História que absolva ou condene: descreverão apenas, explicarão e justificarão...”<sup>76</sup>, uma vez que “...Deus, que deuses foi, eterno vela.”<sup>77</sup>.

No caminho para a plenitude anunciada tornava-se necessário reunir o que aparecia como disperso, mas esse esforço apenas poderia ser bem sucedido com o recurso à intuição, que em Agostinho funcionava como uma espécie de iluminação que lhe permitia ter uma profunda ideia interior de Deus, tão intensa e tão clara que todos aqueles que tinham o privilégio de a conhecer já a viam potencialmente materializada na realidade que os circundava pela assunção de uma vida onde Deus e o homem passavam a ser um só. Em *Conversação com Diotima*, Agostinho pôs na boca do Estrangeiro as seguintes palavras com as quais respondeu a Diotima: “...pode haver em ti [...] um sentido dramático, uma possibilidade poética de seres tu e o outro e até de toda te encerrares no que propriamente não és tu.”<sup>78</sup>. E, na sequência do seu raciocínio, apontou para a hipótese de o mundo ser uma espécie de teatro em que Deus age a seu belo prazer:

---

<sup>75</sup> ) Idem, *Uns poemas de Agostinho*, p. 126. Ver também “Uma folhinha de quando em quando. Agosto 90”, em *O Setubalense*, 28 de Novembro de 1990, p. 4, onde, o nosso autor, depois de reafirmar não pertencer a qualquer Igreja, propôs a criatividade como forma de conciliar a filosofia de Platão com o Vazio oriental, reafirmando a renúncia aos bens e às pessoas e o Amor à contemplação por lhe parecer serem estas as vias adequadas para reunir a física e a metafísica.

<sup>76</sup> ) Cf. idem, “Teologia humana”, em *Textos e ensaios filosóficos II*, p. 232.

<sup>77</sup> ) Idem, “Projecto”, em *ibidem*, p. 240.

<sup>78</sup> ) Idem, *Conversação com Diotima*, p. 39.

“Pode ser apenas Diotima o produto da imaginação de um deus, como eu também, e ser tôda esta conversa um espectáculo que o deus se ofereceu a si próprio.”<sup>79</sup>.

Não era só a ilusão do ser que servia de suporte à via intuitiva de Agostinho que, pela mão do seu heterónimo João Cascudo de Moraes, aduzia, ainda, para explicar a relação do Homem com Deus, o seguinte argumento que tirava da sua percepção do tempo e do espaço: “Se o tempo nosso se grava no des-tempo ou no pan-tempo, se nosso espaço existe no espaço nenhum ou no simultâneo deles, dizer que ressurgimos seria apenas afirmar que eternos somos e que, ao nascermos, ressurgimos aos olhos dos que ainda por lá ficam sem nascer.”<sup>80</sup>. Com estes argumentos, o intelectual portuense garantia a contemporaneidade entre as criaturas e o Criador, bem como o estado de degradação que a criação comportava bem patente na permanente tentativa de o homem se superar a si mesmo para finalmente se encontrar com o Criador. Agostinho refutava por completo a ideia de que os homens, face ao tempo, só conheciam o presente, por entender que o presente era o único tempo que pertencia a Deus, sobrando, em consequência, para o Homem, o passado e o futuro: “...presente só para Deus existe; e um eterno presente; para nós, ou vivemos no passado e, portanto na história, ou no domínio da profecia, isto é, da invenção filosófica, da invenção científica, da invenção política.”<sup>81</sup>. Neste contexto, a História, porque prendia o Homem ao passado, não lhe interessava para nada, restando-lhe, então, a esperança de que o futuro venha a permitir o reencontro do Homem com Deus: “...a verdadeira salvação só virá no dia em que cada homem se convencer de que tem que ser êle o seu chefe. Ou, dentro dêle, Deus.”<sup>82</sup>.

O intelectual portuense apostava na profecia, acreditando que cada homem só poderia tomar consciência da sua obrigação de participar na construção desse tempo místico depois de mudar a forma como estava no mundo, de maneira a poder inserir-se “...naquele momento em que o alguma coisa se recolhe ao nada, o que só pode ser preparado e propiciado por um comportamento dentro do mundo que existe, mas o mais diferente possível dos comportamentos normais, o que é o conceito fonte das várias ascetes de tantas culturas e o conceito fonte daquilo que nos Evangelhos cristãos vem designado por metanóia ou, cálculo, o samadhi de Oriente.”<sup>83</sup>. Da sua parte deixava uma longa vida como exemplo da mudança que aos oitenta anos resumia assim: “Resolvi, realmente, viver pobre, o que significa não ter coisas, não ter

---

<sup>79</sup> ) *Ibidem*, p. 49.

<sup>80</sup> ) Idem, “Pensamento em farmácia de província. 1 – Fevereiro 77”, em *Dispersos*, p. 643.

<sup>81</sup> ) Cf. idem, “Obstáculos”, em *Só ajustamentos*, p. 94.

<sup>82</sup> ) *Ibidem*, p. 95.

<sup>83</sup> ) Agostinho da Silva, “Sem título”, em *Textos e ensaios filosóficos II*, p. 306.

gente [...] e não me ter a mim próprio, numa espécie de ‘voto de obediência’, que não é a um Superior, mas ao que a vida da parte dos outros, e ‘outro’ pode ser gente ou bicho, planta ou pedra ou contemplado astro, me venha a exigir.”<sup>84</sup>. Aparentemente, Agostinho sempre mostrou ser um homem profano, mas percebeu como poucos as virtudes de uma existência posta ao serviço do auto-aperfeiçoamento e do serviço ao outro e, por isso, legitimamente recomendava que mesmo que a conversão exigida a cada um seja difícil de vir a acontecer, “...não nos sendo possível imaginar o futuro da Humanidade, é conveniente assumir a humildade externa e interna capaz de levar a pessoa a sentir-se mais nada além de um clarão do Divino.”<sup>85</sup>.

O misticismo em que Agostinho envolvia o seu pensamento tornava-se ainda mais perceptível quando se expressava em forma poética para mostrar a sua convicção de que, no futuro, os homens haveriam de resolver as suas oposições e contribuir, cada qual com a sua parte, para a plenitude anunciada:

“O mundo é só o poema  
em que Deus se transformou  
ele existe e não existe  
tal a pessoa que sou.”<sup>86</sup>.

Para o intelectual português era o Nada que passaria a albergar tudo aquilo que existia num tempo sem tempo e num espaço sem espaço e esse Nada coincidia totalmente com o Deus por si anunciado:

”Se Ele é tudo o que tu dizes  
Ele o Nada pode ser  
E se é Nada livre está  
Para ser o que quiser.”<sup>87</sup>.

O nosso autor apelava com veemência para que todos os existentes ganhassem o direito de viver nesse estádio místico ideal e para tanto exortava a comunidade humana no sentido

---

<sup>84</sup> ) Idem, “Cartas várias. Carta vária I”, em *Dispersos*, p. 811.

<sup>85</sup> ) Idem, *Conversas com Agostinho da Silva [entrevista a Victor Mendanha]*, p. 104.

<sup>86</sup> ) Cf. idem, *Quadras inéditas*, p. 81.

<sup>87</sup> ) *Ibidem*, p. 115.

“...de passar àquele período, apenas de sonho ou de loucura mesmo para os mais agudos pensadores, em que só haja, pela gratuidade da produção, dádivas de Deus e do Amor. Em que se superam os sistemas, para que a natureza triunfe. E em que, triunfante o natural, o homem possa conceber esperanças de sua última e definitiva revolução, a do sobrenatural.”<sup>88</sup>. A Natureza ganhava, assim, o estatuto de palco privilegiado da acção humana, sendo essencial e não obstáculo a esse encontro com a totalidade que, efectivamente, exigia uma transformação da “...terra e céu nalguma coisa que os supere; a de se casarem tempo e eternidade; a de não haver mais distinção entre o homem e Deus.”<sup>89</sup>. O intelectual portuense considerava que sem a imperfeição da criação não se poderia conceber a perfeição do Criador e sem a reunião de todas as partes na unidade que tinham abandonado, não se estabeleceria efectivamente “...uma humanidade de artistas e de sábios. Mas ainda um ponto mais para além; para que o amor se realize na oração ainda mais plenamente do que na ciência ou na arte, e os homens possam, como um todo, cumprir a sua missão essencial: a santidade.”<sup>90</sup>.

Da santidade ficava o desejo de no futuro a poder almejar, ou seja, logo que se pudesse quebrar definitivamente o princípio da individuação em que cada existente, obrigatoriamente, consome a sua vida:

(assim que livre me veja  
do real em que me iludo  
naquele Ser que não seja  
naquele nada que é tudo)”<sup>91</sup>.

Tornava-se, então, imperioso relevar o conhecimento religioso em relação às outras formas de aceder à compreensão e explicação do real:

**“...as opiniões religiosas e filosóficas poderão ser livres num regime de produção planificada, desde que, pelo que me parece, o fator de preparação religiosa venha a entrar como fundamental.”<sup>92</sup>.**

---

<sup>88</sup> ) Idem, “Sistemas de economia”, em *As aproximações*, pp. 122-123.

<sup>89</sup> ) *Ibidem*, p. 123.

<sup>90</sup> ) Idem, “Servir, criar, rezar”, em *Só ajustamentos*, p. 35.

<sup>91</sup> ) Idem, “Confirmação”, em *Dispersos*, p. 704.

<sup>92</sup> ) Idem, “Automatismo e ócio”, em *Só ajustamentos*, p. 63.

O conhecimento racional tinha, assim, obrigatoriamente que ser complementado por um conhecimento intuitivo que privilegiasse a fé e considerasse Deus.

Agostinho partia da meditação sobre as leis científicas para apurar os seus argumentos a favor da superação do conhecimento racional: “É-se científico na medida em que nunca se esquece que assenta a ciência em postulados; para qualquer grupo posso constituir um antigupo e derivar dele uma anticiência. A ciência fundamental seria a que une grupo e antigupo, a qual se exprime pela inefabilidade religiosa.”<sup>93</sup>. O conhecimento verdadeiro não desprezava os dados da ciência, mas para o nosso autor, esse degrau do conhecer devia contribuir para, numa espécie de gnose, permitir a necessária iluminação que cada um necessita para adquirir um conhecimento maior da realidade divina, que conseqüentemente o levaria à compreensão mais completa da totalidade da experiência humana. Era por isso que o intelectual portuense incentivava os seus iguais a serem “...tudo, como Deus [...] Deus é o grande mestre: chove sobre o justo e o injusto. Mas nos mestres da terra, se os não alargarmos às proporções divinas, isto é, se os não fazemos desaparecer, há sempre uma semente de tirania.”<sup>94</sup>. Portanto, é só em Deus

**“...que todos os contrários se harmonizam. Vamos então nós desistir de chegar a Deus? Essa, para mim, é que é a grande tarefa filosófica, como é a grande tarefa da arte, da ciência, da religião e da sociologia, ou melhor, da política. Do amor também: do amor sempre, porque, se é verdadeiro, ele supera a ciência e a arte, a filosofia e a política.”<sup>95</sup>.**

Para o nosso autor o conhecimento perfeito resultava, então, da soma de todas as formas de conhecer o real e o Deus que defendia correspondia ao Amor mais sublime. Só com o recurso à religião se poderia resolver o mistério da existência e, por isso, competia a todas as criaturas inserirem-se naturalmente no fluxo da corrente religiosa.

---

<sup>93</sup> ) Idem, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, p. 21.

<sup>94</sup> ) Cf. idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, p. 40.

<sup>95</sup> ) *Ibidem*, p. 65.

## 2. O Ser

### 2.1. O ser de Deus e o ser do Homem

Agostinho da Silva considerou o Ser como uma entidade ontológica distinguindo-o dos entes que se revelavam mutáveis e perecíveis, meros simulacros das essências. O nosso autor fazia corresponder o Ser a Deus, cuja natureza continha a totalidade e o fundamento dos entes. Os entes, por seu lado, em total sintonia com o filósofo de origem portuguesa Bento de Espinosa, considerava-os como modos de Deus.

Deus era concebido como o Criador de tudo aquilo que existia e a matéria era a expressão da sua actividade criativa, sendo o Homem o indispensável intermediário entre a totalidade do ser e a multiplicidade da matéria: “De todos os seres que existem é o homem o mais complexo; por outro lado, é o mais próximo de Deus como ser pensante; mas Deus, porque é o Ser, é o mais simples dos seres; o mais complexo é, no mundo, a imagem e semelhança do mais simples.”<sup>96</sup>. Do presente enunciado ressaltava a prevalência de Deus sobre o Homem, porque, segundo o argumento da perfeição, era a simplicidade que deveria justificar a unidade: “Não há fim supremo para o homem que não seja o de se ver, se ainda se vê, absorvido pelo Deus que o habita.”<sup>97</sup>.

Deus era o Ser supremo, o homem apresentava-se-lhe como imagem e semelhança de Deus e a totalidade da existência humana aparecia-lhe como uma espécie de degradação do ser de Deus: “Hipócrita quer dizer ator; por fraqueza faço de homem quando, fora do palco, seria Deus.”<sup>98</sup>. Esta aproximação àquilo que de mais íntimo cada um representava revelava-se ao nosso autor pelo superior papel que o homem desempenhava no conjunto dos existentes:

**“Cada um de nós traz dentro da sua alma a galera que nenhuma tempestade há-de fazer naufragar; e o problema, para todo o homem que pense, está em a alargar de tal modo que o seu convés possa acolher tôda a imensa multidão dos seres; quando todos o tiverem conseguido – e, com o homem, as árvores dos bosques, as aves dos céus, as pedras das montanhas [...] o mundo será salvo.”<sup>99</sup>.**

---

<sup>96</sup> ) Idem, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, p. 17.

<sup>97</sup> ) *Ibidem*, p. 39.

<sup>98</sup> ) *Ibidem*, p. 41.

<sup>99</sup> ) Idem, *Parábola da mulher de Loth*, p. 62.



O homem tendia para Deus e Deus revelava-Se inteiramente nas criações humanas, porquanto “Deus é só o pensamento livre de tempo e de espaço, sendo suas maiores expressões a da lei científica, a da obra de arte, a da consciência moral.”<sup>100</sup>. Na *Parábola da mulher de Loth*, o nosso autor explorou o ideal dos heróis com o intuito de pôr mais a claro que o ser de cada um continuava a ser suportado na essência divina que o tinha originado. Agostinho acreditava que o Homem, enquanto existente, possuía uma natureza dual e, por isso, a vida de cada um era exigente e sacrificial, tal como lembrava Policlés: “O homem olímpico não ignora o seu contrário, não foge à sua dor: utiliza-a como a um instrumento de perfeição.”<sup>101</sup>. O preço da perfeição era elevado, mas o produto desse sacrifício seria muito consolador, uma vez que o nosso autor entendia que “...no momento em que haja eternidade, nada foi útil ou prejudicial: tudo foi, simplesmente; e ninguém julgará, e ninguém será condenado.”<sup>102</sup>. A plenitude final, espaço de confluência de todos os entes, quebraria a individuação e daria sentido à totalidade da vida, pois se esta fosse um puro acto consciente “...não a poderíamos suportar.”<sup>103</sup>. Indo mais longe, para, no essencial, não separar a particularidade da existência da totalidade do Ser, Agostinho concluía que “...tudo é consequência de tudo, nenhum elemento se perde nesta máquina do mundo; tudo o que façamos se reflecte no que vem, é já mesmo o que vem.”<sup>104</sup>.

Convicto de que a existência puramente material não permitia a reunião dos entes ao Ser, Agostinho fazia o paralelismo entre a acção do político e a acção do santo: “É como, se, considerando-se o Santo como inteiramente convertido aos planos de Deus, se pusesse o político como inteiramente virado [...] para os planos do Demónio. Se um se interessa ou vive na eternidade, outro se prende ou se identifica com o que é puramente temporal.”<sup>105</sup>. Com o exemplo de vida do santo, enfatizava o plano prospectivo da acção humana, enquanto que com o exemplo de vida do político nos revelava uma acção virada para o presente e para o transitório e, com ambos os exemplos, o nosso autor lembrava que todas as acções humanas deveriam ter como fim “...a totalidade do homem em acto; o ser batendo-se pelo seu direito de ser; e continuamente protestando, pela cuidadosa observância dessa sua unidade e dessa sua totalidade, contra os que vêm e, segundo as velhas artes demoníacas, de novo querem separar

---

<sup>100</sup> ) Idem, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, p. 109.

<sup>101</sup> ) Idem, *Parábola da mulher de Loth*, p. 47.

<sup>102</sup> ) Cf. idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, p. 16.

<sup>103</sup> ) *Ibidem*, p. 22.

<sup>104</sup> ) *Ibidem*, p. 30.

<sup>105</sup> ) Idem, “Política e santidade”, em *As aproximações*, p. 15.

o que se viu unido.”<sup>106</sup>. Todos os modelos de acção comprometiam o Homem, mas, decisivamente, era o ideal da santidade que se lhe impunha como dever único de todos os existentes.

## 2.2. O ser e a transcendência

O contraste que Agostinho notava ante a grandeza do Ser e a transitoriedade daquilo que existia, fazia-o pensar em “...Deus numa altura em que ainda não houvesse mundo [...] como se, havendo mundo, a nossa adoração fosse para o Deus preexistente a ele, mas o contendo já.”<sup>107</sup>. O Criador não prescindia das criaturas e estas dificultavam a sua compreensão na medida em que preferiam ter a ser e, para o intelectual portuense, “...quem tem, não é. E é, entre outras razões, por não terem, que são possíveis os santos e que, apesar de todos os desvios, são ainda as ordens religiosas o sal da terra.”<sup>108</sup>. A Deus apenas se poderia aceder pela via da contemplação e da adoração da Beleza do Mundo, que nem tinha preço, nem se deixava comprar: “Como nenhum corpo é independente doutro corpo, nenhuma alma [...] é independente de outra alma; há, realmente, só uma aparência, o mundo, só uma alma, o entendimento de Deus.”<sup>109</sup>. O ser do Mundo era, então, entendido pelo nosso pensador como uma espécie de fragmentação de Deus, de “Um deus dividido em aparência e em alma [que] inclui em si o universo inteiro.”<sup>110</sup>. Para Agostinho a divisão existia ao nível dos factos e dos fenómenos, mas só existia porque Deus assim o quis: “Imagino que no momento em que o deus se separou, ou melhor, que, existindo o deus separado [...] foi para a aparência tudo que nêle era fatalidade e cego movimento, foi para a alma tudo o que nêle era possibilidade de escolha; tudo que nêle era liberdade...”<sup>111</sup>. À maneira aristotélica Agostinho concluía que Deus enquanto Ideia, se mantinha imanente à criação a que tinha procedido e por isso não colocava entre o Criador e as criaturas nenhum abismo que se revelasse intransponível, tal como tinha feito Platão em relação às Ideias e respectivos simulacros.

O intelectual portuense mostrava-se convicto de que quanto mais afastado nos parecesse Deus, maior deveria ser o nosso empenho na sua descoberta. O Homem tinha o

---

<sup>106</sup> ) *Ibidem*, p. 18.

<sup>107</sup> ) Idem, “Sobre vocação”, em *ibidem*, p. 104.

<sup>108</sup> ) Idem, “Sistemas de economia”, em *ibidem*, p. 121.

<sup>109</sup> ) Cf. idem, *Conversação com Diótima*, p. 63.

<sup>110</sup> ) *Ibidem*, p. 64.

<sup>111</sup> ) *Ibidem*.

**“...dever essencial de tentar igualar Deus, quer o haja, quer o imaginemos, pondo até como inferior o de ser santo, sendo os santos de hoje, ou os artistas, ou os sábios, simples esboços ou larvas do que amanhã poderá ser o homem.”<sup>112</sup>.**

Agostinho não só traçava o caminho para Deus como lembrava que para o percorrer precisávamos de voltar “...à pobreza voluntária, ao serviço dos outros e ao silêncio próprio; o que permitirá a todos o último escalão: contemplar em paz a criação, no perfeito conjunto do homem e do mundo.”<sup>113</sup>. A acção futura a que o Homem se obrigaria para que se pudesse cumprir Deus era a “...de prestar serviço civil, como hoje se presta serviço militar [...] muito ficará com os amadores desta ou daquela tarefa ou para voluntários, como já em nosso tempo acontece com organizações das várias religiões do mundo, organizações em que servir e ser livre são sinónimos...”<sup>114</sup>.

A revelação do Ser às criaturas coincidiria com a sua salvação, que já não dependeria dos méritos de cada um: “...nunca me pareceu possível nenhum Paraíso a que toda a humanidade não chegasse ao mesmo tempo...”<sup>115</sup>. Não era, por isso, o conteúdo religioso da salvação que interessava ao nosso autor. Neste contexto, a salvação era por si entendida como o encontro definitivo do homem com a Totalidade de que provinha, a qual, desde o início, já continha todos os existentes:

[...]

“de nós nada mais deixamos  
que vãs memórias,  
só Deus é grande, só Deus é santo  
e o demais histórias.”<sup>116</sup>.

---

<sup>112</sup> ) Idem, “Pensamento em farmácia de província. 8 – Abril 77”, em *Dispersos*, p. 680.

<sup>113</sup> ) Cf. idem, “Colectivismo”, em *Textos e ensaios filosóficos II*, p. 245.

<sup>114</sup> ) Idem, “Cartas várias. Carta vária XLV”, em *Dispersos*, p. 860.

<sup>115</sup> ) Idem, “Dona Rolinha”, em *Lembranças sul-americanas*, p. 42.

<sup>116</sup> ) Idem, “Inédito”, em *Dispersos*, p. 702.

### 3. Deus e o Mundo

#### 3.1. A origem do mundo

Quanto à origem do Mundo, Agostinho da Silva mostrou-se adepto das teorias eternalistas. Para ele, a existência do Mundo estava prevista desde o início e o papel de cada um no seu seio resumia-se à procura do lugar que nele tinha que ocupar: “Desde o início do universo viram os grandes deuses tudo o que êle comportava, tôdas as conclusões que se podiam tirar das inventadas premissas; viram o passado, o presente e o futuro como um todo indivisível...”<sup>117</sup>. O intelectual portuense era da opinião de que, pese embora tudo estar previsto desde o início, tal facto não poderia ser entendido por parte dos existentes como uma aceitação passiva, mas sim como uma obrigação redobrada de viver intensamente a vida que lhes coube: “A beleza e a nobreza da vida estão no esforço a cada minuto renovado de pensar o conjunto, de não se deixar surpreender pelo que surge de novo, de prever o diferente. Ter a vontade total e não os arremessos parciais...”<sup>118</sup>.

O nosso autor parecia estar convencido de que no início do Mundo teria havido um primeiro impulso dado por um Ser mais poderoso que o Homem, tal como nos revelou na interpretação que fez da passagem do caos ao cosmos, a qual, em seu entender, só se tornou possível quando apareceu “...um deus [...] [para] pôr em ordem o que estava em des-ordem. Se ele pode pôr em ordem, quer dizer se ele foi juntar os pedacinhos de ferro, de cobre e de madeira que havia no mundo, no fim de contas sabia que havia uma ordem e procurou pôr segundo essa ordem o que já lá estava.”<sup>119</sup>. E noutro lado tornava ainda mais clara a sua visão eternalista do mundo: “...tudo é consequência de tudo, nenhum elemento se perde nesta máquina do mundo; tudo o que fazemos se reflecte no que vem, é já mesmo o que vem.”<sup>120</sup>.

Não era só o contexto da religião grega que dava a Agostinho algumas bases para sustentar a sua teoria criacionista eternalista, pois a interpretação que fazia da metafísica de Aristóteles, também o ajudava a solidificar os seus pontos de vista: “A causa final não existe, como na realidade não existe a causa anterior; ela é apenas o fenómeno que precede. A causa verdadeira é sempre contemporânea do fenómeno. Causa e efeito são as duas faces do mesmo

---

<sup>117</sup> ) Idem, “Considerações: Bilhete a Alcestes”, em *Seara Nova*, nº 440, Junho de 1935, p. 117.

<sup>118</sup> ) *Ibidem*, p. 118.

<sup>119</sup> ) Cf. idem, *Vida conversável*, p. 71.

<sup>120</sup> ) Idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, p. 30.

real.”<sup>121</sup>. Enfim, o autor portuense acreditava que a diversidade era portadora de uma unidade e que a fragmentação era a razão de ser do mundo tal qual o conhecemos: “Todo o fim é contemporâneo de todo o princípio; só a nossos olhos vem depois.”<sup>122</sup>.

Juntamente com o eternalismo, Agostinho expôs-nos ainda uma visão da origem do mundo retirada do panteísmo religioso que fez assentar em dois pontos base: primeiro, “...Existe um Deus que é o conjunto de tudo quanto apercebemos no Universo. Tudo o que existe contém Deus, Deus contém tudo o que existe”<sup>123</sup>; segundo, “...A visão mais alta que podemos ter de Deus, nós que somos apenas uma parte do Universo, é uma visão de Inteligência e de Amor...”<sup>124</sup>.

Todas as teorias a partir das quais o intelectual portuense aduzia os argumentos que lhe permitiam fundamentar as suas ideias sobre a origem do Mundo, confluíam na funda convicção de que “Nada existe de pensável que não arranque sua origem de uma origem comum a tudo o outro que de pensável exista; floresce por terra e céus um jardim cuja raiz é a mesma; o que se faz por um ou outro lado, por mais diferente que pareça, não é senão aspecto diferente da mesma essência e da mesma existência de Deus.”<sup>125</sup>. Desta forma, ao considerar que “...’a História é Deus sendo’...”<sup>126</sup>, o nosso autor ao analisar, num contexto religioso, as causas da queda do Homem, não hesitou em defender que o aparecimento do universo se devia a “...um afastamento do homem da harmonia geral do mundo [...] como a ordem essencial de Deus era a fraternidade, o amor entre as criaturas, desobedecer a Deus era opor-se ao universo.”<sup>127</sup>. Ou seja, a criação representava uma cisão na harmonia do universo que culminava com a incapacidade de cada ser reconhecer que “...o Criador é implícito à Criação – ou vice versa – [...]. Deus e o mundo são implícitos...”<sup>128</sup>.

### **3.2. Concepção agostiniana de Deus**

Quanto a Deus, podemos dizer de Agostinho da Silva o que ele dizia de outros, nomeadamente de Espinosa: o nosso autor foi um ébrio de Deus, uma vez que nos expunha da

---

<sup>121</sup> ) Agostinho da Silva, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, p. 15.

<sup>122</sup> ) *Ibidem*, p. 25.

<sup>123</sup> ) Idem, “Doutrina cristã”, em *Textos e ensaios filosóficos I*, p. 81.

<sup>124</sup> ) *Ibidem*.

<sup>125</sup> ) Idem, “Política e santidade”, em *As aproximações*, p. 17.

<sup>126</sup> ) Idem, “Barca D’Alva – Educação do Quinto Império. Fascículo 2”, em *Dispersos*, p. 487.

<sup>127</sup> ) Idem, “Beira – Moçambique. Clássicos do mundo português: Um Prefácio Geral”, em *ibidem*, p. 502.

<sup>128</sup> ) Idem, “Pensamento em farmácia de província. 2 Março 77”, em *ibidem*, pp. 647-648.

seguinte forma a ideia que fazia Dele: "...Deus supondo-o apenas um homem maior que faz no fundo o mesmo que nós fazemos, apenas que numa cena mais vasta de que nossas casas, nossas ruas ou nossos escritórios."<sup>129</sup>. O intelectual portuense considerava que Deus continuava a ser a grande incógnita no problema da existência e responder à pergunta sobre quem, afinal, era Deus, continuava a ser o mais estimulante desafio do pensamento humano: "...nem Deus para cima de nós nem o macaco superior logo abaixo de nós terão que formular tal pergunta: Deus porque o ser o contenta e o macaco porque se contenta de ser. Deus porque em si próprio tem seu fim; o antropóide porque não vislumbra fim algum..."<sup>130</sup>.

Agostinho entendia Deus como o Criador do Mundo e tentava dar provas da Sua existência, furtando-se, contudo, às dificuldades dos argumentos filosóficos. Em vez de repisar o argumentário ontológico ou cosmológico, foi ao cotidiano da vida para retirar algumas provas da existência de Deus. Nesse esforço de tornar perceptível a Sua existência, apresentou-nos o lazer como prova essencial da criação divina: "A melhor prova de que realmente Deus criou o mundo é o ter descansado ao sétimo dia e nunca mais ter feito nada, de modo a dispor de toda a eternidade para o espectáculo de si próprio; pelo lazer se é Deus; mas, se nos chamam, derrubamos."<sup>131</sup>. Outro argumento em favor da existência de Deus, encontrou-o naqueles "...que continuam a ver o Diabo como inimigo de Deus, quando, por ser sua contradição, é elemento essencial de sua grandeza: o Diabo poupa a Deus a tentação de ser tirano; embora a dê aos homens."<sup>132</sup>.

Então, ante a dificuldade de humanamente conceber Deus, Agostinho aconselhou-nos a que libertássemos "...Deus da nossa limitada e pobre humanidade."<sup>133</sup>. E que, se não éramos capazes de nos pensarmos a nós e a Ele, em conjunto, então, que O pensássemos através "...de uma ideia de fatalidade e uma de liberdade..."<sup>134</sup>. Apesar desse esforço de entender Deus, no decurso do seu raciocínio o nosso autor constatou a dificuldade de conceber um Deus com estas características: "...nós entendemos que Deus é o Ser de plena liberdade, limitamos-lhe a liberdade quando dizemos, por exemplo, que Deus não pode ter a liberdade de pecar"<sup>135</sup>. Este é, assim, mais um argumento que o autor portuense engendrou para entender a natureza divina.

---

<sup>129</sup> ) Cf. idem, "Semelhança a Deus", em *As aproximações*, p. 21.

<sup>130</sup> ) *Ibidem*, p. 23.

<sup>131</sup> ) Idem, "As folhas soltas de S. Bento e outras, 4: Reflexões sobre Descartes", em *Dispersos*, p. 359.

<sup>132</sup> ) *Ibidem*, p. 360.

<sup>133</sup> ) Cf. idem, *Vida conversável*, p. 73.

<sup>134</sup> ) *Ibidem*, p. 178.

<sup>135</sup> ) *Ibidem*.

Agostinho percebeu que a linguagem humana seria sempre insuficiente para afirmar a existência de Deus “...porque ele já é todos os adjectivos...”<sup>136</sup> e, por isso, apenas pode ser intuído pela fé. De onde que, em plena consonância com o pensamento dos místicos, afirmasse:

**“...evito dizer que Deus é isto ou aquilo. Se vou além de dizer que Deus é – e logo aí as dúvidas são muitas pois penso que Deus é poderoso o bastante para, ao mesmo tempo, não ser -, então melhor é estar calado, pois resultaria incompreensível a afirmação de que ele é e não-é.”**<sup>137</sup>.

O intelectual português não deixava de defender a universalidade de Deus: “...tendo o Ocidente chegado à ideia de um Divino Todo Poderoso, Omnisciente, e tendo o Oriente chegado à ideia de o Divino ser o Nada, com a possibilidade de Tudo, talvez o esforço de pensamento e procedimento da Humanidade para o futuro seja esse, o de juntar as duas ideias.”<sup>138</sup>.

Agostinho acabou por entender Deus como o tudo e o seu nada, ou, na economia dos seus argumentos, como o poeta à solta por excelência: “...quando pensamos em Deus criador do mundo, pensamos num poeta à solta, criação pura, imprevisível absoluto, sem ordem alguma de limitações.”<sup>139</sup>. Enfim, o intelectual português estava convencido de que “...Deus criou ‘por’ (não ‘para’).”<sup>140</sup>. Criou livremente e por amor. Não criou para a Sua glória ou para aumentar o Seu poder e, como continha em Si tudo o que existia, inclusive os homens, o nosso autor concluía que estes só pela fé alcançariam o que era essencial: “A matemática não pode provar que há Deus, nem pode provar que não há, portanto é uma crença acreditar que há ou que não há. O cristão acredita que há e o ateu acredita que não há. Nas coisas importantes da vida, é assim, nós nunca temos prova matemática [...] não se sabe se somos reais, se somos imaginários.”<sup>141</sup>.

### **3.3. A sacralização do Mundo**

Agostinho da Silva deu particular importância à religião por estar convencido da incompletude de todos os outros modos de conhecer e, em consequência, atribuía-lhe uma

---

<sup>136</sup> ) *Ibidem*, p. 73.

<sup>137</sup> ) Idem, “Entrevista com Agostinho da Silva (entrevista a Joel Serrão e outros)”, em *Dispersos*, p. 76.

<sup>138</sup> ) Idem, *Conversas com Agostinho da Silva [entrevista a Victor Mendanha]*, p. 96.

<sup>139</sup> ) Idem, “Entrevista com Agostinho da Silva (entrevista a Joel Serrão e outros)”, em *Dispersos*, p. 59.

<sup>140</sup> ) Idem, *A última conversa [entrevista de Luís Machado]*, p. 80.

<sup>141</sup> ) *Ibidem*, p. 90.

importância decisiva na compreensão do real, como implicitamente se depreende da seguinte passagem:

**“...o Universo é mais complicado, mais complexo, mais incompreensível [...] do que a lógica da Filosofia, do mesmo modo a Vida nos aparece com mais imaginação que a Matemática’.**  
**‘Foram bons instrumentos para subirmos [...] mas talvez não um patamar em que fiquemos, nem um terraço para contemplarmos um verdadeiro Céu.’<sup>142</sup>.**

O autor português desde há muito que se tinha convencido de que o estádio religioso era o mais alto grau de desenvolvimento a que o conjunto dos seres humanos poderia aceder, pois já no início dos anos setenta do século vinte, tinha escrito e publicado uns cadernos que intitulou *Teológicos*, embora gostasse que se tivessem chamado “...Cadernos Religiosos...”<sup>143</sup>. Esta troca de títulos deveu-se, na altura, ao reconhecimento de que ainda não se sentia suficientemente preparado para tratar exclusivamente da religião. Nas suas palavras, estava “...ainda na fase da teologia, não da religião; posso talvez falar ou escrever de religião: mas não sou ainda religioso, ou melhor, não participo ainda suficientemente da Religião para que nela deixe de falar...”<sup>144</sup>.

Mas a vivência religiosa a que ia apelando não obrigava a qualquer culto como forma de acesso ao divino. Face ao Mundo que o circunscrevia e ao mistério que o envolvia, ele mesmo exibia uma religiosidade apuradíssima, pese embora nunca ter pertencido a “...qualquer igreja...”<sup>145</sup>. Não obstante, o professor Eduardo Soveral adiantou três fontes para a experiência religiosa de Agostinho da Silva: a primeira assentaria na “...meditação interior...”<sup>146</sup>; a segunda teria por base a sua “...disponibilidade para uma convivência aberta...”<sup>147</sup>; a terceira era revelada

---

<sup>142</sup> ) Idem, *Conversas com Agostinho da Silva [entrevista a Victor Mendanha]*, pp. 83-84.

<sup>143</sup> ) Cf. idem, “Goa - cadernos teológicos”, em *Dispersos*, p. 470.

<sup>144</sup> ) *Ibidem*, pp. 470-471.

<sup>145</sup> ) Idem, “Uma folhinha de quando em quando (Nov. 90)”, em *O Setubalense*, 28 de Novembro de 1990, p. 4.

<sup>146</sup> ) Soveral, Eduardo A do, “Agostinho da Silva: um homem de Deus”, em AA. VV. (dir. Pedro Calafate) *História do pensamento filosófico português*, vol. V, tomo 1, Lisboa, Caminho, 2000, p. 276. O tema da religião, mas desta vez, na valorização do sofrimento enquanto via de progressão para a felicidade, foi de novo tratado por Eduardo Soveral em 2001 (cf. “Felicidade e sacrifício em Agostinho da Silva”, em AA. VV. (coord. Maria J. Cantista), *A dor e o sofrimento – abordagens*, Porto, Campo das Letras, 2001, pp. 319-324). Em nossa opinião, faltou à presente exposição, que assumidamente parte da experiência religiosa judaico-cristã do seu autor, estendida agora ao ideário religioso agostiniano, a importante consideração e a grande influência das religiões orientais, nomeadamente a budista, que Agostinho tentou conciliar com o legado judaico-cristão e que justificam parte da heterodoxia que o seu pensamento nos revela. Esta seria também uma via para entender o significado do sofrimento e da felicidade agostiniana a que o Professor Soveral dedicou a segunda reflexão atrás referida.

<sup>147</sup> ) Soveral, Eduardo A do, “Agostinho da Silva: um homem de Deus”, em *História do pensamento filosófico português*, vol. V, tomo 1, Lisboa, Caminho, 2000, p. 276.



pelo “...empenhamento numa acção social predominantemente pedagógica que levasse [...] à instauração do Reino do Espírito Santo.”<sup>148</sup>.

O intelectual portuense fundamentava no panteísmo religioso, a inevitável sacralização do mundo: “Existe um Deus que é o conjunto de tudo quanto apercebemos no universo. Tudo o que existe contém Deus, Deus contém tudo o que existe.”<sup>149</sup>. Consequentemente, deste postulado retirava que se tudo aquilo que existe contém desde sempre Deus, então a pregação de Cristo “...permite considerar todas as religiões como boas embora em graus diferentes, todos os homens como religiosos.”<sup>150</sup>. A sacralização do Mundo não se lhe punha como um retorno dos homens a uma dada prática religiosa, mas sim com o retorno da criatura ao Criador, através da banal prática quotidiana: “Deus não exige de nós nenhum culto; prestamos a nossa homenagem a Deus, entramos em contacto pleno com o Universo, quando desenvolvemos a nossa Inteligência e o nosso Amor...”<sup>151</sup>. Fosse qual fosse o evoluir da história, o nosso autor acreditava “...que sempre o espírito acaba por triunfar de todas as barreiras da violência.”<sup>152</sup>.

O melhor exemplo para a sacralização do Mundo num contexto essencialmente ecuménico, Agostinho foi colhê-lo ao cristianismo: “...o cristianismo [...] é, fundamentalmente um processo de ressacratização [sic] do mundo, pela afirmação da unidade do homem e da unidade da criação no imenso amor de Deus. O objectivo essencial que se marca não é o da segurança, mas o da liberdade, não o da disciplina, mas o do afecto, não é o da atenção a tudo quanto possa manter unido e eficiente o corpo social, mas o da contemplação...”<sup>153</sup>. A pregação de Jesus impunha-se-lhe fundamentalmente como uma prática exemplificativa do aperfeiçoamento da natureza humana: “...o reino de Deus que ele [Jesus] anuncia é o da Idade do Ouro, mas ampliado pela alegria da redenção.”<sup>154</sup>. Era o próprio significado do cristianismo que revelava ao nosso autor a sua superior qualidade:

**“...catolicismo, quer, etimologicamente, dizer universalismo e, portanto, um ecumenismo que se não importe apenas com cristãos, mas vá aos muçulmanos, aos animistas, aos budistas ou aos xintoístas [...] aos agnósticos e aos ateus, ensinado a todos fé na vida, que**

---

<sup>148</sup> ) *Ibidem*.

<sup>149</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, “Doutrina cristã”, em *Textos e ensaios filosóficos I*, p. 81.

<sup>150</sup> ) *Ibidem*.

<sup>151</sup> ) *Ibidem*, pp. 81-82.

<sup>152</sup> ) Idem, “Carta ao Director dos Serviços de Censura – 18-06-1945”, em *Jornal de Notícias*, 22 de Fevereiro de 1996, p. 36.

<sup>153</sup> ) Idem, “A comédia latina”, em *Dispersos*, p. 186.

<sup>154</sup> ) *Ibidem*, p. 186.

**Deus é, esperança no futuro, que Deus já é, só que ocultamente a nossos limitados olhos, e uma caridade que se desprenda do material, entregue esse [...] à economia e à política, e se debruce sobre os problemas espirituais do homem...”<sup>155</sup>.**

A religião grega e o cristianismo constituíam os principais pilares em que o nosso autor fazia assentar a sua meditação sobre a ressacralização do Mundo, mas a esta contexto ocidental, para afirmar o ecumenismo, foi juntando as experiências religiosas orientais por estar convencido de que todas as religiões têm o mesmo fim e como tal tornava-se imperioso pensá-las em conjunto. A atitude religiosa face ao mundo, no entender do intelectual portuense, impunha-se a todos os homens de qualquer tempo e de todos os lugares por ser a única forma de conciliar os contrários: “...é-se religioso porque se afirma que, apesar de quanto separa, se põe acima de tudo, como valor, a unidade, se repele a divisão, se expressa o desejo supremo de fusão no Uno. Uno anterior à rebelião do anjo, com Deus e o Diabo, o Bem e o Mal, o Ser e o Não Ser; Uno de que qualquer conceito é já limitação e a que nem sequer se pode atribuir existência, porquanto já são estas, ideias de sujeito e objecto...”<sup>156</sup>. O nosso pensador entendia que “Para o homem existe apenas uma obrigação: a de atingir a plenitude de Deus. E só por um meio o alcança: o de, ao longo da vida, se tornar no homem que é.”<sup>157</sup>.

---

<sup>155</sup> ) Idem, “A difícil prova”, em *Textos e ensaios filosóficos II*, p. 248.

<sup>156</sup> ) Cf. idem, “Ecúmena”, em *Dispersos*, p. 227.

<sup>157</sup> ) Idem, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, p. 93.

## II. O HOMEM

### 1. A pessoa humana

#### 1.1. Individualidade, universalidade e superioridade da pessoa

Agostinho da Silva não distinguiu os conceitos de pessoa e de indivíduo, usando os dois termos de forma indiferenciada em contextos semelhantes. Para o intelectual português a pessoa era fruto de uma escolha livre que se fazia antes de se ter nascido: “...nascer não é uma fatalidade, mas uma escolha pré-consciente, daquela consciência que se perde quando se voa do Céu para a Terra, como dizia Platão...”<sup>158</sup>.

Ora, uma vez que cada um só existia porque assim o desejava, então a sua principal tarefa seria manter-se fiel a essa escolha em total respeito pela totalidade da vida: “...é nosso dever sermos nós próprios o mais possível, é por outro lado um dever absoluto [...] não escandalizar os outros.”<sup>159</sup>. Ao expressar-se desta forma, o nosso autor estabelecia duas características essenciais na caracterização que fazia da pessoa humana. Primeiro, garantia a plena igualdade de todas as pessoas: “Mesmo quem não estuda filosofia vale muito [...] mesmo quem não entende as funções exponenciais vale muito [...] mesmo quem não vale nada vale muito.”<sup>160</sup>. Segundo, enfatizava o estrito respeito pela individualidade de cada um: “...todo o homem é diferente de mim, e único no universo [...] com ele só tenho um direito, que é ao mesmo tempo um dever: o de o ajudar a ser ele próprio; como o dever essencial que tenho comigo é o de ser o que sou...”<sup>161</sup>. A igualdade originária era garantida pelo simples acto de existir, enquanto que as diferenças de cada um deixariam marcadas a singularidade e irrepitibilidade de cada pessoa em concreto:

“Somos todos parecidos  
mas não surgimos a esmo  
ser diferente do mundo

---

<sup>158</sup> ) Idem, *Vida conversável*, p. 16.

<sup>159</sup> ) *Ibidem*, p. 32.

<sup>160</sup> ) Idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, p. 61.

<sup>161</sup> ) Idem, *Educação de Portugal*, p. 8.

é ser igual a si mesmo.”<sup>162</sup>.

A pessoa era, então, entendida como um ser em construção, “...a sua expressão é dinâmica e não estática...”<sup>163</sup>, que só se poderia compreender em estreita união com o fundo comum que subsiste a todos os homens, independentemente das diferenças de sexo, raça, ou proveniência: “As qualidades comuns existem em tôda a humanidade e é possível estabelecer uma relação entre os Canibais e os Franceses.”<sup>164</sup>.

O intelectual portuense colocava num patamar demasiado exigente a realização da pessoa, pois, ao entendê-la como um ser em permanente construção e aperfeiçoamento, desejava que “Os defeitos que encontramos no mundo exterior devem-nos levar [...] a uma reflexão sôbre os nossos próprios defeitos e lançar-nos à tentativa de os corrigir.”<sup>165</sup>. O nosso autor também não concebia que os homens pudessem perder a sua humanidade de acordo com o modo como decidiam ou os obrigavam a viver, acreditando que os homens invulgares, quer sejam santos ou criminosos, “...são ambos seres de excepção, independentemente do grau em que os coloquemos numa escala de valores [...] a terra sente-os e venera-os. Mesmo quando os reprova.”<sup>166</sup>. Assim, Agostinho considerava que tanto os homens que livremente se dedicam às causas justas, como os que se dedicam às causas injustas ou reprováveis, eram agentes no dinamismo existencial que não era fatalista e se abria a um horizonte ético elevado, entendendo que os bons poderiam ser melhores e os maus poderiam vir a ser excelentes, mas para que assim viesse a ser, aconselhava: “...libertai-os da luta pela vida [...] e vereis como os pequenos vícios, sem emprêgo, se atrofiam e morrem, como as débeis virtudes se robustecem e afirmam e se lançam convictas à construção dum mundo novo...”<sup>167</sup>. Em seu entender, ao ser humano cabia o esforço sempre renovado de acrescentar a cada dia algo novo, pois “...só há homem, quando se faz o impossível...”<sup>168</sup>.

Pese embora o facto de ter sido um acérrimo defensor do equilíbrio entre o Homem e a Natureza, Agostinho destacou sempre o predomínio daquele em relação a esta, a elevação da pessoa em relação aos demais seres: “Você é superior ao sol [...]. Ame a Natureza mas como a

---

<sup>162</sup> ) Cf. idem, *Quadras inéditas*, p. 125.

<sup>163</sup> ) Idem, *Miguel de Eyquem, senhor de Montaigne*, p. 92.

<sup>164</sup> ) *Ibidem*.

<sup>165</sup> ) Idem, “Considerações: Segundo escólio a Demóstenes”, em *Seara Nova*, n° 443, Julho de 1935, p. 171.

<sup>166</sup> ) Idem, “Considerações – sôbre o bem e o mal”, em *Sol Nascente*, 1 de Novembro de 1937, p. 1.

<sup>167</sup> ) *Ibidem*.

<sup>168</sup> ) Idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, p. 74.

dócil serva que dá prazer e às vezes filhos”<sup>169</sup>, uma vez que “...nada na vida vale o homem que somos...”<sup>170</sup> e “...a natureza é bela na medida em que reflecte a nossa beleza...”<sup>171</sup>.

## **1.2. A coerência ética da pessoa**

Agostinho da Silva, nas *Glossas*, que começou a publicar em 1932, reflectiu a ética enquanto característica essencial da pessoa. O nosso autor postulava uma ética da coerência pessoal, por lhe parecer ser esta a única forma de superar “...de vez as morais biológicas que nos têm proposto...”<sup>172</sup>.

Assim, apelava ao estrito respeito por uma ética da coerência pessoal: “Centenas de homens morreram pelo que julgavam a verdade [...] milhares doutros sofreram a fome e o exílio, passaram existências miseráveis, renunciando à vida cómoda e tranqüila que a traição lhes poderia proporcionar...”<sup>173</sup>. Um exemplo histórico desta ética da coerência pessoal, encontrou-o nos primeiros cristãos, que assentavam a sua conduta no amor, no perdão, na justiça, na igualdade de todos os homens, dando com frequência a própria vida por estes princípios: “...todos os que hoje têm dentro de si algumas sementes de futuro [...] se forem tão puros e constantes como os cristãos, sentir-se-ão melhores ainda porque tôda a sua recompensa estará na certeza de que prepararam a estrada a outros que se dirigirão para ideais mais elevados e mais vastos.”<sup>174</sup>.

Ao lote dos que confundiam a grandeza da ética posta em prática pelos cristãos pertencia Celso a quem Agostinho criticou a obra *Discurso Verdadeiro*, por o seu conteúdo ignorar que o essencial, no cristianismo era a “...humildade e [...] caridade [...] amor e [...] perdão [...] [que] estão intimamente ligados a uma compreensão racional do mundo...”<sup>175</sup>.

## **1.3. Ser poeta inteiramente à solta: principal direito do homem**

Para o pensador portuense, “O primeiro direito do Homem é ser aquilo que é sem que as circunstâncias o levem a ser na maior parte das vezes aquilo que nunca pensou depois de ter

---

<sup>169</sup> ) *Ibidem*, p. 37.

<sup>170</sup> ) Idem, *Educação de Portugal*, p. 8.

<sup>171</sup> ) *Ibidem*.

<sup>172</sup> ) Idem, “Considerações: Democracia e poder”, em *Seara Nova*, n° 437, p. 68.

<sup>173</sup> ) Idem, “Glossa: Cristianismo”, em *ibidem*, n° 385, Abril de 1934, p. 7.

<sup>174</sup> ) *Ibidem*, p. 8.

<sup>175</sup> ) Idem, “Considerações: Cristianismo anistórico”, em *ibidem*, n° 439, Junho de 1935, p. 107.

nascido [...] o direito mais elementar do homem, me parece que é simultaneamente o seu primeiro dever...”<sup>176</sup>. Num tempo confuso, em que a cada ser humano pouco mais restava do que “...encontrar uma forma de trabalho, uma forma de profissão, um estar prático na vida, e [...] com isso sufocar todos os outros que podiam ser e não são...”<sup>177</sup>, no entender do intelectual portuense, a revolução que urgia fazer era a de “...levar a todos os homens direitos que eles não tiveram nunca dentro da nossa cultura: o direito à poesia para todos.”<sup>178</sup>. Dito de outra maneira, era preciso que a sociedade garantisse a todos e a cada um o “...direito de ser poeta inteiramente à solta...”<sup>179</sup>, sendo que por este poeta à solta o nosso autor entendia o homem, qualquer homem, quando livre de criar:

**“...quando digo poetar, digo que um homem que trata de máquinas, ou de processos de produção, é poeta, à sua maneira. Em tudo se trata de imaginação e depois, de meios de expressão.”**<sup>180</sup>.

Ante as dificuldades, por ele reconhecidas, que a vida coloca a cada pessoa para que possa realizar o ideal de ser poeta à solta, Agostinho aconselhava os seus semelhantes a saberem esperar e estar atentos, por lhe parecer que “As coisas acontecem, sucedem, e a gente aproveita ou não [...] na vida o que há, é um jogo perpétuo de crianças com a cama de gato, que a vida vem de vez em quando e apresenta-nos o problema...”<sup>181</sup>. No decurso desse jogo competiria a cada participante “...ver-se exactamente como é, sem humildade nem orgulho, simplesmente como é, procurar realizar aquilo que sente lá dentro que tem de realizar, que tem de fazer, tomando cuidado com os obstáculos exteriores...”<sup>182</sup>.

#### **1.4. A defesa de uma existência heróica pelo sacrifício**

Para modelo perfeito de acção que ao Homem caberia imitar, Agostinho escolheu Hércules, o único herói que, na mitologia grega, por mérito próprio, ascendeu a um lugar divino após se ter arrependido de, num acto de loucura, ter assassinado toda a sua família. Em

---

<sup>176</sup> ) Idem, “Passado iluminando o futuro”, em AA. VV., *Educação e direitos humanos*, p. 31.

<sup>177</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 115.

<sup>178</sup> ) Cf. idem, *Vida conversável*, p. 181.

<sup>179</sup> ) *Ibidem*, p. 182.

<sup>180</sup> ) Idem, “Portugal tem que resolver qual é o seu destino”, em *Jornal de Notícias*, 17 de Novembro de 1987, p. 14.

<sup>181</sup> ) Idem, *Vida conversável*, p. 15.

<sup>182</sup> ) *Ibidem*, p. 178.

consequência das suas acções, sabendo que não poderia restaurar o passado, propôs-se, então, expiar o seu pecado com a realização das doze tarefas sobre-humanas que, com dor, sacrifício e querer conseguiu ultrapassar com sucesso: “...Hércules, fiel também ao que pensava, sacrificaria a sua vida, para que filhos alheios pudessem ser de novo acarinhados pela mãe...”<sup>183</sup>. Entre a acção do herói e a atitude reflexiva da generalidade dos homens representados por Sócrates, Agostinho decidiu-se pela primeira: “...pode-se invocar Hércules [...] não se pode invocar Sócrates; com êste discute-se, com o outro vive-se.”<sup>184</sup>. A dor e o sofrimento foram, assim, escolhidos por Agostinho como características inerentes à vida heróica: “O homem olímpico não ignora o seu contrário, não foge à sua dor: utiliza-a como um instrumento de perfeição.”<sup>185</sup>. E procede desta forma por reconhecer que “...melhorar-se cada um a si próprio é fazer o maior dos esforços para que o universo melhore.”<sup>186</sup>.

O intelectual portuense, com a alegoria dos heróis, queria, em nossa opinião, mostrar que nós, pessoas humanas, quanto mais valem, quer do ponto de vista social, quer do ponto de vista material, mais responsabilidades temos perante nós e perante os outros. Para ele, o exemplo de Labão era bem esclarecedor destes propósitos: “Se és filho de reis mais duramente terás de servir que os outros; a realeza que vale afirma-se suportando, no mais baixo da escala, os tormentos piores que se possam imaginar no mundo...”<sup>187</sup>. O contexto é bíblico mas o exemplo reverte para o mundo dos heróis gregos e das tragédias que as suas vidas revelaram.

O nosso pensador, em *Sete cartas...*, exortou os mais novos para o valor do sacrifício no decurso da acção humana: “...é talvez o sacrifício a única coisa que vale a pena amar no mundo; o sacrifício nunca se esgota.”<sup>188</sup>. Também lhe parecia útil à existência humana a superior consideração do sofrimento: “Sofrer não importa, só lhe poderá fazer bem: o que é essencial é que você nunca decline o sofrimento.”<sup>189</sup>. Ao ideal heróico de Homem anunciado a todos aqueles que queriam viver uma vida autêntica, Agostinho acrescentou a solidão: “...a grande amizade e o grande amor são aqueles que dão sem pedir, que fazem e não esperam ser feitos...”<sup>190</sup>. Para o intelectual portuense, o corolário de tamanha exigência existencial não era compatível com o culto exacerbado da felicidade: “Só por costume social deveremos desejar a alguém que seja

---

<sup>183</sup> ) Idem, *Conversação com Diótima*, p. 32.

<sup>184</sup> ) *Ibidem*, p. 33.

<sup>185</sup> ) Idem, “Policlés”, em *Parábola da mulher de Lot*, p. 47.

<sup>186</sup> ) *Ibidem*, p. 49.

<sup>187</sup> ) Idem, “Fala de Labão”, em *Moisés e outras páginas bíblicas*, p. 140.

<sup>188</sup> ) Idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, p. 46.

<sup>189</sup> ) *Ibidem*, p. 69.

<sup>190</sup> ) *Ibidem*, p. 72.

feliz; às vezes por aquela piedade da fraqueza que leva a tomar crianças ao colo; só se deve desejar a alguém que se cumpra: e o cumprir-se incluiu a desgraça e a sua superação.”<sup>191</sup>.

### **1.5. A pessoa como ser para a morte**

Por fim, queremos sublinhar que Agostinho da Silva considerou a pessoa como ser para a morte, sem, contudo, cair no estrito formalismo de qualquer religião, nem tão pouco defendendo a herança socrático-platónica de que a Filosofia era uma preparação para a morte. Não obstante foi o pensamento de Platão e o cristianismo que lhe forneceram os principais argumentos para a defesa desta sua concepção da pessoa enquanto ser para a morte, rejeitando com vigor o receio e a resignação ante a morte:

**“...para o espírito liberto ela deve ser, como o som e a côr, falsa, exterior e passageira; não morre para si próprio nem para nós, o que viveu para a ideia e pela ideia [...] [pois] tanto mais alto subiremos quanto menos considerarmos a morte como um enigma ou um fantasma, quanto mais a olharmos como uma forma entre as formas.”<sup>192</sup>.**

Desta transcrição percebemos que o intelectual português encarava a morte como natural a qualquer existência e como tal era preciso que cada um de nós a integrasse no desenvolvimento normal da vida. Há como que a assunção de que o dia da morte é apenas mais um dia das nossas vidas e, portanto, como Sócrates aconselhava, competia a cada um tornar-se digno desse momento misterioso.

O nosso autor também defendia que a morte era uma passagem para um novo estado existencial e, em consequência, acreditava que “...ninguém morre, toda a gente se transforma noutra coisa qualquer, por um lado transforma-se numa certa química, e por outro numa certa lembrança, numa certa ideia. Nem na morte há uma destruição!”<sup>193</sup>. Ou, como escrevia noutro lugar: “Os mortos continuam a viver, em dois sentidos: [n]a Consciência Universal [...] [e] nos que vivem...”<sup>194</sup>.

Se Agostinho acreditava na imortalidade e, por isso, não considerava a morte como uma mera aniquilação material, é compreensível que condenasse o suicídio, o qual, a seu ver, era um

---

<sup>191</sup> ) Cf. idem, “Cruz, política e dinheiro”, em *As aproximações*, p. 52.

<sup>192</sup> ) Idem, “Considerações: Sôbre a morte”, em *Seara Nova*, nº 454, Outubro de 1935, p. 349.

<sup>193</sup> ) Idem, *Vida conversável*, p. 26.

<sup>194</sup> ) Idem, “Pensamento em farmácia de província”, em *Dispersos*, p. 641.



comportamento egoísta que se opunha à totalidade da vida: “O suicídio é absurdo e condenável apenas porque me não deixaria viver.”<sup>195</sup>.

## 2. Os Valores

### 2.1. Concepção e captação do valor

Agostinho da Silva, quanto à questão da captação dos valores, situa-se na corrente platónica e neo-platónica, na medida em que concordava que eram captados pela intuição após um exigente exercício racional acerca da experiência individual e colectiva, onde os valores espirituais se sobrepõem em relação aos valores materiais: “...tempo virá na humanidade [...] em que só hão-de brilhar os puros valores morais...”<sup>196</sup>. Assim, o autor portuense partilhava a ideia de que a captação dos valores surgia da experiência individual que se impunha como uma obrigação universal, ou seja, enquanto a experiência individual captava e analisava o objecto ou a acção a valorar, a transcendência garantia-lhe a universalidade. O intelectual portuense concordava, ainda, que os valores mais elevados, como o incondicional amor ao próximo, eram aqueles que a santidade representava e em consequência, apelava, insistentemente, para a necessidade de cada homem se tornar santo.

O desenrolar de todo o pensamento agostiniano sempre se expressou na defesa da perenidade de alguns valores considerados como fundamentais, tais como a vida, a liberdade ou a justiça, os quais, desde sempre têm merecido uma meditação especial no seio das sociedades e das suas instituições: “...ser moderno, não significa ignorar [...] tudo o que forma o antigo; significa não deixar que perca a alma tudo o que de eterno lhe oferece o presente; e êsse elemento permanente só o descobre quem não vive, exclusivamente, uma hora actual, quem não limitou a cultura ao derradeiro meio século e tem a sensibilidade desperta para todos os momentos da grande marcha humana.”<sup>197</sup>.

Agostinho defendeu, ainda, uma certa hierarquia de valores, condenando expressamente, desde os anos trinta do século findo, o relativismo ético: “Conheci um Notável a quem se tinha partido a Ética; estive sem ela precisamente no dia em que foi nomeado para um excelente

---

<sup>195</sup> ) Idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, p. 52.

<sup>196</sup> ) Idem, “Diário de Alcestes: Intemporalidade”, em *Seara Nova*, n.º 477, Fevereiro de 1936, p. 323

<sup>197</sup> ) Agostinho da Silva, “Considerações: Alicerce”, em *ibidem*, n.º 467, Fevereiro de 1936, p. 167.

emprêgo: e como se tivesse aludido aos que tráem e se estivesse à espera da opinião do Notável, o Notável abriu-se e disse: 'Partiu-se-me hoje a Ética'; no dia seguinte, comprou uma nova."<sup>198</sup>.

## 2.2. Valores negativos

O egoísmo, traduzido no amor próprio, foi um valor negativo de fundo criticado pelo nosso autor: "...amar-se [...] sempre em si próprio [...] esta espécie de enamorados é a única inútil no mundo..."<sup>199</sup>. E dizemos que foi um valor negativo de fundo apontado por Agostinho porque é dele, egoísmo, que procedem os demais valores negativamente apreciados pelo intelectual portuense.

Assim, a exploração da pessoa humana, porque revela também o carácter egoísta da Humanidade, foi por ele entendida de forma negativa: "O homem escraviza o homem pelo prazer de dispor de um ser humano sobre o qual possa, sem perigo, saciar os seus instintos maléficos."<sup>200</sup>.

A injustiça era outra face do egoísmo, logo outro valor negativo para o nosso pensador que, expressando-se metaforicamente, achava que éramos injustos quando em face dos outros, "...os deixamos caídos à borda das estradas; o crime é afinal o pretexto que damos para não pensar a sério no bruto egoísmo que nos anda no espírito."<sup>201</sup>.

À tolerância, valor em torno do qual a modernidade alimentou uma reflexão demorada, Agostinho considerou-a um valor negativo por entender que lhe subjazia uma faceta de egoísmo, a faceta de quem tolera se poder julgar um ser superior aos outros homens, seus iguais. Com efeito, deste modo, esclarecia a sua repulsa pela tolerância: "...no tolerar, somos nós os deuses e consentimos que haja, lá muito abaixo de nós, uns mesquinhos seres insignificantes que não têm nem a nossa beleza, nem a nossa inteligência, nem a nossa imortalidade..."<sup>202</sup>. Por outro lado, o intelectual portuense também dava uma conotação negativa à intransigência: "Ser intransigente com os outros não tem grande sentido; êles são o que podem ser e creio bem que seriam melhores se o pudessem; a natureza ou o meio lhes tiraram as condições que os

---

<sup>198</sup> ) Idem, "Glossa: Notável", em *ibidem*, n° 337, ano 12, Abril de 1933, p. 10.

<sup>199</sup> ) Idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, p. 23.

<sup>200</sup> ) Cf. idem, "Sobre escravatura", em *As aproximações*, p. 10.

<sup>201</sup> ) Idem, "Diário de Alcestes: Justiça", em *Seara Nova*, n° 478, p. 349.

<sup>202</sup> ) Idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, p. 60.

levariam mais alto; não os devo olhar senão com uma íntima piedade.”<sup>203</sup>. Isto leva-nos a vislumbrar que à tolerância o pensador preferia a comiseração, a piedade sincera que nos leva à aceitação – não tolerância – do próximo.

A ambição desmedida, concretamente aquela avidez exercida a coberto da ideia de progresso social, era avaliada de forma negativa pelo nosso autor: “...a poluição nas nossas cidades, uma paixão para novos mecanismos, uma avidez pelo poder, somos quase indiferentes à violência e ao terrível sofrimento dos homens e das nações; somos as vítimas da publicidade e da propaganda; e muitos, para não dizer todos os governos, são meros bandos de políticos sem escrúpulos com o objectivo de roubarem e fazerem lucros.”<sup>204</sup>.

Nesta linha, Agostinho também criticou negativamente o trabalho enquanto valor associado ao mecanismo de produção e consumo, considerando-o como “Uma das coisas que nos oprime na personalidade...”<sup>205</sup>. E para combater este mal, da sua parte, obrigava-se a trabalhar: “...sou contra o trabalho, mas enquanto o trabalho existe no mundo eu tenho obrigação de trabalhar [...] seria uma falta de solidariedade com o género humano [...] se eu não trabalhasse, de cada vez que eu ouvisse os cabo-verdianos varrerem a rua aí à meia-noite [...] faça chuva ou não... não ficava bem [...] sou contra o trabalho, mas se há que trabalhar eu trabalho.”<sup>206</sup>.

Não será de admirar, pois, que Agostinho da Silva tenha visto no sistema capitalista em geral uma série de valores negativos: “A economia que está é imoral [...] não há nada pelo qual se ganhe dinheiro que seja moral.”<sup>207</sup>. Como a maioria das sociedades ocidentais viam a sua prosperidade aumentar na razão directa da concorrência e do lucro, o nosso autor concluía de forma amarga que “...nós vivemos do mal que existe. Pouca é a gente que procura o bem que existe!”<sup>208</sup>. Para melhor afirmar a sua rejeição a alguns valores que o capitalismo veiculava, serviu-se da indústria e do turismo. Quanto à indústria lembrava que “...na fábrica não interessa a pessoa, interessa o que ela produz em cada dia; as relações não são de pessoa com pessoa, são de homem com máquina...”<sup>209</sup>. Em relação ao turismo, embora o considerasse positivo para aqueles que têm a possibilidade de viajar e conhecer outras gentes e outros lugares, alertava as terras que recebiam os turistas para que tivessem “...muito cuidado no fazer, para que as

---

<sup>203</sup> ) Idem, “Diário de Alcestes: Intransigência”, em *Seara Nova*, nº 478, p. 348.

<sup>204</sup> ) Idem, “Os três dragões”, em *Textos e ensaios filosóficos II*, p. 292.

<sup>205</sup> ) Cf. idem, *Vida conversável*, p. 37.

<sup>206</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 19.

<sup>207</sup> ) *Ibidem*, p. 214.

<sup>208</sup> ) *Ibidem*.

<sup>209</sup> ) Idem, “Cartas a S. Félix - 3”, em *Textos e ensaios filosóficos II*, p. 112.

características do lugar se não percam, para que se não fixem costumes que podem ser muito bons para os outros, mas o não são para nós, e para que as pessoas, no desejo de agradar, se não tornem servis..."<sup>210</sup>.

### 2.3. Valores positivos

O valor essencial e primeiro que a vida representa mereceu meditação especial por parte do nosso autor, que saiu em sua defesa: "...ou as pessoas estão tão apanhadas pela vida e ela é para elas tão absorvente e por vezes tão difícil que não têm gosto nenhum em trazer meninos ao mundo. Ou, e é a hipótese por onde eu vou, é a rebeldia dos meninos, que resolveram não nascer para não terem de aturar pais daqueles..."<sup>211</sup>. A doação da vida não constituía só e apenas a necessidade de regenerar o mundo, mas, para Agostinho, afirmava-se como uma manifestação de cada um por aquilo que na existência considerava ser mais essencial: "...as pessoas hoje não têm filhos porque não estão enamorados da vida [...] e não querem a vida plena, que é ter filhos..."<sup>212</sup>.

A pobreza voluntária foi outro valor pelo qual o autor português manteve elevada estima: "Feito o balanço dos recursos do mundo, não poderão os pobres partilhar da riqueza dos ricos de hoje, como tem sido escopo de todas as chamadas revoluções sociais; na ideal serão os ricos chamados a partilhar da pobreza dos pobres; ou, se menos duramente, do remédio dos remediados."<sup>213</sup>.

Na mesma linha de raciocínio, apreciou positivamente a caridade: "Caridade é etimologicamente o respeito pelo outro, qualquer que seja o seu aspecto e classe social. É a capacidade de descobrir no outro a graça que existe dentro dele e ajudá-lo a que o seu aspecto exterior corresponda ao melhor que ele tem dentro de si."<sup>214</sup>.

---

<sup>210</sup> ) *Ibidem*.

<sup>211</sup> ) Idem, "Portugal e os portugueses – a utopia de bolinar (entrevista com introdução e palavras finais de António Macedo)", p. 49. É certo que Agostinho quanto a filhos teve a sua conta, mas a vivência familiar que lhe parecia ser essencial, de facto nunca a teve. Tanto mais que para lá de toda a inconstância sentimental que a sua vida parece ter sofrido, em entrevista revelou-nos: "...a minha vocação não é doméstica" (cf. idem, *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, p. 24).

<sup>212</sup> ) Idem, *O Império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, pp. 220-221.

<sup>213</sup> ) Idem, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, p. 53.

<sup>214</sup> ) Idem, "Agostinho da Silva: um passeio à roda do céu (entrevista a Maria José Mauperrin)", em *Expresso-Revista*, 6 de Junho de 1987, p. 64R.

O mesmo olhar positivo lançou-o sobre a amizade que considerou como um dos valores fundamentais da existência: “O essencial na vida não é convencer ninguém [...] o que é preciso é que eles sejam nossos amigos: para tal, seremos nós amigos deles...”<sup>215</sup>.

A lealdade foi outro valor que Agostinho elogiou: “...no que se refere ao indivíduo, tenho acima de tudo o dever de velar pela dignidade humana que em mim reside, não a manchando com uma traição; de esperar também, que ainda seja possível salvar o outro; os peitos abertos desarmam em geral as mãos armadas...”<sup>216</sup>.

O ócio foi também considerado pelo nosso autor como um valor positivo: “Temos que pensar numa economia, numa sociedade, em que qualquer tipo seja reformado à nascença. E saiba imediatamente, se puder entender, que quem não faz nada morre depressa.”<sup>217</sup>.

A justiça foi outro valor considerado pelo intelectual português como fundamental: “Só veneramos uma Justiça que eleve o homem e seja a condensação de interesse benévolo que os outros homens têm por êle; só é justa a instituição e só é justa a lei que lhe dão a possibilidade de se tornar melhor [...] somos justos de tôdas as vezes que ajudamos, seja quem fôr, a viver uma vida mais humana...”<sup>218</sup>. Era, também, em nome da justiça que Agostinho propalava que “...o produto nacional seja distribuído com justiça...”<sup>219</sup>, que “...a informação, desde a bisbilhotice e a escola até à imprensa e à televisão...”<sup>220</sup> pudesse circular livremente e, finalmente, que a organização social se estabelecesse tendo em conta a “...dinâmica dos grupos...”<sup>221</sup> em total respeito pela individualidade de cada um.

Agostinho da Silva considerou a liberdade como motor e razão de ser da totalidade da vida humana, igualando-a à justiça e ao bem: “...os espíritos nasceram para ser livres [...] a liberdade se confunde, na sua forma mais perfeita, com a razão e a justiça, com o bem...”<sup>222</sup>. O intelectual português, porém, não deixou de esclarecer que a liberdade que apregoava não se podia confundir com a libertinagem: “...a verdadeira liberdade [...] não é de modo algum desordem, vem de dentro para fora, não de fora para dentro; não se dá, conquista-se...”<sup>223</sup>. Os três domínios preferenciais para o exercício da liberdade, no entender do nosso autor, eram a

---

<sup>215</sup> ) Cf. idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, p. 64.

<sup>216</sup> ) Idem, “Diário de Alcestes: Lealdade”, em *Seara Nova*, nº 477, Junho de 1936, p. 324.

<sup>217</sup> ) Idem, *Ir à Índia sem abandonar Portugal [entrevista a Gil de Carvalho & Manuel Herminio Monteiro]*, p. 15.

<sup>218</sup> ) Idem, “Diário de Alcestes: Justiça”, em *Seara Nova*, nº 478, p. 349.

<sup>219</sup> ) Idem, “Os três dragões”, em *Textos e ensaios filosóficos II*, p. 293.

<sup>220</sup> ) *Ibidem*.

<sup>221</sup> ) *Ibidem*.

<sup>222</sup> ) Cf. idem, “Considerações: Temístio”, em *Seara Nova*, nº 433, Abril de 1935, p. 5.

<sup>223</sup> ) Idem, “O sábio Confúcio”, em *À volta do mundo – textos para a juventude*, 1ª série, pp. 20-21.

**“...cultura, [onde] o homem poderá desenvolver ao máximo o seu espírito crítico e criador [...] [a] liberdade de organização social [...] [e a] liberdade económica, [que] [...] assegura [ao homem] o necessário para que o seu espírito se liberte de preocupações materiais e possa dedicar-se ao que existe de mais belo e de mais amplo...”<sup>224</sup>.**

Agostinho exigia, então, que a sociedade assentasse as suas bases no “...culto absoluto da liberdade...”<sup>225</sup>, embora reconhecesse que “...as instituições práticas pelas quais se dá a convivência da aspiração à liberdade e do maquinismo social varia[m] naturalmente conforme a psicologia dos povos, as suas possibilidades económicas, o ambiente histórico em que se desenvolvem e mil outros factores.”<sup>226</sup>. A liberdade de cada um poderia, assim, ser limitada por condicionantes exteriores, sem que, contudo, fosse em que circunstância fosse, pudesse reduzir o homem à condição dos animais retirando-lhe essa liberdade de ser sempre mais: “Aquilo que distingue o homem do bicho é [que] realmente o bicho só vai até onde pode, e o homem vai sempre a mais do que pode e é verdadeiramente homem na medida em que se está sendo.”<sup>227</sup>.

Agostinho ainda apregoava uma liberdade que soubesse conviver com as exigências da vida em sociedade. Sabendo desta dificuldade e do egoísmo inerente a cada um, lembrava que “...estamos todos muito bem preparados para reclamar sobretudo liberdade para nós próprios...”<sup>228</sup>, mas que o essencial era sermos capazes de a reclamar “...para os outros ou para lhes conceder a liberdade que está em nosso próprio poder...”<sup>229</sup>. Ou seja, o nosso autor mantinha-se convicto de que a liberdade de cada ser humano não podia ser um entrave à liberdade dos seus semelhantes - “Não há liberdade minha se os outros a não têm”<sup>230</sup> - e de que impedir a liberdade era impedir o desenvolvimento de cada um, pois “...a pessoa só se desenvolve na plena liberdade.”<sup>231</sup>. Tanto mais que o pensador português continuava a apresentar o homem como

---

<sup>224</sup> ) Idem, “Doutrina cristã”, em *Textos e ensaios filosóficos I*, p. 82.

<sup>225</sup> ) Idem, *Reflexão...*, p. 105.

<sup>226</sup> ) *Ibidem*, p. 105.

<sup>227</sup> ) Idem, “Depoimento à comissão parlamentar de inquérito”, em *Textos pedagógicos II*, p. 72.

<sup>228</sup> ) Idem, “Sobre as escolhas”, em *Textos e ensaios filosóficos II*, p. 226.

<sup>229</sup> ) *Ibidem*.

<sup>230</sup> ) Idem, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, p. 39.

<sup>231</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, p. 210.

**“...um ser de embrionária liberdade, cujo dever, cujo destino, e cuja justificação é o da liberdade plena; plena para ele, plena para os outros, plena para os animais, plena para ervas, plena talvez até para seixo e montanha.”<sup>232</sup>.**

### **3. O Amor**

#### **3.1. A crítica ao amor romântico**

Apesar de todos os discursos mais ou menos emotivos e das boas intenções sobre o amor, uma sua apreciação meramente estética não bastava a Agostinho, que o considerava preferencialmente sob a perspectiva hermenêutica do cristianismo:

**“...se um dia surge na terra o amor em que penso – o amor que morrerá pelos escravos, pelos humildes, pelos vagabundos que nem sequer teem onde recostar a cabeça [...] então, quasi tenho a certeza, a vida seguirá rumos que hoje nos parecem totalmente fechados.”<sup>233</sup>.**

Meditar o alto conceito do amor que o cristianismo nos tinha legado, tornava-se, para o nosso autor, a principal tarefa de todos os homens, pois como nos dizia “...o máximo de amor é amar o próximo como a nós mesmos...”<sup>234</sup>.

Considerado sob o universo especulativo do cristianismo, o amor nada tinha a ver com a interpretação que dele tinham feito os românticos, que o trataram numa perspectiva meramente sensualista: “...você, ignorante, fraco, disperso, invertebrado, você queria amar [...] ame sem poder e verá o que lhe acontece; verá como a vida se vinga; o melhor que lhe poderá suceder é casar.”<sup>235</sup>. A interpretação romântica do amor, na medida em que se prendia apenas ao que era terreno, impedia-o, ao amor, de ser considerado um caminho para o ideal ou o bem: “A quem ama sem poder, a vida faz isto, muito simplesmente: retira-se, mas sem que a morte venha.”<sup>236</sup>. Os românticos confundiam a facilidade da paixão com a exigência do amor e o intelectual portuense associando o amor ao sublime revelado pela criação artística, descansava os seus

---

<sup>232</sup> } Idem, “Nota a cinco fascículos”, em *Dispersos*, p. 542.

<sup>233</sup> } Cf. idem, *Conversação com Diótima*, p. 111.

<sup>234</sup> } Idem, “Pensamento em farmácia de província: 2 – Março 77”, em *Dispersos*, p. 645.

<sup>235</sup> } Idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, p. 54.

<sup>236</sup> } *Ibidem*.

interlocutores com um prudente conselho: “Se você não pode amar, não ame; seja simples, seja humilde, faça calmo o seu trabalho, e deixe o resto. O amor é uma criação de beleza, como a pintura e a música; reserva-se a raros ser Ticiano ou Greco ou Mozart ou Bach; reserva-se a raros o privilégio de amar.”<sup>237</sup>.

Ao amor romântico, objectual, que se revela pela união volitiva das pessoas, contrapunha o nosso autor a idealidade do amor que, para si, correspondia ao amor “...dos místicos porque esse tem consigo a suprema qualidade de nunca ser plenamente realizável.”<sup>238</sup>. A permanente preocupação que os homens manifestavam para fazer coisas era entendida pelo intelectual portuense como uma forma de inibir o verdadeiro amor, uma vez que os interesses humanos que se prendem com o dia a dia, como o emprego, os estudos, etc., seriam formas criadas por cada um de nós para não termos que seguir o caminho do amor verdadeiro de que os místicos nos deixavam um superior exemplo.

### **3.2. O amor enquanto doação e caminho para o Bem**

Em *Conversação com Diotima*, a profetisa de Mantinea de quem Sócrates disse ter ouvido as virtudes do amor, Agostinho especulou sobre o amor entendido como o desejo que nos impele para chegar à contemplação da Beleza e do Bem, fazendo dizer à personagem que dava título ao diálogo: “...como poderia eu ter falado a Sócrates sem que lhe dissesse tudo o que penso do Amor, sem que lhe dissesse como creio ser a contemplação das coisas belas um dos caminhos mais amplos para que se possa aprender tôda a harmonia universal, para que a alma do sábio repouse na contemplação do que pode existir de mais alto e de mais nobre?”<sup>239</sup>. Em contraposição, o Estrangeiro que dialogava com Diotima, assumindo-se como porta voz do homem comum, sem se por à margem desta difícil tarefa do amor, constatava que no dia a dia poucos eram os que podiam ascender a tão elevado cume: “O que dizes do Amor anima os melhores homens, faz-lhes esperar uma vida em que quâsi se tenham confundido com os deuses; mas, Diotima, os que não podem subir?”<sup>240</sup>. Facilmente se depreende que aqueles que não podiam subir eram representados por todos os que acompanhavam Sócrates no *Banquete*, já que apenas se preocupavam com a fruição do amor, confundindo o desejo do bem com a

---

<sup>237</sup> } *Ibidem*, p. 55.

<sup>238</sup> } *Ibidem*, p. 56.

<sup>239</sup> } *Idem*, *Conversação com Diotima*, p. 23.

<sup>240</sup> } *Ibidem*, p. 24.



posse da carne e “...quem ama carnalmente pouco ama, porque se prende ao indivíduo.”<sup>241</sup>. Em consequência, só “...o amor que supera o nosso corpo e os outros e dando-se conquista a vida, êsse é o único amor que pode por mais tempo tornar menos dolorosa ao deus a necessidade de viver.”<sup>242</sup>.

O Estrangeiro, representando o esforço de todos os homens no caminho do Bem, queria ir mais além do que Diotima, respondendo à profetiza de Mantinea: “...ao amor que verdadeiramente se afirma em tôda a sua fôrça nada pode resistir, nenhuma aparência é obstáculo; tudo se funde ao calor da chama que abrasou o universo [...] quem ama [...] tudo vence [...] no amor, logo de princípio, tudo se liga e funde.”<sup>243</sup>. O amor sublime seria tanto mais autêntico quanto maior fosse a capacidade de cada um para nele incluir o outro:

**“Só sabemos, seguramente, de uma amizade ou de um amor: o que temos pelos outros. De que os outros nos amem nunca poderemos estar certos. E é por isso talvez que a grande amizade e o grande amor são aqueles que dão sem pedir, que fazem e não esperam ser feitos; que são sempre voz activa, não passiva.”**<sup>244</sup>.

Era, ainda, o amor que incitava cada um a “...desejar que o amado se torne, para si, inexistente, para que tenha o tal espectáculo do universo, ao mesmo tempo que, revestindo cada vez mais forte a sua individualidade [...] reforce para mim o esplendor do real.”<sup>245</sup>. O amor que surgia ao nível das relações humanas era insuficiente para nos levar ao conhecimento do Bem mas, no entendimento do nosso autor, poderia, ao longo dessa caminhada, tornar-se um auxílio precioso desde “...que o amado ame o amante; que este ame, em si próprio, o amante que ama o amado e que o amado ama, o mesmo tendo de haver no correspondente. Que os amantes amem nos amados os amantes que a eles os amam. Ou, mais simples: que o amor se ame.”<sup>246</sup>. Para que o amor se pudesse cumprir como posse do bem, impunha-se, então, que todos os seres fossem capazes de perceber que “Amar é querer que seja nós e outrem o máximo de nós.”<sup>247</sup>.

---

<sup>241</sup> ) *Ibidem*, p. 97.

<sup>242</sup> ) *Ibidem*.

<sup>243</sup> ) *Ibidem*, pp. 98-99.

<sup>244</sup> ) Cf. idem, *Sete cartas a um jovem filósofo...*, p. 72.

<sup>245</sup> ) Idem, “Pensamento em farmácia de província: 2 – Março 77”, em *Dispersos*, p. 645.

<sup>246</sup> ) Idem, “Pensamento em farmácia de província: 8 – Abril 77”, em *ibidem*, p. 682.

<sup>247</sup> ) Idem, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, p. 55.

Agostinho estava convicto de que o verdadeiro amor, aquele que lhe interessava mais e pelo qual os homens se poderiam aproximar do Bem e do eterno, teria obrigatoriamente que incluir o outro e só pela via intuitiva se revelaria na presença de Deus: “Amor se É, não se legisla, e por aí se liga Amor ao mais divino de Deus.”<sup>248</sup>.

### **3.3. O amor como força mediadora entre o Homem e Deus**

A questão do amor enquanto mediador entre as duas naturezas que partilha, a humana pelo lado da mãe Pénia e a divina pelo lado do pai, o deus Poros, tal como contava a mitologia grega, bem como todas as apropriações a que tinha sido sujeito na história da humanidade, como anotou Manuel Ferreira Patrício, era tema privilegiado de reflexão na primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto<sup>249</sup> e, portanto, a demorada reflexão sobre o amor a que Agostinho procedeu pode ser entendida como uma consequência natural da sua formação.

O intelectual português meditou sobre o conceito do amor entendido como mediador entre o plano divino e o plano humano, ilustrando a sua argumentação com uma explicação simultânea da Trindade Divina e das relações humanas: “Na trindade, como se entenderia Deus sem o Espírito Santo? Impossível. Ele é a identidade entre o Pai e o Filho, ou o Amor entre os dois, como por vezes se diz, o que nos conduz a uma outra definição de amor. O amor entre duas pessoas é o que faz que qualquer uma delas seja as duas ao mesmo tempo. Não é ser o outro, como tantas vezes no casamento, porque nesse caso haveria uma cedência do que se é.”<sup>250</sup>. Desta forma e de uma só vez, Agostinho analisava o amor nas duas vertentes que o ocidente tem vindo a privilegiar, o *eros* grego e o *agapé* de matriz judaico-cristã, entendendo-o, em ambos os casos, como mediador. No primeiro caso, apresentava-o como o elemento que permitia a elevação da diversidade do sensível à unidade da Ideia, no segundo caso reservava-lhe o papel de atributo do Criador, emanando deste para as criaturas.

Agostinho, para quem “O perfeito amor exige a vigorosa inteligência...”<sup>251</sup>, ainda se serviu do intelectualismo para defender a força mediadora do amor, uma vez que para fundamentar as suas intuições, considerou o amor e o conhecimento como o verso e reverso de uma mesma moeda: “Embora as relações entre amor e conhecimento sejam tudo quanto há de mais

---

<sup>248</sup> ) Idem, “Do previsível e do imprevisível”, em *Dispensos*, p. 784.

<sup>249</sup> ) Cf. Patrício, Manuel Ferreira, “A filosofia da educação em Portugal no século XX”, p. 129.

<sup>250</sup> ) Agostinho da Silva, “Entrevista com Agostinho da Silva (entrevista a Joel Serrão e outros)”, em *Dispensos*, p. 78.

<sup>251</sup> ) Idem, *Conversação com Diótima*, p. 101.

discutível, antes parecendo que não podemos dar a qualquer deles a primazia de aparecer, e os veremos, pois, como concomitantes ou como as duas inseparáveis páginas de uma folha – ama-se o que se conhece, conhece-se o que se ama -, poderemos dizer que só haverá amor pelo mundo quando dele haja conhecimento, em todos os seus fenómenos, quer se trate de comportamento dos átomos quer se trate do procedimento dos homens.”<sup>252</sup>.

Desta forma, o amor era uma exigência que se colocava a cada um, simultaneamente como motor e finalidade de uma mesma acção. Afinal, ainda jovem, Agostinho já tinha fixado que o mais importante era “...um amor a que se chega como recompensa de tarefa cumprida; não marca as delícias do caminho difícil, apaga-as da memória; faz desaparecer do peito do homem o seu único motivo de alegria, a sua única fonte de verdadeira glória.”<sup>253</sup>. O amor correspondia a um caminho, ao difícil caminho da perfeição, porquanto “...o amor é raro, raro e frágil, frágil e rápido.”<sup>254</sup>.

---

<sup>252</sup> ) Cf. idem, “Estilo e conteúdo”, em *Dispensos*, p. 563.

<sup>253</sup> ) Idem, “Diário de Alceste: Sôbre o êxtase”, em *Seara Nova*, nº 478, Junho de 1936, p. 348.

<sup>254</sup> ) Idem, “Os três dragões”, em *Textos e ensaios filosóficos II*, p. 294.

### III. O ESTADO E A ORGANIZAÇÃO SÓCIO-ECONÓMICA

#### 1. O Estado

##### 1.1. A função da política e dos políticos

Desde muito cedo Agostinho da Silva se empenhou no sentido de “...que à política presida sempre um espírito moral, um sentido largo de valores, de respeito pela subordinação destes entre si.”<sup>255</sup>.

Sem deixar de reconhecer as dificuldades a que os políticos estão sujeitos, dificuldades estas que estão “...dentro deles e fora deles...”<sup>256</sup>, o intelectual portuense não se coibiu de apresentar a sua particular concepção da política: “Nada acho, porém, mais absurdo do que a definição de política como a arte de bem governar os povos, nem mais perigoso, porque faz uma distinção (que não deve existir) entre o governante e o governado; encaro mais a política como o ‘interesse pela cidade, por todas as actividades e sobretudo por aquela leve centelha de futuro que tôdas elas contêm; a política seria assim o esforço de cada cidadão por se melhorar a si e aos outros, como duas tarefas que se cruzam e interpenetram.”<sup>257</sup>. O alto conceito que o nosso autor atribuía à política fazia com que exigisse a todos aqueles que a ela se dedicavam um apurado sentido de responsabilidade individual e colectiva. Desta forma, a política não era considerada como uma profissão mas sim como um serviço, uma doação das nossas melhores qualidades aos outros. No tempo do nosso autor, como no decurso normal da História, poucos foram os verdadeiros políticos e, por isso, criticava de forma dura a organização mundial da política que continuava a permitir “...a sub-alimentação [...] a fome [...] a casa sem nenhuma espécie de higiene [...] a defeituosa forma de trabalho [...] a falta de assistência médica, contínua preocupação do espírito [...] a vida sem ordem, o que prepara os terrenos de eleição para os malefícios dos micróbios patogénicos...”<sup>258</sup> e a conseqüente degradação existencial de milhões de indivíduos.

---

<sup>255</sup> ) Idem, “Inquérito ao livro em Portugal, *bibliotecas culturais*, XXII”, em *Seara Nova*, n.º 869, Abril de 1944, p. 206.

<sup>256</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 40.

<sup>257</sup> ) Idem, “Glossa: Vontade”, em *Seara Nova*, n.º 389, Maio de 1934, p. 75.

<sup>258</sup> ) Idem, “O mundo dos micróbios”, em *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 4.ª série, p. 19.

Uma sociedade que fosse aceitável para todos os seus membros deveria, no entender do intelectual portuense, reger-se por uma política da acção que reflectisse a “...não-intervenção absoluta na política de grupos; pela escolha, para governantes, de homens e não de legendas; pela atenção aos problemas locais e imediatos e não só aos planetários e futuros; e como base de tudo, pela conquista e domínio de si mesmo, através do [...] caminho da ascese mais rigorosa e absoluta, da oração contínua e do amor dos homens em Deus e por Deus.”<sup>259</sup>.

Agostinho pugnava por uma classe dirigente exemplar, mas a realidade continuava a pô-lo em contacto com políticos medíocres que iam “...para a política [...] com a intenção de representar um papel, de exercer uma acção, de moldar os outros.”<sup>260</sup>. Ora, em seu entender, o verdadeiro político “...devia agradecer pela ocasião que lhe ofereceram os outros homens de pôr em jogo as suas qualidades e de eliminar, se puder, os seus defeitos...”<sup>261</sup>. Após estas constatações, o intelectual portuense aconselhava todos aqueles que aspiravam ao exercício da política para que nunca tomassem por modelo os políticos excepcionais que o mundo tinha conhecido, mas sim “...esta criatura paciente [...] que é o jumento; o qual além de tudo, pode ser lírico, como o Platero; que, por fim, com a, em potencial, força e dureza de seus cascos mantém em respeito quem em respeito tem de ser mantido.”<sup>262</sup>. Este exemplo caricato servia-lhe para reforçar a ideia de que cumprir bem uma tarefa era a mais elementar expressão da acção de cada um, tanto mais que estava convencido de que “...em política não há adversários: há colaboradores com outra opinião.”<sup>263</sup>.

Se Agostinho apreciava negativamente a actividade dos políticos, mantinha a esperança de que os candidatos a tão nobre tarefa entendessem acima de tudo que ministro

**“...significa o que vale menos do que o dono da casa, que é o mestre, sendo ele, apenas o criado [...] rei, que se liga pela origem a régua, regra e relha de arado, e tem, por conseguinte, a obrigação de traçar linhas direitas e normas certas que eu possa seguir sem perigo de desvio [...] presidente, que quer dizer apenas que a personagem se senta à minha frente [...] e se se puder sentar de costas, olhando o nada, melhor ainda...”**<sup>264</sup>.

---

<sup>259</sup> ) Idem, “Política e santidade”, em *As aproximações*, p. 19.

<sup>260</sup> ) Idem, “Fadiga política”, em *ibidem*, p. 79.

<sup>261</sup> ) *Ibidem*, p. 80.

<sup>262</sup> ) *Ibidem*, p. 81.

<sup>263</sup> ) Cf. idem, “Bárbaros à porta”, em *As aproximações*, p. 85.

<sup>264</sup> ) Idem, “Barca D’Alva – Educação do Quinto Império. Fascículo 2”, em *Dispersos*, pp. 486-487.

## 1.2. Entre a democracia e o autoritarismo

Agostinho da Silva pugnou por um Estado que servisse plenamente todos os seus cidadãos e, para tanto, não poderia deixar de se interessar pela totalidade da vida: “...não desejo um Estado alheio a preocupações religiosas: a todas deve ajudar e proteger, como deve ajudar e proteger correntes filosóficas, incluindo a dos ateus. Estado fez-se para garantir a todos os cidadãos segurança económica, liberdade de informação e possibilidade de aderir à metafísica que entender mais conveniente ou mais verdadeira, incluindo, repito, a metafísica de não ter metafísica.”<sup>265</sup>.

O intelectual português estava convencido de que só através de um modelo de sociedade que permitisse uma revolução social de forma continuada se poderia garantir um verdadeiro Estado que, então, se apresentaria como uma “...democracia, em pleno rendimento...”<sup>266</sup>. O nosso autor defendia a democracia apenas e só naqueles aspectos que lhe pareciam mais úteis ao desenvolvimento harmónico da sociedade. Quanto às outras formas de encarar a democracia, com as quais não concordava, nunca mostrou qualquer receio em as criticar. Para si, a democracia, afinal, não era mais do que “...um processo cómodo de apuramento e de uma forma mais breve de expressão...”<sup>267</sup> e como tal, enquanto cidadão que vivia numa sociedade organizada sob o princípio da democracia, reservava-se o direito de lhe obedecer apenas “...nos pontos em que estiver de acordo com a razão e [...] com a virtude...”<sup>268</sup>, pois considerava ser “...impossível conceber uma democracia sem qualquer das liberdades de expressão...”<sup>269</sup>. Em seu entender, “...uma democracia será tanto mais forte [...] quanto mais inteligente, mais respeitosa da moral e mais generosa se mostrar...”<sup>270</sup>.

Ao encarar a organização social sob esta análise da democracia, o nosso autor mostrava que se interessava mais com o bom funcionamento de uma sociedade do que com a forma política que a viesse a sustentar. É nesta linha de ideias que deve ser entendida a simpatia, ainda que relativa, que mostrou pela ditadura militar que se instalou no Brasil em 1964: “Talvez a ditadura militar fosse uma maneira de subsolar também o Brasil, de trazer para cima camadas

---

<sup>265</sup> ) Idem, “Do plural”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, p. 226.

<sup>266</sup> ) Idem, “Glossa: Revolução”, em *Seara Nova*, n.º 346, Junho de 1933, p. 156.

<sup>267</sup> ) Idem, “Diário de Alcestes: Da origem”, em *ibidem*, n.º 476, Junho de 1936, p. 318.

<sup>268</sup> ) *Ibidem*.

<sup>269</sup> ) *Ibidem*.

<sup>270</sup> ) *Ibidem*.

de população e maneiras de pensar e de ver o mundo que ainda não tinham aparecido e que me parece estarem certamente na grande natureza do Brasil.”<sup>271</sup>.

Aliás, já antes o nosso autor tinha elogiado a eficácia de algumas tiranias como a de Políades e Hípias, não deixando, apesar de todas as insuficiências apontadas, de reforçar a ideia de democracia quando criticou de forma dura a tirania exercida por Patagónio, lembrando que no tempo em que vivia, as tiranias fossem de que espécie fossem, não se poderiam admitir porque “O Patagónio foi desterrado para sempre; agora reinam a doçura e a graça, os finos modos e o carinho. Estamos certamente num século melhor.”<sup>272</sup>.

Em Demóstenes, considerado o maior orador de Atenas, que se notabilizou por ter exortado a que o seu povo resistisse às tentativas de invasão de Filipe II da Macedónia e, em consequência, foi julgado e condenado após a acusação de suborno e cobardia militar, Agostinho encontrou o exemplo da luta “...contra o desleixo, contra a imprevidência, contra a miséria moral de Atenas, sem por um momento querer dominar o povo com o embalo das frases [...] procura[ndo] despertar-lhe a inteligência e a vontade [...] rememora-lhe as tradições de liberdade, de civismo...”<sup>273</sup>. Esta e outras lições de vida semelhantes ajudavam o nosso autor a formar a convicção de que “...os tiranos nascem da fraqueza dos povos...”<sup>274</sup>.

Ainda que de forma contraditória na exposição dos seus argumentos, o que Agostinho defendia era que quando uma determinada forma de governo se revelasse prejudicial à boa organização social das diversas comunidades que se acolhiam no seu seio, era melhor pugnar pela implantação de um regime autoritário, com mais ou menos duração, desde que esse regime pudesse garantir a coesão da sociedade que passava a servir: “Pelo que sabemos as probabilidades são de que toda a sociedade tenha seu laivo de coacção por mais leve que ele seja, e é este porventura o argumento mais grave que se pode levantar contra o anarquismo [...] é difícil imaginar que se possa algum dia ser na terra inteiramente livre.”<sup>275</sup>.

Para evitar mal entendidos, convém, então, perceber em que planos da vida societária Agostinho admitia um regime ditatorial: “A sociedade tem direitos sobre nós como seres sociais, não como homens [...]. Como homem, porém, no sentido de ser pensante, poderei ter guias e ter conselho: mas os chefes e as ordens são contrárias à minha natureza, que é a da plena,

---

<sup>271</sup> ) Agostinho da Silva, *Vida conversável*, p. 166.

<sup>272</sup> ) Idem, “Diário: 4”, em *Seara Nova*, nº 513, Junho de 1937, p.169.

<sup>273</sup> ) Idem, “Demóstenes”, em *O Diabo*, 25 de Novembro de 1939, p. 5.

<sup>274</sup> ) *Ibidem*.

<sup>275</sup> ) Cf. idem, “Coacção”, em *As aproximações*, p. 34.

infinita e iniludível liberdade.”<sup>276</sup>. Do presente raciocínio parece resultar que a tensão entre a sociedade e o indivíduo se apresentava ao nosso autor como um problema, mas de facto assim não acontecia. O autor portuense aceitava as regras que permitiam a coesão social, mesmo que fossem estabelecidas de forma autoritária, mas, em contrapartida, reclamava para o indivíduo em toda e qualquer situação, de forma veemente, a inteira liberdade de ser e agir, em estrito respeito pelo sentido social que se lhe impunha de forma categórica: “A existência de grupos humanos que não têm chefe parecerá absurda e só possível em loucos, e, para alguns, criminosos sonhos de anarquista: no entanto, existem povos que apenas ouvem, e só quando tal se torna necessário, os mais experientes do grupo...”<sup>277</sup>. Mas, como nas sociedades humanas a norma não era esta, então, a organização societária da vida necessitava de “...um poder de coordenação pelo menos.”<sup>278</sup>.

O excesso de partidização da organização democrática da sociedade, também não era do agrado do intelectual portuense, por lhe parecer que ante o complexo social tornava-se necessário adoptar “...medidas que não estejam na consciência do geral...”<sup>279</sup>. Enfim, Agostinho partilhava a ideia de que a Humanidade nunca conheceu uma verdadeira democracia, porque, a seu ver, para haver democracia era preciso que o governante perguntasse “...aos outros o que é que acham que é a verdade, modestamente recolher o voto dos outros, limar as contradições, procurar ajustar as diferenças e fazer alguma coisa que naquele momento, pelo menos, todos pudessem aceitar.”<sup>280</sup>. Seguindo esta interpretação, o pensador portuense repudiava a ideia de um governo que representasse apenas aqueles que pelo voto o elegessem e para evitar que isso continuasse a acontecer trabalhava no sentido de se estabelecer uma “...política [...] da composição...”<sup>281</sup>, capaz de sintetizar o que de melhor apresentassem a totalidade dos partidos e das ideologias políticas que a cada momento representassem a sensibilidade das populações que governavam.

Para o nosso autor, o exercício do poder não se esgotava no modelo democrático tradicional que não era do seu agrado porque dava corpo ao carácter fragmentário da política

---

<sup>276</sup> ) *Ibidem*, p. 35.

<sup>277</sup> ) Idem, “Pé-de-meia”, em *As aproximações*, p. 68.

<sup>278</sup> ) Idem, *Vida conversável*, p. 36.

<sup>279</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 39.

<sup>280</sup> ) Idem, *Vida conversável*, p. 66. Em “Carta de Agostinho da Silva sobre *Talhamar*”, quando se pronunciou a respeito da organização deficiente da humanidade e da necessidade de reorganizar a sociedade mediante a teologia do Espírito Santo, Agostinho acentuou que no período áureo grego como em outros períodos do desenvolvimento da humanidade, a democracia foi sempre “...de raros...” (cf. “Carta de Agostinho da Silva sobre *Talhamar*”, em Silva, Dora Ferreira da, *Poesia reunida*, p. 468).

<sup>281</sup> ) Agostinho da Silva, *A última conversa – Agostinho da Silva* [entrevista a Luís Machado], p. 42.



partidária e, em consequência, da sua parte achava “...que não vale a pena votar.”<sup>282</sup>. De certo modo, o intelectual portuense entendia que a democracia tal como se encontrava organizada, inviabilizava “...a liberdade de se ser plenamente aquilo que se é [...] e de se tornar contagioso.”<sup>283</sup>. Agostinho não concordava com a concepção e prática democrático-ocidental do seu século e, por isso, recusava-se a aceitar que o exercício do voto, pilar base do sistema democrático, fosse a melhor forma de escolher um governo: “...poder escolher um partido para ingressar ou numa altura em que se tem que eleger um cidadão qualquer pôr lá um voto, quando talvez desse o mesmo resultado o processo que muitas vezes usavam os gregos de tirar à sorte!”<sup>284</sup>. No entendimento do autor portuense, quer a eleição quer a nomeação dos governantes, só por si, não eram garantes de um exercício do poder a partir dos indivíduos que se mostrassem estar melhor preparados para poderem governar bem.

### **1.3. As virtudes da monarquia**

A simpatia de Agostinho por uma forma de Estado de tipo monárquico manifestou-se desde muito cedo. No texto que intitulou *Democracia e poder*, o nosso autor já lamentava que se tivesse acabado de forma repentina com as monarquias: “Foi talvez pior do que se julga suprimir abruptamente as monarquias de direito divino e não ajustar a tal molde as democracias nascentes.”<sup>285</sup>. O intelectual portuense apoiava a defesa da sua posição na apreciação positiva que fazia do exercício da realeza: “Há no rei que defende os seus direitos ligando-os a um movimento espiritual, não se dando êle mesmo como fonte do poder, uma figura a admirar e porventura a imitar em nossos dias.”<sup>286</sup>.

Sem as suas seculares monarquias, algumas modernas democracias ocidentais, no entender de Agostinho tinham gerado, por um lado, o afastamento entre governantes e governados e, por outro lado, as condições para o exercício de um poder cada vez mais fragmentado e autoritário: “...o erro de se inclinar algum tempo para Maquiavelo, de ter apenas pluralizado os príncipes e ter constituído a cada um dos cidadãos um aspirante a opressor dos que ao mesmo tempo declarava seus iguais [...] é, quâsi sempre, um arremedo de democracia sem verdadeira liberdade e sem verdadeira igualdade, exactamente porque se tomou como base

---

<sup>282</sup> ) Idem, “Entrevista do prof. Agostinho da Silva ao ICALP”, em *Dispersos*, p. 88.

<sup>283</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 33.

<sup>284</sup> ) *Ibidem*, p. 210.

<sup>285</sup> ) Idem, “Considerações: Democracia e poder”, em *Seara Nova*, n° 437, p. 67.

<sup>286</sup> ) *Ibidem*.

do sistema uma relação do homem com o homem e não uma relação do homem com o espírito de Deus.”<sup>287</sup>. Esta segunda relação, a do homem com o espírito de Deus, era a que Agostinho privilegiava e achava que só a monarquia a poderia realizar.

## **2. Organização sócio-económica**

### **2.1. Modelos rejeitados: socialismo e capitalismo**

Com a convicção de que “...são sobretudo causas económicas que provocam as lutas armadas...”<sup>288</sup>, o autor português pronunciou-se com frequência sobre a organização económica das sociedades. Na tentativa de encontrar a razão de ser dos sistemas económicos predominantes no mundo, entendia que eles se deviam ao facto de a população ter aumentado e em consequência terem começado a escassear as possibilidades de sobrevivência num mundo de recursos limitados. Devido ao aumento populacional, “A mulher é a primeira pessoa a perder a liberdade quando a economia moderna surge. A mulher, a criança, o cão...”<sup>289</sup>. A partir da nova realidade social criaram-se as condições para que se desenvolvesse um sistema económico de “...propriedade particular, mesmo quando parecia colectiva, o que determinou a submissão dos animais e das mulheres e das crianças [...] e pelo fabrico do cesto e da vazilha de barro, em que se guardava para o futuro o excedente dos gastos, o começo do sistema bancário...”<sup>290</sup>.

Assim, o nosso autor rejeitava por igual a organização social baseada na economia planificada e a organização social que tinha por base o liberalismo económico.

Para rejeitar a economia planificada o intelectual português analisava o desenvolvimento deste sistema económico e concluía que “O mal está em que num socialismo, ou até num anarquismo económico, se instalam no homem três ideias: a de que pode dispor do mundo e dele deve dispor, afogando-se em coisas; a de que é senhor seu e a ninguém deve obediência; a de que o corpo lhe foi dado como fonte de prazer, e não para ser companheiro fiel de sua alma,

---

<sup>287</sup> ) *Ibidem*, p. 68.

<sup>288</sup> ) Cf. idem, “História dos comboios”, em *À Volta do Mundo – textos para a juventude*, 1ª série, p. 26.

<sup>289</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 223,

<sup>290</sup> ) Idem, “Notas outras sobre a Europa e o mundo”, em *Revista do ICALP*, n.º 15, 1989, p. 14.

como a alma lhe foi dada para ser fiel companheira do corpo.”<sup>291</sup>. Para relevar as fragilidades deste sistema económico, Agostinho não se coibia de se pronunciar sobre experiências concretas, como era o caso do Uruguai aquando das reformas socialistas de Battle y Ordoñez: “Havia metade do país que era qualquer coisa de semelhante ao socialismo, mas verifiquei que, nessa metade, a principal preocupação das pessoas era a sua reforma [...]. Além disso chocaram-me as assimetrias entre a zona socialista e o resto do país, onde não tinha chegado o trabalho de Battle y Ordoñez. Por exemplo, as crianças nasciam com 3.5 kg a 4 kg na zona socialista, enquanto na outra não ultrapassavam os 2 kg. Todo aquele socialismo me pareceu pouco consistente...”<sup>292</sup>. Acima de tudo, a larga e diversificada experiência de vida do intelectual portuense levavam-no a concluir que os sistemas de economia planificada faziam com que se instalasse no seio das sociedades “...o tédio, a monotonia, o profundo desinteresse dos pequenos países que actualmente tão perto se encontram de um socialismo integral.”<sup>293</sup>.

A economia planificada tinha falhado, tal como a organização económica de inspiração capitalista. Do capitalismo, no entender do nosso pensador, nada se poderia esperar porque este era uma forma de organização social em que “...os três princípios, o de pobreza, o de obediência e o de continência, ou são impostos pela natureza do regime e, pela revolta que geram, mais aproximam do Diabo do que de Deus, ou são a característica de ordens religiosas, que sempre se defendem mal contra a pressão constante do mundo da propriedade privada.”<sup>294</sup>. A propriedade privada e o sistema de economia capitalista, foram desde sempre considerados pelo intelectual portuense como a principal causa da fome que grassava por todo o mundo, uma vez que permitiam que alguns ficassem mais ricos, na medida inversa em que uma grande maioria de pessoas vinha empobrecendo e morrendo à fome: “A fome é valiosa para que o indivíduo se realize quando é a fome de aviador perdido no deserto [...] supor que liberta alguém a fome que actualmente se sofre no mundo porque se teima em fazer sobreviver um regime económico, o do capitalismo, que a evolução das técnicas inteiramente superou, é pensamento que só pode surgir em mentes doentias cujo gosto é a tortura dos outros.”<sup>295</sup>.

Com a crítica aos dois modelos económicos que vigoravam no mundo, Agostinho não só punha a descoberto que fazer diferente não é sinónimo de fazer melhor, como também

---

<sup>291</sup> ) Agostinho da Silva, “Considerando o Quinto Império”, em *Dispersos*, p. 194.

<sup>292</sup> ) Idem, “Entrevista com Agostinho da Silva”, em *ibidem*, p. 59.

<sup>293</sup> ) Idem, “Cruz, política e dinheiro”, em *As aproximações*, p. 53.

<sup>294</sup> ) Idem, “Considerando o Quinto Império”, em *Dispersos*, pp. 194-195.

<sup>295</sup> ) Idem, “Cruz, política e dinheiro”, em *As aproximações*, p. 53.

enfaticava a sua opinião de que “...toda a economia que é de desenvolvimento não pode ser uma economia comunitária.”<sup>296</sup>.

## 2.2. O elogio do cooperativismo

Foi no Estado de Israel que o pensador portuense vislumbrou a base económica de uma organização social mais equilibrada, considerando que este país “...é feliz, pelas suas granjas e aldeias cooperativas, verdadeiramente socialistas; mas, por sorte, o árabe o mantém inquieto.”<sup>297</sup>. Ou seja, para o nosso autor o cooperativismo parecia ser a melhor solução para uma organização social que tinha por objectivo estabelecer como “...último fim [...] o de dar a felicidade ao gênero humano...”<sup>298</sup>. Era, então, enquanto fonte de felicidade que Agostinho encarava a organização económica da sociedade: “A luta pela abundância económica é uma luta pela liberdade...”<sup>299</sup> e a inteira liberdade só se poderia consumir quando houvesse equidade económica entre todos os cidadãos.

O pensador portuense para superar as limitações da economia planificada e da economia capitalista, encarou o cooperativismo como a terceira via económica, por lhe parecer que esta organização económica conciliava o que de melhor tinha a economia socialista com tudo aquilo que se revelava óptimo no sistema económico capitalista: “...capitalismo [...] que não suprime a concorrência e o juro [...] socialismo, que os já suprime, mas ainda não resolve o problema das relações entre produtor e consumidor [...] e a automação, que faz desaparecer a antinomia de capital e trabalho, empregado e empregador [...] temos de correr rapidamente sobre os dois primeiros sistemas para nos instalarmos no último...”<sup>300</sup>. Assim, no mundo real em que Agostinho agia e pensava, quanto à organização económica, pareceu-lhe que o cooperativismo poderia dar a cada homem uma maior oportunidade de se cumprir “...à imagem e semelhança de Deus, seu poder de criar.”<sup>301</sup>.

Para a consumação do cooperativismo, do ponto de vista da economia, o nosso pensador encontrou nas propostas do economista austro-húngaro que criou a teoria dos ciclos económicos, Schumpeter (1883-1950) o modelo para um sistema de economia mais favorável

---

<sup>296</sup> ) Idem, “A época mais decisiva do mundo”, em *Diário de Notícias-Magazine*, 31 de Dezembro de 1989, p. 6.

<sup>297</sup> ) Cf. idem, “Cruz, política e dinheiro”, em *As aproximações*, p. 53.

<sup>298</sup> ) Idem, “Economia e felicidade”, em *Só ajustamentos*, p. 7.

<sup>299</sup> ) *Ibidem*, p. 9.

<sup>300</sup> ) Idem, “Colectivismo”, em *Textos e ensaios filosóficos II*, p. 244.

<sup>301</sup> ) *Ibidem*.

para a humanidade: “Em economia, e provavelmente porque pouco entendo dessa melancólica ciência, vou mais pelas ideias de Schumpeter, que, no fundo, nada têm que ver com leis económicas, mas sim com a psicologia, ou quem sabe os destinos do homem, do que por todos os outros que vão de Smith a Keynes [...] pouco dou pelo Galbraith. Schumpeter deu aquilo a que se poderia chamar a entropia do capitalismo...”<sup>302</sup>. Agostinho não deixava de reconhecer que a economia tinha sido necessária para o desenvolvimento dos povos, mas agora, na época dos excedentes, quer de mão de obra, quer de produtos fabricados, impunha-se que fosse repensada no sentido de passar “...da produção obrigatória à distribuição gratuita...”<sup>303</sup>. Em seu entender, uma economia perfeita “Seria uma economia, não de competição, mas de mutualismo, uma economia em que todos se ajudam uns aos outros.”<sup>304</sup>.

Firme nos seus propósitos, o intelectual português fazia questão de lembrar aos senhores do mundo que “O problema hoje já não é da produção. O problema é da distribuição”<sup>305</sup> e incitava-os para que se pusessem de acordo no sentido de

**“...estabelecer uma economia de distribuir quando tudo se tem empenhado [...] na tarefa de produzir; tem de se dar comida, não de vender comida, tem de se abrir casa, não de se alugar casa, tem de se curar de graça, não de exigir honorários médicos, diárias de hospital e de a cada passo aumentar o preço das pílulas; cobrar e lucrar têm de ser verbos arcaicos; e prever, dar e amar passarão, esses, a ser verbos que não brilhem apenas nas biografias dos santos.”**<sup>306</sup>.

Para o nosso autor, se aqueles que têm vindo a ser considerados os direitos fundamentais não fossem de facto postos em prática, nenhuma revolução social se poderia aceitar porque a experiência vinha-lhe ensinando que nada se constrói de sólido em cima de alicerces movediços.

---

<sup>302</sup> ) Idem, “Pensamento em farmácia de província: 8 – Abril 77”, em *Dispersas*, p. 679.

<sup>303</sup> ) Idem, “Notas outras sobre a Europa e o mundo”, em *Revista do ICALP*, n.º 15, p. 14. Miguel Morgado, em artigo onde abordou algumas linhas orientadoras das propostas de Agostinho sobre a economia e depois de notar a sua tendência para o comunitarismo cooperativista, apontou que em nada coincide a sua especulação com “...os modelos propostos em França por Proudhon, ou Fourier e os seus falanstérios, e à base do projecto ‘New Harmony’ de Robert Owen. Como em outros domínios inspirava-se na ideia do banquete gratuito na vida que os portugueses, na Idade Média, criaram” (cf. Morgado, Miguel, “Agostinho da Silva e a economia: o caminho para a sociedade da abundância”, em AA. VV., *Agostinho*, S. Paulo, Green Forest do Brasil, 2000, p. 245). Esse novo sistema económico a que os desempregados haveriam de levar, Agostinho achava que nunca tinha sido pensado e que acabaria com a própria ocupação dos economistas, mas este comentador via-o já nas propostas de Keynes: “Keynes tinha, de fato, admitido esta eventualidade. Como economista que não chegava ao ponto de aclamar a inutilidade futura da sua própria ocupação...” (*ibidem*, p. 247).

<sup>304</sup> ) Agostinho da Silva, “Entrevista aos escuteiros do Estoril – Outubro 1991 (entrevista a Luis Villalobos)”, p. 32.

<sup>305</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 84.

<sup>306</sup> ) Idem, “Divagações quanto a futuro”, em *Revista de Educação*, n.º 2, vol. 1, p. 102.

Voltar ao comunitarismo económico, no seu entender, era apenas retornar ao modelo original de sociedade que foi sendo pervertido com “...o aumento da população, um terreno que chegava para um grupo pequeno quando essa gente se multiplicou começou a não chegar e, portanto, cada um a desejar ter alguma coisa de seu...”<sup>307</sup>. Impunha-se então uma atitude mais participativa por parte dos decisores políticos no sentido de corrigir os desmandos económicos, para que se pudesse garantir uma sociedade verdadeiramente justa e fraterna: “A linha que separa passado do futuro coincide com a de critério de propriedade: do passado a propriedade privada, do presente a coletiva, a um tempo opressora e libertadora; para o futuro a não-propriedade.”<sup>308</sup>. Agostinho enfadava-se com as leis da economia, mas no sentido de contribuir para uma sociedade economicamente mais justa, não deixava de apresentar as suas propostas quanto à reorganização económica da sociedade:

**“Por mim, passaria o capitalismo das categorias econômicas para as psicológicas. Há almas capitalistas – de agressividade, de egoísmo, de gosto do prestígio e do poder, de espartilhantes dogmas – que até em socialismo ou anarquismo se manifestarão. Em última análise assentará o Reino na conversão interna, na metanóia: só que as leis ajudam.”**<sup>309</sup>.

Ou seja, o reino final não necessitava de leis de organização social, mas a realidade social por ser fruto de uma degradação da idealidade, não podia prescindir de determinadas normas e leis de âmbito geral.

Mas o cooperativismo económico, pese embora todas as suas potencialidades, não poderia ser o critério definitivo para a sociedade que Agostinho almejava. Essa sociedade tinha de ser conseguida, também, pelo comunitarismo: “No Reino Divino, na organização humana mais perfeita, não haverá nenhuma restrição de cultura, nenhuma coacção de governo, nenhuma propriedade.”<sup>310</sup>. Desta forma estava apontado pelo nosso autor o rumo futuro para a organização económico-social da humanidade.

Em seu entender era preciso reverter o estado da desagregação actual da totalidade da vida humana pela cooperação de todos os homens, que deveriam passar a agir na convicção de que em “Um dia nada será de ninguém, pois todos acharão, por criadores, que têm tudo.”<sup>311</sup>.

---

<sup>307</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 101.

<sup>308</sup> ) Idem, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, p. 69.

<sup>309</sup> ) *Ibidem*, p. 121.

<sup>310</sup> ) Idem, “Doutrina cristã”, em *Textos e ensaios filosóficos I*, p. 82.

<sup>311</sup> ) Cf. idem, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, p. 27.

### 2.3. O comunitarismo cooperativista: forma ideal de sociedade

Do que acabamos de expor depreendesse que, para Agostinho da Silva se impunha que todo o mundo adoptasse o comunitarismo cooperativista como modelo ideal de sociedade: "...é o cooperativismo, sobretudo na sua forma extrema de república cooperativa mundial, melhor sistema do que o de manter à descrição de uns poucos todos os meios de produção."<sup>312</sup>. Em nome do comunitarismo cooperativista era, então, chegada a hora de instaurar uma economia "...de distribuição organizada."<sup>313</sup>. O intelectual portuense contudo, entendia que o comunitarismo cooperativista só se tornaria uma realidade quando todos os homens, fosse qual fosse a sociedade em que vivessem, seguissem o caminho para a "...pobreza voluntária, o serviço dos outros e ao silêncio próprio; o que permitirá a todos o último escalão: contemplar em paz a criação, no perfeito conjunto do homem e do mundo."<sup>314</sup>. A transição para o comunitarismo cooperativista teria, assim, que ser feita por uma renovada organização social assente nas seguintes bases:

**"Por agora, para o geral, democracia direta, economia comunitarista, educação pela experiência da liberdade criativa, sociedade de cooperação e respeito pelo diferente, metafísica que não discrimine quaisquer outras [...] para qualquer indivíduo, o viver, posto que no presente, já quanto possível no futuro: eliminando o seu supérfluo, cooperando, aceitando o que lhe não seja idêntico [...] não querendo educar [...] e procurando tão largo pensamento que todos os outros nele caibam."<sup>315</sup>.**

Agostinho acreditava no comunitarismo cooperativista e pensava que a situação difícil em relação ao mercado de emprego em que os jovens se encontravam, seria o catalizador que os levaria a assumirem-se como os fundadores da nova vida comunitária, assim colocando de lado o actual modo de viver, no qual não se reviam: "Hoje, felizmente, os jovens não aceitam a vida tal como ela é."<sup>316</sup>.

---

<sup>312</sup> ) Idem, "Sistemas de economia", em *As aproximações*, p. 121.

<sup>313</sup> ) Idem, *Conversas com Agostinho da Silva [entrevista a Victor Mendanha]*, p. 101.

<sup>314</sup> ) Idem, "Colectivismo", em *Textos e ensaios filosóficos II*, p. 245.

<sup>315</sup> ) Idem, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, p. 161.

<sup>316</sup> ) Idem, "Agostinho da Silva: A Europa vai morrer (entrevista a João Tocha)", em *Universus*, 28 de Março de 1988, p. IX.

Partindo de uma análise da situação gerada pelo desemprego, entrevia, então, a possibilidade de se instaurar uma nova ordem social: “O desempregado devia ser acarinhado, porque está livre, é o primeiro homem de tempo livre, é o primeiro anjo do mundo.”<sup>317</sup>. Como a sociedade se habituou a valorizar os trabalhadores e a excluir os desempregados, o nosso autor pensava que, mais cedo ou mais tarde, os jovens se revoltariam e, em consequência, poderiam “...partir tudo [...] se eles partirem tudo, esse pode ser um factor revolucionário. Como os terremotos.”<sup>318</sup>. A seguir a tamanho terremoto impunha-se o retorno a uma nova ordem que se haveria de erigir das cinzas que restassem. Esta forma de abordar a organização social assentava num ideal universalista cuja defesa o levava a apelar para as “...duas espécies de revolução: uma é a de mudar o mundo [...] a outra, a de mudar cada pessoa...”<sup>319</sup>. E ambas tinham de se processar em conjunto para que se chegasse à renovação desejada que fizesse “...do mundo uma cidade, na medida em que cidade significa a convivência dos homens, o entendimento entre eles e em cada um deles para todos os problemas que se ponham ao nosso viver no mundo.”<sup>320</sup>.

O intelectual português estava convencido de que se haveria de consumir a revolução final que adoptando como modelo S. Francisco de Assis, se caracterizaria como “...a revolução do despojamento, da disponibilidade e do ascender à Poesia: pois que somente como Poeta, isto, é, Criador, na Arte, na Ciência, na Técnica, na Acção e na Contemplação, será o Homem verdadeiramente à imagem e semelhança do Divino: Centelha em nós do Pensamento eterno.”<sup>321</sup>.

Até lá e olhando ao seu redor, Agostinho, apesar de todas as deficiências, elogiava como sociedades mais aproximadas do seu modelo comunitarista-cooperativista a Noruega e a Dinamarca, por ser nesses países que “A liberdade de expressão das opiniões é perfeita e ninguém acha, além de tudo, que possa estar muito mais certo do que o seu adversário; a maioria não é despótica, nem a minoria se sente humilhada; a realeza passeia de bicicleta pelas ruas e faz o possível por não ofender ninguém; de um modo geral, enquanto o dinamarquês engorda, o poder emagrece.”<sup>322</sup>. Estes países tendo um sistema social razoável que efectivamente libertava as pessoas para um lazer mais efectivo, causavam, contudo, estranheza

---

<sup>317</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 224.

<sup>318</sup> ) *Ibidem*, p. 224.

<sup>319</sup> ) Idem, “Carta vária XI”, em *Dispersos*, p. 819.

<sup>320</sup> ) Cf. idem, *Vida conversável*, p. 147.

<sup>321</sup> ) Idem, “Virá a revolução”, em *Dispersos*, p. 723.

<sup>322</sup> ) Idem, “País modelo”, em *As aproximações*, p. 96.



ao nosso autor, por ser neles que se encontravam as maiores taxas de suicídio, concluindo, por isso que "...no fundo, tanto faz ter como não ter [...]. O dinamarquês se fez sedentário quando o homem é nómada; se fez regrado quando o homem é fantasista; se fez funcionário, quando o homem não é funcionário, mas função: função de Deus"<sup>323</sup>.

---

<sup>323</sup> ) *Ibidem*, p. 98.

## IV. PORTUGAL

### 1. Formação e declínio de Portugal

#### 1.1. A origem

Quanto à origem de Portugal Agostinho da Silva partilhou a interpretação de Alexandre Herculano<sup>324</sup>, quando este rejeitou a ideia de que os lusitanos tivessem sido o povo antepassado dos portugueses: “...o problema dos lusitanos é complicado. Primeiro, porque eles se estendiam mais do que se estende hoje Portugal, no sentido leste-oeste e menos no sentido norte-sul. De maneira que essa coisa de que o português é descendente dos lusitanos é uma fantasia como outra qualquer. Tem alguma base histórica, mas não a que se diz.”<sup>325</sup>.

A teoria do nascimento de Portugal proposta pelo nosso autor não seguia os principais relatos dos manuais de História pois defendia que “Nunca ninguém soube ao certo quais as razões porque nasceu Portugal”<sup>326</sup> e dizia que “...a primeira parte da nossa História é a criação de um parque de recreio próprio e de umas casas de morar”<sup>327</sup>, que serviu de berço ao “...Condado Portucalense”<sup>328</sup>, o qual veio a fornecer a base para a Nação portuguesa. Agostinho defendia, ainda, que Portugal se desenvolveu de Norte para Sul e em consequência, as gentes “...de Entre-Minho-e-Tejo, [eram a] verdadeira base de Portugal...”<sup>329</sup>.

O intelectual portuense, contra as narrativas históricas aceites pelos especialistas que seguiam os cânones académicos, enfatizava, ainda, o iniludível papel que as Ordens Religiosas tiveram, desde o primeiro momento, na formação de Portugal, considerando S. Bernardo de Claraval (1090-1153), o Doutor Melifluo, como o “...o inspirador de Portugal, já nele olhando a

---

<sup>324</sup> ) Cf. Herculano, Alexandre, *História de Portugal*, vol I, Lisboa, Bertrand, 1980, p. 82, onde refere: “Portugal, nascido no século XII em um ângulo da Galiza, constituído sem atenção às divisões políticas anteriores, dilatando-se pelo território de Gharb sarraceno e buscando até, como veremos, aumentar a sua população com as colónias trazidas de além dos Pirenéus, é uma nação inteiramente moderna. Apesar, porém, da sua curta existência, ele não carece de apropriar-se a glória de Sertório ou de revestir de uma importância em parte fictícia as acções de Viriato para se ensoberbecer. A história verdadeiramente sua é assaz honrada e ilustre sem essas vaidades estranhas, que estão longe de terem o valor que se lhes atribui quando as consideramos de perto, e que só serviram para distrair engenhos, aliás grandes, pelo campo das conjecturas, quando não pelo de insulsas fábulas, com dano de mais severas e proveitosas indagações.”.

<sup>325</sup> ) Agostinho da Silva, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 58.

<sup>326</sup> ) *Ibidem*, p. 59.

<sup>327</sup> ) Idem, “Conversa inacabadas... (entrevista a Joaquim Furtado)”, em *Dispersos*, p. 36.

<sup>328</sup> ) Idem, “Entrevista do Prof. Agostinho da Silva ao ICALP”, em *ibidem*, p. 93.

<sup>329</sup> ) Idem, *Reflexão...*, p. 31.

base agrícola e marítima de manutenção e de comércio, pelo menos do Mediterrâneo ao Norte da Europa, mas também, porque só um mar ilimitado satisfaria a religiosa imaginação de um santo, a outros povos longínquos...”<sup>330</sup>.

S. Bernardo de Claraval era, então, para Agostinho, o verdadeiro fundador de Portugal. São Bernardo e os Templários, já que Agostinho acreditava que os também designados Cavaleiros do Templo, que tinham aparecido no ano de 1119, tinham contribuído para deixar traçadas as fronteiras de Portugal “...simultaneamente envolvidos na fé e no lucro...”<sup>331</sup>, com a particularidade de o lucro, no caso presente, ser obtido pelo recurso ao diálogo, processo pelo qual se tentava chegar “...a uma comum plataforma de convivência.”<sup>332</sup>.

Embora não houvesse documentos que sustentassem estas intuições agostinianas, o nosso pensador enaltecia, sempre que podia, o papel de S. Bernardo na fundação da nossa nacionalidade:

**“Por mim, continuo a crer que a fundação de Portugal é o acto inteiro da potência mística e de acção de S. Bernardo, o de Claraval – no seu propósito de curar cismas da cristandade [...] no propósito outro de espalhar cristianismo pelo mundo, cristianismo por ele considerado como a suprema essência do humano na rota do divino; no propósito ainda de ir, no caminho da vida e do concreto, contra a retórica do abstracto e a zoeira escolástica.”**<sup>333</sup>.

S. Bernardo de Claraval, um homem da Igreja interessado no mundo apenas como um caminho para chegar a Deus, caminho de paz e de fraternidade universais, assente na compreensão e tolerância mútua entre os diversos povos das quatro partidas da terra, teria sonhado para Portugal uma importante missão de paz e união entre a Humanidade. Agostinho acreditava tanto que assim tivesse sido que não hesitava em desejar que tudo isto, fosse como fosse, viesse a ser provado:

**“...espero que algum dia alguém invente ou descubra um documento que prove que, quando S. Bernardo pensou na maneira de converter aquela mancha infiel, que lhe atrapalhava a vida e o juízo que tinha do mundo, intuiu que Portugal seria um delicioso cais de partida para dar a volta – Jerusalém era uma imensa muralha muçulmana com poucas**

---

<sup>330</sup> ) Idem, “Fantasia portuguesa para orquestra de história e de futuro”, em *Dispersos*, p. 707.

<sup>331</sup> ) Idem, “Conversão de infiéis”, em *ibidem*, p. 790.

<sup>332</sup> ) Idem, “Dez notas sobre o culto popular do Espírito Santo”, em *ibidem*, p. 764.

<sup>333</sup> ) Idem, “Prefácio”, em Costa, Dalila Pereira da, *A ladainha de Setúbal*, pp. 9-10.

**possibilidades de ser rompida -, ter o caminho aberto da peregrinação e poder, sem recorrer à força, circunvalar o árabe.”<sup>334</sup>.**

Os pontos de vista de Agostinho sobre os primórdios da nacionalidade portuguesa relevavam a acção das Ordens Religiosas sem, porém, nunca por em causa a acção de D. Afonso Henriques enquanto Rei fundador da nacionalidade, pese embora o autor portuense ter considerado pouco edificante a violência física que o nosso primeiro Rei exerceu sobre a sua mãe: “Não teria sido um erro a forma que tomou o gesto fundador de Afonso Henriques, agredindo a mãe, repelindo com violência o Conde de Trava para o reino de Leão? Muitas vezes me interrogo se Portugal não terá de ser fundado outra vez.”<sup>335</sup>. Apesar deste lamento, Agostinho reconhecia o empenho que Afonso Henriques pusera no sentido de fundar um novo reino sobre o qual, em seu entender, “...foi fundamentalmente para mostrar ao mundo como se podia criar um país que não andasse a mudar de fronteiras como têm feito os outros...”<sup>336</sup>.

A missão religiosa que S. Bernardo tinha destinado ao país que veio a ser Portugal, segundo o autor portuense tinha sido continuada ao longo do tempo, tal como se constatava, por exemplo, aquando da empresa dos descobrimentos, no facto de terem sido os franciscanos a embarcar com os portugueses para essa aventura e logo a seguir, os jesuítas. Mas sobre estas Ordens, sobrelevava Agostinho as Ordens Religiosas Militares; para o nosso autor tornava-se óbvio que a “...espinha dorsal de Portugal [...] [são as] ordens monástico-militares.”<sup>337</sup>. E esclarecia: “Quando falo de monástico refiro-me a despojamento, e, quando digo militar, refiro-me à disciplina.”<sup>338</sup>.

## **1.2. O reinado de D. Dinis como período áureo de Portugal**

Agostinho da Silva sempre defendeu que o melhor período que Portugal conhecera enquanto Nação, em toda a sua História, se situava no reinado de D. Dinis, dizendo-nos, ainda, que tinha amadurecido esta opinião com a leitura da História de Portugal escrita por Alexandre Herculano: “Continuo a achar que o Herculano também achou isso e, por isso, se recusou a escrever mais história [...]. Depois de D. Dinis ia fazer a história de Portugal que fez o Oliveira

---

<sup>334</sup> ) Idem, “A nossa obrigação é ser poeta à solta (entrevista a Carlos Câmara Leme)”, em *Dispersos*, p. 163.

<sup>335</sup> ) Idem, “Entrevista com Agostinho da Silva (entrevista a Joel Serrão e outros)”, em *ibidem*, p. 65.

<sup>336</sup> ) Cf. idem, “É a hora – Novembro/88”, em *ibidem*, p. 918.

<sup>337</sup> ) Idem, “Agostinho, ensine-nos (entrevista a Lurdes Féria)”, em *ibidem*, p. 115.

<sup>338</sup> ) *Ibidem*.

Martins, contar a tragédia [...] ou ia fazer a crítica do que se seguiu, e isso fez muito melhor Sérgio [...]. O Herculano [...] queria uma epopeia criadora e notável. E a partir de D. Dinis não tinha mais.”<sup>339</sup>.

O nosso autor considerou que o Rei Lavrador tinha sido o maior representante do “...Portugal das liberdades municipais, da agricultura colectiva e da liberdade religiosa...”<sup>340</sup>. Administrativamente, o reinado de D. Dinis tinha-se revelado excelente porque as bases em que funcionava eram as que, no entender de Agostinho, melhor serviam uma boa organização social, a saber: “...direito foral [...] descentralização administrativa [...] governo eleito por Cortes ou escolhido pelo Rei, mas sujeito em qualquer caso a periódico exame, pelas Cortes...”<sup>341</sup>. O intelectual portuense descrevia a sociedade portuguesa, no reinado de D. Dinis, como uma sociedade que, no essencial, fazia assentar o seu funcionamento na iniciativa individual e na propriedade comunitarista, uma sociedade em que os aglomerados populacionais eram visitados e auscultados pelo Rei antes de este tomar as decisões mais importantes para o conjunto dos seus súbditos, era o “...Portugal liberal da Idade Média [...] dos concelhos, das aldeias de propriedade comunitaristas [...] que dizia ‘Não!’ aos Reis, o Portugal que era ao mesmo tempo científico e prático, o Portugal que reunia cristãos, mouros e judeus na cerimónia em honra do Espírito Santo que Nuno Gonçalves pintou...”<sup>342</sup>.

Mas, para Agostinho, para lá da preocupação com o governo interno do seu reino, D. Dinis, ao querer que Portugal “...além de lar [...] [fosse] igual, ou prioritariamente, cais de partida”<sup>343</sup>, intuiu a vocação universalista que estava destinada ao seu povo, tal como revelava a sua acção ao ter feito “...duas coisas fundamentais para proteger [...] Portugal: por um lado, erguer uma linha de castelos na fronteira que tem com as outras culturas peninsulares [...] por outro lado, fazer o pinhal de Leiria.”<sup>344</sup>. Esta política, ainda no entender do nosso autor, estrategicamente serviu um duplo objectivo de D. Dinis: por um lado, a edificação dos castelos preservava a unidade do seu povo e protegia-o das ameaças terrestres, por outro lado, o pinhal de Leiria que, num primeiro momento, protegeu o seu território da invasão do mar, a seguir permitiu os descobrimentos, uma vez que dos seus pinheiros nasceram as embarcações.

---

<sup>339</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 77.

<sup>340</sup> ) Cf. idem, “O baldio do povo, 2”, em *Dispersos*, p. 534.

<sup>341</sup> ) Idem, *Reflexão...*, pp. 109-110. Sobre esta questão cf., ainda, “Apresentação”, em Ferraz, Marcelo Carvalho, *Arquitetura rural na Serra da Mantiqueira*, pp. 10-12.

<sup>342</sup> ) Agostinho da Silva, *Reflexão...*, p. 140.

<sup>343</sup> ) Idem, “É a hora – Novembro/88”, em *Dispersos*, p. 918.

<sup>344</sup> ) Idem, “Entrevista do Prof. Agostinho da Silva ao ICALP”, em *ibidem*, p. 104.

O modelo de governação de proximidade que D. Dinis implementou em Portugal mantinha no seio do seu povo a convicção de que os governantes se interessavam pelo seu destino e tinham em conta a sua opinião antes de tomarem as decisões que os viessem a afectar. Afinal, D. Dinis era rei e poeta e por isso, no entender de Agostinho, conseguia ver "...para a frente, ver o tempo futuro."<sup>345</sup>. E o futuro não só de Portugal como do resto do mundo, teria que ter um governo de coordenação, uma economia comunitária, uma educação pela vida e uma religião do Espírito Santo. D. Dinis e as políticas aqui enumeradas a que soube dar corpo, eram elogiadas por Agostinho que também reconheceu que os seus sucessores as começaram a pôr de parte.

Apesar de tudo, o intelectual portuense ainda viu resquícios do período áureo de Portugal ao tempo de D. Dinis, no reinado de D. João I, monarca que iniciou a Segunda Dinastia e a quem o nosso autor atribuía a segunda fundação de Portugal: "Diríamos [...] que houve uma segunda fundação com as lutas peninsulares, a conseqüente paz, e Dom João I no trono e Dom Nunálvares no convento, a que pertencia na eternidade e de que só saíra, nascendo, para ir de batalha em batalha até Aljubarrota, e que tinha ela por fim levar a Língua ao mundo e alguma semente de outras culturas populares..."<sup>346</sup>. O interesse que D. João I demonstrou pelo engrandecimento do seu povo levou Agostinho a considerar que "...foi realmente este o primeiro rei de Portugal que começou a mandar. Foi assim que Portugal mudou e houve então gente que não gostou e passou para o lado de Espanha para combater Portugal."<sup>347</sup>.

### **1.3. O declínio de Portugal**

#### **1.3.1. O início do declínio nacional**

Agostinho da Silva considerava que "Cada povo é o que é, mesmo antes de o ser"<sup>348</sup>, pronunciando-se, em consequência, sobre algumas causas, que, em seu entender, levaram ao decaimento de Portugal. Pouco proveitoso para o destino de Portugal, sempre lhe pareceu ser a secular e mútua oposição e rejeição de Portugal e da Espanha, "Aos espanhóis aliados da França se opõem os portugueses aliados de Inglaterra..."<sup>349</sup>. O intelectual portuense, interpretava

---

<sup>345</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 131.

<sup>346</sup> ) Idem, "É a hora – Novembro/88", em *Dispersos*, p. 918.

<sup>347</sup> ) Idem, *A última conversa* [entrevista de Luís Machado], p. 49.

<sup>348</sup> ) Idem, *Reflexão...*, p. 60.

<sup>349</sup> ) *Ibidem*, p. 46. Álvaro Ribeiro acerca da ousada e por vezes mal compreendida interpretação de Agostinho da Silva sobre o destino de Portugal, afirmou: "Este ensaio [*Reflexão...*] luso-brasileiro de filosofia política [...] foi

o destino de Portugal sob o modelo teológico trinitário, fazendo corresponder ao reino do Pai, a unidade ibérica, ao reino do Filho a emancipação de Portugal como Nação e a resistência futura quer a Castela quer à Europa, reservando o terceiro reinado à anunciada vinda do Espírito que representaria o regresso de Portugal à unidade peninsular original, reino da fraternidade plena, pois, para o autor portuense, Portugal “...depois do século XV, só vai ser grande naquilo em que continua a ser medieval; no resto se empequenece.”<sup>350</sup>.

Como vemos, o intelectual portuense considerava que o decaimento da Nação portuguesa tinha o seu início no século XV e devia-se, essencialmente, à importação para o nosso país de um modelo europeu de Estado que não nos servia por assentar num “...capitalismo mercantil de origem alemã e italiana [...] [no] Direito Romano do Império [...] [e no] cristianismo a ele aliado que desemboca no movimento da Contra-Reforma.”<sup>351</sup>. Ora, em seu entender, este modelo de sociedade entrou em Portugal e destruiu o essencial da sua base sócio-económica, a saber: primeiro, “...o comunitarismo agrário, pastoril, florestal [...] marítimo...”<sup>352</sup>; segundo, com “...a ideia de imperador, a realidade do rei democrata, ordenador de repúblicas municipais...”<sup>353</sup> desapareceu; terceiro, “...a Contra-Reforma vem abater por completo o tal culto do Espírito Santo...”<sup>354</sup>, que era a base da teologia portuguesa.

Portugal, na análise do nosso autor “Acantado no seu extremo da Península, de costas voltadas para a Europa mas de frente voltada para o mar [...] resiste quanto pôde a esta invasão de Renascimentos.”<sup>355</sup>. Um dia, contudo, os portugueses, maioritariamente, acomodaram-se à nova realidade e aquela parte do povo que não se revia na nova ordem social emigrou para fazer mundo em outras paragens, mas, sobretudo, para fazer o Brasil. Os portugueses que “...não aguentavam viver num Portugal que ficou e ficaria a partir do século XV – um Portugal com seu comunitarismo económico destruído, com seu direito público e privado abatido [...] com sua religião, fundamentalmente do Espírito Santo, sufocada pela que de Itália vinha...”<sup>356</sup>, tiveram a feliz sorte de poder emigrar para o Brasil. Para os que quiseram ficar o futuro não foi risonho e

---

escrito no signo vigente que subordina a literatura à filosofia [...] o livro permite anotações pessimistas a quem não souber, não puder ou não quiser acompanhar o ilustre autor na sobrevalorização da nossa Idade Média. Com efeito, ao explicar que tais frustrações representam, significam ou comprovam o erro inveterado de importar da Europa Central o erro que perturba, enfraquece ou escraviza a nacionalidade” (cf. Ribeiro, Álvaro, “*Reflexão* – por Agostinho da Silva”, em *Diário de Notícias*, Lisboa, 18 de Dezembro de 1958, p. 13).

<sup>350</sup> ) Agostinho da Silva, *Reflexão...*, p. 67.

<sup>351</sup> ) Idem, “A nossa obrigação é ser poeta à solta (entrevista a Carlos Câmara Leme)”, em *Dispersos*, pp. 165.

<sup>352</sup> ) *Ibidem*.

<sup>353</sup> ) *Ibidem*, p. 166.

<sup>354</sup> ) *Ibidem*.

<sup>355</sup> ) Idem, *Reflexão...*, pp. 89-90.

<sup>356</sup> ) Idem, “Carta vária XXVI”, em *Dispersos*, p. 832.

depressa viram “...aproximarem-se cada vez mais as soluções da melancolia, da loucura ou do suicídio.”<sup>357</sup>.

Por vezes, o nosso autor chegava a duvidar que Portugal alguma vez tivesse sido grande: “...Portugal não decai, pela simples razão de que nem sequer chegou a atingir o ponto mais alto do seu desenvolvimento [...] é que o que Portugal podia ter sido se chocou com uma Europa, com muito mais força do que ele e que escolhera caminhos bem diferentes [...] quem [...] está decadente é a Europa, tão longe agora de seus ideais medievais...”<sup>358</sup>.

O estado de decadência em que Portugal se encontrava devia-se, assim, a vários erros na sua governação que o nosso autor não deixava de apontar. Um erro, estava no facto de os portugueses terem abandonado a Galiza “...ao ímpeto centralista da meseta, por aqui cometendo sua primeira falta histórica, a de terem desistido da Galiza.”<sup>359</sup>. Esta tinha sido uma falta muito grave, pois para o nosso autor, “Nunca se deveria ter abandonado a Galiza; se havia que morrer, havia que morrer junto com ela...”<sup>360</sup>. A juntar ao abandono da Galiza, os Templários que tinham sido decisivos para a formação de Portugal, afastaram-se do ideário verdadeiramente cristão em que se tinham desenvolvido: “...os Templários [passaram] de comerciantes a banqueiros, e de banqueiros vieram a ser presa apetecível e apetecida, e vencida, de eclesiásticos e outros, errados na vocação, e de nobres cujo pedestal muito alicerçara e erguera a rapina.”<sup>361</sup>. Outro erro, considerado pelo nosso autor como o maior de todos, revertia do “...pecado de não se ter continuado a trabalhar a terra quando se partiu para o mar...”<sup>362</sup>.

Servindo-se da interpretação comparada do desenvolvimento histórico da China e Portugal, Agostinho estabelecia uma similitude inversa no decaimento de ambos os países: “A China cometeu o erro de não deixar navegar para não perder a sua Idade Média. Portugal, deixou navegar, perdendo a sua Idade Média. E os dois países são decapitados na mesma altura.”<sup>363</sup>.

O autor portuense também considerou os crimes que os representantes do Estado português tinham cometido com o recurso à violência, por vezes com o consequente derramamento de sangue, como uma causa fundamental do decaimento de Portugal: “As traições de Afonso Henriques; o esbulho de Afonso III; as infidelidades de D. Dinis; a execução

---

<sup>357</sup> ) Idem, *Reflexão...*, p. 71.

<sup>358</sup> ) *Ibidem*, pp. 95-96.

<sup>359</sup> ) Idem, “Considerando o Quinto Império”, em *Dispensos*, p. 191.

<sup>360</sup> ) *Ibidem*, p. 192.

<sup>361</sup> ) Idem, “Conversão de infiéis”, em *Dispensos*, p. 790.

<sup>362</sup> ) Idem, “Conversas inacabadas... (entrevista a Joaquim Furtado)”, em *Dispensos*, p. 42.

<sup>363</sup> ) Idem, “Entrevista do Prof. Agostinho da Silva ao ICALP”, em *ibidem*, p. 101.



de Inês de Castro; o abandono do Infante D. Fernando – tudo pecados de Portugal [...] pecados que ainda se não pagaram; que talvez exijam que Portugal de si próprio se despoje; que inteiro se faça monge - e que deixe aos que criou fora de si os encargos do tempo. Sobretudo falo de Brasil e da África; de Goa e de Macau; de Nagasaqui e de Timor.”<sup>364</sup>. No entender do nosso autor, Portugal tinha construído um império “...sobre mortos, e que realmente somos todos nós um Infante D. Henrique que ao irmão atraiçoa para que Ceuta não caia; e Ceuta, afinal, caiu; ou não teve ainda, pelo menos, destino que se visse.”<sup>365</sup>. Estes mortos, eram, então, o resultado de decisões que tinham desprezado o valor único de cada vida humana e tinham preferido o sucesso material à elevação moral. Eram portugueses valorosos condenados à morte por familiares que não os quiseram salvar por entenderem que as relações entre as pessoas se deveriam estabelecer não na fraternidade humana, mas sim no exercício da força.

Apesar de fazer assentar a sua interpretação histórica sobre dados concretos, Agostinho resistia a uma interpretação meramente factual por acreditar que “...no fim de tudo, melhor ou pior o dirá história que nós próprios formos fazendo e em que, quanto possível, meditemos as duas histórias, a que, julgada impossível, lá foi sendo, e a que, podendo ter sido, nunca foi.”<sup>366</sup>.

### **1.3.2. Expressões do declínio nacional**

#### **1.3.2.1. Reis, príncipes e nobres**

O primeiro reinado a demonstrar o declínio pátrio tinha sido, para Agostinho da Silva, o de D. Afonso IV que herdou, de D. Dinis, um Portugal que se organizava como uma federação de municípios, cometendo, logo a seguir, o pecado de “Entre a Razão de Estado e o Amor...”<sup>367</sup>, ter mandado matar D. Inês de Castro, fundando, na opinião do nosso autor, sobre o sofrimento e o sangue, um reinado que trouxe amargura e ressentimento àquele que haveria de o substituir, o seu filho, D. Pedro I.

D. João II o Príncipe Perfeito, foi cognominado pelo nosso pensador príncipe “...maquiavélico...”<sup>368</sup> e, pese embora tenha mostrado consideração por alguns dos seus feitos,

---

<sup>364</sup> ) Cf. idem, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, p. 131.

<sup>365</sup> ) Idem, *Educação de Portugal*, p. 10.

<sup>366</sup> ) Idem, “Uma glosa, e só, e breve: Pois de eras afonsinas”, em *Diário de Notícias*, 30 de Novembro de 1972, pp. 19-20.

<sup>367</sup> ) Idem, “Fantasia portuguesa para orquestra de história e de futuro”, em *Dispensas*, p. 710.

<sup>368</sup> ) *Ibidem*, p. 715.

criticou-o duramente por ter escolhido adorar “...não a Deus, mas a bezerras de ouro; traiu a nação no que ela tinha de essencial...”<sup>369</sup>, ou seja, o culto do universalismo ecuménico. Este tinha sido, em seu entender, também o erro de D. Manuel I (1469-1521). A ambos, então, Agostinho criticou o facto de terem concedido privilégios ao cristianismo em detrimento de outras religiões, impedindo, assim, o sentido ecuménico da nossa História; este “...foi o pecado de D. João II e D. Manuel.”<sup>370</sup>. A D. Manuel I ainda recriminou por ter ido morar para “...Lisboa [que] se ancorou como capital e entendo que o motivo está na atracção da pimenta [...] assim ficou o costume de haver um governo central muito cuidadoso, mais com os bens do país, que arrebanhava ao próprio país.”<sup>371</sup>. Com este acto, o Venturoso estabeleceu para Portugal uma capital fixa e uma administração centralizada que nada tinham a ver com a essência da nação portuguesa.

D. João III, no entender do intelectual portuense também marcou negativamente Portugal ao “...enterrar para um largo futuro a noção de concelho, a de propriedade colectiva, a da santidade do Espírito livre, outra vez se voltando à autoridade do Pai e ao sacrifício do Filho...”<sup>372</sup>.

D. João VI foi outro rei mal amado pelo nosso autor, uma vez que, face ao poderio da Europa e à sujeição de Portugal, decidiu abandonar o Brasil, sem ter percebido que se tivesse mantido este grande país “...teria decidido de vez a possibilidade de um mundo português feito de nações independentes e livres com seu centro de gravidade não já em Portugal, mas no Brasil.”<sup>373</sup>.

O Infante D. Henrique em diversos aspectos da sua acção mereceu duras críticas do nosso autor: “A verdadeira grandeza do Infante D. Henrique está no que tem de português, na sua concepção religiosa da vida, na sua paciente persistência, nas suas visões ou sonhos do Espírito Santo. Mas também nele existe o que diminui a expansão portuguesa: a dureza de sacrificar irmãos [...] o gosto do isolamento [...] fazer que importe nas empresas o lucro material.”<sup>374</sup>. Por isso, com tristeza, concluía: “Pelo Infante se fez história; mas se diminuiu o Espírito.”<sup>375</sup>. O Infante D. Henrique tinha-se interessado pela economia da concorrência e do lucro, pondo de parte o que era essencial na nação portuguesa, que era a solidariedade e a cooperação e, por isso, o intelectual portuense mostrava-se crítico da aura que granjeou na

---

<sup>369</sup> ) Idem, *Reflexão...*, p. 66.

<sup>370</sup> ) Idem, “Considerando o Quinto Império”, em *Dispersos*, p. 193.

<sup>371</sup> ) Idem, “Um modo de entender Portugal”, em *ibidem*, p. 867.

<sup>372</sup> ) Cf. idem, “Perspectivas”, em *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, nº 4, 1968, p. 6.

<sup>373</sup> ) Idem, *Reflexão...*, p. 102.

<sup>374</sup> ) *Ibidem*, p. 61.

<sup>375</sup> ) *Ibidem*.

História de Portugal: “Chamar-se ao Infante [D. Fernando] o Santo é protestar contra o desvio que levou do Império dos mares, os mares sobre que flutua o Espírito, para o Império das terras. Que levou de ser a ter. Que decisivamente nos lançou no turbilhão dos capitalismo europeus.”<sup>376</sup>. Agostinho considerava, ainda, que a forma como D. Henrique se comportou face a D. Fernando, era um acto que não se podia desculpar, pois, em seu entender, “...com o sacrifício de D. Fernando, o que se atingia era a própria e mais delicada raiz de Portugal império fraterno, império humano, império católico: Quinto Império. Matando-o.”<sup>377</sup>.

### **1.3.2.2. Escritores e movimentos culturais contemporâneos**

Eça de Queirós (1845-1900) no entender do nosso autor, traçou uma caricatura de Portugal e, pese embora lhe elogiasse a qualidade literária da sua obra, entendia que sempre que o seu discurso versava sobre Portugal e os portugueses manifestava uma clara desadequação entre a descrição e a realidade descrita. Nas descrições de Eça, no entender de Agostinho, era tudo “...inconsistente, impensado, imaturo. Ao menos as personagens pelas quais Júlio Dinis verdadeiramente se interessou sabiam claro o que tinham pela frente: ou a miséria ou a emigração desprotegida.”<sup>378</sup>. Contraditoriamente, em outro escrito, o nosso autor achou Eça mais nacionalista e iberista que Júlio Dinis, porque lhe parecia que em certos aspectos da sua obra revelava uma “...concepção da vida [...] essencialmente trágica, e é bem significativo que o impulso em tal sentido lhe tivesse porventura vindo do Brasil...”<sup>379</sup>.

A Wenceslau de Moraes (1854-1912), oficial da armada portuguesa que foi para o Japão com o intuito de fortalecer as relações entre os dois países, lamentou o facto de não ter sido capaz de trazer “...a China para o círculo daquela cristandade humana e divina...”<sup>380</sup>. No entender de Agostinho, Wenceslau também não percebeu “...a profunda correlação entre o nosso culto medieval do Espírito Santo e o ‘Zen’ dos japoneses...”<sup>381</sup>.

Agostinho reagiu negativamente ao desconhecimento que alguns dos maiores historiadores portugueses mostravam sobre a realidade do seu país: “Não deixa de ser curioso que os melhores historiadores de Portugal – um Herculano, um Oliveira Martins, um Sérgio –

---

<sup>376</sup> ) Idem, “Considerando o Quinto Império”, em *Dispersos*, p. 192.

<sup>377</sup> ) Idem, *Reflexão...*, p. 62.

<sup>378</sup> ) *Ibidem*, p. 122.

<sup>379</sup> ) Idem, “Prefácio a *Eça, Discípulo de Machado?* De Alberto Machado da Rosa”, em *Dispersos*, p. 223.

<sup>380</sup> ) Idem, “Guia breve de leitura: Wenceslau de Moraes”, em *Vida Mundial*, 29 de Outubro de 1971, p. 25.

<sup>381</sup> ) *Ibidem*, p. 26.

tenham sido inimigos do mar e esquecidos de grande parte do Mundo [...]. De Herculano se sabe como sempre preferiu a vaca à nau; de Martins, como lhe tocava menos o mito do Quinto Império [...] do que a ambição de dominar o Terreiro do Paço; e de Sérgio [...] sempre [...] achando [...] que Portugal devia ser um país de Espinosas...”<sup>382</sup>. A interpretação histórica de Oliveira Martins (1845-1894), também desagradava em parte ao nosso autor, pela sua teoria de que Portugal, após 1580, deveria ter-se mantido, de uma forma ou de outra, no seio espanhol: “...a ignorância do O. Martins de que é exactamente depois de 1580 que Portugal faz o Brasil. Ele não viu que Alcácer Quibir [...] foi a sorte do Brasil! Primeiro porque impediu que o turco se instalasse em Marrocos e de Marrocos passasse para cá [...]. Em segundo lugar os mouros [...] apropriaram-se de muitas armas que os portugueses deixaram em Alcácer [...] e chegaram aos impérios da Volta...”<sup>383</sup>. A interpretação da História de Portugal de Alexandre Herculano e de Oliveira Martins desagradava profundamente a Agostinho em todas as partes em que não considerava a vocação atlântica do nosso povo: “O Herculano enjoava no mar [...] e o O. Martins era a mesma coisa: só se consolava de viver em Portugal com a ideia de que um dia poderia ser o ditador da Nação.”<sup>384</sup>. Herculano, Antero, Oliveira Martins, Eça, António Sérgio e outros portugueses de renome, em seu entender, não souberam, nem quiseram, compreender a especificidade de Portugal e a sua missão fundamental que era atlântica e não europeia.

Como o movimento romântico era uma consequência directa da revolução industrial e da revolução francesa que contribuiu fortemente para a afirmação dos nacionalismos liberais, tal facto desagradava profundamente ao nosso autor, pelo que não deixou de criticar o romantismo português: “...no Romantismo, existem os males da generalização apressada, do culto de entidades com cuja realidade prática ninguém se preocupava e do gosto da eloquência, que pode ser admirável sob o ponto de vista artístico, mas que o é muito menos pelo que respeita ao económico e ao político.”<sup>385</sup>.

O pensamento e a acção que emanaram dos movimentos da *Renascença Portuguesa* e da *Seara Nova*, nos quais Agostinho militou, revelaram-se-lhe insuficientes quanto ao interesse que demonstraram em entender a realidade do nosso país. Em seu entender, o primeiro movimento afogou a sua acção num espiritualismo nacionalista redutor e o segundo abrigou os seus propósitos numa racionalidade estrangeirada. Assim, a ambos os movimentos, segundo o

---

<sup>382</sup> ) Idem, “Fantasia portuguesa para orquestra de história e de futuro”, em *Dispersos*, p. 705.

<sup>383</sup> ) Idem, “Conversas inacabadas... (entrevista a Joaquim Furtado)”, em *ibidem*, pp. 36-37.

<sup>384</sup> ) *Ibidem*, p. 37.

<sup>385</sup> ) Cf. idem, *Reflexão...*, p. 106.

intelectual portuense, faltou perceber que “Só um Portugal que fosse apoiado e defendido por territórios da mesma cultura e da mesma língua, independentes e além-mar, poderia ter alguma possibilidade, primeiro, de uma reforma radical; segundo, de uma contribuição séria para a re-hispanização da Espanha; terceiro, de se preparar para a influência que deveria exercer sobre a própria Europa.”<sup>386</sup>.

### 1.3.2.3. O sentimentalismo inconsistente

A ideia de que os portugueses não se adequavam ao rigor filosófico, surgiu ao nosso autor muito cedo. Em 1942 a propósito de Antero dizia que “...explorou um mundo de idéas filosóficas, embora não fôsse um filósofo...”<sup>387</sup> e o mesmo pensava dos portugueses em geral: “...o português, pelo menos até hoje, não tem revelado grandes propensões para a filosofia...”<sup>388</sup>. Agostinho, contudo, considerava a pouca apetência dos portugueses para a Filosofia, como uma vantagem do nosso povo: “...o destino de Portugal não era o de ser filósofo; contemplar pejejas de longe, para delas ter ideia de conjunto, ficava para filósofos europeus ou então para pensadores portugueses, à maneira de Sanches ou de Spinoza, que circunstâncias especiais lançavam longe dos campos de batalha.”<sup>389</sup>. Os portugueses ao não serem capazes de produzir as sínteses que o pensamento filosófico exige, revelaram todas as suas potencialidades na acção e isso, para o nosso autor, era uma vantagem, pois, a Filosofia enquanto sistema “...deixa fora muito da vida [...] filosofia é ferramenta [...] o valor da vida não consiste em pensá-la, mas em vivê-la.”<sup>390</sup>. A especificidade do povo português revelava-se na acção o que reforçava a convicção do intelectual portuense de que “Os rigores filosóficos nunca foram nossos; nunca fomos de análises e de sínteses; nunca fomos rigorosamente matemáticos; e sempre fomos muito inclinados a falar bastante bem do que sabemos bastante mal.”<sup>391</sup>.

Porém, nesta pouca ou nenhuma apetência nacional para o exercício filosófico, o nosso autor também via um lado negativo, a saber, a de ficar aberta a porta do sentimentalismo balofo e ingénuo, que se manifestava no saudosismo e no fado. Com efeito, Agostinho da Silva considerou o sentimentalismo português, nomeadamente aquele que foi alimentado pela poesia

---

<sup>386</sup> ) *Ibidem*, pp. 130-131. Cf. ainda, idem, “Apontamento: Nova seara da ‘Seara’”, em *Vida Mundial*, 4 de Agosto de 1972, p. 37.

<sup>387</sup> ) Idem, “Prefácio”, em Sá Victor de, *A mocidade de Antero*, p. [2].

<sup>388</sup> ) *Ibidem*.

<sup>389</sup> ) Idem, *Reflexão...*, p. 79.

<sup>390</sup> ) Idem, “Originalidade portuguesa”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, p. 27.

<sup>391</sup> ) *Ibidem*.

de António Nobre, pela especulação em torno da saudade e pelo fado enquanto canção nacional, como um dos piores males do nosso país.

A criação poética de António Nobre representava, para o nosso autor, a visão tacanha dos portugueses que não eram capazes de imaginar Portugal fora dos limites que o continente lhe impunha. A tristeza e o desencanto dos portugueses tinha culpados, sendo um dos principais António Nobre, a quem Agostinho nunca perdoou o facto de ter posto a “...melancolia a prazo no banco e passou a viver dos juros [...] nunca mostrou nenhuma paixão extraordinária pelo mar.”<sup>392</sup>. O intelectual portuense estava convencido de que o autor de *Só*, ao transformar-se em “...industrial da saudade...”<sup>393</sup> soube explorar como ninguém o filão da melancolia.

O intelectual portuense servia-se da experiência adquirida na longa ausência de Portugal para fundamentar a sua crítica ao saudosismo: “...eu, no Brasil, nunca tive nenhuma saudades de Portugal, nem da sua gente [...]. Só tem saudades aquele que deixa que haja a ausência das pessoas...”<sup>394</sup>. Agostinho criticava o sentimento saudoso dos portugueses e considerava que a saudade era um sentimento geral, comum a todos os povos, não correspondendo a uma particular característica dos portugueses.

Portugal afundava-se na tristeza que se confundia com as brumas onde se tinha perdido o Rei menino e Agostinho lamentava este sentimento: “...quando qualquer pessoa vai por essa carreira do sentimentalismo português e do fado, etc. [...]. Vou em cima disso, que são coisas que eu detesto!”<sup>395</sup>. Em consequência da forte rejeição do sentimentalismo português, o nosso autor lamentava o facto de Amália Rodrigues ter conferido ao fado o estatuto de canção nacional e de o ter espalhado com sucesso por todo o mundo, associando-o à maneira de ser dos portugueses. O intelectual portuense opunha-se veementemente a “Qualquer espécie de fado, só o jeito mole com que o sujeito pega naquela guitarra e as boquinhinhas que faz para a sujeita [...] é das piores coisas que têm sucedido a Portugal essa indústria do fado!”<sup>396</sup>. A sua rejeição do fado era total e por isso, entre a Amália, fadista e o Eusébio, futebolista, que também tinha levado o nome de Portugal a todo o mundo, não hesitou em escolher o segundo: “É evidente que o Eusébio valia muito mais do que o fado! Muitíssimo mais! Pelo menos [...] dava pontapés direitos e para um determinado fito! Com o fado não.”<sup>397</sup>.

---

<sup>392</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 155.

<sup>393</sup> ) *Ibidem*, p. 156.

<sup>394</sup> ) Agostinho da Silva, *Vida conversável*, p. 117.

<sup>395</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 157.

<sup>396</sup> ) *Ibidem*.

<sup>397</sup> ) *Ibidem*.

#### 1.3.2.4. O centralismo estatal medíocre

Agostinho, quiçá se exagerando no discurso, considerava que

**“Os últimos quinhentos anos da história de Portugal, do século XV até hoje, são a história do conflito entre a corte e o império. A corte foi quase sempre governada por medíocres, ocupada por medíocres, celebérrimos no tempo deles, mas de quem hoje se não sabe o nome. O império foi governado por uns sujeitos que se viam aflitos com a corte, tinham muita sorte quando não regressavam a Portugal e iam parar à cadeia, voltavam pobres de pedir, lá fora viam-se atrapalhados...”<sup>398</sup>.**

O centralismo político medíocre, tinha, assim, inibido a liberdade individual e prejudicado a vocação atlântica do povo português. Assim o mostravam os exemplos de vida de algumas figuras que souberam ligar o Atlântico ao destino de Portugal e que, em consequência, tiveram sérios problemas com os governos de então: “O Albuquerque, o D. Francisco de Almeida, o D. João de Castro, toda essa gente apanhou do lado da corte! ‘Eu próprio ia apanhando do lado da corte se o Brasil não fosse independente...”<sup>399</sup>.

A última revolução que Agostinho acompanhou, a revolução dos cravos ocorrida em 25 de Abril de 1974, em seu entender, nada de novo trouxe para que Portugal pudesse corrigir os erros de opção política acumulados durante séculos quanto à sua organização social e económica. Esta revolução pareceu ao nosso autor “...um pronunciamento militar sem grande largueza política e que por outro lado se entrava em passo de pôr imediatamente Portugal a caminho de um regime parlamentarista que continuo a achar que não é o caminho mais adequado a Portugal.”<sup>400</sup>. Pese embora o pouco entusiasmo demonstrado, Agostinho, contudo, encontrou na presente revolução o benefício de ter libertado “...o País de ser metrópole...”<sup>401</sup> e pouco mais: “...não julgo que o 25 de Abril trouxe outra coisa senão a liberdade de pensar e agir em Portugal. Foi apenas uma data que terminou uma certa fase da nossa história – uma fase, digamos, mais fortemente ditatorial – e abriu às pessoas a possibilidade de iniciativa.”<sup>402</sup>.

---

<sup>398</sup> } *Ibidem*, p. 202.

<sup>399</sup> } *Ibidem*.

<sup>400</sup> } Cf. idem, *Vida conversável*, p. 53.

<sup>401</sup> } Idem, “Notas de passado e de presente”, em *Dispersos*, p. 610.

<sup>402</sup> } Idem, “A nossa obrigação é ser poeta à solta (entrevista a Carlos Câmara Leme”, em *Dispersos*, p. 171.

Por isso, como apesar de todas as revoluções ocorridas, o Estado português continuava a preocupar-se essencialmente com a vertente económica, Agostinho mostrava, de forma veemente, a sua oposição às principais instituições que o suportavam:

**“...não quero saber do Presidente para nada, nem do Tribunal Constitucional, nem nunca mais quero saber do Estado português – o que me dá muito maior liberdade para saber de Portugal [...] o que eu gosto é de Portugal, não do Estado português, nem dessas autoridades todas, embora possa ou não gostar das pessoas...”<sup>403</sup>.**

No entender do nosso autor houve momentos no desenrolar da nossa História que impediram a realização do Portugal ideal, nomeadamente no que dizia respeito às relações políticas que se estabeleceram com a Índia, Goa e China, que, se tivessem sido bem direccionadas, poderiam ter-nos ajudado a conseguir uma união com outros povos. Reconhecendo o mau funcionamento da nossa política externa ao longo dos tempos, o nosso autor criticava os decisores políticos que desperdiçavam a mais recente presença portuguesa em Macau, mostrando-se incapazes de orientar a sua acção no sentido de conciliar o pensamento ocidental com o oriental, síntese representada em “...D. Henrique, metade inglês, metade português, metade cruel, metade piedoso, metade místico, metade sábio e técnico, cultuava o Espírito Santo, de metafísica laotsiana, e ia bem por Cunfúcio na sua prática de cortes, de comerciantes e de nautas. O escol da Nação isto esqueceu, porque se estrangeirou; o Povo nunca. Daí que não haja verdadeira vida nova se não recuperar o Povo o poder que séculos roubaram.”<sup>404</sup>. O problema de Portugal, no entender do nosso pensador, prendia-se com o facto de ignorar os momentos áureos da sua evolução histórica, a saber, o culto popular do Espírito Santo e a gesta dos pensadores maiores do Império do futuro, Camões, Vieira e Pessoa.

### **1.3.2.5. A integração europeia**

O nosso autor sempre foi contra a união política da Europa, classificando, em 1986, a CEE como “...o departamento de secos e molhados da Europa. Para além de ser uma tentativa

---

<sup>403</sup> ) Idem, *Vida conversável*, p. 114.

<sup>404</sup> ) Idem, “Carta chamada Santiago. 17.8.74”, em *Dispersos*, p. 606.



de economia fruste e desgraçada que não tem interesse absolutamente nenhum, falta o resto.”<sup>405</sup>. O resto, em seu entender, era a capacidade de pensar e de realizar uma Europa

**“...confederada, económica e politicamente, estendida o mais possível para leste e com aquela mistura de capitalismo e socialismo em que parece ir estabilizar-se uma parte do mundo...”**<sup>406</sup>.

Agostinho era claro ao rejeitar qualquer possibilidade de uma união europeia, mais ou menos alargada, que aspirasse a mandar “...em Portugal, ou, mais largamente, na Península...”<sup>407</sup>, pois, em seu entender, era o contrário que devia suceder, ou seja, era toda a Península Ibérica que deveria servir de exemplo à Europa a qual, “...por nós, e como outrora, se [...] [encaminhará] ao mundo, se assim o quer. Não sei o que fará Inglaterra de suas próprias fórmulas; acho, porém, que muito boa é para nós aquela de seu Churchill: ‘Prefiro a qualquer Europa o mar aberto’; acrescentaríamos daqui: ‘O mar por nós aberto.’”<sup>408</sup>. A questão de Portugal pertencer ou não ao espaço político europeu, para ele, punha-se de uma forma simples: ou a Europa ganhava uma verdadeira vocação atlântica, ou então, Portugal deveria abandonar esta União uma vez que para os portugueses “...escolher entre Europa e o seu espaço marítimo; só uma escolha se lhes impõe: a de persistirem em ser ou de se demitir...”<sup>409</sup>. O nosso autor previa mesmo que, no futuro, a então Comunidade Europeia (actual União Europeia) se haveria de extinguir para dar origem a uma nova associação de países, já não económica, mas solidária, no seio da qual Portugal e a Espanha seriam os representantes do resto do mundo<sup>410</sup>. Por isso, assim pensava:

**“...tal adesão [...] é possivelmente, apesar de tudo, o toque de partida para uma nova expansão de Portugal, não para ser mensageiro ao mundo, como da outra vez, mas para trazer a quem tão mal os ouve os recados humanos do dito mundo.”**<sup>411</sup>.

---

<sup>405</sup> ) Idem, “A nossa obrigação é ser poeta à solta (entrevista a Carlos Câmara Leme”, em *ibidem*, p. 164.

<sup>406</sup> ) Idem, “Há quem proponha chamar-se-lhe docimologia”, em *Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, p. 190.

<sup>407</sup> ) *Ibidem*.

<sup>408</sup> ) *Ibidem*.

<sup>409</sup> ) *Ibidem*, p. 191.

<sup>410</sup> ) Cf. idem, “Uma folhinha de quando em quando”, em *O Setubalense*, 9 de Outubro de 1991, p. 4.

<sup>411</sup> ) Agostinho da Silva, “De Portugal, e da Europa, e do Mundo”, em *Nova Renascença*, nº 22, Primavera de 1986, p. 89. Nos anos seguintes sobre a união de Portugal om a Europa repetiu os mesmos argumentos na correspondência “Carta vária”, cf. por exemplo: “Carta vária XVIII”, em *Dispersos*, pp. 825-826 e “Carta vária XXX”, em *ibidem*, pp. 835-836.

Para evitar o sentido meramente economicista da adesão e abrir a Europa ao resto do mundo, Agostinho lançava o repto aos políticos portugueses para que se dirigissem ao país vizinho, à Espanha, com “...o tratado de Adesão e o de Roma, que tem de se rever e de alargar, levando-o a um passado que se teima em utopicamente conservar ao tal utópico futuro [...] por terem estes dois tratados finalmente revogado e arquivado o quinquentenário de Tordesilhas, que automaticamente dividiu o globo e acabou por fazer com que portugueses e espanhóis, de cada vez que [se] encontravam, mostrassem um ao outro o dente pronto a morder.”<sup>412</sup>. Enfim, para a Península servir de exemplo a uma aliança de paz, não poderia consentir que o novo poder que se adivinhava assentasse na força, qualquer que ela fosse. A força da economia, agora, não poderia substituir a força dos exércitos ao tempo de Tordesilhas.

## **2. Pilares da renovação de Portugal**

### **2.1. O Povo**

Agostinho da Silva propunha uma renovação de Portugal a partir do povo, mas do povo simples, como dava a entender em *O império acabou...: “Tenho ali uma fotografia num postal, que me chegou no outro dia mandado por um amigo [...] quando estou em perigo de não me lembrar o que é o povo deito um olhar àquilo. É uma taberna do Alentejo. Gosto do povo tal como ele é.”*<sup>413</sup>. O povo dava-lhe garantias de futuro, porque se lhe apresentava com um passado glorioso bem patente, quando, após a reconquista cristã resistiu ao abandono da Península por parte do resto da Europa. Em seu entender, foi ainda o povo que conservou e transmitiu as “...heresias de Prisciliano e Joaquim de Flora, que foram os distantes aliados duma Borgonha

---

<sup>412</sup> ) Agostinho da Silva, “De Portugal, e da Europa, e do Mundo”, em *Nova Renascença*, nº 22, Primavera de 1986, pp. 90-91.

<sup>413</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, pp. 15-16. Maria da Conceição Azevedo, relatou o significado que Agostinho atribuía a essa fotografia: “Ouvi contar a alguém que o visitava em sua casa que o Prof. Agostinho da Silva tinha na sala em caixilho de duvidosa qualidade uma fotografia retratando uma taberna do Alentejo. De um lado e do outro, dois bancos corridos onde se sentavam alguns homens. Ao centro, o taberneiro, os nós dos dedos sobre o balcão, olhando a câmara. Timidamente o meu amigo ousou: ‘Senhor Professor, ainda que mal pergunte, o que é isto?’. Ao que ele, serenamente, respondeu: ‘Isto é o povo português à espera do futuro’” (cf. Azevedo, Maria da Conceição, “A propósito de ‘Educação de Portugal’ e de ‘Aforismos e paradoxos’”, em AA. VV., *Tradição e inovação, sua unidade em Agostinho da Silva – Actas de colóquios sobre Agostinho da Silva, 1996-1999*, CADA – de cada um a cada qual, s/l, s/d, p. 163).

oposta aos maquiavelismos centralistas de Luís XI...”<sup>414</sup>. O intelectual portuense estava convencido de que era a fé do povo e não a acção dos políticos que mantinha vivas as características essenciais da Península após a sua desagregação. O povo, contra o calculismo racionalista dos reinados de D. João II e de D. João III, clamou por D. Sebastião, esse rei que no nevoeiro deixou sem rasto as promessas de tempos melhores: “...o grande crente foi sempre o povo, pouco importava quem fora D. Sebastião cientificamente e no passado; era o nome do colectivo para o futuro [...] o que vale no sebastianismo não é o ponto de partida, mas a força da marcha e a meta da chegada...”<sup>415</sup>.

Agostinho entendia que os dislates que Portugal cometeu ao longo da sua História se deviam ao mau exercício do poder por parte dos seus governantes e não ao povo, que se mostrou incondicionalmente solidário com os injustamente punidos, recusando-se

**“...a ser cúmplice dos pecados dos chefes: sempre chorou Inês de Castro, sempre gritou sua mágoa pelo Infante preso em Fez, pressurosamente recolheu os escravos que, na praça de Lagos, D. Henrique vendia. Os chefes, porém, porque o não são plenos, nunca em Portugal ouviram o Povo.”**<sup>416</sup>.

Era por isso que, apesar de toda a sujeição dos portugueses a governantes quase sempre mediócras, Agostinho, servindo-se dos desastres passados, incitava todos os elementos do seu povo para que fossem “Candidatos a entender o mundo na sua plenitude, e a fazerem o possível por não se meterem em tarefas que os não divirtam...”<sup>417</sup>.

O intelectual portuense propunha-se reabilitar Portugal a partir do povo por estar convicto de que o nosso país, desde os descobrimentos, tinha perdido a verdadeira noção do que representava enquanto espaço físico original e agora, com o fim do Império, concluía

---

<sup>414</sup> ) Agostinho da Silva, “De que há povo”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, p. 59. Quanto ao superior interesse de Agostinho pelo Povo, Álvaro Ribeiro, escreveu: “Agostinho da Silva concorda com Teófilo Braga em atribuir ao povo uma resistência de ordem maravilhosa e de sinal profético [...]. A diferença notável entre os dois historiadores da literatura está em que o doutrinador positivista procurou fundamento na lei dos três estados formulada por Augusto Comte, enquanto o intérprete franciscanista considera por firmamento o dogma da Santíssima Trindade” (cf. Ribeiro, Álvaro, “Reflexão – por Agostinho da Silva”, em *Dário de Notícias*, 18 de Dezembro de 1958, p. 13).

<sup>415</sup> ) Agostinho da Silva, “Noutro ponto a fonte...”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, p. 63.

<sup>416</sup> ) Idem, “Carta chamada Santiago. 2.7.74”, em *Dispersos*, p. 605. Noutra ocasião Agostinho comentou sobre D. Henrique “O modo como [...] marca os primórdios da colonização também é questionável. Como aceitar que sacrifique o irmão para guardar Ceuta e o seu comportamento ignóbil na batalha de Alfarrobeira?” (cf. “Entrevista com Agostinho da Silva (entrevista a Joel Serrão e outros)”, em *Dispersos*, p. 65).

<sup>417</sup> ) Idem, “Agostinho paradoxo (entrevista a Carlos Vaz Marques)”, em *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 13 de Fevereiro de 1990, p. 9.

amargamente que tinha sido pequeno demais em tão largo mundo. Por isso, entendia que continuava a caber ao povo português redimir “O pecado de não se ter continuado a trabalhar a terra quando se partiu para o mar [...]. Agora só podemos passar a uma terceira fase de Portugal depois de termos ordenado de novo o território. Temos de pôr Portugal limpo na terra [...] [depois] voltar ao mar.”<sup>418</sup>.

Esta era uma tarefa hercúlea e, para a realizar, o nosso autor reinterpretava o episódio camoniano do *Adamastor*, não lhe dando, agora, “...o significado habitual de representar os medos do mar ou o jogo de imaginar gigantes em montanhas ou o de fazer do titã o selo de mistérios físicos ou metafísicos. Suporíamos que o dobrar do cabo é, para os marinheiros do Gama e para todos os homens [...] o conselho essencial do que deveriam fazer para que uma correcta, verdadeira, plena vida se lhes abrisse diante.”<sup>419</sup>.

No entender do intelectual português, os novos tempos e as novas oportunidades deveriam ajudar-nos a concentrar todas as nossas forças no curto espaço de onde tínhamos saído para, agora, abraçar o mundo todo com uma obrigação de serviço e não de mando:

**“Só pagará a dívida o que em mim for frade, - num só claustro, o mundo’  
‘Só pagará a dívida o que em mim for braço, - de meu irmão ajuda;’  
‘Só pagará a dívida quem em mim for nada, - perante um Deus que é Tudo;  
‘como se Portugal inteiro em mim coubesse.”**<sup>420</sup>.

Agostinho sabia que as suas propostas eram arrojadas e a tarefa que se propunha era difícil de ser executada e, por isso, apelava a todos aqueles que decidissem acompanhá-lo para que tivessem “...ambição e audácia no começo; humildade e persistência pelo meio; no fim, gratidão e louvor a quem nos deu tempos difíceis para que o fácil, o sensato, o aprovado nos não tentassem de mais.”<sup>421</sup>.

Nos portugueses o nosso autor depositava a difícil tarefa de iniciar a construção do futuro que o mundo aguardava: “Um dia apenas queremos ser o que somos, finalmente fiéis a nós próprios: e, porquanto o queremos, o seremos.”<sup>422</sup>.

---

<sup>418</sup> ) Idem, “Conversa inacabadas... (entrevista a Joaquim Furtado)”, em *Dispersos*, p. 42.

<sup>419</sup> ) Cf. idem, “Sobre cultura portuguesa”, em *ibidem*, p. 751.

<sup>420</sup> ) Idem, “Vieram com Lutero os vendilhões do Templo – e o Sol se cobriu”, em *ibidem*, p. 699.

<sup>421</sup> ) Idem, “Perspectivas”, em *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, n° 4, 1968, p. 324.

<sup>422</sup> ) Idem, “Entre douro-e-mundo”, em *O Comércio do Porto – Cultura e Arte*, 25 de Janeiro de 1984, p. 23.

A sua convicção de que o futuro do mundo seria determinado pela acção do povo português ganhava novos contornos quando considerava que os nossos emigrantes ao levarem consigo para todos os cantos do mundo e ao manterem viva a mensagem essencial de Portugal, salvaram-No de “...desastres essenciais.”<sup>423</sup>. Ou seja, Agostinho estava convencido de que o essencial da nação portuguesa que se traduzia na organização social que nos era característica ao tempo de D. Dinis, tinha sido conservado e transmitido a outros povos pelo número elevado de portugueses que em vários momentos da nossa História, tinham decidido partir. Assim, relevava o importante papel que os emigrantes portugueses tinham tido na preservação e ampliação da nossa cultura e agora, queria-os, a todos, “...quanto possível de volta [...] e não encorajáramos o turismo, pois consideramos as duas actividades como desnacionalizadas e, a longo prazo, mortais para o País.”<sup>424</sup>. O servilismo português associado à emigração e ao turismo era, assim, rejeitado pelo nosso autor, que não desejava um Portugal fechado aos estrangeiros, mas sim que os portugueses não fossem servos dos mais ricos, nem lá fora pela emigração económica, nem cá dentro pelo turismo recreativo, pois estava convencido de que a condição de servo do ponto de vista económico não calhava bem aos portugueses.

Porque assim era, o intelectual portuense defendia o turismo rural vendo nele uma oportunidade única de modificar os hábitos e os comportamentos de outros povos, na medida em que fosse capaz de dar a quem nos visitasse a “...possibilidade de recordarem, no contacto com o nosso povo, o que é ser humano, e de o reaprenderem...”<sup>425</sup>.

Caberia, então, à emigração portuguesa a ao turismo rural a criação de oportunidades de acção no sentido de preservar a herança do povo português, povo que tinha como “...literatura mais representativa [...] a literatura dos navegadores e dos pilotos e dos exploradores que marcaram a sua passagem por todos os mares e por todos os continentes [...] [e que] vieram trazer [...] a sua contribuição para uma ciência que se não constrísse sobre o sacrifício dos menos cultos [...] ciência de irmãos para irmãos, não ciência de senhores para escravos, nem ciência de superiores para inferiores.”<sup>426</sup>.

---

<sup>423</sup> ) Cf. idem, *Reflexão...*, p. 90.

<sup>424</sup> ) Idem, “Tema: Fundação Nacional”, em *Vida Mundial*, 8 de Setembro de 1972, p. 43.

<sup>425</sup> ) *Ibidem*.

<sup>426</sup> ) Idem, *Reflexão...*, p. 91.

## 2.2. O iberismo cultural

Agostinho da Silva encarava a refundação do espaço ibérico como uma tarefa essencial na reposição da influência de Portugal no resto do mundo<sup>427</sup>. O nosso autor, em correspondência trocada com António Quadros, tornou mais clara a sua posição em defesa de uma comunidade de cultura portuguesa assumidamente ibérica e atlântica, em moldes novos, por certo, mas mantendo, apesar de todas as críticas, a sua convicção de que a união ibérica beneficiaria todo o mundo:

**“...não sou iberista, sou apenas [...] da Língua Portuguesa’.**

**[...] Portugal deve ter simultâneas, duas políticas externas; a dos Países de Língua Portuguesa, e a das outras línguas espanholas ou ibéricas’**

**[...] a primeira devia começar [...] por Cabo Verde, a segunda pela Galiza’**

**[...] Ambas elas devem ter uma ‘intenção federativa’**

**[...] Qualquer ideia relativa a ligação com a Espanha [...] a de Carlos V [...] devem ter como resposta de Portugal, Não!’**

**[...] essa Espanha estará desfeita até ao fim do século’**

**[...] Essa nova Espanha é que vai fazer funcionar bem a ideias do 25 de Abril; a volta ao mundo será dada, como da outra vez, por inspiração portuguesa e capacidade espanhola.”<sup>428</sup>.**

O desejo íntimo de Agostinho era conseguir unir todos os territórios ibéricos e afins sob o modelo da “...Idade Média portuguesa para ver que Portugal viveu muito tempo sem capital. A capital era, em cada momento, onde o rei estava. E só [...] no século XVI é que firmou a capital em Lisboa.”<sup>429</sup>. Mas, de forma realista, sabia que uma organização política necessitava de um centro administrativo, o que o levou a propor como capital para a nova ibéria com que sonhava “...Santiago de Compostela capital de uma Península de autonomias...”<sup>430</sup>. Desta forma, o nosso autor reforçava a ideia de que só concebia uma capital que não representasse qualquer poder de domínio temporal e material, uma capital que congregasse todos os homens no espírito de Deus, como acontecia em Santiago de Compostela.

---

<sup>427</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, “Correspondência com António Quadros”, em Quadros, António, *A arte de continuar português*, pp. 191-193.

<sup>428</sup> ) *Ibidem*, p. 203 (nota 5).

<sup>429</sup> ) Agostinho da Silva, *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, p. 135.

<sup>430</sup> ) *Ibidem*, p. 136.

Esclarecendo melhor o seu ideário iberista, o nosso autor rejeitou veementemente o “...Iberismo do séc. XIX, relativo a acabar a fronteira de Portugal e Espanha e constituir-se um só Estado...”<sup>431</sup>. Jamais Agostinho poderia consentir que Castela aprisionasse à força, num estado único, a diversidade das regiões ibéricas. O novo projecto ibérico que apresentava era, essencialmente, de cariz cultural:

**“É uma aproximação puramente cultural, a que os políticos podem dar significação política, na medida em que isso for necessário. Mas o político precisa de aprender certas coisas: que a sua base de trabalho é a cultura e não o contrário. É aprendendo cultura e inserindo-se na cultura que ele pode fazer uma política decente.”**<sup>432</sup>.

O autor portuense apenas queria, pois, uma “Península livre e una, com regiões culturalmente autónomas e com descentralização administrativa: uma Península que tivesse estendido o sistema de governo peculiar da Idade Média portuguesa [...] companhia de repúblicas unificadas por uma coroa.”<sup>433</sup>. Com esta forma de organização, Agostinho pretendia dar um “...modelo ao mundo.”<sup>434</sup>.

### **2.3. A miscigenação**

Agostinho da Silva entendia que Portugal era “...o missionário da largueza do Reino de Deus e a isso se prende provavelmente muito do seu anticlericalismo; e, no plano antropológico, muito do seu gosto pela mestiçagem.”<sup>435</sup>. A miscigenação era, então, considerada pelo nosso autor como um suporte essencial de Portugal. Assim tinha já acontecido com o modelo de miscigenação tentada em Goa por Afonso de Albuquerque, a qual só não foi plena porque, em seu entender, Albuquerque a concebera “...apenas nas suas formas políticas e económicas...”<sup>436</sup>. No entender do intelectual portuense Albuquerque deveria ter sabido adequar o modelo de miscigenação que engendrou à realidade que efectivamente encontrou: “...achou que o que era bom era os portugueses misturarem-se com as indianas, haver uma mestiçagem física e cultural, que ali não podia dar certo, de maneira nenhuma, pelo pequeno número de

---

<sup>431</sup> ) Idem, “Entrevista do Prof. Agostinho da Silva ao ICALP”, em *Dispersos*, p. 95.

<sup>432</sup> ) *Ibidem*, p. 96.

<sup>433</sup> ) Idem, *Reflexão...*, p. 30.

<sup>434</sup> ) *Ibidem*.

<sup>435</sup> ) *Ibidem*, p. 41.

<sup>436</sup> ) Cf. idem, “Goa – cadernos teológicos “, em *Dispersos*, p. 471.

portugueses, pelas condições da terra, porque a cultura que eles encontraram na Índia [...] eram muito superiores à cultura que os Portugueses levavam...”<sup>437</sup>.

Mas a miscigenação, não tendo sido totalmente bem conseguida na Índia, tinha-se revelado perfeita noutras paragens, aí deixando um padrão sócio-étnico a valorizar no Portugal futuro: “...mestiçagem que foi plena numa terra de que talvez nem o Camões tivesse consciência (o Albuquerque não tinha) [...]. É o [...] Brasil.”<sup>438</sup>.

## **2.4. O Brasil**

### **2.4.1. O Brasil como continuação de Portugal**

Agostinho estava convencido de que o evoluir histórico da nação portuguesa tinha, propositadamente, guindado o Brasil para ocupar um papel de charneira na política internacional sob o signo da herança cultural que o tinha constituído. O intelectual portuense entendia que o Brasil tinha sido construído pelos portugueses que para lá tinham decidido emigrar como forma de reagir a dois factores que tinham marcado o evoluir da História de Portugal. Primeiro, a derrota de Portugal na batalha de Alcácer Quibir: “...os sebastianistas que estavam prontos a serem eles os ressurectos de Alcácer partiram a construir o País forte, imenso e promissor: os outros, os que só ao Rei esperavam, esses ficaram, incertos e abúlicos, resignados ao pontapé dos autocratas...”<sup>439</sup>. Segundo, a adopção pelos governantes portugueses do modelo europeu de Estado, que não se adequava ao nosso povo, o que o levou a atravessar o Atlântico: “O Brasil passa a ser a Terra da Promissão, desde que Portugal se transformara num Egipto de faraós.”<sup>440</sup>. Era, então, a glória do passado de Portugal que estava na base da formação do Brasil, o Portugal medieval “...com o seu original pensamento religioso, seus municipios republicanos, seus campos, seus animais, seu forno ou seu moinho comunitário...”<sup>441</sup> que, pese embora todos os desvios da sua pureza original, dava a Agostinho a certeza de que o Brasil encarnava o melhor modelo futurante para Portugal e para o mundo, uma vez que o seu povo continuava a preferir uma “...convivência humana [...] fundada sobre a fraternidade e não sobre a lei, sobre a liturgia e não sobre a conquista, sobre o predomínio da vontade de Deus e não sobre o

---

<sup>437</sup> ) Idem, *Ir à Índia sem abandonar Portugal [entrevista a Gil de Carvalho & Herminio Monteiro]*, pp. 41-42.

<sup>438</sup> ) *Ibidem*, p. 42.

<sup>439</sup> ) Idem, “Uma glosa, e só, e breve: Sebastianismo”, em *Diário de Notícias*, 11 de Maio de 1972, p. 17.

<sup>440</sup> ) Idem, *Reflexão...*, p. 98.

<sup>441</sup> ) Idem, “Composição do Brasil”, em *Dispersos*, p. 553.



predomínio da vontade do homem. Convivência que poderá ser a maior dádiva do Brasil ao mundo.”<sup>442</sup>.

Na gênese da sua fundação o Brasil continha, então, os princípios basilares que presidiram à fundação da Nação portuguesa e, enquanto futura potência, apresentava-se-lhe como o único país de cultura e língua portuguesas capaz de se assumir como o “...ponto de arranque de uma União Internacional dos Povos, União de Paz interna donde a externa brota [...] liberando as Nações de seus Estados e tornando-as a todas elas, por plenitude, universais.”<sup>443</sup>. O intelectual portuense parecia convencido de que em momento algum o Brasil tinha sido uma colônia portuguesa, uma vez que o seu desenvolvimento patenteava o prolongamento histórico das melhores características que Portugal conhecera no seu período áureo e, como continuava a conservar essa herança, era, agora, sua obrigação contribuir para a reabilitação de Portugal, para que este pudesse cumprir o seu destino:

**“...não há decadência alguma em Portugal nos séculos XVII e XVIII, o que há é a ascensão dele no e pelo Brasil [...]. A Revolução de 1640 é, no fundo, uma tentativa brasileira de talhar Portugal a seu modo, isto é, de restaurar em Portugal um Portugal independente, não ligado pela Espanha à difícil e perigosa política europeia [...] o Portugal democrático, conservado no Brasil, empenhado em derrubar o Portugal autocrático instalado desde os fins do século XV.”<sup>444</sup>.**

#### **2.4.2. A Universidade de Brasília**

Para Agostinho, a Universidade de Brasília foi a principal instituição que dentro do Brasil se constituiu como um fundamental “...ponto de apoio, do qual vamos partir para essa aventura extraordinária que é a de reatar o que ficou interrompido nos séculos XV e XVI, para a aventura missionária que as tais circunstâncias não permitiram realizar...”<sup>445</sup>. As esperanças que o intelectual portuense depositava na Universidade de Brasília eram tão grandes que, com entusiasmo, se mostrava “...inteiramente convencido de que, para o futuro, o que estamos fazendo ou que começámos em Brasília vai aparecer como uma das coisas mais importantes que se tenham feito na História.”<sup>446</sup>.

---

<sup>442</sup> ) Idem, “A cultura brasileira”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I*, p. 247.

<sup>443</sup> ) Idem, “Vicente, filosofia e vida”, em *Textos e ensaios filosóficos II*, p. 279.

<sup>444</sup> ) Idem, “Tema: Responsabilidade portuguesa”, em *Vida Mundial*, 11 de Agosto de 1972, p. 38.

<sup>445</sup> ) Cf. idem, “Presença de Portugal”, em *Dispersos*, p. 211.

<sup>446</sup> ) *Ibidem*.

Ora, o que realmente estavam a fazer em Brasília era uma Universidade que contava na sua estrutura com o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, pensado pelo nosso autor como um espaço inteiramente dedicado à cultura e língua portuguesas. O nosso autor, decidiu mesmo, de forma simbólica, inaugurar este Centro no dia de Santo António, por este ter sido “...o nosso Santo [...] franciscano, místico, político e militar.”<sup>447</sup>. Mais ainda, para marcar a singularidade do Centro propôs-se “...transportar uma casa de Portugal e a plantar ali para que fosse bem portuguesa e para que esse transporte, real e simbólico ao mesmo tempo, mostrasse aquilo que se queria fazer: a plantação de terra de Portugal no coração do Brasil.”<sup>448</sup>. O intelectual português sugeria, também, que se plantassem, no espaço que estava adstrito ao referido Centro, “...pinheiros do Pinhal de Leiria. Isso marcaria perfeitamente o simbolismo da vinda até aqui, Brasília, do melhor que Portugal tem, com a sua linha lírica, heróica e sobretudo [...] a linha de apostar no futuro e de achar que a coisa vai ser mesmo como a gente quer que seja.”<sup>449</sup>.

Apesar de todo o simbolismo atribuído ao Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, Agostinho, mais do que tudo, ansiava que a Universidade de Brasília, ela toda, se impusesse como um centro de irradiação mundial da cultura e da língua portuguesas:

**“...ao mesmo tempo que estabelece o seu futuro como Universidade, pondo-lhe como alicerce a tradição portuguesa, pelo Brasil desenvolvida e ampliada, é o foco de irradiação que se oferece para que as soluções explícitas ou latentes, a que o génio português chegou, sejam levadas ao conhecimento do mundo inteiro e tragam soluções aos problemas basilares da sociedade em que vivemos.”<sup>450</sup>.**

---

<sup>447</sup> } *Ibidem*, p. 212.

<sup>448</sup> } *Ibidem*, p. 208.

<sup>449</sup> } *Ibidem*.

<sup>450</sup> } *Ibidem*, p. 218. O resumo deste ideário pode ainda ser conferido em “Portugal na Universidade de Brasília”, em *Colóquio, Revista de Artes e Letras*, nº 18, Maio de 1962, p. 46 e “Notas para uma posição ideológica e pragmática da Universidade de Brasília”, em *Dispersos*, pp. 241-252.

### 2.4.3. A união luso-brasileira

No entender de Agostinho da Silva, competia a Portugal e ao Brasil criarem um modelo de Estado que fosse adequado a todo o mundo, baseado no comunitarismo municipalista, sem capital fixa, no qual os governantes tivessem como única preocupação tornar gratuita a vida, para que cada pessoa se pudesse libertar para a criatividade pura que a igualava a Deus. Em pleno século vinte, na opinião do nosso pensador, tornava-se imperioso que todos os cidadãos portugueses se assumissem por inteiro como homens "...da Nação Portuguesa, actualmente dividida em dois Estados, Portugal e Brasil, porque não tiveram êxito as políticas do Padre António Vieira, de D. Luís da Cunha e de D. João VI, mas que amanhã pode ser um só Estado, embora federal como o Brasil é hoje, ou regional, como talvez o Brasil tenha de vir a ser, por serem os Estados, já, um pouco artificiais."<sup>451</sup>. Tornava-se obrigatório que Portugal e o Brasil se entendessem mutuamente como duas faces da mesma realidade e não como duas peças separadas, uma vez que os seus povos tinham uma "...cultura comum [...] universal e ecuménica [...] não somos povos eleitos [...] apenas consideramos que a nossa própria realização, na plenitude de ser humano, pode, pela luz que irradie, ajudar a que outros povos sacudam suas limitações e igualmente se cumpram, que tão bem o podem como nós..."<sup>452</sup>.

Na economia do pensamento agostiniano, Portugal e o Brasil, à medida que fossem caminhando para níveis de entendimento mais elevados, haveriam de criar um espaço cada vez mais alargado de cultura e língua portuguesas, que se lhe apresentava como o único capaz de reunir "...num só todo religiões e raças..."<sup>453</sup>, numa "...inteira liberdade, para o infiel e para todos..."<sup>454</sup>. Assim, este novo espaço impulsionado pela aliança dos dois países irmãos tinha por obrigação promover a fraternidade e a livre união dos povos numa ordem mundial renovada que fosse capaz de recalcar a "...'organização de céu'..."<sup>455</sup>, tal como há vários séculos tinha sido projectada por Camões nos

**“...’Lusíadas’, e é a ‘Ilha dos amores’...’.**

---

<sup>451</sup> ) Idem, “Beira – Moçambique. Clássicos do mundo português: Um prefácio geral”, em *Dispersos*, p. 503.

<sup>452</sup> ) Idem, “Apontamento: ‘Convívio’”, em *Vida Mundial*, 28 de Julho de 1972, p. 39.

<sup>453</sup> ) Idem, “Compostela: carta sem prazo a seus amigos. Primeira de 71”, em *Dispersos*, p. 516.

<sup>454</sup> ) Idem, “Nota a cinco fascículos”, em *ibidem*, p. 544.

<sup>455</sup> ) Idem, “Agostinho da Silva: um príncipe das ideias... (entrevista a Eduardo Paz Barros)”, em *Jornal de Notícias*, 17 de Novembro de 1987, p. 14.

**‘Os portugueses, na ‘Ilha dos amores’, segundo a concepção do Camões, conseguiam fazer na vida real aquilo que os gregos pensavam que tinha sido possível na mitologia.’<sup>456</sup>.**

O nosso autor não ignorava que a organização do céu tinha que principiar com a resolução dos problemas concretos que afligiam os homens. O mundo falava muito do diálogo norte-sul, mas nada fazia perante o alastrar das desigualdades sociais, facto que levava Agostinho a apelar a todos aqueles que tinham responsabilidades políticas na totalidade do espaço de cultura e língua portuguesas para que assumissem plenamente a demanda por “...um novo eixo do mundo, um eixo que [...] não é mais o eixo Pólo Norte – Pólo Sul, é o eixo Pequim-Brasil. E oxalá Portugal o consiga, para ser digno do que é, e para ser digno de tudo o que foi, desde o princípio da nacionalidade até hoje.”<sup>457</sup>. O intelectual portuense acreditava numa reunificação mundial promovida por uma nova e sólida aliança entre Portugal e o Brasil que fosse capaz de suportar uma “...política do ABC...”<sup>458</sup>, isto é, um entendimento duradouro entre a África, o Brasil e a China, que se lhe impunha como o único modo de fundir os contrários num pensamento e numa acção universal que daria a Portugal todas as possibilidades para que pudesse realizar a sua missão no mundo:

**‘Resumo da ideologia do Povo Português nos séculos XIII e XIV, transmitida ao Brasil por seus adeptos que ali se foram acolher [...]’**

**‘Missão de Portugal: Sacralizar o Universo, tornando Divina a vida e Deus real.’**

**‘Meios: desenvolvimento dos Povos pela inteira aplicação da Ciência e da Técnica, inclusive nos sectores da Economia, da Política, da Administração Pública e da Filosofia. Conversão da pessoa á adoração da Vida.’**

**‘Características do que houver no Sagrado: Criança como a melhor manifestação da Poesia pura e como inspiradora e suporte, e incitadora a ser criança, de todos os que existam. O gratuito da vida. A plena liberdade de todo o ser.’<sup>459</sup>.**

O nosso autor mostrava-se intimamente convencido de que os Estados de Portugal e do Brasil se haveriam de fundir numa nova realidade sócio-política: “...Portugal e Brasil são a mesma coisa e [...] [é] preciso arranjar um nome comum para os dois ou então, ter Portugal

---

<sup>456</sup> ) *Ibidem*.

<sup>457</sup> ) Cf. idem, “Um modo de entender Portugal”, em *Dispersos*, p. 876.

<sup>458</sup> ) Idem, *A última conversa [entrevista de Luís Machado]*, p. 67.

<sup>459</sup> ) Idem, “Resumo da ideologia do Povo Português...”, em *O Setubalense*, 13 de Janeiro de 1993, p. 4.

outro nome, no Continente...”<sup>460</sup>. A ser assim, tornava-se evidente que sem o Brasil não se poderia garantir o “...destino colectivo para Portugal...”<sup>461</sup> que, por ser o destino mais nobre de todos, apenas pretendia “...levar o mundo a passar do reino do previsível ao imprevisível, um pouco a imagem do que foi feito no Brasil, essa maravilhosa coexistência de ordem e desordem.”<sup>462</sup>.

### **3. O papel messiânico de Portugal**

#### **3.1. Profecias sobre Portugal aceites por Agostinho da Silva**

##### **3.1.1. Elenco das profecias**

Embora não faltasse quem o apelidasse de profeta, Agostinho da Silva sempre recusou tal epíteto: “...Eu não sou profeta nenhum, porque não vi nenhuma espécie de eternidade nem tenho nenhum sentido especial que os outros não tenham.”<sup>463</sup>. Para além de não se considerar profeta, o autor portuense reconhecia que a questão profética se punha igualmente a outros povos e a outras culturas, pelo que afirmava que “O profetismo é um fenómeno universal.”<sup>464</sup>. Porém, também acreditava piamente que Portugal teria um papel relevante no destino da Humanidade.

---

<sup>460</sup> ) Idem, “Tema: Responsabilidade portuguesa”, em *Vida Mundial*, 11 de Agosto de 1972, p. 38.

<sup>461</sup> ) Idem, “Entrevista com Agostinho da Silva (entrevista a Joel Serrão e outros)”, em *Dispersos*, p. 58.

<sup>462</sup> ) *Ibidem*.

<sup>463</sup> ) Cf. idem, *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, p. 84. António Quadros sustentava o pendor profético das propostas agostinianas escrevendo em 1982: “A visão de Agostinho da Silva é profética: o dinamismo histórico depende em grande parte, na nossa instância épocal, da libertação do dinamismo histórico luso-brasileiro, do D. Sebastião colectivo que ‘tirá toda a erronia’ e ‘fará paz em todo o mundo’...” (cf. Quadros, António, *Introdução à filosofia da história*, Lisboa, Verbo, 1982, p. 283). Esta era a conclusão que Quadros tirava da análise ao pensamento do intelectual portuense depois de ter considerado que a originalidade da sua obra se revelava por uma nova e pessoal hermenêutica das profecias quateimperialistas analisadas “...agora sob um ângulo escatológico simultaneamente social e paraclético [...] [em] que o Encoberto, o Mediador humano, social e histórico do Espírito Santo, o D. Sebastião colectivo [...] é o povo português ou antes, por ampliação crónico-tópica, o povo luso-brasileiro” (cf. Quadros, António, *ibidem*, p. 282). Bastantes anos antes, ainda na ressaca da aparente novidade nacionalista que Agostinho acabava de revelar com a publicação de *Reflexão à margem da literatura portuguesa e Um Fernando Pessoa*, Manuel Anselmo considerou simplesmente que a especulação agostiniana patente nestes ensaios constituía um regresso “...aos ideais da sua juventude, fixando na Pátria – matriz criadora dos melhores valores culturais, e, porque católico apaixonado, advogando o culto do Unigénito como certeza fecunda e, o da Portugalidade, como ideal de Império e de convivência existencial” (cf. Anselmo, Manuel, “Ensaio”, em *Os Cadernos de Manuel Anselmo*, vol. I, Fasc. III, Lisboa, Janeiro-Fevereiro 1960, p. 238).

<sup>464</sup> ) Agostinho da Silva, *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, p. 94.

O autor português passou uma grande parte da sua vida a fazer a hermenêutica das profecias mais relevantes que, em seu entender, se prendiam com o destino de Portugal:

**“...primeiro profetismo o do Culto do Espírito Santo. Segundo profetismo, o do Fernão Lopes dizendo que Portugal inauguraria a Sétima Idade; terceiro profetismo, o de Camões [...] a ilha dos Amores; quarto profetismo, o do António Vieira com o Quinto Império; quinto profetismo, o do Fernando Pessoa.”<sup>465</sup>.**

Dos principais profetas ligados ao destino de Portugal, Agostinho excluiu Bandarra, pese embora não desconsiderasse o seu papel no movimento messiânico português uma vez que profetizou “...uma comunidade hispano-magrebina [...] [que] andava na consciência do futuro do povo português; simplesmente, não era mais possível viver tais verdades no tempo em que triunfavam o capitalismo, o absolutismo real e a Igreja do Concílio de Trento...”<sup>466</sup>. O motivo porque não relevou o profetismo do sapateiro de Trancoso deve-se ao facto de entender que, essencialmente, Bandarra tal como D. João de Castro, tinha sido “...um intérprete de ideias que andavam no povo, a sensação geral de que o país não ia direito [...] parece-me que isso se liga com o profetismo espanhol que apareceu do lado de lá, logo depois de os *comuneros* terem sido derrotados pelo Carlos V.”<sup>467</sup>. O messianismo invocado por estas personagens, fazia-as acreditar que D. Sebastião não tinha morrido em Alcácer Quibir, impondo-se por isso o seu regresso para que se tornasse o rei bondoso, justo, determinado e preocupado com o seu povo, que no seu curto reinado tinha mostrado poder vir a ser.

### **3.1.2. O culto popular do Espírito Santo**

São inúmeras as referências ao culto popular do Espírito Santo na obra de Agostinho da Silva, que, aliás, sempre se preocupou em distinguir entre a festa do Espírito Santo feita pelo povo português desde o século XIII, da mesma festa celebrada pela Igreja segundo os preceitos da teologia e liturgia canónicas.

As bases deste culto situou-os em Itália e radicou-os na interpretação que Joaquim de Flora nos deixou do dogma cristão da Trindade, transportada pelos frades franciscanos para Aragão e Catalunha e, daí, para Portugal, essencialmente pela “...capacidade de propaganda de

---

<sup>465</sup> ) *Ibidem*, p. 93.

<sup>466</sup> ) Idem, “Perspectivas”, em *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, nº 4, 1968, p. 314.

<sup>467</sup> ) Cf. idem, *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, p. 93.

[...] Arnaldo de Vilanova, amigo da princesa Isabel, pelo casamento desta com D. Dinis, pela contemporaneidade de sua vinda para Portugal...”<sup>468</sup>. Entre nós, o culto popular do Espírito Santo ganhou, depois, notável dimensão, quando a rainha D. Isabel o seguiu e quando, acarinhado pelo seu marido, o rei D. Dinis, com a bênção real ganhou raízes no nosso povo a partir da vila de Alenquer, a vila da rainha, passando a desempenhar um papel essencial no Portugal de então, Nação em que, também devido ao culto do Espírito, não havia “...orgulho algum de quem deseja mandar, mas a humildade de quem sente que obedecer é melhor, não se combatia quem quer que fosse, mas se procurava unir a todos naquela ‘vida conversável’ de que ainda no primeiro terço do século XVI falava Pêro Lopes de Sousa...”<sup>469</sup>.

Agostinho sublinhou o simbolismo profético deste culto, manifesto na coroação de uma criança, metáfora da pureza genésica do homem, como imperador do mundo, na repartição do bodo pelos pobres, expressão de partilha e na libertação dos presos<sup>470</sup>, sinal de um reinado de amor e perdão, concluindo, numa perspectiva futurante, que

**“...o culto do Espírito Santo poderia passar como simples pormenor etnográfico, folclórico e histórico, se não fossem as suas implicações actuais e a sua importância para a posição futura no mundo da cultura de língua portuguesa.”<sup>471</sup>.**

### **3.1.3. A Sétima Idade de Fernão Lopes**

Foi em Fernão Lopes, na *Crónica de D. João I*, que pela primeira vez surgiu em Portugal a expressão “evangelho português”, associada ao profetismo da Sétima Idade que servia para o cronista sustentar a teoria do progresso da História nas sete idades de raiz hebraica e desenvolvida por Santo Agostinho, Eusébio e Beda, o Venerável. Segundo esta maneira de ver o

---

<sup>468</sup> ) Idem, “Algumas considerações sobre o culto popular do Espírito Santo”, em *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, n° 3, 1967, p. 33. Recentemente surgiram algumas investigações que situam o culto popular do Espírito Santo em Portugal antes do esplendor que realmente adquiriu na vigência do reinado de D. Dinis. Num ensaio recente José Eduardo Franco e José Augusto Mourão dão a conhecer um estudo de Rui de Azevedo que fixa as festas populares portuguesas em honra da Santíssima Trindade nos primórdios do século XIII, em Benavente, havendo ainda fortes suspeitas de que este culto possa radicar em data anterior a esta, concretamente, na Confraria de Santa Maria de Sintra (cf. Franco, José Eduardo; Mourão, José Augusto, *A influência de Joaquim de Flora em Portugal e na Europa – escritos de Natália Correia sobre a utopia da idade feminina do Espírito Santo*, Lisboa, Roma Ed., 2005, p. 104).

<sup>469</sup> ) Agostinho da Silva, “Algumas considerações sobre o culto popular do Espírito Santo”, em *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, n° 3, 1967, p. 36.

<sup>470</sup> ) Cf. por exemplo, idem, “Algumas considerações sobre o culto popular do Espírito Santo”, em *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, n° 3, 1967, p. 39.

<sup>471</sup> ) Idem, “Algumas considerações sobre o culto popular do Espírito Santo”, em *ibidem*, p. 44.

progresso histórico, a Primeira Idade tinha tido lugar entre Adão e Noé, a Segunda entre Noé e Abraão, a Terceira entre Abraão e David, a Quarta de David ao decaimento da Babilónia, a Quinta do ocaso da Babilónia até à vinda de Cristo, a Sexta que se estava a cumprir na era cristã e na qual se cumpriria a História e prepararia a Sétima e última Idade, a Idade do Espírito, que já decorreria num tempo fora da História.

A profecia que Fernão Lopes anunciava em íntima ligação com o evoluir da História de Portugal, enfatizava, segundo Agostinho, o papel decisivo que a acção dos portugueses teria para que se pudesse realizar essa época pós histórica da Humanidade: "...a Sétima Idade [...] é a ideia de que tem que haver um determinado futuro melhor do que todo o passado e, provavelmente, melhor do que esse futuro não haverá nenhum outro futuro, é um ponto terminal da humanidade, e [...] uma série de cavalheiros, a começar pelo Fernão Lopes [...] acha que essa coisa é da responsabilidade do português."<sup>472</sup>. O intelectual português, desta forma adiantava que o Império anunciado por Fernão Lopes seria o último e só se concretizaria graças à mediação do povo português.

#### **3.1.4. A Ilha dos Amores de Camões**

Agostinho acreditava que havia alguns portugueses excepcionais que, decisivamente, tinham contribuído para que a sua Pátria retomasse a missão que Deus lhe tinha confiado. Entre eles estava Camões, figura de tamanha grandeza que o nosso autor entendia que, tal como Portugal, perdeu "...a vida por um mundo, sempre de futuro e nunca de passado [...] em que finalmente se conciliassem [...] Aristóteles e Platão: em que o ideal fosse, ao mesmo tempo, do mundo dos sentidos."<sup>473</sup>.

O nosso autor adiantava que Camões, profundo conhecedor dos mundos que Portugal deu ao mundo, estava convicto de que no futuro que se almejava "...novos caminhos se descobririam, não para externas Índias, mas para internas Ilhas, a todo o mundo, império de corpo e alma, onde, finalmente, o reino dos deuses fosse também dos homens."<sup>474</sup>.

---

<sup>472</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista a Antónia de Sousa], p. 98.

<sup>473</sup> ) Idem, *Reflexão...*, p. 78.

<sup>474</sup> ) Idem, "O pensar de Camões sobre o seu tempo", em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, p. 335.



Para Agostinho não restavam dúvidas de que o essencial da sua mensagem quanto ao futuro de Portugal estava plasmado no episódio da Ilha dos Amores que, de forma admirável, dava conta de que

**“...o plano humano e o plano divino da história finalmente se encontram [...] tudo é caminho para que, se bem feito, no total do grupo, não às ordens de um só, se transcendam os limites do tempo e do espaço e se vejam todas as épocas, passadas, presentes ou futuras, fundidas na eternidade do divino...”<sup>475</sup>.**

### **3.1.5. O Quinto Império do Padre António Vieira**

A interpretação que Agostinho fazia do devir futuro de Portugal era também devedora do ideário do Padre António Vieira, nomeadamente da forte convicção vieirina de que o Brasil se tornaria a “...base ou centro de um Quinto Império, para que Portugal [...] se revelava já impotente.”<sup>476</sup>. Portugal, pelos descobrimentos tinha-se alargado a todo o mundo, deixando de ser um país para passar a encarnar uma ideia de futuro e esta ideia, no entender do nosso autor, tinha-se tornado um dos pilares que sustentava a teoria política subjacente ao messianismo do padre António Vieira: “...para Vieira, Portugal passa a ser não propriamente um determinado país [...] mas sim uma ideia a difundir pelo mundo.”<sup>477</sup>. O intelectual portuense lembrava que esta ideia revolucionária do padre jesuíta tinha já sido desenvolvida, entre outros, por Alexandre Gusmão e, agora, Agostinho propunha-se reavivá-la, por lhe parecer que todos os responsáveis políticos que, no Brasil, tinham seguido o ideário vieirino, tinham ido no sentido correcto, o que lhes permitiu desenvolver “...uma política de entendimento e de paz com os seus vizinhos da América.”<sup>478</sup>.

### **3.1.6. A Mensagem de Fernando Pessoa**

Fernando Pessoa foi o profeta de Portugal que Agostinho mais enalteceu. O intelectual portuense, recorrendo à sua ideia de que o nascimento de cada um é um acto pré-consciente, mostrava-se convencido de que Fernando Pessoa decidira nascer português para dotar o seu

---

<sup>475</sup> ) Idem, “Comemoração de ‘Os Lusíadas’”, em *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Julho-Dezembro, 1972, p. 141.

<sup>476</sup> ) Idem, *Reflexão...*, p. 99.

<sup>477</sup> ) *Ibidem*, p. 100.

<sup>478</sup> ) *Ibidem*, p. 101.

povo do poema *Mensagem*, onde “...a história que vai contar [...] não é a história de Portugal, mas apenas o seu interrompido prólogo...”<sup>479</sup>. Um prólogo que era mais rico do que muitas Histórias profusamente documentadas, uma vez que nele se narrava a todos os portugueses os feitos dos seus antepassados venturosos que, com fé e coragem, escolheram ser “...o corpo da vontade de Deus [...] o impulso que irá conduzir a história para além dos que o lançaram [...] a consciência de se ter realizado no mundo físico [...] a mais alta façanha de que os homens se podem orgulhar...”<sup>480</sup>. Tomando como sua a vontade divina que os impelia à acção, os portugueses valorosos ensinavam, com o seu exemplo, a todos os homens que se acolhiam sob a nação portuguesa “...que toda a descoberta se faz apenas quando se tem a coragem de passar além dos domínios da alegria e da dor [...] a certeza de que, embora tenha vindo a noite e seja vil a alma, Deus ainda reserva para o seu povo Distância a conquistar.”<sup>481</sup>.

Fernando Pessoa, com a epopeia portuguesa descrita na *Mensagem*, ajudava a descortinar o futuro de Portugal, contribuindo, ao lado de outros, com o húmus que era preciso para animar um povo cada vez mais descrente em si mesmo. Por isso Agostinho considerava que *Mensagem* era

**“...a mais importante de suas obras e plenamente emparelhando com Fernão Lopes, *Os Lusíadas*, D. João de Castro e a *História do futuro* na compreensão do que verdadeiramente é Portugal [...] [pondo] mais a claro do que Camões na *Ilha dos Amores* a concepção de um verdadeiro Império Português ou Quinto Império, veríamos até *Mensagem* como de importância superior à dos *Lusíadas*...”**<sup>482</sup>.

Para sustentar a sua tese em favor da novidade das interpretações avançadas por Fernando Pessoa em *Mensagem*, o intelectual português legou-nos a seguinte hermenêutica das três partes da obra e respectivos poemas que compunham a epopeia: “...a primeira parte do poema [...] *Brasão* [...] é a essência do ser fidalgo em Portugal. Quando agir será no Passado, a segunda parte do Poema, *Mar Português*, e, no Futuro, a terceira parte, *O Encoberto* [...] Deus,

---

<sup>479</sup> ) Idem, *Um Fernando Pessoa*, p. 21.

<sup>480</sup> ) *Ibidem*, p. 22.

<sup>481</sup> ) *Ibidem*.

<sup>482</sup> ) *Ibidem*, p. 16. Já em Portugal, em 1970, Agostinho voltava a escrever sobre este texto pessoano, apelando a que, em época conturbada para Portugal e para o mundo, se meditasse o seu conteúdo, porquanto “...*Mensagem* é ciência, lavrada, como nos grandes cientistas, primeiro pela intuição, depois pela experiência [...]. Mas, além de ciência é [...] obra de profecia, sendo todas as outras composições do Poeta, fora a *Ode Marítima* e *Caeiro*, simples apanhadoras de uma oficina de ourives; distrações, enlevos ou abatimentos do Profeta...” (cf. idem, “*Mensagem*”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, p. 22).

vendo Portugal em Si eterno, escreveria *Brasão. Mar Português* é [...] o tempo que não liquida a História. Em *O Encoberto* [...] toda a sua grandeza se revela [...] paz nas alturas em que o homem, indo além de si mesmo, se faz Santo...”<sup>483</sup>. A primeira parte do poema, reflectia, então, na opinião do autor portuense, a queda de Portugal e do mundo, mas, simultaneamente reafirmava a esperança num futuro melhor, a segunda parte acabava com a convicção de que Deus, pese embora o facto de os seus eleitos mostrarem de forma contínua não serem dignos da Sua confiança, mantinha o pacto estabelecido com o povo que O traia, para na terceira parte se reportar ao porvir

**“...em *O Encoberto*, se anuncia pelos *Símbolos*, pelos *Avisos*, o último dos quais é o próprio Fernando Pessoa, e se afirma triunfantemente através do negrume dos *Tempos*. Portugal, completando a sua obra, dará ao mundo o seu íntimo Império feito de anseios, de lonjuras, de Reinos ilocalizáveis em tempo ou espaço, o seu reino de alma humana continuamente sendo e continuamente ansiosa de mais ser [...] através de todo o nevoeiro, pelo próprio nevoeiro, terá surgido a Hora; o Encoberto, em milagre supremo, se descobrirá.”**<sup>484</sup>.

Agostinho da Silva mostrava-se receptivo ao profetismo de Fernando Pessoa, mas pensava que as propostas avançadas pelo autor da *Mensagem* careciam de algumas correcções para se poderem vir a concretizar. Achava que ao pensamento de Pessoa faltavam três considerações principais, a saber, a consideração do império marítimo, a junção da cultura à língua portuguesa e a capacidade de amar.

Quanto à dimensão marítima do império português, o intelectual portuense era da opinião de que o facto de Pessoa “...confundir o Portugal que teve a posse do Mar com o Portugal que o Encoberto deveria, ressuscitando, conduzir às novas e supremas aventuras”<sup>485</sup>, era um entrave para a realização dos propósitos que anunciava. Pessoa não considerou o Portugal marítimo e tal facto, em seu entender fazia com que a sua interpretação do evoluir da História de Portugal fosse incapaz de descrever e fixar a imagem de um Portugal “...que já não é, de modo algum, o continental, mas o Portugal dos cinco continentes, de que o outro é, apenas, a dependência ou província europeia. Portugal está hoje em toda a parte...”<sup>486</sup>.

---

<sup>483</sup> } Agostinho da Silva, *Um Fernando Pessoa*, pp. 17-18.

<sup>484</sup> } *Ibidem*, p. 23.

<sup>485</sup> } *Ibidem*, p. 29.

<sup>486</sup> } *Ibidem*, p. 30.

É verdade que Fernando Pessoa tinha apresentado a língua portuguesa como a sua Pátria, mas Agostinho permitia-se complementar esta definição com a consideração de uma Pátria portuguesa ainda mais abrangente “...de sua língua e da cultura de *Pax in excelsis* que ela levar consigo...”<sup>487</sup>. Pela mão de Agostinho alargava-se, então, o conceito de Pátria portuguesa ao universo não só da língua, mas também da cultura.

O autor portuense viu ainda como limite das propostas futurantes de Pessoa o ter mantido oculta “...a faculdade de amar; que, num pobre sucedâneo da conjugação dos tempos na Eternidade, elabora a subtileza, puramente intelectual, de ser feliz outrora agora...”<sup>488</sup>.

Por fim Agostinho considerava que Fernando Pessoa e os seus heterónimos se tinham rendido à inércia da vida, sendo incapazes de agir ante as visões de futuro que com audácia iam apresentando. Todas elas revelavam grande capacidade de previsão, mas, na acção quotidiana, nada faziam para dar corpo às tarefas que anteviam, tal como também se mostravam incapazes de aproveitar as experiências das suas viagens para pensar um Portugal maior, que fosse além dos limites geográficos traçados pelo continente em que se inseria desde a sua origem: “...Fernando Pessoa estivera em África e a África se mascarara de Inglaterra; Álvaro de Campos estivera no Oriente e o seu Oriente fora Port Said e não Ormuz, fora um conde francês e não um Fernão Mendes; Alberto Caeiro estivera no Ribatejo e o seu Ribatejo nunca fora o de Giraldo nem o de Alfarrobeira; e Ricardo Reis, partindo para o Brasil, não soubera encontrá-lo.”<sup>489</sup>.

### **3.1.7. Pontos de encontro entre as diferentes profecias**

Agostinho da Silva estava convencido de que os Portugueses já se tinham convencido de que “...depois de terem afrontado tempo e história, nada mais haverá que eternidade.”<sup>490</sup>. Foi, então, neste horizonte místico que tentou evidenciar a complementaridade dos vários discursos proféticos sobre o destino de Portugal e do mundo. Com essa finalidade, na pregação do renovado ideário do culto do Espírito Santo convocou a vertente sebástica que entendeu ser comum a Camões, Vieira e Pessoa: “...D. Sebastião está sempre pronto a regressar em cada Português que a comodidade própria ou o medo da vida não levem a matar em si mesmo a pluralidade que nascemos [...]. Dever total que nos excede e culmina, quanto ao transcendente,

---

<sup>487</sup> } *Ibidem*.

<sup>488</sup> } *Ibidem*, p. 33.

<sup>489</sup> } *Ibidem*, pp. 83-84.

<sup>490</sup> } Cf. idem, *Reflexão...*, p. 38.

naquilo a que Vieira chamou cristianismo, como o chamou Camões, que Pessoa baptizou de neopaganismo [...] e que não é senão um ecumenismo...”<sup>491</sup>.

O intelectual portuense pensava também que a Sétima Idade teorizada por Fernão Lopes coincidia com o Quinto Império que se encontrava nas propostas de Vieira, diferindo um do outro apenas na forma como se haveriam de realizar: “...no Fernão Lopes [...] eram os portugueses, era D. João I e os seus cavaleiros que tinham obrigação de instaurar essa Sétima Idade em todo o mundo. E o Vieira aparece com a mesma ideia.”<sup>492</sup>. Mas enquanto para

**“...Fernão Lopes é evidente que é sobretudo este Portugal daqui [...] o Portugal do Vieira [...] já não é o Portugal do Fernão Lopes, já é um Portugal que chegou ao Japão. E já é um Portugal que foi até à última fronteira do Brasil, encostado aos Andes [...]’**  
**‘Para o padre António Vieira tratava-se de fazer no mundo o império do Cristo. Ou o reino de Deus.’**<sup>493</sup>.

Entre Fernão Lopes e o padre António Vieira tinha aparecido o profetismo de Camões, entendendo o nosso autor que o poeta de *Os Lusíadas* “...queria que fosse missão do rei de Portugal e de Portugal dar ao Deus grande parte do mundo [...] o ideal de Camões era que o mundo se divinizasse [...] ele, na ilha dos Amores, representa não apenas o mundo do Cristo, mas um mundo que fosse de Deus [...] [sem se ver] no chegar a Deus [...] uma perda do humano [...] as duas coisas têm que ser plenas e existir...”<sup>494</sup>. A vertente mística do Quinto Império tinha ganho uma nova dimensão com Camões que, depois, o Padre António Vieira e Fernando Pessoa vieram complementar. O autor portuense esforçava-se por mostrar que a finalidade de Império pensado por Camões, Vieira e Pessoa era a mesma, variando, apenas, a forma de o concretizar: “...o caso de Vieira é um caso político, o caso do Vº Império do Pessoa é um império em que cada homem e cada mulher possa atingir um ponto em que tenha a absoluta liberdade. Assim como o Quinto Império político não pode ser pensado por ninguém e, provavelmente, não o pensaria Vieira [...] como um império em que haja qualquer limite à liberdade. O próprio Camões o tinha pensado assim na ilha dos Amores.”<sup>495</sup>. Desta forma, para o

---

<sup>491</sup> ) Idem, “Confirmação”, em *Dispersos*, p. 704. As conversas com Victor Mendanha mantiveram a mesma tónica, embora se alargassem para as considerações sobre os aspectos míticos e místicos que em seu entender se prendiam com a origem e destino de Portugal (cf. idem, *Conversas com Agostinho da Silva [entrevista a Victor Mendanha]*).

<sup>492</sup> ) Idem, *O império acabou. E agora?* [entrevista de Antónia de Sousa], p. 98.

<sup>493</sup> ) *Ibidem*.

<sup>494</sup> ) *Ibidem*, p. 104.

<sup>495</sup> ) *Ibidem*, p. 115.

nosso autor, Camões, Vieira e Pessoa, ainda que por vias diferentes, propunham que o Quinto Império se revelasse como um reino de plena Liberdade.

Agostinho, pretendendo aproveitar o que de melhor tinha sido pensado pelos diferentes teóricos do Império, com Vieira partilhava a abertura de Portugal ao mundo e a necessidade de o redimir pela acção de cada um, enquanto que com Camões e com Pessoa partilhava a ideia da liberdade absoluta, bem como a possibilidade de cada pessoa poder ser todas as coisas, por bem contraditórias que pudessem parecer, pois só pelo exercício da pluralidade lhe parecia poder vir a acontecer a simultânea materialização de Deus e a divinização do Homem. O nosso autor, com o comentário às profecias anunciadas, pretendia encontrar o ancoradouro seguro para uma acção futurante que fosse significativa para o povo português:

**“...Camões, Vieira, Pessoa são heterónimos [...] são aspectos de várias épocas, de várias tonalidades, de vários temperamentos, com o mesmo ideal de que haja no mundo alguma coisa que seja a realização plena do homem.”<sup>496</sup>.**

E era em prol do mesmo ideal que Agostinho, no seu tempo, empenhava todas as suas forças, porquanto

**“O Quinto Império nunca chegou a ser. No plano político do Vieira e no plano pessoal do Pessoa, nunca chegaram a ser. Estão à nossa frente para serem feitos. Pode ser que sejam feitos daqui a quinhentos ou mil anos, não tem importância nenhuma. Estão para a frente, não estão para trás.”<sup>497</sup>.**

## **3.2. A profecia agostiniana: de Portugal ao Reino do Espírito Santo**

### **3.2.1. A ideia messiânica quateimperialista de Portugal**

Agostinho da Silva acreditava no papel messiânico de Portugal, sem, contudo, o confundir com a crença no regresso de D. Sebastião ou de qualquer outra personagem que pudesse vir a encarnar o espírito e a acção interrompida pelo rei misteriosamente desaparecido. A concepção

---

<sup>496</sup> ) *Ibidem*, p. 123.

<sup>497</sup> ) *Ibidem*, p. 78. Barrilaro Ruas considerou ser o Quinto Império de que Agostinho falava o mesmo “...da Teologia cristã, nas suas linhas ortodoxas” (cf. Ruas, Henrique Barrilaro, “O Espírito Santo em Agostinho da Silva”, em AA. VV., *Tradição e inovação, sua unidade em Agostinho da Silva – Actas de colóquios sobre Agostinho da Silva, 1996-1999*, CADA – de cada um a cada qual, s/l, s/d, p. 116).

messiânica sobre Portugal que o nosso autor nos legou é essencialmente estético-imaginária, uma vez que, nas suas palavras

**“O Quinto Império é o espaço que ocuparia um certo comportamento de gente no mundo. Mais nada. Não tomo império nem na expressão reino de Deus, não tomo isso no sentido de domínio sobre o estabelecimento de uma nova hierarquia. Ponho apenas como espaço ocupado pela realização de uma ideia. Então, o importante aí é a noção de Portugal.”<sup>498</sup>.**

O intelectual português acreditava piamente que se Portugal conseguisse uma plataforma alargada de entendimento com os seus antigos territórios ultramarinos, criar-se-iam as condições para que surgisse um grande bloco sócio-político que, através da cultura e da língua portuguesas, influenciaria, para melhor, o destino da Humanidade, uma vez que se passaria a “...pensar o mundo inteiro, de plena paz, de inteira liberdade do pensamento de cada um e de toda a liberdade de existir.”<sup>499</sup>. Afinal, como nos lembra José Carlos Casulo, Agostinho, nas suas propostas “...não descurou o relacionamento dos povos portugueses com o mundo que gravita à sua volta [...] e, neste sentido, não se pode deixar de ter em conta que [...] também pensou em iniciativas políticas. Estas últimas, todavia, decorrem da sua visão mais ampla do messianismo português como um messianismo religioso.”<sup>500</sup>.

Agostinho apresentava as crianças como modelo de liderança política futura dos povos de língua e cultura portuguesas: “...quando toda a esperança parecer perdida, é ao mesmo tempo o Menino que jamais se resignou a ser adulto no Rei de Alcácer e o Menino que jamais se resignou a ser adulto nos melhores homens do mundo [...] a grandeza do Reino de Jesus afirmava ser o seu e que seria povoado dos pequeninos que a si chamava e que apontava como modelo a seus discípulos...”<sup>501</sup>. O nosso autor desejava profeticamente contribuir para que se pudesse cumprir o anunciado reino de Deus pela acção missionária de Portugal a quem competia iniciar “...no mundo o novo Império, cada homem e cada mulher, redimindo-se de ser adultos, iria oferecer a um deus também Menino, libertado finalmente de sua Cruz e de seu

---

<sup>498</sup> ) Agostinho da Silva, *O império acabou. E agora?* [entrevista de Antónia de Sousa], p. 109. A visão messiânica do nosso autor pode incluir-se naquela corrente que Machado Pires caracterizou como impulsionadora de uma “...atitude mental criadora de uma cultura, de uma literatura, de um pensamento filosófico-político que aproveita o tema mítico-messiânico ou dele deriva.” (cf. Pires, António Machado, *O sebastianismo*, 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, p. 7 (prefácio à 2ª edição)).

<sup>499</sup> ) Agostinho da Silva, *O império acabou. E agora?* [entrevista de Antónia de Sousa], p. 110.

<sup>500</sup> ) Casulo, José Carlos, *Contributos para o estudo da pedagogia portuguesa contemporânea*, Braga, CEEP-Universidade do Minho, 2001, p. 117.

<sup>501</sup> ) Cf. Agostinho da Silva, *Um Fernando Pessoa*, pp. 89-90.

distante Céu, o seu ramo infantil de contempladas flores.”<sup>502</sup>. Aquele Império pelo qual Agostinho clamava, plasmava-se, então, no rei menino que se tinha perdido no mundo, mas cuja coragem e abnegação o mundo ansiava reaver na acção de cada um dos seus habitantes. Mas o Império assim pensado só poderia “...surgir quando Portugal, sacrificando-se como Nação, apenas for um dos elementos de uma comunidade de língua portuguesa...”<sup>503</sup> que dê como exemplo maior ao mundo o reinado daquele “...Menino Imperador que, em oposição ao Imperador germânico, o Imperador dos adultos [...] coroavam, por amor do Futuro, os portugueses do melhor tempo, e que ainda hoje coroam os homens de Santa Catarina...”<sup>504</sup>.

Agostinho acreditava que tudo aquilo que vinha sucedendo a Portugal ao longo da sua História se haveria de revelar como a base do Quinto Império: “Portugal perdeu o Brasil, como colônia, desde o embarque do Príncipe e o estabelecer-se sua corte no Rio: foi esse o impulso que veio a dar o estabelecimento liberal. A consciência da perda dos territórios entre Angola e Moçambique deu a República. A derrota nas colônias provocou o 25 de Abril, revolução que apenas começou e que só quando for plenamente apoiada pelo Brasil e pela África encarreirá o País à segunda época de Descobrimientos, a da fraternidade humana. Só o conjunto de todos os Povos de Línguas Ibéricas levará à terceira, essa metafísica e mística – a do Espírito Santo.”<sup>505</sup>. Aguardava-se, então, a terceira era para Portugal.

A convicção de que era a Portugal que competia instaurar o Quinto Império, era sustentada pelo nosso autor na análise que fazia da acção do nosso povo: “Tudo o que o Português realizou, com todas as imperfeições que são da raça humana, é de jeito missionário. E tudo o que o Português reclamou sempre de todos os governos que sucessivamente tomaram conta do país foi isso mesmo: que lhe dessem o direito de cumprir o seu dever de ser católico: isto é, fraternal e universal.”<sup>506</sup>. O novo mundo seria, então, povoado por todos os homens cujo objectivo último das suas acções se consubstanciavam na criação, no serviço e na oração, reproduzindo, aliás, a organização simultaneamente militar e religiosa “...dos Templários e da Ordem de Cristo.”<sup>507</sup>.

---

<sup>502</sup> ) *Ibidem*, p. 90.

<sup>503</sup> ) *Ibidem*, pp. 90-91.

<sup>504</sup> ) *Ibidem*, p. 91.

<sup>505</sup> ) Idem, *Reflexões, aforismos e paradoxos*, pp. 143-145.

<sup>506</sup> ) Idem, *Reflexão...*, p. 42.

<sup>507</sup> ) Idem, “O Espírito Santo das Ilhas Atlânticas”, em *Dispersos*, p. 198.



Impunha-se, também, a Agostinho, encontrar um modelo de organização social que transitoriamente ajudasse a preparar o Quinto Império e esse modelo decalcou-o da organização sócio-política que caracterizou Portugal no reinado de D. Dinis:

**“...máxima autonomia dos concelhos [...]. País como um agregado de repúblicas municipais coordenadas [...] pelo governo central [...] comunitarismo agro-pastoril e florestal, com toda a aconselhável extensão ao marítimo de transporte e pesca [...] um Banco Cooperativo [...]. Estudos Gerais [...] não restringidos ao universitário [...]. Misericórdias a dirigir tudo o que se refere a saúde...”<sup>508</sup>.**

Como vemos, do ponto de vista prático, Agostinho propunha-se recuperar uma organização governativa com cerca de setecentos anos, mas, lucidamente, face ao evoluir dos tempos, nada excluía de todo o saber acumulado ao longo dos séculos: retorno “...ao basilar do século XIII com a nova tecnologia ‘iluminando’ a história que fomos mais o sonho que sempre seremos.”<sup>509</sup>.

Para mostrar que era possível por em prática, num horizonte de complementaridade, as ideias que vinha defendendo, o nosso autor esclarecia que, do ponto de vista da evolução espiritual a organização socialista tinha falhado porque instalou “...no homem três ideias: a de que pode dispor do mundo [...] afogando-se em coisas; a de que é senhor seu e a ninguém deve obediência; a de que o corpo lhe foi dado como fonte de prazer e não para ser companheiro fiel de sua alma...”<sup>510</sup>, enquanto que o liberalismo revelou que “...os três princípios, o de pobreza, o de obediência e o de continência, ou são impostos pela natureza do regime e, pela revolta que geram, mais aproxima do Diabo do que de Deus, ou são a característica de ordens religiosas, que sempre se defendem mal contra a pressão constante do mundo da propriedade privada.”<sup>511</sup>. Para que Portugal começasse a construir o Quinto Império tinha que fazer a síntese dos legados anteriores, adoptando, desde logo, uma organização social que assentasse em cooperativas simultaneamente de produção e de consumo, tarefa esta que, em seu entender “...deveria ter sido iniciada há muito pela Igreja...”<sup>512</sup>, com o recurso à fraternidade cristã que estava no seu espírito e que, em sua opinião, era capaz de sintetizar a herança das “...duas sociedades de

---

<sup>508</sup> ) Idem, “Carta vária XLIV”, em *Dispersos*, p. 849.

<sup>509</sup> ) Idem, “O sonho que sempre seremos”, em *O Setubalense*, 21 de Fevereiro de 1990, p. 4.

<sup>510</sup> ) Cf. idem, “Considerando o Quinto Império”, em *Dispersos*, p. 194.

<sup>511</sup> ) *Ibidem*, pp. 194-195.

<sup>512</sup> ) *Ibidem*, p. 194.

carácter materialista: a da Rússia e a dos Estados Unidos; com consequências graves para todo o mundo e que serão o maior obstáculo a vencer na organização do Quinto Império.”<sup>513</sup>.

Para que Portugal pudesse realizar a missão universalista que lhe estava reservada, tinha de substituir os símbolos que o identificavam enquanto país, por outros que pudessem simbolizar o mundo todo:

**“Missão de Portugal de reformar o mundo, pelo ideário político do século XIII’**

**‘Hino novo sem lembranças da República ou Monarquia. Hino de missão ecuménica’**

**‘Bandeira de esfera e quinas sinal do que se foi e se é, coroa, símbolo do Universo que cabe a Portugal.’<sup>514</sup>.**

### **3.2.2. O Quinto Império como Reino do Espírito Santo**

Agostinho da Silva considerava que o essencial “...da Nação Portuguesa [...] é de natureza teológica [...] ou metafísica de que tiveram ideia os portugueses do século XIII com o Culto do Espírito Santo [...] que tinha todo o variado plural dos teísmos...”<sup>515</sup>. Para além disto, entendia que o mundo precisava de um novo poder que fosse capaz de, pela égide do Espírito Santo, consumir definitivamente a Terceira Idade anunciada por Joaquim de Flora e seus seguidores e acreditava que era a Portugal que estava destinada esta missão:

**“Para que nos entendamos, é a isto que eu chamo Quinto Império, depois dos outros que apontou Pessoa, o da Grécia, que deu a Ideia, o de Roma, que deu a Ordem, o da Cristandade, que deu o Amor, o da Europa, que deu o Poder; gostaria de que Portugal visse logo o futuro de todo esse passado e que não fosse apenas o rosto peninsular de que fala o Poeta, mas o corpo inteiro que as navegações lhe descobriram...”<sup>516</sup>.**

Mas se entendia que esta missão estava destinada aos portugueses, porque “...o fundamental da cultura portuguesa [...] consiste em misturar gente...”<sup>517</sup>, não se esquecia de

---

<sup>513</sup> ) *Ibidem*.

<sup>514</sup> ) Idem, “Uma folhinha de quando em quando”, em *O Setubalense*, 4 de Dezembro de 1991, p. 4.

<sup>515</sup> ) Idem, “Um soneto e um breve comentário”, em *ibidem*, 21 de Fevereiro de 1990, p. 4.

<sup>516</sup> ) Cf. Idem, “Barca D’Alva – Educação do Quinto império. Fascículo I”, em *Dispersos*, pp. 483-484. Ver ainda “Agostinho da Silva, bandeirante do espírito (entrevista a Francisco Palma Dias)”, pp. 140-166. Sobre esta temática pode também ler-se o nosso artigo “Notas sobre o milenarismo quíntimperalista de Agostinho da Silva”, em *Pensar(es)*, Revista da Escola Secundária João Araújo Correia – Peso da Régua, nº 1, Maio de 1999, pp. 46-49.

<sup>517</sup> ) Agostinho da Silva, “A época mais decisiva do mundo”, em *Notícias-Magazine*, 31 de Dezembro de 1989, p. 7.

ressalvar que “Não quer dizer que Portugal seja o ‘imperador’, porque se todo o mundo for Portugal, o que será Portugal no meio desse mundo que é Portugal? Não é coisa nenhuma, é uma parte do mundo e acabou-se, sem proeminência de qualquer espécie.”<sup>518</sup>.

O Quinto e último Império não cometeria os erros dos quatro Impérios anteriores, cujo fracasso se devia à má actuação dos seus Imperadores. Para o nosso autor, que partilhava o raciocínio do Padre António Vieira, o Quinto Império teria “...Deus como imperador [...] um Deus bom [...]. Portanto, não vai haver Sexto.”<sup>519</sup>. Ele seria o Reino onde “...mística e razão se fundem no Logos do Evangelho joanino”<sup>520</sup> e impor-se-ia a todos os homens como o “...reino universal da liberdade, da abundância, da plena revelação do homem como espírito propiciador de criação.”<sup>521</sup>.

Assim, o Quinto Império impunha-se-lhe como uma empresa divina e correspondia à transformação da Terra no reino universal do Espírito:

**“Se o primeiro passo dos Impérios está sempre no espírito dos homens [...] muito mais o estará para este Quinto Império de que falamos, o Império do Espírito Santo, a que iam os portugueses de hoje, o que significa os que hoje no Mundo falam e sentem portugueses.”<sup>522</sup>.**

Mas era na edificação de um Reino espiritual sob a tutela de uma igreja ecuménica, a Igreja do “...Espírito Santo, em que entravam mouros e judeus...”<sup>523</sup>, que Agostinho acreditava com todas as suas forças. Um reino que, na Terra, seria representado por um Imperador que tivesse a preocupação de soltar os “...presos das prisões...”<sup>524</sup> e de excluir “...qualquer regime económico que condene à miséria qualquer porção de humanidade...”<sup>525</sup>. Como já vimos, este Imperador era personificado pela criança e, por isso, tornava-se necessário que a sociedade se empenhasse no sentido de “Restaurar a criança em nós e em nós a coroarmos Imperador, eis aí o primeiro passo para a formação do Império.”<sup>526</sup>. No limite, como Imperador, no futuro, surgiria cada um de nós após ter realizado a metanóia para que Agostinho apontava:

---

<sup>518</sup> } *Ibidem*.

<sup>519</sup> } Agostinho da Silva, *A última conversa [entrevista de Luís Machado]*, p. 99.

<sup>520</sup> } Cf. *idem*, *Reflexão...*, p. 62.

<sup>521</sup> } *Idem*, “Perspectivas”, em *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, n.º 4, 1968, pp. 320-321.

<sup>522</sup> } *Idem*, “Considerando o Quinto Império”, em *Dispersos*, p. 197.

<sup>523</sup> } *Ibidem*, p. 195.

<sup>524</sup> } *Ibidem*.

<sup>525</sup> } *Ibidem*.

<sup>526</sup> } *Ibidem*, p. 196. Sobre o culto popular do Espírito Santo e o simbolismo que envolve a festa, pode, ainda, ver-se “O Espírito Santo das Ilhas Atlânticas”, em *Dispersos*, pp. 567-573.

**“Os homens que por uma nova metanóia tiverem passado a ser crianças terão fatalmente de se organizar, e o tipo de organização terá que ser o de ordem religiosa [...] de qualquer religião [...] fundada nas três liberdades tradicionais e essenciais de não possuir coisas, de não possuir pessoas e de não se possuir a si próprio.”<sup>527</sup>.**

A metanóia aqui apontada, aquela que efectivamente levaria a uma nova organização mundial, seguindo os argumentos do intelectual portuense, só se poderia obter através da oração: “Nenhum instrumento de Quinto Império o dará sem a oração. Só por ela virá esse império estendido a todas as nações do Mundo, a todas elas revelando o Espírito...”<sup>528</sup>. Sem sistema de governo ou de economia, sem distinção entre quem manda e quem obedece, tomando a criança como modelo do Imperador que passava a ser cada um dos homens e mulheres desse Reino, o Império que haveria de garantir o reino do Espírito, corresponderia, então, a um “Reino de Deus sem Rei, porque sem súbditos; Império sem número algum, porque sem memória de que lhe antecederam e sem nenhum que venha a suceder-lhe; Sociedade sem classes, porque soltos os homens da política que os distingue; e da economia que os separa; da morte que a todo vivo a vida empalidece.”<sup>529</sup>.

Verdadeiramente e acima de tudo, Agostinho sempre acreditou que o evoluir da História de Portugal correspondia à realização do Império do Espírito Santo:

**“Portugal, vindo de além do mundo, revela-se ao mundo até ao século XIV, formulando a sua cultura própria, a do Espírito Santo, e na plenitude de suas características fundamentais, no que inclui o que se chame de qualidades ou defeitos, de seu inteiro povo, ou do conjunto de seus povos regionais, dos grupos vários que se formem e de colaborantes classes’.**

**‘Do século XV ao século XX revela Portugal o mundo ao mundo, na força máxima de sua variedade, e com bastante compreensão de sua unidade humana e de sua aspiração ao mais elevado e mais íntimo’.**

**‘Do século XXI por diante revelará Portugal ao mundo, sobretudo pelo ser de cada um, o que se vai atingir para além do mundo, com toda a física uma metafísica; todas as coisas várias e a mesma; todos os povos um só e diferentes; todas as características uma e diferentes; todos os ideais diferentes, e um só.’<sup>530</sup>.**

---

<sup>527</sup> ) Idem, “Considerando o Quinto Império”, em *Dispersos*, pp. 197-198.

<sup>528</sup> ) *Ibidem*, p. 199.

<sup>529</sup> ) Idem, “Carta de Agostinho da Silva sobre *Talhamar* (1988), em Silva, Dora Ferreira da, *Poesia reunida*, p. 467.

<sup>530</sup> ) Agostinho da Silva, “Um bilhete de Agostinho”, em *O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, p. 6. Para neste momento articular a sua filosofia com a sua pedagogia, deixamos o comentário de Álvaro Ribeiro, datado de 1958 aquando da publicação de *Reflexão...*: “A reflexão escrita por Agostinho da Silva [...] acaba, afinal, por incidir naquelas tristes escolas em que a divulgação de doutrinas estrangeiras antecede,

Desta forma, o intelectual portuense convocava todos os portugueses para que, após terem entrado no século XXI, seguissem o seu pensamento e a sua acção e com ele que imitava Fernando Pessoa, entoassem a uma só voz *É a Hora*, não só de Portugal como queria Pessoa, mas de todo o Mundo, como desejava Agostinho.

---

ofusca ou oprime o estudo do pensamento nacional, o pensamento livre que os filósofos portugueses admiravelmente articulam com o *Espírito Santo*, pensamento religioso, católico, universal" (cf. Ribeiro, Álvaro, "Reflexão – por Agostinho da Silva", em *Diário de Notícias*, 18 de Dezembro de 1958, p. 13).

## **CONCLUSÃO**

## 1. Conclusões quanto à obra

Tendo em conta a produção bibliográfica que aqui apresentámos, concluímos que Agostinho da Silva foi prolixo na diversidade de géneros literários que cultivou, como é evidenciado nas dezenas de livros que assinou abrangendo mais de uma dúzia de ensaios, dezenas de trabalhos de carácter biográfico e autobiográfico, um considerável número de novelas, centenas de poemas, assídua colaboração em revistas e jornais, centenas de cadernos e de opúsculos, diversas traduções e centenas de cartas.

O nosso labor levou-nos a concluir que Agostinho utilizou determinados factos, obras, assuntos para falar de coisas que lhes parecem totalmente alheias, usando uma escrita algo desordenada, em que os títulos nem sempre reflectem o conteúdo dos textos e em que, não raras vezes, os propósitos anunciados para uma publicação acabavam por não serem respeitados, tal como se pode ver, por exemplo, em *Vitória – para a quinta classe. Introdução*, em *Goa – cadernos teológicos* ou em *Compostela – carta sem prazo a seus amigos. Primeira de 71*. Foi também o que aconteceu com várias biografias que redigiu, cujo estrito carácter biográfico nem sempre foi cumprido.

Pese embora a multiplicidade dos textos autobiográficos que nos deixou, convém destacar que, da sua vida íntima, nunca nos disse nada de relevante, tendo sempre separado a vida pública da vida privada.

Os primeiros escritos, porque publicados entre 1925 e 1933, levam-nos a concluir que se prendem com as questões escolares ligadas à sua formação universitária, com alguma polémica à mistura.

Concluímos, ainda, que parte das suas publicações resultaram da compilação de textos que tinham conhecido edição anterior na revista *Seara Nova*, como é o caso das *Glossas*, das *Considerações* e do *Diário de Alcestes*.

A análise à obra ficcionada que nos deixou leva-nos a concluir que revela um fundo trágico, de cunho individualista e pessimista, onde os protagonistas acabam resignadas perante o que lhes parece ser uma fatalidade, revelando uma concepção trágica da vida, de herança grega, que o aproxima de Nietzsche e de Schopenhauer.

Concluímos, ainda, que os textos produzidos depois de *Reflexão à margem da literatura portuguesa* (1957), se tornam repetitivos, versando, essencialmente, o ideário da organização sócio-política que esperava ver restaurada em Portugal e alargado a todo o Mundo.

Também concluímos que diversos títulos anunciados para publicação nunca o chegaram a ser, efectivamente, como foi o caso da biografia de Diderot, que constava do plano da colecção da Biblioteca Cosmos, como se pode ver, por exemplo, na contracapa de Ésquilo, *Prometeu agrilhado*<sup>1</sup>.

Agostinho foi um intelectual de amplos consensos e não pertenceu, em termos de militância, a este ou àquele grupo, sendo estimado por uma larga camada da intelectualidade portuguesa, colaborando, quase em simultâneo, com movimentos culturais dissonantes, como foram a *Renascença Portuguesa* e a *Seara Nova*. Mas se colaborou com estes dois movimentos, que embora antagónicos comungavam do mesmo princípio republicano, também colaborou com os movimentos monárquicos que se expressavam nas publicações *Acção Académica* e *Id'ea Nacional*. Esta versatilidade levou um seu amigo a afirmar: “Defini-lo como integrado a uma qualquer corrente política bem determinada é tarefa impossível. Antifacista, certamente! Mas nessa designação cabem, felizmente, nomes os mais diversos, desde monarquistas-socialistas como António Sérgio, a comunistas, como Álvaro Cunhal passando por republicanos da linha democrática, católicos progressistas, sociais-democratas e até fascistas sinceramente arrependidos como Humberto Delgado. Agostinho, pelo que escreveu e disse publicamente não se encaixa em nenhuma destas ou de qualquer outra classificação.”<sup>2</sup>.

Finalmente, do primeiro capítulo concluímos que a evolução da sua obra aponta para uma evolução paralela do seu pensamento em três fases que, por vezes, se interpenetram.

Uma primeira fase, de formação, dominada pelo neoclassicismo e na qual as novelas publicadas em *O Comércio do Porto* marcaram o pessimismo existencial que nos textos ficcionados nunca chegou a abandonar, fase na qual tentou conciliar várias e opostas tendências como o nacionalismo monárquico, o republicanismo espiritual, que se abrigava na *Renascença*, e o republicanismo laico e racionalista, que a *Seara Nova* acarinhava.

Uma segunda fase, iniciada com as *Glossas*, em 1932, caracterizada pela procura de um sentido ético para a vida e a defesa de uma existência heróica e santa, heroísmo que extraiu da herança cultural grega, pela reflexão dos seus mitos (paganismo) e da santidade pensada a partir de uma perspectiva cristã.

Por fim, uma terceira fase, iniciada com a publicação, no Brasil, em 1957, do ensaio *Reflexão à margem da literatura portuguesa*, caracterizada pela redescoberta dos arquétipos

---

<sup>1</sup> ) Ésquilo, *Prometeu agrilhado*, trad. Eduardo Scarlatti, Lisboa, Cosmos, 1942.

<sup>2</sup> ) Silva, José L P L C, “Um Agostinho da Silva”, em *Agostinho*, S. Paulo, Green Forest do Brasil, 2000, p. 217.



míticos de Portugal que o levaram a considerar o reinado de D. Dinis como a época de ouro portuguesa, que tinha, em seu entender, como manifestação principal, o culto popular do Espírito Santo, que passou a considerar como o pilar fundamental do Portugal-Ideia.

## **2. Conclusões quanto às ideias pedagógicas**

### **2.1. De carácter geral**

Quanto a teorias pedagógicas, Agostinho da Silva criticou a sofisticada, certos aspectos da pedagogia dos jesuítas e a escola mercantilizada e, em sentido inverso, elogiou o modelo socrático-platónico de educação, o humanismo pedagógico e a educação libertária, oscilando o seu pensamento entre uma reforma educativa que fosse de encontro às propostas da Educação Nova, com algumas correcções, e uma educação global pela experiência da vida, em que o saber ler, escrever e contar fossem considerados meros aspectos dessa experiência.

A nossa investigação levou-nos a concluir que Agostinho da Silva pensou a educação pré-primária, a educação básica e a educação secundária, bem como a educação superior e universitária, tendo, contudo, fixado o essencial da sua meditação no nível superior e universitário.

Relativamente à educação de infância e ao ensino primário concluímos que, embora não se tivesse detido na análise das suas práticas pedagógicas e da sua organização, defendeu que se estruturasse no sentido de auxiliar um sã crescimento das crianças, apontando, ainda, como obrigação das escolas primárias, numa altura em que o analfabetismo era massificado, ensinar a ler, escrever e contar às pessoas adultas e trabalhadoras, cuidando da sua educação do espírito. Concluímos, ainda, que defendeu que as escolas primárias se situassem no campo, fazendo da vida livre o húmus da sua razão de ser, e que os alunos fossem distribuídos pelas turmas de acordo com as idades e respectiva maturação intelectual.

Quanto ao ensino liceal podemos concluir que se preocupou, essencialmente, com a melhor forma de ensinar o latim, disciplina que leccionou enquanto foi professor dos liceus.

Sobre o ensino superior e universitário, concluímos que não apenas teceu duras críticas ao modelo de Universidade vigente, mas que também propôs um modelo que contemplava as condições de acesso, a investigação a realizar, a estrutura e a organização da instituição, relevando, no seu interior, o papel da Filosofia e da Teologia. Concretamente, divulgou o projecto

da Universidade de Brasília como aquele que melhor serviria uma universidade que fosse pensada para servir, da melhor forma possível, a comunidade em que se inserisse.

Concluimos que o nosso autor se preocupou com a formação dos professores, os quais considerou como os grandes mediadores entre o conhecimento e a ignorância. Criticou qualquer formação de professores que relativizasse as qualidades inatas para um bom exercício da profissão docente, tornando docentes em meros técnicos da educação, avançando como principais características a um bom professor, para além de uma boa preparação técnica e científica, uma elevada capacidade de compreensão, uma cultura alargada, uma conduta ética e moral irrepreensíveis.

No concernente à educação extra-escolar concluimos que Agostinho nos apresentou o escutismo como uma forma de vida comunitária e fraterna, em que a vida em grupo elimina a ideia da concorrência, substituindo-a pela colaboração e o serviço aos outros. Também concluimos que defendeu uma educação de adultos em moldes diferentes dos habituais, pois relativizou a preocupação manifestada pelo ensino da leitura, escrita e cálculo, centrando este tipo de educação - a de adultos - na satisfação da curiosidade que cada um mostra ante qualquer coisa que desperta o seu interesse. Concluimos que entendeu a educação permanente como a liberdade absoluta de cada um aceder, em qualquer fase da sua vida, à informação que pretender, às escolas de todos os graus de ensino e ao permanente exercício da crítica e à indagação religiosa e metafísica. Quanto à educação comunitária podemos concluir que a defendeu como elo de ligação entre a pessoa e a comunidade a que pertence.

Por fim, podemos concluir que o pensamento pedagógico do nosso autor contemplava uma educação geral baseada na experiência da vida, que era da competência de todos aqueles que interagiam nas várias fases do desenvolvimento de cada um e uma educação científica e técnica que deveria ser ministrada por pessoas competentes, quer estivessem ou não habilitadas por um diploma para proceder a esse ensino. Podemos concluir, ainda, que a pedagogia que nos propôs se baseava numa concepção da infância de inspiração evangélica, respeitadora da liberdade e criatividade de quem ensinava e de quem aprendia.

No tocante aos modelos antropológicos, concluimos que privilegiou o carácter aventureiro de personagens que arriscavam contínua e conscientemente a vida, e que fazia, com regularidade, várias referências à educação das personagens que biografava com o propósito de revelar que, de um modo ou de outro, tinham tido uma infância livre em contacto com a

natureza e uma aprendizagem pela experiência da vida que contrastavam com uma passagem dolorosa pela escola oficial.

## **2.2. Quanto às ideias pedagógicas referentes a Portugal**

No tocante ao aspecto agora em apreço, começamos por concluir que o nosso autor criticou duramente o modelo escolar europeu que vigorava entre nós, por considerar que servia apenas para alienar as crianças, crianças estas que colocou no centro da sua preocupação pedagógica que incluía uma íntima ligação entre a escola e a vida, única forma de proporcionar um bom crescimento intelectual e moral àqueles pequenos seres.

Concluimos que considerou a escola como um instrumento ao serviço da organização futura de Portugal cuja principal tarefa era ajudar a tornar cada criança num Imperador do Espírito Santo. Para tanto, defendeu que, em todos os níveis de ensino, as escolas se organizassem no sentido de poder satisfazer a curiosidade natural de cada um, devendo ser, ao mesmo tempo, científicas, técnicas, artísticas e filosóficas, nelas devendo coabitar em perfeita harmonia a razão e a emoção. Ao Estado apenas competiria intervir na sua organização, sem impor qualquer modelo de ensino.

Dos níveis de ensino anteriores à Universidade relevamos como principais conclusões o facto de considerar necessário que as escolas primárias se deveriam iniciar com os jardins de infância e que se deviam impor como o centro da vida das populações. Quanto ao ensino secundário mais adequado a Portugal, defendeu o seu funcionamento em regime de internato, com a novidade de se estruturar num modelo de aldeias escolares que albergariam os professores e os alunos. Enquanto nível de ensino que acompanhava a passagem da meninice até à juventude, considerou-o o mais importante de todos, propondo um currículo equilibrado entre o ensino e a aprendizagem das ciências e das humanidades, protagonizando, ainda, a extinção das diferenças entre ensino técnico e ensino liceal.

Quanto ao ensino superior e universitário concluimos que distinguiu o ensino superior técnico do ensino universitário, criticando a universidade portuguesa que se lhe apresentava como uma instituição conservadora e divorciada do povo, sugerindo mesmo algumas propostas de organização curricular para que este nível de ensino pudesse efectivamente servir Portugal e os portugueses. Concluimos, também, que defendeu que as instituições do ensino superior se encontrassem espalhadas um pouco por todo o território nacional, assentes, também, na total

liberdade de ensinar e aprender, em plena continuidade com as escolas dos outros níveis de ensino. Concluímos que concebeu estas escolas como o campo privilegiado de reflexão sobre a identidade nacional, desejando que abrigassem, em simultâneo, os cientistas e os autodidactas, que estivessem bem equipadas a nível de bibliotecas e a nível de laboratórios e que fossem enlaçadas por Centros de Estudos Filosóficos, centros estes que teriam o papel de procurar a unidade da diversidade do pensamento que, em Portugal e sobre Portugal, se fosse produzindo.

Também concluímos que criticou a educação de adultos que oficialmente se fazia em Portugal, considerando que a alfabetização não se pode limitar a ensinar a ler, escrever e contar, mas deve acontecer durante toda a vida, para que possa acompanhar as transformações permanentes a que o mundo é sujeito. Tinha, portanto, uma concepção funcional da alfabetização.

Concluímos que, como estruturas essenciais ao aprofundamento e divulgação da cultura portuguesa que se suportava num saber de experiência feito, apoiado na religião do Espírito Santo, Agostinho propôs a criação de os Comuns ou Grupos de Interesse, a abertura nos quatro cantos do mundo de Centros de estudo e reflexão e a criação de uma Universidade da Comunidade de Cultura Portuguesa.

Quanto aos modelos antropológicos de Portugal concluímos que deu particular ênfase ao jesuíta padre António Vieira, ao rei D. Dinis, ao filósofo de origem portuguesa Espinosa, aos historiadores Alexandre Herculano e Jaime Cortesão, bem como aos poetas e escritores Camões e Fernando Pessoa. No tocante à acção política elogiou Afonso de Albuquerque e Alexandre Gusmão, relevando também o pensamento do seu contemporâneo Adriano Moreira.

### **3. Conclusões quanto aos fundamentos filosóficos**

#### **3.1. De carácter geral**

Quanto aos fundamentos filosóficos das ideias pedagógicas concluímos que Agostinho foi um defensor do conhecimento científico e do progresso da Técnica – não sem ter equacionado as consequências éticas dos avanços científicos – porque acreditava que a evolução conjunta da Ciência e da Técnica haveria de eliminar todas as formas de trabalho libertando a Humanidade para o ócio e a contemplação.

Em relação à Filosofia, podemos concluir que Agostinho a considerou como exercício racional em busca da verdade, criticando-a sempre que se assumia como laica. Ainda em termos de especulação filosófica, podemos concluir que Agostinho se aproximou de um idealismo de feição platónica, revertendo o seu pensamento para um monismo panteísta que se resolveria pelo paradoxo, num meio termo entre o essencialismo e o existencialismo.

Da sua reflexão sobre a estética concluímos que a entendeu quer como conhecimento sensível quer como teoria da arte. Apesar de, na ficção, ter mostrado simpatia pelo esteticismo de Óscar Wilde, que defendia a arte pela arte, em termos especulativos mostrou-se mais próximo de uma arte realista, tendo-a pensado como um meio privilegiado de acesso à unidade perdida, tecendo várias considerações sobre o artista e a criação e criticando o estatuto da arte moderna.

O nosso labor levou-nos a concluir que Agostinho defendeu o paradoxo como forma de conciliar os contrários. Assim, ao entender o paradoxo como categoria fundamental da existência, aproximou-se de Kierkegaard, superando o pensamento do filósofo dinamarquês ao considerar que a missão de todos e de cada um era a santidade, espécie de estádio religioso da vida que o autor de *Temor e tremor* negava que pudesse estar ao alcance dos homens, superando-o, também, ao não aceitar a obrigatoriedade da escolha, o ou isto ou aquilo em que Kierkegaard firmou o seu pensamento, pois para o nosso pensador a acção de cada um deveria firmar-se simultaneamente no isto e aquilo num eterno jogo conciliatório. A sua posição ante o paradoxo levou-nos, ainda, a concluir que teorizou o misticismo de forma religiosa enquanto forma de abordar a totalidade da vida no sentido de vir a superar o paradoxo do conhecimento humano.

Da sua especulação sobre o Ser e a existência (leia-se ser) concluímos que fez coincidir o Ser com Deus, tendo privilegiado o papel do Homem no seio da criação; sem deixar de reconhecer a materialidade implícita à criação, afirmava que o ser do Homem coincidia com o ser de Deus. O seu pensamento em torno da ontologia, ao defender que o Ser contém tudo que existe, mesmo que só seja sustentado pela consciência, aproxima-se da experiência englobante de Karl Jaspers. Quanto à problemática em torno do ser e do ter, ao preferir acolher o ser e rejeitar o ter, aproxima-se de Gabriel Marcel.

Sobre a questão da origem do mundo, concluímos que o nosso autor defendeu as teorias eternalistas e o panteísmo. Quanto à reflexão sobre a religião, ressalta, desde logo, o tê-la considerado como a forma mais perfeita de conhecimento; estamos, também, em condições de concluir que o seu pensamento reflecte simultaneamente a herança grega e a vivência

evangélica, bem como diversos outros elementos que recolheu nas religiões orientais e africanas, a cujo carácter meditativo e contemplativo se rendeu.

Concluimos que ao pensamento de Agostinho subjaz um forte pendor antropológico. Usou, de forma indistinta, os conceitos de indivíduo e de pessoa; em qualquer caso, a pessoa deveria manter o direito fundamental de ser poeta inteiramente à solta, isto é, de ter uma existência heróica e sacrificial, de doação aos outros; revelou uma forte preocupação social, denunciando a miséria humana e os conflitos sociais.

Quanto à Axiologia, concluimos que Agostinho seguiu a tradição platónica e neo-platónica, entendendo que os valores eram captados por intuição após um aturado exercício da razão e preferindo os valores espirituais aos valores materiais. Defendeu a perenidade de valores como a vida, a caridade, a amizade, a justiça, a liberdade, ao mesmo tempo que recusou liminarmente o relativismo axiológico.

A reflexão que nos deixou em torno do Amor levou-nos a concluir que o considerou quer através da tradição grega, Eros, quer através da tradição judaico-cristã, Agapé. Partindo da herança grega reflectiu sobre o Amor enquanto exercício da inteligência rumo ao Bem, à Verdade e à Beleza, complementando este percurso com a preocupação judaico-cristã, ao pretender que, pelo Amor, se garantisse a efectiva igualdade entre todos os homens, criticando o amor romântico e defendendo o amor místico.

Da organização sócio-económica que preconizou podemos concluir que foi influenciado pelo anarquismo e pelo socialismo utópico de Lesseps, Robert Owen e William Morris. Elogiou a democracia de Péricles e foi condescendente com regimes autoritários e anti-democráticos, criticando a organização democrática dos Estados por a achar insuficiente na promoção de uma verdadeira igualdade. Em termos económicos, concluimos que foi um crítico quer da economia de mercado quer da economia planificada, e um convicto defensor do comunitarismo cooperativista. Foi um pioneiro do universalismo, de que a globalização é um reflexo, embora, como tantos outros, gostasse de o ver realizado pelo comunitarismo solidário.

### **3.2. Conclusões quanto a Portugal**

As teses que nos deixou sobre a origem e o destino de Portugal, tal como se conclui da nossa investigação, põem em evidência o papel de S. Bernardo de Claraval e das Ordens Monásticas tendo ainda considerado o reinado de D. Dinis como o período áureo de um Portugal

que entrou em declínio no século XV e seguintes com o triunfo, entre nós, dos ideais renascentistas, do direito romano e dos efeitos da Reforma.

Concluimos que rejeitou a existência de um pensamento filosófico em Portugal e que criticou o saudosismo e o fado, considerando-os perniciosos para o conjunto da nação portuguesa.

Elogiando a vocação para a acção própria dos portugueses e a sua missão de Paz, concluimos que Agostinho da Silva atribuiu um papel importante na construção do futuro de Portugal ao Povo português, condenando de forma veemente a União Europeia.

Outra conclusão a tirar é a de que as suas propostas reformistas tinham um claro sentido político que se tornava evidente na assunção implícita de um patriotismo nacionalista e monárquico.

O nosso trabalho leva-nos a concluir que Agostinho foi um acérrimo defensor da vocação atlântica de Portugal, o que o levava a defender a aliança luso-britânica, por lhe parecer ser anti-europeia, tal como, em sua opinião, acontecia com o iberismo cultural. O seu atlantismo levou-o a considerar o Brasil como um prolongamento natural de Portugal.

Concluimos, ainda, que considerou Camões, o Padre António Vieira e Fernando Pessoa como os principais profetas do destino de Portugal, e que tentou conciliar numa só doutrina os messianismos quinqüimperialistas pensados por cada um deles, ao mesmo tempo que associou o Quinto Império ao reino do Espírito Santo, alargando o conceito de Pátria como língua ao conceito de Pátria como língua e cultura portuguesas. Em relação ao novo Império, o Padre António Vieira forneceu-lhe o modelo de acção política, enquanto que Fernando Pessoa lhe forneceu o modelo de vivência espiritual.

Se na globalidade concordou com a interpretação histórica de Portugal que nos deixaram Alexandre Herculano, Oliveira Martins e António Sérgio, a nossa investigação levou-nos a concluir que também viu nestes historiadores a grave lacuna ao revelarem total falta de visão atlântica e universalista em relação a Portugal.

#### **4. Síntese final**

Chegados a este ponto estamos, então, em condições de concluir, em jeito de síntese final, que a reflexão teórica que Agostinho nos deixou em torno do Conhecimento, do Ser e de Deus, fundamenta a finalidade da concepção educativa que expusemos, enquanto que a sua

reflexão antropológica justifica o ideal de educação e o perfil de formação do professor que nos apresenta, da mesma maneira que o seu pensamento sobre a organização sócio-económica da sociedade justifica o ideal de escola que nos apresentou.

Finalmente, a sua especulação sobre Portugal e os portugueses fundamenta as particularidades do sistema educativo que propôs para o nosso povo, contemplando a concepção de Homem que a escola devia formar, a finalidade educativa, a disposição dos níveis de ensino, mas, sobretudo, servia de esteio às propostas originais que avançou no sentido de que em Portugal e no Mundo se viesse a instaurar o reino do Espírito Santo.

Podemos concluir que quanto a Portugal e ao futuro da Humanidade, Agostinho da Silva não foi um decadentista mas um utópico, pois todas as suas críticas sobre a organização política de Portugal e do Mundo assentavam na firme convicção de que, apesar de todas as dificuldades, o futuro seria pródigo para a Humanidade.



## **BIBLIOGRAFIA**

**I. DE AGOSTINHO DA SILVA**

**II. SOBRE AGOSTINHO DA SILVA**

**III. COMPLEMENTAR**

# I. DE AGOSTINHO DA SILVA

## 1. LIVROS

*Sentido histórico das civilizações clássicas* (dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Porto, Tipografia Lisboa e Ferreira, 1929.

*Breve ensaio sobre Pérsio*, Lisboa, Tipografia da Companhia Militar, 1929.

*A religião grega*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930.

*Miguel Eyquem, senhor de Montaigne*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.

*Glossas I, II, III*, Lisboa, Seara Nova, 1934. *Glossas*, 2ª ed. (aumentada), Famalicão, ed. do autor, 1945.

*A vida de Washington*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1939.

*O método Montessori*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1939. Edição utilizada: *O método Montessori*, 3ª ed., Lisboa, Editorial Inquérito, 1991.

*Sanderson e a escola de Oundle*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1941. Edição utilizada: *Sanderson e a escola de Oundle*, 2ª ed., Lisboa, Ulmeiro, 1990.

*Vida de Robert Owen*, Famalicão, ed. do autor, 1941.

*Vida de Franklin*, Famalicão, ed. do autor, 1942.

*Vida de Miguel Ângelo*, Famalicão, ed. do autor, 1942.

*A vida de Zola*, Famalicão, ed. do autor, 1942.

*Vida de Leonardo da Vinci*, Famalicão, ed. do autor, s/d [1942/1943?]

*Vida de Lamennais*, ed. do autor, Famalicão, 1943.

*A vida de Lincoln*, Famalicão, ed. do autor, 1943.

*Vida de Pestalozzi*, Famalicão, ed. do autor, 1943.

*Vida de Francisco de Assis*, Famalicão, ed. do autor, 1944.

*Vida de Leopardi*, Famalicão, ed. do autor, 1944.

*Considerações*, Famalicão, ed. do autor, 1944. Edição utilizada: *Considerações e outros textos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988. Reedição em *Ir à Índia sem abandonar Portugal – Considerações – Outros textos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994.

*Conversação com Diótima*, Famalicão, ed. do autor, 1944.

*Parábola da mulher de Loth, seguida de Policlés e de um Apólogo de Pródico de Céos*,  
Famalicão, ed. do autor, 1944.

*A vida de Moisés*, Famalicão, ed. do autor, 1945.

*Moisés e outras páginas bíblicas: cinco falas de gente pastoril - fala do Pastor, fala de Labão,  
Fala de Lia, Fala de Raquel, fala do Velho*, Famalicão, ed. do autor, 1945.

*Diário de Alceste*, Famalicão, ed. do autor, 1945. Edição utilizada: *Diário de Alceste*, 2ª ed.,  
Lisboa, Ulmeiro, 1990.

*Sete cartas a um jovem filósofo*, Famalicão, ed. do autor, 1945. Edição utilizada: *Sete cartas a  
um jovem filósofo, seguidas de outros documentos para o estudo de José Kertchy  
Navarro*, 2ª ed., Lisboa, Ulmeiro, 1990.

*Vida de Pasteur*, Famalicão, ed. do autor, s/d [1945?/1946?].

*Vida de William Penn*, Famalicão, ed. do autor, 1946.

*Stendhal, Mérimée*, Famalicão, ed. do autor, 1947.

*Herta, Teresinha, Joan ou memórias de Mateus Maria Guadalupe*, Lisboa, Portugália, 1953.  
Edição utilizada: *Herta, Teresinha, Joan ou memórias de Mateus Maria Guadalupe*, 4ª ed.,  
Lisboa, Cotovia, 1990.

*Reflexão à margem da literatura portuguesa*, Ministério da Educação e Cultura do Brasil, 1957.  
Edição utilizada: *Reflexão à margem da literatura portuguesa*, 2ª ed., Lisboa, Guimarães  
Editores, 1990.

*Um Fernando Pessoa*, Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1959. *Um Fernando Pessoa*,  
Lisboa, Guimarães Editores, 1959. Edição utilizada: *Um Fernando Pessoa*, 2ª ed., Lisboa,  
Guimarães Editores, 1988.

*As aproximações*, Lisboa, Guimarães Editores, 1960. Edição utilizada: *As aproximações*, 2ª ed.,  
Lisboa, Relógio d'Água, 1990.

*Só ajustamentos*, Bahia, Imprensa Oficial da Bahia Salvador, 1962.

*Presença de Portugal*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1962 (*Dispersos*, pp. 201-218.  
Integralmente reproduzido em AA. VV., *Agostinho*, São Paulo, Green Forest do Brasil,  
2000, pp. 23-41).

*Carta vária*, Lisboa, Relógio d'Água, 1988.

*Dispersos*, (organização de Paulo Alexandre Esteves Borges), Lisboa, Instituto de Cultura e  
Língua Portuguesa, 1988. Edição utilizada: *Dispersos*, 2ª ed., Lisboa, Instituto de Cultura  
e Língua Portuguesa, 1989.

*Lembranças sul-americanas de Mateus Maria Guadalupe, seguidas de Tumulto seis e Clara  
sombra a das faias*, Lisboa, Cotovia, 1989.

*Uns poemas de Agostinho*, Lisboa, Ulmeiro, 1989.

*Educação de Portugal*, Lisboa, Ulmeiro, 1989.

*Quadras inéditas*, Lisboa, Ulmeiro, 1990.

*Do Agostinho em torno de Pessoa*, Lisboa, Ulmeiro, 1990.

*Vida conversável*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994.

*Namorando o amanhã*, Alhos Vedros, Cooperativa da Animação Cultural de Alhos Vedros, 1996.

*Reflexões, aforismos e paradoxos*, Brasília, Thesaurus, 1999.

*Textos e ensaios filosóficos I* (critério de edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves  
Borges), Lisboa, Âncora, 1999.

*Textos e ensaios filosóficos II* (critério de edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves  
Borges), Lisboa, Âncora, 1999.

*Textos pedagógicos I* (critério de edição e estudo introdutório de Helena Maria Biosa e Mota),  
Lisboa, Âncora, 2000.

*Textos pedagógicos II* (critério de edição e estudo introdutório de Helena Maria Biosa e Mota),  
Lisboa, Âncora, 2000.

*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I* (critério de edição e estudo  
introdutório Paulo Alexandre Esteves Borges), Lisboa, Âncora, 2000.

*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II* (critério de edição e estudo  
introdutório Paulo Alexandre Esteves Borges), Lisboa, Âncora, 2001.

*Estudos sobre cultura clássica* (critério de edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves  
Borges), Lisboa, Âncora, 2002.

*Estudos e obras literárias* (critério de edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves  
Borges), Lisboa, Âncora, 2002.

*Biografias I* (critério de edição e estudo introdutório de Helena Maria Biosa e Mota), Lisboa,  
Âncora, 2003.

*Biografias II* (critério de edição Helena Maria Biosa e Mota), Lisboa, Âncora, 2003.

*Biografias III* (critério de edição Helena Maria Biosa e Mota), Lisboa, Âncora, 2003.

*Textos vários – dispersos* (critério de edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves  
Borges), Lisboa, Âncora, 2003.

*Uma antologia* (organização e apresentação Paulo Borges), Lisboa, Âncora, 2006.

*Agostinho da Silva, ele próprio*, Lisboa, Zéfiro, 2006.

## **2. COLABORAÇÃO EM PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS (ARTIGOS NOTAS E RECENSÕES)**

### **3.2.** Colaboração em **ACÇÃO ACADÉMICA**, Porto.

*As responsabilidades de Eça de Queiroz*, 15 de Outubro de 1925, p. 3.

*O futurismo: I - o mal*, 1 de Novembro de 1925, p. 3.

*O futurismo: II - o remédio*, 1 de Dezembro de 1925, pp. 3-4.

*Estudantes*, 1 de Agosto de 1926, p. 3.

### **2.2.** Colaboração em **O COMÉRCIO DO PORTO**, Porto.

#### **2.2.1. “O Commercio”, edição da tarde de O Comércio do Porto.**

*O poeta*, nros 161 a 167, Julho de 1925. (*Estudos e obras literárias*, 291-307).

*O cadáver*, nros 171 a 175, Julho de 1925. (*Estudos e obras literárias*, pp. 309-319).

*Um assassinio*, nº 213, Setembro de 1926. (*Estudos e obras literárias*, pp. 321-328).

*O suicidio de Manuel de Mendonça*, nros 218 a 220, Setembro de 1926 (*Estudos e obras literárias*, pp. 329-338).

*Poesia feminina*, 7 de Junho de 1927 (*Estudos e obras literárias*, pp. 339-341).

#### **2.2.2. De homens e letras**

*Erudição*, 30 de Outubro de 1930, p. 2.

#### **2.2.3. Homens e livros**

*Nachkrieg*, 17 de Fevereiro de 1931 (*Estudos e obras literárias*, pp. 343-346).

*Mouros e Turgueniev*, 18 de Março de 1931 (*Estudos e obras literárias*, pp. 347-350).

*Populismo*, 22 de Julho de 1931 (*Estudos e obras literárias*, pp. 351-355).

*Zola*, 13 de Agosto de 1931 (*Estudos e obras literárias*, pp. 357-360).

*A anedota romântica*, 21 de Agosto de 1931 (*Estudos e obras literárias*, pp. 361-364).

#### **2.2.4. Suplementos *Cultura, Arte e Encontro*.**

*A propósito de A Marquesa de Alorna*, 24 de Agosto de 1930 (recensão) (*Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I*, pp. 187-189).

*As mulheres dos Césares*, 18 de Setembro de 1930 (*Ensaios sobre cultura clássica*, pp. 263-265).

*Dançarinas de Tânagra*, 1 de Outubro de 1930 (*Ensaios sobre cultura clássica*, pp. 267-269).

*Entre-Douro-e-Mundo*, 25 de Fevereiro de 1984, p. 23.

*Diário de Bordo*, 12 de Março de 1989, p. 195.

*Portugal: o de Ser, o de Servir, o de Sonhar*, (Especial evocação do mestre que cumpriu Portugal - Agostinho da Silva), 3 de Abril de 1996, p. II. (Reprodução de *Portugal: o de Ser, o de Servir, o de Sonhar*, em *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 13 de Fevereiro de 1990, p. 8).

*Macau*, 23 de Dezembro de 1990 (*Textos e ensaios filosóficos II*, p. 384).

#### **2.3. Colaboração em *PÔRTO ACADEMICO*, Porto.**

*Literatura infantil. A propósito do livro de António Sérgio 'Contos gregos'*, 15 de Fevereiro de 1926, p. 6.

*Literatura infantil*, 8 de Março de 1926, p. 7.

*A propósito da novela do 'Amor humilde', de Norberto de Araújo*, 8 de Março de 1926 (recensão) (*Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I*, pp. 149-154).

*A crítica jornalística*, 29 de Março de 1926, pp. 2 e 5.

*A política do Pôrto Académico [Agostinho da Silva?]*, 15 de Março de 1927, pp. 1-2.

*'Tropa de África' de Carlos Selvagem*, 15 de Março de 1927 (recensão) (*Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I*, pp. 157-161).

*António Ferro 'Mar alto'*, 15 de Abril de 1927 (recensão) (*Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I*, pp. 163-165).

*'Farrapos da vida viva' de Aurora de Jardim Aranha*, 15 de Abril de 1927 (recensão) (*Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I*, pp. 155-156).

---

<sup>1</sup>) De facto, este artigo não se encontra assinado, mas como é uma espécie de plano de acção para a respectiva publicação, que apareceu exactamente no primeiro número em que Agostinho assumiu a direcção do mesmo, tudo leva a crer que seja ele o seu autor, não obstante, nas páginas 4 e 5 aparecer por si assinada a recensão a *Tropa de África* de Carlos Selvagem. A nossa convicção é tanto maior quanto em entrevista que Agostinho concedeu a Bento Caldas, em 1927, afirmou: "*Pôrto Académico*, como acentuei claramente no artigo com que inicie a minha direcção, não pode obedecer a uma corrente política...", cf. "O pensamento académico (entrevista a Bento Caldas)", in *A Voz*, Lisboa, 24 de Maio de 1927, p. 3.

#### **2.4.** Colaboração em **A ÁGUIA**, Porto.

*Nota filológica sobre o verbo 'trabalhar'*, 3ª série, nº 49-54, Julho-Dezembro de 1926, pp. 29-31.

*Nota filológica sobre a palavra 'doido'*, 3ª série, nº 55-57, Janeiro-Março de 1927, p. 38.

*Nota filológica sobre a palavra 'nojo'*, 3ª série, nº 58, Abril-Junho de 1927, p. 107.

*O nativismo romano*, 3ª série, nº 58, Abril-Junho de 1927, pp. 61-71.

*O nativismo romano*, 3ª série, nº 59, Julho-Setembro de 1927, pp. 137-142.

*Satura*, 3ª série, nº 60, Outubro-Dezembro de 1927, pp. 201-209.

"Bibliografia", *Litterature Grecque-Chrétienne* de G. Bardy; *Ce qu'il faut connaître de la Grèce Antique* de Aimé Puech, 4ª série, nº 1-2, Janeiro-Abril de 1928, p. 54.

"Bibliografia", *Estela* de Jaime Câmara; *Auto dos vilões* de Jaime Câmara, 4ª série, nº 3, Maio-Junho de 1928, p. 95.

*Satura II*, 4ª série, nº 4-5, Julho-Outubro de 1928, pp. 142-150.

*Sentido histórico das civilizações clássicas*, 4ª série, nº 9, Abril-Junho de 1929, pp. 233-242 (trata-se de uma parte da sua tese de doutoramento).

#### **2.5.** Colaboração em **A IDE'A NACIONAL**, (semanário monárquico integralista), Lisboa.

*Poesia feminina*, 24 de Maio de 1927, p. 4.

*Literatura infantil*, 7 de Junho de 1927 (*Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I*, pp. 167-169).

#### **2.6.** Colaboração em **DIÓNYSUS**, Porto.

*Sobre algumas páginas de Spengler*, nº 1-2, 4ª série, 1928, pp. 1-15.

#### **2.7.** Colaboração em **SEARA NOVA**, Lisboa.

##### **2.7.1. O Primeiro interesse pela Filologia - a fase crítica e polémica.**

*Carta aos velhos latinistas*, nº 133, ano 7, Outubro de 1928, pp. 246-247.

*A filologia clássica nas universidades*, nº 154, ano 7, Março de 1929, pp. 147-148.

*Os nossos mestres de filologia clássica*, nº 180, ano 7, Setembro de 1929, pp. 182-183.

*Os nossos mestres de filologia clássica - resposta ao Exmo Senhor Doutor José Joaquim Nunes*, nº 185, ano 8, Outubro de 1929, pp. 264-267.

*No jubileu da Academia*, nº 192, ano 8, Dezembro de 1929, pp. 379-381.

*Da imitação da França*, nº 197, ano 9, Janeiro de 1930, pp. 70-73.

*Carta aos Patriotas sobre patriotismo*, nº 221, ano 9, Setembro de 1930, pp. 71-72.

*Actividade política dos intelectuais Portugueses*, nº 248, ano 9, Maio de 1931, pp. 117-119.

*O mar na literatura portuguesa*, nº 250, ano 9, Junho de 1931, pp. 152-155.

*Discurso académico*, nº287, ano 11, Fevereiro de 1932, pp. 364-366 (assinado D. José Pomadinha).

*A nobre vida de Paradigma*, nº 300, ano 11, Maio de 1932, pp. 179-182.

*Cartas que a Botocudo Sénior, sócio da Academia, escreveu João Cabrinha, professor da Universidade*, nº334 , ano 12, Março de 1933, pp. 341-343 (assinado João Cabrinha).

*Carta ao Exmo Senhor dr. Alfredo Pimenta*, nº 336, ano 12, Março de 1933, pp. 379-381.

*Segunda carta ao Exmo Senhor Dr. Alfredo Pimenta*, nº 338, ano 12, Abril de 1933, pp. 24-26.

*Uma carta*, nº 338, ano 12, Abril de 1933, pp. 26-27 (assinado Doutor Botocudo Sénior).

*Terceira carta ao Exmo Senhor Dr. Alfredo Pimenta*, nº 342, ano 12, Maio de 1933, pp. 83-88.

*Nota breve sobre uma questão já longa*, nº 346, ano 12, Junho de 1933, pp. 149-150.

### **2.7.2. Glossas**

*Polémica*, nº 316, ano 11, Setembro de 1932, p. 51.

*Erudição*, nº 318, ano 11, Setembro de 1932, pp. 83-84.

*Clássico*, nº 321, ano 11, Outubro de 1932, pp. 138-139.

*Patriotismo*, nº325, ano 11, Dezembro de 1932, pp. 198-199.

*Liberalismo*, nº 326, ano 11, Dezembro de 1932, pp. 215-216.

*Notável*, nº 337, ano 12, Abril de 1933, p. 10.

*Revolução*, nº 346, ano 12, Junho de 1933, pp. 155-156.

*Milton*, nº 384, ano 13, Abril de 1934, pp. 374-375.

*Cristianismo*, nº 385, ano 13, Abril de 1934, pp. 7-8.

*Vontade*, nº 389, ano 13, Maio de 1934, pp. 74-75.

*Péricles*, nº 392, ano 13, Junho de 1934, pp.122-124.

*Idea*, nº 393, ano 13, Junho de 1934, pp. 131-132.

*Discípulos*, nº 396, ano 13, Julho de 1934, pp. 180-182.

*Revolta*, nº 397, ano 13, Julho de 1934, pp. 201-203.

*Duas cartas a propósito de uma "glossa"*, nº 400, ano 13, Agosto de 1934, pp. 248-249 (a primeira carta é de Lobo Vilela e a segunda de Agostinho da Silva).



*Ainda a propósito de uma glossa*, nº 402, ano 13, Agosto de 1934, p. 283.

### **2.7.3. Considerações**

*Aforismo*, nº 433, ano 14, Abril de 1935, p. 4.

*Discurso da serpente*, *ibidem*, pp. 4-5.

*Temísteo*, *ibidem*, p. 5.

*Justificação*, *ibidem*, pp. 5-6 (assinado Marcos).

*Dinheiro de César*, nº 437, ano 14, Maio de 1935, p. 67.

*Democracia e poder*, *ibidem*, pp. 67-68.

*Nota a um artigo*, *ibidem*, pp. 68-69.

*Construção*, *ibidem*, pp. 69-70 (assinado Marcos).

*Cristianismo anistórico*, nº 439, ano 14, Junho de 1935, pp. 107-108.

*Disciplina científica*, *ibidem*, p. 108.

*In negotium*, *ibidem*, pp. 108-109.

*Nota de leitura*, nº 440, ano 14, Junho de 1935, p. 116.

*Do jornalismo*, *ibidem*, pp. 116-117.

*Bilhete a Alcestes*, *ibidem*, pp. 117-118.

*Flaubert, Goethe e matemática*, *ibidem*, p. 118.

*Da história*, nº 441, ano 14, Junho de 1935, p. 135.

*Primeiro escólio a Demóstenes*, nº 443, ano 14, Julho de 1935, p. 171.

*Segundo escólio a Demóstenes*, *ibidem*, pp. 171-172.

*Terceiro escólio a Demóstenes*, *ibidem*, pp. 172-173.

*Quarto escólio a Demóstenes*, nº 444, ano 14, Julho de 1935, pp. 188-189.

*Quinto escólio a Demóstenes*, *ibidem*, p. 189.

*Sobre o latim científico*, nº 446, ano 14, Agosto de 1935, p. 221.

*Retórica da acção*, *ibidem*, pp. 221-222.

*Da vida filosófica*, *ibidem*, pp. 222-223.

*Primeira oriental*, nº 449, ano 14, Agosto de 1935, p. 239.

*Oposições*, *ibidem*, pp. 239-240.

*Sócrates*, nº 454, ano 14, Outubro de 1935, p. 347.

*Da vida involuntária*, *ibidem*, pp. 347-348.

*Primeiro salmo de penitência*, *ibidem*, p. 348.

*Sôbre a morte, ibidem*, pp. 348-349.

*Da chamada filosofia*, nº 455, ano 14, Outubro de 1935, pp. 364-365.

*Aspecto interior do sacrificio, ibidem*, p. 365.

*De Malkiel a Job*, nº 466, ano 15, Fevereiro de 1936, p. 150.

*De Elimelech a Job, ibidem*, p. 151.

*De Matatias a Job, ibidem*, pp. 151-152.

*De Joroboá a Job, ibidem*, p. 152.

*Eleição de Apolônio*, nº 467, ano 16, Fevereiro de 1936, pp. 165-166.

*Cireneus, ibidem*, pp. 166-167.

*Alicerce, ibidem*, p. 167.

*1383, ibidem*, p. 168.

*Projecto dum mestre*, nº 495, ano 16, Janeiro de 1937, p. 235.

*Sanderson of Oundle*, nº 496, ano 16, Fevereiro de 1937, p. 249.

*Resumo*, nº 500-3, ano 17, Abril de 1937, p. 317.

*Depois de "Um dia e outro dia"*, nº 476, ano 16, Julho de 1936, pp. 317-318.

*Da origem, ibidem*, p. 318.

*Distinção, ibidem*, pp. 318-319.

*Em defesa do outro, ibidem*, p. 319.

*Sacrificio*, nº 477, ano 16, Junho de 1936, p. 323.

*Intemporalidade, ibidem*, p. 323.

*Da frialdade científica, ibidem*, p. 323-324.

*Lealdade, ibidem*, p. 324.

*Conselhos*, nº 478, ano 16, Junho de 1936, p. 347.

*Sobre o êxtase, ibidem*, p. 347-348.

*Tolerância, ibidem*, p. 348.

*Intransigência, ibidem*, p. 348-349.

*Justiça, ibidem*, p. 349.

*O terceiro caminho*, nº 479, ano 16, Junho de 1936, p. 363.

*Persistência, ibidem*, p. 363.

*Eça, ibidem*, p. 364.

*Ciência*, nº 480, ano 16, Julho de 1936, pp. 379-380.

*Catolicismo, ibidem*, p. 380.

"Camões e sôbolos rios", n° 481, ano 16, Agosto de 1936, pp. 11-12.

*Desistência, ibidem*, p. 12.

*Virtude*, n° 482, ano 16, Agosto de 1936, pp. 30-31.

*Amor do povo, ibidem*, p. 31.

#### **2.7.4. Diário**

*Valor da oposição*, n° 508, ano 17, Maio de 1937, p. 70.

*Da emulação, ibidem*.

*Do professor e da cultura*, n° 511, ano 17, Maio de 1937, p. 128.

*Em louvor do contrário, ibidem*.

1, n° 512, ano 17, Junho de 1937, p. 152.

2, *ibidem*.

3, *ibidem*, pp. 152-153.

1, n° 513, ano 17, Junho de 1937, p. 168.

2, *ibidem*.

3, *ibidem*, pp. 168-169.

4, *ibidem*, p. 169.

5, *ibidem*.

1, n° 514, ano 17, Junho de 1937, p. 191.

2, *ibidem*, p. 192.

3, *ibidem*.

*Da indiferença superior*, n° 519, ano 17, Julho de 1937, p. 290.

*Quanto aos noviços, ibidem*.

*Ressurreição, ibidem*.

#### **2.7.5. Ensaios**

*Sobre os 'Ensaios' de Montaigne*, n° 293, ano 11, Abril de 1932, pp. 67-71.

*Ensaio sobre a pedagogia oratoriana*, n° 298, ano 11, Maio de 1932, pp. 149-156.

*Stendhal - tentativa de crítica*, N° 332, ano 12, Março de 1933, pp. 312-317; n° 336, ano 12, Março 1933, pp. 373-377; n° 344, ano 12, Maio de 1933, pp. 121-125.

### **2.7.7. Biografias**

*A vida de Moisés*, nº 537, ano 17, Novembro de 1937, pp. 187-190; nº 538, ano 17, Dezembro de 1937, pp. 214-217; nº 540, ano 17, Dezembro de 1937, pp. 266-270; nº 541, ano 17, Dezembro de 1937, pp. 292-296; nº 542, ano 18, Janeiro de 1938, pp. 316-320.

*A vida de Pestalozzi*, nº 546, ano 18, Janeiro de 1938, pp. 404-408; nº 547, ano 18, Fevereiro de 1938, pp. 14-19; nº 548, ano 18, Fevereiro de 1938, pp. 34-39; nº 550, ano 18, Fevereiro de 1938, pp. 87-89; nº 551, ano 18, Março de 1938, pp. 109-112; nº 552, ano 18, Março de 1938, pp. 132-137.

*A vida de Francisco de Assis*, nº 560, ano 18, Março de 1938; nº 561, ano 18, Maio de 1938; nº 562, ano 18, Maio de 1938; nº 563, ano 18, Maio de 1938; nº 564, ano 18, Junho de 1938.

*A vida de Lincoln*, nº 566, ano 18, Junho de 1938, pp. 27-32; nº 567, ano 18, Junho de 1938, pp. 56-60; nº 568, ano 18, Julho de 1938, pp. 80-84; nº 570, ano 18, Julho de 1938, pp. 131-135; nº 571, ano 18, Julho de 1938, pp. 143-147; nº 572, ano 18, Julho de 1938, pp. 181-185.

*A vida de Pasteur*, nº 576, ano 18, Agosto de 1938, pp. 263-266; nº 577, ano 18, Setembro de 1938, pp. 290-294; nº 578, ano 18, Setembro de 1938, pp. 318-322; nº 579, ano 18, Setembro de 1938, pp. 338-342; nº 580, ano 18, Setembro de 1938, pp. 364-373; nº 581, ano 18, Outubro de 1938, pp. 389-393.

*A vida de Zola*, nº 584, ano 18, Outubro de 1938, pp. 23-28; nº 586, ano 18, Novembro de 1938, pp. 76-81; nº 587, ano 18, Novembro de 1938, pp. 91-96; nº 588, ano 18, Novembro de 1938, pp. 117-122; nº 589, ano 18, Novembro de 1938, pp. 139-141; nº 590, ano 18, Dezembro de 1938, pp. 165-167; nº 591, ano 18, Dezembro de 1938, pp. 178-180; nº 594, ano 18, Dezembro de 1938, pp. 246-249.

### **2.7.8. Página para os filhos dos leitores**

*A vida dos esquimaus*, nº 565, ano 18, Junho de 1938, pp. 14-19.

*Piccard na estratosfera*, nº 579, ano 18, Setembro de 1938, pp. 345-350.

*Vida e morte de Sócrates*, nº 580, ano 18, Setembro de 1938, pp. 369-373.

*Os castores*, nº 582, ano 18, Outubro de 1938, pp. 407-411.

### **2.7.9. Traduções**

“Apólogo (de Pródico de Céos)”, n° 344, ano 12, Maio de 1933, pp. 120-121 (assinado Marcos). Posteriormente publicado em *Parábola da mulher de Loth, seguida de Policlés e de um Apólogo de Pródico de Céos*, Famalicão, ed. do autor, 1944, pp. 81-89.

Teócrito, *As siracusanas ou as mulheres na festa de Adónis*, n° 461, ano 14, Dezembro de 1935, pp. 74-75 (trad. Marcos).

Teócrito, *Os pastores*, n° 464, ano 15, Janeiro de 1936, p. 120 (trad. Marcos).

Teócrito, *Os trabalhos ou os ceifeiros*, n° 465, ano 15, Fevereiro de 1936, pp. 137-138 (trad. Marcos).

Teócrito, *A paixão de Cinisca*, n° 465, ano 15, Fevereiro de 1936, pp. 138-139 (trad. Marcos).

### **2.8. Colaboração em *REVUE DE PHILOGIE, DE LITTERATURE ET D´HISTOIRE ANCIENNE*, Paris**

*Sur Catulle*, 3eme série, tome IV, Juillet 1930, pp. 266-267.

### **2.9. Colaboração em *PRINCÍPIO*, Porto.**

*Paladinos da linguagem*, n° 1, Maio de 1930, pp. 5-6.

### **2.10. Colaboração em *LABOR*, Aveiro.**

*Uma lição de latim à 7ª classe de letras*, n° 31, Março de 1931, pp. 168-172.

### **2.11. Colaboração em *LINHA GERAL* (semanário republicano), Leiria**

*Carta aos patriotas sôbre patriotismo*, 19 de Março de 1933, pp. 4-6. (Reprodução integral de “Carta aos Patriotas sobre patriotismo”, em *Seara Nova*, n° 221, ano 9, Lisboa, Setembro 1930, pp. 71-72).

### **2.12. Colaboração em *O ACADÉMICO FIGUEIRENSE*, Figueira da Foz**

*Consideração sobre o caso João de Deus*, 11 de Janeiro de 1935, p. 1.

### **2.13. Colaboração em *SOL NASCENTE*, Porto**

*Considerações: sobre o bem e o mal*, 1 de Novembro de 1937, p. 16.

**2.14.** Colaboração em **REVISTA DE PORTUGAL**, Coimbra

*Diário*, nº 2, Janeiro de 1938, pp. 236-242.

**2.15.** Colaboração em **O DIABO**, Lisboa

*Considerações pedagógicas*, 18 de Fevereiro de 1939, p. 1.

*O Plano Dalton*, 18 de Julho de 1939, pp. 1 e 6.

*As altas escolas populares da Dinamarca*, 11 de Novembro de 1939, pp. 1 e 4.

*Demóstenes*, 25 de Novembro de 1939, p. 5.

*As escolas de Lietz*, 9 de Dezembro de 1939, p. 1.

**2.16.** Colaboração em **REVISTA BRASILEIRA DE BIOLOGIA**, Rio de Janeiro

*Sobre um 'Agromyzidae' (Diptera) cujas larvas minam folhas de trapoeira (commelinaceae)*, (em colaboração com Oliveira, Sebastião José), 12 (3), Outubro de 1952, pp. 293-299.

**2.17.** Colaboração em **REVISTA BRASILEIRA DE ENTOMOLOGIA**, S. Paulo.

*Sobre uma nova espécie de 'Agromyzidae' (Diptera) cujas larvas minam folhas de Solanum Argenteum* (em colaboração com Oliveira, Sebastião José), 1, Janeiro de 1954, pp. 25-30.

**2.18.** Colaboração em **57 - Movimento de Cultura Portuguesa**, Lisboa.

*A cultura brasileira*, nº 5, Setembro de 1958, p. 21

**2.19.** Colaboração em **TEMPO PRESENTE**, Lisboa.

*Considerando o Quinto Império*, nº 17-18, Setembro-Outubro de 1960 (*Dispersos*, pp. 191-200).

**2.20.** Colaboração em **COLÓQUIO, revista de artes e letras**, Lisboa.

*Carta do Brasil – Portugal na Universidade de Brasília*, nº 18, Maio de 1962, pp. 46-47

**2.21.** Colaboração em **ESPIRAL**, Lisboa.

*Ecúmena*, nº 1, 1964 (*Dispersos*, pp. 227-240).

*Notas para uma posição ideológica e pragmática da Universidade de Brasília*, nº 4-5, 1964-1965 (*Dispersos*, pp. 241-252).

*Quinze princípios portugueses*, nº 8-9, 1965 (*Dispersos*, pp. 253-267).

*Ensaio para uma teoria do Brasil*, nº 11-12, 1966 (*Dispersos*, pp. 269-291).

**2.22.** Colaboração em **O TEMPO E O MODO**, Lisboa.

*Aqui falta saber, engenho e arte*, nº31, Outubro de 1965, pp. 882-888.

**2.23.** Colaboração em **BOLETIM DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA**, Lisboa.

*Algumas considerações sobre o culto popular do Espírito Santo*, nº 3, 1967, pp. 29-48.

*Perspectivas*, nº 4, 1968, pp. 311-324.

**2.24.** Colaboração em **NOTÍCIA**, Luanda

*Prefaciando*, 5 de Setembro de 1970 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 219-220).

*Mensagem*, 12 de Setembro de 1970 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 21-22).

*Sobre juízos*, 19 de Setembro de 1970 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 221-222).

*Sobre as escolhas*, 26 de Setembro de 1970 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 225-226).

*De gregos e latinos*, 3 de Outubro de 1970 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 23-25).

*Não ainda bastante*, 10 de Outubro de 1970 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 227-228).

*Política*, 17 de Outubro de 1970 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 31-32).

*Realidade e sonho*, 24 de Outubro de 1970 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 33-34).

*Projecto*, 14 de Novembro de 1970 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 239-241).

*Colectivismo*, 28 de Novembro de 1970 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 243-245).

*A difícil prova*, 5 de Dezembro de 1970 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 247-249).

*Noutro ponto a fonte*, 12 de Dezembro de 1970 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 61-63).

*Da fé e do império*, 23 de Janeiro de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 77-79).

*Converter-se*, 30 de Janeiro de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 81-83).

*Desfiladeiro*, 6 de Fevereiro de 1971 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 255-257).

*Continuações*, 27 de Março de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 95-98).

*A coragem de ser outros*, 8 de Maio de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 127-133).

*Três vezes se diria...* 15 de Maio de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 141-148).

*Embora pondo como um caso*, 22 de Maio de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 151-156).

*Quando há no mundo crise...* 12 de Junho de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 167-172).

*Acho que, sempre que possível...* 19 de Junho de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 173-178).

*Há quem proponha chamar-lhe Docimologia...* 26 de Junho de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 183-191).

## **2.25.** Colaboração em **CORREIO BRAZILIENSE**, Brasília.

*Da existência do CEAQ*, 6 de Novembro de 1970 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 37-40).

*Do passamento de José Régio*, 13 de Novembro de 1970 (*Dispersos*, pp. 447-449).

*De que há Macau*, 20 de Novembro de 1970 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 45-47).

*De que sobram idades*, 4 de Dezembro de 1970 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 53-55).

*De que há povo*, 11 de Dezembro de 1970 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 57-59).

*Num estilo quase de adivinha*, 27 de Agosto de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 203-209).

*Num mapa muito espalhado...*, 24 de Setembro de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 211-215).

*Entro no reino do inteligível...*, 5 de Outubro de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 217-220).



**2.26.** Colaboração em **VIDA MUNDIAL**, Lisboa.

**2.26.1. É Melhor Ler...**

*É melhor ler*, 21 de Agosto de 1970 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 217-218).

*Uma, Grande e Livre*, 28 de Agosto de 1970 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 13-15).

*Miranda*, 4 de Setembro de 1970 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 17-18).

*Sobre Opressão*, 11 de Setembro de 1970 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 19-20).

*Livre sopro do vento*, 25 de Setembro de 1970 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 223-224).

*Originalidade Portuguesa*, 9 de Outubro de 1970 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 27-29).

*Sobre regozijo*, 16 de Outubro de 1970 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 229-230).

*Teologia humana*, 23 de Outubro de 1970 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 231-233).

*Crítérios científicos*, 6 de Novembro de 1970 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 235-237).

*Para exprimir o quê?*, 20 de Novembro de 1970 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 49-51).

**2.26.2. Testemunhos**

*Regressos*, 18 de Dezembro de 1970 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 65-67).

*Da oposta unidade*, 1 de Janeiro de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 69-71).

*Convergência e divergência*, 15 de Janeiro de 1971 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 251-253).

*As ocultas razões*, 12 de Março de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 85-87).

*Portugal e Brasil*, 19 de Março de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 89-93).

*Sobre Índios e Suecos*, 30 de Abril de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 99-107).

*Acusação à metrópole*, 14 de Maio de 1971 (*Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 135-140).

*Ciclos de alargamento*, 11 de Junho de 1971 (*Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 159-166).

*Celebrando Maria Montessori*, 23 de Junho de 1971, pp. 38-40 (trata-se da reprodução literal de “Celebrando a Montessori”, em *Bahia - colecção de folhetos*, s/l, s/d (oferta do autor a seus amigos).

### **2.26.3. Guia breve de leitura**

*Wenceslau de Moraes*, 29 de Outubro de 1971, pp. 25-26.

*Desconhecidos, quase*, 12 de Novembro de 1971, pp. 25-27.

*Descartes*, 21 de Janeiro de 1972, pp. 48-50.

*O baldio do povo*, 17 de Março de 1972, pp. 60-63 (*Dispersos*, pp. 533-539).

*Composição do Brasil*, 24 de Março de 1972, pp. 51-53 (*Dispersos*, pp. 553-560).

*De terras europeias*, 7 de Abril de 1972, pp. 31-32.

*Estilo e conteúdo*, 14 de Abril de 1972, pp. 58-60 (*Dispersos*, pp. 561-566).

*O Espírito Santo das ilhas atlânticas*, 21 de Abril de 1972, pp. 22-24 (*Dispersos*, pp. 567-573).

*Originalidade*, 28 de Abril de 1972, pp. 35-37.

*O pensar de Camões sobre o seu tempo*, 9 de Junho de 1972 (*Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 331-335).

### **2.26.4. Página de educação: Fontes e pontes do futuro – orientação de Agostinho da Silva**

*Tema: Ivan Illich - os males*, 19 de Maio de 1972, pp. 40-41 (assinado J. C. M.).

*Tema: Ivan Illich - os remédios*, 26 de Maio de 1972, pp. 55-56 (assinado J. C. M.).

*Tema: A escola nova*, 2 de Junho de 1972, pp. 48-49.

*Tema: Matemáticas modernas*, 9 de Junho de 1972, pp. 50-51 (assinado Carlos S. Ficalho<sup>2</sup>).

*Tema: Matemáticas clássicas*, 16 de Junho de 1972, pp. 43-45 (assinado Carlos S. Bicalho<sup>3</sup>).

*Tema: Conciliação das matemáticas*, 23 de Junho de 1972, pp. 46-48 (assinado Carlos S. Bicalho<sup>4</sup>).

---

<sup>2</sup>) Embora não tenhamos a certeza absoluta, tudo indica que seja um pseudónimo de Agostinho da Silva. Ficalho no primeiro artigo e Bicalho nos dois restantes, parece ser um erro tipográfico.

<sup>3</sup>) *Idem*.

*Tema: Transmontanos*, 30 de Junho de 1972, pp. 73-75.

*TEMA: A ESCOLA DE RISINGHILL - 1. QUEM PROPÕE*, 7 DE JULHO DE 1972, pp. 37-39 (ASSINADO J. C. M.).

*Tema: Risinghill: 2. Quem supõe*, 14 de Julho de 1972, pp. 45-47 (assinado J. C. M.).

*Tema: Liberdade escolar*, 21 de Julho de 1972, pp. 30-32 (assinado J. C. M.).

*Tema: Escola e trabalho*, 28 de Julho de 1972, pp. 37-39 (assinado P. S.<sup>5</sup>).

*Tema: Os precursores - Komenski*, 4 de Agosto de 1972, pp. 35-37.

*Tema: Responsabilidade portuguesa*, 11 de Agosto de 1972 (assinado Arnold R. Middlebee).

*Tema: Educadores portugueses - António Sérgio*, 18 de Agosto de 1972, pp. 49-51.

*Tema: Risinghill: 3. E quem dispõe*, 25 de Agosto de 1972, pp. 25-27 (assinado J. C. M.).

*Tema: Formação de educadores*, 1 de Setembro de 1972, pp. 25-27.

*Tema: Fundação nacional*, 8 de Setembro de 1972, pp. 42-45 (assinado J. C. M.).

*Tema: Educação africana I*, 15 de Setembro de 1972, pp. 25-27 (assinado Frei G. H.)  
(*Dispersos*, pp. 575-579).

*Tema: Educação africana II*, 22 de Setembro de 1972, pp. 25-28 (assinado Frei G. H.)  
(*Dispersos*, pp. 581-585).

*Tema: Educação africana III*, 29 de Setembro de 1972, pp. 25-28 (assinado Frei G. H.)  
(*Dispersos*, pp. 587-593).

### **2.27.** Colaboração em **CORREIO DE S. FÉLIX**, Bahia.

*Cartas a S. Félix*, 1971 (onze cartas) (*Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 109-125).

### **2.28.** Colaboração em **O SESIMBRENSE**, Sesimbra.

*Onde a terra se acaba*, 20 de Junho de 1971 (*Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 181-182).

*Onde a terra se acaba*, 18 de Julho de 1971 (*Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 195-196).

*Onde a terra se acaba*, 18 de Julho de 1971 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 259-260).

*Onde a terra se acaba*, 7 de Novembro de 1971 (*Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 229-230).

---

<sup>4</sup>) *Idem*.

<sup>5</sup>) Em nossa opinião trata-se das iniciais do pseudónimo Eng. Paulo Soares. Conferir as quatro linhas prévias à ficha de leitura de *Vida Mundial*, 23-6-1972, p. 48.

*Onde a terra se acaba*, 5 de Dezembro de 1971 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 267-268).

*Onde a terra se acaba*, 5 de Dezembro de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 253-254).

**2.29.** Colaboração em **O ARAUTO**, Santo Tirso.

*Do nome*, 1 de Julho de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 193-194).

*De Augusto César*, 22 de Julho de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 197-198).

*Do plural*, 4 de Novembro de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 225-226).

*De Eduardo Pondal*, 20 de Janeiro de 1972 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 269-270).

*De dificuldades*, 30 de Março de 1972 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 293-294).

**2.30.** Colaboração em **PRESENÇA E DIÁLOGO**, Braga.

*Nota a cinco fascículos*, liv. 3, vol. 2, Julho de 1971 (*Dispersos*, pp. 541-544).

**2.31.** Colaboração em **DIÁRIO DO MINHO**, Braga.

*Resposta a 'inquérito sobre filosofia portuguesa'*, 11 de Dezembro de 1971 (*Dispersos*, pp. 545-549).

*Para Álvaro Ribeiro - sete notas a dez anos cada*, 8 de Março de 1975 (*Dispersos*, pp. 635-637).

**2.32.** Colaboração em **O COMÉRCIO DE GAIA**, Vila Nova de Gaia.

*Prémio Nobel da paz*, 27 de Dezembro de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 261-262).

**2.33.** Colaboração em **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**, Lisboa.

*De José Anastácio*, 20 de Maio de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 149-150).

*De xingu e seus índios*, 3 de Junho de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 157-158).

*De abutres*, 17 de Junho de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 179-180).

*De português e homem*, 22 de Julho de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 199-200).

*A seu Teodoro de To Koné*, 12 de Agosto de 1971 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 201-202).

*Já Bocage não sou*, 4 de Janeiro de 1972 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 263-264).

*Portugal visto do Brasil*, 23 de Março de 1972 (*Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 281-282).

*Pátrias camonianas*, 20 de Janeiro de 1972 (*Dispersos*, pp. 551-552).

*Uma glosa, e só, e breve: A Morte de Deus*, 6 de Abril de 1972, pp. 17-18.

*Uma glosa, e só, e breve: Felicidade*, 20 de Abril de 1972, pp. 17-18.

*Uma glosa, e só, e breve: Sebastianismo*, 11 de Maio de 1972, p. 17.

*Uma glosa, e só, e breve: A Machorquinos*, 29 de Junho de 1972, pp. 17-18.

*Uma glosa, e só, e breve: Quanto a naufrágios*, 13 de Julho de 1972, pp. 17-18.

*Uma glosa, e só, e breve: À ciência real*, 27 de Julho de 1972, pp. 17 e 19.

*Uma glosa, e só, e breve: A islamismos nossos*, 10 de Agosto de 1972, p. 17.

*Uma glosa, e só, e breve: Projecção de cidade*, 24 de Agosto de 1972, pp. 17 e 19.

*Uma glosa, e só, e breve: As duas vozes da Galiza*, 21 de Setembro de 1972, pp. 17-18.

*Uma glosa, e só, e breve: História como ciência*, 5 de Outubro de 1972, p. 17.

*Uma glosa, e só, e breve: Pois de eras afonsinas*, 30 de Novembro de 1972, pp. 19-20.

*Feira de anexis*, 8 de Março de 1973 (*Dispersos*, pp. 599-600).

*O futuro que chega*, 4 de Fevereiro de 1982 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 371-375).

*O homem e as civilizações*, 24 de Maio de 1984 (anteriormente publicado em *Peregrinação*, nº 4, Abril de 1984) (*Dispersos*, pp. 755-757).

*A época mais decisiva do mundo*, 31 de Dezembro de 1989, pp. 5-9.

### **2.33.1. Suplemento DNA**

Discípulos, 3 de Julho de 1999, pp. 42-45 (anteriormente publicado em *Seara Nova*, nº 396, ano 13, Julho de 1934, pp. 180-182).

Revolta, 3 de Julho de 1999, pp. 45-46 (anteriormente publicado em *Seara Nova*, nº 397, ano 13, Julho de 1934, pp. 201-203).

### **2.34. Colaboração em DIÁRIO DO ALENTEJO, Beja.**

*Escrever nos jornais*, 4 de Fevereiro de 1972 (*Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 271-272).

### **2.35. Colaboração em CONVIVIAM, S. Paulo**

*Vicente, filosofia e vida*, Maio-Junho de 1972 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 277-282).

### **2.36. Colaboração em BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA, Lisboa.**

*Comemoração de "Os Lusíadas"*, Julho-Dezembro de 1972, pp. 139-142.

### **2.37. Colaboração em VOZ DE GALÍCIA, La Coruña**

*Testemuña brasileira*, 16 de Setembro de 1973 (*Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, pp. 375-377).

### **2.38. Colaboração em NOVA RENASCENÇA, Porto.**

*Mensagem*, nº1, 1980 (*Dispersos*, p. 697).

*Exortação à portuguesa língua que o doutor Luís António do Vale de Aboim compôs na sua casa de Amarante em tempo de Filipes e agora novamente dada à estampa nas festas de Junho por seu heterónimo Agostinho e por ele enviada aos amigos*, nº 7, 1982 (*Dispersos*, pp. 741-743).

*Proposta aprovada por aclamação em 25/3/83 no encontro "Portugueses no mundo - Uma cultura a preservar"*, nº10, 1983 (*Dispersos*, pp. 749-750).

*Jaime Cortesão e a exposição de S. Paulo*, nº 17, 1985 (*Dispersos*, pp. 775-778).

*De Portugal, e da Europa, e do Mundo*, nº 22, 1986, pp. 89-92.

*Proposição - aditamento um*, nº 30-31, 1975 (*Dispersos*, pp. 629-637).

**2.39.** Colaboração em **ENSAIO**, Lisboa.

*Confirmação*, nº 5, 1982 (*Dispersos*, pp. 703-704).

**2.40.** Colaboração em **JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS**, Lisboa.

*Ombrear com Herculano*, 26 de Abril de 1983, p. 12.

*Duas histórias exemplares*, 12 de Janeiro de 1987 (*Dispersos*, pp. 173-174).

*Um marinheiro vagabundo*, 3 de Outubro de 1987, p. 31.

*O sonho da unidade e O sonho do paradoxo* (fragmentos de um texto para a organização da Bienal de 90 de Vila Nova de Cerveira), 27 de Junho de 1989, p. 22.

*Portugal: o de ser, o de servir, o de sonhar*, 13 de Fevereiro de 1990, p. 8.

*A primeira coisa a fazer é sermos o que somos* (balanço do ciclo de reflexão “À Descoberta de Nós”, 19 de Junho de 1990, p. 21.

*Inéditos: Caderno de lembranças*, 15 de Fevereiro de 2006, pp. 17-18.

**2.41.** Colaboração em **PEREGRINAÇÃO**, Lisboa.

*O homem e as civilizações*, nº 4, Abril de 1984, pp. 13-14.

*Frantisek Bakulé*, nº 5, Julho de 1984, pp. 11-15.

*O direito de ser*, nº 7, Janeiro de 1985, pp. 6-9.

**2.42.** Colaboração no **BOLETIM INTERNO DO ICALP**, Lisboa.

*Sobre cultura portuguesa*, Novembro de 1984 (*Dispersos*, pp. 751-753).

*Notas outras sobre a Europa e o mundo*, Março de 1989, pp. 13-19.

**2.43.** Colaboração em **CADERNOS RIOARTE**, Rio de Janeiro.

*Sobrevoando o atlântico*, nº 3, 1985 (*Dispersos*, p. 787)

**2.44.** Colaboração em **QUINTO IMPÉRIO**, Bahia.

*O império do passado e do futuro*, nº 1, 1986 (*Dispersos*, pp. 797-799).

**2.45.** Colaboração em **REVISTA DE EDUCAÇÃO**, Lisboa.

*Divagações quanto a futuro*, nº 2, vol. 1, 1987, p. 102.

**2.46.** Colaboração em **UNIVERSUS**, Lisboa.

*Ilha de Moçambique – Casa de Estudos Tomás António Gonzaga*, 19 de Setembro de 1988, p. 2.

**2.47.** Colaboração em **VIA LATINA**, Coimbra.

*Uma nota de Agostinho*, D.G.A.A.C., Inverno de 1989/90, p. 26.

**2.48.** Colaboração em **O SETUBALENSE**, Setúbal.

*Fundação Mensagem – Boletim 1*, 1 de Fevereiro de 1989, p. 5.

*Nota de Agostinho da Silva* (dois textos sobre a Fundação Mensagem, um com data de 26.08.89 e o outro com a data de 27-08-89), 6 de Setembro de 1989, p. 5.

*Nota de Agostinho da Silva* (com a data de 27-08-89), 6 de Setembro de 1989, p. 5.

*Uma nota de Agostinho*, 27 de Setembro de 1989, p. 5.

*Alguma coisa fundamental para o mundo*, 27 de Setembro de 1989, p. 5.

*É o início de novos descobrimentos portugueses*, 27 de Setembro de 1989, p. 5.

*Ideia primeira*, 29 de Novembro de 1989, p. 5.

*Vamos olhar a metafísica*, 20 de Dezembro de 1989, p. 5.

*O sonho que sempre seremos* (Janeiro 90), 21 de Fevereiro de 1990, p. 4.

*Preparar Portugal*, 28 de Março de 1990, p. 4.

*Um soneto e um breve comentário* (Março 90), 9-05-1990, p. 4.

*Navegar a língua* (Abril 90), 6-06-1990, p. 4.

*Rio mensageiro*, 04 de Julho de 1990, p. 4.

*Prefácio de Agostinho da Silva ao livro ‘A ladainha de Setúbal’ de Dalila Pereira da Costa*, 18 de Julho de 1990, p. 4.

*O comum do vinte cinco – Nilo e Pola* (Julho 90), 1 de Agosto de 1990, p. 4.

*Império São Filipe do Espírito Santo Castelo Real*, 29 de Agosto de 1990, p. 4.

*O Comum de Atlântico Norte – Ponta Oeste*, 29 de Agosto de 1990, p. 4.

*Império Estrelinha do Espírito Santo – Largo das Faias*, 29 de Agosto de 1990, p. 4.

*Império Oriente do Espírito Santo – Farol de Guia*, 29 de Agosto de 1990, p. 4.

*QUINTO IMPÉRIO DO ESPÍRITO SANTO – S. FÉLIX – 44360 BAHIA – BRASIL*, 10 DE OUTUBRO DE 1990, p. 4.

*Uma folhinha de quando em quando – Novembro 90*, 28 de Novembro de 1990, p. 4.

*Uma folhinha de quando em quando – Dezembro 90*, 9 de Janeiro de 1991, p. 4.



*Uma folhinha de quando em quando – Janeiro 91*, 09 de Janeiro de 1991, p. 4.

*Porto (Portugal) 13.02.06* (fui soldado no Brasil...), 23 de Janeiro de 1991, p. 4.

*Uma folhinha de quando em quando – Fevereiro 91*, 27 de Fevereiro de 1991, p. 4.

*Uma folhinha de quando em quando – Março 91*, 20 de Março de 1991, p. 4 (assina George Agostinho, irmão servidor de ‘O comum do Tejo’).

*Uma folhinha de quando em quando – Abril 91*, 17 de Abril de 1991, p. 4 (assina George Agostinho, irmão servidor de ‘O comum das folhinhas’).

*Uma folhinha de quando em quando – Maio 91*, 29 de Maio de 1991, p. 4.

*Uma folhinha de quando em quando – Junho 91* (escrita por convite indirecto da Confederação Helvética em comemoração de seus 700 anos), 12 de Junho de 1991, p. 4 (assina George Agostinho, irmão servidor de ‘O comum das folhinhas’).

*Uma folhinha de quando em quando – Julho 91*, 17 de Julho de 1991, p. 4.

*Uma folhinha de quando em quando – Agosto 91- só três quadrinhas de Brasil ou China*, 11 de Setembro de 1991, p. 4 (George Agostinho, irmão servidor de ‘O comum das folhinhas’).

*Uma folhinha de quando em quando – Setembro 91*, 11 de Setembro de 1991, p. 4.

*Folhinhas de quando em quando – Outubro 91*, 9 de Outubro de 1991, p. 4 (George Agostinho, vosso irmão servidor).

*Uma Folhinha de quando em quando – Novembro 91*, 4 de Dezembro de 1991, p. 4 (George Agostinho, vosso irmão servidor).

*Cadrenos de Ermitão Associado – 1992/1*, 15 de Janeiro de 1992, p. 4.

*Carta do Professor Agostinho da Silva – aberta aos amigos sobre a casa de estudos a abrir*, 22 de Abril de 1992, p. 4.

*Dez notas sobre o culto popular do Espírito Santo*, 3 de Junho de 1992, p. 4.

*[Sem título]* (Dezembro 92), 13 de Janeiro de 1993, p. 4.

*Convento sonho duns irmãos servidores* (lua cheia 8-1-93), 3 de Fevereiro de 1993, p. 4.

*Convento sonho duns irmãos servidores* (lua nova de 22-01-93), 3 de Fevereiro de 1993, p. 4.

*Folhinha do crescente de lua da primeira semana de Fevereiro*, 24 de Fevereiro de 1993, p. 4.

*Uma folhinha de Agostinho* (lua cheia de 8.03.93), 21 de Abril de 1993, p. 4.

*Folhinha da lua nova* (Lua nova ‘face virada ao sol’ deste Abril de 1993), 19 de Maio de 1993, p. 4.

*Lua luar dum Maio* (lua luar dum Maio do 93), 2 de Junho de 1993, p. 4.

*Minguante de Maio* (Maio de 93 onde qualquer ano em que a tal se volte), 23 de Junho de 1993, p. 4.

*Setembro de Lua cheia* (Setembro de lua cheia e de 93), 3 de Novembro de 1993, p. 4.

*Doutrina cristã*, 24 de Novembro de 1993, p. 4.

*Um bilhete do vosso irmão servidor*, 27 de Abril de 1994, p. 6.

*Memória de Agostinho* (15/5/94), 15 de Junho de 1994, p. 4.

*Agostinho da Silva e a Educação de Portugal*, 12 de Outubro de 1994, p. 6. (transcrição de uma parte de *Educação de Portugal*).

#### **2.49.** Colaboração em **A RAZÃO**, Porto.

*Essa escola vai avançar* (mensagem enviada a um debate sobre a Escola Cultural), nº4, Janeiro de 1990, p. 18.

#### **2.50.** Colaboração em **QUINTO IMPÉRIO**, Mem Martins.

*Uma folhinha de quando em quando*, nº 2, Março de 1991, p. 27 (assina Irmão Servidor de "O comum do Tejo")

*Uma folhinha de quando em quando*, nº 3, Abril de 1991, p. 27 (assina George Agostinho Irmão servidor de "O comum do Tejo").

*Uma folhinha de quando em quando*, nº 4, Maio de 1991, p. 23 (assina George Agostinho - Irmão Servidor de "O comum das folhinhas").

*Uma folhinha de quando em quando*, nº 5, Junho de 1991, p. 23.

*Uma folhinha de quando em quando*, nº 6 Julho/Agosto de 1991, p. 27 (assina Agostinho do "Comum das Folhinhas").

#### **2.51.** Colaboração em **A TARDE CULTURAL**, S. Salvador da Bahia.

*O Nascimento do CEAO* (escrito em 1991), 30 de Abril de 1994 (AA. VV., *Agostinho*, São Paulo, Green Forest do Brasil Ed., 2000, pp. 19-22).

#### **2.52.** Colaboração em **A PHALA**, Lisboa.

*Encontros*, nº 38, Julho/Agosto, 1994, pp. 14-15.

*Esboço autobiográfico*, *ibidem*, p. 15.

**2.53.** Colaboração em **CADERNOS DE EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA**, Lisboa.

*Por um fim de batalha*, nº 31, Julho/Setembro de 1994, p. 7 (reprodução de *5*, em *Seara Nova*, Lisboa, nº 513, ano 17, Junho 1937, p. 169).

**2.54.** Colaboração em **POESIS**, Matosinhos.

*Um inédito: do Agostinho da Silva*, nº 1, Primavera/Verão de 2001, p. 8.

**2.55.** Colaboração em **O TRIPEIRO**, Porto.

*Pensamentos de Agostinho da Silva*, 7ª série, nº 2, Fevereiro de 2006, p. 39

### **3. OPÚSCULOS (CADERNOS E FOLHETOS) E SEPARATA.**

**3.1. *À Volta do Mundo - colecção de textos para a mocidade***, Lisboa, ed. do autor/Seara Nova, 1938-39.

*A vida dos esquimaus.*

*Piccard na estratosfera.*

*Os castores.*

*Vida e morte de Sócrates.*

*A última viagem de Scott.*

*As aranhas.*

**3.2. *INICIAÇÃO - cadernos de informação cultural***, Lisboa, ed. do autor, 1940-47.

1ª série - A primeira volta ao mundo; Breve história do linho; A vida de Edison; A vida e a arte de Goya; Uma ascensão nos Himalaias; O pensamento de Epicuro.

2ª série - O planeta Marte; A vida de Lesseps; Por três ovos de pinguim; A arte pré-histórica; O budismo; História dos Estados-Unidos

3ª série - O petróleo; A vida e a arte de Van Gogh; O Sahará; A vida de Pierre Curie; As escolas de Winnetka; História da Holanda.

4ª série - A vida e a arte de Ticiano; O gás; As viagens de Colombo; O estoicismo; Mozart; O mundo dos micróbios.

5ª série - A vida de Masaryk; O ferro; História do Egito antigo; A escultura grega; As viagens de Stanley; A Reforma.

6ª série - O transformismo; A vida de Florence Nightingale; O islamismo; As abelhas; A vida e a arte de Cellini; Literatura latina.

7ª série - A vida de Nansen; O plano Dalton; As cooperativas; O sol; Goethe; O cristianismo.

8ª série - Beethoven; Literatura russa; Filosofia pré-socrática; Alexandre Herculano; A hulha; A vida e a arte de Courbet.

9ª série - Alimentação humana; Sócrates; A vida e a arte de Rembrandt; Apicultura; História do Japão; As viagens de Livingstone.

10ª série - Vida de Vivekananda; As estrelas; O sistema nervoso; Literatura portuguesa; Motores de explosão.

11ª série - William Morris; Platão; A arte egípcia; Bach.

### **3.3. ANTOLOGIA - introdução aos grandes autores**, Lisboa, ed. do autor, 1941-47.

(Cada texto dos Cadernos de Antologia é precedido por uma breve biografia e por uma *Nota de Livros* para quem queria aprofundar o estudo dos autores apresentados).

1ª série - Voltaire, "Diálogos filosóficos"; Arriano, "Manual de Epicteto"; Tolstoi, "A Terra de que precisa um homem"; Santa Teresa, "Fundação de S. José"; Damião de Góis, "Descobrimentos dos portugueses"; Cervantes "D. Quixote e Sancho".

2ª série - Ruskin, "Vós, os que julgais a terra"; Ganivet, "A arte espanhola"; Tchekov, "Um caso médico";

Buffon, "História natural"; Fernão Lopes, "A revolução de Lisboa"; Dostoievski, "O grande Inquisidor".

3ª série - Erasmo, "Colóquios"; Lamarck, "Filosofia zoológica"; Mérimée, "Mateo Falcone"; Heródoto, "Viagem ao Egito"; Flaubert, "Cartago"; Fr. Luís de Sousa, "Austeridade do Arcebispo".

4ª série - Harvey, "A circulação do sangue"; Lichnowsky, "Portugal em 1842"; Guizot, "A civilização feudal"; Diogo do Couto, "Negócios da Índia"; Maupassant, "O adereço"; Mateo Alemán, "O pai de Guzmán".

5ª série - Condorcet, "Progressos do espírito humano"; Lermontov, "Taman"; M. Aurélio, "Pensamentos"; Faraday, "Experiências de electricidade"; Stendhal, "Waterloo"; Azurara, "Empresas do Infante".

6ª série - Fénelon, "Diálogos dos mortos"; Bacon, "Ensaio"; Andreiev, "Silêncio"; Maomet, "Suratas de Meca"; Whitman, "Folhas de erva"; Petrónio, "Banquete de Trimalcião".

7ª série - Victor Hugo, "Gauvain e Cimourdain"; Poe, "Descida ao Maelstrom"; Montaigne, "Do arrependimento"; Franklin, "Autobiografia"; Platão, "Teoria do Amor"; Dickens, "Copperfield na escola".

8ª série - Joaquin Costa, "Ideário espanhol"; Swift, "No país dos cavalos"; Claude Bernard, "Observação e experiência"; Larra, "Quadros de costumes"; More, "Utopia"; Molière, "Tartufo".

9ª série - Rodó, "Juventude"; Lucrécio, "Da natureza"; Emerson, "Confiança".

### **3.4. *À Volta do Mundo - textos para a juventude***, Lisboa, ed. do autor, 1943.

(coleção de textos de vulgarização científica, literária, artística, geográfica, etc. destinada à mocidade)

1ª série - A vida das enguias; Como se faz um túnel; História dos comboios; Aventuras com tubarões; O sábio Confúcio; Viagem à Lua.

2ª série - Os primeiros aviões.

**3.5. *Guia de leitores - notas críticas de bibliografia moderna***. Fascículo primeiro, Lisboa, ed. do autor, s/d [1940/1941?].

### **3.6. *Doutrina cristã***, Lisboa, ed. do autor, 1943.

**3.7. *As Folhas Soltas de S. Bento e Outras***, Rio de Janeiro, ed. do autor, 1965/1968.

*As Folhas Soltas de S. Bento e Outras* (I a 5), 1965 (*Dispersos*, pp. 293-401).

*Ibidem* (6 e 7), 1968 (*Dispersos*, pp. 403-445)

**3.8. *Vitória - para a Quinta Classe. Introdução***, s/d [1970/1971?] (*Dispersos*, pp. 463-466).

### **3.9. *Bahia - coleção de folhetos***, Lisboa, ed. do autor, 1970-1971.

1 - *O Sonho de Cipião*, por Cícero, assinado António Augusto Botelho Mourão com nota prévia e tradução de Agostinho da Silva, 1970.

2 - *Centros*, assinado J.J. Conceição da Rocha, 1971 (*Dispersos*, pp. 493-499).

**3.10. Goa - cadernos teológicos**, Lisboa, ed. do autor, s/d [1971?].

*Título e fins* (assinado Frei G. H.) (*Dispersos*, pp. 467-473).

**3.11. Barca D'Alva - educação do Quinto Império**, Lisboa, ed. do autor, 1971 (assinado João Cascudo de Moraes).

"Fascículo 1"- *Considerações pessoais - Considerações impessoais - Considerações principais* (*Dispersos*, pp. 475-484).

"Fascículo 2" – *Eieições - Fundação António Conselheiro - Casa da Barca* (*Dispersos*, pp. 485-492).

**3.12. Beira – Moçambique - clássicos do mundo português**, Lisboa, ed. do autor, 1971 (assinado J. J. Conceição Rocha)\*.

Caderno introdutório - "Um Prefácio Geral", por J. J. Conceição Rocha (*Dispersos*, pp. 501-509).

1º Caderno - "Caracteres Morais", Teofrasto. Tradução do Dr. A. da Costa Muller, nota prévia de Agostinho da Silva.

2º Caderno - "Caracteres Morais", Teofrasto (cont.).

3º Caderno - "Caracteres Morais", Teofrasto (última parte) "Guerra Contra Jugurta", Salústio (nota prévia de A. da S.) Tradução do Prof. A. Edgard Carneiro, nota prévia de Agostinho da Silva.

4º Caderno - "Guerra contra Jugurta", Salústio (partes dois, três e quatro), ed. do autor, Lisboa, 1971.

**3.13. Compostela - carta sem prazo a seus amigos. Primeira de 71**, Lisboa, ed. do autor, 1971 (*Dispersos*, pp. 511-521).

**3.14. O Baldio do Povo** (2 cadernos), Lisboa, ed. do autor, 1971 (*Dispersos*, pp. 523-539).

### **3.15. Folhas à Solta** (*Boletim Bimestral da Associação Agostinho da Silva*), Lisboa.

*Uma página de Agostinho: in Li Bai, Uns versos de meu sonho embriagado – lhos pôs como aqui vão o Agostinho (inédito)*, nº5, Dezembro de 1999, p. [2].

*Uma página de Agostinho: Ideia do Tao te King ou Guia da estrada real para o viandante ajuizado, sendo a substância de Lao Tse e o tempero de Agostinho (inédito)*, nº 6, Fevereiro de 2000, p. [2].

*Uma página de Agostinho: O valor actual das faculdade de Filosofia – palestra lida a 15-08-1953 na rádio Tabajara, João Pessoa, PB, nº9, Outubro de 2000, p. [2].*

## **4. TEXTOS EM OBRAS COLECTIVAS**

*Superação do protestantismo*, em *Anais de Congresso de Filosofia de S. Paulo*, 1954 (*Textos e Ensaios Filosóficos II*, pp. 183-189).

*Os três dragões*, em “Three dragons”, *PHP – A forum for a better world*, Special Theme: 20th Century Man: is he capable of love?, vol. 4, nº 3 (Tokyo, March 1973), pp. 64-66 (*Textos e ensaios filosóficos II*, pp. 291-294).

*Sobre a ideia de Deus*, em Gomes, Pinharanda, *Teodiceia portuguesa contemporânea*, Lisboa, Sampedro, 1974 (*Dispersos*, pp. 613-616).

*Virá a Revolução*, em AA. VV., *Francisco de Assis (1182-1226) - testemunhos contemporâneos das letras portuguesas*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982 (*Dispersos*, p. 723).

*Depoimento*, em AA. VV., *Saúde Mental - boletim da direcção de serviços de saúde mental, número especial de homenagem ao Dr. João dos Santos*, Lisboa, 1984, pp. 123-127.

*Mais dez notas sobre o culto popular do Espírito Santo*, em AA. VV., *Os impérios do Espírito Santo na simbólica do Império - II Colóquio Internacional de Simbologia*, Hangra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1985 (*Dispersos*, pp. 769-774).

*Uma Carta de Ajuda*, em *Comunicaciones presentadas a los Encuentros/Encontros de Ajuda por las ciudades hermanas de Leiria e Olivença*, las Jornadas Ibéricas de Investigaciones en Ciencias Humanas y Sociales, Olivenza, 1985 (*Dispersos*, pp. 779-782).

*Um modo de entender Portugal*, em *A identidade portuguesa - cumprir Portugal*, Lisboa, Instituto D. João de Castro, 1988 (*Dispersos*, pp. 863-876).

- Passado iluminando o futuro*, em AA. VV., *Educação e direitos humanos*, Algueirão, Comissão para a Promoção dos Direitos Humanos e Igualdade na Educação, 1988, pp. 31-40.
- Cadenzas*, em Sousa, Maria de, *A hora e a circunstância*, Lisboa, Gradiva, 1988, pp. 13, 26, 30, 38, 51, 100, 125.
- Preguiça*, em AA. VV., *Sete pecados capitais*, Lisboa, Monumental - Artistas Associados, 1990, pp. 10-13.
- Identificação de um País... chamado Portugal: Quinze princípios portugueses*, em AA. VV., *O lugar e o papel das ciências sociais e humanas, na "Modernização", na "Integração Europeia" e na "Cooperação Africana" de Portugal Contemporâneo*, Lisboa, Edições Lusófonas, 1992, pp. 1-18 (trata-se da reprodução integral de "Quinze princípios portugueses", em *Espiral*, nº 8 e 9, Inverno de 1965, excepto a p. 3 que reproduz quatro mensagens escritas à mão datadas de 18-10-90, enviadas à 2ª Semana Sociológica).
- Carta de Agostinho da Silva sobre Talhamar (1988)*, em Silva, Dora Ferreira da, *Poesia reunida*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1999, pp. 467-468.
- Elogio da academia – polémicas e sátiras*, Porto, Petrus, s/d.
- Memorando Dacar – 6 jan/10 Fev 83*, em Blanco, José, "Agostinho da Silva no Senegal um relatório (inédito) e uma atitude (também inédita)", em AA. VV., *Agostinho*, S. Paulo, Green Forest do Brasil, 2000, pp. 209-211.

## **5. PREFÁCIOS, INTRODUÇÕES E NOTAS PRÉVIAS.**

- Platão, *Crítone*, Lisboa, Seara Nova, 1934.
- Platão, *A defesa de Sócrates*, Lisboa, Seara Nova, 1937.
- Sófocles, *Édipo rei*, 2ªed., Lisboa, Editorial Inquérito, s/d.
- Aristófanes, *A paz*, Editorial Inquérito, 1940.
- Sousa, Frei Luis de, *A vida do Arcebispo*, Lisboa, Seara Nova, 1937.
- Lobo, Rodrigues, *A corte na aldeia*, Lisboa, Seara Nova, 1937.
- Garret, Almeida, *Doutrina de estética literária*, Lisboa, Seara Nova, 1938.
- Tolentino, Nicolau, *Poesias* (selecção), Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1940.
- Sá, Vitor de, *A mocidade de Antero*, Porto, Edições Futuro, 1942.



- A comédia latina*, em Terêncio, *Aululária, O Gorgulho, O Eunuco*, Edições de Ouro, Brasil, 1946  
(*Dispersos*, pp. 177-190).
- Rosa, Alberto Machado da, *Eça, discípulo de Machado?*, Lisboa, Editorial Presença, 1964  
(*Dispersos*, pp. 219-225).
- Salústio, *Obra completa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1974.
- Tácito, *Obras menores (Diálogo dos oradores, Vida Agrícola, A Germânia)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1974.
- Suetónio, *O divino Augusto*, Lisboa, Livros Horizonte, 1975.
- Rodrigues, Vasco da Gama, *As três taças - Os atlantes*, Lisboa, Edições Delraux, 1980  
(*Dispersos*, pp. 693-695).
- Pascoaes, Teixeira de, *Regresso ao paraíso*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1986 (*Dispersos*, pp. 793-796).
- Costa, Dalila Pereira da, *A ladainha de Setúbal*, Porto, Lello & Irmão, 1989.
- Nunes, João Carlos Raposo, *Bulbul (cânticos arrábidos)*, Setúbal, Plurijornal, 1990.
- Sobre estas Quintas-Feiras pairou sempre o espírito de Pessoa*, em Machado, Luis, *Conversas à Quinta Feira*, IIª série, Porto, Asa, 1993, p. 5.
- Querido Mestre*, em Rodrigues, José, *Fragmentos para uma ilha dos amores (catálogo de exposição)*, Porto, Espaço d'Arte TLP, SA, 1993, p. 13.
- Apresentação*, em Ferraz, Marcelo Carvalho, *Arquitectura rural na Serra da Mantiqueira (catálogo de exposição fotográfica)*, 2ª ed., S. Paulo, Instituto Lino BO E P. M. Bardi, 1996, pp. 10-12.

## 6. ENTREVISTAS

- “O pensamento académico (entrevista a Bento Caldas)”, em *A Voz*, Lisboa, 24 de Maio de 1927, p. 3.
- “O pensamento da nova geração (s/a [entrevista a Bento Caldas])”, em *A Ide'a Nacional*, 25 de Maio de 1927, p. 1.
- “Inquérito ao livro em Portugal. Bibliotecas culturais, XXII (s/a [entrevista a Irene Lisboa])”, em *Seara Nova*, nº 869, 8 de Abril de 1944, pp. 203-206.
- “Entrevista ao programa Zip-Zip –RTP”, em *Dispersos*, pp. 21-22.
- “Entrevista a Tereza Sá Nogueira”, em *Dispersos*, pp. 23-30.

- “Conversas inacabadas... E não mais haverá profissões (entrevista a Joaquim Furtado)”, em *Dispersos*, pp. 31-44.
- “Entrevista com Agostinho da Silva (entrevista a Joel Serrão, João Lopes Alves, Nuno Nabais, António Braz Teixeira e José Pedro Serra)”, em *Dispersos*, pp. 45-80.
- “Entrevista do Prof. Agostinho da Silva ao ICALP”, em *Dispersos*, pp. 81-108.
- “Agostinho, ensine-nos (entrevista a Lurdes Féria)”, em *Dispersos*, pp. 109-119.
- “É urgente unir as Universidades de Língua Portuguesa (entrevista a Orlando Raimundo)”, em *Dispersos*, pp. 121-123.
- “Com Agostinho da Silva à procura do futuro de Portugal (entrevista a Victor Mendanha)”, em *Dispersos*, pp. 125-132.
- “A minha meta é o ponto sem dimensão (entrevista a Antónia de Sousa)”, em *Dispersos*, pp. 133-155.
- “A nossa obrigação é ser poeta à solta (entrevista a Carlos Câmara Leme)”, em *Dispersos*, pp. 157-171.
- “Agostinho da Silva: um passeio à roda do céu (entrevista a Maria José Mauperrin)”, em *Expresso-Revista*, 6 de Junho de 1987, pp. 62R-64R.
- “Agostinho da Silva: um príncipe das ideias (entrevista a Eduardo Paz Barroso)”, em *Jornal de Notícias*, Porto, 17 de Novembro de 1987, p. 14.
- “Agostinho da Silva: A Europa vai morrer (entrevista a João Tocha)”, em *Universos*, 28 de Março de 1988, pp. VIII-IX.
- “Um assento em África para ver o futuro – e mais três propostas de comemoração dos descobrimentos portugueses (entrevista a Luis Carlos Patraquim)”, em *Europeu*, 10 de Novembro de 1988, p. 16.
- “Entrevista: Agostinho da Silva (entrevista a Ana Maria Guardiola & Maria da Conceição Moita)”, em *Cadernos de Educação de Infância*, nº 10, Lisboa, Abril-Junho de 1989, pp. 13-15.
- “Portugal e os portugueses - a utopia de bolinar (entrevista com introdução e palavras finais de António Macedo)”, em *Forma, publicação para formadores e animadores/monitores*, Lisboa, Direcção Geral de Extensão Educativa, nº 35, Dezembro de 1989, pp. 41-51.
- “Agostinho da Silva ou a cultura portuguesa em Portugal e no mundo. O que é preciso é criar povo, (entrevista a um grupo de jovens)”, em *A Ilha – suplemento cultural do Jornal da Madeira*, Funchal, 15 de Novembro de 1970, pp. 6-8.

"Agostinho paradoxo (entrevista a Carlos Vaz Marques)", em *Jornal de letras, artes e ideias*, n° 397, ano 9, Lisboa, 13 de Fevereiro de 1990, p. 9.

*Conversas com Agostinho da Silva [entrevista a Victor Mendanha]*, Lisboa, Pergaminho, 1994.

"Gostava de viver até ao ano 2000 (entrevista a Carlos Magno)", em *Expresso-Revista*, Lisboa, 9 de Abril de 1994, pp. 80-82.

"Uma Janela Sobre a vida - professor Agostinho da Silva (entrevista a Victor Mendanha)", em *Diálogos filosóficos e alquímicos*, Lisboa, Pergaminho, 1996, pp. 126-144.

*Ir à Índia sem abandonar Portugal [entrevista a Gil de Carvalho e Hermínio Monteiro]*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994.

*A última conversa [entrevista a Luís Machado]*, Lisboa, Editorial Notícias, 1996.

"Entrevista aos escuteiros do Estoril - Outubro de 1991- (coordenação de Luís Villalobos)", em *Jornal de Notícias - Notícias Magazine*, Porto, 30 de Março de 1997, pp. 30-32. (Integralmente reproduzida em AA VV, *Agostinho*, São Paulo, Green Forest do Brasil Ed., 2000, pp. 233-239).

*O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, Lisboa, Editorial Notícias, 2000.

"Agostinho da Silva, Bandeirante do espírito (entrevista a Francisco Palma Dias - Primavera de 1987)", em AA VV, *Agostinho*, São Paulo, Green Forest do Brasil Ed., 2000, pp. 140-166.

"Conversa solta com o Professor Agostinho da Silva (entrevista a Ilídio de Sousa), em Manso, Artur, *Agostinho da Silva. 1906-1994*, Vila Nova de Gaia, Estratégias Criativas, 2004, pp. 41-50.

## **7. CORRESPONDÊNCIA PUBLICADA**

"1ª Carta do Sr. Agostinho da Silva (4 de Março de 1943)", em Alves, Padre Augusto Durão, *O cristianismo do Sr. Agostinho da Silva... e o mais que se verá*, p. 11.

"2ª Carta do Sr. Agostinho da Silva (22 de Março de 1943)", em Alves, Padre Augusto Durão, *O cristianismo do Sr. Agostinho da Silva... e o mais que se verá*, pp. 21-22.

"3ª Epístola do Sr. A. Da Silva (24 de Abril de 1943)", em Alves, Padre Augusto Durão, *O cristianismo do Sr. Agostinho da Silva... e o mais que se verá*, pp. 31-48.

"Carta de 13 de Maio de 1943", em Alves, Padre Augusto Durão, *O cristianismo do Sr. Agostinho da Silva... e o mais que se verá*, pp. 62-74.

*Carta ao Director dos Serviços de Censura* - 18 de Junho de 1945 -, em *Jornal de Notícias*, 22 de Fevereiro de 1996, p. 36.

Correspondência com António Quadros, em *A arte de continuar português*, Lisboa, Edições do Templo, 1978, pp. 191-203.

Correspondência com José Flórido, em Flórido, José, *Um Agostinho da Silva, correspondência com o autor*, Lisboa, Ulmeiro, 1995, pp. 79-223.

Correspondência com Luís Carlos dos Santos, em Santos, Luís Carlos dos, *Do convento*, Setúbal, Livraria Uni Verso, 1996.

*Carta inédita: sobre o amor* (para Lourdes Roque de Aguiar Ribeiro), em AA. VV., *O Tripeiro*, 7<sup>a</sup> série, n<sup>o</sup> 2, Fevereiro de 2006, p. 40.

Correspondência com Teresa Sabugosa, em Sabugosa, Teresa, *Viva a república! Viva o rei! Cartas inéditas de Agostinho da Silva*, Lisboa, Zéfiro, 2006, pp. 20-83.

## 8. TEXTOS POLICOPIADOS<sup>6</sup>

*Os impérios do Espírito Santo*, Lisboa, 1990.

*Uma folhinha de quando em quando*, Lisboa, 1991.

*Cadernos de ermitão associado – 1992/1*, Lisboa, 1992.

*Folhinhas do convento*, Lisboa, 1993.

## 9. TRADUÇÕES

Montaigne, *Três ensaios: Do professorado; Da educação das crianças; Da arte de discutir*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.

Catulo, *Poesias*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.

Platão, *Crítone*, Lisboa, Seara Nova, 1934.

Teócrito, *As siracusanas e três idílios*, Lisboa, Seara Nova, 1936 (trad. Marcos)

Platão, *A defesa de Sócrates*, Lisboa, Seara Nova, 1937.

---

<sup>6</sup> ) Trata-se de textos em prosa ou em verso, de sensivelmente uma página que Agostinho da Silva dactilografava, policopiava e distribuía pelos amigos. Na generalidade foram reproduzidas no jornal *O Setubalense* e é a partir dessa edição que os referiremos no corpo do nosso trabalho.

- Pullin, V. E., *Raios X e rádio*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1939.
- Dawson, William, *Pequena história da Alemanha*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1941.
- Somervell, David, *Pequena história da Inglaterra*, Lisboa, Editorial Inquérito, s/d.
- Sófocles, *Édipo rei*, Lisboa, Editorial Inquérito, s/d [1940?].
- Aristófanis, *A paz*, Editorial Inquérito, 1940..
- Begtrup, Holger, *Escolas populares da Dinamarca*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1941.
- Terêncio, *Aululária, O Gorgulho, O Eunuco*, Edições de Ouro, Brasil, 1946.
- Tolstoi, Lermontov, Tchecov e outros, *Contos russos*, Porto, Editorial Inova, 1973.
- Salústio, *Obra completa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1974.
- Tácito, *Obras menores: Diálogo dos oradores, Vida Agrícola, A Germânia*, Lisboa, Livros Horizonte, 1974.
- Suetónio, *O divino Augusto*, Lisboa, Livros Horizonte, 1975.
- Stevenson, Robert Louis, *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Lisboa, Relógio d'Água, 1987.
- Virgílio, *Bucólicas, Geórgicas, Eneida*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993.

## 10. INÉDITO

## 11. TEXTOS TRADUZIDOS PARA ESPERANTO

- La vivo de la eskimoj*, trad. M. F., Porto, Eldonis "Rondeto Ramenhof", 1941.
- Cirkau la mondo: lasta voĵago de Scott*, (sem indicação de tradutor), Porto, s/e, 1942.
- Piccard en la stratosfero*, (sem indicação de tradutor), Porto, s/e, 1943.
- Vivo kaj morto de Sokrato*, (sem indicação de tradutor), Porto, s/e, 1943.
- La kastoroj*, trad. Eduardo Padrão, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1943.
- Vivo haj asto de Gorja*, (sem indicação de tradutor), Porto, Tipografia J. R. Gonçalves, 1943.
- La araneoj*, (sem indicação de tradutor), Porto, s/e, 1944.
- La vivo del'eskimoj*, trad. M. F., Porto, Portugala Eldona Rondo, 1946.
- Vivo de Zola*, trad. Manuel de Freitas/Agostinho da Silva, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1946.
- La budhismo*, trad. José de Freitas Martins, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1947.
- La reformacio*, trad. Eduardo Padrão, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1947.

*La prahistoria arto*, trad. Freitas Martins, Porto, s/e, 1947.

*Unna vojago cirkau la mondo*, trad. J. J. Rodrigues, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1947.

*Vivo kaj arto de Goya*, trad. Vergílio Mendes/Agostinho da Silva, Porto, s/e, 1947.

*Historia de usono*, trad. Manuel de Freitas/Agostinho da Silva, Porto, s/e, 1947.

*La vojago de Stanley*, trad. de Eduardo Padrão, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1947.

*História de Nederlando*, trad. Freitas Martins, Porto, Portugala Edona Rondo, 1948.

*La portugala literaturo*, trad. Freitas Martins, Porto, Portugala Edona Rondo, 1948.

*Vivo de Nansen*, trad. Eduardo da Mota Padrão, Porto, s/e, 1948.

*Pro tri pingvenaj ovoj*, trad. Manuel de Freitas, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1948.

*Skiza historio pri la lino*, trad. Vergílio Mendes, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1981.

*Vivo de Edison*, trad. José de Freitas Martins, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1981.

*Vivo de Alexandre Herculano*, trad. Manuel de Freitas, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1981.

*Surgrimpo en Himalajo*, trad. Manuel de Freitas, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1982.

*Vivo de Lesseps*, trad. José de Freitas Martins, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1982.

*La petrolo*, trad. José de Freitas Martins, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1982.

*Vivo kaj arto de Van Gogh*, trad. Manuel de Freitas, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1982.

*Vivo de Pierre Curie*, trad. Manuel de Freitas, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1982.

*La lernejoj de Winnetka*, trad. José de Freitas Martins, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1982.

*Vivo kaj arto Ticiano*, trad. Manuel de Freitas, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1982.

*La lumgaso*, trad. José de Freitas Martins, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1982.

*La vojago de Kolumbo*, trad. Manuel de Freitas, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1982.

*La stoikismo*, trad. Manuel de Freitas, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1982.

*Masaryk*, trad. Eduardo Padrão, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1982.

*La islamismo*, trad. Manuel de Freitas, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1982.

*La kristianismo kaj kristana doktrino*, trad. Eduardo Padrão, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1982.

*La vojago de Livingstone*, trad. Eduardo Padrão, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1983.

*Goethe*, trad. Eduardo Padrão, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1984.

*Florence Nightingale*, trad. Eduardo Padrão, Porto, Portugala Eldona Rondo, 1985.

## II.SOBRE AGOSTINHO DA SILVA

- AA. VV., *Boletim do Liceu Normal de Lisboa (Pedro Nunes)*, nº 1, Lisboa, 1932.
- AA. VV., "À descoberta de nós", em *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 13 de Fevereiro de 1990, pp. 7-12.
- AA. VV., *Encontros – Revista luso-espanhola de investigadores em Ciencias Humanas y Sociales* (monográfico sobre Olivenza en homenaje al professor Agostinho da Silva), nº 3, Olivenza, 1997.
- AA. VV., "Agostinho da Silva, Pronto a Pensar", em *Expresso Revista*, Lisboa, 31 de Março de 1990, pp. 4R-13R.
- AA. VV., "Especial evocação do mestre que cumpriu Portugal - Agostinho da Silva", em *O Comércio do Porto*, Porto, 3 de Abril de 1996.
- AA. VV., (Org. de Almir de Campos Bruneti), *Homenagem a Agostinho da Silva*, Newcomb College, Tulane University, New Orleans, 1991.
- AA. VV., "Agostinho da Silva", em *A Phala*, nº 38, Lisboa, Assírio & Alvim, Julho-Agosto de 1994.
- AA. VV., *Tradição e inovação - sua unidade em Agostinho da Silva (actas de colóquios sobre Agostinho da Silva, 1996-1999)*, s/l, CADA - de cada um a cada qual, s/d [texto policopiado em edição fora do mercado].
- AA. VV., *Agostinho*, São Paulo, Green Forest do Brasil, 2000.
- AA. VV., *1º ciclo agostiniano – Actas*, Horta (Açores), FaiAlentejo, 2003.
- AA. VV. (coordenação de Rui Matoso), *Agostinho da Silva, um pensamento a descobrir*, Torres Vedras, Cooperativa de Comunicação e Cultura, 2004.
- AA. VV., *Lusitânia – Mensal Canadiano Celebrando o mundo Português*, v.3, n. 8, Vancouver, Fevereiro de 2006.
- AA. VV., *Agostinho da Silva e o pensamento luso-brasileiro*, Lisboa, Âncora, 2006.
- Agostinho, Pedro, "Agostinho da Silva: pressupostos, concepção e ação de uma política externa do Brasil com relação à Africa", em AA. VV., *Encontros – Revista luso-espanhola de investigadores em Ciencias Humanas y Sociales* (monográfico sobre Olivenza en homenaje al professor Agostinho da Silva), nº 3, Olivenza, 1997, pp. 33-51.
- Alves, Eugénio, "Agostinho da Silva, sepultado em Lisboa, em campa rasa", em *Jornal de Notícias*, Porto, p. 8.

- Alves, Padre Augusto Durão, *O cristianismo do sr. Agostinho... e o mais que se verá (digressão jornalística)*, Torres Novas, Tipografia de "O Almonda", 1945.
- Anselmo, Manuel, "Ensaio", em *Os Cadernos de Manuel Anselmo*, vol. I, Fasc. III, Lisboa, Ed. Organizações, Janeiro-Fevereiro 1960, p. 238.
- Araújo, Alberto Filipe, "A ideia do V império em Agostinho da Silva. Para uma interpretação mitanalítica", em AA. VV., *História, educação e imaginário*, Braga, IEP-CEEP - Universidade do Minho, pp. 73-95.
- Bastos, J. Pereira, "Agostinho da Silva – a digressão pelo mundo de um humanista irrequieto", em *Jornal de Notícias*, Porto, 25 de Maio de 1994, p. 36.
- Belo, Maria N R Duarte, *O pensamento pedagógico segundo Agostinho da Silva*, (tese policopiada), Covilhã, Universidade da Beira Interior – Departamento de Ciências de Educação, 2000.
- Borges, Paulo Alexandre Esteves, "Silva, Agostinho da", em *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 4, Lisboa/S. Paulo, Verbo, 1992, cols 1120-1125.
- Borges, Paulo Alexandre, "Evocação: Agostinho da Silva ou a divina paradoxia", em *Philosophica*, 4, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1994, pp. 149-153.
- Borges, Paulo A E, "Estudo introdutório", em Agostinho da Silva, *Textos e ensaios filosóficos I*, Lisboa, Âncora, 1999, pp. 9-30.
- Borges, Paulo A E, "Introdução. Uma disponibilidade para o que se não sabe", em Agostinho da Silva, *Textos e ensaios filosóficos II*, Lisboa, Âncora, 1999, pp. 7-13.
- Borges, Paulo A E, "Portugal e Brasil na senda do Pentecostes", em Agostinho da Silva, *Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I*, Lisboa, Âncora, 2000, pp. 7-21.
- Borges, Paulo A E, "Em prol da paz", em Agostinho da Silva, *Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, Lisboa, Âncora, 2001, pp. 7-9.
- Borges, Paulo A E, "Idade de ouro, civilização e teatro", em Agostinho da Silva, *Estudos sobre cultura clássica*, Lisboa, Âncora, 2002, pp. 7-13.
- Borges, Paulo A E, "A literatura de Agostinho", em Agostinho da Silva, *Estudos e obras literárias*, Lisboa, Âncora, 2002, pp. 7-9.
- Borges, Paulo Alexandre, "Profecia, messianismo e utopia no pensamento português e sua repercussão na 'Escola Portuense'", em *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos – 1850-1950*, vol. I, Lisboa, Universidade Católica



- Portuguesa – Centro Regional do Porto/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, pp. 187-216.
- Borges, Paulo Alexandre, “Regressar com Agostinho ao intemporal futuro”, em Agostinho da Silva, *Textos vários – dispersos*, Lisboa, Âncora, 2003, pp. 9-14.
- Borges, Paulo A. E., “Não se limitou a ter ideias mas a ser as ideias que teve (entrevista a Ana Sofia Rosado)”, em *Das artes, Das Letras* – suplemento de *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 13-02-2006. pp. 8-9.
- Borges, Paulo, “Pensador do terceiro milénio”, em *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 15 de Fevereiro de 2006, pp. 14-15.
- Borges, Paulo, “Introdução”, em Agostinho da Silva, *Uma antologia*, Lisboa, Âncora, 2006, pp. 7-11.
- Borges, Paulo & Briosas, Helena, “As muitas dimensões de Agostinho da Silva”, em *Aprender ao longo da vida*, nº 1, Lisboa, Maio de 2004, pp. 44-48.
- Bruneti, Almir de Campos, “Um Agostinho da Silva, uns Fernando Pessoa”, em *Nova Renascença*, 8 (30-31), Porto, 1988, pp. 174-182.
- Carvalho, Joaquim de Montezuma de, “Aditamento à ‘Vida de Pasteur’ do nosso centenário Agostinho da Silva (1906-1994)”, em *Das Artes, das Letras* – suplemento de *O Primeiro de Janeiro*, 13-02-2006, pp. 4-5.
- Castro, Ochoa de, “Memória de Agostinho – *Um Fernando Pessoa* ou um Agostinho da Silva”, em *O Setubalense*, Setúbal, 27 de Abril de 1994, p. 6.
- Casulo, José Carlos, Recensão a Silva, Agostinho da, *Educação de Portugal*, em *Revista Portuguesa de Educação*, 3 (2), 1990, pp. 156-159 (errata a págs 137 do nº 1 de 1991 da mesma revista).
- Casulo, José Carlos, “Agostinho da Silva: contributo para uma análise filosófico-pedagógica de *Educação de Portugal*”, em *Contributos para o estudo da pedagogia portuguesa contemporânea*, Braga, Centro de Estudos em Educação e Pedagogia - Universidade do Minho, 2001, pp. 111-129.
- Casulo, José Carlos, “Fundamento de um testemunho de Agostinho da Silva sobre a escola cultural”, em AA. VV. (organização de Manuel Ferreira Patrício), *Globalização e diversidade – A escola cultural, uma resposta*, Porto, Porto Editora, 2002, pp. 359- 362.
- Celestino, António, “Relembraças. Solo de Berimbau (XXVIII)”, em *Terras de Lanhoso*, Póvoa de Lanhoso, 29 de Maio de 2002, p. 4.

- Celestino, António, “Relembraças. Solo de Berimbau (XIX)”, em *Terras de Lanhoso*, Póvoa de Lanhoso, 12 de Junho de 2002, p. 4.
- César, Constança Marcondes, *O grupo de São Paulo*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- César, Constança Marcondes, “Pensamento originário e filomítia”, em AA. VV., *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portugueses Contemporâneos*, vol. III, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, pp. 333-345.
- Coelho, Jacinto do Prado, "O nacionalismo utópico de Fernando Pessoa", em *Colóquio, Revista de Artes e Letras*, Lisboa, nº 31, Dezembro de 1964, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 53-57.
- Costa, Luís, “O velho sábio com habilidade de mestre-escola”, em *O Tripeiro*, 7ª série, nº 2, Fevereiro de 2006, p. 40.
- Cristóvão, Fernando, “Um templário prepara o novo século português”, em Agostinho da Silva, *Dispersos*, 2ª ed., Lisboa, ICALP, 1989, pp. 13-14.
- Dacosta, Fernando, “Um ser que veio do futuro”, em *Público*, Lisboa/Porto, 4 de Abril de 1994, pp. 9-11.
- Domingues, Joaquim, "Na Páscoa com Agostinho da Silva", em *Diário do Minho - Parábola*, Braga, 20 de Abril de 1994, p. 16.
- Domingues, Joaquim, “Agostinho da Silva e a Faculdade de Letras do Porto”, em *De Ourique ao Vº Império*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, pp. 223-234.
- Domingues, Joaquim, “Solução e dissolução no destino de Portugal”, em *De Ourique ao Vº Império*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, pp. 359-364.
- D., J., "Agostinho da Silva - Crónica", em *Revista Portuguesa de Filosofia*, 51 (2), Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica, 1995, pp. 414-415.
- Dacosta, Fernando, "Agostinho da Silva. A morte de um visionário", em *Público*, Lisboa/Porto, 4 de Abril de 1994, pp. 9-10.
- Epifânio, Renato, “Breve retrospectiva biográfica”, em *Aprender ao longo da vida*, nº 1, Lisboa, Maio de 2004, p. 49.
- Flórido, José, *Um Agostinho da Silva - correspondência com o autor*, Lisboa, Ulmeiro, 1995, pp. 5-77.

- Flório, José, *O caminho da afirmação, o caminho da renúncia – dois percursos de Agostinho da Silva*, s/l, Aeterna, 2000.
- Flório, José, *Reencontrar Agostinho da Silva, o poeta e o poema*, Lisboa, Zéfiro, 2006.
- Fonseca, Edson Nery da, “Agostinho da Silva (1906-1994) – Caminhos brasileiros”, em *Colóquio – Letras*, 140/141, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Abril/Setembro de 1996, pp. 269-272.
- Franco, António Cândido, “Poesia e profecia em Agostinho da Silva”, em *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 4 de Outubro de 1988, p. 17.
- Franco, António Cândido, “Entrevista a Paulo Alexandre Esteves Borges sobre Agostinho da Silva”, em *O Setubalense*, Setúbal, 18 de Abril de 1990, p. 4.
- Franco, António Cândido, “O jovem Agostinho”, em *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 6-10-1999, p. 37.
- Freitas, Helena de Sousa, “Agostinho da Silva, pensador controverso e enigmático”, em *Jornal de Notícias*, Porto, 13-02-2006, p. 36.
- Gil, Fernando, "Testemunho", em *Diário de Notícias*, Lisboa, 4-4-1994, p. 34.
- Gomes, Pinharanda, "Silva, George Agostinho Baptista da", em AA. VV., *Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 20, suplemento H-Z, Lisboa/S. Paulo, Verbo, 1980, col. 1197.
- Gomes, Pinharanda, “Agostinho da Silva, o Baldio do Povo”, em *Meditações lusíadas*, Lisboa, Fundação Lusíada, 2001, pp. 205-212 (contém, a pp. 207-212, a transcrição do texto publicado a 22 de Maio de 1971, sob o título “Cinco Dias na Semana” na revista *Notícia* de Luanda).
- Gomes, Pinharanda, “Escola portuense: uma introdução histórico-filosófica”, em AA. VV., *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos – 1850-1950*, vol. I, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, pp. 37-111.
- Gouveia, Albertino, “O pensamento de Epicuro”, em *O Diabo*, Lisboa, 20 de Julho de 1940, p. 2.
- Gouveia, F. & Nunes, J. C. Raposo, “Professor Agostinho da Silva internado em estado grave no Hospital São Francisco Xavier”, em *O Setubalense*, Setúbal, 24 de Agosto de 1990, p. 9.
- Jardim, Maria Antónia, “Entre Fernando Pessoa e Agostinho da Silva, uma educação simbólica”, em AA. VV., *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos*,

- vol. III, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, pp. 327-332.
- Kujawski, Guilherme de Melo, “Agostinho da Silva, o navegador intelectual”, em AA. VV., *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portugueses Contemporâneos*, vol. III, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, pp. 309-314.
- Leme, Carlos Câmara, "O elogio do paradoxo", em *Público*, Lisboa/Porto, 4 de Abril de 1994, pp. 10-11.
- Limpo Píriz, Luis Alfonso, “Agostinho da Silva y Olivenza”, em AA. VV., *Encontros – Revista luso-española de investigadores em Ciências Humanas y Sociales* (monográfico sobre Olivenza em homenagem al professor Agostinho da Silva), nº 3, Olivenza, 1997, pp. 13-32.
- Lopes, Nanda, “Memória de Agostinho – ‘Sem Título’”, em *O Setubalense*, Setúbal, 27 de Abril de 1994, p. 6.
- Lourenço, Eduardo, "Prefácio", em Agostinho da Silva, *A última conversa - entrevista de Luís Machado*, Lisboa, Editorial Notícias, 1996.
- Lourenço, Eduardo, "Um extra-ordinário Fernando Pessoa", em *Poesia e metafísica*, Lisboa, Sá da Costa, 1983, pp. 233-244.
- Lúcio, Álvaro Laborinho, "António Sérgio e Agostinho da Silva", em AA. VV., *Educação, memórias e testemunhos*, Lisboa, Gradiva, 1988, pp. 105-114.
- Luis, Nelson, “Memória de Agostinho”, em *O Setubalense*, Setúbal, 18 de Maio de 1994, p. 4.
- Macedo, J. M. das Dores, *Uma leitura das teses pedagógicas de Agostinho da Silva ou o indicativo do que deve ser a educação*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2002 (dissertação de Mestrado).
- Macedo, Jorge Borges de, “Coéforas – Ésquilo, trad. e notas de Lobo Vilela; Rei Édipo – Sófocles, trad. e prefácio de Agostinho da Silva; A Paz – Aristófanes, trad. e notas de Agostinho da Silva, notícia sobre a tragédia grega de Lobo Vilela, Inquérito, 1940”, em *O Diabo*, Lisboa, 03 de Agosto de 1940, pp. 2-3.
- Magalhães, Carlos A. Oliveira, *O pensamento antropagógico de Agostinho da Silva*, Porto, ed. autor, 2005.
- Maldonado, Fátima, "O artesão da sobrevivência", em *Expresso Revista*, Lisboa, 9 de Abril de 1994, pp. 80-82.

- Manso, Artur, "Notas sobre o milenarismo quíntimperialista de Agostinho da Silva", em AA. VV. *Pensar(es)*, Revista da Escola Secundária João Araújo Correia - Peso da Régua, nº 1, Maio de 1999, pp. 46-49.
- Manso, Artur "Agostinho da Silva: As 'Sete Cartas a um Jovem Filósofo'": "Agostinho da Silva e a 'Educação de Portugal'": "Agostinho da Silva e a primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto: entre a Seara Nova e a Renascença Portuguesa", em AA. VV., *Tradição e inovação, sua unidade em Agostinho da Silva - Actas de Colóquios sobre Agostinho da Silva 1996-1999*, CADA - de cada um a cada qual, s/l, s/d, pp. 23-58.
- Manso, Artur, "Agostinho da Silva - um pedagogo contemporâneo português em busca de uma educação para o futuro", em AA. VV., *Diversidade e identidade - 1ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000, pp. 361-376.
- Manso, Artur, *Agostinho da Silva - Aspectos da sua vida, obra e pensamento*, Vila Nova de Gaia, Estratégias Criativas, 2000.
- Manso, Artur, *Agostinho da Silva. 1906-1994*, Vila Nova de Gaia, Estratégias Criativas, 2004.
- Manso, Artur, "Agostinho da Silva: teoria e prática educativa em terras de Portugal e do Brasil", em AA. VV. (organização António Gomes Ferreira), *Escolas, culturas e Identidades – comunicações*, vol. III, Coimbra, 2004, pp. 350-360.
- Manso, Artur; Araújo, A Filipe; Casulo, J. Carlos, "Do particular ao global: a emergência dos mitos de Prometeu e da Idade do Ouro em dois textos de Leonardo Coimbra e de Agostinho da Silva", em AA. VV., (organização Margarida Fernandes e outros), *O particular e o global no virar do milénio – cruzar saberes em educação*, Lisboa, Colibri/Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2002, pp. 529-537.
- Manso, Artur, "Um sábio do nosso tempo (entrevista a Vera Luza)", em *JM.Pedras Vivas* – suplemento cultural do *Jornal da Madeira*, Funchal, 12 de Fevereiro de 2006, pp. 8-9.
- Manso, Artur, "O nacionalismo monárquico de Agostinho da Silva", em Sabugosa, Teresa, *Viva a república! Viva o rei! Cartas inéditas de Agostinho da Silva*, Lisboa, Zéfiro, 2006, pp. 111-118.
- Martins, Guilherme de Oliveira, "O risco da heresia", em *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 13 de Abril de 1994, p. 43.
- Martins, Guilherme de Oliveira, "Memória de paradoxos", em *Jornal de Letras Artes e Ideias*, Lisboa, 14 de Abril de 2004, p. 39.

- Martins, Guilherme de Oliveira, "Educador a vida inteira", em *Jornal de Letras Artes e Ideias*, Lisboa, 15 de Fevereiro de 2006, p. 15.
- Mendanha, Víctor, "Uma janela sobre a vida - professor Agostinho da Silva", em *Diálogos filosóficos e alquímicos*, Lisboa, Pergaminho, 1996, pp. 126-144.
- Mendanha, Víctor, *Conversas com Agostinho da Silva*, Lisboa, Pergaminho, 1994.
- Moreira, Rui, "Um homem extra-ordinário", em *O Tripeiro*, 7ª série, nº 2, Fevereiro de 2006, p. 34.
- Moura, Cláudia, "Se um elefante incomoda muita gente", em *Notícias Magazine*, Porto, 12 de Fevereiro de 2006, pp. 86-91.
- Mota, Helena Maria Briosa; Carvalho, Margarida Larcher Santos, *Uma introdução ao estudo do pensamento pedagógico do professor Agostinho da Silva*, Lisboa, Hugin, 1996.
- Mota, Helena Briosa e, "A questão da formação integral do homem em Agostinho da Silva", em *Ecossistema Revista dos Clubes da Escola Secundária Francisco Franco*, nº 4, Funchal, Março de 1999, pp. 4-6.
- Mota, Helena Briosa e, "Introdução", em Agostinho da Silva, *Textos pedagógicos I*, Lisboa, Âncora, 2000, pp. 13-36.
- Mota, Helena Briosa e, "Introdução", em Agostinho da Silva, *Textos pedagógicos II*, Lisboa, Âncora, 2000, pp. 7-20.
- Mota, Helena Briosa e, "Educação, cultura e vida em Agostinho da Silva", em AA VV (org. Manuel Ferreira Patrício), *Globalização e diversidade – A escola cultural, uma resposta*, Porto, Porto Editora, 2002, pp. 299-306.
- Mota, Helena Briosa e, "...ou como através do relato da vida de grandes homens é possível despertar consciências...", em Agostinho da Silva, *Biografias I*, Lisboa, Âncora, 2003, pp. 7-21.
- Mota, Helena M. Briosa e, "Agostinho, a liberdade por arma", em *O Tripeiro*, 7ª série, nº 2, Fevereiro de 2006, pp. 35-38.
- Nunes, João Carlos Raposo, "Novas palavras do Professor Agostinho da Silva", em *O Setubalense*, Setúbal, 21 de Fevereiro de 1990, p. 4.
- Nunes, João Carlos Raposo, "A partida do marinheiro do pensamento português", em *O Setubalense*, 6 de Abril de 1994, p. 3.
- Nunes, João Carlos Raposo, "Memória de Agostinho – 'Sono Mama'", em *O Setubalense*, Setúbal, 27 de Abril de 1994, p. 6.

- Nunes, José Joaquim, "Os nossos mestres de Filologia Clássica", em *Seara nova*, nº 184, ano 8, Outubro de 1929, p. 246.
- Nunes, Maria Leonor, "O franciscano anarquista", em *Jornal de Letras, artes e Ideias*. Lisboa, 15 de Fevereiro de 2006, pp. 11-13.
- Oliveira, José Aparecido de, "Saudade do Mestre" em *Jornal de Letras Artes e Ideias*, Lisboa, 13 de Abril de 1994, p. 43.
- Pacheco, Fernando Assis, "Porque a música é esquiva" (entrevista a David Mourão Ferreira), em *O Jornal Ilustrado*, Lisboa, 2 de Junho de 1989, pp. 18-23.
- Patrício, Manuel Ferreira, "Prefácio", em Mota, Helena Maria Biosa, Carvalho, Margarida Larcher Santos, *Uma introdução ao estudo do pensamento pedagógico do professor Agostinho da Silva*, Lisboa, Hugin, 1996, pp. 7-14.
- Patrício, Manuel Ferreira, "Filosofia da educação em Portugal no século XX", em AA VV, (Dir. Pedro Calafate) *História do Pensamento Filosófico Português*, Vol V - tomo 2, Lisboa, Caminho, 2000, pp. 125-134.
- Patrício, Manuel Ferreira, "Pensamentos, aforismos e paradoxos de Agostinho da Silva", em *Diário do Sul*, Évora, 6 de Janeiro de 2000, p. 10.
- Pereira, António dos Santos, "A soteriologia portuguesa de Agostinho da Silva: uma divina loucura, 'é que também somos deuses'", em AA. VV., *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos*, vol. III, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, 315-326.
- Pereira, Teresa Sancha, *Agostinho da Silva - Filósofo*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa - Comissão Municipal de Toponímia, 1996.
- Pipa, Feliciano P, *Agostinho da Silva – comunicação e transmissão do saber*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2000 (tese policopiada).
- Pires, José Cardoso, "Agostinho da Silva teve uma vivência extraordinariamente rica e inconformada", em *Correio da Manhã*, Lisboa, 4 de Abril de 1994, p. 27.
- Pombo, Olga, "Agostinho da Silva, *Educação de Portugal*" (recensão), em *Revista de Educação*, vol. II, nº 1, Lisboa, Maio de 1991, pp. 110-115.
- Proença, Raúl, "Da imitação da França", em *Seara Nova*, nº 208, 10 de Abril de 1930, pp. 243-246.

- Quadros, António, "Agostinho da Silva - pensador do mito português", em *Tempo Magazine*, Lisboa, 3 de Dezembro de 1981, pp. 6-7.
- Quadros, António, "Agostinho da Silva - profeta do terceiro milénio", em *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 22 de Setembro de 1986, p. 8.
- Quadros, António, "Uma homenagem a Agostinho da Silva", em *Tempo Magazine*, Lisboa, 26 de Novembro de 1981, pp. 5-6.
- Quadros, António, *Introdução à filosofia da história*, Lisboa, Verbo, 1982, pp. 280-287.
- Raposo, João, "Uma folhinha de quando em quando – onde se vislumbra o amor que abrirá as portas ao *Fundo Comum Del Rey Dom Dinis*", em *O Setubalense*, Setúbal, 20 de Março de 1991, p. 4.
- Real, Miguel, *Portugal, ser e representação*, Lisboa, Difel, 1998.
- Real, Miguel, "Silva, George Agostinho Batista Da", em AA. VV. (direcção de António Nóvoa), *Dicionário de educadores portugueses*, Porto, Asa, 2003, pp. 1312-1317.
- Real, Miguel, "Vida e liberdade", em *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 15 de Fevereiro de 2006, p. 16.
- Reis, José Eduardo, "O espírito da utopia em Agostinho da Silva", em AA. VV., *Intelectuais portugueses e a cultura brasileira*, São Paulo, UNESP, 2002.
- Ribeiro, Álvaro, "Reflexão – por Agostinho da Silva, Guimarães Ed., Lisboa, 1958", em *Diário de Notícias*, 18 de Dezembro de 1958, p. 13.
- Rosa, Maria Eduarda F. da, "Memória de Agostinho", em *O Setubalense*, Setúbal, 18 de Maio de 1994, p. 4.
- S/a, "O nativismo romano", em *Pôrto Academico*, Porto, 15 de Abril de 1927, p. 3.
- S/a [Pimenta, Alfredo], "Cultura estrangeira, cultura portuguesa. *Catulo, Poesias*, texto estabelecido e traduzido por Agostinho da Silva, edição da Imprensa da Universidade de Coimbra", em *Diário de Notícias*, Lisboa, 25 de Março de 1933, p. 5.
- S/a [Alfredo Pimenta], "Cultura estrangeira, cultura portuguesa. *Seara Nova*, nº 336 – o verbo retorquir", em *Diário de Notícias*, Lisboa, 27 de Abril de 1933, p. 6.
- S/a [Alfredo Pimenta], "Cultura estrangeira, cultura portuguesa. *Seara Nova*, nº 338", em *Diário de Notícias*, Lisboa, 04 de Maio de 1933, p. 2.
- S/a, "Núcleo pedagógico Antero de Quental: Os pais e a orientação profissional – Equipes sociais – Os 'quadros' das colónias de férias", em *O Diabo*, Lisboa, 29 de Julho de 1939, p. 3.



- S/a, "Núcleo pedagógico Antero de Quental: As distrações infantis – Psicologia da adolescência – A educação cívica e as actualidades", em *O Diabo*, Lisboa, 26 de Agosto de 1939, p. 3.
- S/a, "'Sol Nascente' e o 'Núcleo Pedagógico de Antero de Quental'", em *Sol Nascente*, Porto, 15 de Outubro de 1939, p. 4.
- S/a, "Agostinho da Silva e a emigração dos intelectuais portugueses", em *57 - movimento de cultura portuguesa*, Lisboa, nº 5, Setembro de 1958, p. 21.
- S/a, "Agostinho da Silva, filho pródigo", em *Leonardo*, Lisboa, nº 4, Dezembro de 1988, pp. 40-41.
- S/a, "Cerveira/90 – 'À Procura de nós'" (entrevista a José Rodrigues sobre a bienal de Cerveira 90 que teria por patrono Agostinho), em *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 27 de Junho de 1989, p. 22.
- S/a, "O escultor do século" (texto sobre e com depoimentos de Lagoa Henriques), em *O Jornal*, Lisboa, 28 de Abril de 1989, p. 35.
- S/a, "Agostinho da Silva - Profeta do Terceiro Milénio", em *Jornal de Notícias*, Porto, 4 de Abril de 1994, p. 25.
- S/a, "A morte de um cidadão sem fronteiras", em *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 4 de Abril de 1994, pp. 6-7.
- S/a, "Agostinho da Silva – profeta do terceiro milénio", em *Jornal de Notícias*, Porto, 4 de Abril de 1994, p. 25.
- S/a, "Distinguiu-se como filósofo, orador e investigador de artes e almas. Bem mereceu o epíteto de Sábio", em *Diário de Notícias*, Lisboa, 4 de Abril de 1994, p. 34.
- S/a, "Morreu um dos pensadores mais originais da intelectualidade portuguesa", em *Correio da Manhã*, Lisboa, 4 de Abril de 1994, p. 27.
- S/a, "Misto de sábio, visionário e homem comum", em AA. VV., *Montepio*, Lisboa, nº 31, Março de 2001, pp. 32-35 (evocação de Agostinho da Silva por Paulo Esteves Borges, aquando da atribuição dos prémios D. Dinis, ano 2001).
- Sá, J. Victor de, "Agostinho da Silva", em AA. VV., *Educação, memórias e testemunhos*, Lisboa, Gradiva, 1988, p. 125.
- Sá, Victor de, *Agostinho da Silva: trinta e tal anos de idade...*, Lisboa, Universidade Lusófona, 1994.
- S/a, "A volta ao mundo em 88 anos", em *O Tripeiro*, 7ª série, nº 2, Fevereiro de 2006, pp. 41-43.

- Sabugo, José, *Hipócritas, autores e Agostinho da Silva*, Casal de Cambra, Ed. Prof. Agostinho da Silva, 1999.
- Sabugosa, Teresa, *Viva a república! Viva o rei! Cartas inéditas de Agostinho da Silva*, Lisboa, Zéfiro, 2006.
- Scarpim, Alcione, "Agostinho da Silva e os seus gatos", em *Gazeta de Lisboa*, Lisboa, 16 de Março de 2000, p. 17.
- Santos, Luís Carlos dos, *Do convento*, Setúbal, Livraria Uni Verso, 1996.
- Santos, Luís Carlos dos, "Memória de Agostinho", em *O Setubalense*, 18 de Maio de 1994, p. 4.
- Santos, Luís Carlos dos, "Memória de Agostinho", em *O Setubalense*, 15 de Junho de 1994, p. 4.
- Saraiva, José Hermano, "Era um homem que não temia o pensar, um exemplo para todos", em *Correio da Manhã*, Lisboa, 4 de Abril de 1994, p. 27.
- Seabra, José Augusto, "Agostinho da Silva e a 'Nova Renascença'", em *Jornal de Notícias*, Porto, 11-04-1996, p. 36.
- Seabra, José Augusto, "Agostinho da Silva", em AA. VV., *Educação, memórias e testemunhos*, Lisboa, Gradiva, 1988, pp. 165-171.
- Secca, João Pedro, "Bibliografia", *Agostinho da Silva*, em *A Phala*, Lisboa, nº 38, Assírio & Alvim, Julho-Agosto de 1994, pp. 22-23.
- Serra, Carlos, "A arte pré-histórica de Agostinho da Silva – cadernos de informação cultural", em *O Diabo*, Lisboa, 24 de Agosto de 1940, p. 2.
- Silva, Carlos H. do Carmo, "De como metade é igual ao seu dobro... ou da sabedoria paradoxal de Agostinho da Silva", em AA. VV., *Agostinho*, São Paulo, Green Forest do Brasil Ed., 2000, pp. 63-103.
- Silva, Germano, "À descoberta de nós" (apresentação do ciclo de conferências da cooperativa portuense *Árvore*), em *Jornal de letras, artes e ideias*, Lisboa, 13 de Fevereiro de 1990, p. 7.
- Soares, Mário, "Um intelectual solidário e generoso", em *Público*, Lisboa/Porto, 4 de Abril de 1994, p. 36.
- Soares, Rodrigo, *Por um novo humanismo*, Porto, Portugalíia, 1947, pp. 39-45.
- Sousa, Avelino de, "Memória de Agostinho", em *O Setubalense*, Setúbal, 1 de Junho de 1994, p. 4.

- Sousa, Eudoro de, *Origem da poesia e da mitologia e outros ensaios dispersos*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- Sousa, Ilídio de, "Bibliografia e antologia de textos", em *Contraste*, Associação de Estudantes da Faculdade de Economia do Porto, Porto, nº 1, Novembro de 1995, p. 16: idem, nº 2, Janeiro de 1996, p. 22: idem, nº 3, Março de 1996, p. 22: idem, nº 4, Maio de 1996, p. 22.
- Sousa, Ilídio de, "Agostinho da Silva – a grandeza de um 'marginal'", em *Biosofia*, Lisboa, nº 1, Centro Lusitano de Unificação Cultural, Primavera de 1999, pp. 25-26.
- Soval, Eduardo Abranches de, "Agostinho da Silva: um homem de Deus", em AA. VV. ( direcção de Pedro Calafate) *História do pensamento Filosófico Português*, Vol. V - tomo 1, Lisboa, Caminho, 2000, pp. 273-295.
- Soval, Eduardo Abranches de, "Felicidade e sacrifício em Agostinho da Silva", em AA. VV. ( coordenação de Maria José Cantista), *A dor e o sofrimento – abordagens* -, Porto, Campo das Letras, 2001, pp. 319-324.
- Soval, Eduardo Abranches de, "O pensamento e a obra de Agostinho da Silva", em AA. VV., *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portugueses Contemporâneos*, vol. III, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, pp. 301-308.
- Teixeira, António Braz, "Crítica de filosofia - dois livros de Agostinho da Silva: 'Um Fernando Pessoa; As aproximações'", em *57 - movimento de cultura portuguesa*, Lisboa, nº 9, Setembro 1960, p. 8.
- Teixeira, António Braz, "O pensamento teodiceico de Agostinho da Silva", em *Ética, filosofia e religião – estudos sobre o pensamento português, galego e brasileiro*, Évora, Pendor, 1997, pp. 195-200.
- Telmo, António, "Testemunho", em *Diário de Notícias*, Lisboa, 4 de Abril de 1994, p. 34.
- Varela, Maria Helena, "Agostinho da Silva e a heteronímia da portugalidade", em *Revista Brasileira de Filosofia*, S. Paulo, nº 211, Julho-Setembro de 2003, pp. 335-348.
- Veloso, Caetano, *Verdade tropical*, 5ª reimpressão, S. Paulo, Companhia das Letras, 1999, pp. 93, 300, 338.
- Vieira, Luiz, "A primeira volta ao mundo e Breve história do linho – Colecção Iniciação", em *O Diabo*, Lisboa, 9 de Março de 1940, p. 2.

Vitorino, Manuel, “Agostinho da Silva, 100 anos de vida na cidade”, em *Jornal de Notícias*,  
Porto, 28 de Dezembro de 2005, p. 24.

### III. COMPLEMENTAR

#### ENCICLOPÉDIAS E REVISTAS

- AA. VV. (direcção de François Châtelet), *História da filosofia*, 8 volumes, trad., Lisboa, Dom Quixote, 1974.
- AA. VV., *Il colóquio internacional de simbologia – os impérios do Espírito Santo e a simbólica do império*, Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Terceira, 1985.
- AA., VV., *Les templiers, le Saint-Esprit et L'age D'or – II Colloque de Tomar, rencontres internationales de Tomar*, Lisboa, Gabinete de Estudos de Simbologia da Universidade Nova de Lisboa, 1985.
- AA., VV., *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, 5 volumes, Lisboa/S. Paulo, Verbo, 1989-1992.
- AA. VV. (coordenação de Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos), *Memória de Portugal – o milénio português*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2001.
- AA. VV. (direcção de Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri), *História da expansão portuguesa*, 5 volumes, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998.
- AA. VV. (organização de José Ribeiro Dias e Alberto Filipe Araújo), *Actas do I Encontro Nacional de Filosofia da Educação*, Braga, CEEP, 1998.
- AA. VV. (direcção de Jean Houssaye), *Éducation et philosophie, approches contemporaines*, Paris, ESF, 1999.
- AA. VV. (direcção de Pedro Calafate), *História do pensamento filosófico português*, 5 volumes, Lisboa, Caminho, 2000.
- AA. VV., *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos*, 3 volumes, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa–Centro Regional do Porto - Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.
- AA. VV., *Educação e direitos humanos*, Algueirão, Comissão Para a Promoção dos Direitos Humanos e Igualdade na Educação, 1988.
- AA. VV. (coordenação de Walter Rüegg), *Uma história da Universidade na Europa*, 2 vols, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996.

- AA. VV., *Anastácio da Cunha (1744-1787) – o matemático e o poeta*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.
- AA. VV., *Filosofia de la educacion hoy, conceptos, autores, temas*, 3 vols, Madrid, Dickinson, 1989.
- AA. VV., *Revista Portuguesa de Filosofia*, 49 (1-2), 1993.
- AA. VV. (direcção de António Nóvoa), *Dicionário de educadores portugueses*, Porto, Asa, 2003.
- AA. VV. (selecção e organização Afonso Botelho e António Braz Teixeira), *Filosofia da saudade*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.
- AA. VV. (direcção de Joaquim Domingues & Pedro Sinde), *Teoremas de filosofia*, nº 10, Porto, Outono de 2004.
- Abbagnano, N., Visalberghi, A., *História da pedagogia*, 3 volumes, trad. Glicínia Quartín, Lisboa, Livros Horizonte, s/d.
- Capitan Dias, Alfonso, *História del pensamiento pedagógico en europa*, 2 volumes, Madrid, Dickinson, 1986.

## **LIVROS E ARTIGOS**

- Alvão, August, “A pedra-angular e o império do futuro”, em *Teoremas de Filosofia*, nº 7, Primavera de 2003, pp. 23-38.
- Andrade, António A Banha de, *Contributos para a história da mentalidade pedagógica portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.
- Antunes, Manuel, *Repensar Portugal*, Lisboa, Multinova, 1979.
- Antunes, Manuel, *Homens e ideias de ontem e de hoje*, Lisboa, Multinova, 1980.
- Aristóteles, *Métaphysique*, trad. J. Tricot, 2 vols, Paris, Vrin, 1940.
- Avanzini, Guy (direcção de), *A pedagogia no século XX*, trad. de António Pinto Ribeiro, Lisboa, Moraes, 1978.
- Azevedo, J. Lúcio de, *A evolução do sebastianismo*, Lisboa, Presença, 1984.
- Azevedo, J. Lúcio de, *O messianismo na história de Portugal*, Porto, Cultura Ed., s/d.
- Bandarra, *Profecias*, 4ª ed., Lisboa, Vega, 1989.
- Besselaar, José Van den, *O sebastianismo*, Lisboa, ICALP, 1987.

- Besselaar, José Van den, "Introdução" em Vieira, Pe António, *Livro antepreimeiro da história do futuro*, Lisboa, biblioteca Nacional, 1993.
- Bíblia Sagrada*, 21ª ed., trad. pelo Centro Bíblico Católico, Porto/Lisboa, Figueirinhas, 1975.
- Boavida, João, *Filosofia, do ser e do ensinar*, Coimbra, INIC, 1991.
- Boavida, João, *Educação: objectivo e subjectivo – para uma teoria do itinerário educativo*, Porto, Porto Editora, 1998.
- Bocage, *Obras*, Porto, Lello & Irmão, s/d.
- Bourdieu e Passeron, *A reprodução*, trad. C. Perdigão G. da Silva, Lisboa, Veja, s/d.
- Brito, António José de, "O Porto e a filosofia a partir de 1945", em *Revista Portuguesa de Filosofia*, 51 (2), 1995, pp. 267-280.
- Bruno, Sampaio, *O Brasil mental. Esboço crítico*, Porto, Lello & Irmão, 1902.
- Bruno, Sampaio, *A ideia de Deus*, Porto, Lello & Irmão, 1987.
- Bruno, Sampaio, *O encoberto*, Porto, Lello Ed., 1999.
- Buescu, Maria L C, "Introdução", em Vieira, Pe António, *História do futuro*, 2ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992, pp. 9-32.
- Burckhardt, Titus, *Alquimia*, trad. Emanuel Lourenço Godinho, Lisboa, D. Quixote, 1991.
- Quintana Cabanas, José Maria, *Teoria da educação*, trad. Joana Pinto, Porto, Asa, 2002.
- Calafate, Pedro, "Figuras e ideias da filosofia nos últimos cinquenta anos", em *Revista Portuguesa de Filosofia*, 51 (2), Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica, 1955, pp. 355-376.
- Camões, *Obras completas*, 3 vols, 3ª ed., Lisboa, Círculo de Leitores, 1980.
- Carvalho, Adalberto Dias de, *A educação como projecto antropológico*, Porto, Afrontamento, 1992.
- Carvalho, Adalberto Dias de, *Utopia e educação*, Porto, Porto Editora, 1994.
- Carvalho, Adalberto Dias de, *A contemporaneidade como utopia*, Porto, Afrontamento, 2000.
- Carvalho, Amorim de, *Deus e o homem na poesia e na filosofia*, Porto, Figueirinhas, s/d.
- Casulo, José Carlos, *Filosofia da educação em Teixeira de Pascoaes*, Braga, Centro de Estudos em Educação e Psicologia, 1997.
- Casulo, José Carlos, *Contributos para o estudo da pedagogia portuguesa contemporânea*, Braga, Centro de Estudos em Educação e Psicologia – Universidade do Minho, 2001.
- Centeno, Y. K., *Hermetismo e utopia*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1995.
- Cioran, E. M., *História e utopia*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa, Bertrand, 1994.

- Coimbra, Leonardo, "Jesus", em *Obras de Leonardo Coimbra*, selecção, coordenação e revisão de Sant'Anna Dionísio, volume II, Porto, Lello & Irmão, 1983, pp. 851-870.
- Coimbra, Leonardo, "S. Francisco de Assis - Visão franciscana da vida -", em *Obras de Leonardo Coimbra*, selecção, coordenação e revisão de Sant'Anna Dionísio, volume II, Porto, Lello & Irmão, 1983, pp. 871-917.
- Coimbra, Leonardo, *Problema da educação nacional*, em *Obras de Leonardo Coimbra*, selecção, coordenação e revisão de Sant'Anna Dionísio, volume II, Porto, Lello & Irmão, 1983, pp. 919-954.
- Coménio, *Didáctica magna*, 3ª ed., trad. Joaquim Ferreira Gomes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.
- Coyné, André, *Portugal é um ente...*, Lisboa, Fundação Lusiada, 1999.
- Cortesão, Jaime, *O humanismo universalista dos portugueses*, Lisboa, Portugalíia, 1986.
- Costa, M. Dias, "Zen", em *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 5, Lisboa/S. Paulo, Verbo, 1992, cols 692-695.
- Cunha, Euclides da, *Os sertões*, Lisboa, Livros do Brasil, 2000.
- Cunha, Pedro de Orey da, *Ética e educação*, Lisboa, Universidade Católica, 1996.
- Delumeau, Jean, *Uma história do paraíso – o jardim das delícias -*, trad. Teresa Perez, Lisboa, Terramar, 1994.
- Delumeau, Jean, *Mil anos de felicidade – uma história do paraíso -*, trad. Augusto Joaquim, Lisboa, Terramar, 1997.
- Delumeau, Jean ( direcção de), *As grandes religiões do mundo*, trad. Pedro Tamen, Lisboa, Ed. Presença, 1997.
- Deusdado, Ferreira, *Educadores portugueses*, Porto, Lello & Irmão, 1995.
- Dias, J. M. de Barros, *Ética e educação*, Lisboa, Universidade Aberta, 2004.
- Dias, Jorge, *Estudos de Antropologia*; 2 vols, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.
- Dias, José R., "Filosofia da educação. Pressupostos, funções, método, estatuto", em *Revista Portuguesa de Filosofia*, 49 (1-2), 1993, pp. 3-28.
- Domingues, Joaquim, *De Ourique ao Quinto Império - para uma filosofia da cultura portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.
- Duby, Georges, *Para uma história das mentalidades*, trad. Amélia Joaquim, Lisboa, Terramar, 1999.



- Durand, G, *Imagens e reflexos do imaginário português*, trad. de Cristina Proença, Lisboa, Hugin, 2000.
- Durand, Gilbert, “Tradições da Idade de Ouro e criatividade portuguesas”, em *Imagens e reflexos do imaginário português*, trad. de Cristina Proença e outros, Lisboa, Hugin, 2000, pp. 143-170.
- Eliade, Mircea, *História das ideias e crenças religiosas*, 3 vols, trad. Daniela de Carvalho e Paulo F. Cunha, Porto, Rés, s/d.
- Eiras, Adriano, *Faculdade de Letras do Porto 1919-1931, contribuição bibliográfica para a sua história*, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1989.
- Franco, J. Eduardo; Fernandes, J. Manuel, *O mito do milénio*, Lisboa, Edições Paulinas, 1999.
- Franco, José Eduardo; Mourão, José Augusto, *A influência de Joaquim de Flora em Portugal e na Europa*, Lisboa, Roma ed., 2005.
- Fernandes, Rogério, *A pedagogia portuguesa contemporânea*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1979.
- Figueiredo, Fidelino, “Imagem-Força: um conceito para a filosofia da educação”, em *Ideias de paz*, Lisboa, Portugália, 1966, pp. 191-215.
- Fragata, Júlio, *Noções de metodologia para a elaboração de um trabalho científico*, 3ª ed., Porto, Tavares Martins, 1980.
- Fullat, Octavi, *Filosofias de la educacion*, 2ª ed., Barcelona, Ceac, 1979.
- Gandra, Manuel J., *Joaquim de Fiore - joaquimismo e esperança sebástica*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1999.
- Gandra, Manuel J., *A cristofania de Ourique*, Lisboa, Fundação Lusíada, 2002.
- Gandra, Manuel J., *O projecto templário e o evangelho português*, Lisboa, Esquilo, 2006.
- Gomes, Augusto Ferreira, *Quinto Império*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1934 (Prefácio de Fernando Pessoa).
- Gomes, Pinharanda, *História da filosofia portuguesa – A filosofia hebraico-portuguesa*, Lisboa, Guimarães Ed., 1999.
- Gomes, Pinharanda, *Meditações lusíadas*, Lisboa, Fundação Lusíada, 2001.
- Gomes, Pinharanda, *Dicionário de filosofia portuguesa*, 2ª ed., Lisboa, D. Quixote, 2004.
- Gusdorf, Georges, *Professores para quê?*, 4ª ed., trad. João Benard da Costa e António Ramos Rosa, Lisboa, Moraes, 1978.

- Gusdorf, Georges, "Les empires du Saint-Esprit: mythistoire et idéologie", em AA. VV., *Il colóquio internacional de simbologia – os impérios do Espírito Santo e a simbólica do império*, Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Terceira, 1985, pp. 79-122;
- Gusdorf, Georges, "Réflexions sur L'age D'or en Occident", em AA. VV., *Les templiers, le Saint-Esprit et L'age D'or – II Colloque de Tomar, rencontres internationales de Tomar*, Lisboa, Gabinete de Estudos de Simbologia da Universidade Nova de Lisboa, 1985, pp. 8-23.
- Herbart, J. F., *Pedagogia geral*, trad. Ludwing Scheidl, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- Herculano, Alexandre, *História de Portugal*, 3 vols, Lisboa, Bertrand, 1980.
- Heinemann, F. (organização), *A filosofia no século XX*, 3ª ed., trad. Alexandre Fradique Morujão, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- Illich, I, *Educação sem escola?*, trad. João Xavier, Lisboa, Teorema, 1974.
- Illich, I., *A convivencialidade*, trad. Arsénio Mota, Lisboa, Europa-América, 1976.
- Jaeger, Werner, *Paidéia, a formação do homem grego*, trad. Artur M. Parreira, 2ª ed., S. Paulo, Martins Fontes, 1989.
- Junqueiro, Guerra, *Obras* (organização e introdução de Amorim de Carvalho), Porto, Lello & Irmão, s/d.
- Leão, Francisco da Cunha, *Ensaio de psicologia portuguesa*, 3ª ed., Lisboa, Guimarães Ed., 1997.
- Leão, Francisco da Cunha, *O enigma português*, 4ª ed., Lisboa, Guimarães Ed., 1998.
- Lopes, Fernão, *Crónica de D. João I*, 2 vols, Porto, Civilização, 1990.
- Loução, Paulo Alexandre, *Os templários na formação de Portugal*, Lisboa, Esquilo, 1999.
- Lourenço, Eduardo, *O labirinto da saudade*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1988.
- Lourenço, Eduardo, *Portugal como destino, seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 1999.
- Lyotard, F, *A condição pós-moderna*, 2ª ed., trad. José B. de Miranda, Lisboa, Gradiva, 1989.
- Mattoso, J., *A identidade nacional*, Lisboa, Gradiva, 1998.
- Manso, Artur, "Algumas questões da educação na sociedade actual: Violência na escola e a falta de educação moral e cívica", em AA. VV., *Actas do I Encontro Nacional de Filosofia da Educação*, Braga, CEEP, 1998, pp. 287-296.

- Manso, Artur, "Para uma Pedagogia do amor e da pessoa", em AA. VV., *Homenagem ao Professor Doutor Ribeiro Dias*, Braga, Instituto de Educação e Psicologia, 2000, pp. 201-216.
- Manso, Artur; Barbosa, Fátima, "A escola, o ócio e o tempo livre", em AA. VV., *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación - Vº Congresso Galego-Português de Psicopedagogía*, nº 4 (vol. 6), ano 4, Corunha, 2000, pp. 620-628.
- Marinho, José, *Elementos para uma antropologia situada*, Lisboa, Instituto Gulbenkian de Ciência – C.I.P., 1966.
- Marinho, José, *Filosofia, ensino ou iniciação?*, Lisboa, Instituto Gulbenkian de Ciência – C.I.P., 1972.
- Marinho, José, *Verdade, condição e destino no pensamento português contemporâneo*, Porto, Lello & Irmão, 1976.
- Martins, Oliveira, *História de Portugal*, 2 vols, Lisboa, Guimarães, 1951.
- Martins, Oliveira, *Portugal contemporâneo*, 3 vols, Lisboa, Guimarães, 1953.
- Martins, Oliveira, *História da civilização ibérica*, Lisboa, Guimarães, 1954.
- Moura, José Barata, "Peso, pêsame, pesadelo – para um sopesamento (não saudosista) da saudade", em *Philosophica*, Lisboa, nº 10, Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Novembro de 1977, pp. 3-27.
- Moreira, Adriano, "Aspectos negativos da imagem recíproca de Portugal-Brasil", em *Separata de Estudos Políticos e Sociais*, Lisboa, vol. V, nº 1, Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, 1967, pp. 5-23.
- Moreira, Adriano, "Para uma convergência Luso-Brasileira", *Separata do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa, Abril-Junho 1968, pp. 125-138.
- Moreira, Adriano, "O manifesto d' *Os Lusíadas*", *Separata do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa, Julho-Dezembro, 1972, pp. 121-134.
- Morujão, Alexandre Fradique, "Paradoxo", em *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 3, Lisboa/S. Paulo, Verbo, 1991, cols 1332-1335.
- Morin, Edgar, *Amor, poesia, sabedoria*, trad. Ana P. Viveiros, Lisboa, Instituto Piaget, 1999.
- Morin, Edgar, *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, 3ª ed., trad. Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawaya, S. Paulo, Cortez Ed., 2001.
- Morin, Edgar, *Repensar a reforma, reformar o pensamento – a cabeça bem feita*, trad. Ana P. de Viveiros, Lisboa, Instituto Piaget, 2002.

- Mounier, E., *O personalismo*, 4ª ed., trad. João Bérnard da Costa, Lisboa, Morais, 1976.
- Neill, A S, *Liberdade sem medo*, 6ª ed., trad. Nair Lacerda, S. Paulo, Ibrasa, 1968.
- Nietzsche, *Assim falava Zaratustra*, trad. Paulo Osório de Castro, Lisboa, Relógio D'Água, 1998.
- Nietzsche, *A origem da tragédia*, trad. Álvaro Ribeiro, 5ª ed., Lisboa, Guimarães Ed., 1988.
- Nobre, António, *Só*, Lisboa, Europa-América, s/d.
- Not, Louis, *As pedagogias do conhecimento*, 2ª ed., trad. Américo E. Bandeira, Rio de Janeiro, Bertrand, 1991.
- Owen, Robert, *Uma nova concepção de sociedade*, trad. Luísa Leal de Faria, Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica, 1976.
- Pascoaes, Teixeira de, *A arte de ser português*, Lisboa, Delraux, 1978.
- Pascoaes, Teixeira de, *Regresso ao paraíso*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1986.
- Pascoaes, Teixeira de, *A saudade e o saudosismo* (compilação, introdução, fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes), Lisboa, Assírio & Alvim, 1988.
- Patrício, Manuel Ferreira, *A pedagogia de Leonardo Coimbra*, Porto, Porto Editora, 1992.
- Patrício, Manuel Ferreira, "Pela construção de uma filosofia da educação no horizonte do universal concreto", em *Revista Portuguesa de Filosofia*, 52, Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica, 1996, pp. 633-666.
- Patrício, Manuel Ferreira, *A escola cultural, horizonte decisivo da reforma educativa*, 3ª ed., Lisboa, Texto Editora, 1996.
- Patrício, Manuel Ferreira, *Lições de axiologia educacional*, Lisboa, Universidade Aberta, 1993.
- Patrício, Manuel Ferreira, "O problema da educação na Renascença Portuguesa", em AA. VV., *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos*, vol. I, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, pp. 367-381.
- Pereira, Maria Helena da Rocha, *Estudos de história da cultura clássica – cultura grega*, vol. I, 5ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.
- Pereira, Maria Helena da Rocha, *Estudos de história da cultura clássica – cultura romana*, vol. II, 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- Pessoa, Fernando, *Obra poética e em prosa*, introduções, organização, bibliografia e notas de António Quadros, 3 vols, Porto, Lello & Irmão, 1986.
- Peters, *Filosofia de la educacion*, trad. Francisco G. Aranburo, México, Fondo de Cultura Económica, 1977.

- Pina, Luís de, "Faculdade de Letras do Porto - breve história -", separata de *Cale* - Revista da Faculdade de Letras do Porto, vol. I, Porto, Marânus, 1968.
- Pires, António Machado, *D. Sebastião e o encoberto*, 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.
- Platão, "O Banquete", em *Platão I*, introdução, tradução e notas de Maria Teresa S. de Azevedo, Lisboa/ S. Paulo, Verbo, 1973, pp. 193-277.
- Platão, "Fedro", em *Platão I*, introdução, tradução e notas de José Ribeiro Ferreira, Lisboa/S. Paulo, Verbo, 1973, pp.279-431.
- Platão, *A República*, 4ª ed., introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- Prisciliano, *Tratados*, trad. Ricardo Ventura, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- Quadros, António, *Portugal, razão e mistério, uma arqueologia da tradição portuguesa*, livro I, Lisboa, Guimarães Editores, 1986.
- Quadros, António, "Leonardo Coimbra e os seus discípulos", em *Nova Renascença*, Porto, vol. 8, nº 29, 1988, pp. 14-30.
- Quadros, António, *Trovas para o Menino Imperador no dia de Pentecostes*, 2ª ed., Setúbal, Livraria Uni Verso, 1998.
- Quental, Antero de, *Causas da decadência dos povos peninsulares*, 6ª ed., Lisboa, Ulmeiro, 1994.
- Rego, José Teixeira, *Nova teoria do sacrifício*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1989.
- Renaud, Maria I. C. Rosa, "Filosofia e educação", em *Arquipélago - Revista da Universidade dos Açores, Actas da IIIª Jornada de Estudos Filosóficos e Testemunhos Sobre a Importância da Filosofia no Mundo Actual*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1996, pp. 35-46.
- Ribeiro, Álvaro, *O problema da filosofia portuguesa*, Lisboa, Inquérito, s/d.
- Ribeiro, Álvaro (org. de Joaquim Domingues), *Cartas para Delfim Santos*, Lisboa, Fundação Lusiada, 2001.
- Ribeiro, Orlando, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, 7ª ed., Lisboa, Sá da Costa, 1998.
- Ribeiro, Orlando, *Geografia e civilização – temas portugueses*, 3ª ed., Lisboa, Horizonte, 1992.
- Rocha, Clara, *Revistas literárias do século XX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.
- Rodrigues, Edgar, *ABC do anarquismo*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1976.

- Samuel, Paulo, *A renascença portuguesa - um perfil documental*, Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida, 1991.
- Santos, Alfredo Ribeiro dos, *A Renascença portuguesa, um movimento cultural portuense*, Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida, 1990.
- Santos, Delfim, *Obras completas* (4 vols), 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.
- Saraiva, António José, *A cultura em Portugal, teoria e história, liv. I*, Lisboa, Gradiva, 1994.
- Savater, Fernando, *O valor de educar*, trad. Michelle Canelas, Lisboa, Presença, 1997.
- Sérgio, António, *Introdução geográfico-sociológica à História de Portugal*, Lisboa, Sá da Costa, 1976.
- Sérgio, António, *Breve interpretação da História de Portugal*, 13ª ed., Lisboa, Sá da Costa, 1989.
- Silva, Carlos H. do Carmo, "Filosofia e mística na *Escola Portuense* ou destino mítico de uma literatura pensante?", em AA. VV., *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos*, vol. I, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, pp. 291-322.
- Sousa, Eudoro de, *Mitologia - história e mito*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.
- Spinelli, Miguel, *A filosofia de Leonardo Coimbra, o homem e a vida, dois termos da sua antropologia filosófica*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1981.
- Suchodolski, Bogdan, *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas*, 3ª ed., trad. Liliana R. Soeiro, Lisboa, Livros Horizonte, 1984.
- Teixeira, António Braz, *Ética, filosofia e religião – estudos sobre o pensamento português, galego e brasileiro*, Évora, Pendor, 1997.
- Telmo, António, *O mistério de Portugal na história e n'Os Lusíadas*, Lisboa, Esquilo, 2004.
- Torga, Miguel, *Portugal*, 6ª ed., Coimbra, Ed. Autor, 1993.
- Torga, Miguel, *Traço de união*, 2ª ed., Coimbra, Ed. Autor, 1969.
- Torga, Miguel, *Poemas ibéricos*, 3ª ed., Coimbra, Ed. Autor, 1995.
- Unamuno, M., *Amor y pedagogía*, 14ª ed., Madrid, Espasa Calpe.
- Vasconcelos, J. Leite de, *Tradições populares de Portugal*, 2ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.
- Veiga, Manuel Alte da, *Filosofia da educação e aporias da religião*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988.
- Veiga, Manuel Alte da, *Vida, violência, escola, família*. Braga, APPACDM, 1998.
- Veiga, Manuel Alte da, *Um perfil ético para educadores*, Viseu, Palimage, 2005.

Veiga, Pedro, *O movimento da Renovação Democrática ou o novo cenáculo da vida mental portuguesa (1932-1945)*, Porto, Centro Editorial Português, s/d.

Ventura, Mário, *O reino encantado*, Lisboa, Casa das Letras, 2005.

Vieira, Pe António, *História do futuro*, 2ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

Vieira, Pe António, *Livro antepreimeiro da história do futuro*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1993.

Watts, Alan W., *O budismo Zen*, trad. Carlos Grifo Babo, 4ª ed., Lisboa, Presença, 1990.

## **ANEXOS**

**Anexo 1 – Inédito**

**Anexo 2 – *Circular*, assinada e enviada por Agostinho, em 1942, àqueles que subscreviam as suas *Colecções*.**

**Anexo 3 – *Termos de abertura e renovação de matrícula*, Liceu Nacional Rodrigues de Freitas, Porto.**



## **Anexo 1**

### **INÉDITO**

Agradecemos ao colega e amigo Dr. José António Martin Afonso o ter-nos ajudado a estabelecer e fixar o texto que aqui apresentamos.

Uma certa vocação de adroado —  
leve a defender aqueles de quem forte  
pouco — em parte porque nos encontramos  
três minutos de quem gostar.

Se me perguntarem se sou católico respon-  
derei que sim, mas com este decalogo —  
que humildemente espero seu veredicto;  
se quiserem saber se sou cristão direi que  
bem a tento pois concordo em tudo e que  
de Cristo digo o Evangelho: só falta a  
qualidade do discípulo: mas de ali é  
também a decisão, se sou religioso?  
Se a religião Jesusa que sou — que  
do pessoal que do real, se é o real,  
foi certo religioso; ando muito perto de  
Jesus e bem acatado que tudo é real  
frat; e, quando o animal não Jesusa,  
se decide pela razão. Infernada?

Se sou Jesusa Jesusa,  
Jesusa por mim e Deus,  
me Jesusa em a liberdade  
(que certo eu deus)  
por se tentar se a bastante.

É bom que certos acontecimentos se  
deem para que sejam como vilões faz

Uma curta vocação de advogado me levou a defender aqueles de quem gosto pouco em parte porque não encontro muitos de quem gostar.

Se me perguntarem se sou católico responderei que à Igreja consente decidi-lo e que humildemente espero seu veredicto; se quiserem saber se sou cristão direi que bem o tento pois concordo com tudo o que Cristo diz o Evangelho: só que é fraca a qualidade do discípulo: mas d'Ele é também a decisão; se sou religioso? Se é religião pensar que mais me queria do possível que do real, se é que há real, pois serei religioso; ando muito pelo litúrgico e bem aceitaria que tudo é sagrado; e, quando o animal não prevalece, me decido pela razão. Informados?

Se sou pensado pensante,  
pensam por mim o Destino,  
mas penso eu a liberdade  
(que aceito eu destino(?))  
pois que o tentar me é bastante.

É bom que certos acontecimentos se dêem para que vejamos como a vileza faz

parte de l'història; au cas que escrive  
 un vers o un altre text.

É de' tips humans que deteste i' o de  
 "figura moral": felixment, i' cet  
 rita jau n' l'ito vocat alge.

O jersament i' un rio de València:  
 se vesent process de alguns dels de  
 mans n' o escrits ou real.

Nes sou agudeid: l'ra contribució clare  
 té dada a alguns de meus beneficiaris jau  
 jau aguiassen a esca de dex jau n' o  
 me e e a noma: un ideé de j'raio.

En conl'ra, n' o m'lo calma, on j'raio  
 amifos (ou fress) anevani lo' d'rao j'raio  
 ia j'rao ben fundat, en l'rao e l'rao e l'rao  
 o esca, de l'rao n' o l'rao n' o l'rao.  
 E'rao jau t'rao a'rao n' o l'rao jau  
 Ilya Prigogine.

J'rao alguns casos de m'lo l'rao de l'rao  
 l'rao, n' o social, ou socio-politico. N' o  
 l'rao f'rao n' o l'rao n' o l'rao. É jau l'rao  
 l'rao n' o l'rao n' o l'rao, jau jau l'rao n' o l'rao  
 n' o l'rao jau n' o l'rao n' o l'rao jau

parte da História; ou como Deus escreve seu verso por nossas linhas tortas.

Se há tipo humano que deteste é o de “figura moral”: felizmente, é cervícia(?) para que não tenho vocação alguma.

O pensamento é um rio de valências: ao coerente processo de algumas delas chamamos nós o concreto ou real.

Não sou agradecido: boa contribuição devo ter dado a alguns de meus benfeitores para que apreciassem a acção de dar por si mesma e em si mesma: sem ideia de prémio.

Em conversa, não muito calma, com físicos amigos (ou quase) asseverei há anos que não ia pelo bem fundado, em todo o tempo e todo o espaço, da degradação na termodinâmica. Espero que tenham agora sabido do Nobel para Ilya Prigogine.

Já alguns concebem(?) de mito teoria das catástrofes, no social, ou sócio-político. Mas é bom que a vejam na matemática. E que talvez a morte nela esteja(?), já que a vida perpétua do concreto que vendo(?) nascer surja(?) sem solução por

si j'ajuria. A l'eterna e Vida, e o sucessor de  
albedo finis (que flosio ad, ja do boceat  
atonia no tempo - espeço), e eterna e  
intenc do espirito, e o termino do jense  
nente.

Nada assegura que seja eterno o mun-  
do em que vivemos; eterno e o aquo,  
o jenseamento que vale no tempo jense  
nente.

E' jom'ell jense que todos tem culpa  
de tudo - peccat ou omissa; ou que  
ninguém - peccat ou omissa - tem  
culpa de nada. Quando sou eu, jense  
foi lo' culpado e innocet; quando de mi  
me liberto, o culpado sou jolo e outro;  
quando me liberto de re eu e de me libe-  
tar de mi, jolo sou e de re.

Não sou de filosofia jque a entenda;  
o faz por ele e a a cima de mi e  
jense.

Se jara falar de modernos, vale jara  
mi, jense, Descartes; logo e jense, e  
mais alto, Spinoza, ja lo' jense de jense  
relia analitica do outro - e diti e -

si própria. Mas é eterna a vida como sucesso de estados químicos (que físicos são, por deslocações atômicas no tempo-espaço), e eterna como invenção do espírito, como tessitura do pensamento.

Nada assegura que seja eterno o mundo em que vivemos; eterno será apenas o pensamento que nele nos viram(?) pensantes

É possível pensar que todos têm culpa de tudo – por acção ou omissão; ou que ninguém – por acção ou omissão – tem culpa de nada. Quando sou eu, penso que há culpados e inocentes; quando de mim me liberto, oscilo entre um pólo é outro; quando me liberto de ser eu e de me libertar de mim, pelo segundo vou.

Não escrevo de filosofia porque a entenda; o faço por ela estar acima da minha compreensão.

Só para falar dos modernos, vale para mim, primeiro, Descartes, logo a seguir, e mais alto, Spinoza, por ter tirado da geometria analítica do outro – medida é –

tudo a consequência, que a existência con-  
 têmica (ou modo ante o ser) que  
 tudo) diz-se de lado; falo que vai  
 ali de Deusto e Spinoza mostrando que  
 idêa e coisa são o mesmo e o mesmo de-  
 tudo a liberdade e o mesmo o aleatório e o  
 determinado - e que a natureza não  
 abrange, do físico, o racional, o irracional  
 e o imaginário; tudo o que, se existe, faz  
 ali de lado; e isto não se circunscreve  
 e com a criação tem logo fim. Foi neste  
 momento que me lembrei a experiência  
 Shopenhauer de que no fim da vida, o  
 ser sem sentido, a morte sem o mor-  
 to, pois que se há morte há vida.

Vendo meus fatos, faço de Deus - e  
 alguma vez me diverto com seus res-  
 pos para entender a vida; felizmente  
 fui todo archo com me lembrar de  
 tudo; pouco a pouco o homem, pois que  
 me natureza e o de se encontra ao  
 futuro - e de ter saudades do céu.

Os que apenas admitem Deus como uma  
 idêa comitem depois um erro: o de jul-  
 garem que tudo o que é não é.



todas as conseqüências que a prudência cartesiana (ou medo ante os juízos práticos) deixou de lado, falta quem vá além de Descartes e Spinoza mostrando que ideia e coisa são o mesmo e o mesmo destino e liberdade e o mesmo o aleatório e o determinado – e que a matemática só alcança, do que há, o racional, o irracional e o imaginário; tudo o resto, se existe, para além dela está; o resto estará no incriado(?) E com a criação tem logo fim. Só nele porventura mergulhar a experiência mística(?) de que não fique memória , o sono sem sonhos, a morte sem a morte, pois que se há morto há vida.

Vendo meus fatos(?) faço de Deus – e alguma vez me divirto com seus esforços para entender a vida; felizmente que tudo resolvem com sua memória estética(?); pouco a utiliza o homem, pois que sua natureza é a de se encaminhar ao futuro – a de ter saudades do céu.

Os que apenas admitem Deus como uma ideia cometem depois um erro: julgarem que tudo o resto o não é.

Le Nene foi escrever a Regra de uma  
nova Ordem para com seus princípios ativos  
que amam a Loucura: não creio que possa vir  
de sua Missão a era do Espírito Santo,  
f ele só me interessa como futuro; o  
Digníssimo não pode caber no Juro B.

Pois com operação ascética — e, para  
mim, de mais difícil — não tomar conta  
de nada e de ninguém; Amar jamais que  
ama; como está aberto ao Espírito f não  
admite posse? Mas a nada e ninguém se  
felicitam.

Terceiro preciso seria o de ter como um  
multâneos fúrias e delírios a certeza.

Creio que não precisa mais coragem  
para ser total do que para ser virtuoso.

Um pecado não comete em si e de  
não fazer tal coisa por ser ele pecado.

Na vejo como negar ao Nietzsche que  
toda a filosofia que indica moral  
é a filosofia: essa filosofia, que, só  
Deus e judeus têm; só que não precisa  
de filosofia para coisa alguma: como certa

Se tivesse que escrever a Regra de uma nova Ordem como seu primeiro artigo que a não houvesse: não creio que possa vir de instituições a era do Espírito Santo, que ela só me interessa como futuro; o indizível(?) não pode caber no previsto.

Poria como exercício ascético(?) – e, para mim, - não tomar conta de nada dos mais difíceis – não tomar conta de nada e de ninguém; amar possuiu quem ama: como estar aberto ao Espírito que não admite posse? Mas a nada e ninguém repeliria.

Terceiro preceito seria o de ter como simultâneos guias a dúvida e a certeza.

Creio que será precisa mais coragem para ser total do que para ser virtuoso.

Um pecado não cometi eu: o de não fazer tal coisa por ser ela pecado.

Não vejo como negar a Nietzsche que toda a Filosofia que implica moral não é filosofia: essa Filosofia, porém, só deus a poderia ter; só que ele não precisa de filosofia para coisa alguma: como corta

face as queiras de Jaca.

Avinda he que reaje a' frequencia dos  
outros. tolhe-las, seria de julgar-las,  
e ser hipocrita - o ju, de resto, me  
e' indispensavel p' que ni temo deus de  
actor; para'helmente o seria a o d'esse.

O ju seria he n'igualmente ero  
que Lourenço me rece de ouz. Lourenço,  
ju tambem fosse inferior; ju f'osse  
cristão e pagão; t'fo Alberto Caetano  
em o afasamento do judeu e do ilustre.

Sou o ju sou. e, s' ouz, me iso  
mesmo.

Valerijo, do passado, que se vivera  
no futuro.

Avinda me sou bastante al'ruite  
pau t'utei so' de mim.

E' me reputar a sou catolico, jed'ni  
ju e site repito conselho a autori-  
dades do d'ez; e me reputar a sou  
cristão d'nei ju sou; e budista; e mecul  
mano; e de cambale; e mecatão d'ni

faca sem precisar de faca.

Ainda bem que reajo às fraquezas dos outros: tolerá-las seria desprezá-los; e ser hipócrita – o que, de resto, me é impossível porque não tenho dotes de autor; provavelmente o seria se os tivesse.

O que seria bem nietzscheano era que houvesse uma raça de super-homens que também fossem inferiores; que fossem cristãos e pagãos; tipo Alberto Caeiro sem o afastamento do poder e das ilusões.

Sou o que sou: e, às vezes, nem isso mesmo.

Valorizo, do passado, aqueles que viveram no futuro

Ainda não sou bastante altruísta para tratar só de mim

Se me perguntarem se sou católico, pedirei que a este respeito consultem as autoridades da Igreja; se me perguntarem se sou cristão direi que sim; e budista; e muçulmano; e do candomblé; nos sectários tudo

Exclusivo; nos religiosos tudo é mau.

Só entendes o passado e presentes, o futuro e os caminhos do futuro não são ditos, a Vida é a história da História.

A vida retrocede e afund a física de vida de; seu mundo de "crack" e vida DAC e precisa disso, é o novo símbolo fantasma a lógica, dois braços de Jansen, a lógica e a estudo, e fantasia parte de estudo e estudo. Após - salto é História: foi do Romano a lógica de estudo, de novo e novo; foi do Pigeo a fantasia: não a fonte e danou caravela; não um ponto.

Há um Deus Jansen e não existe; um Deus Jansen e que rogamos.

Só a poesia é real no mundo.

Nunca tens febre; a morte e lençol sobre que a tem.

Se tu e outros e mentes.

É preciso que seja um Nada criado: isto é;

exclui; nos religiosos tudo é uno.

Só entenderás o passado se perceberes o presente: ao contrário do que te têm dito, a Vida é a mestra da História.

A minha metafísica é afinal a física de minha mãe: seu mundo de “modesto” com linha DAC(?) e precisas musas é o meu com somente fantasia e lógica, dois braços do pensar. A lógica não é estrada, é fronteira posta de estrada a estrada. Agora, um salto à História: foi de romano a lógica de estrada, de mar a mar; foi do Português a fantasia: só que a ponte se chamou caravela; móvel ponto.

Há um Deus pensador que não existe; um deus pensado a que rogamos.

Só a geometria é real no mundo

Nunca tenho febre; é sempre o termómetro que a tem.

Sê tu e o outro e nenhum.

É preciso que sejas um Nada criador: isto é,

fontes assimiladas a Deus; ou deize q' te assimi-  
le Deus.

Quando te anulares p' completo te sera' o  
mundo patarico.

Os outros se' teras' defeitos expostos em o' textos.

Nunca vive moral; nunca vive injusti-  
ca; nunca vive para morais, se' de  
culpa.

Pois em tudo veja em Buda: nas  
historias, de outros; e me videra q' os  
eles me dojeram.

Quando acts algum intelectual, mas se' vere  
fic como velerigo; no primeiro ponto non  
cientifico; no segundo, isto il' tambem.

Deus e' Jesus intelectual: isto e' a  
Lo' mile d' fusoes entre corpo e espirito.

A historia da citia e' a de — serie  
de frase funda, logo corrigida p' outro  
fase de avanca; mas nao' isto o' cadaver?

Vou ha' q' poucos de direita a' esquer-



que te assimiles a Deus; ou deixa que te assimile Deus.

Quando te anulares por completo te será o mundo paraíso.

Os outros só terão defeitos enquanto tu os tenhas.

Nunca tive moral; sempre tive impulsos: se alguns foram morais, peço desculpa.

Pois em tudo vejo eu Buda: nas histerias dos outros; e na cólera que eles me despertam.

Quando acho alguém imbecil; no primeiro ponto sou científico; no segundo, imbecil também.

Deus é puro inteligir: isto é; não há nele diferenças entre corpo e espírito.

A história da ciência é a de uma série de quase quedas, logo corrigidas por outro passo de avanço: mas não é isto o andar?

Vou bem quando pareço de direita à esquerda

da e de esquerda e direita.

Esses Verbetes que agredem e dividem o número e o ser. O par, de dois ou múltiplo, e' menos humano: superior o outro, quanto mais nos afia d'os corpos. Quando, pela abstracção, se dissolve o par, em o um surge Deus, e para ali d' todos germinam, e deo interno e essente humano e' a trindade que surge: ainda e' par; e, pois que divina e humana, o perfeito puro; sobretudo fora a Verbo no essente do ser, e dois, fora um e um, e a ser e ser e Espírito. A que chamamos Santo, e todos os visos de carnes e de um e de um e de um.

Se em Verbo poder político — no entanto nos ter — proclamaria Dom Sebastião de Jesus Rei de Portugal (com Cristo e o Jesus (no Rei de Igreja); depois a elegia Príncipe (o Rei de Igreja) e se eleger a Igreja

Tantendo, e nos dualismo de visos e vivências, diríamos que Deus e' determinado para se viver ou e' viver de se determinado. Na realidade não se fazem nem um visos nem outro ou, o que é o mesmo, se passar um e outro visos.

e de esquerda à direita.

Escreveu Vergílio que agrada à divindade o número impar. O par, de dois ou múltiplo, é mesmo humano: sempre temos o outro, quanto mais não seja de nós connosco. Quando, pela abstracção, se dissolve o par, com o um surge deus, o para além de todos os fenómenos; se lhe juntarmos o assunto(?) humano é a trindade que surge: ainda impar; e, pois que divina e humana, o perfeito puro; sobretudo quando a vemos na essência do que, em dois, junta um a um; o que vem a ser o Espírito. A que chamaremos Santo, com todos os riscos de confusão em seu emprego vulgar.

Se eu tivesse poder político – não lamento não ter – proclamaria Dom Sebastião perpétuo Rei de Portugal (como Cristo é o perpétuo Rei da Igreja: depois se elegeriam Presidentes (afinal Vice-Reis) como se elegem Papas).

Mantendo os nossos dualismos de visão e vivência, diríamos que Deus é determinado para ser livre ou é livre de ser determinado. Na realidade não se passa nem uma coisa nem outra ou, o que é o mesmo, se passam uma e outra coisa.

O zango que se refere ao mesmo nome;  
 Pergunta-se: zango? Pergunta-se: não  
 o mesmo.

É bom que a sua pluralidade se torne  
 regular.

Depois, segue-se o juízo e homenagem. u.  
 depois, fado e vítimas já se não fado de  
 fado, por semelhança ou morte.

Em todo o honra homenagem o honra  
 fado nos homenagem; portanto, revista  
 segue.

Em Rodriguesrigues, não misto na  
 festa e a do pedagogo do político; era  
 só a fonte e o misto das palavras as  
 ficcionistas.

Basta a etimologia, que é o nome de  
 "sólto", já se vê que os absolutos não o  
 fosse em relação a não se f; no caso  
 definindo nas receitas para o atingir,  
 excepto uma: só cada vez mais o particular  
 ou particular, f do e navegação geral; se  
 for de; e não as especialidades de carga;

Me zango(?) porque não seguem o meu ritmo; Porque então me zango(?)? Porque é este o meu ritmo.

É bom que a tua pluralidade te torne singular.

Aqui, persegue-se primeiro e homenageia-se depois, quando as vítimas já se não podem defender, por senilidade ou morte.

Em toda a homenagem homenageia o homenageado seus homenageadores; portanto, resistem sempre.

Em Rodrigues Miguéis, nem místico nem poeta emergem do pedagogo e do político; ora só a fantasia e o mistério dão grandeza ao ficcionista.

Basta ir à etimologia, que é a mesma de 'sôlto', para se ver que ao Absoluto não o posso eu relacionar seja ao que for; não posso defini-lo nem dar receitas para o atingir, excepto uma: sê cada vez menos o particular ou particulares que és e navega(?) ao geral; sem que deites ao mar as especialidades da carga;

dois, ter dignid e imparal fudo jere, ni  
simultaneamente o fudo e a vida; jato  
xo vive a fudo en.

As revoluções de 1383, 1640 (a guerra  
frade ridura), 1820, 1836, 1910, 1974  
são jogos de polo, e jogos de polo  
co. Quando Laverá e vice-versa? Só foi  
Laverá.

Querida que o Justo na vida da lei, na  
a lei do Justo. É como aqui Justo na  
a fudo de um casaco Justo: circunscrito  
o corpo e de seguida o variável volume  
de um dia a outro. Só foi o corpo terá de  
ser fudo e circunstâncias do mundo, as  
humanas, as culturais, as ambientais.

Equanto Laverá patris terá o sindicato  
a contínua tentação de se ser sócio,  
para, junto, explorar e consumir;  
Lado, fudo, ser consumidor e aqui a  
surgente e deverar e si própria.

Igual ao que fui  
me encontro no fim:  
?e alegra fudo<sup>en</sup> fudo  
diverso de si.

deves ter atingido o inefável quando fores simultaneamente o Tudo e o Nada; paradoxo vivo te quero eu.

As revoluções de 1383, 1640 (com guerra grande inclusa), 1820, 1836, 1910, 1974 são pagas pobres e ganhas pelos ricos. Quando haverá o vice-versa? Só(?) que haverá.

Queria que o Justo não viesse da Lei, mas a Lei do Justo. E tomo aqui Justo como se fosse de um casaco justo: cingindo bem o corpo e lhe seguindo o variável volume de um dia a outro. Só que o corpo terá de ser todas as circunstâncias do mundo, as humanas, as culturais, as ambientais.

Enquanto houver patrões terão os sindicatos a contínua tentação de lhes ser sócios, para, juntos, explorarem o consumidor; todos, porém, são consumidores e aqui a serpente se devorará a si própria.

Igual ao que fui  
me encontro no fim:  
Me alegre que eu seja  
diverso de mim.

## Anexo 2

**CIRCULAR** – assinada e enviada por Agostinho, em 1942, àqueles que subscreviam as suas *Colecções*



Rec. a  
18/12/42

Lisboa, (Data do correio)

CIRCULAR

Ex.<sup>mo</sup> Senhor:

Conforme o prometido, comunico a V. Ex.<sup>a</sup> que, nos anos de 1940 e 1941, o lucro bruto dos *cadernos* foi de 21.730\$45 e o lucro líquido de 8.751\$74; como se dispendeu em obras de cultura — laboratório de estudos biológicos, escola infantil experimental, palestras e sessões de cultura, auxílios a bibliotecas —, de que em tempo oportuno enviarei relatório a V. Ex.<sup>a</sup>, e em material de preparação para os *cadernos* — lições, livros, discos, etc. — a quantia de 14.047\$85, o *deficit* foi de 5.296\$11.

Embora se tenham reduzido muito estas despesas durante o corrente ano, a situação financeira dos *cadernos* agravou-se, em parte porque foi necessário admitir pessoal, mas sobretudo porque, com o aumento do número de assinantes, se elevou imenso a percentagem de recibos e *cadernos* devolvidos; é freqüente ser pago um recibo só à terceira vez, o que traz um total de despesas de quasi 5\$00 em cada 6\$50, e freqüente também ser devolvido o recibo sem que o sejam os *cadernos* correspondentes, o que representa perda total; há, da parte de um grande número das pessoas que se inscreveram para receber os *cadernos*, um certo esquecimento das dificuldades que encontra em Portugal uma publicação que não deseja nenhuma espécie de reclame e se tem de sustentar apenas com as suas receitas de venda, por ser impossível ao editor fazer agora qualquer espécie de suprimentos.

Desejaria dizer desde já a V. Ex.<sup>a</sup> que não creio terem razão os Amigos que me tem escrito a queixar-se a êste proposito das «más qualidades humanas» e a mostrar como entre nós todo o esforço é inútil; em primeiro lugar, parece-me admirável que ainda seja tão boa uma humanidade submetida a tão duras provas pelo seu regime económico e social; em segundo lugar, julgo que o esforço não será inútil se persistirmos nêlo, se não abandonarmos a empresa logo aos primeiros obstáculos, se tentarmos tudo aquilo que à primeira vista se afigura como impossível. Por minha parte, asseguro a V. Ex.<sup>a</sup> que só desistirei quando o dinheiro me faltar de todo, não porque, como já escrevi uma vez, esteja convencido de que se realiza com os *cadernos* uma grande obra cultural, mas sim porque me parece que a primeira tarefa dos que no nosso país tentam levar o seu povo a outros destinos está em não desanimar, em não se render, em não abandonar o caminho tomado senão quando circunstâncias externas os dominem de vez; e, para terminar êste ponto, devo dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que não creio que haja circunstâncias externas que possam «dominar de vez» quem de facto se empregou com tóda a vontade na realização de uma obra.

Seria bom, no entanto, que todos contribuíssem para que as dificuldades fôsem menores; poderia combinar-se que as cobranças normais, isto é, as das séries não atrasadas, se fariam regularmente nos dias 1 a 3; tomando cada um em sua casa as providências necessárias; quando fôsse devolvido um recibo, eu enviaria um aviso e o

CIRCULAR

pagamento seria feito na administração, por vale ou selos postais, na altura que o assinante entendesse oportuna, sendo-lhe depois enviados todos os *cadernos* em atrazo.

Escusado será dizer que agradeceria qualquer indicação de novos assinantes que pudesse ser-me enviada.

O *Guia de Leitores* foi acolhido por parte da imprensa com elogios, por outra parte com artigos violentos. Creio que a publicação não justificava nem uma nem outra attitude, porque não era excelente nem era péssima; seria perfeita uma attitude de simpatia benévola e a sugestão de aperfeiçoamentos a introduzir. Tinha, para o segundo fascículo, composto uma nota em que dizia isto mesmo e em que assegurava aos polemistas que atacaram o *Guia* que todas as suas palavras só me tinham firmado na convicção de que é muito necessário em Portugal um trabalho de apuramento do sentido de convivência, daquele sentido de tolerância que não vê logo a variedade e o espírito crítico como invenções diabólicas ou manejos de potências estrangeiras; a nota, no entanto, não pôde ser publicada porque o *Guia* foi suspenso, sem exposição dos motivos, pela Direcção Geral da Censura. Comunico, portanto, a todos que chegaram a pagar a sua assinatura que podem, ou aguardar que a publicação prossiga, ou pedir a restituição da quantia enviada; esta ser-lhes-á remetida por inteiro, porque creio que só devem fazer sacrificios aqueles que teem confiança no futuro e estão realmente empenhados numa obra de melhoramento dos homens.

A publicação das Biografias no género da de Robert Owen, deve prosseguir; os Amigos que as receberem não deverão tomá-las como uma imposição; o livro vai para que o vejam, para que saibam que foi publicado; quem não quizer ficar com êle, devolve-o, sem qualquer hesitação nem pedidos de desculpa.

Creia-me V. Ex.<sup>o</sup> muito obrigado.

Agostinho da Silva

**NOTA** — Por dificuldade de documentação A VIDA E A ARTE DE CELLINI, será distribuida depois do O PLANO DALTON.

## **Anexo 3**

**TERMOS DE ABERTURA E RENOVAÇÃO DE MATRÍCULA – Liceu Nacional  
Rodrigues de Feitas, Porto**

Nº 1271

*Sanctus*

*George Apostulo Batista da Silva*  
natural do *Françim-Fôrte* filho de *Françisco* frei *Apostulo*  
da *Silva* de *11* anos de idade.

Termos de abertura e renovação de matrícula

Resultado de frequência

Nota 8 de Outubro de 1917 matriculado na primeira classe

1917 *George*



1918

O Secretário, *George Batista*

Nota 1 de Maio de 1918 nome a matrícula matricula



O Secretário, *George Batista*

*Também para a classe seguinte com a mesma prova de degaante padre. Or. Baptista George Batista*

No do 284. De Linhas de 1914 matriculadas no Registo Geral com sigla



0 Secretario

Passagem a classe superior  
com a tarifa final de 1914  
sem  
O Secretario  
M. L.

2



0 Secretario

M. L.  
5 de Junho de 1915

0 Secretario

M. L.

No do 284. De Linhas de 1914 matriculadas no Registo Geral com sigla

George de Baptista da Silva  
12 de Agosto de 1914  
10 de Junho de 1915

0 Secretario

M. L.  
5 de Junho de 1915

Passagem a classe superior  
com a tarifa final de 1914  
sem  
O Secretario  
M. L.



0 Secretario

M. L.

No do 284. De Linhas de 1914 matriculadas no Registo Geral com sigla



0 Secretario

M. L.

Passagem a classe superior  
com a tarifa final de 1914  
sem  
O Secretario  
M. L.



0 Secretario

M. L.

Passagem a classe superior  
com a tarifa final de 1914  
sem  
O Secretario  
M. L.

Termos de abertura e reparação de matrícula

Resultado da frequência

Nota 1.ª de abertura de 1981 matriculados na gracia tardia, sem insc.ºs

No dia 15 de Junho de 1991 - nome a insc.ºs matriculados  
O Secretário, Paulo Roberto Faria

No dia 15 de Junho de 1991 - nome a insc.ºs matriculados  
O Secretário, Paulo Roberto Faria

No dia 15 de Junho de 1982 matriculados matriculados na insc.ºs matriculados na insc.ºs  
O Secretário, Paulo Roberto Faria

No dia 15 de Junho de 1983 matriculados matriculados na insc.ºs matriculados na insc.ºs  
O Secretário, Paulo Roberto Faria

No dia 15 de Junho de 1984 matriculados matriculados na insc.ºs matriculados na insc.ºs  
O Secretário, Paulo Roberto Faria

No dia 15 de Junho de 1985 matriculados matriculados na insc.ºs matriculados na insc.ºs  
O Secretário, Paulo Roberto Faria

No dia 15 de Junho de 1986 matriculados matriculados na insc.ºs matriculados na insc.ºs  
O Secretário, Paulo Roberto Faria

No dia 15 de Junho de 1987 matriculados matriculados na insc.ºs matriculados na insc.ºs  
O Secretário, Paulo Roberto Faria

No dia 15 de Junho de 1988 matriculados matriculados na insc.ºs matriculados na insc.ºs  
O Secretário, Paulo Roberto Faria

No dia 15 de Junho de 1989 matriculados matriculados na insc.ºs matriculados na insc.ºs  
O Secretário, Paulo Roberto Faria

No dia 15 de Junho de 1990 matriculados matriculados na insc.ºs matriculados na insc.ºs  
O Secretário, Paulo Roberto Faria

Matriculados na insc.ºs matriculados na insc.ºs  
Resultado da frequência  
Paulo Roberto Faria

Matriculados na insc.ºs matriculados na insc.ºs  
Resultado da frequência  
Paulo Roberto Faria

Matriculados na insc.ºs matriculados na insc.ºs  
Resultado da frequência  
Paulo Roberto Faria

Matriculados na insc.ºs matriculados na insc.ºs  
Resultado da frequência  
Paulo Roberto Faria